



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS LATINO AMERICANOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS COMPARADOS
SOBRE AS AMÉRICAS (PPG-ECSA)**

KASSOUM DIEME

CASANKOOLU NO BRASIL E NO CANADÁ:
migrações e contribuições ao desenvolvimento humano na Casamansa

Brasília-DF,

2024

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS LATINO AMERICANOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS COMPARADOS
SOBRE AS AMÉRICAS (PPG-ECSA)

KASSOUM DIEME

CASANKOOLU NO BRASIL E NO CANADÁ:
migrações e contribuições ao desenvolvimento humano na Casamansa

Tese apresentada ao Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Estudos Latino-Americanos, Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas (PPG-ECSA), como parte dos requisitos para a obtenção do Grau de Doutor.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Cavalcanti da Silva

Este exemplar corresponde à versão final da Tese defendida em 25 de março pelo aluno Kassoum Dieme

Brasília-DF,

2024

KASSOUM DIEME

CASANKOOLU NO BRASIL E NO CANADÁ: migrações e contribuições ao desenvolvimento humano na Casamansa

Banca examinadora

Prof. Dr. Leonardo Cavalcanti da Silva – ELA/ICS/UnB – ORIENTADOR

Prof^a. Dr^a. María del Carmen Villarreal Villamar, - UFRRJ

Prof. Dr. Cristhian Teófilo da Silva - ELA/ICS/UnB

Prof^a. Dr^a. Gisele Almeida - UFF - Examinadora

Prof^a. Dr^a. Zakia Ismail Hachem - Suplente

FICHA CATALOGRÁFICA

CATÁLOGO

Dedico esta tese a:

*meus pais Mafou DIEME e Awa DIEDHIYOU, e
minha irmã, Bintou DIEME, eternos migrantes; a
meu irmão, falecido em migração, Ba Nouha DIEME,
a quem disse, no pensamento, antes de iniciar a graduação
no Brasil, que um dia defenderei uma tese de doutorado, em algum
lugar; a todos os familiares e amigos que acompanharam o processo de
sua produção, torcendo que dê tudo certo; a todos os migrantes de ontem e
hoje, que saíram de casa por um semestre ou mais, para perto ou longe, ficaram
ou retornaram, aprendem e ensinam algo novo, enxergam o mundo de outro jeito e
contribuem para que a vida de pessoas, famílias, comunidades, nações ou do nosso
planeta mãe pátria seja melhor.*

AGRADECIMENTOS

A realização do meu trabalho doutoral não se fez sem a colaboração de pessoas e instituições familiares ou não, do Brasil, do Senegal ou de outro país. Pontuais ou permanentes, fundamentais, relevantes ou simbólicas, estas colaborações foram, juntas, as que me possibilitaram levar a cabo um trabalho árduo e desafiador, mas formador e prazeroso, apesar de alguns dos seus momentos bastante conturbados e marcados por pausas inexplicáveis. Não queria tomar o risco de citar cada uma destas pessoas e instituições que contribuíram no processo, pois provavelmente esquecerei algumas delas. Mas é inevitável que me refira a algumas destas, pedindo de antemão a compreensão daquela que eu não mencionar.

Primeiro agradeço ao Professor Leonardo Cavalcanti da Silva por ter me incentivado durante uma conversa informal a participar do processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas (PPG-ECsA) naquele final de ano de 2017, pois eu sempre quis entender um pouco mais das Américas e, principalmente da América Latina. Tendo se tornado meu orientador um ano e pouco mais tarde, agradeço-lhe pelas ricas trocas construtivas e frutíferas - fontes de muita aprendizagem e reflexão - bem como pela paciência, a compreensão, o apoio, as dicas e pelas oportunidades que me proporcionou ao longo dos anos de doutorado.

Agradeço à Secretaria do PPG-ECsA pelo atendimento desde o processo seletivo até a conclusão da pesquisa, que implicou orientar, informar, mas também lembrar o que os discentes precisam efetuar para evitar surpresas desagradáveis. À Cecília, meu obrigado. Estendo meu agradecimento à Secretaria de Graduação do ELA.

Meus agradecimentos ao corpo discente, em especial a colegas de turma, os demais internos do Programa e os externos do PPG-ECsA com quem tive a oportunidade de conversar sobre assuntos acadêmicos, ou então de cursar alguma disciplina no ICS da Universidade de Brasília.

Agradeço a cada uma das pessoas que colaboraram na minha pesquisa. Refiro-me especialmente àquelas que me concederam uma ou mais de uma entrevista, além de momentos de conversa informais de grande utilidade para pensar a questão migratória de Africanos nas Américas a partir do caso dos *casankoolu*. Embora não nomeadas aqui,

observando o compromisso de preservar seu anonimato, que cada uma destas pessoas se sintam sinceramente agradecida pelos ensinamentos que me deram, pois entendo que cada entrevista, bem como cada conversa relacionada ao fato de estar fora de casa, é uma aula que me foi ministrada sobre a experiência, a trajetória e a interpretação que cada um faz da realidade migratória. Estendo este especial agradecimento àquelas que ajudaram a viabilizar o contato com boa parte das pessoas que entrevistei no Brasil: os professores Alfa Diallo, Mamadou Alpha Diallo, Ousmane Sané, no Canadá: a editorialista Diariétou Sané e os professores, Ousmane Sané e Alfa Diallo e no Senegal: o diplomata Youssou Sylla. Registro aqui que os respectivos apoios foram substancial.

Tenho que agradecer meus familiares, em especial Aline Sitoé Santos Dieme, Banouha Assanoum Dieme e Dieneba Badji por terem suportado minha ausência e a longa espera que implicou, Mafou Dieme, Awa Diedhiou, Bintou Dieme pela longuíssima paciência e por *duwas* por meu avanço, Lamine Bodian, Modou Dieme, Boubacar Batit Dieme, Nouha Vieux Dieme, Mariétou Dieme Sane, Cheikh Nouha Nando Sane, mon frère *ni sali*, pelos vínculos mantidos e alimentados e pelos diversos tipos de apoio e trocas. A todos os citados até aqui meu obrigado pela confiança, paciência e torcida.

Voltando ao contexto brasileiro, toda minha gratidão a pessoas como os professores Alain Pascal Kaly, pelas inúmeras sugestões de leituras e pela disposição em colaborar com meu trabalho, Ousmane Sané, pelas longas e ricas conversas e trocas de informações que tivemos. Marília Macedo, Lorena Pareda, Suzana Martinez Martinez, Marcelo Aratum, Anselmo Quaresma, Gabriel Ambrósio, Beatriz Martins Moura, Bruno Arantes, Emilie Badji, Djiby Mané, Mira Vieira, Papy Sengane, Mansour Drame, Eusilene Souza, Malamine Saloum Sadio, Edgardo Balbin Torres, Tiago Moraes, Carolina Albuquerque, Mariana Castilho, Cristabell López, não só pela amizade e irmandade, mas também pelas variadas formas de apoio, pelos conselhos e pelas trocas de ideias, conforme o caso.

Sendo esta pesquisa financiada desde o começo, e por 48 (quarenta e oito) meses, pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), manifesto meu sincero reconhecimento e imenso agradecimento a este Conselho que torna mais factível a produção de conhecimento útil não só para o Brasil, mas, neste caso, para o Senegal, a América Latina, a África e o mundo. Este apoio foi imprescindível neste processo.

Agradeço a todo o corpo docente do PPG-ECsA, começando pelo professor Leonardo Cavalcanti que me acolheu, reitero, como orientando depois de um ano de doutorado e cujas

palavras, numa conversa de corredor, me incentivaram, a me candidatar ao doutorado no ELA. Meus agradecimentos ao professor Crithian Teófilo da Silva e à professora , María del Carmen Villarreal Villamar pelas muito valiosas contribuições na minha qualificação.

Agradeço sinceramente ao professor Crithian Teófilo da Silva e às professoras María del Carmen Villarreal Villamar e Gisele Maria Ribeiro de Almeida, que aceitou prontamente fazer parte da banca de defesa da minha tese doutorado, e que, com seu aporte, em forma de comentários, críticas, sugestões e elogios me ajudaram a melhorar em muitos aspectos a versão final deste trabalho e a pensar nos próximos passos após a defesa.

A imigração, seja qual for sua *forma* ou sua *idade*, pode ter *um efeito bumerangue*, isto é, repercutir *sobre as condições que estiveram na origem da emigração na fase anterior...*
Abdelmalek Sayad. Imigração ou paradoxo da alteridade. 1998, p.18.

A migração e o desenvolvimento são fenômenos complexos e intimamente interconectados. De fato, o desenvolvimento tem impacto sobre a mobilidade das pessoas. Ao mesmo tempo, as migrações têm consequências sobre o desenvolvimento.
Savina Ammassari, Gestion des migrations et politiques de dével.. 2004, p. 6.

Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor.
Stuart Hall. Da Diáspora: Identidades e mediações culturais. 2003, p. 28.

Le développement c'est la possibilité d'avoir des sociétés stables, où individuellement et collectivement les gens les gens sont capables de satisfaire leurs besoins, d'avoir une société où il y a la justice sociale (...), une société qui se donne pour vocation de faire en sorte qu'aucun de ses membres ne meurt de faim et [soit] coupé d'un horizon de projection dans un avenir plus positif.

Pr. Mamadou Diouf. Historien

La première condition du développement est un gouvernement économiquement responsable à qui l'on puisse demander des comptes, non les gouvernement[s] corrompus à qui les agences internationales fournissent les fonds qui assurent leur durée.

Dambisa Moyo. L'Aide fatale. 2009, p. 105.

Uma nação é medida pela qualidade de vida do povo daquele país.
Luiz Inácio Lula da Silva

Il est de plus en plus évident que la migration féminine, et la migration en général, ne peuvent être analysées à travers le seul prisme des jeunes adultes mâles répondant à des opportunités d'emploi formel.
Mirjana Morokvasic. Les oiseaux de passage sont aussi des femmes. 1984.

RESUMO

Esta tese explora a relação entre as migrações internacionais de originários da *Casamansa* no Brasil e no Canadá e o desenvolvimento humano na região de Ziguinchor, no Senegal. Neste sentido, seu objetivo geral é analisar o impacto real e potencial destes migrantes sobre o desenvolvimento humano de famílias e comunidades na origem a partir da contribuição, por meio das práticas e vínculos transnacionais de imigrantes residentes nos referidos países americanos, considerando o período de 1990 a 2020. Para isso, a tese analisa estas práticas transnacionais: remessas monetárias, materiais, imateriais e sociais e seus efeitos na região Ziguinchor. Para uma análise dos efeitos destas, a perspectiva transnacional serviu de marco teórico. O estudo proposto é qualitativo, comparado e multisituado. A pesquisa de campo incluiu aplicações de entrevistas semiestruturadas e conversas com os *casankoolu* de Ziguinchor residentes no Brasil e no Canadá, e com informantes qualificados, migrantes retornados do Brasil e/ou da França, parentes de migrantes e candidatos à migração internacional no Senegal. A tese revela que, mediante práticas transnacionais, os *casankoolu* no Brasil e no Canadá contribuem individual e/ou coletivamente para o desenvolvimento humano, com destaque para sua dimensão social e, de forma tímida, na sua dimensão econômica. Suas contribuições coletivas em benefício de Ziguinchor são concretas no caso do Canadá, porém pouco frequentes, quando no Brasil a ideia de criação de uma organização coletiva ainda não se concretizou. Em ambos os casos, a contribuição dos *ressortissants* em questão nas Américas para o desenvolvimento humano ocorre numa ótica de participação endógena para este, entretanto ela se depara com o desafio de tornar (mais) efetiva seu potencial e vontade de contribuir economicamente.

Palavras-chave: Migrações, Ziguinchor na Casamansa, Brasil e Canadá, transnacionalismo, desenvolvimento humano.

RESUMEN

Esta tesis explora la relación entre las migraciones internacionales de originarios de Casamansa en Brasil y Canadá y el desarrollo humano en la región de Ziguinchor en Senegal. En este sentido, tiene como objetivo general analizar el impacto real o potencial de estos migrantes sobre el desarrollo humano de familias y comunidades en el origen a partir del aporte por medio de las prácticas y vínculos transnacionales de los inmigrantes residentes en los países americanos mencionados, considerando el período de 1990 al 2020. Para ello, la tesis analiza estas prácticas transnacionales: las remesas monetarias, materiales, inmateriales y sociales, y sus efectos en la región de Ziguinchor. Para un análisis de estos efectos, la perspectiva transnacional sirvió como marco teórico. El estudio propuesto es cualitativo, comparativo y multicéntrico. La investigación de campo incluyó aplicaciones de entrevistas semi estructuradas y conversaciones con *casankoolu* de Ziguinchor residentes en Brasil y Canadá, y con informantes calificados, migrantes retornados de Brasil y/o de Francia, familiares de migrantes y candidatos a la migración internacional en Senegal. La tesis revela que, a través de prácticas transnacionales, los *casankoolu* en Brasil y Canadá contribuyen individual y/o colectivamente al desarrollo humano, con énfasis en su dimensión social y, tímidamente, en su dimensión económica. Sus contribuciones colectivas en provecho de Ziguinchor son concretas en el caso de Canadá, cuando en Brasil, la idea de creación de una organización colectiva todavía no se concretizó. En ambos casos, el aporte de los *ressortissants* en cuestión en las Américas al desarrollo humano se da desde la perspectiva de la participación endógena para este, sin embargo enfrenta desafíos para una (mayor) efectividad de su potencial y su deseo de contribuir económicamente.

Palabras clave: Migraciones, Ziguinchor en Casamansa, Brasil y Canadá, transnacionalismo, Desarrollo humano.

ABSTRACT

This thesis explores the relationship between Casamansa international migrations in Brazil and Canada and human development in the Ziguinchor region of Senegal. In this sense, its general objective is to analyze the real and potential impact of these migrants on the human development of families and communities at origin, based on the contribution through practices and transnational ties of immigrants residing in the aforementioned American countries, considering the period from 1990 to 2020. For this, it analyzes these transnational practices: monetary, material, immaterial and social remittances and their effects in the Ziguinchor region. To analyze their effects, the transnational perspective was adopted as a theoretical framework. The proposed study is qualitative, compared and multi-sited. The field research included applications of semi-structured interviews and conversations with *casankoolu* from Ziguinchor residing in Brazil and Canada, and with qualified informants, migrants returned from Brazil and France, relatives of migrants and candidates of international migration in Senegal. This thesis reveals that, through transnational practices, *casankoolu* in Brazil and Canada contribute individually and/or collectively to human development, with emphasis on its social dimension and, in a timid way, on its economic dimension. Their collective contribution to the benefit of Ziguinchor are concrete in the case of Canada, when in Brazil, the idea of creating a collective organization has not yet materialized. In both cases, the contribution of the *ressortissants* in question in Americas to human development occurs from the perspective of endogenous participation for this, however it's challenge is how to make (more) effective their potential and their desire to contribute economically.

Keywords: Migrations, Ziguinchor in Casamansa, Brazil and Canada, transnationalism, human development.

RÉSUMÉ

Cette thèse se penche sur le rapport entre les migrations internationales des Casaçais au Brésil et au Canada et le développement humain dans la région de Ziguinchor, au Sénégal. En ce sens, il vise globalement à analyser l'impact réel et potentiel de ces migrants sur ledit développement des familles et des communautés à l'origine, à partir de l'apport, par le biais des pratiques et des liens transnationaux, des immigrés résidant dans les pays américains susmentionnés entre 1990 et 2020. Pour cela, le regard est porté sur les transferts monétaires, matériels et immatériels et sociaux et leurs effets sur les familles et communautés dans la région de Ziguinchor. Ainsi, la perspective transnationale est l'approche théorique de base. Cette étude est qualitative, comparative et multi-locale. La recherche sur le terrain s'est effectuée par le truchement d'entretiens semi-directifs et de conversations avec les immigrés au Brésil et au Canada, ainsi qu'avec des informateurs qualifiés, d'anciens émigrés revenus du Brésil e/ou de France, des proches d'émigrés, des candidats à l'émigration internationale au Sénégal. La thèse révèle qu'à partir des pratiques transnationales, les Casaçais du Brésil et du Canada contribuent individuellement et/ou collectivement au développement humain, et ce, particulièrement sur la dimension sociale de celui-ci et, de façon embryonnaire, sur le volet économique. Leurs apports collectifs au profit des communautés de Ziguinchor sont irréguliers mais effectifs pour ce qui est du Canada, alors qu'au Brésil, l'idée de la création d'une structure collective des Casaçais à cette fin n'est pas encore devenue une réalité. Dans les deux cas, la contribution des ressortissants en question en Amérique au développement se fait dans une optique de participation endogène à celui-ci mais elle est confrontée au défi de rendre (plus) effectif leur potentiel et leur envie de contribuer économiquement.

Mots-clés: Migrations, Ziguinchor en Casamance, Brésil et Canada, transnationalisme, Développement humain.

LISTA DE FIGURAS

IMAGENS

Imagem 1 - Chega de Senghor no aeroporto de Congonhas em São Paulo	323
Imagem 2 - Grupos Whatsapp de senegaleses no Brasil e retornados ao Senegal	348
Imagem 3 - Mesários na eleição legislativa do Senegal de 31 de julho de 2022.	353
Imagem 4 - Sala de aula em construção com a participação de 4 migrantes intercontinentais e inúmeros migrantes nacionais intra-regionais e inter-regionais originários de Mahmouda Chérif.	355

MAPAS

Mapa 1 - As regiões de origem dos emigrantes senegaleses	48
Mapa 2 - Localização geográfica dos entrevistados no Brasil [2018-2022]	56
Mapa 3 - Localização geográfica dos entrevistados no Canadá (2021-2022)	58
Mapa 4 - Formação do povo senegalês segundo a etnonímia e a toponímia	155
Mapa 5 - Migrações das populações negro-africanas a partir da região do Alto Nilo e dos Grandes Lagos	155
Mapa 6 - Localização de Casamansa no Senegal. Dakar e as sete regiões	182
Mapa 7 - <i>Cercle da Casamansa com 5 subdivisões</i>	183
Mapa 8 - Localização e nova composição de Casamansa no Senegal de 14 regiões administrativas.....	184
Mapa 9 - Organização espacial da Casamansa: Baixa, Média e Alta Casamansa	189
Mapa 10 - Divisão administrativa de região de Ziguinchor: os três departamentos	192
Mapa 11 - Principais setores de pesca na Casamansa	203
Mapa 12 - Incidência de pobreza no Senegal: regiões da Casamansa (2011)	222
Mapa 13 - Incidência de pobreza das regiões do Senegal: a Casamansa (2018-2019)	222
Mapa 14 - Áreas de acantonamento do Movimento das Forças Democráticas de Casamansa (MFDC) nas regiões de Ziguinchor e Sédhiou (Casamansa)	236
Mapa 15 - Migração niominka	249
Mapa 16 - Curtos deslocamentos internacionais de “refugiados” desde a Gâmbia em janeiro de 2017	258
Mapa 17 - Número total de registros de imigrantes permanentes, segundo principais países, Brasil, até 2010	313
Mapa 18 - Número total de autorizações de trabalho permanentes concedidas, segundo principais países, Brasil, 2011-2017	314
Mapa 19 - Número de solicitantes do reconhecimento da condição de refugiado, segundo principais países de nascimento - Brasil, 2011-2020.	318
Mapa 20 - Número de refugiados reconhecidos, segundo principais países de nacionalidade ou de residência habitual - Brasil, 2011-2020	319
Mapa 21 - Lugar de nascimento dos imigrantes negros, Canadá, 2016 [em francês]	381

GRÁFICOS

Gráfico 1 - Imigrantes em números e porcentagem no mundo: 1990-2020	32
Gráfico 2 - Migrantes internacionais em %, segundo o sexo, 2000-2020	93
Gráfico 3 - <i>Top Remittance Recipients in the Sub-Saharan Africa Region, 2022</i>	113
Gráfico 4 - Remessas pessoais recebidas (% do PIB) – Senegal: 2000-2022	114
Gráfico 5 - Remessas recebidas (em USD) por país: Brasil, Canadá, Senegal (1990-2021)	115
Gráfico 6 - Official Development Assistance (ODA) in 2021, by members of the development Assistance Committee	124

Gráfico 7 - Ajuda pública ao desenvolvimento (APD) em 2022, em porcentagem da RNB e em milhares de USD pelos membros do Comitê de ajuda ao desenvolvimento (dados preliminares)	125
Gráfico 8 - Ayuda oficial neta para el desarrollo (US\$ a precios actuales) - Mundo, África al Sur del Sahara, Asia Meridional, América Latina y el Caribe 1970-2021	126
Gráfico 9 - Ayuda oficial neta para el desarrollo y ayuda oficial recibida (US\$ a precios actuales) - Senegal.	130
Gráfico 10 - Usinas paradas: capacidade e quantidades em toneladas, campanha 2015-2016	200
Gráfico 11 - Balança comercial do Senegal, 1960-2022 [em francês]	208
Gráfico 12 - Total de passageiros transportados pela via aérea, 1945-2020	211
Gráfico 13 - Incidência de pobreza, segundo o ano e a região	221
Gráfico 14 - Deslocamento interno total (por conflitos) (2009-2021)	241
Gráfico 15 - Refugiados por país de origem (Senegal, Canadá, Brasil): 1960-2020	261
Gráfico 16 - Regiões de residência dos casankoolu no mundo, 1993	266
Gráfico 17 - Regiões de residência dos casankoolu no mundo, 2002	267
Gráfico 18 - Casamansa e as 5 principais regiões de partida - Senegal 2013	267
Gráfico 19 - Número de trabalhadores imigrantes no mercado formal de trabalho brasileiro, segundo recortes selecionados de nacionalidade - 2011 a 2020	321
Gráfico 20 - Ramo de atividade principal dos casankoolu no Brasil	339
Gráfico 21 - Região de nascimento dos imigrantes negros, segundo o período de imigração, Canadá, 2016 [en frances]	380
Gráfico 22 - Parte da população imigrante em Québec no conjunto da população, 1951 a 2016	382
Gráfico 23 - População imigrante, segundo a categoria de imigração, Quebec e Canada (fora Quebec), 2016 [em francês]	383
Gráfico 24 - Principais países de nascimento da população imigrante, segundo o período de imigração, Quebec, 2016.	384
Gráfico 25 - Ramos de atividade principal dos casankoolu no Canadá	400
Gráfico 26 - Nível de instrução anterior à emigração - Brasil	420
Gráfico 27 - Nível de instrução anterior à emigração - Canadá	420
Gráfico 28 - Países de residência anterior à imigração no Brasil	422
Gráfico 29 - Países de residência anterior à imigração no Canadá	422

LISTA DE QUADROS E TABELAS

QUADROS

Quadro 1 - Evolução do número e % de imigrantes internacionais em países dentre os destinos relevantes da emigração senegalesa na Américas, segundo o ano: 1990-2020.	33
Quadro 2 - Senegal: migrantes internacionais (em milhares) e sua proporção: 1990-2020	34
Quadro 3 - <i>Actividades transfronterizas por diferentes tipos de actores</i>	104
Quadro 4 - Estimativas e projeções dos fluxos de remessas (em US\$ bilhão): África negra e mundo	112
Quadro 5 - Evolução do IDH do Senegal com base em dados coerentes	121
Quadro 6 - Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), por país: 1990-2019	122
Quadro 7 - População das principais cidades do Senegal e seus estrangeiros [1948?]	163
Quadro 8 - População e superfície de Casamansa por região (projeções 2020 e 2021)	187
Quadro 9 - Produção de amendoim para indústria de óleo, segundo a superfície e o rendimento	199
Quadro 10 - Produção regional de amendoim para indústria, segundo a superfície e o rendimento 2017/2018-2018/2019	199
Quadro 11 - Repartição de produtos frescos destinados a regiões e exportados em 2016 e 2019 - ZIG..	204
Quadro 12 - Repartição de produtos transformados artesanalmente e destinados a regiões e exportados em 2016 e 2019 - ZIG	205
Quadro 13 - Taxa de alfabetização por departamento, segundo o sexo e a língua de alfabetização em % (2013) ...	214
Quadro 14 - Porcentagem de pessoas instruídas, segundo o sexo e a área de residência	215
Quadro 15 - Distribuição da população em idade de trabalhar e da PEA (em %), segundo o sexo e por circunscrição administrativa (2013).	217
Quadro 16 - Distribuição dos estabelecimentos abertos e dos empregos gerados: 2019	217
Quadro 17 - Distribuição dos contratos registrados, segundo o tipo (2010)	217
Quadro 18 - Taxa de desemprego regional, segundo o departamento e a área de residência em 2013	218
Quadro 19 - Taxa de desemprego regional, segundo o departamento e o [sexo] em 2013	219
Quadro 20 - Incidência de pobreza, segundo o ano, por região, com destaque para as da Casamansa. ...	221
Quadro 21 - Intensidade das migrações inter-regionais: Dakar e as regiões da Casamansa.	252
Quadro 22 - Efetivos de migrantes e saldo migratório: regiões da Casamansa e Dakar	252
Quadro 23 - Distribuição, segundo região de nascimento e tempo de residência (%), de imigrantes inter-regionais em Ziguinchor ao longo dos 10 últimos anos (2013).	253
Quadro 24 - Distribuição, segundo a região de destino e o tempo de residência, de emigrantes inter-regionais nativos de Ziguinchor, ao longo dos 10 últimos anos (2013).	255
Quadro 25 - Imigração internacional em Ziguinchor, segundo sex, por região de origem, em %	259
Quadro 26 - Região de origem dos <i>ressortissants</i> da Casamansa e seus destinos no mundo (1993).	264
Quadro 27 - Região de origem e de destino dos <i>ressortissants</i> da Casamansa no mundo (2002).	265
Quadro 28 - Volumes e intensidades da emigração internacional das regiões da Casamansa em 1993 e em 2002.	272
Quadro 29 - Perfil de casankoolu prévio à emigração para o Brasil ou Canadá	296
Quadro 30 - Perfil de casankoolu no Brasil antes de sua emigração do Senegal	304
Quadro 31 - Senegaleses selecionados entre 2010 e 2017 e 2021-2023 pelo PEC-G	329
Quadro 32 - Perfil sócio-laboral dos casankoolu no Brasil.....	338
Quadro 33 - Ramo de atividade principal dos casankoolu no Brasil (2018-2022)	339
Quadro 34 - Adesão de casankoolu entrevistados a associações e grupos no Brasil	347
Quadro 35 - Práticas transnacionais de casankoolu no Brasil	352
Quadro 36 - Sentimento de pertencimento ao Senegal e Brasil	354
Quadro 37 - Formas de contribuição para o desenvolvimento socioeconômico na origem e destino	356
Quadro 38 - Perfil de casankoolu no Canadá antes de sua emigração do Senegal	368
Quadro 39 - Continente de nascimento dos imigrantes no Canadá, 2016	380
Quadro 40 - Solicitação de refúgio no Canadá por país apresentado como país de perseguição - 2022	383
Quadro 41 - Continente de nascimento dos imigrantes em Quebec, 2016	384
Quadro 42 - Senegaleses no Canadá e em Quebec, 2001-2010 e 2014-2018	385
Quadro 43 - Situação atual de casankoolu ex-estudantes no Canadá: 2021-2022	391

Quadro 44 - Situação de casankoolu migrantes econômicos no Canadá, 2020-2022*	397
Quadro 45 - Perfil sócio-laboral dos casankoolu no Canadá	401
Quadro 46 - Adesão de casankoolu entrevistados em associações e grupos no Canadá	406
Quadro 47 - Práticas transnacionais de casankoolu no Canadá	411
Quadro 48 - Sentimento de pertencimento social ao Senegal e ao Canadá.	412
Quadro 49 - Formas de contribuição para o desenvolvimento socioeconômico na origem e destino ...	414
Quadro 50 - Comparação de perfis sócio-migratórios dos casankoolu até os destinos americanos	423
Quadro 51 - Perfis sócio-laborais dos casankoolu no Brasil e Canadá.	426
Quadro 52 - Práticas transnacionais dos casankoolu desde as Américas, Brasil-Canadá	428
Quadro 53 - Comparação das contribuições para o desenvolvimento socioeconômico na origem e destino	432

TABELAS

Tabela 1 - Migrantes internacionais no mundo em número e porcentagem: 1970-2020	31
Tabela 2 - O povoamento étnico de Ziguinchor em 1951 e em 1970	193
Tabela 3 - População rural dependente [de renda da venda] do amendoim (1972)	198
Tabela 4 - Exportações de amendoim e de seus subprodutos desde Ziguinchor	198
Tabela 5.1 - Comparação das principais matérias primas exportadas em 1952 e 1972 e suas respectivas quantidades que o foram pelo porto de Ziguinchor nesses anos [em francês]	206
Tabela 5.2 - Comparação das quantidades de matérias exportadas pelo porto de Ziguinchor - 1952 e 1972 [em francês]	207
Tabela 6 - Número de autorizações de trabalho concedidas pela CGIG, segundo principais países, Brasil 2011-2015	315
Tabela 7 - <i>Citoyenneté selon la minorité visible et le statut d'immigrant et la période d'immigration : Canada, provinces et territoires et circonscriptions électorales fédérales (Ordonnance de représentation de 2013).</i>	378
Tabela 8 - <i>Minorité visible et le statut d'immigration et la période d'immigration : Canada, provinces et territoires, régions métropolitaines de recensement et agglomérations de recensement y compris les parties</i>	379
Tabela 9 - Principais países de nascimento dos imigrantes negros, Canadá, 2016 [em francês]	381

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACP: Grupo dos Estados da África, do Caribe e do Pacífico / *Groupe des États d'Afrique, des Caraïbes et du Pacifique*.

AECID: Agencia Española de Cooperación Internacional para el Desarrollo.

AI: Anistia Internacional / *AMNESTY INTERNATIONAL*.

ANSD: Agência Nacional de Estatística e da Demografia / *Agence Nationale de la Statistique et de la Démographie*.

ASEPEX: *Agence Sénégalaise de Promotion des Exportations* / Agência Senegalesa de Promoção das Exportações.

ASIAD: *Association de Solidarité et d'Information pour l'Accès aux Droits des étrangers extra communautaires* / Associação de Solidariedade e de Informação para o Acesso aos Direitos dos estrangeiros extracomunitários.

A.D.S : Autoridade Diplomática Senegalesa.

AEF: *Afrique Equatoriale Française* / África Equatorial Francesa

AFD: *Agence Française de Développement* / Agência Francesa de Desenvolvimento.

AOF: África Ocidental Francesa

APD: Ajuda Pública ao Desenvolvimento.

BAD: Banco Africano de Desenvolvimento

BCEAO: Banco Central dos Estados da África do Oeste.

BEAC: Banco dos Estados da África Central (o então BCEAEC: Banco Central dos Estados da África Equatorial e de Camarões).

BECPD: *Bureau de l'État civil et des Projections démographiques* / Escritório do Estado civil e das Projeções demográficas.

BGN: Bignona

BM: Banco Mundial

CAD: Comité de Ajuda ao Desenvolvimento

CADHP: *Charte Africaine des Droits de l'Homme et des Peuples* / Carta Africana de Direitos do Homem e dos Povos.

CCMM: *Chambre de commerce du Montréal métropolitain* / Câmara de Comércio de Montreal Metropolitano.

CELPE-BRAS: Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros.

CZ: *Commune de Ziguinchor* / Município de Ziguinchor

CCE: *Cour des Comptes Européenne* / Tribunal de Contas da Europa.

CDD : Contrato de Duração Determinada.

CDI: Contrato de Duração Indeterminada.

CECI: *Centre d'étude et de coopération internationale* / Centro de estudo e de cooperação internacional.

CEDEAO: *Communauté Économique des États de l'Afrique de l'Ouest* / Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental.

CEU: Casa de Estudante Universitária.

CNPq: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

CPR: *Cadre de Politique de Réinstallation* / Quadro de Política de Reinstalação.

CRZ: *Conseil Régional de Ziguinchor* / Conselho Regional de Ziguinchor.

CUE: *Conseil de l'Union Européenne* / Conselho da União Europeia.

DCE: Divisão de Temas Educacionais (do MRE).

DPU: Defensoria Pública da União.

DRAP: *Direction de la recherche et de l'analyse prospective* / Direção de Pesquisa e Análise Prospectiva.

DRDR: *Direction régionale du développement rural de Ziguinchor* / Direção Regional do Desenvolvimento Rural de Ziguinchor.

DRS: *Direction de la Recherche et de la Statistique* / Direção de Pesquisa e Estatística.

DUDH: Declaração Universal dos Direitos Humanos.

EMUS: Enquete Migração e Urbanização no Senegal / *Enquête Migration et Urbanisation au Sénégal*.

FAISE: *Fonds d'Appui à l'Investissement des Sénégalais de l'Extérieur* / Fundo de Apoio ao Investimento dos Senegaleses do Exterior.

FEM: *Fond pour l'Environnement Mondial* / Fundo para o Meio ambiente Mundial

FPA: Fundação Perseu Abramo.

GCA: *Gouvernement du Canada* / Governo do Canadá

GQ: *Gouvernement du Québec* / Governo do Quebec

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IELA: Instituto de Estudos Latino-Americanos

IES : Instituição de Ensino Superior.

IFRI: *Institut Français des Relations Internationales* / Instituto Francês de Relações Internacionais.

IRETOP: *Inspection Régionale du Travail et des Organisations Professionnelles* / Inspeção Regional do Trabalho e das Organizações Profissionais.

IRTSS: *Inspection Régionale du Travail et de la Sécurité Sociale* / Inspeção Regional do Trabalho e da Previdência Social.

ITTC: Instituto Terra, Trabalho e Cidadania.

MAESE: *Ministère des Affaires Étrangères et des Sénégalais de l'Extérieur* / Ministério de Assuntos Estrangeiros e de Senegaleses no Exterior.

M.E.T: *Ministère de l'Équipement et des Transports* / Ministério do Equipamento e dos Transportes.

MICC: *Ministère de l'Immigration et des Communautés culturelles* / Ministério da Imigração e das Comunidades Culturais.

MIDI: *Ministère de l'Immigration, de la Diversité et de l'Inclusion* / Ministério da Imigração, da Diversidade e da Inclusão.

MIFI: *Ministère de l'Immigration, de la Francisation et de l'Inclusion* / Ministério da Imigração, da Francisação e da Inclusão.

MRE: Ministério das Relações Exteriores.

MRE-CD: Ministério de Relações Exteriores - Cooperação e Desenvolvimento / *Ministère des Relations Extérieures - Coopération et Développement*.

MFDC: Movimento das Forças Democrática de Casamansa / *Mouvement des Forces Démocratiques de Casamance*.

MPI: *Migration Policy Institute* / Instituto de Política de Migração.

OCDE: Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico.

OIM: Organização Internacionais para as Migrações.

OMT: Organização Mundial do Turismo.

ONG: Organização Não Governamental.

ONU: Organização das Nações Unidas.

ONUDI: *Organisation des Nations Unies pour le Développement Industriel* / Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial.

ORTS: Office de Radiodiffusion Télévision du Sénégal

OUA: Organização da Unidade Africana.

OUSS: Oussouye

PAP: *Plan d'actions prioritaires* / Plano de Ações Prioritárias

PAISD: *Programme d'Appui aux Initiatives de Solidarité pour le Développement* / Programa de Apoio às Iniciativas de Solidariedade para o Desenvolvimento.

PDC-Z: *Plan de développement communal de Ziguinchor* / Plano de desenvolvimento comunal de Ziguinchor.

PFUA: *Programme Frontière de l'Union Africaine* / Programa Fronteira da União Africana.

PMA: Países Menos Avançados

PPDC: *Projet du Pôle de Développement de la Casamance* / Projeto do Polo de Desenvolvimento da Casamansa.

PPME: Países Pobres Muito Endividados.

PRDI. *Plan Régional de Développement Intégré* / Plano Regional de Desenvolvimento Integrado.

ProCas/SécuAli: *Programme d'appui au développement socio-économique pour la paix en Casamance et le Volet Stabilisation de la Sécurité Alimentaire pour le Soutien de la Paix en Casamance* / Programa de apoio ao desenvolvimento socioeconômico para a paz na Casamansa e o Componente Estabilização da Segurança Alimentar para o Apoio à Paz na Casamansa.

PSE: *Plan Sénégal Emergent* / Plano Senegal Emergente.

PRF: *Partenaires techniques et financiers* / Parceiros Técnicos e Financeiros

RCAANC: *Relations Couronne-Autochtones et Affaires du Nord Canada* / Relações Coroa-Autóctones e Assuntos do Norte Canadá.

RF: *République Française* / República Francesa.

RGPHAE: *Recensement Général de la Population et de l'Habitat, de l'Agriculture et de l'Élevage* / Censo Geral da População e da Habitação, da Agricultura e da Pecuária.

RNB: *Revenu National Brut* / Renda Nacional Bruto.

RS: République du Sénégal

SAIS: Trabalhadores sazonais.

SESR: *Situation Économique et Sociale Régionale* / Situação Econômica e Social Regional.

SESS: *Situation Économique et Sociale du Sénégal* / Situação Econômica e Social do Senegal.

SG: Secretaría de Gobernación

SOCODEVI: *Société de coopération pour le développement international* / Sociedade de cooperação para o desenvolvimento internacional.

SRE: *Secretaría de Relaciones Exteriores* de México.

SRPS-T: *Service Régional de la Prévision et de la Statistique de Tambacounda* / Serviço Regional da Previsão e da Estatística de Tambacounda.

SRSD-K: *Service Régional de la Statistique et de la Démographie de Kolda* / Serviço Regional da Estatística e da Demografia de Kolda.

SRSD-S: *Service Régional de la Statistique et de la Démographie de Sédhiou* / Serviço Regional da Estatística e da Demografia de Sédhiou.

SRSD-Z: *Service Régional de la Statistique et de la Démographie de Ziguinchor* / Serviço Regional da Estatística e da Demografia de Ziguinchor.

UA: União Africana.

UASZ: *Université Assane Seck de Ziguinchor* / Universidade Assane Seck de Ziguinchor.

UAZ: Universidad Autónoma de Zacatecas

UCAD: *Université Cheikh Anta Diop de Dakar* / Universidade Cheikh Anta Diop de Dakar.

UE: União Europeia.

UF: Universidade Federal.

UGB: *Université Gaston Berger* / Universidade Gaston Berger

UN: *United Nations* / Nações Unidas.

ZIG: Ziguinchor

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	29
PARTE I – METODOLOGIA, TEORIA E CONTEXTUALIZAÇÃO	44
CAPÍTULO I – ASPECTOS METODOLÓGICOS	45
1.1 - Recortes espaciais e temporal e as justificativas	46
1.2 - O marco teórico e unidade de análise	51
1.3 - Fontes de dados e procedimento de coleta	53
CAPÍTULO II – CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	64
2.1 - Definição da migração	64
2.2 - Características da migração	72
2.2.1 – Fenômeno complexo	73
2.2.2 – Atores envolvidos e significados da migração	75
2.3 - Teorias das migrações	81
2.3.1 - Abordagens micro-individuais: a teoria neoclássica	82
2.3.2 - A nova economia da migração	84
2.3.3 - A teoria do mercado segmentado	85
2.3.4 - A teoria do sistema mundo	89
2.3.5 - Gênero e migração	92
2.3.6 - A teoria das redes sociais migratórias	96
2.3.7 - O transnacionalismo como teoria	99
2.3.7.1 - O transnacionalismo político, econômico e sociocultural migrante	103
2.3.7.1.1 - O transnacionalismo político e sociocultural	105
2.3.7.1.1.1 - Diáspora sociocultural e política	105
2.3.7.1.1.2 - O voto na <i>região exterior</i>	108
2.3.7.1.2 - O transnacionalismo econômico	112
2.4 - Migração, transnacionalismo e desenvolvimento humano na origem	115
2.4.1 - Acerca do desenvolvimento	116
2.4.1.1 - O Senegal e IDH	121

2.4.1.2 - O <i>desenvolvimento importado</i> e consequências	122
2.4.2 - Migração e desenvolvimento	138
2.4.2.1 - Migração e desenvolvimento: uma relação de causa e consequência ?	140
2.4.2.2 - Migrantes participam ou atrapalham o desenvolvimento humano?	143
2.4.2.2.1 - Migrações: um prejuízo para o desenvolvimento na origem	144
2.4.2.2.2 - Migrações: fator de desenvolvimento na origem	147
CAPÍTULO III – ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS E POLÍTICOS DA CASAMANSA E DE ZIGUINCHOR RELACIONADOS ÀS MIGRAÇÕES ...	152
3.1 - Anterioridade das migração africana na Casamansa	152
3.2 - Migração e colonização na Casamansa: os casos português e francês	158
3.2.1 - As violências a serviço do desenvolvimento de imigrantes e de sua origem ..	164
3.2.2 - A resistência ao sistema colonial	171
3.2.2.1 - O impacto da imigração invasora sobre a migração dos casankoolu	173
3.3 - Casamansa e Ziguinchor contemporâneas	180
3.3.1 Aspectos geográficos e linguísticos da Casamansa	180
3.3.2 A região de Ziguinchor: Geografia, administração, diversidade etnico-linguística e economia	190
3.3.2.1 - Aspectos econômicos	195
3.3.2.1.1 - Agricultura	195
3.3.2.1.2 - A pecuária	201
3.3.2.1.3 - A pesca	202
3.3.2.1.4 - Turismo	208
3.3.2.2 - Aspectos socioeconomicos	213
3.3.2.2.1 - Educação	213
3.3.2.2.2 - Emprego e trabalho	216
3.3.2.2.3 - Situação de pobreza	220
3.3.2.3 - Aspectos políticos: uma região em conflito	224
3.3.2.3.1 - Causas do conflito	226
3.3.2.3.2 - O conflito e os envolvidos	232

3.3.2.3.3 - As consequências do conflito	238
CAPÍTULO IV – MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS EM, PARA E DA CASAMANSÁ: REGIÃO DE ZIGUINCHOR	243
4.1 - Acerca da migração interna	243
4.2 - Migração intra regional de Ziguinchor	244
4.3 - Casamansa e as migrações inter-regionais norte-sul-norte	247
4.3.1 - Ziguinchor: destino da migração inter-regional senegalesa	253
4.3.2 - Ziguinchor: ponto de partida da migração inter-regional senegalesa	254
4.4 - Casamansa e as migrações internacionais	256
4.4.1 - Imigração internacional na Casamansa	257
4.4.2 - Emigração internacional de casankoolu	259
4.4.2.1 - Emigrações internacionais de proximidades	259
4.5 - Políticas migratórias restritivas, migração informal e a ampliação de destinos entre casankoolu	273
4.5.1 - Políticas migratórias de fechamento	273
4.5.2 - Os limites das políticas migratórias restritivas e <i>colaborações</i> externas	278
4.5.2.1 - Emigração de casankoolu diante de políticas migratórias restritivas e crises	281
4.5.2.2 - Vias da emigração desde a Casamansa dos ‘condenados a ficar’ diante das restritivas migrações regulares	284
4.6 - A Casamansa frente ao combate à migração informal	287
PARTE II – ORIGINÁRIOS DA CASAMANSÁ NAS AMÉRICAS	295
II.1 - A imigração de pessoas negras nas Américas	297
CAPÍTULO V – CASANKOOLU NO BRASIL E DESENVOLVIMENTO HUMANO NA ORIGEM	301
5.1 - Perfil sócio-laboral e redes prévias à emigração para o Brasil	301
5.2 - Imigração no Brasil: o lugar do Negro e do Branco ontem e hoje	307
5.2.1 - Imigração contemporânea no Brasil	312
5.2.2 - Relações políticas, comerciais e cooperação cultural bilaterais: Senegal-Brasil	322
5.3 - Imigração de casankoolu no Brasil	331

5.3.1 - Imigração acadêmica: dos estudos à residência de casankoolu no Brasil	331
5.3.2 - Imigração laboral de casankoolu no Brasil	335
5.3.3 - Perfil, condições sócio-laboral e redes em situação de imigração no Brasil ..	337
5.3.3.1 - Quem são, o que fazem e em que condições?	337
5.3.3.2 - Redes em situação de imigração no Brasil	346
5.3.4 – Práticas transnacionais desde o Brasil e desenvolvimento na Casamansa	349
5.3.4.1 – A comunicação à distância	349
5.3.4.2 – As remessas monetárias	350
5.3.4.3 – As remessas materiais	351
5.3.4.4 – Visitas à origem	351
5.3.4.5 – Participação política	352
5.3.5 – Contribuição dos casankoolu ao desenvolvimento humano desde o Brasil	354
5.3.5.1 – As dificuldades de contribuir do Brasil para o desenvolvimento em Ziguinchor	358
CAPÍTULO VI – CASANKOOLU NO CANADÁ E DESENVOLVIMENTO HUMANO NA ORIGEM	362
6.1 - Perfil sócio-laboral e redes prévias à emigração para o Canadá	362
6.2 - Imigração no Canadá: o lugar do negro e do branco ontem e hoje	369
6.2.1 - Imigração contemporânea no Canadá e em Quebec	376
6.2.2 - Relações políticas, comerciais e cooperação cultural bilaterais: Senegal-Canadá	385
6.3 - A imigração de casankoolu no Canadá	389
6.3.1 - Imigração acadêmica: dos estudos à residência de casankoolu no Canadá ...	390
6.3.2 - Imigração laboral de casankoolu no Canadá	395
6.3.3 - Perfil, condições sócio-laboral e redes em situação de imigração no Canadá	398
6.3.3.1- Quem são, o que fazem e em que condições?.....	399
6.3.3.2 - Redes em situação de imigração no Canadá	404
6.3.3.2.1 - Associação CasaEspoir	405
6.3.3.2.2 - Associação Católica dos Casankoolu do Canadá	405

6.3.4 – Práticas transnacionais e desenvolvimento da Casamansa desde o Canadá ..	407
6.3.4.1 – A comunicação à distância	407
6.3.4.2 – As remessas monetárias	408
6.3.4.3 – As remessas materiais	409
6.3.4.4 – Visitas à origem	410
6.3.4.5 – Participação política	411
6.3.5 – Contribuição dos casankoolu para o desenvolvimento socioeconômico desde o Canadá	412
6.3.5.1 – Contribuições individuais	413
6.3.5.2 – Contribuições coletivas	415
6.3.6 – As dificuldades de contribuir para o desenvolvimento em Ziguinchor	417
CAPÍTULO VII - COMPARAÇÃO DOS CASOS BRASIL-CANADÁ	420
7.1 - Comparação de perfis sócio-migratórios dos casankoolu antes de sua instalação no Brasil ou no Canadá	420
7.2 - Comparação dos perfis sócio-migratórios dos casankoolu após sua instalação no Brasil ou no Canadá	424
7.3 - Comparação de práticas transnacionais desde as Américas e sua participação para o desenvolvimento socioeconômico na origem	427
7.4 - Comparação das formas de participação do desenvolvimento humano na origem	429
7.4.1 - Desafios para uma melhor contribuição ao desenvolvimento desde as Américas	433
CONSIDERAÇÕES FINAIS	435
BIBLIOGRAFIA	442
FONTES VISITADAS NA INTERNET	477
DOCUMENTOS AUDIOVISUAIS	487
ANEXOS	492

INTRODUÇÃO

Inicia-se esta tese dizendo que, desde a graduação, quis fazer um estudo que envolvesse o Senegal e o Brasil. Por falta de dados sobre meu país de origem, limitei-me a analisar a situação brasileira na minha monografia. No mestrado, tampouco consegui incluir efetivamente a realidade senegalesa no meu estudo. Foi neste nível que comecei a me dedicar ao estudo sobre migrações internacionais em geral, e de cidadãos haitianos, em particular, para o Brasil. Nesta tese, realizei uma pesquisa que trata da migração internacional desde o Senegal, em especial, desde a região dita sulina de Ziguinchor, em Casamansa.

Para quem é oriundo da Casamansa, pode ser difícil ou até impossível se debruçar sobre uma questão relativa a esta histórica região atual e sua história política sem ser alertado por parentes ou amigos. “Tome cuidado”, “Saiba o que vai dizer e até onde pode ir” ou “Deixe para tratar da Casamansa quando se aposentar”, recomendam estas pessoas. A prudência parece ser a característica transversal dos estudos feitos por senegaleses, notadamente por aqueles originários da Casamansa. Este fato foi constatado por um dos nossos entrevistados. O motivo principal de tal cautela é que a região tem um movimento político separatista, que reivindica a independência da Casamansa desde 1982 e que está em conflito armado, dito de baixa intensidade, há mais de 40 anos contra o Estado senegalês. Assim sendo, autores que se aprofundam sobre a dimensão política deste território podem ser facilmente colocados em um dos lados em confronto, sendo particularmente perigoso estar colocado em qualquer um dos lados, notadamente nas décadas de 1980 e 1990¹. Nesta tese, recorreu-se, sem prejulgamentos, a documentos, que foram analisados criticamente, tanto sobre este aspecto como sobre todos os demais.

Segundo, tampouco é possível falar da Casamansa e de sua história, marginalizando a chamada colonização². O passado e o presente deste território invocam esta época de assalto, invasão, opressão, sequestro e terror de povos estrangeiros de cor branca contra povos

¹ Ver Cap. III, 3.3.2.3 - Aspectos políticos: uma região em conflito. Mas adiantamos que o caso do conflito não foi pautado com as pessoas entrevistadas.

² No dicionário Le Petit Robert, *coloniser/colonizar* é definido como: 1º povoar de colonos; 2º Fazer de um país uma colônia; 3º fig. Invadir, ocupar. Deve se destacar que na ótica do colonizador europeu, os humanos encontrados em terras invadidas fazem parte da paisagem. É o que mostra Todorov ao dizer, a respeito de Colombo e os povos indígenas, o seguinte: “Colombo fala dos homens que vê unicamente porque estes, afinal, também fazem parte da paisagem. Suas menções aos habitantes das ilhas aparecem sempre no meio de anotações sobre a Natureza, em algum lugar entre os pássaros e as árvores” (Todorov, 1999, s/p.). Veremos adiante que a colonização, à semelhança do tráfico negreiro, se expressou pela desumanização, pela barbárie e pelo terror (Césaire, 1978; Guèye, 2005; Ki-Zerbo, 2009; Galeano, 2017; Sarr, 2021).

autóctones da África de cor negra³, que resistiram militarmente até onde conseguiram, e continuam resistindo culturalmente, apesar da colaboração como o invasor de alguns deles: os então *‘évolués’*⁴ ou *os assimilados*.

O tema desta tese é a migração, processo que segue sendo um dos fenômenos que caracterizam a humanidade. Segundo Villarreal Villamar (2015), “As migrações representam um fenômeno humano que tem se registrado ao longo da nossa história como espécie.” (2015, p. 40). A história relaciona esta humanidade primeiro a deslocamentos permanentes – o nomadismo - e depois ao sedentarismo. Referindo-se à Antiguidade, Sanches (2018) fala que “O passo importante no desenvolvimento humano é a sedentarização” (2018, p. 23). Este sedentarismo pensado a partir do pertencimento de pessoas a comunidades, povoados, reinos, impérios ou Estados, não significou abandono da mobilidade pela humanidade. Apesar da atual configuração das políticas migratórias restritivas de diversos Estados, as migrações vêm afetando todas as partes do mundo.

Não há, para estes Estados, uma definição universal consensual acerca da migração e da pessoa migrante⁵. Tampouco é estático o entendimento de cada Estado sobre a migração⁶. Ainda assim, de forma geral, a migração internacional é definida como sendo o processo de deslocamento de uma pessoa de determinado Estado - ou de um apátrida - e sua instalação provisória, duradoura ou definitiva em outro (Rea, 2021; Ndione, 2018; Tandian, 2018; Tall e Tandian, 2011a; Reis, 2007; Guilmoto e Sandro, 2003; Sayad, 1998; 2000; Saucedo e Gutiérrez, 2012), e que, de alguma forma, tende a manter relações com sua origem por meio de práticas como remessas e retornos em suas mais diversas formas⁷. Sabe-se, ademais, que o processo migratório é muito mais complexo, pois entre a partida e a chegada, as situações intermediárias, parte integrante deste, podem ser numerosas e, às vezes, dramáticas.

³ Ver Labrune-Badiane (2010); Césaire (1978), Louis-Vincent (1958).

⁴ Evoluídos

⁵ Como diz Sayad, antes de ser considerada imigrante em algum país, a pessoa foi primeiro emigrante de outro país. O que nos leva a usar a palavra migrante para expressar esta dupla representação (Fala de François Héran feita em 2026, reportada em 2018, [2:39-3:06]. In *Collège de France. Migrations et Sociétés - François Héran (2018)*. 05/04/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ka53qgPUoYE>).

⁶ Como sugerem determinados trabalhos (Sayad, 1998; 2000; Saucedo e Gutiérrez, 2012 e Hall, 2003), o retorno é sempre uma eventualidade na migração.

⁷ Para Hall (2003, p. 28) *cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor*. Em francês, os nacionais que retornam ao país para trabalhar são chamados os *‘repats’*. Eles se diferenciam dos repatriados [*rapatriés* em francês], cujo retorno é *compulsório e organizado por um Estado* (Balizet, 2020, s/p).

Trata-se de um fenômeno cujo número absoluto vem aumentando no decorrer dos últimos cinquenta anos (Ver Tabela 1). De acordo com François Héran, estamos diante de um fato humano que demanda que se aprenda a lidar com⁸, em vez de ser a favor ou contra⁹, pois ele é *uma realidade permanente tal como a urbanização, a aceleração da comunicação ou a numerização das informações* (Ver REA, 2021, p. 106. Tradução nossa). A migração internacional afeta, em graus diferentes, as partes do mundo consideradas ricas ou pobres, urbanas ou rurais, minúsculas ou gigantescas, insulares ou continentais, da Europa, da América, da Oceania, da Ásia ou da África¹⁰. Dados da ONU mostram que entre 1990 e 2020, o mundo passou de 153 milhões de imigrantes internacionais para 280,6 milhões¹¹. Neste ano, em milhões, a Europa reuniu 86,7; Ásia 85,6; América 73,5; África 25,4 e Oceania 9,4 (Ver mapa Anexo 3.A-1.). O histórico a seguir revela que a porcentagem de migrantes internacionais se manteve estável em 2,3% da população mundial de 1970 a 1985. Em 1990 foi registrado um aumento para 2,9%. Entre 1990 e 2020, o menor percentual foi de 2,8% em 1995 e 2000, e o maior de 3,6% em 2020 (OIM, 2021).

Tabela 1 - Migrantes internacionais no mundo em número e porcentagem: 1970-2020

Ano	Número de migrantes internacionais	% de migrantes com relação à população mundial
1970	84 460 125	2,3
1975	90 368 010	2,2
1980	101 983 149	2,3
1985	113 206 691	2,3
1990	152 986 157	2,9
1995	161 289 976	2,8
2000	173 230 585	2,8
2005	191 446 828	2,9
2010	220 983 187	3,2
2015	247 958 644	3,4
2020	280 598 105	3,6

Fonte: OIM, 2021, p. 3. Tradução nossa¹²

⁸ Ver Rea (2021) e *Collège de France. Migrations et Sociétés - François Héran (2018)*. 05/04/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ka53qgPUoYE>

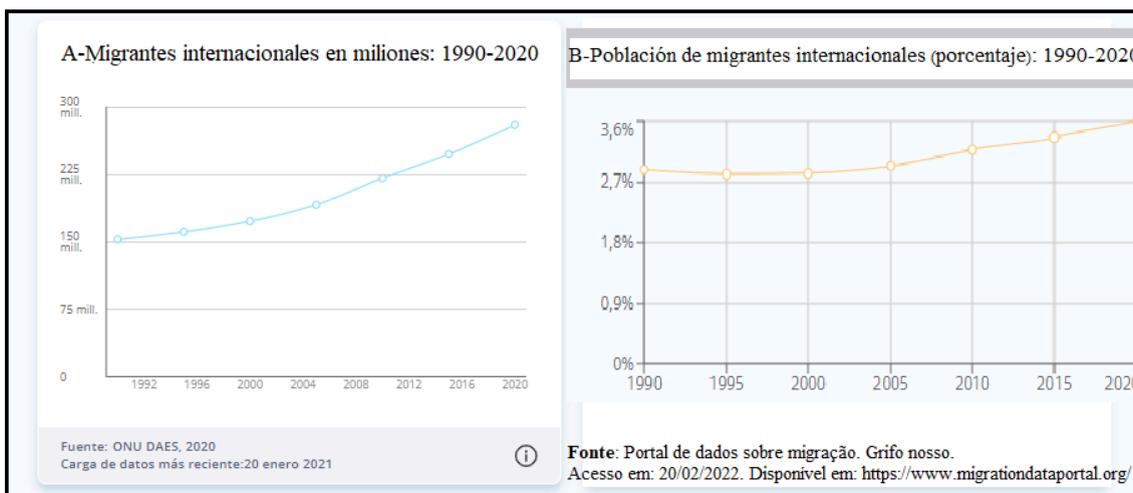
⁹ Dassetto argumenta que “a imigração não é “em si”, nem boa, nem ruim, ela é aquilo que os atores envolvidos (migrantes e residentes) a tornam e o que as condições sociais e institucionais em que se efetuam as migrações permitem que ela seja” (DASSETTO, 2019, p. 8. Tradução nossa).

¹⁰ Ver mudanças no mundo entre 1990 e 2020 nos mapas 3D, 3C, 3B e 3A no ANEXO 3

¹¹ Ver Portal de dados sobre migrações da OIM em <https://www.migrationdataportal.org/>

¹² A fonte sugere que o número de entidades (Estados, territórios e regiões administrativas) pode ter sofrido variações ao longo do período considerado.

Gráfico 1 - Imigrantes em números e percentagem no mundo: 1990-2020



A nível mundial, as maiores proporções de imigrantes com relação à população nacional residente foram registradas, em 1990, nos seguintes países: Emirados Árabes Unidos (71,5%), Andorra (71,3%), Mónaco (69,2%), Kuwait (51,3%), Liechtenstein (37,9%), Israel (36,7%), Bahrein (34,9%), Arábia Saudita (30,8%), Luxemburgo (29,8%), Nauru (29,6%)¹³. Mas, em termos de volume de imigrantes (em milhões) em seus territórios, países como os Estados Unidos (23,3), Federação Russa (11,5), Índia (7,6), Ucrânia (6,9), Paquistão (6,2), Alemanha (5,9), França (5,9), Arábia Saudita (5), Canadá (4,3), Irã (4,3), Austrália (4), Reino Unido (3,7) e Cazaquistão (3,6) se destacaram naquele ano¹⁴. Em 2020, poucas alterações foram registradas entre os onze principais países. Respetivamente os maiores números de imigrantes (em milhões) estavam nos Estados Unidos (50,6), Alemanha (15,8), Arábia Saudita (13,5), Federação Russa (11,6), Reino Unido e Irlanda do Norte (9,4), Emirados Árabes Unidos (8,7), França (8,5), Canadá (8), Austrália (7,7), Espanha (6,8) e Itália (6,4)¹⁵.

Até os anos 1990, os senegaleses vão principalmente para países da África Ocidental, França, Itália e Espanha, no caso da Europa (Tandian, 2018). Nos países da América com

¹³ Ver OIM: Portal de Datos sobre Migración. Población de migrantes internacionales como porcentaje de la población total 1990. Acceso em 20/10/2022. Disponível em: <https://www.migrationdataportal.org/>

¹⁴ Ver Anexo 3.D ou OIM: *Portal de Datos sobre Migración*. Número total de migrantes internacionales (mediados de año) 1990. Acceso em 20/10/2022. Disponível em: https://www.migrationdataportal.org/es/international-data?i=stock_abs_&t=1990

¹⁵ Ver OIM: Portal de Datos sobre Migración. Número total de migrantes internacionales (mediados de año) 2020. Acceso em 20/10/2022. Disponível em: https://www.migrationdataportal.org/es/international-data?t=2020&i=stock_abs_

maiores números de imigrantes e em que a presença de Senegaleses é relativamente visibilizada aparecem o Brasil, o Canadá, a Argentina e os Estados Unidos¹⁶. Em todos os anos do quadro a seguir, quando se compara o Brasil com os demais países, vê-se que foi ele que menos recebeu imigrantes e que também ficou com os menores percentuais com relação à população nacional. O Canadá é, em termos proporcionais, o país que teve o maior percentual em toda a série, passando de 15,7% em 1990 para 21,3% em 2020.

Quadro 1 - Evolução do número e % de imigrantes internacionais em países dentre os destinos relevantes da emigração senegalesa na Américas, segundo o ano: 1990-2020.

País	Ano e Porcentagem							
	1990	%	2000	%	2010	%	2020	%
Brasil	798.500	0,5	684.600	0,4	592.600	0,3	1.100.000	0,5
Canadá	4.300.000	15,7	5.500.000	18,0	6.800.000	19,8	8.000.000	21,3
Estados Unidos	23.300.000	9,2	34.800.000	12,4	44.200.000	14,3	50.600.000	15,3
Argentina	1.600.000	5,1	1.500.000	4,2	1.800.000	4,4	2.300.000	5,0

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do Portal de Dados sobre Migração da OIM, 2022.

Quanto à origem dos emigrantes, o continente africano não teve representante dentre os 15 países que mais tiveram emigrantes no mundo tanto em 1995 quanto em 2020. Marrocos e Egito aparecem respectivamente em décimo sexto lugar em 1995 e 2020. Nesta sequência, países como a Federação Russa, a Índia, o México, a Ucrânia e Bangladesh lideraram na colocação daqueles que tiveram mais emigrantes em 1995 e, a Índia, o México, a Federação Russa, a China e Bangladesh em 2020 (Ver McAuliffe e Triandafyllidou, 2021, p. 202).

No que se refere às estatísticas relativas ao Senegal, o total de emigrantes internacionais era de 370 mil em 1990. O número passou para 394 mil uma década depois, e para 547 mil em 2010 antes de atingir 694 mil em 2020¹⁷. Portanto, houve um crescimento constante na série em números absolutos. O país tinha também seus cidadãos no exterior, que estão em busca de proteção. Não registrados antes de 1988, atingiram 15 mil entre este ano e 1989, passando para 60 mil em 1990. As oscilações entre 1991 e 2020 não passaram dos 26

¹⁶ A Venezuela teve mais imigrantes internacionais que o Brasil e o México em todos os anos da série (1 milhão em 1990 e em 2000, e 1,3 milhão em 2010 e em 2020), mas não faz parte dos destinos visibilizados da presença senegalesa nas Américas. O mesmo valeu para o México, que só superou o Brasil em 2010, com 969,7 mil, e 2020, com 1,2 milhão (Cf. OIM. Portal de Dados sobre Migração ou Anexos 3.D, 3.C, 3.B, 3.A-2).

¹⁷ Ver OIM, Portal de dados sobre migração. Disponível em: <https://www.migrationdataportal.org/>

mil refugiados. Neste ano, o total de refugiados do Senegal era de 14 mil. A obtenção de dados sobre a migração desde e na Casamansa constitui um desafio, apesar da relevância e complexidade do fenômeno na parte sul do Senegal.

Por outro lado, o Senegal é um destino migratório e de solicitantes da condição de refúgio. Entre 1990 e 2020, o total de imigrantes internacionais no Senegal passou de 270 mil para 275 mil, com algumas oscilações no intervalo. Em 2000 houve redução no efetivo (232 mil), que foi seguida de dois aumentos em 2010 (256 mil) e em 2020. O país também recebeu refugiados somados em 56.602 em 1998. Este número diminuiu para 20.421 em 2007¹⁸.

Quadro 2 - Senegal: migrantes internacionais (em milhares) e sua proporção: 1990-2020

Ano	Número de emigrantes internacionais (em milhares)	%*	Número de imigrantes internacionais (em milhares)	%
1990	370	4,9	270	3,6
2000	394	4	232	2,4
2010	547	4,3	256	2
2020	694	4,2	275	1,6

Fonte: Elaboração nossa a partir de dados da OIM. In: <https://www.migrationdataportal.org/>

* Cálculo nosso a partir de dados do BM sobre a população total e da OIM sobre o total de emigrantes internacionais.

A migração em questão neste trabalho é a de originários da região de Ziguinchor, localizada na Casamansa, Sudoeste do Senegal. Notemos que o Senegal é um país do continente africano, descrito pelo Banco Mundial como *localizado na parte mais ocidental e um dos mais estáveis da África*¹⁹. Ele é membro da Comunidade Econômica dos Estados da África do Oeste (CEDEAO), tendo uma história que é geralmente contada a partir da chamada colonização, isto é, da imigração de invasores europeus, embora esta tenha sido precedida por outra, a de Africanos que vieram muito antes do Leste. Ele é hoje um dos 54 países do continente africano, foi “*pacificado*” nos anos 1850-18[80] *pela força pelo governador Louis Faidherbe*²⁰ (Borrel, 2021a) - que havia adquirido experiência na Argélia (Plas-Boël, 2022;

¹⁸ Não havendo deturpação, estes seriam na sua maioria das regiões da Casamansa, notadamente de Ziguinchor .

¹⁹ Ver: La Banque Mondiale. *Sénégal – Vue d’ensemble*. Acesso em 10/03/2023. Disponível em <https://www.banquemondiale.org/fr/country/senegal/overview>

²⁰ *O general Louis Faidherbe foi nomeado governador da colônia do Senegal em 1854. Ele criou a École des Otages, fundou o porto de Dakar em 1862, instaura o cultivo do amendoim e do algodão* (PLAS-BOËL, 2022, p. 12-13). “No Senegal, o amendoim se tornou o produto de substituição do tráfico de escravos” (GUËYE, 2005, p. 11. Tradução nossa).

Borrel, 2021a) *conquistada no furor e no sangue a partir de 1830* (Borrel et al., 2021a, p. 18) - e teve sua soberania internacional reconhecida em 26 de agosto de 1960, após sua retirada da Federação do Mali. No seio desta Federação, que se declara independente em 4 de abril de 1960²¹, e durou de abril a agosto do mesmo ano, embora o Senegal tivesse sua primeira constituição em 24 de janeiro de 1959, ele ainda era um Estado desprovido de soberania internacional por ser um Estado federado²² (Mbodj, 2021). Deste país emigram pessoas que, de forma geral, se dirigiam “às antigas colônias francesas da África e a França” (KANTÉ, 2008).

A região de Ziguinchor é uma das regiões da histórica atual Casamansa²³, a quase totalidade da parte meridional senegalesa que está separada das demais partes do Senegal pela Gâmbia (Ver Mapa 4), com sua particularidade histórica, além da geográfica, e uma diversidade cultural e linguística reconhecidas. A histórica atual região da Casamansa, a chamada *Região sul* ou simplesmente *O Sul*²⁴ do Senegal, foi posteriormente dividida em duas, e depois em três regiões: Ziguinchor, Sédhiou e Kolda, que hoje correspondem, respectivamente, às chamadas *Basse Casamance/Baixa Casamansa*, tendo como capital regional a cidade de Ziguinchor, *Moyenne-Casamance/Casamansa Média*, cuja capital regional é a cidade de Sédhiou e *a Haute-Casamance/Alta Casamansa* com sua capital regional Kolda (Ver Foucher, 2007; Desmarchelier, 2001)²⁵.

²¹ Ver *Perspective Monde*. Proclamation d'indépendance de la Fédération du Mali. <https://perspective.usherbrooke.ca/>

²² No Artigo primeiro da constituição de 1959 foi dito que o Senegal se denomina "República do Senegal" [e que esta] *adota a língua francesa como língua oficial. Ela é um Estado membro da Federação do Mali*. (Ver Kebe et al., 2021a, p. 28. Tradução nossa).

²³ Administrativamente, a Casamansa foi apagada do mapa, mais socialmente, e mesmo em documento oficiais (Ver RS, 2014, p. 74), ela aparece como região, uma única entidade territorial.

²⁴ Considerando o contexto africano, o historiador M'Bokolo diz no começo da década de 1990, que “É perceptível hoje que, nos países da África Ocidental e Central, se fala cada vez menos de etnias, fala-se mais frequentemente ‘*les gens du Nord*’, ‘*les gens du Sud*’/‘pessoas do Norte’, ‘pessoas do Sul’” (1993, p. 4-5. Tradução e grifo nossos). Como veremos adiante, sua análise se verifica no tocante ao Senegal onde expressões como “Les Nordistes” e “Les Sudistes” são bastante difundidas, sem no entanto, apagar as referências às etnias.

²⁵ Vale notar que de acordo com um artigo de 17 de maio de 2019 de *Le Journal du Pays*, a Casamansa foi dividida pela primeira vez em 1962 pelo então ministro do interior Waldiodio Ndiaye em duas: a Região de Casamansa, com sua capital Ziguinchor, e a Região do Senegal Oriental, com sua capital Tambacounda. Nesse sentido, a Casamansa seria atualmente constituída por cinco regiões: Ziguinchor, Sédhiou, Kolda, e Kédougou e Tambacounda, que resultaram da divisão desta última em duas. Fonte: <https://www.journaldupays.com/?s=Casamance%3A+histoire+de+la+Casamance+> Nenhuma outra fonte confirmou esta afirmação.

É preciso saber que a Casamansa passa por um conflito que iniciou nos anos 1982-1983 com manifestações, em nome do *Mouvement des Forces Démocratiques de Casamance* (MFDC), que estavam reivindicando a independência da Casamansa (Foucher, 2002; 2007), e cuja resolução envolve, direta e indiretamente, os mais diversos atores: locais, nacionais e internacionais (Foucher, 2007; 2013)²⁶. Para um dos líderes deste Movimento que entrevistamos, o MFDC é um Movimento que foi criado em 1947, e que sempre reivindicou a independência da Casamansa, entrando em conflito com o Estado do Senegal no começo da década de 1980. Para os pesquisadores, há dois MFDCs. O primeiro é aquele criado em 1947 como partido regional da Casamansa, cuja preocupação era defender os interesses da região, e o segundo, que nasceu em 1982 reivindicando a independência da Casamansa. Passados quarenta e um anos, este conflito era, já em 2020, “o mais velho conflito das sub-região da África Ocidental, tendo como consequências abandonos de vilarejos, deslocamentos populacionais, presença de minas em campos” (GUEYE, 2020, p. 3. Tradução nossa).

Os emigrantes da região histórica da Casamansa, além de sair para as mesmas antigas colônias francesas da África e para o último antigo país invasor, a França, se dirigem ao longo do tempo para países como a Gâmbia e, em menor grau, para a Guiné-Bissau e a República da Guiné, países fronteiriços²⁷, além da Mauritânia do Mali. De acordo com Gueye (2020), os destinos que mais atraem são a Espanha, a França, a Gâmbia, Marrocos e Serra Leoa. Hoje os *oriundos* da Casamansa estão nos mais diversos países em diversos continentes. Neste sentido, falar de imigração dos originários desta região, e mais precisamente da imigração daqueles da região de Ziguinchor - os *ziguinchorois* - no Brasil (América do Sul) e no Canadá (América do Norte), é admissível na medida em que ela se inscreve na ampliação dos destinos desde os anos 1990, cuja uma das manifestações é sua instalação provisória, por médio ou

²⁶ No tocante ao papel das ONGs na resolução do conflito na Casamansa ver Jones Sánchez, (2018), que mostra as simulações de implicar as comunidades quando na verdade põem em execução os planos prescritos por parceiros internacionais.

²⁷ De acordo com Dobe (2020, s/p.), as fronteiras africanas que resultaram da invasão europeia foram fonte de contestações e de tensões, como ocorreu na Europa ou América do Sul, e, acrescentemos, da América do Norte (México-Estados Unidos). Dobe (2020, s/p.) fala, ainda no caso africano, que **dois grupos se opuseram na véspera das independências** por causa delas: por um lado **o de Casablanca que defendia a unidade imediata do continente com a supressão das fronteiras coloniais**, e, por outro, **o de Moróvia** cuja proposta era **manter o legado colonial e ir progressivamente para uma unidade continental**. Em Cairo, entre 17 e 21 de julho de 1964, a OUA, criada em 1963, **resolve manter as fronteiras, adotando a resolução AGH/Res16 (1)**, é a dita **intangibilidade das fronteiras coloniais, que sacralizou as fronteiras africanas, consagrando Berlim [1984-1885]**. O princípio da **intangibilidade das fronteiras** é reconduzido e codificado na Carta constitutiva da UA, que substituiu a OUA em 2002. Deve-se notar, no entanto, que **somente 25% das linhas fronteiriças africanas são definidas** (Foucher 2014, p. 43 *Apud* DOBE, 2020, s/p), o que justifica, por exemplo, a implementação do *Programme Frontière de l’Union Africaine* (PFUA) em 2007.

longo prazo ou definitivamente nos referidos países americanos, longe da África “francófona” e da França.

Para compreender a migração dos casankoolu²⁸ para as Américas, foi preciso levar em conta o contexto colonial, o processo de urbanização, os vínculos de parentesco com populações de países que a “cercam”, a migração de *nortistas* para o *Sul*, o conflito que iniciou em 1982, a falta de infraestrutura, notadamente, de educação superior, e a migração internacional no contexto da “última” globalização ou “globalização da era atual”²⁹, com o avanço dos meios de transporte e de comunicação e a intensificação dos *atravessamentos de fronteiras*, das trocas materiais e imateriais entre diversos pontos do globo terrestre, as redes de solidariedade entre familiares, o significado dado à emigração, notadamente para *Kalulumai*³⁰, as políticas migratórias cada vez mais restritivas, apesar dos seus limites.

Referindo-se ao contexto mundial, é preciso ressaltar que foi na década de 1990 que se viu uma *politização da imigração na Europa* (Rea, 2021). A importância do ano 1990 para a questão da migração internacional aparece em Galhera e Santos (2014), Reis (2007), UN (2009; 2011), entre outros. Em 18 de dezembro de 1990 foi aprovada a “Convenção sobre Direitos dos Imigrantes (...) em Assembleia-Geral”³¹. [Ela] exige [entre outras] que os

²⁸ A identidade da Casamansa não se limita ao nascimento em seu território, ela engloba o cidadão originário da região, isto é, de pais que dela vieram, mesmo quando este apenas visitou a Casamansa sem nunca ter residido em alguma de suas regiões. Ser casankoolu é antes de tudo sentir-se pertencente a esta região histórica e ter algum vínculo. Veremos que não há homogeneidade na expressão dessa identidade entre os *Ressortissants* da Casamansa no Brasil com relação aos que residem no Canadá.

²⁹ A globalização não é um fenômeno novo (Ki-Zerbo, 2009; Hall, 2006; 2003; Neira, 2005; Glick Schiller et al. 2019; Martine, 2005). “Sua história coincide com a era da exploração e da conquista europeias e com a formação de mercados capitalistas mundiais” (Hall, 2003, p. 35). Com base em Sassen, foi dito que “O capitalismo desde seus inícios tem sido um sistema de produção dependente das interconexões globais entre os povos do mundo” (GLICK SCHILLER et al., 2019, p. 357). Martine enumera alguns fatores determinantes no advento da ‘atual globalização’, dizendo: “A influência do fundamentalismo econômico de Thatcher e Reagan; o descaimento e desmembramento das economias centralmente planejadas; a crise econômica/financeira prolongada de muitos países e regiões (com destaque para a América Latina) na década de 80; e a imposição de ajustes estruturais aos países não-industrializados. Todos esses são fatores que deram forte impulso à globalização econômica. Praticamente todos os países foram instados a adotar as mesmas regras do jogo e a submeter-se aos fiscais internacionais, propiciando a expansão do mercado global.” (MARTINE, 2005, p. 4). A diversidade de estudos (Ki-Zerbo, 2009; Hall, 2006; 2003; Martine, 2005; Sassen, 2002; Santos, 2002; ANSD, 2013; 2020), sugere que além do sua relação com a economia, as finanças e a política, a globalização é associada às tecnologias de transporte e comunicação, aos aspectos culturais, sociais, ambientais, demográficos, migratórios e a hibridismos. Santos (2002, p. 62) defende que se deve usar unicamente o termo no plural, diante da falta de “una entidad singular llamada globalización”.

³⁰ *Terra ou país dos brancos*

³¹ Trata-se da *International Convention on the Protection of the Rights of All Migrant Workers and Members of their Families* (UN, 2009; 2011), ou seja, além do trabalhador migrante envolveu seus familiares.

imigrantes legais sejam tratados no trabalho da mesma forma que os nacionais, que eles sejam informados de seus direitos numa língua que entendam...” (REIS, 2007, p. 31. Grifo nosso) e que estes sejam protegidos³². Nesse ano (1990) foi lançado *o primeiro Relatório sobre o desenvolvimento humano e a criação do índice de desenvolvimento humano* (PNUD, 2020). Catherine Wihtol de Wenden afirma que nos anos de 1990 o mundo passou por mais uma grande migração dita de massa, ocasionando o encontro do mundo inteiro com ele mesmo. Ela assinala, portanto, que “desde 1990 se tem algo como uma generalização do direito de saída”³³ do próprio país. Foi no começo daquela década que ocorre, na fala de Ki-Zerbo (2009), *o terceiro episódio da globalização*, que ele percebe como *o estágio supremo e último da domesticação* do Africano, após a tráfico de negros³⁴ e a colonização. Trata-se de um processo ocidental e liderado pelo Ocidente (Ki-Zerbo, 2009; Hall, 2006) e comumente definido com base “en la nueva economía mundial que ha emergido en las tres últimas décadas como consecuencia de la globalización de la producción de bienes y servicios, y de los mercados financieros” (SANTOS, 2002, p. 62). De acordo Hall, a globalização não é distribuída de forma equilibrada no mundo nem em suas regiões, o que levou a Doreen Massey a falar de *‘geometria do poder’ da globalização* (Hall, 2006). Pode-se perceber o referido desequilíbrio na definição que Santos dá a este termo. A globalização

es un proceso por el cual una entidad o condición local tiene éxito en extender su alcance sobre el globo y, al lograrlo, desarrolla la capacidad para designar una entidad o condición social rival como local... [Entonces] bajo las condiciones del sistema mundial del capitalismo occidental no existe una globalización genuina. Lo que llamamos globalización es siempre la globalización exitosa de un localismo dado. En otras palabras, no hay una condición global para la cual no podamos encontrar una raíz local, un empotramiento cultural específico. La segunda implicación es que la globalización supone la localización (SANTOS, 2002, p. 62-63).

Globalizado econômica e politicamente, no Senegal, importa registrar que desde a véspera e início da década de 1980, a crise se instalou, levando à *estagnação da produção* e provocando amplos desequilíbrios financeiros e *crecimento de dívida externa* (Kasse, 1990).

³² Até 2009, esta Convenção foi assinada/ratificada no mundo por apenas 41 países, dos quais 16 são da África, 8 da Ásia, 2 da Europa, 15 da América e 0 da Oceania (Ver UN, 2011, p. 325-334). O Canadá nem assinou nem ratificou o único instrumento internacional concebido expressamente para proteger os direitos dos trabalhadores migrantes (Molnar, 2018). O Brasil tampouco ratificou o instrumento internacional mais recente, a *Convenção Internacional sobre a Proteção dos Direitos de Todos os Trabalhadores Migrantes e dos Membros das suas Famílias* (Azevedo, 2021, p. 12).

³³ Cf. La mondialisation des migrations. Disponível em: La mondialisation des migrations | Catherine Wihtol de Wenden | TEDxBelfort - YouTube Acesso em 19/03/2022.

³⁴ “Já no início do comércio negreiro, foram recrutados intelectuais para dar uma consciência tranquila a quem investiu nesta indústria muito lucrativa chamada tráfico negreiro. Discursos desvalorizantes foram construídos para caracterizar como nulos todos os valores da civilização negra. (...) Os traficantes de escravos, gananciosos, pouco esclarecidos, não tinham nenhum escrúpulo em tirar dos escravos sua humanidade taxando-os de selvageria e barbárie” (GUÈYE, 2005, p. 7. Tradução nossa).

O governo senegalês, em busca de soluções a problemas econômicos, implementou uma série de iniciativas entre 1979 e 1995 (Noula, 2000; Faye e Thioub, 2003). Dentre elas, a primeira foi,

um programa de urgência de estabilização a curto prazo (1979-1980), ao qual sucedeu o plano dito de recuperação econômica e financeira (1980-1985), o qual desembocará no *Programme d'Ajustement Structurel* (PAS)³⁵ a médio e longo prazo (1985-92), enfim, mais recentemente, o plano de urgência econômica, comumente chamado 'Plano Sakho-Loum' (1993-95 (NOULA, 2000, p. 5. Tradução nossa).

Na ótica deste autor, torna-se evidente que foi nessa década (1990) que o Senegal acentua sua inclinação para uma liberalização da economia, *uma economia* [então] *em plena recessão*. Ela ocorre junto com a ampliação da emigração, e com a formação do que se poderia chamar de comunidade eleitoral senegalesa no exterior, pois, em 1992, o Senegal adota o voto à distância, integrando a segunda onda do processo de generalização do voto à distância de países da África (Jaulin, Smith, 2015, p. 15). Ndione (2018, p. 49) destaca que, “a partir dos anos 1980/90, se vê uma generalização do fenômeno migratório que atinge as outras regiões do país”. Aliás, ele sublinha que o primeiro censo sobre *migração e urbanização no Senegal* data do começo dos anos 1990. Não há dúvidas de que a Casamansa fez parte destas mudanças, considerando que a ocorrência de determinados eventos internos a esta região, vai provocar migrações interna e internacionais. A título de exemplo, “1991 [foi um] ano de recrudescimento de violências cujos autores são as forças armadas senegalesas e os combatentes do MFDC” (MANGA, 2012, p. 25. Tradução nossa), mas também da primeira assinatura de cessar-fogo em *Cacheu (Guiné-Bissau)* entre as duas partes (Robin, 2006; Foucher, 2007). A década de 1990 corresponde à última em que a Casamansa carecia de universidade pública, contando com apenas alguns liceus, dos quais dois na região de

³⁵ No Programa de Ajustamento Estrutural, a “política econômica dita de ajuste vai se apoiar na combinação de quatro instrumentos fundamentais que são: uma política monetária restritiva, uma política orçamentária austera, uma política de depreciação da taxa de câmbio e uma política de liberalização parcial ou total dos setores econômicos” (NOULA, 2000, p. 6. Tradução nossa). Foucher (2007) relaciona este Plano a um desmame, Glick Schiller et al, (2019) a *ataques à infra-estrutura*. Ki-Zerbo entende que o ajustamento não era uma questão de opção para os países pobres, quando os países ricos *podem subsidiar a sua agricultura* (2009, p. 31). Ele acrescenta que “os Estados decompõem-se porque os programas de ajustamento estrutural foram impostos com a idéia fixa de que o Estado é a pior forma de gerir os assuntos públicos. Era preciso, a qualquer preço, que o Estado desse lugar ao setor privado. Tratava-se de destruir todo o poder do Estado ou de diminuí-lo consideravelmente, transferindo, ao máximo, tudo o que era de sua competência para organizações privadas ou estruturas descentralizadas. É este o postulado do neoliberalismo posto em voga pelo Banco Mundial e pelo FMI. O Estado neocolonial foi substituído pelo setor privado. Mas como o setor privado africano não está solidamente implantado, a supressão do Estado, na África, deixou um vazio considerável” (KI-ZERBO, 2009, p. 62). Tais medidas geraram *deterioração dos padrões de vida e migrações*, seja para *idades globais* ou países ricos, *de trabalhadores qualificados ou não, comerciantes, produtores agrícolas* (Glick Schiller, 2019, p. 358).

Ziguinchor. Esta ausência de universidade contribuiu plenamente para a emigração inter-regional de jovens *ziguinchorois*.

Se de modo geral os migrantes *casankoolu* internos e internacionais deixam a região por motivos laborais ou de formação³⁶ (Ver Fall, 2017; Kaly, 2001; Ndione, 2018) ou justificam sua mobilidade por razões familiares, o objetivo da tese, como sugerido por Guengant (1996), é entender o significado da migração dos *casankoolu*, notadamente na contemporaneidade nas Américas. Este autor entende que é mais relevante identificar o significado da migração do que considerá-la como um problema a controlar. Trata-se notadamente de mostrar que a migração, tida como uma possibilidade de transição para a independência e de realização pessoal e coletiva, é um meio coletivo para contribuir ao desenvolvimento humano na origem³⁷, em particular na região de Ziguinchor, a capital da histórica região da Casamansa. A imigração é, apesar dos desafios que coloca para pessoas negras no mundo dos brancos, uma experiência que ensina, ela é, em si, uma escola em que se aprende a ver o mundo de outra forma, a analisar e ver a realidade de origem com outros olhos³⁸. Ela é, como se vê nos filmes de Sembène, e nas falas dos interlocutores, uma fonte de inspiração e um fator de mudança social. Outro significado fundamental é que ela evidencia a centralidade do caráter endógeno às unidades sociais como a família e a comunidade, em sua busca por desenvolvimento.

Se Rea assinala que para além das *problemáticas da migração e a da instalação dos imigrantes*³⁹ distinguidas pela sociologia da imigração, “As teorias das migrações são geralmente relativas tanto às causas das migrações quanto aos seus efeitos e seus impactos” (REA, 2021, p. 3. Tradução nossa), a tese analisou, de forma comparada, a migração internacional de *casankoolu* de Ziguinchor no Brasil e no Canadá desde 1990 até 2020,

³⁶ Estes dois aspectos - trabalho e formação - serão privilegiados como elementos centrais na compreensão da migração em questão.

³⁷ Em alguns casos, o investimento mais relevante não é feito na região de origem, buscando com isso evitar expor desigualdades e dar mais liberdade aos beneficiários, como foi o caso de uma mãe.

³⁸ Esta característica não é privilégio de nenhum destino particular.

³⁹ O primeiro significado do termo *immigré*, em francês, é jurídico e remete ao *status de estrangeiro*. O segundo é sociológico e se refere ao *status socialmente inferiorizado* do qual alguns tentam escapar qualificando-se de ‘expats’ (REA, 2021, p. 4). No Brasil, o estrangeiro se tornou migrante oficialmente na Lei 13.445 de maio de 2017, ou seja, na Lei de Migração, que substituiu a Lei 6.815, isto é, o Estatuto do Estrangeiro.

identificando suas causas, seus caminhos, sua inserção e seus impactos social e econômico em Ziguinchor⁴⁰.

Nos últimos anos, o Estado Senegalês vem buscando envolver os emigrantes, em geral, no desenvolvimento social e econômico do país. Diante disso, a pergunta fundamental é: os *ressortissants ziguinchorois* residentes nos referidos países das Américas desenvolvem práticas que ajudam no desenvolvimento humano na sua região de origem ou que têm este potencial? Argumenta-se que os *ressortissants ziguinchorois* são atores do co-desenvolvimento⁴¹, na medida em que suas participações têm um impacto positivo nas condições de vida de familiares e de membros de suas comunidades na origem, embora em menor medida, no último caso. Não carregam a missão de promover sozinhos o desenvolvimento humano, mas seu papel não pode ser ignorado neste processo.

Para apreender sua forma de participação do desenvolvimento social e econômico na sua origem, a análise das práticas transnacionais destas pessoas, desde os respectivos países de residência, identificadas a partir de suas próprias falas em entrevistas e conversas, ocupa um lugar central no trabalho. Estas práticas são individuais e/ou coletivas, oficiais ou não, frequentes ou regulares e são formas de manutenção ou reforço da ligação entre os *ressortissants* e seus parentes e membros de sua comunidade, bem como entre os dois lugares “unidos” pela migração. Elas se materializam por aquilo que a literatura chamou de remessas, sejam elas monetárias (*migradivisas*), em natura ou imateriais, e por fluxos humanos em forma de visitas, retornos temporários, definitivos ou virtuais para a Casamansa. De forma geral, as remessas monetárias são destinadas à manutenção da família. Além da alimentação e moradia mais adequadas, participam da educação das crianças e jovens, da saúde dos membros do lar, bem como de cerimônias. O investimento em projeto de migração com o fim de adquirir formação universitária é também visto como uma forma de contribuição ao desenvolvimento humano e, a longo prazo, econômico da família. Do ponto de vista econômico, embora raras, identificamos investimentos em criação de empresas de comércio. Parte das remessas é destinada a obras coletivas atinentes à educação, saúde, eletricidade e hidráulica, ao esporte ou outros projetos sociais. As remessas monetárias nem sempre almejam o desenvolvimento social e econômico de familiares ou da comunidade de origem.

⁴⁰ O foco na emigração casankoolu, não sugere que se pretenda subestimar a imigração que ocorre na Casamansa, seja desde outros continentes ou países da África, seja de outras partes do Senegal.

⁴¹ O conceito surge na França na década de 1970, podendo ser definido como a cooperação para o fomento do desenvolvimento entre países envolvidos em processos migratórios (PEREIRA, 2010, p. 86-87).

Como sustentado por Sarr (2009), elas podem expressar *altruísmo, solidariedade, preparação para um retorno eventual, reembolso de gastos relativos à emigração*.

Constatou-se que apesar da especificidade de Casamansa, aqueles oriundos da região de Ziguinchor adotam, coletivamente, práticas análogas às que muitas diásporas africanas efetuam para contribuir para o desenvolvimento humano, notadamente em sua dimensão social, de comunidades no país de origem. Este tipo de organização e de ação só foi registrado entre os casankoolu no Canadá, que têm pelo menos duas associações regionais. São elas: a *Associação dos Casankoolu no Canadá (CasaEspoir)* e a *Associação Católica dos Casankoolu do Canadá*, que colaboram periodicamente tanto na saúde, na educação, na moradia, etc. por meio de remessas monetárias, materiais e imateriais⁴². No caso do Brasil, ainda não há nenhuma associação de casankoolu. Ainda assim, pelo menos 45% dos entrevistados no Brasil participam de iniciativas coletivas voltadas para realizações de projetos sociais na região de Ziguinchor, projetos estes que envolvem migrantes internos no Senegal, e internacionais na África, Europa ou América. Individualmente, as formas de contribuir para famílias⁴³ e comunidades apresentam semelhanças e diferenças. Tais diferenças ou semelhanças existem tanto entre os casankoolu no Brasil quanto entre aqueles no Canadá. Houve igualmente semelhanças entre determinados casos do Brasil e do Canadá.

De forma geral, as contribuições vão desde a alimentação de familiares até a formação da nova geração de alunos, passando pela compra de lote, construção de casas, assistência à saúde, investimento em projeto migratório, em projeto de transporte ou de comércio. Contudo, independentemente do país de imigração, a prática básica comum é a de proporcionar bem-estar para a família, sem necessariamente abandonar a realização de projetos pessoais e coletivos. O que é, ao mesmo tempo, fonte de orgulho para migrantes, seus familiares e comunidade na origem, mas, paradoxalmente, sentido ao mesmo tempo como uma carga excessivamente pesada por alguns.

Para uma maior fluidez da tese, dividimos o trabalho em duas grandes partes. Uma primeira em que tanto a pesquisa quanto a Casamansa foram apresentadas e contextualizadas, contendo, além desta introdução, os capítulos I - relativo à metodologia; II – referente à discussão teórica sobre migrações, III – atinente aos aspectos sócio-históricos e migratórios da Casamansa e de sua capital e IV - relativo às migrações contemporâneas em, para e da

⁴² No caso da CasaEspoir, cf.. <https://casaespoirs.org/activites-internationales/>

⁴³ Destacando que os *africanos cultivaram a noção ampliada de filiação e de família* (Sarr, 2021).

Casamansa, com destaque da região de Ziguinchor. A segunda parte trata da presença de *casankoolu* nas Américas. Assim, o capítulo V aborda o caso dos casankoolu no Brasil; o capítulo VI trata do caso do Canadá, e no capítulo VII é feita a comparação das migrações dos originários da região de Ziguinchor nos dois países das Américas, suas práticas transnacionais e seu impacto real e potencial sobre o desenvolvimento humano na região sudoeste de Ziguinchor. Por fim, foram feitas as considerações finais da pesquisa.

PARTE I – METODOLOGIA, TEORIA E CONTEXTUALIZAÇÃO

Apresentamos aqui o porquê desta pesquisa, seu recorte temporal e geográfico com sua justificativa, os principais envolvidos, como, onde foi realizada e porquê, bem como a relevância da comparação entre dois contextos diferentes, mas relacionados à imigração de casankoolu na transição entre os séculos XX e XXI. É nela que mostramos também a complexidade do fenômeno migratório, o que o torna inesgotável, em qualquer pesquisa, por mais abrangente que seja. É, portanto, o que permite entender a diversidade de teorias sobre migrações - algumas foram apresentadas - e a ausência de uma que pudesse pretender ser uma teoria geral das migrações. No debate teórico, mostramos a relevância da perspectiva transnacional, que permite expor, com mais evidência, a relação migração e desenvolvimento, sabendo que ela não é, por si só, suficiente para explicar o processo migratório dos casankoolu, sem o aporte de outras como a do sistema mundo, da nova economia da migração e da teoria das redes sociais migratórias. Por fim, é também nesta parte inicial que a Casamansa, uma região pouco conhecida nas Américas e cuja migração é também desconhecida, é apresentada em diversos aspectos relacionados ao desenvolvimento, sendo a migração no passado e na contemporaneidade um destes.

CAPÍTULO I – ASPECTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa doutoral sobre a migração internacional nas Américas foi iniciada em 2018 e concluída no último trimestre de 2023, sendo a tese defendida em 25 de março de 2024⁴⁴. Seu objetivo geral, como sugerido por Guengant (1996), é entender o significado da migração dos *casankoolu*, notadamente na contemporaneidade, a partir de suas práticas transnacionais desde dois grandes países das Américas: Brasil e Canadá. Baeninger (2012) destaca que a relevância da migração internacional está “hoje muito mais em suas especificidades, em suas diferentes intensidades e espacialidades e em seus impactos diferenciados (particularmente ao nível local) do que no volume de imigrantes envolvidos nos deslocamentos populacionais” (2012, p. 9). Aqui, trata-se notadamente de mostrar que a migração, socialmente tida como uma possibilidade de realização pessoal e coletiva, é um meio para contribuir ao desenvolvimento⁴⁵ humano em Ziguinchor, a região de origem, a capital da Casamansa. A análise deste desenvolvimento humano na Casamansa é feita a partir dos tipos de práticas e vínculos transnacionais dos *ziguinchorois* residentes nos citados países da América do Sul e do Norte.

Ela é de cunho qualitativo, na medida em que atribui especial atenção aos significados, busca entender um processo desde sua origem até sua origem, passando pelos lugares de trânsito e de destino dos principais envolvidos. Estudos qualitativos são aqueles que para Godoy (1995a, p. 62) “têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural”. Esta ótica defende que o fenômeno estudado seja “analisado numa perspectiva integrada” (GODOY, 1995b, p. 21). Ainda de acordo com esta autora este tipo de pesquisa é também *descritivo*, e no seu desenvolvimento o pesquisador atribui muita importância ao sentido que as pessoas envolvidas no fenômeno em questão dão a este. Neste sentido, a migração e as práticas transnacionais dos originários da Casamansa no Brasil e Canadá são objeto de descrição, análise, explicação e comparação, levando em conta o sentido que atribuem a sua migração e ao impacto de suas práticas na origem, com destaque para a dimensão social, e em menor medida para a econômica.

⁴⁴ Trata-se da segunda pesquisa acadêmica sobre o tema, considerando que defendemos, em novembro de 2016, uma dissertação de mestrado em Sociologia intitulada: *Imigração haitiana e política de acolhimento institucional na cidade de São Paulo: 2010-2015*, na Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP.

⁴⁵ Embora concordemos que “O desenvolvimento é um fenômeno total, que é necessário abraçar na sua totalidade [e que] nesta totalidade, os fatores cultura e educação são primordiais” (KI-ZERBO, 2009, p. 150), assinalamos que, embora busque mostrar sua complexidade, esta tese não pretende abranger a referida totalidade deste fenômeno.

Vale notar que para compreender esta migração e efetuar a comparação de dois contextos, falou-se antes da Casamansa e de sua região de Ziguinchor, contemplando aspectos explicitamente relacionados à questão migratória e ao desenvolvimento ou sua falta. Aspectos históricos, culturais, geográficos, sociais, econômicos, políticos abordados, neste sentido, são interconectados. Aliás, a experiência colonial mostra o vínculo existente entre a política, a economia e a cultura. Mas, pode-se dizer que foi antes de tudo demográfico, com consequências culturais, políticas e econômicas não negligenciáveis na Casamansa. Portanto, deve-se entender que a apresentação separada destes aspectos foi assim feita apenas “por motivos analíticos e expositivos, [sendo assim], uma simplificação conscientemente [feita] para ganhar clareza na apresentação” (RIBEIRO, 2000, p. 94), de certas características da Casamansa contemporânea.

Efetuar a comparação de dois contextos americanos – neste caso Brasil e Canadá, ligados a um contexto africano - é uma exigência do Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas. Portanto, atender a este aspecto conforma a tese às diretrizes de pesquisa que os trabalhos desenvolvidos neste PPG-ECsA devem seguir. A comparação, como sugerem Schneider e Schmitt (1998), é uma ferramenta fundamental para as Ciências Sociais, na medida em que permite identificar e superar as singularidades e a superficialidade na compreensão e explicação dos fatos sociais como as migrações. Para Morlino (2010), ela tem basicamente três funções: descritiva, explicativa e aplicativa. A atenção é dada à descrição e à explicação neste trabalho de comparar, buscando particularmente explicar as práticas transnacionais dos migrantes e os sentidos que atribuem a estas. Sartori (1991) e Morlino (2010) assinalam que a comparação é um método que possibilita o controle de generalizações pouco fundamentadas, pois viabiliza a elaboração de novas e mais pertinentes perguntas. Comparar a migração dos *casankoolu* no Brasil e Canadá permitiu que se ampliasse e aprofundasse a compreensão de uma migração complexa, porém comumente estudada como um problema ou um risco para os próprios migrantes e para os países que eles almejam alcançar, quando de forma irregular, assim como para a origem que perde parte de sua juventude.

1.1 - Recortes espaciais e temporal e as justificativas

A escolha e o foco na Casamansa se justificam principalmente pela relevância desta região em termos migratórios desde os tempos de ocupação colonial. Na contemporaneidade,

a dinâmica migratória envolvendo a Casamansa a coloca no centro da migração interna do Senegal, na transfronteiriça com a Gâmbia, a Guiné-Bissau e Guiné Conacri, e na migração internacional em África Ocidental, bem como na intercontinental entre África e Europa, mas também na migração e deslocamento interno por razões securitárias. A Casamansa recebe migrantes internos e internacionais, ao mesmo tempo, é lugar de partida dos mais diversos tipos de migrantes: ‘econômicos’, ‘acadêmicos’, ‘afetivos’, ‘políticos’, ‘ambientais’.

Entretanto, a literatura não reflete tal importância nem complexidade. O que constitui, a nosso ver, uma perda de oportunidade de enriquecer a discussão. Concordamos com Reiffen (2017) quando assinala que a maioria da literatura sobre a migração internacional senegaleses não faz menção à Casamansa, apesar das permanentes trocas internacionais desta região histórica com os países vizinhos, focando-se principalmente, e quase exclusivamente, na visível comunidade muride. Ao mencionar as origens dos migrantes senegaleses em seu livro *Riwan ou le Chemin du sable*, Ken Bugul (1999) fala que a maioria dos *Modu Modu*⁴⁶ são do Baol (Diourbel), Ndiambur (Louga)⁴⁷ e Cayor.

Apesar da afirmação de Kanté (2008) - e também de Ndione (2018) - de que as capitais regionais do Senegal se tornaram pontos de partida de emigrantes desde a década de 1990⁴⁸, o mapa a seguir ilustra que a Casamansa não figura nas regiões de origem dos emigrantes senegaleses. Neste sentido, o estudo ajudaria a romper com uma tradição interna de omissão ou de inclusão tácita ou marginal - talvez feitas por conta de sua “inexpressividade”⁴⁹ em relação às migrações do chamado *Bassin arachidier*⁵⁰, do Vale do Rio Senegal (Matam, Bakel e Podor)⁵¹ e, mais recentemente, da capital-região Dakar, das regiões de Thies, Louga e Diourbel - bem como de associação desta à clandestinidade migratória em direção à Europa.

⁴⁶ Comerciantes ambulantes e, de acordo com a autora, geralmente discípulos e adeptos do Muridismo. Eles consideram o país e a família como sagrados, e atenuavam a pobreza no país.

⁴⁷ Ver Tandian (2018, p. 85).

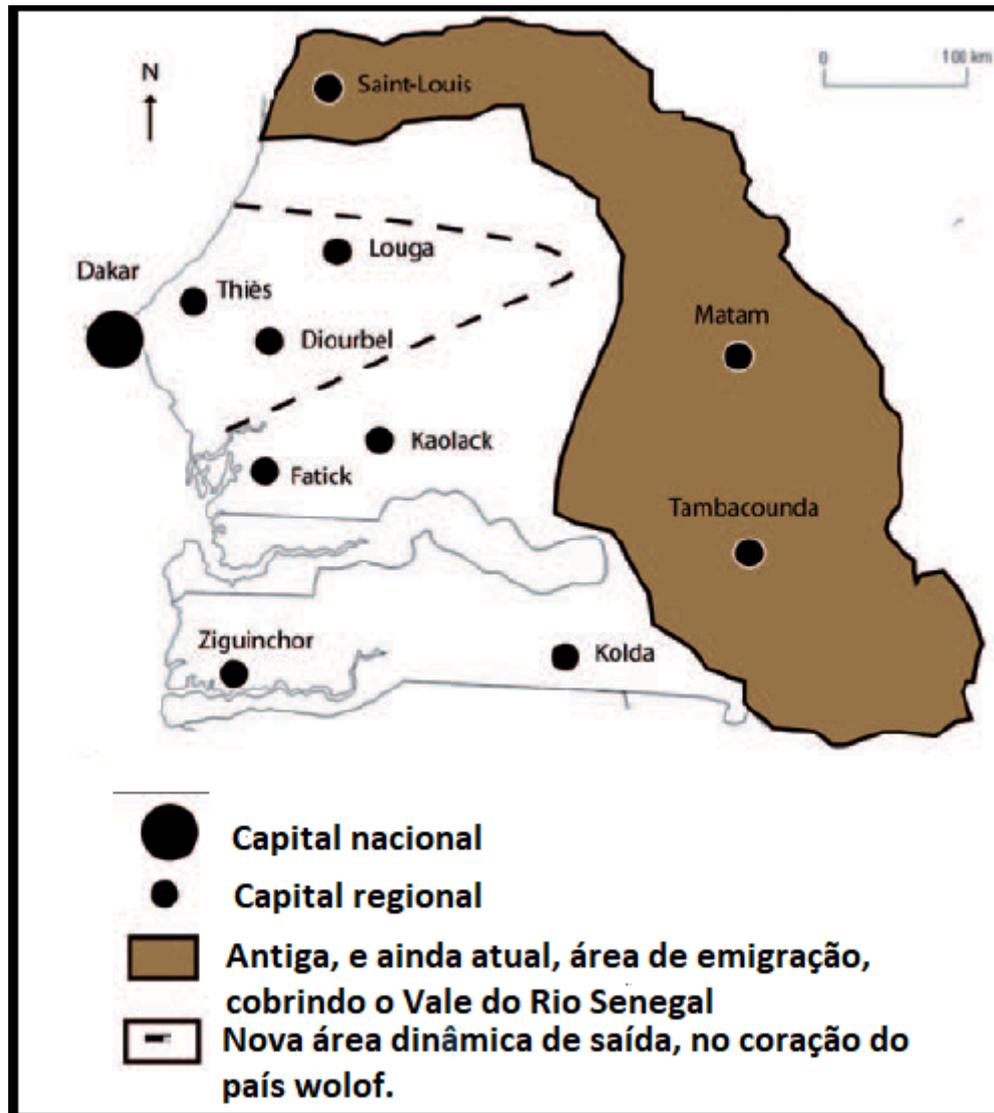
⁴⁸ “O centro de gravidade a emigração internacional se deslocou se deslocou das regiões de Matam, Tambacounda e Saint-Louis para regiões de Louga e Diourbel, de Thies e da aglomeração de Dakar” (KANTÉ, 2008, p. 17. Tradução nossa).

⁴⁹ O percentual de emigrantes oriundos de todas as regiões da Casamansa (10,5%) é comparável ao emitido unicamente pela região de Saint-Louis (10%) (NDIONE, 2018, p. 16. Tradução nossa).

⁵⁰ “Corresponde às regiões administrativas de Diourbel, Fatick, Kaolack, Louga e Thies. Cobre um terço da superfície do Senegal e abriga aproximadamente a metade da população” (DIONE et al., 2008, p. 7. Tradução nossa). O estudo de Sakho et al.(2017) publicado no Brasil é justamente sobre esta região.

⁵¹ Ver Tandian (2018, p. 85).

Mapa 1 - As regiões de origem dos emigrantes senegaleses



Fonte: KANTÉ, 2008, p. 17. Tradução nossa.

A escolha da região de Ziguinchor se deve ao fato que, como mostra a literatura, ela é a capital da Casamansa desde o século XX (Trincaz, 1984; Foucher, 2002) e tem uma estreita relação com a migração local, nacional e “internacional”, e isto, desde os tempos de ocupação colonial (Ndione, 2018; De Jonge et al., 1978; Trincaz, 1984; Foucher, 2002; 2005). De acordo com o último autor,

a importância das migrações de Baixa Casamansa faz da região uma verdadeira exceção no seio do Senegal [...] *em porcentagem de sua população*, a região de Ziguinchor é, de longe, a maior contribuidora de migrantes estabelecidos em Dakar, com uma comunidade que equivale a 12,6% da população regional; seguem Saint-Louis e Thies (FOUCHER, 2002, p. 389. Tradução nossa).

Além da migração interna, a região tem intensas relações com a migração internacional, porém permanece nas margens dos estudos migratórios sobre o Senegal. Os

estudos contemporâneos tendem a se focalizar na migração interna regional rural-urbana e para Dakar ou na emigração internacional desde a Casamansa retratada como uma migração *clandestina* e sem impactos positivos na origem. Diante da importância que as migrações internacionais vêm tendo sobre a origem dos principais envolvidos na contemporaneidade, é fundamental que o caso de Ziguinchor seja examinado.

Ziguinchor é escolhido também pelo fato que sua história é cabalmente representativa da histórica região da Casamansa. Importa acrescentar que ela esteve “isolada” e é politicamente “instável”, à semelhança do resto da Casamansa⁵², e é também a mais afetada desta pelo conflito armado (Desmarchelier, 2001), que hoje dura 41 anos completos. São estes alguns dos fatores que determinaram o recorte territorial que se limita à Baixa Casamansa como local principal para analisar o impacto social das práticas transnacionais dos migrantes internacionais oriundos dela, a partir dos entendimentos analisados destes últimos.

Quanto aos países americanos de residência temporária ou permanente ou de nacionalidade: Brasil e Canadá, pode-se dizer que ambos foram escolhidos por se tratar de dois casos que enriquecem a análise e a comparação, e, portanto, uma maior compreensão da emigração dos casankoolu. Estes países seguem sendo associados à imigração intercontinental e intracontinental, por terem recebido inúmeras pessoas oriundas da Europa, mas também da África sulsaariana. E, no tocante a esta imigração, ambos se esforçaram, em algum momento, para estancar a chegada de negros em seus territórios⁵³. Diversos estudos do OBMigra mostram que o Brasil é, sem dúvida, um dos que mais atraíram imigrantes de vários lugares do mundo, seja de países do “Norte”, seja do “Sul” ao longo da década de 2010 (Ver Araujo et al. (2016); Botega et al. (2016); Tonhati et al. (2018a); Tonhati et al. (2018b); Dieme et al. (2019a; 2019b)⁵⁴. Estes não chegam necessariamente pelas mesmas vias no país sul-americano. Para os originários do ‘Norte’ a via regular está aberta, quando para parte dos que vieram do ‘Sul’ a entrada no Brasil se fez de forma irregular⁵⁵. Quanto ao Canadá, o estudo de Fall (2014) e dados do governo canadense permitem que se perceba que ele atrai centenas de milhares de imigrantes de diversas origens por ano, nos últimos tempos, e isto, apesar de seu muito seletivo, caro e demorado processo de admissão de imigrantes.

⁵² Ver Cap. III

⁵³ Este assunto é desenvolvido nos capítulos IV e V.

⁵⁴ Os referidos estudos foram realizados pelo Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra) da UnB.

⁵⁵ Em 2020, no caso do Brasil, o número de emigrantes (1.897.128) superou o de imigrantes (1.079.708) (Ver Anexo 3.F).

Trata-se de dois países com perfis econômicos, demográficos, geográficos e culturais distintos e com políticas migratórias bastante diferentes. O simples fato de um dos países (Canadá) ser do “Norte Global” e “desenvolvido” e receber, sobretudo, senegaleses altamente qualificados, embora em números modestos, como mostra Fall (2014), quando o outro, o Brasil, pertence ao chamado “Sul Global” com seus países em desenvolvimento ou emergentes, recebendo migrantes em busca de formação ou trabalho melhor remunerado⁵⁶, em si, justificaria o exercício de comparar a situação e as práticas transnacionais dos *casankoolu* nos dois casos. Além disso, Brasil e Canadá pertencem, respectivamente, a categorias linguísticas distintas: um é oficialmente lusófono e o outro anglo-francófono⁵⁷, e adotam políticas migratórias distintas, o que enriquece a comparação.

Apesar destas diferenças entre eles, os dois países apresentam semelhanças, notadamente na sua relação com a imigração de populações negras no passado e na contemporaneidade, são destinos para *casankoolu*, particularmente a partir das últimas décadas do século XX⁵⁸. Em outros termos, ambos os países são destinos relativamente recentes e pouco procurados até o fim dos anos 1980 por originários da região de Ziguinchor, em particular, e por senegaleses em geral. Tal como no Canadá, no Brasil residem e trabalham ou estudam. O Brasil e o Canadá aparecem na literatura como destinos “alternativos” interessantes, inclusive, no caso do Canadá, para aqueles que já se encontram no exterior, em particular na França. De ambos os países americanos ocorrem práticas transnacionais de migrantes de cunho monetário, material e imaterial para a região de Ziguinchor, analisadas nos capítulos IV e V.

São estes elementos comuns e incomuns entre ambos lugares de instalação de *ziguinchorois* que ajudaram a entender tanto as práticas transnacionais declaradas quanto seu impacto na origem. De acordo com Sartori (1991), não faz sentido comparar duas entidades semelhantes em tudo, tampouco é pertinente fazê-lo com duas que são completamente diferentes. Ela afirma que: “Las comparaciones que sensatamente nos interesan se llevan a

⁵⁶ É preciso notar que além de trabalhar e/ou estudar no destino, os migrantes podem ser *consumidores de bens e serviços, investidores e empresários*, portanto, *contribuem frequentemente para a criação de novas oportunidades de emprego e para o alargamento da oferta de trabalho nas economias* (FERREIRA, 2017, p. 54). Eles contribuem também para a formação dos recursos humanos.

⁵⁷ Estas categorizações oficiais não devem impedir que se perceba a existência de línguas indígenas ainda faladas em ambos os países americanos.

⁵⁸ Nesta pesquisa, identificou-se, respectivamente, que a chegada contemporânea mais remota de um *casankoolu* no Canadá ocorreu em 1979 (Ver personagem ilustre, Anexo 7) e no Brasil em 1982.

cabo entre entidades que poseem en parte compartidos (similares) e en parte no compartidos (y declarados no comparables) (SARTORI, 1991, p. 35). A das referidas práticas transnacionais foi feita considerando as convergências e divergências.

1.2 - O marco teórico e unidade de análise

Em termos teóricos, é a perspectiva transnacional das migrações que norteia esta tese. De acordo com Rea (2021), ela foi formulada por Bash et al. [1994] na obra intitulada *Nations Unbound*, na qual questionam o entendimento de que os imigrantes se desvinculam de sua origem, ou seja, defendem que os vínculos entre migrantes e não migrantes são mantidos apesar da distância que possa existir entre eles. O transnacionalismo se inscreve, neste caso, nas trocas entre os dois contextos nacionais ligados pela migração. Nas palavras de Rea,

O transnacionalismo designa aqui o conjunto dos processos pelos quais os imigrantes tecem e mantêm relações sociais de todos os tipos (econômicas, políticas, religiosas, familiares, culturais, etc.) ligando sociedade de origem e sociedade de instalação, como mostra Levitt [2001] em sua obra sobre os Dominicanos instalados em Boston. A presença dupla, em vez de uma ausência dupla [Sayad, 1999] do modo de vida transnacional reconfigura também as relações de gênero e as relações de identificação (REA, 2021, p. 12. Tradução nossa).

Para Tandian (2018), é possível, antes da era numérica, isto é, já no tempo colonial, *identificar* “práticas de movimentos transfronteiriços [de migrantes] através de vastas áreas geográficas e cuja condição era de não pertencer a nenhuma nação em particular” (2018, p. 84. Tradução nossa). Neste sentido, a França é citada como uma referência do transnacionalismo senegalês relacionado à *negritude*, mais precisamente à *corrente literária e política* deste movimento (Tandian, 2018). Determinadas práticas transnacionais de migrantes, de cunho econômico, social, cultural, tecnológico ou político permitem ligar as sociedades de origem e de destino (Portes, 2005; 2007 Rea, 2021; Ndione, 2018; Cavalcanti e Parella, 2015; Cassarino, 2013; Tolentino, 2009; Lacroix et al. 2008; Sasaki e Assis, 2000; Assis, 2002; Hall, 2003; Tandian, 2018). Esta abordagem, conjugada particularmente com a teoria de redes sociais⁵⁹, é fundamental para manter em vista a conexão entre origem e *destino* na análise da contribuição dos imigrantes para o desenvolvimento humano no seio das famílias e comunidades na região de Ziguinchor. Neste sentido, a perspectiva transnacional possibilita a reflexão sobre o desenvolvimento endógena com a participação de elementos internos localizados no exterior.

⁵⁹ As redes sociais migratórias têm geralmente parte de seus componentes na origem e parte no exterior.

Na análise da relação entre estes respectivos lugares canadense e brasileiro e a região de origem dos migrantes, foram privilegiadas as remessas, que são apresentadas como práticas transnacionais monetárias, materiais e imateriais recorrentes entre migrantes intercontinentais africanos (Silva, 2018; Fall, 2017; Bazonzi, 2015; Gueye, 2014). As remessas em questão, quando envolvem ações individuais, familiares ou coletivas de associações e voltadas para alguma forma de “produção”, são aqui entendidas como remessas econômicas. São entendidas aqui como remessas sociais aquelas que são monetárias, materiais ou imateriais e voltadas para a educação formal, a formação profissional, a saúde, o alojamento ou a alimentação no seio das famílias e/ou comunidades locais. Parte delas envolve, como diz Tolentino (2008) o compartilhamento de conhecimentos e competências *adquiridos no exterior*. Compartilhamento este, que ora ocorreu mediante o retorno provisório, definitivo ou virtual. Ambos os tipos de remessas envolvem ações individuais, familiares ou coletivas. Ciente da porosidade existente entre as remessas ditas produtivas e sociais, esta divisão levou em conta o entendimento que os *ziguinchorois* em questão têm sobre a ideia de desenvolvimento para e na origem.

Referindo-se a Portes [1999], Rea (2021) admite que o diálogo entre teorias é possível, e aliás aponta a estreita relação entre transnacionalismo e redes sociais, dizendo que para Portes “as redes sociais comunitárias estão na base da formação de comunidades transnacionais” (REA, 2021, p. 12. Tradução nossa). Contudo, este autor entende que a escolha teórica pelo transnacionalismo estaria privilegiando a *agentivité/agência* dos migrantes.

A unidade de análise desta pesquisa é a pessoa originária da região de Ziguinchor, que tem vínculos de parentesco no Senegal, seja ela migrante no Brasil ou no Canadá ou retornada de um destes países e instalada no país de origem. Bourdieu assinala que a sociologia ensina que, embora tenham suas responsabilidades, homens e mulheres agem dentro de estruturas que definem suas possibilidades ou impossibilidades, de acordo com o lugar que cada um ocupa nas referidas estruturas (Bourdieu, 1997). Em outras palavras, queremos dizer que o foco da análise está na pessoa migrante, enquanto ser social, e nas suas práticas relacionadas e destinadas à promoção do desenvolvimento humano em sua região de origem, considerando, no entanto, o contexto em que estão aquelas ainda em condição de migrante e os que, pelo retorno, efetuaram, entre outras, o que a literatura chamou de *remessas imateriais*, que inclusive podem ocorrer com retornos virtuais.

Não se pretende com isso responsabilizar os migrantes e os retornados pelo desenvolvimento humano regional. Pois, como bem ressalta a literatura (Bazonzi, 2015; Saucedo e Gutiérrez, 2012), vários fatores devem existir para que o *impacto econômico da migração* possa ocorrer, ainda assim, à guisa de contribuição na origem. É aliás o que sugere a palavra “contribuição” usada pela Associação *CasaEspoir* de casankoolu no Canadá, que deixa evidente que um dos seus objetivos não é carregar, mas *Ajudar e participar do desenvolvimento da Casamansa em todos os âmbitos: educação, saúde, etc.* Bazonzi (2015) e Saucedo e Gutiérrez, (2012) chamam a atenção para o fato que as remessas não têm vocação de solucionar problemas econômicos e políticos estruturais. Portanto, não se entende que aos migrantes incumba a tarefa de promover, sozinhos, o desenvolvimento humano, que implica desenvolvimento social, econômico e científico, de seus países, regiões ou localidades de origem. Diversos estudos (Zamora, 2007; Portes, 2007; Bazonzi, 2015; Tolentino, 2008) apontam que esta responsabilidade é principalmente do Estado. Nas palavras da última, “A promoção do desenvolvimento deverá continuar a ser, no geral, responsabilidade do Estado e não da diáspora⁶⁰” (TOLENTINO, 2008, p. 14).

1.3 - Fontes de dados e procedimento de coleta

As fontes são primárias e secundárias. Para realizar a pesquisa, a literatura sobre a migração de casankoolu em particular, e senegalesa em geral, foi consultada. Para tanto, a internet foi uma aliada fundamental, permitindo o acesso a um amplo leque de publicações acadêmicas e de documentos oficiais de Estados, agências públicas e organizações internacionais ou regionais. O que não dispensou a compra de livros científicos e literários sobre migrações para e do Senegal, em particular. A leitura dessa literatura foi fundamental, na medida em que permitiu perceber que estudos amplos e aprofundados sobre a migração internacional desde a Casamansa não são abundantes. A respeito, deve-se notar, aliás, que, como fruto de preocupação científica, o primeiro Perfil Migratório do Senegal foi publicado em 2009 e seu segundo em 2018 (Ndione, 2018). Dados estatísticos relativos a migrantes internacionais de Casamansa foram retirados basicamente destas fontes. Consultou-se, via internet, documentos oficiais nacionais senegaleses como os da ANSD; da organização

⁶⁰ À diáspora é vinculada a ideia de migração sedentarizada, associação, identidade e cultura, e práticas de reconexão com a origem (Hall, 2003; Bazonzi, 2015; Saucedo e Gutiérrez, 2012). Ser diáspora é aqui entendidos como estar no exterior, contar para os do interior, e manter com eles relações mediante práticas transnacionais, individuais ou coletivas. Quando coletivas, estas práticas podem envolver pessoas em diversas localidades do mundo.

sub-regional: a CEDEAO; da França; do Brasil e do Canadá, bem como de instituições internacionais como o Banco Mundial (BM), a ONU e a UE. Diante do objetivo de se fazer um estudo aprofundado, incorporou-se o audiovisual - com foco nas intervenções de especialistas em migrações internacionais e, no caso do cinema, nos filmes de Sembène Ousmane - a literatura romanesca, os contos e canções de artistas africanos. Esta escolha ampliada é pertinente na medida em que o cinema senegalês se interessou pela migração internacional de casankoolu desde a década de 1960, com a realização do filme *La Noire de...* em 1966, e nas seguintes com o lançamento de *Emitai* em 1971 e *Camp de Thiaroye* em 1988, filmes que destacam a brutalidade do chamado colonizador, permitindo perceber a relação entre este processo e a imigração francesa na Casamansa (Norte-Sul), por um lado, e a migração de casankoolu dentro da África e para a França (Sul-Sul e Sul-Norte), por outro.

Quanto à coleta de dados primários no campo, ela foi desenvolvida por meio de entrevistas semiestruturadas gravadas. Nossa condição de *ressortissant* senegalês, originário da Casamansa, e residente no Brasil há mais de duas décadas e com alguma experiência em pesquisas sobre migrações internacionais constituiu uma vantagem na realização das entrevistas, visto que obtivemos as informações de que precisávamos sem recorrer a perguntas inconvenientes, entre nós, do tipo: Quando ganha? O outro meio de obtenção destes dados foi a observação participativa - no Brasil - tanto presencial, com visitas e conversas com migrantes; trabalho como mesário em Brasília nas eleições senegalesas em 2019 e 2022 e votante nestas e na de 2024; recebimento, transporte e encaminhamento de objetos para casankoolu no exterior ou para seus parentes no Senegal, etc., quanto virtual, neste caso, em grupos de *WhatsApp* de senegaleses no Brasil; sites de associações; em reuniões de migrantes originários da Casamansa, e do Senegal em geral.

Deve-se assinalar que participamos presencial e virtualmente de eventos relacionados ao tema, registramos fotos. O que condiz grandemente com o entendimento de Godoy (1995a) e Duarte (2004) que sustentam que a coleta de dados no campo de pesquisa qualitativa pode recorrer a filmagem, a gravação, tomada de notas, entrevistas, observações, consultas a documentos de diversos tipos, organização de grupos focais ou aplicação de questionários, entre outras. Usou-se, em parte deste trabalho de investigação, a “própria pessoa como o instrumento mais confiável de observação, seleção, análise e interpretação dos dados coletados” (GODOY, 1995a, p. 62).

No Brasil, assim como Senegal, foi possível visitar, conversar, observar, e entrevistar presencialmente parte dos nossos interlocutores. No entanto, outra parte, que constitui a

maioria, foi entrevistada à distância por meio do aplicativo *WhatsApp*. No tocante ao Canadá, todas pessoas que colaboraram com a pesquisa foram entrevistas à distância, mediante o referido aplicativo⁶¹. Em suma, as pessoas informantes se localizavam em dois países americanos e em um africano (Brasil, Canadá e Senegal). Trata-se, portanto, de uma metodologia multisituada, que demandou uma pesquisa de campo (presencial e/ou virtual) nos mencionados países americanos e em duas regiões do Senegal: Dakar e Ziguinchor. Como diz Rivero (2017)⁶², esta metodologia não estaria preocupada em comparar os diferentes lugares de campo do pesquisador, mas sim em “construir un diseño de investigación que capte las vinculaciones entre diferentes localizaciones, que den cuenta del universo en el que los migrantes entretejen relaciones sociales” (RIVERO, 2017, p. 332), culturais, econômicas e políticas.

Nas Américas, foram entrevistadas dezenove (19) casankoolu. Mas ao todo, foram realizadas vinte e cinco (25) entrevistas semiestruturadas com casankoolu, residentes no Brasil, Canadá, Senegal e França, buscando captar, dentre outros, o motivo da emigração, toda a trajetória migratória, as condições de residência e ocupação, e as práticas transnacionais e seus efeitos nas famílias, comunidades e região de origem. Estas entrevistas gravadas foram efetuadas com onze (11) residentes no Brasil, além dos quais uma com uma Autoridade Diplomática Senegalesa, oito (8) no Canadá, além dos quais uma com um senegalês não originário da Casamansa, cinco (5) no Senegal, e um (1) na França. Portanto, importa notar que além destas vinte e cinco (25) entrevistas com casankoolu, foram gravadas quatro (4) outras concedidas por senegaleses originários de regiões do “Norte”⁶³. Conversamos em Dakar sobre o assunto com mais três pessoas residentes na capital-região, das quais duas retornadas do Brasil e uma da França. É preciso registrar também que no decorrer do doutorado, entrevistamos, sem gravar, cinco (5) casankoolu, dos quais dois (2) residentes na Alemanha, um (1) na Espanha e dois (2) na França⁶⁴, preocupados, naquela ocasião, em

⁶¹ A Pandemia de Covid-19 que iniciou no mundo no primeiro trimestre de 2020 e afetou significativamente todos os continentes, em graus diferentes, levou muitos países a fecharem suas fronteiras e, posteriormente, a erguer barreiras sanitárias que dificultam a mobilidade internacional de pessoas, sobretudo, daquelas de países aos quais já se aplicava o chamado “risco migratório”.

⁶² Baseando-se em Marcus (2001) e Hannerz (2003).

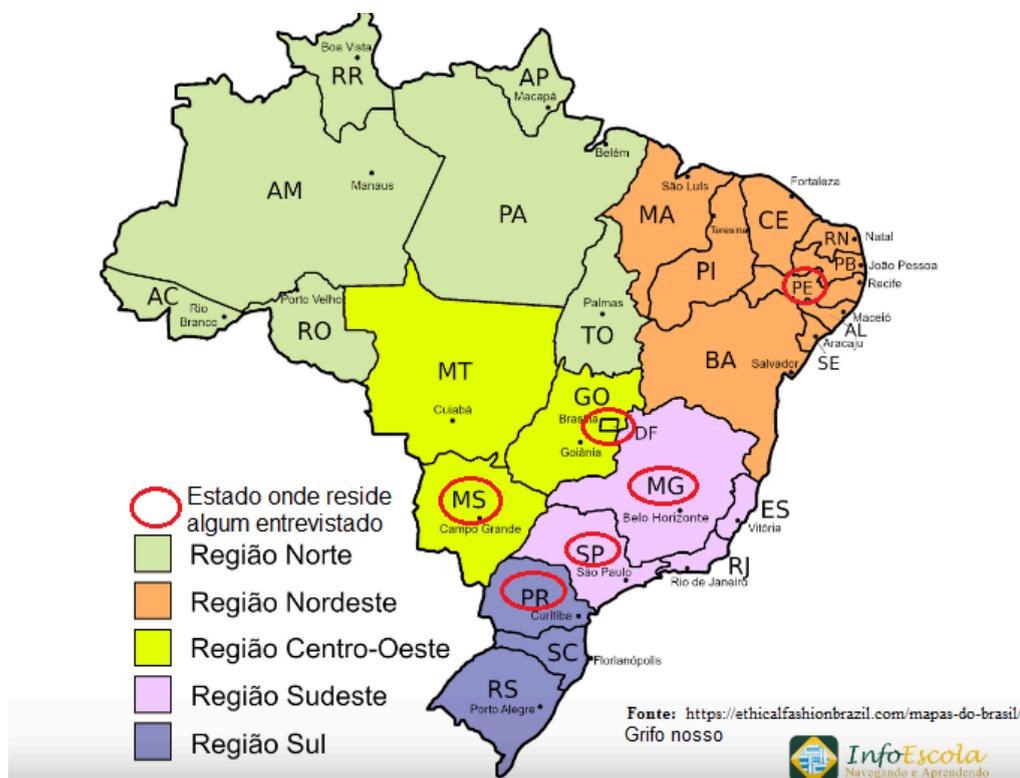
⁶³ Notemos que não se perguntou a origem regional do informante do Ministério de Assuntos Estrangeiros e dos Senegaleses do Exterior, nem de uma das Autoridades Diplomáticas entrevistadas no Brasil e no Senegal. Dos dois entrevistados do “Norte” em questão, uma é retornada do Brasil e reemigrou para a Nigéria, e outro residente no Canadá. O objetivo destas entrevistas extras era observar e se informar mais para assim melhor efetuar a comparação.

⁶⁴ Na época, não gravamos as entrevistas com casankoolu residentes na Europa, salvo uma.

entender o significado da relação entre migração e circulação de objetos entre destino e origem⁶⁵. O que eleva para 37 o número de pessoas interlocutoras ao longo dos seis anos de pesquisa, considerando as perturbações impostas pela crise sanitária mundial provocada pelo *vírus Sars-Cov-2*, um tipo de coronavírus que transmite a COVID-19, levando a Organização Mundial da Saúde (OMS) a declarar pandemia no dia 11 de março de 2020 (Cavalcanti e Oliveira, 2020b, p. 17).

No tocante ao Brasil, procurou-se conversar com casankoolu de diversas regiões do país e em situações diferentes. Nas respectivas datas de entrevistas, os trabalhadores *ziguinchorois* residiam nos seguintes Estados brasileiros: Mato Grosso do Sul: dois (2), Minas Gerais: três (3), Paraná: um (1), Pernambuco: um (1), Rio Grande do Sul: dois (2), São Paulo: um (1) e no Distrito Federal: um (1), destacados no mapa a seguir. Antes e durante o processo da pesquisa, mantivemos contato com o professor da UFRRJ Alain Pascal Kaly, originário de Ziguinchor e residente no Rio de Janeiro. Portanto, quatro das cinco regiões do Brasil tiveram pelo menos uma pessoa oriunda da Casamansa entrevistada.

Mapa 2 - Localização geográfica dos entrevistados no Brasil [2018-2022]



⁶⁵ Este trabalho resultou na publicação, em coautoria, do artigo *Circulação transnacional de objetos e reprodução social envolvendo migrantes senegaleses* na revista *Contemporânea*, v. 11, n. 1 p. 067-094 Jan.-Abr. 2021, citado nesta tese.

No tocante ao Canadá, o foco foi a província francófona do Quebec, sabendo que é o lugar de concentração da *comunidade* estrangeira falante da língua francesa - o que inclui os originários da Casamansa em particular. Como indicado Fall (2014), “A maior parte dos senegaleses se instalaram em Quebec, atraídos pelo caráter francófono da província” (p. 13. Tradução nossa). Esta província dispõe, desde 1991, de uma autonomia na sua política imigratória centrada na atração de trabalhadores francófonos do mundo. Esta autonomia só se entende num contexto de oficialização da língua francesa menos de duas décadas antes. “A Lei 22 (1974) e a Lei 101 (1977)⁶⁶ fazem do francês a língua oficial do Quebec. Elas apoiam também a promoção do francês como língua comum da sociedade civil.” (WARREN e LANGLOIS, 2020, s/p. Tradução nossa).

Quebec, assim como a Casamansa⁶⁷, é também uma província (não a única canadense) associada ao separatismo⁶⁸ (Ver Foot, 2006). “No Canadá, o termo é, desde os anos 1960, frequentemente associado a diversos movimentos ou partidos do Quebec, sendo os mais conhecidos o *Parti québécois* (PQ) e o *Bloc québécois* (Bloc)”. (FOOT, 2006, s/p. Tradução nossa). De acordo com este autor, o separatismo quebequense data do século XIX, com primeiros sinais em 1837. Tal como na Casamansa, este separatismo teve altas e baixas. Assim, os anos 1950 e 1960 são referidos pelo autor como de ressurgimento do movimento separatista do Quebec. As décadas de 1980 e 1990, momentos expressivos do separatismo na Casamansa, também foram marcantes no caso do Quebec com a realização do referendo sobre a “soberania-associação” em 1980 e sobre a soberania em 1995 (Ver Foot, 2006).

No caso do Canadá, buscou-se também levar em conta diferentes perfis de casankoolu. Nas respectivas datas de entrevistas, sete (7) dos trabalhadores *ziguinchorois* residiam na referida província, nas cidades de Chambly: um (1), Montréal: três (3), Laval: um (1),

⁶⁶ “Em 1974, o governo liberal de Robert Bourassa implementou a lei 22. Esta declara que o francês é a língua oficial de Quebec. A nova lei obriga qualquer imigrante que chega ao Québec a se inscrever em uma escola de língua francesa. Uma nova lei sobre a língua aparece nos mais altos níveis das prioridades do Partido Québécois, que chegou ao poder em 1976 sob a direção de René Lévesque. Em 1977, o partido introduziu o projeto de lei 1. Este é fortemente apoiado pelos grupos nacionalistas e as organizações sindicais cujos membros francófonos desejavam beneficiar de um melhor acesso aos empregos. A iniciativa do PQ encontra uma oposição igual dos dirigentes das empresas e da população anglófona da província. Este primeiro projeto de lei foi retirado após as pressões exercidas pela Oposição liberal, mas ele reaparece sob a forma do projeto de lei 101. Introduzido por Camille Laurin, a lei 101 faz do francês a língua oficial do governo do Quebec e da sociedade quebequense. O ensino do francês se torna obrigatório para imigrantes. É o caso inclusive para aqueles e aquelas provenientes de outras províncias canadenses. Uma exceção é possível quando existe um « acordo de reciprocidade » entre Quebec e a província de origem.” (BEHIELS e HUDON, 2013, s/p. Tradução nossa).

⁶⁷ A respeito da Casamansa, ver Capítulo III, em particular o item 3.3 - Casamansa e Ziguinchor contemporâneas.

⁶⁸ “O separatismo designa a promoção da separação ou da secessão de um grupo ou de um povo de uma unidade política maior à qual pertence. Nos tempos modernos, o separatismo foi frequentemente associado a um desejo de liberdade que decorre da percepção de uma opressão colonial” (FOOT, 2006. Tradução nossa).

Québec: um (1), Trois-Rivieres: um (1) e na província anglófona da Colúmbia Britânica: um (1), como destacadas no mapa a seguir. Procurou-se entrevistar o máximo de pessoas da região da Casamansa no Brasil e Canadá. Não tivemos êxito em nossas repetidas tentativas de entrevistar uma pessoa refugiada no Canadá, embora tenhamos conversado algumas vezes com ele. Após várias tentativas, chegamos a combinar uma data para efetuar a entrevista, mas na véspera desmarcou se justificando e, posteriormente, ele não respondeu mais a nosso contato. Contudo, já havíamos tido a oportunidade de conversar longamente com sua filha, no decorrer do mestrado, sobre o processo migratório daquela família. Em um caso, ficamos sem respostas complementares de uma entrevistada, também residente no país nórdico. Embora modesto, o efetivo permitiu perceber que praticamente não apareciam elementos totalmente novos tanto no processo migratório quanto nas práticas transnacionais dos casankoolu.

Mapa 3 - Localização geográfica dos entrevistados no Canadá (2021-2022)



N.B.: A inserção da fonte e do destaque nas duas províncias é nossa.

A propósito do efetivo dos possíveis informantes a entrevistar, Duarte (2002) assinala que este não é uma questão menor.

Numa metodologia de base qualitativa o número de sujeitos que virão a compor o quadro das entrevistas dificilmente pode ser determinado a priori – tudo depende da qualidade das informações obtidas em cada depoimento, assim como da profundidade e do grau de recorrência e divergência destas informações. Enquanto estiverem aparecendo “dados” originais ou pistas que possam indicar novas perspectivas à investigação em curso, as entrevistas precisam continuar sendo feitas (DUARTE, 2002, p. 143-144).

Optou-se pelo tipo semiestruturado de entrevista porque ele favorece ao pesquisador obtenção de informações necessárias, mesmo em caso de não familiaridade com a pessoa informante, e dá a ele a possibilidade de se incluir novas questões que julgar pertinentes ou de solicitar esclarecimentos sobre algumas das anteriormente abordadas. Estas qualidades são apontadas por Queiroz (1998 *apud* DUARTE, 2002, p. 147), que advoga que a entrevista semiestruturada é

uma técnica de coleta de dados que supõe uma conversação continuada entre informante e pesquisador e que deve ser dirigida por este de acordo com seus objetivos. Desse modo, da vida do informante só interessa aquilo que vem se inserir diretamente no domínio da pesquisa (Ver DUARTE, 2002, p. 147).

Para Duarte (2004), “Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados” (p. 215). De fato, por este meio, foi possível mapear as práticas transnacionais e as crenças relativas dos ziguinchorois em questão.

As entrevistas foram, em sua maioria, realizadas quando as pessoas colaboradoras informantes se encontravam em sua residência⁶⁹. Ao entrar em contato com elas, lhes perguntei o dia e horário mais convenientes para elas. Em geral, indicam a hora em que se encontram em casa. O que confirma, na maioria absoluta dos casos, a afirmação de Duarte (2002, p. 145-146) segundo a qual “Em ambiente doméstico, privado, parece haver mais liberdade para expressão das idéias e menos preocupação com o tempo. Por essa razão, essas costumam ser entrevistas mais longas e, de modo geral, mais densas e produtivas”⁷⁰. Devo,

⁶⁹ Não me desloquei até a casa das pessoas informantes, no entanto, ao entrar em contato com elas, lhes pergunto o dia e horário mais convenientes. Em geral indicam a hora em que se encontram em suas residências. Devo, entretanto, assinalar que estar em casa, embora mais cómodo, não significa isenção de prováveis interrupções durante a entrevista, sobretudo quando a informante é uma mãe com criança(s). O pesquisador também pode ser interrompido no decorrer da entrevista por um familiar, como me ocorreu.

⁷⁰ Fazendo o balanço das entrevistas que aplicamos, percebe-se que aquilo se confirmou nesta pesquisa. No entanto, como a maioria das entrevistas foram realizadas à distância e em tempos de confinamento ou de *home office*, parte delas foram perturbadas por algum membro da família, principalmente crianças pequenas. Interrupções ocorreram de ambos os lados. Por duas vezes, em Bignona, tive que pedir desculpas à pessoa que estava entrevistando por ter sido interrompido por um membro da família ou uma visita.

entretanto, assinalar que estar em casa, embora mais cómodo em termos de disposição, não significa isenção de interrupção momentânea ou de perturbação durante a entrevista, pois tais fatos, embora raros, no Brasil, bem como no Senegal, na entrevista de um pai, e no Canadá, no decorrer das respectivas entrevistas de duas mães, com criança pequena. Na condição de pesquisador, também fui interrompido em casa, em Bignona, no decorrer de duas entrevistas, por familiares e por uma visita.

Importa assinalar que não me desloquei até a residência de ninguém, em grande parte por causa das restrições relativas à Covid-19, até então vigentes para viagens ou da opção de evitar encontros presenciais por parte de quem aceitou colaborar concedendo-me uma entrevista, mas conversei presencialmente com duas (2) das quatro (4) pessoas - das quais uma entrevistada em Dakar - e com duas pessoas em Ziguinchor, ambas entrevistadas, mas só uma em presencial, em locais escolhidos por estas pessoas. Ou seja, a residência nem sempre se revelou mais cômoda para conceder entrevista. Fora dela, foram entrevistadas pessoas em café ou em local de trabalho como embaixada (no Brasil) e ministério (no Senegal).

A primeira entrevista foi efetuada em 23 de novembro de 2018, concedida por uma autoridade diplomática, após contato por e-mail com a Embaixada do Senegal em Brasília. Para a identificação dos demais informantes entrevistados, iniciei o diálogo com quatro (4) pessoas conhecidas, oriundas de Casamansa, que residem no Brasil ou no Canadá e com as quais eu vinha conversando a respeito dos mais diversos assuntos, mas sobretudo acadêmicos. Duas (2) delas me concederam posteriormente uma entrevista e sigo conversando regularmente com três (3) até a presente data, sendo duas (2) no Brasil e uma (1) no Canadá. Nesse sentido, não se tratou literalmente da técnica metodológica *snowball sampling* ou “Bola de Neve” (Baldin e Munhoz, 2011), embora esta seja uma que facilita a identificação do universo de pessoas com as quais o pesquisador quer dialogar. De acordo com estas autoras:

Essa técnica é uma forma de amostra não probabilística utilizada em pesquisas sociais onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto (o “ponto de saturação⁷¹”) (BALDIN E MUNHOZ, 2011, p. 332).

Tratando-se de uma pesquisa sobre migração internacional, neste caso, os elementos comuns que tornaram possível e facilitaram a indicação da maioria dos informantes por uma

⁷¹ “Quando já é possível identificar padrões simbólicos, práticas, sistemas classificatórios, categorias de análise da realidade e visões de mundo do universo em questão, e as recorrências atingem o que se convencionou chamar de “ponto de saturação”, dá-se por finalizado o trabalho de campo, sabendo que se pode (e deve) voltar para esclarecimentos” (DUARTE, 2002, p.144).

minoria a colaborar com a pesquisa seriam a origem nacional e regional comuns, a condição migratória, laços familiares, de amizade ou a categoria profissional. No contexto senegalês, nenhum entrevistado indicou outro. Quatro dos entrevistados eram conhecidos, os dois outros foram indicadas, respectivamente, por um funcionário de uma ONG sediada em Dakar e que trabalha com migrações internacionais, e por um diplomata senegalês que trabalhou anteriormente no Brasil⁷².

Nos três contextos de pesquisa, os cinco contatos iniciais (quatro profissionais da educação e um da diplomacia) que eu já conhecia pessoalmente não se viam como elegíveis para serem entrevistados. Cada um deles indicou pelo menos uma pessoa com experiência migratória e, posteriormente, recebeu o convite para colaborar pessoalmente como entrevistado. Ou seja, duas destas pessoas não foram entrevistadas. Dentre as que foram entrevistadas, duas (uma no Brasil e outra no Canadá) demonstraram espontaneamente a necessidade, e fizeram a gentileza, de me indicar *ziguinchorois* residentes no mesmo país ou em outro, com perfis diferentes dos deles próprios, para serem entrevistados.

Algumas das pessoas entrevistadas são profissionais do ensino superior ou médio, outras trabalham no ramo da segurança, da alimentação, na área de tecnologia da informação e comunicação, da limpeza ou do comércio. Se a maioria tinha pelo menos concluído o ensino médio, houve uma pessoa que fez algo semelhante à Educação de Jovens e Adultos (EJA). Ao todo foram entrevistados de forma aprofundada mais homens (68,5%) do que mulheres (31,5%) dos dezenove (19) oriundos da Casamansa e residentes nas Américas. No Senegal todos os entrevistados são homens.

Os entrevistados pertencem às etnias *fula/pullo/fulbe*, *joola/diola/kujamaat*, *mancanhe/Baúla*, *Tuculer*, *Mandinkoolu/Malinké/Dioula*, *Sereer* ou *wolof*⁷³. A respeito do termo etnia, nos limitamos a duas fontes cujas definições ajudam a entender seu significado. “[...] etnicidade é uma forma de organização social, baseada na atribuição categorial que se classifica as pessoas em função de sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores” (Poutignat e

⁷² Ambos não eram da Casamansa. Com o Funcionário de uma ONG, tivemos a oportunidade de conversar sobre migração e sobre o trabalho das ONGs, suas relações com aquelas de europeus no país.

⁷³ De acordo com as Constituições do Senegal de 1963 [na Lei nº 78-60 du 28 de 1978] e 2001, “As línguas nacionais são: *diola*, *malinké*, *pular*, *sérère*, *soninké*, *wolof*” (KEBE et al., 2021c; 2021d. Tradução nossa). Na última Constituição, foi acrescentado: “e qualquer outra língua nacional que vier a ser codificada” (KEBE et al., 2021d, p. 89. Tradução nossa). Na Constituição de 1960, não há menção de línguas nacionais, apenas do francês, que é a língua oficial (Ver KEBE et al., 2021b).

Streiff-Fenart, 2011 Apud RONCATO, 2013, p. 202). Na ocasião da *1ª Conferência Nacional Sobre Cultura*, em 1993 em Maputo, M'Bokolo, em sua fala, sublinhou que entre 1958 e 1963, “quando se falava em África de etnia, de etnicidade e de tudo que lhe é relativo, tribalismo, regionalismo, micro nacionalismo, separatismo, se falava disso como de um mal absoluto” do qual era imperioso se livrar para entrar na modernidade. Mas trinta anos depois (1988-1989), a etnicidade voltou a ser assunto, porém como algo positivo (M'Bokolo, 1993, p.1). A palavra para designar etnia na maioria das línguas bantu, diz este historiador, é a mesma para nomear nação, cidadania, origem. E no século XIX, nelas o colonizador enxerga características da nação, chega a vê-las inclusive como nações, mas menores e menos acabadas, mais arcaicas que nações verdadeiras, europeias. “As etnias eram no fundo nações rebaixadas” (p. 4). A guisa de conclusão, a etnia é “uma noção imprecisa na definição de seus conteúdos e de seus limites, instável, e seu sentido evoluiu com o passar do tempo” (AGIER, 2001, p. 13).

Os entrevistados da Casamansa falam pelo menos três idiomas e são muçulmanos ou cristãos. Se Ziguinchor é a região de origem para todos aqueles da Casamansa, os departamentos diferem para alguns, sendo o de Ziguinchor o menos representado. Convém notar que a unanimidade de pertencer à Casamansa não significa que todos tenham nascido em alguma das regiões que a constituem. De igual modo, fazer parte de uma associação de casankoolu não significa necessariamente ser da região ou mesmo ser senegalês, já a CasaEspoir admite simpatizantes e amigos como membros.

Nas Américas, as entrevistas foram realizadas em uma (ou mais) dessas línguas: francês, joola, português. A mistura dos três idiomas ocorreu numa delas realizada com um retornado residente em Ziguinchor, mas que havia morado respectivamente no Brasil e na França. Na maioria das oito (8) entrevistas com residentes no Canadá, o francês foi o único idioma falado. Ele foi misturado com diola em três outras entrevistas. Consideradas em seu conjunto, incluindo a com a A.D.S, a maioria, sete (7) das doze (12) entrevistas concedidas por residentes no Brasil foram feitas exclusivamente em francês ou misturado com joola. Este idioma aparece em seis (6) delas, e exclusivamente em quatro (4). A língua portuguesa que aparece três vezes, foi usada exclusivamente em uma entrevista, neste caso.

Estes procedimentos permitiram entender melhor a migração contemporânea da região da Casamansa, com forte e complexa relação estrita com a migração do Senegal, mas com sua particularidade, considerando dois contextos americanos. A combinação do olhar diacrônico e sincrônico evita uma análise simplista da migração de uma região historicamente marcada por

este fenômeno e cujo contexto migratório particular permanece pouco estudado. Portanto, entende-se que esta pesquisa tem o potencial de contribuir significativamente para uma maior compreensão dessa migração contemporânea, e, conseqüentemente, para os estudos migratórios no Brasil, no Canadá e no Senegal, notadamente. Deve-se perceber que não há estudos aprofundados sobre migração internacional de casankoolu com estas características e abrangência. Ao considerar as práticas transnacionais dos *ressortissants* de Ziguinchor a partir de dois países das Américas, pensa-se no desenvolvimento humano de si para si (coletivo), como sustentam Ki-Zerbo (2009) e Sarr (2021), considerando a ideia de comunidade multissituada e a contribuição dos seus elementos localizados no exterior - sem responsabilizá-los por isso - na melhoria das condições de vida em sua origem. Esta tese permite perceber que no Senegal, há migrações que se iniciam fora da área do *Vale do Rio Senegal*, do *Bassin arachidier*, e da *Nova área dinâmica de saída, no coração do país wolof*⁷⁴, e cuja função, analisada a partir da presença e práticas transnacionais de *ziguinchorois* entre as Américas e o Senegal, traz novos elementos de análise e compreensão da migração para a comunidade científica.

⁷⁴ Sobre estas áreas rever o *Mapa 1*.

CAPÍTULO II – CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Algumas das diversas abordagens sobre migrações adotam uma ótica macroestrutural, quando outras são micro-individuais (Piché, 2013). A estas se somam as abordagens do gênero, das redes sociais (Piché, 2013; Rea, 2021; Sasaki e Assis, 2000) e as *leituras transnacionais* (Rea, 2021; Sasaki e Assis, 2000; Portes, 2005; 1999), que estariam numa posição intermediária. No entanto, é pertinente iniciar a discussão teórica, mostrando o entendimento acerca da migração - pela literatura, instituições, bem como por países envolvidos na migração dos ziguinchorois em questão - sua complexidade, e a centralidade do Estado neste assunto, antes de explorar a relação migração, transnacionalismo e desenvolvimento.

2.1 - DEFINIÇÃO DA MIGRAÇÃO

A difícil tarefa de definir a migração humana está na ausência de um entendimento que seja cabal e consensual. De acordo com Christophe Guilmoto e Frédéric Sandron (2003, p. 55. Tradução nossa), “[...] não existe consenso relativamente aos parâmetros temporais e geográficos para fixar uma definição mínima da migração em duração e em distância”. Termos relativos à migração internacional não são necessariamente definidos de igual modo pelos diferentes Estados. Tampouco em um mesmo Estado o entendimento e o olhar legislativo que se tem sobre a emigração e a imigração são permanentemente os mesmos. Os casos da Espanha, Itália, Portugal, França, Estados Unidos, dentre outros, são sinais da reviravolta que pode ocorrer no entendimento e na prática dos Estados em matéria de migração. Os casos do Brasil e do Canadá também o demonstram nitidamente⁷⁵. Neste sentido, apresentamos algumas definições, em geral “inclusivistas” por abrangerem uma diversidade de forma de movimentos⁷⁶, que ajudam a perceber que se trata de um fenômeno complexo, apesar de alguns indícios de convergência. Partindo de Alan Simmons, Victor Piché (2013, p. 154), assinala que este autor argumenta que a definição da migração precisa levar em conta *três parâmetros*: “mudança de residência, mudança de emprego e mudança de relações sociais. [E que] em geral, a migração é definida essencialmente de acordo com o primeiro critério, isto é, a mudança de residência”. Sayad (1998) entende que o deslocamento

⁷⁵ Estas mudanças, tratadas adiante, são visíveis, respectivamente, em *PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, Decreto nº 9.199, de 20 de novembro de 2017* e Van Dyk (2019).

⁷⁶ Ver OIM. *Key Migration Terms*. In: <<https://www.iom.int/key-migration-terms>>

de pessoas no espaço físico é a primeira marca da migração, isto é, a migração é antes um assunto de demógrafo e geógrafo, sem deixar de assumir outras características como a econômica, já que o migrante é, para ele, um trabalhador explorado⁷⁷, alguém cujo lugar, acredita-se, é a *margem e a parte inferior da hierarquia social*.

Para a OIM, a migração é o “*Movimiento de personas fuera de su lugar de residencia habitual, ya sea a través de una frontera internacional o dentro de un país*”⁷⁸. De acordo com a ONU, essa organização define o termo migrante como

qualquer pessoa que deixa seu lugar de residência habitual para residir temporária ou permanentemente e por diversas razões, seja numa outra região no seio do mesmo país, seja em outro país, cruzando assim uma fronteira internacional, independentemente: do estatuto jurídico desta pessoa; do caráter voluntário e involuntário do movimento; das causas do deslocamento; da duração da estadia⁷⁹.

Pontualmente avaliadas, nestas definições contemporâneas, isto é, não anteriores a 1960, a ideia da preservação dos laços entre a pessoa migrante e sua origem, assim como a eventualidade de contribuição ao desenvolvimento do local de partida ou de residência, de retorno ou de fazer do destino um novo ponto de emigração, não são destacadas. Tampouco há nelas uma distinção entre a migração dita voluntária da migração forçada. Portanto, a migração engloba neste sentido, tanto aquelas efetuadas por razões econômicas, culturais, políticas, ambientais, afetivas, como aquelas realizadas sem a própria iniciativa de quem migrou. Deixar a localidade de residência habitual para trabalhar, estudar, se salvar, se juntar a

⁷⁷ A exploração do migrante é feita em determinados casos por outro migrante, a migrante é geralmente explorada pelo compatriota migrante (Ver Morokvasic, 2013; Sembene, 1988; 1966) e frequentemente associada à prostituição (Ver Vieira, 2015; Sembene, 1988; 1992), ao turismo sexual, bem como ao tráfico de pessoas para exploração sexual e ao crime organizado, embora nem sempre seja o caso, como mostra Adriana Piscitelli em sua obra *Trânsitos: brasileiras nos mercados transnacionais do sexo*, publicado em 2013 (Ver Vieira, 2015).

⁷⁸ Ver OIM (2023): *Términos Fundamentales sobre Migración*. Disponível em: <https://www.iom.int/es/terminos-fundamentales-sobre-migracion>

⁷⁹ Ver Nations Unies: <<https://www.un.org/fr/fight-racism/vulnerable-groups/migrants>> No entanto, em 1980, a ONU afirmou a respeito do “intervalo da migração” que “pode ser definido (um ano, cinco anos, dez anos, o período intercensitário, etc.) ou indeterminado (como, por exemplo, a duração da vida da população residente em determinada data)” (ONU, 1980, p. 321 apud DIEME, 2016, p. 38). Em *Glossary on Migration, International Migration Law Series No. 25*, 2011, as Nações Unidas definiam “migrante como um indivíduo que tenha residido num país estrangeiro por mais de um ano, independentemente das causas, voluntárias ou involuntárias, e os meios, regulares ou irregulares, usados para migrar. Sob essa definição, os que viajam por períodos mais curtos como turistas e empresários não seriam considerados migrantes” (Ver DIEME, 2016, p. 39). Porém, a OIM fala que a migração de **curta duração** é aquela cuja extensão é de **pelo menos três meses**, mas que é menor **que um ano**. A migração de **longa duração** é aquela cuja extensão é de **pelo menos um ano**. (OIM, 2021). Já nas palavras da ANSD: “As emigrações concernem somente as saídas do lar (para o exterior) de **seis meses ou mais**. Trata-se da emigração nos últimos 5 anos” (ANSD.RGPHAE.2013, 2017a, p. 52. Grifo e tradução nossos).

familiares, por ser deportado ou exilado, são alguns dos inúmeros elementos explicativos da migração.

Muito antes da formulação dos referidos autores, o estudo de Ravenstein de 1885 sugere que a migração é o deslocamento de uma área determinada para outra - o destino podendo ser local, próximo ou distante - que ocorre com ou sem etapas, com o objetivo de se estabelecer provisória ou definitivamente no segundo e no intuito de exercer uma atividade laboral (Ravenstein, 1980). “Na maior parte dos casos, [...] a resposta estará associada à busca de trabalhos mais remuneradores e atraentes do que os disponíveis nos locais de nascimento” (RAVENSTEIN, 1980, p. 43). Indo no mesmo sentido, Lee (1980), em publicação de 1966, avança afirmando que a migração é uma mudança provisória ou permanente, que pode ocorrer em qualquer distância, resultar de uma iniciativa própria ou não, ocorrer no seio de lugar ou transpor suas fronteiras, deparando-se normalmente com alguma forma de *obstáculo interveniente* entre a origem e o destino, e que tem consequências. Em suas palavras, ele diz que, de forma geral,

define-se migração como uma mudança permanente ou semipermanente de residência. Não se põem limitações com respeito à distância do deslocamento, ou à natureza voluntária ou involuntária do ato, como também não se estabelece distinção entre a migração externa e a migração interna. Assim, considera-se como ato migratório tanto um deslocamento que se processa de um departamento do lado direito do corredor para um departamento do lado esquerdo, como um deslocamento de Bombaim, na Índia, para Cedar Rapids, Iowa (USA), embora seja natural que o início e as consequências desses dois deslocamentos apresentem diferenças imensas [...] Ficam de fora, por exemplo, os movimentos contínuos dos nômades e dos trabalhadores migratórios, para os quais não existe residência durante um período prolongado, como também os deslocamentos temporários como os que se efetuam para as montanhas durante as férias de verão. [...] a verdade é que todo ato migratório implica num lugar de origem, num lugar de destino e numa série de obstáculos intervenientes (LEE, 1980, p. 99-100).

Por conta destes *obstáculos intervenientes*, das características pessoais que possibilitam sua superação, e das respostas pessoais dadas diante de fatores positivos ou negativos na origem ou no destino, Lee afirma que “os migrantes não constituem uma amostra aleatória de origem” e acrescenta que “Seria impossível, portanto, que as migrações deixassem de ser seletivas” (Lee, 1980, p. 111). O que significa que, em sua ótica, a migração é um processo seletivo de deslocamento, que envolve vontade, percepção, avaliação e decisão do migrante potencial, pois, nem todos querem migrar, e nem todos aqueles animados pela intenção de migrar se consideram aptos a superar tais custos. Sjaastad (1980) diria que destes obstáculos fazem parte os custos da migração, que podem ser *monetários* ou não-monetários⁸⁰.

⁸⁰ Alguns destes custos são os *custos de oportunidade*, os *custos psicológicos*.

Ao pensar a respeito do processo migratório das pessoas, Singer assinala que as respostas individuais não podem ofuscar a dimensão social que tende a caracterizá-lo. Diz que “O mais provável é que a migração seja um processo social, cuja unidade atuante não é o indivíduo, mas o grupo” (SINGER, 1980, p. 236). No tocante às emigrações internacionais desde a Casamansa, o envolvimento financeiro de terceiros, notadamente de parentes próximos e residentes no local, no processo é bastante evidenciado pelos estudos de Ngom (2019a; 2019b; Gueye, 2020). A respeito, este fala que “o processo migratório dominante observado em nossa área de estudo envolve a contribuição de uma pluralidade de atores que intervêm para ajudar o migrante” (GUEYE, 2020, p. 6. Tradução nossa). Estas contribuições podem ser doações ou empréstimos de familiares, mas podem, ainda de acordo com este autor, envolver em certos casos atividades ilícitas como a venda de madeira.

A migração é também este processo por meio do qual os principais envolvidos criam, no exterior, comunidades de origem local, regional, nacional, étnica e/ou confessional comum. A existência de diásporas e suas práticas voltadas para suas terras de origem fazem com que a migração venha a ser considerada por determinados pesquisadores e Estados como expressiva fonte real – ou potencial - de contribuição ao desenvolvimento social, econômico e humano para a origem destas. Os benefícios de migração para o país de residência são também referidos pela literatura.

Com a independência dos países africanos nas décadas de 1960-1970, a divisão política do mundo em Estados estava se concluindo. Quando Santos (2002) afirma que “El modelo político de la modernidad occidental es un modelo de Estados nacionales soberanos que coexisten en un sistema internacional de estados igualmente soberanos, el sistema interestatal” (p. 61), ele contribui para legitimar a afirmação de Reis (2021) de que o mundo contemporâneo é organizado em Estados, como se sabe. A partir de então, a migração passa a estar intrinsecamente ligada ao Estado no mundo, de modo que seria dificilmente concebível pensá-la fora dele, na medida em que, quando não se envolve no começo, ele tende a aparecer em outra etapa deste processo. Os estudos sobre a migração desde Casamansa, Governador Valadares ou Quebec remeteram respectivamente aos Estados senegalês, brasileiro e canadense. Seja qual for sua dimensão, interna ou internacional, e sua orientação restritiva ou aberta, a migração se revela devedora das atitudes do Estado, sejam elas presentes ou passadas.

Fala-se de migração interna quando dois territórios envolvidos pela migração estão sob a jurisdição do mesmo Estado. Segundo a ANSD, “As migrações internas, ou migrações

interiores são aquelas cujo lugar de origem e de destino se localizam ambos no interior do território” (ANSD.RGPHAE.2013, 2017a, p. 51). Entretanto, estando sob a jurisdição de Estados diferentes, trata-se, neste caso, de migração internacional quando há saída de nativos de um para residir temporária ou definitivamente em outro. A ANSD considera imigrante internacional *durée de vie*, qualquer pessoa que nasceu no exterior, independentemente de sua nacionalidade, e que se encontra no Senegal. A emigração é, para a Agência, a partida de nacionais ao exterior para uma duração de no mínimo seis meses (ANSD.RGPHAE.2013, 2017a; 2017b; 2017c; 2017d;). Ao analisar a migração da África Ocidental, Fall e Gamberoni (2019) colocam entre estas duas, as migrações transfronteiriças, identificando assim “três grandes tipos” de migrações humanas, que são:

as migrações internas essencialmente formadas pelo êxodo rural para os centros urbanos, as migrações transfronteiriças características dos países limítrofes e as migrações internacionais subdivididas em movimentos de curta distância e fluxos intercontinentais também chamados de longa distância (FALL; GAMBERONI, 2019, p. 24-25. Tradução nossa)⁸¹.

De modo geral, na África Ocidental, e no continente africano, as migrações transfronteiriças remetem às fronteiras deixadas pelos invasores europeus. Estas fizeram com que vários países compartilhassem alguns dos povos que os constituem com determinados países ou territórios fronteiriços. Em Desmarchelier (2001, p. 13) fala-se de *vínculos culturais e econômicos entre a Guiné-Bissau, a Gâmbia e a Casamansa*. Na área que engloba estes territórios, há uma “tradição migratória secular”, intensificada com a colonização, e que ainda está vigente (Gueye, 2014). Sabe-se que ter parentes em países fronteiriços é frequentemente um fator suscetível de incentivar ou facilitar a migração. “Na verdade, no dia-dia, tudo ocorre como se a fronteira fosse invisível por causa dos vínculos sociais e históricos” (DIALLO, 2016, p.153. tradução nossa). Tais migrações são para Fall e Gamberoni (2019) imprescritíveis e suas características são perceptíveis nas fronteiras africanas. A propósito dizem literalmente que

a passagem da fronteira que separa dois países limítrofes não é interpretada como uma migração internacional nos ditos territórios. Os vínculos de parentesco ou as relações históricas entre populações doravante politicamente divididas constituem o leito de uma mobilidade que as leis não podem frear (FALL; GAMBERONI, 2019, p. 28. Tradução nossa).

É o que leva Guilhoto e Sandron (2003) a falar de “dispersão dos territórios étnicos”, de “porosidade de fronteiras culturais” e Reiffen (2017) a falar de *mesma filiação étnica* na

⁸¹ À guisa de complemento, os próprios autores mencionam “as formas específicas de migrações internas como os movimentos de colonização agrícola de terras novas” (FALL e GAMBERONI, 2019, p. 27).

aproximação de pessoas de nacionalidades distintas. Estes autores assinalam que a mobilidade transfronteiriça entre um mesmo povo ocorre ao lado de outras que independem de qualquer conotação de parentesco, sendo notadamente de mão-de-obra, de deslocados por questões políticas ou de atores da resistência à colonização.

Internamente, o Estado garante o direito de deslocamento e residência a seus cidadãos e estrangeiros residentes⁸² regulares em qualquer parte do território sob seu controle. Tal dispositivo consta em documentos internacionais. Respectivamente, a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) de 1948 em seu Art. 13, §1 e a Carta Africana dos Direitos Humanos e dos Povos (CADHP) de 1981, Art. 12, §1, falam que “Toda pessoa tem o direito de circular livremente e de escolher sua residência dentro de um Estado” (Ver KEBE et al., 2021e, p. 128; KEBE et al., 2021f, p. 146. Tradução nossa), desde que se conforme à lei (KEBE et al., 2021f, p. 146. Tradução nossa). No caso do Senegal, esta liberdade de deslocamento e instalação em todo o território da república foi garantido pela constituição de 1959, quando o país ainda não tinha soberania internacional reconhecida e era um Estado membro da Federação do Mali⁸³. Este direito seguiu assegurado pelas três constituições que o Senegal adotou desde o reconhecimento de sua soberania internacional⁸⁴ em agosto de 1960⁸⁵.

Vale acrescentar que a literatura sobre migrações reconhece globalmente que, do ponto de vista dos efetivos, a migração interna - seja ela da região⁸⁶, do país, do subcontinental ou do continental – tende a ser amplamente maior, quando comparada à migração entre estes respectivos territórios e outros mais abrangentes. O argumento sustentado em estudos clássicos (Lee, 1980; Ravenstein, 1980) sobre o assunto defende que as pessoas migram mais para perto do que para longe. No mundo, de acordo com os dados do ACNUR⁸⁷ referentes a 2021, o número de pessoas deslocadas internamente (53,3 milhões) é maior que o de todos os

⁸² Diante da preocupação com o desemprego urbano, em países como Tanzânia e África do Sul foram adotadas “controles físicos sobre as migrações procedentes dos quadros rurais” (HARRIS e TODARO, 1980, p. 195) na década de 1960.

⁸³ Ver Kebe, 2021a.

⁸⁴ De acordo com Heitz (2008), no jornal do partido *L'Unité africaine*, 3 outubro 1959, [este jornal tinha respectivamente os seguintes nomes: *Condition humaine* (1948-1956), *L'Unité* (1956-1958) e finalmente *L'Unité africaine* (1959-1963)] a palavra “independência” é frequentemente seguida por “na amizade com a França”. Ela assinala que, referindo-se ao caso do Mali, de Gaulle declarou, naquele ano, preferir a expressão “soberania internacional” em vez de “independência”. Entende-se que isso vale para todas as então colônias da França.

⁸⁵ Ver Kebe, 2021b.

⁸⁶ Em outros contextos lê-se Estadual ou provincial.

⁸⁷ Cf. Anexo 5

refugiados reconhecidos (27,1 milhões) somado ao de solicitantes de refúgio (4,6 milhões). Comparando o Brasil e Canadá, percebe-se que desde o final da década de 1970, este teve muito mais refugiados que aquele (Ver anexo 5.C), embora se deva assinalar que o Brasil tem uma lei de refúgio considerada como uma das mais avançadas do mundo (Barreto, 2010). O relatório *État de la migration dans le monde 2022* da OIM de 2021 menciona que em 2009, quando houve a mais recente estimativa referente ao assunto, havia 740 milhões de migrantes internos aos próprios países. Um ano depois, o número de migrantes internacionais foi de quase 221 milhões⁸⁸. Em 2020, onze anos depois, o mundo registrou 280.598.105 migrantes internacionais (OIM, 2021). A vantagem numérica da migração interna com relação à migração internacional fica, portanto, confirmada. É o que sugerem alguns estudos (ANSD.RGPHAE.2013, 2017a; Foucher, 2002; Trincaz, 1984; De Jonge et al, 1978; Péliissier, 1958) no atinente à Casamansa. A migração interna pode ser de curta ou longa duração.

No tocante à migração internacional, cabe ao Estado autorizar a vinda, entrada, permanência, regularização – quando entra e/ou permanece de forma irregular - naturalização ou expulsão do estrangeiro⁸⁹. No entendimento de Reis (2007) e Villarreal Villamar (2015), se as pessoas não viajam para - ou não vivem em - determinado país a qualquer momento, é porque os Estados controlam movimentos em suas fronteiras. O mundo, diz Reis (2007), “é dividido em Estados, e Estados são associações que, entre outras características, têm o monopólio da legitimidade da mobilidade” (REIS, 2007, p. 25). Rea, apoiando-se em Torpey (2000), fala que *a invenção do passaporte em princípios do século passado tornou possível o monopólio do Estado na definição dos motivos legítimos e ilegítimos de mobilidade*. É dele o monopólio de definir as categorias e identidades *dos cidadãos e dos estrangeiros* (Rea, 2021, p. 15).

Este é um aspecto que distingue particularmente a imigração internacional da migração interna que não demanda uma autorização na partida nem na chegada no seio de cada Estado. Convém notar, como sugere Reis (2007), que na imigração internacional há uma passagem de um sistema político para outro. Neste sentido, ela abrange as migrações transfronteiriças, referido como um dos três tipos por Fall e Gamberoni (2019), e assume seu caráter

⁸⁸ Ver Tabela 1

⁸⁹ De acordo com Sayad (1998), na relação entre dois Estados, é dominante aquele que é de imigração. É notadamente o que se percebe entre a União Europeia e o grupo dos Estados da ACP, entre países europeus e países africanos, entre o Brasil ou Canadá e o Senegal. Notemos, entretanto, que no tempo colonial, em África e na América, o poder estava nas mãos dos representantes dos Estados de emigração.

eminentemente política (Reis, 2007, Sayad, 1998), na medida em que expõe a centralidade do Estado⁹⁰.

A característica fundamental que distingue as migrações internacionais de outros tipos de imigração é, portanto, que elas implicam uma mudança do indivíduo entre duas entidades, entre dois sistemas políticos diferentes e mutuamente exclusivos. Nesse sentido, pode-se afirmar que as migrações internacionais são não apenas um fenômeno social, mas inerentemente político [...] (REIS, 2007, p. 26).

É analisando a migração internacional que Sayad (1998) argumenta que ela é um fenômeno que tem uma “dupla face”, pois é ao mesmo tempo um *movimento de emigração e de imigração*. A denominação de tal movimento varia de acordo com o fato da sociedade ou localidade ser de *origem* ou de *destino*⁹¹. O autor chama a atenção para a necessidade de se perceber que a imigração é precedida pela emigração, e que esta é o *ato inicial do processo*⁹². Dito isso, deve-se destacar que a emigração é um direito humano garantido desde 1948 pela DUDH⁹³ em seu Art. 13, §2 e pela CADHP de 1981 em seu o Art. 12, §2. Estes artigos garantem aos cidadãos dos países que aderiram a um, ou ambos os instrumentos, a possibilidade de deixar seus respectivos países - ou qualquer outro - e de retornar a eles. Lê-se em seus respectivos § 2º o seguinte: “Toda pessoa tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o seu, e de retornar a seu país⁹⁴” (Ver OUA, 1981, p. 4; KEBE et al., 2021e, p. 128; KEBE et al., 2021f, p. 146. Tradução nossa)⁹⁵.

Contudo, não há dispositivo legal algum, que assegure às pessoas que saem dos seus países o direito de serem recebidos por outro Estado, embora em casos de perseguição e de solicitação de refúgio em um país que ratificou a Convenção de Genebra de 1951, a DUDH ou a CADHP, por exemplo, a pressão sobre o país de ‘destino’ seja maior. Piché argumenta que

⁹⁰ Por este motivo, entende-se que o papel do Estado deve sempre ser identificado, em conexão com a história, a conjuntura, as relações políticas e econômicas entre os países conectados pela migração.

⁹¹ Tal constatação se aplica, contudo, tanto ao âmbito interno quanto internacional. É preciso dizer que para Singer (1980), as migrações internas e internacionais *poderiam, em boa parte, ser explicadas do mesmo modo*.

⁹² Segundo Rea (2021, p. 62), Sayad estaria com isso denunciando *o etnocentrismo e a parcialidade da pesquisa em ciências sociais que considera o imigrado, ignorando o emigrado*.

⁹³ Veremos adiante que no caso do Senegal e de outros países africanos, este dispositivo é violado em nome de uma associação abusiva entre migração internacional irregular e tráfico de pessoas, drogas, armas, criminalidade transnacional e terrorismo.

⁹⁴ Tal como a reemigração (Caron, 2018), o retorno provável ou efetivo é parte da migração (Sayad, 2000; Caron, 2018) e é também caracterizado pela seletividade (ver Caron, 2018).

⁹⁵ Restrições podem ser aplicadas à condição de serem “necessárias para proteger a segurança nacional, a ordem pública, a saúde ou a moralidade públicas, ou os direitos e liberdades de outrem» (Pacto internacional sobre direitos civis e políticos, 1966, art. 12 § 3) (NDIONE, 2018, p. 173).

“Todas as políticas migratórias do século XX estão baseadas num postulado considerado imutável: a imigração é um privilégio e não um direito. Trata-se de um paradigma [...] fundado no princípio da soberania nacional em matéria de políticas migratórias” (PICHÉ, 2013, p. 168. Tradução nossa). Ele ainda diz que é perceptível em determinados trabalhos que a Europa além de estar restringindo o reconhecimento da condição de refúgio, está também pensando em suprimi-la do continente. Neste sentido, a afirmação Reis assinala que “a imigração não é reconhecida como um direito humano, nem mesmo nos casos em que os imigrantes estejam fugindo de perseguições” (REIS, 2007, p. 20), isto é, mesmo quando se trata de fuga para preservar a vida, que resulte em solicitação de refúgio, se fortalece, pois cabe ao Estado signatário da Convenção de Genebra de 1951, do Protocolo de 1967, da DUDH e/ou da CADHP, por exemplo, que recebe esta solicitação, analisá-la e deferir ou indeferi-la. É certamente por esta configuração que o debate tende a estar mais na imigração do que na emigração internacional.

A definição da migração é, em grande parte, devedora dos interesses e entendimento do Estado, que muitas vezes o levam a mudar suas leis para adequá-las às próprias demandas econômicas, sociais, políticas e mesmo culturais. Tais mudanças reduzem a possibilidade de consenso acerca da ótica destas entidades políticas - e em certos casos, de suas províncias - sobre migrações internacionais. No prefácio do *Glossário sobre migração*, Richard Perruchoud (2009) afirma que

Inexistem definições universalmente aceitas, o que deriva parcialmente do facto de a migração ser algo que, tradicionalmente, apenas era abordado no plano nacional; a consequência é que, o uso que se faz dos termos migratórios varia de país para país. [Ele acrescenta que], onde não existem definições universalmente aceites, existe a possibilidade de cada grupo decidir, formal ou informalmente, de acordo com a sua própria definição, de acordo com a sua perspectiva (PERRUCHOUD. In: OIM, 2009, p. 3. Grifo nosso)⁹⁶.

2.2 - CARACTERÍSTICAS DA MIGRAÇÃO

O fenômeno migratório tem inúmeras características das quais algumas vêm sendo observadas há mais de um século. Menciona-se, com base na literatura, apenas algumas daquelas julgadas mais relevantes para o estudo, que são, por exemplo, sua complexidade, a diversidade de atores implicados e seus sentidos, as redes que mobilizam, as práticas transnacionais e seus impactos sociais na origem.

⁹⁶ Em *Key Migration Terms*, onde se observa retoques na definição de migrante das Nações Unidas, estas deixam claro, em nota, que “A nível internacional, não existe uma definição [legal e uniforme] universalmente aceita para [o termo] “migrante”. Ver: <<https://www.iom.int/key-migration-terms>> e <<https://brasil.un.org/pt-br/72927-qual-diferen%C3%A7a-entre-refugiados-e-migrantes>>.

2.2.1 – Fenômeno complexo

A migração é um assunto complexo que demanda uma *leitura inevitavelmente complexa* (Dassetto, 2019). A interpretação da migração por várias disciplinas - dentre elas *a história, geografia, demografia, economia, direito, sociologia, psicologia e psicologia social e até mesmo das ciências cognitivas, antropologia em suas diversas formas [...], linguística e sociolinguística, ciência política, etc.* (SAYAD, 1998, p. 15) - revela a diversidade de óticas atinentes ao fenômeno, quando os aspectos inesgotáveis a ele ligados mostram sua complexidade. Estas ciências ajudam a compreender e explicar as migrações a partir de óticas focadas no deslocamento físico populacional, nos recursos materiais envolvidos, nas relações sociais, nas garantias políticas estatais ou sua falta, nos efeitos psicológicos sobre os migrantes, nas culturas, línguas ou religiões, etc.

Compete aqui ressaltar que questões atinentes à migração carecem de “leis” rigorosas, tal como assinalado tanto pelo próprio Ravenstein (1885), autor de “As leis da migração” de 1885, como por Lee (1980), em seu texto: *Uma teoria sobre a migração*, publicado em 1966⁹⁷. Entretanto, este autor assinala que algumas das características citadas por Ravenstein estariam ainda resistindo *à prova do tempo*, como é o caso, por exemplo, do *predomínio do motivo econômico das migrações para melhorar a situação material*⁹⁸, a escolha dos *grandes centros comerciais ou industriais* como destino pelos migrantes de *longa distância*, a relação positiva entre *o incremento dos meios de locomoção e do desenvolvimento da indústria e do comércio* e o aumento da *migração* (Lee, 1980).

Apesar da relativa constância destes elementos, a característica fundamental deste fenômeno complexo, na ótica do sociólogo Sayad (1998), é que, “A imigração é um fato social completo, única característica, aliás, em que há concordância na comunidade científica” (Sayad, 1998, p.15). Ela, prossegue o autor,

é um fato social total [porque falar dela] é falar da sociedade como um todo, falar dela em sua dimensão diacrônica, ou seja, numa perspectiva histórica (...) e também em sua extensão sincrônica, ou seja, do ponto de vista das estruturas presentes da sociedade e de seu funcionamento (Sayad, 1998. p.16. Grifo nosso).

⁹⁷ Lee adverte que o próprio Ravenstein “reconheceu este [Leis da Migração] ser um título ambicioso, tendo advertido também que ‘as leis da população e as econômicas não têm, em geral, o rigor das leis físicas’.” (Lee, 1980, p. 95. Grifo nosso).

⁹⁸ Wenden chama a atenção para a relevância da migração para a reunificação familiar. No Senegal, a migração interna é a primeira causa de deslocamento (ANSD, 2020, p. 58).

Portanto, o olhar para a história, na análise de uma migração atual, é suscetível de desvendar que a ligação entre origem e destino e a atração que este exerce sobre a população daquela têm seus fundamentos no passado colonial. Tal relação é sugerida por vários outros estudos (Lessault e Flahaux, 2013; Hall, 2006; Bazonzi, 2015; Duroux, 2011, Ndione, 2018), por obras literárias como *Le ventre de l'Atlantique* de Fatou Diome, *Le mandat, Voltaïque* e *La Noire de...* e *Le Docker noir* de Ousmane Sembène, *L'aventure ambiguë* de Cheikh Hamidou Kane, *Nini Mulâtresse du Sénégal* de Abdoulaye Sadj, e por filmes como *La Noire de...*, *Mandabi*, *Emitai*, *Guelwaar*, *Camp de Thiaroye* de Ousmane Sembène. A emigração – voluntária ou compulsória - desde a Casamansa, ou de outra parte do Senegal, dos personagens centrais destas obras literárias e cinematográficas, para a França, em particular, está estritamente ligada ao passado colonial, que a explica parcialmente⁹⁹.

No passado como na contemporaneidade, a migração internacional, fenômeno sempre justificado¹⁰⁰, não foi, e nem é, uma questão de localização geográfica, de raça, sexo, idade, classe social, crença religiosa, grau de instrução, nível de desenvolvimento nacional, humano, etc. Em outras palavras, todos migram e todos os lugares são suscetíveis de ser lugares de origem, trânsito ou destino, independentemente do grau de riqueza ou pobreza¹⁰¹. O aumento quase constante da emigração de senegaleses, brasileiros, canadenses e franceses entre 1990 e 2020¹⁰² ilustra parcialmente esta universalidade da migração. Considerando o mesmo intervalo, percebe-se que nesta série histórica o Brasil e Senegal tiveram números de imigrantes em constante aumento, respectivamente, a partir de 2010¹⁰³, 2000. No caso do Canadá e da França, este crescimento é constante em toda a série 1990-2020¹⁰⁴. Lee sustenta que “Em qualquer área, existem inúmeros fatores que atuam no sentido de reter as pessoas dentro da própria área ou de atraí-las para si, e outras que tendem a expulsá-las” (LEE, 1980,

⁹⁹ O aspecto histórico, embora muito relevante, não dá conta, por si só, de explicar a migração contemporânea senegalesa em geral, e desde a Casamansa, em particular. As conjunturas observadas desde os anos 1970 e particularmente nos anos 1990 permitem entender a migração de originários da Casamansa para outros destinos, além daqueles *tradicionais*.

¹⁰⁰ Em Sayad (1998), pelo trabalho, e em Dassetto (2019), pelo *aporte dos migrantes ao país de destino*. Em tempos de ocupação colonial, pela necessidade de *civilizar os selvagens* (Ver Sarr, 2021).

¹⁰¹ Esta medição em PIB per capita ou em calorias consumidas por pessoa e por dia. A respeito destas, Ndione (2018) afirma que “As normas utilizadas variam de um país para outro, mas geralmente estão entre 1800 e 3000 quilocalorias por adulto e por dia (p. 89).

¹⁰² Ver Anexo 3.H - *Emigrantes internacionais por país: Brasil, Canadá, França e Senegal: 1990-2020*

¹⁰³ Entre 1990 e 2010, o número de imigrantes no Brasil diminuiu constantemente.

¹⁰⁴ Ver Anexo 3.I e 3.J.

p. 100). A Casamansa é ao mesmo tempo um lugar de partidas para o exterior - de adultos e de menores - (Gueye, 2020; Gueye et Deshingkar, 2019; Ngom, 2020; 2018; Trincaz, 1984; De Jonge et al. 1978), de trânsito (Gueye, 2020; Gueye et Deshingkar, 2019), de imigração (Gueye, 2014; Trincaz, 1984) e retorno (ANSD.RGPHAE.2013, 2017c) ou reemigração. A Casamansa é também o lugar onde a maioria da população nativa permanece.

Estudos mostram também que brancos da Europa, negros da África e amarelos da Ásia, para ficar na classificação da espécie humana que Firmin (1885) defendeu, tiveram e continuam tendo suas experiências migratórias locais, continentais ou extracontinentais (Ravenstein, 1980; Trincaz, 1984; Assis, 2002; Theodoro, 2008; IBGE, 2010; Basso, 2013; Ndione, 2018; Van Dyk, 2019)¹⁰⁵, que, tal como os homens, as mulheres deixam suas localidades ou países de origem de forma autônoma, muitas vezes, em busca de trabalho nas cidades e nos países industrializados (McAuliffe e Triandafyllidou, 2021; Morokvasic, 2008, 2013; Catarino e Morokvasic, 2008; Tall e Tandian, 2010b; ANSD, 2013; Ravenstein, 1980¹⁰⁶), e que a migração não é apenas uma questão de desocupados e pobres de regiões de países e continentes menos abastados (Guilmoto e Sandron, 2003; Brzozowski, 2012; Gueye, 2020).

2.2.2 – Atores envolvidos e significados da migração

Pode-se dizer, simplificando, que uma característica marcante da migração internacional é que ela envolve minimamente três atores. É o que advoga Sayad (1998) quando diz que os atores da migração são, primeiro os imigrantes, depois a sociedade de emigração e finalmente a sociedade de imigração. Compete acrescentar que na Casamansa a migração internacional é em geral um processo coletivo, e que entre estas sociedades ligadas pela migração, pode haver países de trânsito, atravessados pelos migrantes em tempo curto ou longo, dependendo dos obstáculos. As Organizações Não Governamentais (ONGs), as instâncias intergovernamentais, as organizações internacionais e as corporações multinacionais são atores a considerar pelos estudos sobre migrações internacionais, notadamente as intercontinentais de Africanos. Estes atores, frequentemente situados no intervalo das sociedades de emigração e de imigração, atuam no intuito de influenciar o

¹⁰⁵ Ver também os relatórios dos OBMigra.

¹⁰⁶ Em seu estudo, Ravenstein afirma o seguinte: “A mulher migra mais do que o homem. Esta afirmação pode surpreender aos que associam a mulher à vida doméstica [... Elas exercem *serviços domésticos* e *manufatureiros*]” (Ravenstein, 1980, p. 63. Grifo nosso).

processo migratório de casaankoolu, buscando “organizá-lo”, “controlá-lo” ou apoiando a reintegração dos retornados.

No relatório sobre *Projetos e programas migratórios no Senegal*, Dimé (2020) mostra que com a *midiatização espetacular* da morte de migrantes em rotas com destino à Europa a partir de 2005, o Senegal multiplicou projetos e programas atinentes à migração clandestina, dos quais boa parte foi apoiada pela UE e vários de seus Estados membros (França, Itália, Espanha) (2020, p. 4. Tradução nossa). O autor afirma que, de 2005 a 2019 foram investidos no Senegal 200 bilhões de francos CFA¹⁰⁷ com *principais objetivos de limitar as partidas informais dos condenados a ficar e de favorecer os retornos dos “foragidos”*. É neste contexto que se deve observar o surgimento das ONGs que tratam da migração ou que a incluem em sua agenda no Senegal. A respeito dessas, é preciso notar que sua *multiplicação* está relacionada à *criação de instrumentos políticos e financeiros pela União Europeia e seus membros no intuito de promover a relação migração e desenvolvimento* (RIVES et al., 2013, p. 46. Tradução nossa). O aumento do efetivo de ONGs atuantes em questões migratórias resultou em parte da reconversão de algumas já existentes para este âmbito (Gueye, 2020; Rives et al., 2013). É o que observa Gueye (2020), que afirma que “a importância da migração levou progressivamente várias ONGs a passar para problemáticas sociais ligadas à migração, abandonando assim seus programas de desenvolvimento iniciais” (2020, p. 4. Grifo e tradução nossos). Em suas ações, as ONGs analisadas por Rives et al. (2013) contam com a colaboração de atores estatais, porém a orientação e o acompanhamento de seus programas não são feitos pelo Estado. O que, de acordo com este estudo, leva a realizações paralelas de projetos semelhantes pelo Estado e as ONGs, sem comunicação entre estes atores.

A Casamansa é atualmente um dos lugares onde a luta contra a migração sem registro nem autorização ocorre. Se de forma geral parentes e membros da comunidade de origem do migrante casaankoolu se envolvem no processo migratório regular deste, o envolvimento de terceiros como os “coiotes”, chefes espirituais e policiais, além dos parentes, na migração informal de casaankoolu é suficientemente registrada por determinados estudos (Ver Ngom, 2020; 2018; Gueye et Deshingkar, 2019; Gueye, 2020).

Analisando a literatura sobre o fenômeno migratório, constatamos que a migração dita voluntária é comumente associada a um processo de libertação, seja da pobreza econômica e sua conseqüente baixa qualidade de vida, da opressão social ou política, das tradições, da solidão, da falta de qualificação, de prestígio social, de expectativa de um futuro melhor.

¹⁰⁷ 305 milhões de euros.

Porém, como veremos adiante, ela pode resultar de uma transferência individual ou coletiva compulsória e violenta. Um dos significados ou sentidos da migração *voluntária* aparece em estudos clássicos e contemporâneos (Ravenstein, 1980; Lee, 1980; Sjaastad, 1980; Singer, 1980, Trincaz, 1984; Sayad, 1998; Assis, 2002; Sarr, 2009; Tall e Tandian, 2010a; Morokvasic, 2013; Piscitelli, 2013 [Vieira, 2015]; Maciel, 2013; Brumes, 2013; Ndione, 2018; Gueye, 2020), que mencionam aberta ou tacitamente que as pessoas migram com a expectativa de melhorar imediata ou posteriormente de vida, isto é, de ascender socialmente, considerando, ora, o peso da moeda do destino, as oportunidades de trabalho ou de ter uma formação considerada de qualidade, as realizações de migrantes no país de origem, o desejo de migrar e de ajudar os pais e familiares. Ela é, neste sentido, concebida como uma oportunidade para se assegurar (ainda mais) dignidade e desenvolvimento humano. Dimé (2020) assinala que, no caso do Senegal, *muitos dos migrantes [compelidos] a retornar e dos candidatos à emigração continuam achando que a emigração é um meio de prosperidade social por excelência.*

Tal mudança de vida esperada se dá mediante o acesso imediato ao mercado de trabalho, ou mediante a aquisição de uma formação, num primeiro momento, e posterior atuação profissional da pessoa migrante, desembocando no acesso ao capital financeiro, simbólico, político, cultural, por ele enquanto indivíduo¹⁰⁸. Se Gueye (2020) associa a migração de homens casankoolu, entre outras, às preocupações com a função de provedor, de acordo com Bruzzone et al. (2006. p. 3. Tradução nossa), “os migrantes internacionais têm cada vez mais dificuldades para assumir suas funções de provedores de divisas e de atores do desenvolvimento em seus países de origem”. Neste sentido, pode-se dizer que, de forma geral, migrar voluntariamente significa deslocar-se com a expectativa de *ganhar a vida* e ajudar a melhorar as condições de vida pessoais, de familiares, da comunidade, da nação de origem em diversos âmbitos. Os benefícios da migração vão para além das vantagens que os próprios migrantes individualmente possam tirar de sua condição¹⁰⁹.

A respeito do que podemos chamar de “liberdade social de migrantes”, Morokvasic (2013) assinala que a migração é caracterizada por determinados estudos como um processo

¹⁰⁸ Em Maciel, nota-se que melhorar de vida do indivíduo não se materializa apenas *pela melhoria nos ganhos financeiros*, como aponta Brumes (2013), ele se expressa como *acesso ao consumo; acesso aos direitos sociais; libertar-se de esquemas de dominação; movimentação nos espaços sociais de vida*. O indivíduo parece estar no centro do sentido de “Melhorar de vida”, o que se aproxima da visão neoclássica.

¹⁰⁹ Embora não se desloquem no intuito de desenvolver outros países, nem a nação de origem, muitos migrantes contribuem plenamente para melhorar as condições de vida dos familiares e comunidades nos locais de origem. Isto vale particularmente para cidadãos de países africanos no exterior.

que ocasiona a saída de ponto em que a opressão é maior para outro menos opressor do indivíduo, da tradição para a modernidade. Neste sentido, ela seria libertadora particularmente para a mulher, na medida em que ela teria mais liberdade nas suas relações com os homens do convívio, em particular o marido (Maciel, 2013). “A melhoria que ocorre no gênero – dentro da suposta ‘melhoria geral resultante da migração’ – foi formulada por Patterson (1965, p. 266) e mais tarde, em referência à migração das mulheres do Caribe para o Reino Unido, [...] por Foner (1978, p. 83)” (MOROKVASIC, 2013, p. 255).

Mostrando a falta de consenso, Morokvasic (2013) prossegue, dizendo que tais argumentos, [de tendência *ocidentocrista*], serão criticados por Sudarkasa (1978), por se tratar antes de uma adaptação que de uma ocidentalização de fato. Tais mudanças decorrem “da interação entre influências passadas e presentes e não cabe atribuí-las ao único lugar de destino que seria sistematicamente percebido como determinante e como um lugar de libertação e de abertura para a mulheres” (MOROKVASIC, 2013, p. 257). Ela ainda mostra que uma “plena emancipação” da migrante internacional pode ser remota, considerando que as bases que a definem podem ser inclusive parcialmente rejeitadas, como foi o caso das mulheres da Iugoslavia. Acrescentemos que o *ocidentalocentrismo* de muitas pesquisas referida por Morokvasic (2013) consideram a migrante como aquela oriunda dos chamados países periféricos do mundo e se instala no daqueles que compõem o mundo desenvolvido, não a que saí deste para o primeiro, ou para outro país do mesmo.

Quando se trata da migração forçada, o objetivo primordial é salvar a própria vida, e em certos casos, também a de parentes e conhecidos ameaçados. Mas é necessário entender que os refugiados, e solicitantes de refúgio e deslocados por motivos ambientais se tornam e, muitas vezes, são tornados pelos Estados que os recebem, atores econômicos, isto é, trabalhadores. A necessidade laboral e de formação de migrantes forçados é uma realidade que constatamos conversando como um refugiado de um país da África Ocidental em Brasília e com um refugiado casankoolu no Canadá. Cathérine de Wenden diz as categorias de migrantes (refugiado, migrante econômico, reunião familiar, estudante) são cada vez mais indefinidas com a frequente adição da necessidade de trabalho a outra categoria, o que leva a falar de *categorias mistas, já que muita gente pertence ao mesmo tempo a várias categorias*¹¹⁰. Amiúde considerada uma pessoa dependente, a migrante, admitida na reunião familiar, atua geralmente no mercado de trabalho (Morokvasic, 2013). Portanto, evitar a

¹¹⁰ Ver Catherine Wihtol de Wenden (3). Les catégories de migrants. Disponível em: <https://www.youtube.com/@djenebaeudarc5339/videos>

morte, embora prioritário, não é o único sentido dos chamados “migrantes políticos”, na medida em que suas necessidades cotidianas são similares às daqueles chamados de “migrantes econômicos”, que por sua vez não se distanciam muito das necessidades dos nacionais em termos laborais, habitacionais, de formação, de saúde, de liberdade e segurança, de prosperidade em suas iniciativas, por exemplo.

Para o Estado de imigração, assim como para o de emigração, o fenômeno é associado a vantagens, apesar dos riscos a que a “fuga de cérebros” pudesse colocar para a sociedade de emigração (Ferreira, 2017; Dassetto, 2019), fuga esta que, na ótica de Ferreira (2017) e de Dassetto (2019), significa respectivamente “fluxo de competências” e “pilhagem de cérebros”, no fundo praticada pela sociedade de imigração¹¹¹. Relativamente ao primeiro, ao falar de saldo e de significado reservado à imigração, Sayad (1998) escreve que:

imigração e imigrante só têm sentido e razão de ser se o quadro duplo erigido com o fim de contabilizar os “custos” e os “lucros” apresentar um saldo positivo –idealmente, a imigração deveria comportar apenas “vantagens” e, no limite, nenhum “custo”. [A preocupação central da sociedade de imigração seria] maximizar as “vantagens” (principalmente as vantagens econômicas) da imigração, reduzindo ao mesmo tempo ao mínimo o “custo” (notadamente o custo social e cultural) que a presença de imigrantes impõe (SAYAD, 1998, p. 50. Grifo nosso).

No tocante ao Estado de emigração, uma das vantagens seria a diminuição da pressão sobre o mercado laboral. As remessas monetárias que recebe de seus emigrantes constituem a vantagem mais referida pela literatura. Os migrantes contribuem para a mudança da realidade social e econômica da sociedade de origem. O que parece evidente tanto na Casamansa, como no Senegal como um todo. Hoje em dia, percebendo o potencial, particularmente econômico que representa sua diáspora, o país está fazendo esforços para envolver, influenciar ou orientar as ações desta para este ramo no país. Seria difícil, neste caso, relacionar a migração com desvantagens, pois o diagnóstico de Sayad (1998) explica também a realidade senegalesa. A relação entre a terra natal e o exterior é de oposição. A percepção é que o exterior, notadamente os países ditos *Kalulumai*, é o mundo da oportunidade, da riqueza, da fartura, da prosperidade, contrariamente ao nacional que se opõe, respectivamente, a cada uma destas qualidades que nele faltam.

¹¹¹ “Marrocos, que aposta na revolução digital e montou um sistema de formação de cientistas da computação e desenvolvedores, está preocupado com a ida destes para o exterior, atraídos por salários mais altos. A França criou um sistema acelerado de vistos (o visto French Tech) para imigrantes contratados em start-ups francesas de TI” (DASSETTO, 2019, p. 7-8. Tradução nossa). Os Estados Unidos também e o Canadá, entre outros, são países que recrutam imigrantes altamente qualificados no mundo todo. Este assunto é desenvolvido na relação migração desenvolvimento.

Contudo, à luz da literatura, pode-se dizer que a migração significa ao mesmo tempo vantagens tanto para países de emigração e de imigração (Sayad, 1998; Ferreira, 2017) como é percebida como um risco para ambas as sociedades, o que aliás justifica sua caracterização pela provisoriedade e seu controle (Sayad, 1998; Gabrielli, 2008) cada vez mais ostensivo. Considerando os imigrantes, as comunidades de origem ou então o conjunto da sociedade de emigração e a sociedade de imigração, Sayad (1998) evidencia que todos estes atores da migração compartilham a concepção deste fenômeno como algo provisório. Todos são movidos pela ilusão da provisoriedade dos migrantes. Segue a forma como, sucessivamente, eles estabelecem uma estreita relação entre migração e provisoriedade.

São, em primeiro lugar, os primeiros interessados, os próprios imigrantes que, tendo entrado como que sub-reptícia e *provisoriamente* (como eles pensam) numa sociedade que sentem hostil, precisam convencer a si mesmos, às vezes contra a evidências, de que sua condição é efetivamente provisória [...]. [Os segundos] fingem considerar seus emigrantes como simples ausentes: por mais longa que seja sua ausência, estes últimos são chamados evidentemente (quando não por necessidade) a retomar, idênticos ao que eram, o lugar que jamais deveria ter abandonado e que abandonaram provisoriamente. [...]. Quanto aos terceiros atores da imigração, estes pensam o imigrante somente como trabalhador e definem para ele um estatuto “que o instala na provisoriedade enquanto estrangeiro (de direito, mesmo se não o é sempre, ou, se o é pouco, de fato) e que, assim, nega-lhe todo direito a uma presença reconhecida como permanente, ou seja, que exista de outra forma que não na modalidade do provisório contínuo e de outra forma que não na modalidade de uma presença apenas tolerada (por mais antiga que seja essa tolerância), consente em tratá-lo, ao menos enquanto encontra nisso algum interesse, como se este provisório pudesse ser definitivo ou pudesse se prolongar de maneira indefinida” (SAYAD, 1998, p.46. Grifo nosso).

O que Sayad (1998) destaca nisso, é que todos têm interesse em manter esta ilusão da provisoriedade, mas caberia dizer que a principal interessada nesta ilusão é a sociedade de imigração, para a qual o imigrante *é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito* e cuja presença é marcada pela ausência de direitos plenos, notadamente políticos, o que a beneficia sobretudo economicamente.

De forma geral, as migrações são livres ou forçadas, econômicas, políticas, afetivas ou culturais, provisória ou permanentes, envolvem retornos e *reemigrações* e têm impacto na origem. Não há fronteiras herméticas entre estas “categorias”. A passagem de migrantes de um tipo para outro é algo frequente, tornando esta divisão apenas pertinente em termos analíticos. Ao longo do tempo, a teoria explica a migração considerando as iniciativas individuais, familiares ou comunitárias, estatais ou a analisa considerando a configuração política, econômica e tecnológica mundial.

2.3 - TEORIAS DAS MIGRAÇÕES

As teorias da migração buscam explicar este fenômeno histórico focando-se tanto naquilo que as provocou como naquilo que dela decorre como consequência (Piché, 2013; Rea, 2021). Nas palavras deste autor, “As teorias das migrações são geralmente relativas tanto às causas das migrações quanto aos seus efeitos e seus impactos” (REA, 2021, p. 3. Tradução nossa). Prosseguindo, Andrea Rea defende que as teorias da migração “destacam prioritariamente as estruturas sociais e econômicas (abordagens macroestruturais), a agência dos migrantes (redes sociais, transnacionalismo, gênero) ou a ação do Estado, suas instituições e agentes” (REA, 2021, p. 3. Tradução nossa). Piché argumenta que a fragmentação existente nas teorias migratórias é relativa aos seguintes *níveis de análise: o, micro, meso ou macro*¹¹² (Piché, 2013). A diversidade de abordagens teóricas é, na sua ótica, enriquecedora, na medida em que cada uma traz elementos pertinentes para a mais ampla compreensão do fenômeno migratório.

Numerosos estudos empíricos, principalmente a partir da década de 1990, tornaram obsoletos os debates de escolas e mostraram que cada teoria explica parte do processo migratório, sendo algumas teorias mais relevantes dependendo da região ou do período histórico considerado (PICHÉ, 2013, p. 170. Tradução nossa).

Considerando diversos estudos sobre a migração, percebe-se, como sugere Lee (1980), que, de modo geral, há um esforço dos pesquisadores para dissociar as migrações internas das migrações internacionais, as de curta distância daquelas de longa distância, e as migrações políticas das migrações econômicas ou, como sugere Morokvasic (2013), as migrações de homens das migrações de mulheres. Somos tentados a falar da necessidade de uma distinção entre a migração das pessoas de raça branca (não racializadas) e a das pessoas racializadas, dos “civilizados e desenvolvedores” e dos “atrasados e perigosos para o desenvolvimento” que hoje carregam o chamado “risco migratório”. Para Brumes (2013), “essa variabilidade de processos sociais constantes na análise da questão migratória acaba por dificultar qualquer tentativa de formulação de teorias unas”. De forma geral, a literatura aponta como principais teorias: a da *economia neoclássica*; a *nova economia da migração*; *do sistema-mundo*; *do mercado segmentado*; *do capital humano*, a *teoria das redes sociais*; a de *gênero*, aquela relativa ao *transnacionalismo*, etc. (Montaño, 2015; Saskia e Assis, 2000; Rea, 2021).

¹¹² Referindo-se às *análises científicas e políticas das migrações contemporâneas*, Dassetto (2019, p. 2. Tradução nossa), critica a ausência de uma *leitura inevitavelmente complexa feita pelos níveis de apreensão das realidades individual, mesosocial e macrossocial*.

2.3.1 - Abordagens micro-individuais: a teoria neoclássica

“Uma das primeiríssimas abordagens explicativas das migrações tanto internas quanto internacionais se concentrou na tomada de decisão individual” (PICHÉ, 2013, p. 154. Tradução nossa). O autor apresenta o estudo publicado em 1962 por Larry Sjaastad como sendo, talvez, a principal referência contemporânea desta abordagem a partir dos anos 1960. Nela, o autor referido por Piché “considera a migração como *um* ‘investimento que aumenta a produtividade dos recursos humanos’, investimento que tem custos, mas também traz benefícios” (Ver PICHÉ, 2013, p. 154. Tradução nossa).

Os estudos de Ravenstein (1980) e Lee (1980) situam o indivíduo no centro do processo migratório. Em ambos os casos, é ele que decide migrar fazendo, como diz Brumes (2013), *uma escolha racional*, após avaliação comparativa do seu local de residência com o do destino almejado. São os elementos chamados por Lee de *fatores de repulsão* na origem e os *fatores de atração* no destino pretendido e *fatores intermediários* entre origem e destino (Ver Piché, 2013; Brumes, 2013). “O saldo a favor do deslocamento deve ser suficientemente forte para vencer a inércia natural que sempre existe” (LEE, 1980, p.102). Tal decisão de migrar que uma pessoa toma não se baseia necessariamente no conhecimento irrefutável, notadamente sobre o destino. A respeito, Piché argumenta que para este autor, “não são tanto as características objetivas quanto as percepções individuais dos lugares de origem e de destino que provocam a migração” (PICHÉ, 2013, p. 155. Tradução nossa).

Como já aparece em sua definição de migração, em Lee, sabe-se que o fato do migrante ter que superar *uma série de obstáculos intervenientes - que podem ser leves em certos casos e insuperáveis, em outros* - entre os dois lugares de migração é uma evidência. As barreiras podem ser físicas, tangíveis como muros, ou abstratas, imateriais, como *leis de migração que visem a limitar o movimento*¹¹³. O autor resume “*Os fatores que entram na decisão de migrar e o processo migratório*” da seguinte forma: *a) fatores associados ao local de origem; b) fatores associados ao local de destino; c) obstáculos intervenientes; c) fatores pessoais* (LEE, 1980, p.100)¹¹⁴.

¹¹³ Lee (1980, p. 102) inclui nos obstáculos à migração a existência de filhos ou dependentes. Existem barreiras em países de residência de pessoas migrantes. Elas são geralmente intangíveis, mas perceptíveis como é o caso do idioma, da cultura, do racismo, das leis laborais que proíbem o exercício de determinadas profissões a estas pessoas, exigências tácitas de alguma formação local por empregadores, etc.

¹¹⁴ Lee assinala também que *a decisão de migrar nunca é completamente racional, sendo que para algumas pessoas a fundamentação racional é bem inferior à irracional [...] Na verdade, nem todas as pessoas que migram chegam a tal decisão por si. As crianças são levadas pelos pais, quer queiram quer não, e as esposas*

Com efeito, o modelo de Lee é indissociável do postulado microeconômico da migração voluntária no seio de uma economia concorrencial, postulado este que está no centro da teoria microeconômica das migrações, enfatizando as escolhas individuais. Este modelo teórico foi amplamente desenvolvido por Michael Todaro (Todaro, 1969 ; Harris e Todaro, 1970) e Borjas (1989). O grande mérito destas abordagens é de ter acrescentado a noção de retorno esperado ou, de acordo com a linguagem de Sjaastad, o retorno líquido «esperado» do investimento (PICHÉ, 2013, p. 156. Tradução nossa).

Esta abordagem que a literatura chama de *teoria neoclássica* (Brumes, 2013; Saskia e Assis, 2000; Portes, 2007; Caron, 2018; Montaña, 2015) é, para a última autora, *a mais antiga além de mais influente*. Brumes (2013, p. 16) indica que “esta teoria ainda é bem aceita nos dias atuais”. Ademais, ela argumenta que esta abordagem privilegia *a livre decisão do indivíduo e lida com a questão do equilíbrio econômico e da função do trabalho nesse equilíbrio*. Ainda acrescenta que a visão neoclássica “É entendida por Ferreira (1986) como visão ‘comportamentalista’, uma vez que enfatiza as atitudes possíveis de indivíduos que, ao migrarem, atendem aos apelos do mercado capitalista” (BRUMES, 2013, p. 16).

A teoria neoclássica se pronunciou tanto sobre o retorno como a respeito da remigração. No tocante à reemigração, Caron (2018) parte de outra fonte para assinalar que, “Até os anos 1980, o quadro teórico neoclássico entendia a reemigração antes de tudo como um fracasso do projeto migratório ligado a uma difícil integração no mercado laboral (Harris e Todaro, 1970), então seriam os migrantes menos favorecidos que partem” (CARON, 2018, p. 505. Tradução nossa).

O exposto sobre a teoria neoclássica mostra que a busca do migrante por trabalho e/ou acesso a melhores remunerações, necessários para se melhorar as condições de vida, nada mais é que uma busca por desenvolvimento. O desenvolvimento estaria no destino, não na origem, como mostra Montaña (2015), ao dizer que: “El tema del desarrollo se plantea en esta teoría a partir del lugar de destino, considerandolo como un espacio de progreso y de mejora de las condiciones de vida que se tienen en los lugares de origen”(MONTAÑO, 2015, p. 41).

Esta abordagem se foca no cálculo individual e na economia. Nas palavras de Portes (2007), “En efecto, la teoría deja de lado el contexto social en que se hacen los cálculos individuales.” (2007, p. 23), ou seja, ela está centrada na racionalidade do migrante trabalhador, desconsiderando as *políticas de controle* migratórias, a atuação das redes sociais,

acompanham os maridos... (LEE, 1980, p. 103). Hoje, o caso das mulheres mudou significativamente, embora a reunião familiar ainda seja comum, sendo o homem o primeiro a migrar.

as migrações motivadas por razões afetivas: as *reuniones familiares*. Ela ignora a migração motivada por razões culturais, políticas (Montaño, 2015) ou ambientais. Também não considera as migrações que não envolvem tomada de decisão por parte de determinados migrantes, como é o caso das crianças, de povos arrancados à força e de pessoas afetadas por conflitos. Neste sentido, embora tenha se observado esta racionalidade, ela é insuficiente para explicar a migração de casankoolu nas Américas.

2.3.2 - A nova economia da migração

A teoria da nova economia da migração, *cuyo pionero fue Oded Stark y que más tarde fue adoptada, entre otros, por Douglas Massey y J. Edward Taylor* (PORTES, 2007, p. 24), nasce “como una modificación de la teoría neoclásica” (MONTAÑO, 2015, p. 41) e converge em determinado aspecto com esta, divergindo dela em outros. De acordo com esta autora, em ambas, a *migração é uma escolha racional* e justifica basicamente por motivos econômicos, isto é, principalmente pelas más condições econômicas na origem.

Ao contrário da perspectiva neoclássica, a perspectiva da nova economia da migração não se focaliza no indivíduo e em seus cálculos, mas sim, na *familia, no domicilio* (Montaño, 2015; Sasaki e Assis, 2000) *u otra unidad cultural de producción y consumo* (Montaño, 2015, p. 41). Nas citadas palavras de Durand y Massey 2003, vê-se que:

Una clave en el análisis de esta aproximación es que las decisiones migratorias no obedecen exclusivamente a la voluntad de actores individuales, sino que se insertan en unidades más amplias de grupos humanos -familias o grupos familiares, en ocasiones comunidades enteras-, en las que se actúa colectivamente para maximizar no solo la esperanza de obtener nuevos ingresos, sino también para minimizar los riesgos económicos (Durand y Massey 2003 apud MONTAÑO, 2015, p. 41).

Sasaki e Assis sugerem que a minimização destes riscos econômicos é efetuada pelo afrouxamento dos *constrangimentos asociados a una variedad de mercados de trabajo* (SASAKI e ASSIS, 2000, p. 7). A explicação de que a diferença salarial entre origem e destino é a causa da migração de trabalhadores perde, de alguma forma, sua força (Montaño, 2015).

A abordagem em questão estabelece uma relação entre migração laboral e desenvolvimento, notadamente, considerando diferenças de *salários, remessas e circulação de bens e informações* (Portes, 2007; Montaño, 2015). É ela que faz o *pronóstico mais otimista* na relação migração “econômica” e desenvolvimento (Portes, 2007). Ela está mais preocupada com as *causas e conseqüências da emigração na origem*, não dando relevância

para os elementos facilitadores ou não da migração e para as vantagens do lugar de destino (Montaño, 2015), porém sugere que o desenvolvimento e sua falta ou insuficiência são motores da migração. Ela contribui, ao considerar a dimensão coletiva do processo, para na explicação da emigração dos casankoolu nas Américas, notadamente dos que vieram para o Brasil para trabalhar. Porém, a saída de parte importante dos interlocutores em Abya Yala¹¹⁵ deixou o Senegal para se formar em universidades ocidentais na França, no Brasil ou no Canadá. A emigração de Casankoolu, como veremos adiante, se deu inicial e principalmente com a ajuda de parentes, sendo, em determinados casos, um projeto explicitamente familiar, no qual o indivíduo parece um instrumento de implementação.

2.3.3 - A teoria do mercado segmentado

Quanto à teoria do mercado segmentado¹¹⁶, seus teóricos mostraram que este apresenta duas faces. Nas palavras de Rea, “Piore identifica um duplo mercado de trabalho: o setor primário propõe postos de trabalho qualificados, bem remunerados e relativamente estáveis¹¹⁷; o setor secundário emprega sobretudo pessoas pouco qualificadas, mal pagas e flexíveis”¹¹⁸ (REA, 2021, p. 9. Tradução nossa). Morokvasic se refere a Hancock que fala que *a rotatividade do pessoal [entende-se as trabalhadoras transnacionais das usinas de montagem na Ásia do Sudeste] é extremamente elevada diante das difíceis condições de trabalho*. Ela mesma acrescenta que *na agroindústria senegalesa as condições laborais são excessivamente penosas e que só homens recebem equipamentos de proteção*¹¹⁹. Com esta característica dual, o mercado de trabalho dos países industrializados manifesta a necessidade de mão-de-obra

¹¹⁵ “ABYA YALA, na língua do povo Kuna, significa Terra madura, Terra Viva ou Terra em florescimento e é sinônimo de América. O povo Kuna é originário da Serra Nevada, no norte da Colômbia, tendo habitado a região do Golfo de Urabá e das montanhas de Darien e vive atualmente na costa caribenha do Panamá na Comarca de Kuna Yala (San Blas). Abya Yala vem sendo usado como uma autodesignação dos povos originários do continente como contraponto a América. A expressão foi usada pela primeira vez em 1507, mas só se consagra a partir do [final] do século XVIII e início do século XIX, por meio das elites crioulas, para se afirmarem no processo de independência, em contraponto aos conquistadores europeus . [...] A primeira vez que a expressão foi explicitamente usada com esse sentido político foi na II Cumbre Continental de los Pueblos y Nacionalidades Indígenas de Abya Yala, realizada em Quito, em 2004.” (IELA, <https://iela.ufsc.br/projeto/povos-originaarios/abya-yala/>).

¹¹⁶ Rea (2021) e Montaño (2015) citam Piore [1979] como impulsionador, sendo que para Sasaki e Assis (2000), *os teóricos da segmentação* são Piore & Doeringer 1971 e Gordon et al. 1982, 1964.

¹¹⁷ Ele oferece também boas condições laborais, além da progressão na hierarquia (Ver Pior apud Rea, 2021; Brzozowski, 2012; Sasaki e Assis, 2000).

¹¹⁸ Além de mais vulneráveis em termos de estabilidade no emprego e expostos a condições de trabalho difíceis (Ver Pior apud Rea, 2021; Brzozowski, 2012; Sasaki e Assis, 2000).

¹¹⁹ Ver Morokvasic, 2013, p. 249-250).

imigrante para exercer os trabalhos do setor secundário, pois, como indicam vários estudos (Portes, 1999; Dassetto 2019; Glick Schiller et al., 2019; Montaña, 2015; Sasaki e Assis, 2000), aos nativos é reservado o *estrato* primário e aos imigrantes o *estrato* secundário. Literalmente, Dassetto diz que

A maior parte dos migrantes são empregados, como têm reiteradamente demonstrado os analistas da sociologia do trabalho, no setor secundário, ou até terciário, do mercado de trabalho, ou seja, setores de trabalho árduo e menos remunerado, ou mesmo na economia subterrânea. Se existe uma lei sociológica relativa às migrações, é aquela que consiste em dizer que o migrante é interessante no mercado de trabalho se for “explorável” (DASSETTO, 2019, p. 7. Tradução nossa).

No setor primário há *predomínio de capital intensivo*, no secundário predomina o *trabalho intensivo* (Montaña, 2015). Estas constatações sugerem que o desenvolvimento vigente nos países industrializados desestimula a atuação dos nativos no segundo segmento do mercado laboral pelas razões expostas. Aliás, é neste sentido que Sayad (1998) afirma que a elevação *global da qualidade de vida (qualidade econômica e qualidade cultural)* leva a um crescente afastamento da *mão-de-obra nacional de determinados setores de atividades, quando não de setores de emprego inteiros (tarefas degradáveis e socialmente desvalorizadas)* e a uma crescente diminuição *da jornada de trabalho e da duração da vida ativa etc.*¹²⁰

O que antecede justifica o recurso aos imigrantes dispostos a exercer funções não desejadas por nacionais, isto é, para realizar trabalhos desvalorizados aos olhos dos trabalhadores autóctones, mas que interessam os imigrantes por pagarem melhor do que em sua origem (Montaña, 2015)¹²¹. Citado por Montaña (2015), Arango afirma claramente que “Por una serie de razones, las economías muy desarrolladas necesitan trabajadores extranjeros para ocupar los trabajos que soslayan los trabajadores autoctonos y que ya no realizan las mujeres ni los adolescentes, si es que alguna vez lo hicieron” (Ver MONTAÑO, 2015, p. 42). Há, portanto, *um trabalho de imigrante* cujas características levaram alguns estudiosos a chamá-lo de trabalhos 3D (sigla que significa em francês: *Difficile, dégoûtant, dangereux* e, em inglês: *Difficult, disgusting, dangerous*). É cabível acrescentar que, na contemporaneidade, este segmento reúne principalmente migrantes ‘racializados’, etnicizados e trabalhadoras

¹²⁰ Ver Sayad, 1998, p. 17.

¹²¹ Se, de acordo com Ferreira (2017, p. 45), os dados do Banco Mundial revelam que, em média, *os migrantes dos países pobres em países de maior rendimento podem aumentar seu rendimento em 15 vezes, sua escolaridade em duas vezes e diminuir a taxa de mortalidade infantil em 16 vezes*, por outro lado, estes salários baixos beneficiam *os países de rendimento elevado*, notadamente quando se trata de trabalhadores imigrantes sem registro migratório atuantes na informalidade, que são ainda mais explorados.

migrantes (Morokvasic, 2013). Recrutados para ocupar funções secundárias, os trabalhadores imigrantes teriam a possibilidade de melhorar suas condições financeiras, quando comparadas às do lugar de origem. Assim, sugere Morokvasic (2013), a precariedade salarial pode ser concebida como um “favor” feito pelos países modernos, notadamente às migrantes do *terceiro mundo*. Ela pode ser reproduzida por empresas de imigrantes que trabalham com imigrantes, como indica o estudo de Vaz (2011).

Entretanto, Portes (1999) assinala que suas *aspirações econômicas* não são necessariamente atendidas com a remuneração que recebem, e que buscam *evitar os trabalhos desvalorizados e sem futuro*, assim que tiverem esta possibilidade. Os migrantes não têm vocação para ocupar trabalhos precários. O caso dos migrantes de países invasores, tratado adiante, mostra que sua imigração em territórios conquistados lhes proporciona privilégios que, ora, não teriam na sua origem. Na contemporaneidade, Sembène, em seu filme *La Noire de...* de 1966, evoca estes privilégios dos quais se beneficia uma família francesa no Senegal. Indo nesta direção, Quashie (2022) critica o que ela chama de *invisibilidade acadêmica das migrações ocidentais para a África subsaariana*. Ela mostra que no Senegal, imigrantes vindos ou retornados da Europa ou Estados Unidos¹²² são *uma comunidade* de privilegiados, considerando as *atividades laborais exercidas, os bairros de residência, as diferenças monetárias entre euro/dólar e moedas locais, facilidades administrativas no país de origem e de destino* relativos à migração, *o padrão de vida*. Ainda de acordo com esta autora, a maioria deles têm *uma mobilidade social ascendente mediante esta imigração e se reconhecem pessoalmente como privilegiados* ao comparar sua vida atual com a anterior. Ao lado desta *cegueira dos estudos sobre migrações Norte-Sul* passadas e contemporâneas, está a limitada capacidade de ver migrantes do *Sul* atuantes no setor primário do mercado laboral do *Norte*. Veremos nos capítulos IV, que os *casankoolu* no Brasil estão nos dois setores referidos, sendo que no Canadá, a precariedade aparece geralmente no começo da residência, mas não depois de certo tempo.

Contudo, observando essa dualidade, os teóricos da nova economia da migração “argumentam que haveria uma complementaridade entre imigrante e nativo quanto à locação de mercado de trabalho” (Sasaki e Assis, 2000, p. 8)¹²³. Montañó (2015) adverte que esta

¹²² Podem ser senegaleses, africanos, binacionais, ou europeus e estadunidenses, com ou sem ascendência africana. Sua imigração à África subsaariana é caracterizada pela possibilidade *de deixar o país de acolhimento para outro da África ou de retornar para a Europa ou a América do Norte* (Ver Quashie, 2022).

¹²³ Esta noção de “complementariedade” merece ser problematizada na medida em que se contrapõe com o que seria o “centralidade” do trabalho exercido pelo nacional ou pelo homem, e estaria na base da expressão “*salaire de femme*” usada por Morokvasic (2013) e do “trabalho para imigrante” como sugerido por Sayad

abordagem não ajuda muito a entender a realidade na origem, que motiva a emigração, tampouco ajuda a explicar a emigração atual, considerando que os recrutamentos de trabalhadores são raros hoje em dia. O fato é que o número de migrantes cresce progressivamente no mundo - como mostrado na introdução - e o lugar que ocupam no mercado de trabalho estadunidense e europeu também.

Estima-se que, nos últimos dez anos, os imigrantes tenham representado 47% do aumento da força de trabalho nos Estados Unidos e 70% do aumento na Europa, contribuindo decisivamente para as economias dos países desenvolvidos (OCDE, 2014). A importância dos imigrantes no mercado de trabalho revela-se tanto em profissões com grande procura e altamente qualificadas (como no setor da saúde ou das novas tecnologias), como em profissões que regist[r]am um declínio ou que exigem menos qualificações, nos Estados Unidos e na Europa (como a agricultura, manutenção e reparações, etc.). Em todas estas áreas, os imigrantes preenchem necessidades do mercado de trabalho e ajudam a colmatar os seus desequilíbrios, com vários níveis de qualificações e competências (FERREIRA, 2017, p. 47).

Rea (2021) relaciona a teoria do mercado segmentado à abordagem de Saskia Sassen sobre as *global cities*¹²⁴ que atraem simultaneamente profissionais migrantes altamente qualificados, e geram demandas para os postos menos valorizados e mal pagos, em que *migrantes menos favorecidos* atuam¹²⁵. Neste sentido, a ocupação dos segmentos do mercado dual conforme a condição migratória ou de cidadão nacional não obedece literalmente a divisão “clássica”, na medida em que parte dos migrantes atuam no segmento primário do mercado laboral - os trabalhadores do setor primário são também imigrantes, racializados ou não - e, há nacionais trabalhando no setor secundário, como constatado em duas entrevistas no Brasil. A respeito do migrante que está no sector secundário, Dassetto argumenta que este “aceita estas condições temporariamente, até certo ponto, fazendo seu cálculo de custo e benefício, porém tenta rapidamente sair delas, provocando um chamado para uma nova migração” (DASSETTO, 2019, p. 7. Tradução nossa).

Se para esta abordagem a vinda de imigrantes parece desejável, os teóricos do *capital humano* seriam, como mostram Sasaki e Assis (2000), críticos, senão refratários, à vinda dos

(1998). Neste sentido, ela pode ser uma construção para a desvalorização da pessoa imigrante e de seu trabalho, que pode ser observada inclusive em pessoas naturalizadas.

¹²⁴ Piché coloca Saskia Sassen como sendo a pesquisadora que se destaca nas “formulações mais explícitas dos fatores que influenciam a demanda de mão-de-obra imigrante. De acordo com ela, a imigração é um fenômeno essencialmente urbano e envolve em particular os grandes centros urbanos do mundo desenvolvido” (PICHÉ, 2013, p. 158. Tradução nossa).

¹²⁵ “Por mais paradoxal que possa parecer, [os] setores secundário e terciário do mercado de trabalho se multiplicam e crescem nas hipermodernas cidades globais contemporâneas. Estes são inclusive reivindicados em nome da livre atividade econômica e da liberdade individual.” (DASSETTO, 2019, p. 7. Tradução nossa).

ilegais e daqueles pouco qualificados, manifestando o desejo de incentivar o acolhimento dos migrantes com alta qualificação no intuito de assegurar uma maior produtividade econômica¹²⁶. É perceptível que a economia em questão pode contar com recursos humanos localizados em qualquer ponto do planeta.

2.3.4 - A teoria do sistema mundo

De acordo com Montaña (2015), esta teoria converge com a precedente no atinente ao argumento de que as “sociedades avanzadas necesitan indiscutiblemente la mano de obra extranjera para ocupar cargos poco rentables” (2015, p. 42). Quanto às suas bases, Rea (2021) e Montaña (2015) concordam que devem ser buscadas no trabalho de Wallerstein. Este se refere “a un sistema mundial de predominio europeo, dividido en tres esferas: centro, periferia y semiperiferia” (MONTAÑO, 2015, p. 42). A teoria do sistema mundo, *de inspiração marxista*, argumenta que “as migrações resultam da expansão dos mercados econômicos e do desenvolvimento do capitalismo, nos quais as autoridades políticas desempenham um papel fundamental” (REA, 2021, p. 8. Tradução nossa).

Este autor assinala ainda que a migração é aqui vista como um processo que populações periféricas não capitalistas iniciam a partir do momento em que entram em contato com *as relações econômicas capitalistas*, notadamente diante da instalação de empresas capitalistas nas periferias (Rea, 2021). Partindo de Durand 2004, Montaña (2015) mostra que este contato não ocorreu sem relação de poder, tanto é que a teoria em questão explica que a migração resultou da “dominacion de las regiones centricas sobre las perifericas, que da como resultado mayor desigualdad, en comparacion con otras teorias” (MONTAÑO, 2015, p. 42). Indo na mesma direção, acrescentando outros novos elementos, Portes (1999) estima que

a emigração atual é fruto de duas forças ligadas cuja fonte é a dinâmica da própria expansão capitalista: primeiro as demandas dos países ricos em mão-de-obra barata e facilmente renovável,

¹²⁶ “Os principais argumentos dos teóricos do capital humano seriam que os imigrantes ilegais têm acesso aos bens e serviços assistenciais do *welfare* americano, o que vem penalizando os orçamentos de alguns estados como Flórida e Califórnia. No âmbito do mercado de trabalho, estes imigrantes com baixa qualificação são acusados de tirar os empregos dos nativos e rebaixar os salários das regiões onde se concentram. Estes teóricos acreditam que a política imigratória deve priorizar a entrada e a permanência de imigrantes com melhor qualificação, a fim de atingir um sistema econômico mais produtivo” (Sasaki e Assis, 2000, p. 8). Por outro lado, levado Francine Kane argumenta que “a legislação, acuando o trabalhador migrante à ilegalidade, o designava como a presa de empregadores pouco escrupulosos. [Em outras palavras, ela defende que] A clandestinidade aparece como uma instituição rentável. É a forma mais econômica de administrar a mão de obra africana. Ela elimina para o patronato e o Estado (francês) os custos sociais do trabalho (Francine Kane (1972) *apud* MBODJI, 2008, p. 306. Tradução e grifo nossos).

depois a penetração dos países periféricos pelos investimentos produtivos, os modelos consumistas e a cultura popular das sociedades avançadas¹²⁷ (PORTES, 1999, p. 16. Tradução nossa).

A conclusão que sugerem estes estudos é que é o mercado global que provoca e orienta as migrações, já que os indivíduos e famílias sofrem os efeitos deste, carecendo de verdadeiro poder de decisão. Contudo, esta teoria apresenta limitações, na medida em que, ao sugerir uma drenagem de migrantes, não explica porque um pequeno número de pessoas migra, ou que a maioria não migra. Também parece subestimar os obstáculos, os meios e as redes sociais mobilizadas. Portanto, sua contribuição na explicação da migração dos casankoolu nas Américas é pertinente, porém parcial.

Pode-se dizer que todas as teorias anteriores se fundamentam no aspecto econômico, ligando as causas da migração a este. Dassetto (2019) constata que a *pobreza e a falta de emprego* são as causas da emigração mais citadas, entretanto, *as causas são múltiplas*. Podem ser sociais (*escapar a uma sociedade patriarcal*) culturais (*atração pelas imagens das sociedades vistas como opulentas. Em certos casos, instala-se uma cultura migratória, acompanhada de uma visão desiludida sobre a própria sociedade*)¹²⁸. O desenvolvimento da migração, de acordo com Lee (1980), tem uma forte relação com o desenvolvimento tecnológico, que facilita tanto a comunicação como o transporte, portanto, tem forte potencial de aumentar o volume das migrações, e estas, por sua vez, contribuem para o aumento da migração. Ademais, o desenvolvimento da migração está ligado ao processo de expansão do capitalismo¹²⁹, à globalização, à existência e atuação de redes de migrantes já instalados no destino (Singer, 1980). Na ótica de Hall (2003), “A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidade – os legados do Império por toda parte – podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento – a dispersão” (HALL, 2003, p. 28).¹³⁰.

¹²⁷ Uma das consequências da expansão do capital dito “multinacional” nas chamadas “periferias” é a “remodelagem da cultura popular conforme modelos estrangeiros e a introdução de modelos consumeristas sem relação com o nível de salários locais” (F. Alba, 1978). Este processo dá aos futuros emigrantes uma primeira ideia sobre o que podem esperar de sua vida no exterior, e exacerba seu desejo de partir, ampliando a diferença entre as realidades locais e suas novas aspirações em consumir” (PORTES, 1999, p. 17. Tradução nossa).

¹²⁸ Ver Dassetto (2019, p. 5 e 6).

¹²⁹ Outros estudos posteriores (Drechsler e Gagnon, 2008; Escudero, 2018; Glick Schiller et al., 2019) confirmaram tal relação

¹³⁰ O retorno é sempre uma eventualidade na migração, como se vê em Sayad (1998; 2000), Shishito [2018?]. Roncato (2013) e Damon (2020) que usa o termo *Kurobera*: “desaparecer por um tempo”, *frequentemente em busca de melhores condições de vida, para se realizar alhures*. Em Cassarino (2020), nota-se que existem vários tipos de retornos. Sua realização física não põe necessariamente fim à migração (Sayad, 2000; Cassarino, 2013).

No tocante à Casamansa, Gueye e Deshingkar (2019) argumentam que as motivações são diversas: *Escapar de uma vida sem futuro, poder realizar sonhos e ter um futuro mais próspero, ser um bom pai e/ou filho, evitar meios desonestos de ganhar a vida* foram as destacadas (GUEYE et DESHINGKAR, 2019, p. 3. Tradução nossa). Cabe notar que, para isso - e é o que mostra a etapa inicial do perfil migratório intercontinental da maioria dos nossos interlocutores - muitos candidatos à emigração para o Ocidente entendem a necessidade de certa qualificação prévia de qualidade, alguns deixam claro que o sistema em que está todo o Senegal é nocivo para o desenvolvimento do país.

O citado Michael Lambert (2002) fala de “Longing for Exile”, isto é, de “*desejo de exílio*, como sendo a força determinante da generalização da migração no seio daquele povo [diola]” (FOUCHER, 2005, p. 4. Tradução e grifo nosso). De modo geral, nossas entrevistas revelaram que a *envie d’ailleurs* “desejo de emigrar” é um sentimento difuso entre jovens *ziguinchorois* que, à semelhança dos *casankoolu* e dos Senegaleses em geral, entendem, que o exterior, particularmente o mundo ocidental, é “uma salvação”. Neste sentido, este *desejo de emigrar* é um elemento primário, e pode ser considerado como o principal motivo difuso da emigração da juventude. É mais verbalmente expresso entre homens do que entre mulheres. Quando a fala das mulheres que o verbalizam se traduz por “Porque não eu?” ou “Eu também quero ir”, a dos homens poderia ser representada por “Queria sair a todo custo”. A respeito, a A.D.S nº 1 explica a generalizada *envie d’ailleurs*, dizendo: *Acho que temos este complexo em casa [no Senegal] de que o futuro, o sucesso está imperativamente no exterior. ‘Tem que sair do país para ter sucesso’, isso está no entendimento de todo mundo* (Entrevistada em 23/11/2018). A mesma constatação se repete na fala de Anta. Quando perguntado sobre o que esperava do Canadá a partir do momento em que aceitou a proposta de emigrar para este país, ele responde:

Eu diria, como a maioria. De modo geral, como todo mundo que pensava ir para Europa, o Eldorado, a vida fácil, o trabalho, o dinheiro. Então, quero dizer, quando digo Eldorado é o que vai tirá-lo da miséria. Logo, para você, a miséria acabou, quando você sai para vir para o Canadá é isso que você logo vê, o trabalho garantido (Yayi Anta. Entrevistado em 21/11/2021).

Poucos escapam dessa lógica que arrasta o cidadão comum, desempregado ou empregado, funcionários públicos de menores categorias, quadros da administração pública ou privada, diplomatas, ministros. Quando não migram, procuram dar esta *oportunidade* para seus familiares. Desde o exterior, propõem e se empenham em tornar possível o projeto migratório de parentes na origem. “Eu me dei como obrigação familiar, empurrar os outros”

parentes (A.D.S nº 2. Entrevistada em 23/08/2022), ou seja, ajudá-los a emigrar para assim crescer. *Portanto, seria difícil mudar esta mentalidade, ainda mais que [no caso do cidadão comum], os primeiros que partem, talvez voltem de férias, com tudo o que mostram como sucesso, mesmo sendo só aparência* (A.D.S nº 1. Entrevistada em 23/11/2018). Portanto, é certo que os “determinantes econômicos” são importantes, mas não bastam para se entender e “redigir uma economia política da mobilidade ou a *itinerância*” (Diop, 2008, p. 22. Tradução nossa). A vontade de sair está ligada à ambição de realização pessoal e familiar dos candidatos à emigração internacional, mas também ao prestígio social. Portanto, ela costuma coabitar com a *vontade de levar para o exterior* ou de incentivar e ajudar a ir, um familiar que não necessariamente tinha a intenção de efetuar uma migração internacional. Foi o caso de uma entrevistada que veio ao Brasil, e de dois entrevistados (uma mulher e um homem), que foram para o Canadá. Para duas das entrevistadas no Canadá, o caminho da emigração intercontinental foi indicado, quando elas nem pretendiam deixar o país. Poderia-se falar neste caso de migração induzida de alguns casankoolu.

Sem pretender esgotar os *fatores de expulsão* e de *atração* dos casankoolu, deve-se considerar a situação geográfica, a herança colonial, dimensões sociais, políticas e econômicas da Casamansa, as atuais políticas migratórias e a globalização do mundo contemporâneo, bem como o papel da mídia ocidental sobre o próprio Ocidente (extremamente positiva) e sobre a África (extremamente negativa). São estas ligações físicas ou simbólicas com a história, os países e com o mundo que servem de base na análise da emigração de casankoolu.

2.3.5 - Gênero e migração

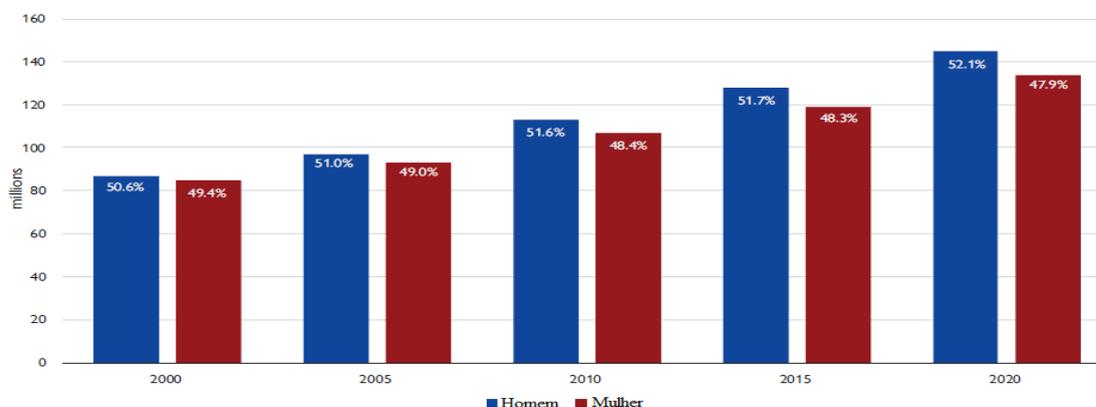
O aparecimento da questão de gênero em estudos migratórios não é novo. O estudo de Ravenstein (1980) mostra que desde seu princípio, a migração de homens e mulheres esteve ligada à economia. Mas posteriormente, outros motivos apareceram, como indicado anteriormente, para explicar as migrações. O trabalho segue sendo central para migrantes de ambos os sexos, embora, no caso das mulheres, as pesquisas tendem a destacar a reunião familiar, em detrimento dos motivos econômicos, políticos e sociais¹³¹.

¹³¹ Mulheres socialmente marginalizadas de forma notória, as *viúvas, separadas ou repudiadas*, bem como aquelas que transgrediram comportamentos pouco tolerados, aquelas em casamentos conturbados e com violência física tendem a migrar de forma autônoma. A eventualidade de uma combinação de motivos como pobreza e patriarcado, por exemplo, existe (Ver Morokvasic, 2013, p. 261).

Em seu estudo de 1885, Ravenstein (1980) havia comparado a migração de homens com a de mulheres, ao dizer que *A mulher migra mais do que o homem*, e que - apesar de associada à *vida doméstica* - tal fato foi comprovado pelos resultados do Censo do Reino Unido de 1881. Neste estudo, o autor sugere que a maior representatividade de mulheres, com relação aos homens, ocorre nas curtas distâncias. Contudo, “Analisando, notadamente, os movimentos transatlânticos desde o comércio moderno dos escravos¹³², Gabaccia [2014] ressalta, de sua parte, que sempre foram equilibrados do ponto de vista do gênero” (REA, 2021, p. 13). Tomados em seu conjunto, tais argumentos indicam a presença significativa de mulheres nas migrações de curta e longa distâncias.

O gráfico a seguir sugere que a relação gênero-migração e distância aludida por Ravenstein (1980) deve ser reavaliada, na medida em que, nas últimas duas décadas, o equilíbrio entre homens e mulheres é um fato na migração internacional. Se 3,6% da população mundial eram migrantes internacionais em 2020 (OIM, 2021), neste ano, o percentual de mulheres migrantes representou 3,5% da população feminina no mundo, quando o de homens migrantes correspondeu a 3,7% da população masculina no mundo. Esta pequena diferença percentual se traduziu em 11 milhões de homens migrantes a mais que mulheres na mesma condição no mundo. Quando se compara respectivamente os 135 milhões de mulheres e os 146 milhões de homens em situação de migração, com os números de 2019, a conclusão é que para cada sexo houve aumento numérico de 5 milhões de pessoas em 2020 (Ver McAuliffe e Triandafyllidou, 2021). Entre 2000 e 2020, a diferença entre o percentual de homens e mulheres foi pequena.

Gráfico 2 - Migrantes internacionais em %, segundo o sexo, 2000-2020



Fonte: UN DESA, 2021. In: McAuliffe e Triandafyllidou, 2021, p. 28. Grifo nosso.

¹³² Entendemos que se tratou de comércio dos Exilados para fim de escravidão, pois era pouco provável que estas pessoas fossem escravas antes de sua saída do solo africano.

Com base em Morokvasic (2013), é no fundo descabível atribuir à migração das mulheres causas pessoais, privadas e familiares, quando a dos homens seria relacionada a *fatores externos, públicos e econômicos*. Explicando os motivos de deslocamentos humanos no Reino Unido, Ravenstein (1980) indica que homens e mulheres migram por razões laborais¹³³. As migrantes se deslocam, “em maior parte, à procura de empregos domésticos, embora, em vários casos, chegam até mesmo a representar a maioria, desloquem-se, também, com a esperança de encontrar emprego em lojas e fábricas” (RAVENSTEIN, 1980, p. 63). Entretanto, apesar da publicação deste estudo científico do final do século XIX, cem anos depois, um estudo *dedicado às mulheres migrantes* (Catarino e Morokvasic, 2008) é publicado. Trata-se de *uma edição da ‘International Migration Review’ de 1984* (Rea, 2021; Catarino e Morokvasic, 2008). Nas palavras de Rea (2021), ela *tirou as mulheres da invisibilidade nos estudos sobre a imigração* (2021, p. 13. Tradução nossa). A própria autora fala de trabalhos de *compensação*, considerando que seu objetivo era mostrar a mulher [migrante] onde não era vista (Morokvasic, 2008). O trabalho de Morokvasic: *Birds of passage are also women / Les oiseaux de passage sont aussi de femmes...*¹³⁴, publicado na referida revista, é destacado como uma referência fundamental que faz *uma síntese dos estudos que evidenciam a contradição da distinção entre a migração por razões matrimoniais e a migração laboral das mulheres*¹³⁵.

Morokvasic (2008; 2013) considera que a participação da mulher na migração laboral foi por muito tempo ignorado pelas *pesquisas sobre a migração*, o que gerou um *desequilíbrio em favor dos homens* e colocou, por um lado, as migrantes como “dependentes passivas” e, por outro, o trabalhador migrante como *referente universal* e fonte das vantagens para as empresas, que gastam pouco com ele e ganham muito explorando-o. Tal perspectiva, vigente até o fim dos anos 1970 e decorrer dos anos 1980¹³⁶, não retrata a real contribuição direta e indireta das trabalhadoras migrantes, ainda mais exploradas, para a obtenção de vantagens

¹³³ Pode-se dizer que estes homens e mulheres são motivados pelo “desejo de promoção e de autonomização” mencionado por Catarino e Morokvasic (2008), não é, portanto, algo novo.

¹³⁴ Este título foi escolhido “em resposta à metáfora usada por Michael Piore (1979) relativa à imigração, entendida somente como a mobilidade de homens”(CATARINO; MOROKVASIC, 2008, p. 1. Tradução nossa).

¹³⁵ Referindo-se a [Phizacklea, 1983], Rea informa que este trabalho de Mirjana Morokvasic foi precedido por *alguns trabalhos pioneiros que mostraram o envolvimento crescente de mulheres na imigração laboral, notadamente no setor industrial* (Ver REA, 2021, p. 13. Tradução nossa).

¹³⁶ Conferir Morokvasic (2008; 2013). É por volta de “1974-1975 [que], a problemática da migração das mulheres chama a atenção de pesquisadoras e pesquisadores, dos poderes públicos e da mídia...” (MOROKVASIC, 2008, s/p.).

pelo sistema econômico. A exploração de mulheres migrantes em oficinas clandestinas de Paris e outras metrópoles ocidentais e a importância do trabalho destas migrantes para a manutenção do sistema prova a omissão voluntária da literatura na sua focalização injustificável apenas em migrantes do sexo masculino. Fundamentando-se em outras pesquisas, Morokvasic (2013) ainda fala da profunda situação de vulnerabilidade da trabalhadora migrante, dizendo: “A mão de obra barata que representam as migrantes é a peça-chave da sobrevivência e da renovação das oficinas de miséria nos países industrializados no século XIX, como Nova York, Paris e Londres” (MOROKVASIC, 2013, p. 253. Tradução nossa). Ela acrescenta:

Ademais, como todos os migrantes, as mulheres são as primeiras vítimas da ideologia racista e de um estatuto precário no plano político e legal. É a conjunção de discriminações ligadas ao gênero, de discriminações raciais contra trabalhadores migrantes, e da exploração da classe trabalhadora (...) que as tornam particularmente vulneráveis (MOROKVASIC, 2013, p. 254. Tradução nossa).

Neste trabalho, percebe-se que os países que dizem combater o patriarcado e machismo dos quais sofrem as mulheres imigrantes, são os mesmos que tiram proveito das mesmas situações a combater, seja para impedir seu acesso ao mercado de trabalho, para limitar as ofertas de emprego a elas ou para oferecer salários precários a esposas de migrantes. A autora afirma que “após a suspensão, em 1974, da imigração econômica, os países da Europa Ocidental impuseram, seja uma proibição total de entrar no mercado de trabalho às esposas que se juntavam a seu marido migrante, ou períodos de espera” (MOROKVASIC, 2013, p. 254. Tradução nossa)¹³⁷. De tal configuração tende a resultar o trabalho irregular das migrantes com todas as vantagens que podem tirar os empregadores, e, por outro lado, as desvantagens para as próprias trabalhadoras. Dela também decorre, segundo a autora, o baixo registro da atividade de mulheres migrantes nos dados oficiais.

Deve-se notar que, apesar do que antecede, Catarino e Morokvasic (2008) assinalam que Pessar observou que “as mulheres com relação aos homens, ‘ganham’ na migração, sendo que estes perdem em status social (Pessar, 1999)” (CATARINO; MOROKVASIC, 2008, p. 11. Tradução nossa). Tal como os homens em situação de migração, as mulheres migrantes são, em determinados casos, pioneiras da cadeia migratória e trazem seus cônjuges, organizam-se para superar as adversidades, são suscetíveis de reorientar seus projetos

¹³⁷ De acordo com Wenden, a migração de mulheres no âmbito do casamento segue sendo expressiva e, é inclusive predominante no caso dos Estados Unidos e também na Europa. Ver Catherine Wihtol de Wenden (3). *Les catégories de migrants*. Disponível em: <https://www.youtube.com/@djenebaeudarc5339/videos>

migratórios. Este debate não levou em conta a migração para fins de estudos, sendo que das sete (7) mulheres, três (3) relacionam sua migração intercontinental à formação universitária.

No tocante à migração das mulheres de Casamansa, ela é relacionada ao trabalho doméstico, isto é, ao mercado do cuidado, em centros urbanos e ao casamento (Foucher, 2002; De Jonge et al., 1978). Observou-se que, no caso das duas mulheres entrevistadas no Brasil, o trabalho de cuidar dos outros está no centro de sua migração interna no Senegal e internacional. Gueye (2019) sugere, no entanto, que elas se envolvem pouco na migração internacional, e particularmente quando esta ocorre por vias irregulares. Ele acrescenta que, na região de Kolda, a migração de mulheres para o exterior por estas vias é estigmatizada, pois associada à exploração sexual, à prostituição, à vulnerabilidade. Mas, ressalta que *esta atividade, que é de usar o sexo como meio de transação não ocorre necessariamente de forma compulsoria*.

2.3.6 - A teoria das redes sociais migratórias

Rea (2021) informa que a abordagem das redes sociais apareceu na década de 1980 preocupada em entender o que provoca as migrações e *as razões de sua persistência*. É o que falam Sasaki e Assis (2000), partindo de Boyd, que não vê como nova a relação redes sociais e pesquisa sobre migração, para mostrar que esta autora indicou que “nos anos 70, estudiosos analisaram os processos de redes de migração e o papel que parentes e amigos desempenharam no fornecimento de informações e auxílio no processo migratório” (SASAKI e ASSIS 2000. p. 10). Esta abordagem *se inspirou do que já foi chamado de migração em cadeia* (Rea, 2021. Tradução nossa).

Brumes (2013) cita indiretamente Portes que define as redes sociais como sendo “um fenômeno de construção de associações entre pessoas ligadas por laços profissionais, familiares, culturais ou afetivos” (Ver BRUMES, 2013, p. 22). Esta autora mostra que ao lado do conceito de redes sociais está o de redes migratórias. A respeito das redes migratórias, a ótica de Massey é bastante mobilizada¹³⁸. Partindo deste autor, Brumes diz que

Redes migratórias podem ser definidas como complexos de laços interpessoais que ligam migrantes, migrantes anteriores e não migrantes nas áreas de origem e de destino, por meio de vínculos de parentesco, amizade e conterraneidade (MASSEY, 1998 *apud* BRUMES, 2013, p. 22).

¹³⁸ Ver Brumes, 2013; Sasaki e Assis, 2000; Montañó, 2015.

No mesmo sentido, também baseando-se em Massey, as autoras Sasaki e Assis (2000, p. 10) assinalam que

Massey (1990) afirma que as redes migratórias compõem um conjunto de laços sociais que ligam comunidades de origem a específicos pontos de destino nas sociedades receptoras. Tais laços unem migrantes e não migrantes em uma complexa teia de papéis sociais complementares e relacionamentos interpessoais que são mantidos por um quadro informal de expectativas mútuas e comportamentos predeterminados (SASAKI e ASSIS, 2000, p. 10).

Sugerindo outra definição de rede social, colocando-a como *unidade efetiva da migração* – o que parece particularmente verdade no caso das migrações de cidadãos de países africanos¹³⁹, elas ainda acrescentam, baseando-se em Tilly, que

As unidades efetivas da migração não são nem individuais nem domiciliares, mas sim conjuntos de pessoas ligadas por laços de amizade, parentesco e experiência de trabalho, que incorporam o país de destino nas alternativas de mobilidade por eles considerados (SASAKI e ASSIS, 2000, p. 11).

Se as pessoas migram, sugere Wenden (6), é porque dispõem de redes. Ela afirma que *os que partem são os que têm redes, redes de conhecidos, pois para aqueles que delas carecem, a migração é muito difícil*¹⁴⁰. Bourdieu (1980) defende argumentos que vão neste sentido, ao mostrar que uma rede de relações não é algo exclusivamente dado pela natureza ou pela sociedade e cuja longevidade seja perene e imutável. As redes de relações resultam de construções, podem ser ampliadas, modificadas, e demandam manutenção. Segue o que afirma nas próprias palavras.

A existência de uma rede de relações não é um dado natural, nem mesmo um “dado social”, constituído, de uma só vez e para sempre, por um ato social de instituição (representado, no caso do grupo familiar, pela definição *genealógica* das relações de parentesco que é característico de uma formação social), mas o produto do trabalho de instauração e de manutenção que é necessário para produzir e reproduzir vínculos duradouros e úteis específicos para fornecer vantagens materiais ou simbólicos. Dito de outro modo, a rede de relações é o produto de estratégias de investimento social consciente ou inconscientemente orientadas para a instituição ou a reprodução de relações sociais diretamente utilizáveis, a curto ou longo prazo (BOURDIEU, 1980, p. 2. Tradução nossa).

A ideia de rede social precisa ser considerada na sua relação com a *noção de capital social*, com a qual tem estreita relação. Esta é definida como um conjunto de recursos de que dispõe de fato ou em potencial uma pessoa no âmbito de uma rede de vínculos (Bourdieu, 1980). Nas palavras do autor

¹³⁹ Ki-Zerbo (2009, p. 64) fala que *em todos os níveis, o africano era, acima de tudo, um ser social*. E Felwin Sarr (2021, p. 95) ressalta que O *ubuntu*, “sou porque somos”, *funda-se na essência social do indivíduo, privilegia o bem comum e o respeito à humanidade do outro*.

¹⁴⁰ Ver, Wenden, Catherine Wihtol de (6) - “Géopolitique des migrations”. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/@pascalboniface241/videos>>

O capital social é o conjunto os recursos atuais ou potenciais que estão relacionados à posse de uma *rede duradoura de relações* mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento; ou, em outros termos, ao *pertencimento a um grupo*, como conjunto de agentes que não são dotados somente de propriedades comuns (susceptíveis de ser percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles próprios), mas são também unidos por *relações* permanentes e úteis (BOURDIEU, 1980, p. 2. Tradução nossa)¹⁴¹.

A teoria das redes sociais migratórias, permite perceber que os melhores destinos migratórios não são necessariamente os chamados países industrializados, “avançados”, mas sim, frequentemente, aqueles em que os componentes da rede dispõem de informações, de algum membro no local e consideram mais apropriado para imigrar por oferecer as oportunidades e vantagens desejadas e gerar menos custos para ela. É o que diz Montaña (2015) nas seguintes palavras:

Una de las principales ventajas de las redes, es que facilitan la migración bajando los costos del desplazamiento, a través del flujo de información sobre empleos, mejores lugares para migrar, etcetera. Muchas personas deciden migrar debido a que algún compatriota o familiar lo hizo con anticipación, generando un efecto de migración en cadena, ya que, al conocer las ventajas o desventajas de los lugares de destino —la mejor forma de cruzar la frontera, las ventajas salariales, entre otros aspectos—, la decisión de los candidatos a migrar se facilita considerablemente (Durand 2000). Otro elemento importante de las redes de migrantes, es la reducción de los riesgos asociados a la migración, ya que la presencia de estas en los lugares de origen aumenta la probabilidad de obtener empleo (MONTAÑO, 2015, p. 43).

É perceptível que, na ótica desta teoria, a decisão de migrar pode ser individual ou coletiva (Montaña, 2015), ou seja, ela pode ser tomada pela pessoa, a família ou a comunidade, mas sua implementação conta com a colaboração efetiva dos componentes da rede na origem, no destino e mesmo em um terceiro país. Citando Sassen, Portes (1999) defende que uma das características das redes sociais de trabalhadores imigrantes é que elas são *densas e geograficamente muito vastas*¹⁴², podendo permitir a identificação de uma oportunidade de emprego em lugares muito distantes. Rea (2021) fala que além de unir migrantes, antigos migrantes e não migrantes, as relações sociais também tecem pontes entre origem e destino, baseando-se na amizade ou parentesco. Ele reforça que “Estas redes fornecem informações tais como: onde e como partir, como ter acesso aos recursos para instalar-se, como adaptar-se ao novo ambiente?” (REA, 2021, p. 10. Tradução nossa).

¹⁴¹ “Estes laços são irredutíveis às relações objetivas de proximidade no espaço físico (geográfico) ou inclusive no espaço econômico e social porque estão baseados em intercâmbios inseparavelmente materiais e simbólicos cuja implementação e perpetuação supõem o re-conhecimento dessa proximidade. O volume do capital social que possui um agente particular depende então da extensão da rede de relações que pode efetivamente mobilizar e do volume do capital possuído pessoalmente por cada um dos quais ele está vinculado” (BOURDIEU, 1980, p. 2. Tradução nossa).

¹⁴² A outra é que “tendem a criar uma solidariedade em virtude da incerteza generalizada que governa a condição imigrante” (PORTES, 1999, p. 18. Tradução nossa).

Há uma proximidade entre a abordagem das redes sociais e a noção de capital social, de igual modo que existe entre a primeira e a abordagem do transnacionalismo. Partindo de Portes (1999) e Glick Schiller et al. (2019) é possível dizer que as redes, notadamente de parentesco, viabilizam o transnacionalismo, pois sem elas este se realizaria com dificuldades. Na base do transnacionalismo há a migração internacional, que, por sua vez, conta muito, no caso da África Ocidental em questão, com a atuação das redes sociais, que em si tendem a envolver familiares já residentes no exterior e aqueles que estão no país de origem. Os migrantes mantêm simultaneamente relações com a sociedade de origem e com a de destino (Glick Schiller et al. 2019; Portes 1999; Bazonzi, 2015; Rea, 2021; Tandian, 2018; Sasaki e Assis, 2000;). Estas últimas autoras acrescentam que “Estas relações sugerem características que apontam para o contexto transnacional dos fluxos migratórios contemporâneos” (SASAKI e ASSIS 2000, p. 12).

2.3.7 - O transnacionalismo como teoria

O uso do termo “transnacional” não começou com estudos sobre migrações internacionais (Escudero, 2018; Moctezuma Longoria, 2008). Moctezuma Longoria (2008) mostra que o termo transnacionalismo é anterior ao século XX, sugerindo que foi cunhado pela economia política, tendo uma estreita relação com corporações privadas e expressivas operações financeiras que os Estados nacionais mal podiam regular, já no final do século XIX. Nas próprias palavras, diz:

El origen del término transnacionalismo se remonta al campo de la economía política del siglo XIX para describir las corporaciones privadas que ya tenían grandes operaciones financieras y una presencia organizacional y administrativa en varios países. Consecuentemente, el crecimiento de dichas corporaciones ha estado relacionado con el poder y la propiedad del capital en más de un país, la conquista de los mercados nacionales, las exportaciones y transferencias del mercado intrafirma, el empleo de trabajadores en otro país a través de sucursales de una misma empresa matriz y, por supuesto, la migración internacional (MOCTEZUMA LONGORIA, 2008, p. 41).

Ainda na sua relação com a processos econômicos e com corporações, as autoras Glick Schiller et al. (2019) recorrem a Martinelli para mostrar que no decorrer dos anos 1960 “a palavra ‘transnacional’ foi amplamente usada por estudiosos de processos econômicos para se referir ao estabelecimento de estruturas corporativas ou associativas com bases organizacionais estabelecidas em mais de um estado” (GLICK SCHILLER et al. 2019, p. 354). Trata-se do denominado transnacionalismo “desde arriba”, que é uma “expresión [que]

se refería a las actividades de los gobiernos y las corporaciones multinacionales” (PORTES, 2005, p. 4) notadamente em esferas econômica, política e sociocultural (Ver Quadro 3).

Embora relevante para entender que a palavra não é nova, este transnacionalismo econômico e financeiro de governos e firmas, que remete ao mercado mundial, não é o núcleo de análise deste trabalho. A preocupação aqui é entender como a literatura aborda o transnacionalismo migrante, que se inscreve no chamado transnacionalismo “desde abajo”¹⁴³ e cujas práticas envolvem, *além do lar e das redes familiares, organizações que conectam o país de origem a uma ou mais sociedades em que tem membros estabelecidos* (Glick Schiller et al. 2019, p. 374).

Enquanto fenômeno, o transnacionalismo migrante tampouco é novo (Portes, 2005; Neira, 2005; Glick Schiller, 2019). Sua anterioridade sobre a formulação teórica do fenômeno foi expressamente colocada por Robert Smith (2003), quando argumenta o que segue: “si la vida transnacional existía en el pasado pero no era considerada como tal, entonces la lente transnacional realiza el nuevo trabajo analítico de ofrecer una manera de ver lo que estaba ahí y que antes no podía advertirse” (Smith, 2003: 1 apud PORTES, 2005, p. 3).

A abordagem teórica atinente ao transnacionalismo migrante foi formulada no começo da década de 1990, mais precisamente em 1992 (Bianco, 2015; Portes, 1999; 2005; Neira, 2005; Assis, 2002; Assis, 2002; Sasaki e Assis, 2000). São as autoras Glick-Schiller, Basch e Blanc-Szanton (1992) que sugeriram a *adoção da transnacionalização como novo campo analítico para a compreensão da migração* (ASSIS, 2000, p. 139). Prosseguindo, Assis expõe que para estas pesquisadoras “os estudos clássicos de migração, ao elaborarem [suas] categorias¹⁴⁴ não perceberam que os emigrantes mantinham suas relações com a sociedade de origem, não em contradição, mas em conjunção com sua sociedade hospedeira” (ASSIS, 2002, p. 141). Como argumentado no estudo de Glick Schiller et al. (2019), “Um conceito de ‘transnacionalismo’ permitiria aos pesquisadores levar em conta o fato de que os imigrantes vivem sua vida no outro lado das fronteiras nacionais e respondem às restrições e demandas de dois ou mais Estados” (GLICK SCHILLER et al. 2019, p. 368).

¹⁴³ O trabalho de Portes (2005) mostra que os migrantes não são os únicos atores nesta forma de transnacionalismo, ao dizer que “existe un reconocimiento, como deja claro Vertovec (2003), de que los inmigrantes no son los únicos actores privados que participan en esta clase de actividad. Las Organizaciones no Gubernamentales (ong) y los activistas de base, defensores de los derechos humanos, del ambiente y de otras causas globales, también han contribuido a la proliferación de redes «desde abajo» más allá de las fronteras” (Keck y Sikkink, 1998 apud PORTES, 2005, p. 4).

¹⁴⁴ São elas: *imigrantes “temporários”, “retorno de imigrantes”, migrantes “permanentes”* (ASSIS, 2002, p. 141).

As bases do transnacionalismo das migrações estão nos estudos realizados principalmente no final da década de 1980 (Bianco, 2015), como se pode ver no trabalho de Glick Schiller et al. (2019, p. 368). Nas palavras de Bianco,

La perspectiva transnacional de las migraciones (Glick-Schiller, Basch y Szanton Blanc, 1992; Basch, Glick Schiller y Szanton Blanc, 1994) fue desarrollada a partir de investigaciones emprendidas predominantemente en la segunda mitad de la década de 1980 entre los llamados *nuevos inmigrantes* del Caribe, India y Asia, que empezaron a migrar a Estados Unidos en los años sesenta y setenta en un periodo de renovación de las migraciones en las ciudades de ese país (BIANCO, 2015, p. 14).

Saskia e Assis (2000) assinalam que em seu estudo, as autoras Glick Schiller, Basch e Szanton Blanc (1992) criticam a ótica da literatura que via a migração como um processo que ocasiona *ruptura permanente* com a sociedade de origem, *abandono dos velhos padrões*, assimilação e aculturação, argumentando que os imigrantes permanecem em contato, desenvolvendo *relações familiares, econômicas, sociais, organizacionais religiosas e políticas*, através das fronteiras, ligando o *global e o local*, as sociedades de origem e de residência. Escudero (2018) argumenta que é cabível

dizer que a partir do debate sobre integração, assimilação e até mesmo globalização, surgiu uma nova perspectiva que considera a multiplicidade de identidades, redes e organizações fluidas e constituídas dentro de uma relação espaço e tempo, passando a ser frequentes dentro dos estudos migratórios os termos: espaços transnacionais (FAIST, 2000; PRIES, 2008), campos sociais transnacionais (BASCH; SCHILLER; SZANTON-BLANC, 1992; 1995); espaço pós-colonial (CHAKRABARTY, 2000) e, mais recentemente, espaço cosmopolita (BECK; GRANDE, 2010). Resumidamente, são abordagens que propõem, cada uma com suas particularidades, uma definição alternativa para unidades de análises gerais estabelecidas com a finalidade de pensar sobre entidades territorializadas e desterritorializadas, bem como nacionalizadas e cosmopolitas ao mesmo tempo (ESCUDERO, 2018, p. 113).

Em seu estudo, Portes (2005) adverte que a empiria mostra que não se trata de contraposição entre a *assimilação e o transnacionalismo*, considerando que “com frequência são os imigrantes melhor estabelecidos e com maior estabilidade econômica que participam destas atividades [transnacionais].” (PORTES, 2005, p. 15. Tradução nossa). Assim, as referidas pesquisadoras falam de transmigrantes, expressando, com este termo, a manutenção, a construção e o reforço de *ligações múltiplas* destes com sua origem, sendo estas facilitadas *pela possibilidade de encurtar tecnologicamente o tempo e o espaço* (GLICK SCHILLER et al., 2019, p. 363). Convergindo, Neira (2005) assinala que

la teoría transnacional inscrita en estudios críticos acerca de la globalización pone énfasis en las capacidades de los sujetos para mantener los vínculos con sus comunidades de origen, con autonomía respecto al control del Estado, y con persistencia y reinención de formas culturales y costumbres (NEIRA, 2005, p. 184).

Se na definição do transnacionalismo, considerar o movimento através, principalmente, de fronteiras políticas - entre outras¹⁴⁵ - é fundamental e um elemento constante, esta pode variar de acordo com os autores. As antropólogas precursoras Nina Glick Schiller, Linda Basch e Cristina Szanton Blanc (Portes, 1999; Saskia e Assis 2000; Bianco, 2015), na sua interpretação deste fenómeno, dizem o seguinte:

Definimos o ‘transnacionalismo’ como o conjunto dos processos mediante os quais os imigrantes tecem e mantêm relações sociais de natureza múltipla que ligam suas sociedades de origem e de destino. Chamamos estes processos de transnacionalismo para insistir no fato de que, hoje em dia, muitos imigrantes constroem espaços sociais que atravessam fronteiras geográficas, culturais e políticas... Um elemento essencial disso é a multiplicidade de atividades nas quais se envolvem os imigrantes ao mesmo tempo em suas sociedades de origem e destino. Ainda estamos em busca de um termo adequado para descrever essas posições sociais (L. Basch, N. Glick Schiller et C. Blanc-Szanton Apud PORTES, 1999, p. 16. Tradução nossa).

Montaño (2015) cita Portes, Guarnizo y Landolt (1999), para os quais o transnacionalismo se refere às “ocupaciones y actividades que requieren para su implantacion contactos sociales periodicos y sostenidos a lo largo del tiempo y a través de fronteras nacionales” (Portes, Guarnizo y Landolt 1999, p. 219 *apud* MONTAÑO, 2015, p. 44). Portanto, é a prática regular de atividades transnacionais de migrantes, que os torna transnacionais, já que sua participação ocasional a estas atividades dificilmente justificaria a elaboração deste termo (Portes, 2005).

Como não há consenso sobre o entendimento que se tem acerca do transnacionalismo, quando Glick Schiller et al. (2019) mostram que as práticas transnacionais podem ser observadas ao mesmo tempo no país de origem e de residência dos migrantes, Montaño (2015) assinala que

Por otra parte, Mitchell (1997 y 2009), desde una visión geográfica, ha explicado el transnacionalismo como una serie de movimientos entre fronteras, en los cuales los migrantes desarrollan y sostienen numerosos lazos económicos, políticos, sociales y culturales en una misma nación (MONTAÑO, 2015, p. 44).

Em mais um estudo ao qual se referiu, percebe-se que o transnacionalismo pode ser analisado restrita ou amplamente. Para tanto, Montaño (2003) cita Dore et al. (2003) que afirmam, usando a palavra transnacionalidade¹⁴⁶, que

¹⁴⁵ “Patricia Duff (2015, p. 57) define transnacionalismo como “a travessia de fronteiras culturais, ideológicas, linguísticas e geopolíticas e limites de todos os tipos, mas, especialmente, os dos Estados-nação.”(SILVEIRA, 2020, p. 26).

¹⁴⁶ “El transnacionalismo de los migrantes en estricto sentido se refiere a las relaciones de identidad y pertenencia, mientras que la transnacionalidad alude a las prácticas sociales que aquellos desarrollan” (MOCTEZUMA LONGORIA, 2008, p. 41). O autor acrescenta, com base em Besserer, que “Para algunas formulaciones, la transnacionalidad es vista como un proceso que recoge las experiencias de los migrantes y las

Por transnacionalidad en sentido estrecho o restringido entendemos a aquellas personas involucradas en prácticas económicas, políticas y sociales que implican un movimiento habitual en un campo geográfico transnacional, un alto nivel de institucionalización o una participación personal constante. Mientras que por transnacionalidad en sentido amplio entendemos una serie de prácticas materiales y simbólicas en las cuales las personas involucradas sostienen un movimiento físico esporádico entre los dos países, un bajo nivel de institucionalización o sólo ocasional, pero que incluye ambos países como puntos de referencia. (Dore et al. 2003, 169 apud MONTAÑO, 2015, p. 45).

Portes (1999) se baseia em outros estudos para sugerir que o transnacionalismo implica meios disponíveis que possibilitam e facilitam a manutenção de laços entre migrantes e seus países de origem. Ele argumenta que o *transnacionalismo migrante contemporâneo* é mais denso e complexo por dispor de meios mais ricos que os de épocas passadas. Acrescentemos que além da diversidade de meios de comunicação e de deslocamento, estes são mais rápidos que as cartas, referidas por Sayad (1998) e Glick Schiller (2019), na comunicação entre migrantes e seus familiares no país de origem, e também no seio da “comunidade migrante” no mesmo país e em países distintos (Ver Brignol e Costa, 2018)¹⁴⁷.

2.3.7.1 - O transnacionalismo político, econômico e sociocultural migrante

O estudo de Glick Schiller et al. (2019) mostra que as práticas dos transmigrantes, tal como aquelas do transnacionalismo *desde arriba*, são econômicas, culturais, sociais e políticas¹⁴⁸. O quadro a seguir mostra justamente a relação das atividades transnacionais de cada ator com estas áreas.

teoriza, en tanto que el transnacionalismo indicaría que estas experiencias, aunque sean recogidas, van precedidas siempre de lo teórico, (MOCTEZUMA LONGORIA, 2008, p. 41).

¹⁴⁷ Trata-se de uma realidade que caracteriza as comunicações humanas atuais, não se limita só a dos migrantes.

¹⁴⁸ Portes (2005) critica a palavra transmigrante, pois nem todos os migrantes adotam práticas transnacionais.

Quadro 3 - Atividades transfronterizas por diferentes tipos de actores

ACTIVIDADES	ÁREA		
	POLÍTICA	ECONOMICA	SOCIOCULTURAL
Internacional	Establecimiento de embajadas y organización de misiones diplomáticas en el extranjero por los gobiernos nacionales.	Exportación por organizaciones agrícolas, piscícolas y ranchos de un país específico.	Programas de viaje y de intercambio organizados por las universidades en un país específico.
Multinacional	Las Naciones Unidas y otras agencias internacionales a cargo de vigilar y mejorar áreas especializadas de la vida global.	Actividades de producción y mercadotecnia de las corporaciones globales con ganancias que dependen de mercados en múltiples naciones.	Escuelas y misiones patrocinadas por la iglesia católica y otras religiones globales en múltiples países.
Transnacional	a) Se establecen asociaciones no gubernamentales para vigilar globalmente los derechos humanos. b) Se establecen asociaciones civiles de oriundos por los inmigrantes para mejorar sus comunidades de origen.	a) Se organizan boicots por activistas de base en los países del Primer Mundo para obligar a las empresas multinacionales a mejorar sus prácticas laborales en el Tercer Mundo. b) Se establecen empresas por los inmigrantes para la importación y exportación de bienes desde y hacia sus países de origen.	a) Organización caritativa de las bases que promueven la protección y el cuidado de los niños en las naciones más pobres. b) Elección de reinas de belleza y selección de grupos artísticos en las comunidades de inmigrantes para que participen en los festivales anuales del terruño.

Fonte: Portes, 2005, p. 5

Nossa pesquisa de campo revelou que o transnacionalismo *desde abajo*, envolvendo migrantes, tal como apresentado por Portes (2005) é, de alguma forma, analítico, na medida em que: 1) as associações de migrantes casankoolu admitem simpatizantes de outra nacionalidade, não migrantes, como relato por interlocutores residentes no Brasil (referindo-se à Argentina) e na França falando da França), e pelo estudo de Reiffen (2017) no caso da Argentina; 2) alguns dos migrantes são membros eminentes de ONGs com atuação social transnacional. Alain Kaly relata na única *reunião Burok*¹⁴⁹ dos ‘casankoolu¹⁵⁰’ no Brasil, ocorrida em março de 2022, no âmbito das atividades do partido político PASTEF¹⁵¹, que preside uma ONG que atua na Gâmbia, Guiné-Bissau e Marrocos, dando apoio a pessoas com deficiência física, por exemplo.

¹⁴⁹ Ver anexo 6.A

¹⁵⁰ Apenas um participante não era da Casamansa

¹⁵¹ Partido de oposição desfeito pelo atual governo que, desde os primeiros anos anunciou que seu objetivo é fragilizar a oposição, para não dizer erradicar qualquer oposição influente.

2.3.7.1.1 - O transnacionalismo político e sociocultural

A migração coloca frequentemente a questão do transnacionalismo cultural e político, seja em termos de adaptação, de idioma, de religião, de alimentação, em suma de identidade, e em participação na escolha dos representantes políticos tanto no destino como na origem. Este transnacionalismo migrante se manifesta particularmente pela presença de uma diáspora organizada e atuante social e politicamente, seja ela reconhecida, mas não necessariamente, pelas autoridades políticas do país de origem e de residência, porém sem depender dela para ocorrer. Um dos freios do transnacionalismo são as fronteiras internas aos países de residência, relativas às condições legislativas e sociais de permanência no país de imigração. Em Basso (2013), são elas que permitem perceber que o direito, mesmo quando considerado universal, não o é para todos os residentes, nem na Europa, pois “as populações imigrantes estão sujeitas a um direito especial, fruto de uma constituição material e de uma constituição formal, mas ambas *inferiorizam* os cidadãos estrangeiros que estão aqui, coagidos, para trabalhar¹⁵²”. A título de exemplo, o manual do Estudante-Convênio brasileiro estipula que um dos deveres deste estudante é “Não se envolver em assuntos de política interna e externa brasileira, conforme o Art. 107 da Lei n. 6.815/80” (DCE, 2013, p. 7).

2.3.7.1.1.1 - Diáspora sociocultural e política

Os transnacionalismos sociocultural e político podem e são, a nosso ver, intrinsecamente ligados. Deve-se notar que nas áreas política e cultural, a grande família das associações de migrantes é a chamada diáspora, que é eminentemente política e cultural ao se perceber e ser percebida como parte de um Estado, mas residente em outro, no qual busca manter ou adaptar sua identidade e valores culturais de origem combinando-os com os do país de residência do qual alguns adquiriram a nacionalidade. Como dito anteriormente, vários estudos (Hall, 2003, 2006; Moctezuma Longoria, 2008; Bazonzi, 2015; Saucedo e Gutiérrez, 2012; Reiffen, 2017; Tandian, 2018; Silveira, 2020; Rémy e Ndione, 2020) indicam tácita ou explicitamente que à diáspora estão vinculadas idéias de: uma comunidade de migrantes sedentarizados em outro país, mas atenta a questões políticas e sociais da origem, de

¹⁵² 1.) Em contexto migratório, mesmo estudantes expressam a necessidade de poder trabalhar durante sua formação. No entanto, não é depois de sua emigração que o trabalho se torna importantíssimo para uma pessoa. 2.) O trabalho é tão importante para migrantes quanto para a população nacional. Aliás, é por esse motivo que os primeiros são explicitamente hostilizados pelos segundos em caso de alta de desemprego. Feijó et al. (2012, p. 44) ressaltam que a taxa de desemprego é um dos indicadores econômicos que governantes, meios de comunicação e a população em geral acompanham.

identidade nacional, política, étnica, cultural, regional ou local, e práticas de reconexão com a origem das mais diversas formas.

No tocante à identidade, Hall (2006; 2003) diz que na pós-modernidade, notadamente em contextos migratórios e no mundo globalizado, ela tende a ser múltipla, fragmentada, e provisória, distanciando-se assim, da estabilidade, fixidez e permanência identitárias da modernidade. Portanto, conclui que “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (Hall, 2006, p. 13). Dito de outro modo, “Pode ser tentador pensar na identidade, na era da globalização, como estando destinada a acabar num lugar ou noutro: ou retornando a suas “raízes” ou desaparecendo através da assimilação ou da homogeneização. Mas esse pode ser um falso dilema” (HALL, 2006, p. 88). Ele deixa entender que há espaço para negociação *com as novas culturas* em que se encontram os migrantes, que preservam algo de suas identidades e acabam carregando *culturas interconectadas*, que remetem a pelo menos *duas identidades*, ao conhecimento de *duas linguagens culturais*, o que implica pertencer *a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (e não a uma “casa” particular)* (HALL, 2006, p. 89). O que remete à expressão “*habitus cosmopolite*” de A. C. Wagner citado por Balizet (2020, s/p).

Em geral, os migrantes *ressortissants* de países africanos buscam, na medida do possível, praticar suas línguas e religiões, comer pratos típicos¹⁵³, conhecer mais a própria origem estudando ou revisitando obras atinentes a ela¹⁵⁴, manter a solidariedade que consiste em cuidar dos pais e apoiar os demais parentes, mesmo, e talvez principalmente, à distância. Este valor está na base de inúmeros envios de dinheiro desde o exterior. No tocante à diáspora senegalesa, diversos estudos (Tedesco, 2017; 2019; Brignol e Costa, 2018; Bressan, 2018; Espiro, 2013; 2017; 2021; Bava, 2003) realçam sua religiosidade, cuja manifestação mais proeminente são as celebrações de *Magal Tuba*, e/ou o comércio -ambulante- como atividade laboral destaque. Neste sentido, o transnacionalismo migrante parece ser antes de tudo cultural e social, sem deixar de ser econômico, como se percebe em Bava (2003)¹⁵⁵, e político (Bava, 2003; Rea, 2021) devido à sua mobilidade e “*presença dupla*”, propiciada pelas ferramentas de comunicação (Brignol e Costa, 2018).

¹⁵³ Ver anexos 8.A, 8.B e 8.C.

¹⁵⁴ Ver anexos 8.D, 8.E.

¹⁵⁵ Nos trabalhos de Silva (2013) e de Dieme e Cavalcanti (2021) nota-se pela sua atividade laboral em frigoríficos, em condições não admiráveis, participam da circulação transnacional de mercadorias.

Se por lado a União europeia externaliza progressivamente suas fronteiras¹⁵⁶ em direção ao Sul desde o final dos anos 1990 por meio de “acordos” e “parcerias”¹⁵⁷ com terceiros Estados do Magreb e depois do Sahel, assim como da África Ocidental e pelo controle ostensivo e terceirizado de “suas novas fronteiras” externalizadas (Brachet et al., 2011), por outro lado, Glick Schiller et al. (2019) realçam que a “ampliação das fronteiras” [digamos “desde abajo”] de Estados como o do Haiti ocorre com a inclusão de *populações transmigrantes* estabelecidas há tempo em outro país - e do qual é, em geral, cidadã - no tecido nacional. Elas citam como exemplo a diáspora haitiana, chamada por George Anglade de “Décimo Departamento”¹⁵⁸ do país. Portanto, pode-se dizer neste sentido, que, assim como a do Haiti, a diáspora senegalesa, considerada hoje como a décima-quinta região do país, transnacionaliza por sua vez o Estado senegalês, levando suas fronteiras para dentro dos países em que se constituíram comunidades originárias do Senegal e que desenvolvem diversas atividades entre estes lugares de instalação e a origem.

Ademais, sabe-se que hoje em dia, a atuação política dos migrantes transnacionais é cada vez mais evidente e cada vez mais levado em consideração por Estados como o do Senegal (Ver Tandian, 2018; Robin, 2018). O esforço de integração é, às vezes, feito pelo Estado de origem. Villarreal Villamar (2015) indicou - e a história da França o mostra - que “A relação entre os Estados e as diásporas é histórica, mas no contexto da globalização tem aumentado de forma exponencial a quantidade de países que criaram iniciativas a favor das comunidades de nacionais residentes no estrangeiro e seus descendentes.” (VILLARREAL VILLAMAR, 2015, p. 49). É o que se observa desde a década de 1990 no caso senegales (Jaulin, Smith, 2015; Tandian, 2018). De acordo com OIM e MPI (2012), “Os direitos

¹⁵⁶ Neste particular, a externalização “consiste em delegar a países terceiros “vizinhos” o controle das migrações com destino à Europa”. Numa parceria migratória de 16 de julho de 2023, que a UE assina com a Tunísia, a primeira vai destinar 105 milhões de euros *ao controle das fronteiras tunisianas, no âmbito de uma cooperação “sobre a gestão das fronteiras, a luta contra o contrabando, o retorno e a resolução das causas profundas, respeitando o direito internacional” de acordo com Ursula von der Leyen.* (Ver TV5 Monde. 17 juillet 2023. Voir <https://information.tv5monde.com/>)

¹⁵⁷ A UE assinou 18 acordos de readmissão, e desde 2016 assinou mais 11 acordos informais por meio dos quais terceiriza a Estados não Europeus o controle e a “gestão” de migrantes. “Os diversos tipos de « parcerias », que a UE faz para tentar externalizar suas políticas de gestão de fronteiras e de retorno são sustentados por instrumentos de financiamento europeus. O *Fundo Fiduciário de Urgência* da União Europeia para a África (FFU), que é de 5 milhões de euros, é um exemplo disso” (LA CIMADE, [2021]. Tradução nossa. In: <https://www.lacimade.org/>). Valor muito abaixo dos 5 bilhões de euros por ano que cobrou Muammar Khadafi à UE poucos meses antes de voltar a ser pintado de inimigo-ditador líbio cujo país tem 1770 km de litoral mediterrâneo (Brachet et al. 2011). Estes autores ainda ressaltam que em nome da segurança, a ideia de externalizar o controle era o melhor meio para a Europa.

¹⁵⁸ O termo foi popularizado pelo então Presidente Jean-Bertrand Aristide (Glick Schiller et al. 2019).

políticos constituem uma questão da mais alta importância para a maioria das diásporas”(2012, p. 31, Tradução nossa). Na ótica de Maggi e Sarr (2020), os estudos mostram que “Os migrantes se envolvem no ativismo transnacional político e cidadão” (2020, p. 3. Tradução nossa). Se filiam a partidos, assumem responsabilidades e atuam em suas localidades de residência como na origem em termos financeiros e de ideias. Como mostra Tandian (2018), a diáspora senegalesa se manifestou contra os Presidentes Abdoulaye Wade em 2011, e contra Macky Sall em 2016, em Paris. Deve-se acrescentar que, só em 2023, este último é alvo de manifestações dela em vários países do Ocidente como, por exemplo, na Itália, Espanha, França, Canadá, Estados Unidos, em que são denunciados os excessos e mortes - em dezenas - provocados nos últimos anos do seu regime contra a população civil, a perseguição e prisão arbitrária contra o atual líder da oposição Ousmane Sonko e centenas de membros ou simpatizantes do seu partido, e reivindicam a liberação de todos os prisioneiros políticos, em particular, o líder da oposição, e sua participação do processo eleitoral presidencial de 2024. Em seu estudo, Tandian (2018) ainda observa que, se inicialmente

as TICs permitiram, evidentemente, que alguns emigrantes participassem da gestão, à distância, de sua família que ficou no Senegal, [foi] somente durante as eleições de 2000 que eles se voltaram para estas. [Ele prossegue, dizendo:] Independentemente da evolução das relações sociais entre migrantes e as comunidades de origem, as TICs permitiram aos expatriados implicar-se mais na vida política e reivindicar um lugar nas recentes transições políticas (TANDIAN, 2018, p. 86. Tradução nossa).

A nível continental, esta participação não se limitou ao Senegal. Os *ressortissants* de países africanos fazem parte, há anos ou mesmo algumas décadas, dos eleitores em vários países no mundo (Jaulin, Smith, 2015), e, em determinados casos, são elegíveis em processos legislativos, como é o caso do Senegal.

2.3.7.1.1.2 - O voto na *região exterior*

A participação política dos migrantes, embora mais abrangente que isso, costuma ser colocada em termos de possibilidade ou não de voto dos mesmos nas eleições no local de residência em detrimento de sua participação nos processos eleitorais dos países de origem. É o que observam Chauvet et al. (2017), acrescentando que “é só recentemente que foram feitos estudos sobre a participação dos emigrantes à vida política de seu país de origem e alimentaram um novo corpus de trabalhos sobre o transnacionalismo político [...]”

(CHAUVET et al. 2017, p. 2. Tradução nossa)¹⁵⁹. Os imigrantes, notadamente não naturalizados, são privados do direito político que é o voto (Basso, 2013; Reis, 2007), concedido em alguns casos a nível local, e que inclui também “a liberdade de organização política, o direito de imprimir jornais, de convocar passeatas ou manifestações etc.” (BASSO, 2013, p. 33). No Brasil, por exemplo, o Manual do Estudante-Convênio estipula que um dos deveres deste estudante é “Não se envolver em assuntos de política interna e externa brasileira, conforme o Art. 107 da Lei n. 6.815/80” (DCE, 2013, p. 7). Se sua presença e organização no exterior têm em si um caráter cultural e político, como acabamos de mostrar, os *ressortissants* senegaleses no exterior tiveram o direito de votar em eleições presidencial e legislativa desde 1992, ano em que foi adotado um novo código eleitoral (Smith, 2015b; Jaulin e Smith, 2015), formando, assim, o que se poderia chamar de *comunidade eleitoral senegalesa no exterior*¹⁶⁰. Com essa implementação do voto à distância de seus cidadãos, o Senegal integrou a *segunda onda* do processo de generalização do voto à distância de países da África (Jaulin, Smith, 2015)¹⁶¹. No entanto, a comunidade eleitoral do exterior, predominantemente residente no continente africano em 2000, com 75%¹⁶², foi ampliada a partir das eleições de 2007 com o advento da redução do mínimo de 500 para 200 inscritos em representações diplomáticas do Senegal, elevando o número de países, em que o voto dos residentes da *região exterior* ocorreu, de 15 para 38, passando para 42 em 2012 (Smith, 2015b) e com novos integrantes em 2019.

No tocante aos dois países americanos destino da migração em questão neste trabalho, observou-se que até 2012, o Brasil não constou na lista dos países com eleitores da “região exterior” do Senegal¹⁶³. Foi preciso esperar até 2019, quando, pela primeira vez, aqueles que residem no referido país sul-americano votaram na eleição presidencial e, em 2022,

¹⁵⁹ Citaram como fonte (Boccagni et al., 2016).

¹⁶⁰ Ela é composta sem dúvida por *ressortissants* de diversas regiões do Senegal, portanto, de casankoolu, como ilustram tal afirmação, os casos do Brasil, Canadá e França, para citar apenas esses.

¹⁶¹ *A primeira onda é anterior a 1990, a segunda onda vai de 1990 a 1997 e a terceira onda de 2002 a 2015* (Jaulin e Smith, 2015, p. 15). Ver também anexo 3.E.3 – *Países africanos e o voto no exterior* e 3.E.5 – *Evolução do corpo eleitoral senegalês no exterior (2000-2012)*. É cabível falar de quarta onda cuja extensão se iniciaria a partir de 2016 até os dias de hoje. O Brasil está nesta última onda, ao passo que o Canadá foi integrado no decorrer da terceira.

¹⁶² Porém, a hegemonia da África Ocidental cedeu lugar à da Europa, que superou toda a África nas eleições de 2007 e ampliou sua vantagem numérica em eleitores inscritos em 2012 sobre o Mais velho continente (Ver mapa do anexo 3.E.5 – *Evolução do corpo eleitoral senegalês no exterior (2000-2012)*).

¹⁶³ Ver anexo 3.E.4 - Implementação eleitoral e associativa dos Senegaleses no exterior - 2012

fizeram-no também na legislativa. Quanto ao Canadá, sua inclusão como país de *voto à distância* ocorre desde a eleição presidencial de 2007. Seu corpo eleitoral aumentou na eleição de 2012 com relação à anterior, passando de faixa de 500 a 1000 para a de 1000 a 3500 inscritos¹⁶⁴.

A participação na escolha do Presidente da República e dos representantes do povo, estando no exterior, é sem dúvida, uma das formas de marcar sua presença, reiterar o vínculo e manifestar a importância que dão a sua participação nas decisões atinentes ao futuro do país de origem. Não são apenas eleitores, porque muitos deles são membros ou simpatizantes de partidos, participam de discussões e das campanhas eleitorais de forma remota ou presencial, participam presencialmente na fiscalização e apuração dos votos no exterior, colaboram com remessas monetárias e materiais. Ademais, se até 2015 a diáspora não podia ter membros eleitos, com a adoção da lei - que previa sua participação como elegíveis na ocasião do referendo constitucional de 2016 - a partir de 2017, a diáspora senegalesa passou a ter 15 parlamentares eleitos¹⁶⁵.

Segundo Smith (2015b), os *ressortissants* senegaleses no exterior dão um apoio financeiro relevante à oposição ao governo, e são ao mesmo tempo procurados pelo governo em busca de legitimidade. Eram cerca de *200.000 eleitores em 2012*, quando representaram 3,6% do eleitorado e, *desde 2017*, são representados *por 15 deputados dos 165 na Assembleia Nacional* (Chauvet et al. 2017). Para Dimé (2020), o atual presidente da República Macky Sall, quando era da oposição, beneficiou de apoio considerável da diáspora para chegar ao poder em 2012. Constata-se que nos últimos anos sua popularidade na diáspora se reduziu significativamente¹⁶⁶. Para a OIM e MPI (2012), os esforços dos governos que promovem a

¹⁶⁴ Ver anexo 3.E.5 – Evolução do corpo eleitoral senegalês no exterior (2000-2012).

¹⁶⁵ Cabe assinalar que, embora menor, a participação parlamentar da diáspora já ocorria na década de 2000 (*Anexo 1-H*).

¹⁶⁶ Embora disponhamos de poucos dados a respeito, percebemos que o atual líder da oposição Ousmane Sonko é um dos que mais se beneficia do apoio da diáspora (Ver Robin, 2018). Mobiliza eleitores e consegue angariar fundos, solicitando a contribuição de cidadãos no país e sobretudo na diáspora extra-continental. Se na eleição legislativa de 2017 a oposição teve apenas 3 deputados da diáspora, na de 2022 conquistou 10 das 15 poltronas (*NewAfrican: Sénégal: les nouveaux visages de l'Assemblée nationale. 26/08/2022* <https://magazinedelafrique.com/>). Ela venceu, entre outros, no departamento *América e Oceania* (<https://www.senenews.com/>). Na eleição presidencial de 2019, com exceção da África Central, a oposição teve mais votos diaspóricos que a coalizão no poder desde 2012. A vitória da oposição nas Américas foi evidente (Ver Anexo 3.E.6). Vale notar que o atual líder da oposição, com o partido cassado em meados de 2022, está preso, perseguido pelo atual governo (Ver Amnesty International: *Sénégal. La vague d'arrestations arbitraires d'opposants et d'activistes porte gravement atteinte aux droits humains. Mars 5, 2021*. Disponível em: <https://www.amnesty.org>) cujo líder Macky Sall já havia declarado que combateria a oposição com o objetivo de torná-la inexpressiva. No Senegal, oposição e prisão ainda é infelizmente comum. Até quando?

participação da vida política dos expatriados é suscetível de gerar confiança entre eles e suas diásporas como também de provocar *um sentimento de pertencimento e apego ao país de origem*.

Cabe registrar que, por outro lado, desde 2008, a diáspora em questão pode contar com o financiamento do governo para implementar projetos de desenvolvimento no Senegal, preferencialmente em outras regiões que não a região-capital Dakar. Este financiamento é feito pelo *Fonds d'Appui à l'Investissement des Sénégalais de l'Extérieur* (FAISE)¹⁶⁷ cuja capacidade passou de 340 milhões de F CFA para 3 bilhões de F CFA. Ademais, um Fundo especial de 1 bilhão de F CFA é destinado exclusivamente ao financiamento de projetos de mulheres da diáspora e não vinculado aos critérios do FAISE (Dimé, 2020; Anexo 1-G). De acordo com o governo, o apoio dado pelo FAISE a cada projeto produtivo pode variar de 5 a 15 milhões de F CFA, reembolsáveis em 5 anos. Entretanto, três setores: *o imobiliário, o comércio e o transporte* não são financiados. O objetivo desta iniciativa estatal é *favorecer, a longo prazo, o retorno voluntário* de senegaleses, que neste ou em caso de retorno involuntário, já teriam uma atividade que lhe proporcione uma renda¹⁶⁸. Para Ndione (2018), a transferência de competências e o incentivo de investimentos econômicos produtivos da diáspora no país de origem são outros objetivos do Estado. Até 2018, foram financiados 662 projetos, dos quais 44 implementados em alguma região da Casamansa. As principais regiões de realização dos projetos são Dakar, Thies, Saint-Louis, Diourbel e Louga, com pelo menos 45 implementações cada. Os três principais setores são a agricultura, o artesanato e a pecuária. Os principais países de residência dos financiados são a Itália, Espanha, França e Estados Unidos (Ndione, 2018). Como relataram alguns dos responsáveis do FAISE, um dos desafios aos quais o Fundo se deparou no final de 2016 foi a dificuldade de ser reembolsado por parte dos financiados¹⁶⁹. O FAISE remete tanto ao transnacionalismo político quanto econômico.

¹⁶⁷ O *Fundo de Apoio e Investimento dos Senegaleses do Exterior* foi instituído pelo decreto n° 2008-635 de 11 de junho de 2008. Ele é um Fundo de investimento e de garantia criado pelo Estado do Senegal para promover investimentos produtivos dos senegaleses do exterior (FAISE: Présentation. Disponível em: <http://faise.sn/> Consultados em 16/07/2021). A nosso ver, tal iniciativa não parece pertinente para o país.

¹⁶⁸ Ver FAISE: Présentation; Anexo 1-F: *Critérios de financiamento a projetos de Senegaleses no Exterior*. Disponível em: <http://faise.sn/>. Consultados em 16/07/2021

¹⁶⁹ Ver FAISE: *Sénégalais de l'extérieur : le FAISE veut sécuriser ses financements; Projets financés par le FAISE: l'heure est au remboursement*. 2016. Disponível em: <http://faise.sn/> Consultados em 16/07/2021

2.3.7.1.2 - O transnacionalismo econômico

O envio de remessas financeiras, senão a principal, é uma das manifestações de práticas transnacionais que mais chama a atenção dos estudos sobre migrações internacionais, que tendem a estimar sua contribuição no PIB¹⁷⁰ dos países. Baseando-se nos dados a seguir, na literatura (Ndione, 2018) e em nossa pesquisa de campo, pode-se estimar que a regularidade de tais práticas entre migrantes internacionais em geral e do Senegal, mais especificamente da Casamansa, em particular, é um fato.

No quadro abaixo, vê-se que, entre 1990 e 2022, houve no mundo, como na África negra, uma redução do valor de remessas em 2020, ano do início e impacto da pandemia de Covid-19 sobre as economias, as viagens aéreas e os envios de dinheiro por migrantes.

Quadro 4 - Estimativas e projeções dos fluxos de remessas (em US\$ bilhão): África negra e mundo

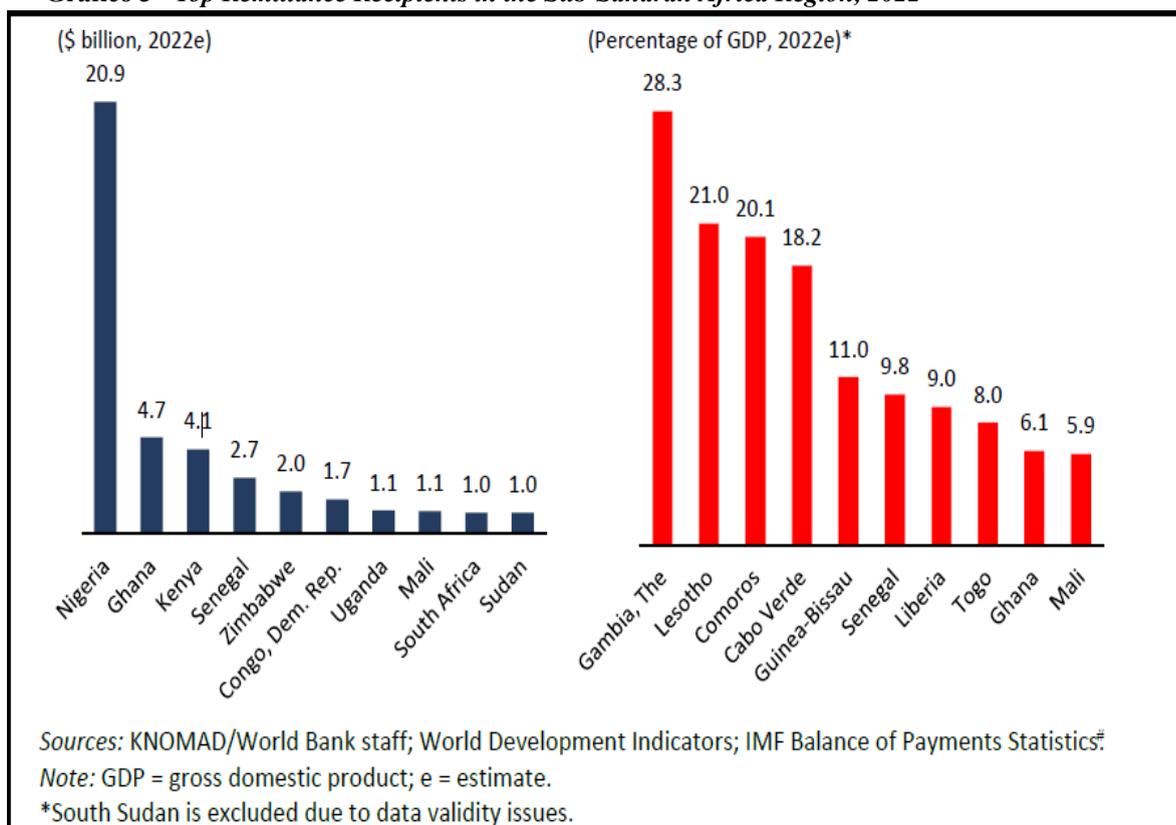
Região	Ano							
	1990	2000	2010	2015	2019	2020	2021	2022
África negra	-	-	-	42	47	43	50	53
Mundo	57	122	472	601	721	711	781	794

Fonte: World Bank-KNOMAD, November 2022. Adaptação nossa.

A nível do continente africano, os dados do World Bank-KNOMAD (2022) revelam que embora tenha recebido remessas em valor quase oito vezes menor que a Nigéria que liderou esse ranking com 20,9 bilhões de dólares, o Senegal recebeu 2,7 bilhões em 2022, sendo o quarto colocado entre os países da África negra, atrás do Gana, que recebeu 4,7 bilhões e do Quênia, o terceiro colocado com 4,1 bilhões. Neste mesmo ano, as remessas recebidas pelo Senegal representaram 9,8% do PIB do país. O que o colocou na sexta posição na África sulsaariana, atrás da Gâmbia (28,3%), do Lesoto (21%), de Comores (20,1%), do Cabo Verde (18,2%) e da Guiné-Bissau (11%) (Ver gráficos abaixo).

¹⁷⁰ “O PIB é o indicador mais utilizado da atividade econômica. Como indicador da evolução da produção de [todos os] bens e serviços [finais produzidos dentro de um território econômico do país durante determinado período], nos dá uma ideia do ritmo em que o país produz riqueza. É também um indicador da capacidade da economia em gerar postos de trabalho, cujo ritmo ou expansão é acompanhado pelos indicadores de emprego.” (Feijó et al. 2012, p. 44. Grifo nosso).

Gráfico 3 - Top Remittance Recipients in the Sub-Saharan Africa Region, 2022



[#] Cf. WORLD BANK-KNOMAD, 2022, p. 53.

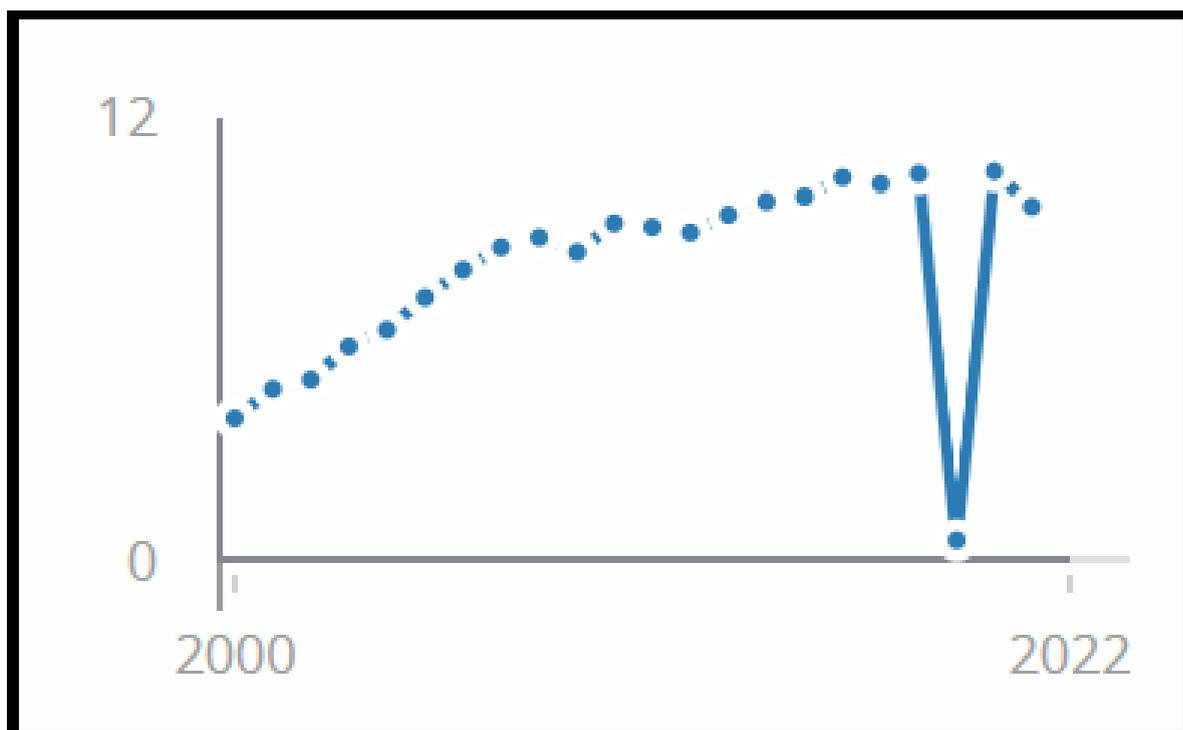
O envio de remessas pelos migrantes para seus países de origem tem custos. De acordo com World Bank-KNOMAD (2022), é na África negra que se registram os maiores custos de remessas monetárias. “Os remetentes tiveram que pagar 7,8% para enviar US\$ 200 para países africanos durante o segundo semestre de 2022” (WORLD BANK-KNOMAD 2022, p. 53. Tradução nossa). Tanzânia está nos três corredores mais caros da África sulsaariana, sendo Tanzânia-Quênia o mais custoso de todos¹⁷¹. De acordo com Sassen, estes envios são feitos com o uso da mesma infra-estrutura técnico-institucional a que recorrem os fluxos globais de capitais e de mercadorias, de serviços e da nova classe transnacional de empresários e profissionais liberais (Sassen, 2002). Entretanto, não se deve subestimar os valores enviados por canais não oficiais.

Não dispondo de dados relativos especificamente às remessas destinadas à região de Ziguinchor, nem à Casamansa, mostra-se no gráfico a seguir, as remessas recebidas pelo Senegal, sem distinção de regional, do começo do terceiro milênio a 2022. Em 2000, estas remessas pessoais representaram 3,9% do PIB, percentual que foi crescente até 2008, quando atingiu 8,8% deste. Após uma queda em 2009 para 8,4%, houve recuperação em 2010,

¹⁷¹ Ver anexo 1-E.4

quando passou para 9,2% do PIB. 2011 e 2012 foram respectivamente anos de leve queda, seguidos por aumentos subsequentes até 2016. A queda maior da proporção das remessas com relação ao PIB ocorreu entre 2018 e 2019. Ela passou de 10,5% para 0,6%. Entretanto, em 2020 foi registrada a maior taxa da série histórica: 10,6% e sua redução para 9,6% em 2021¹⁷².

Gráfico 4 - Remessas pessoais recebidas (% do PIB) – Senegal: 2000-2022

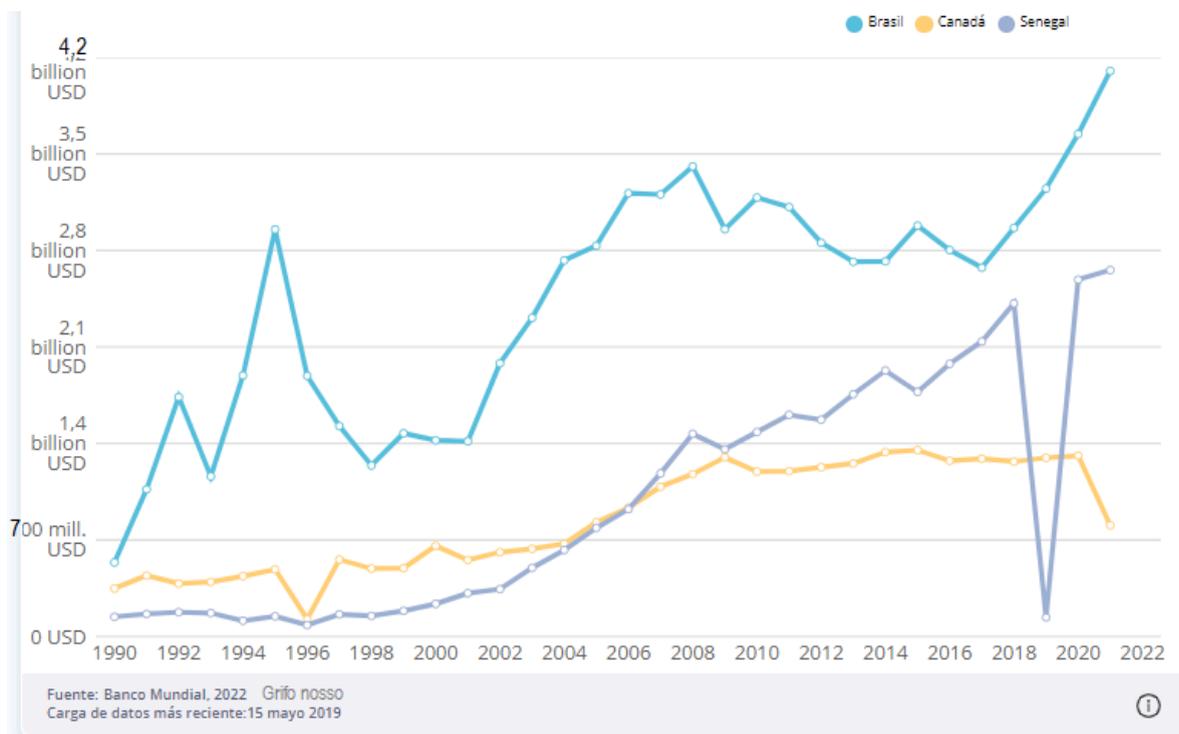


Fonte: Banco Mundial.

Na década de 1980, o Senegal recebeu em média US\$ 64,6 milhões por ano. O gráfico a seguir compara o volume de remessas recebidas pelo Senegal com aquelas destinadas ao Brasil e ao Canadá, ao longo de três décadas (1990-2000-2010). O país oeste africano viu os montantes recebidos diminuir em alguns anos da série. Foi o caso entre 1993 e 1994; 1995 e 1996; 2008 e 2009; 2011 e 2012; 2014 e 2015; e principalmente entre 2018 e 2019. Se as quedas de 2008 e 2014 são perceptíveis, a última queda foi de longe a mais profunda de todas, baixando o montante recebido ao nível dos registrados nos anos 1990.

¹⁷² Ver THE WORLD BANK. Dados. Senegal, Visão geral. Disponível em: <https://data.worldbank.org/country/SN>

Gráfico 5 - Remessas recebidas (em USD) por país: Brasil, Canadá, Senegal (1990-2021)



Paralelamente ao envio de remessas pecuniárias, os migrantes “se envolvem na criação de pequenas ou médias empresas, como estratégia de retorno ou circulação entre os espaços” (Sinatti, 2018 *apud* MAGGI e SARR, 2020, p. 3. Tradução nossa). Pessoas migrantes apoiam também projetos de criação de empresas desses portes, financiando para serem reembolsadas ou simplesmente contribuindo voluntariamente para viabilizar tais iniciativas tomadas por familiares ou conhecidos, sem vinculá-los a eventuais retornos migratórios.

2.4 - MIGRAÇÃO, TRANSNACIONALISMO E DESENVOLVIMENTO HUMANO NA ORIGEM

Nesta relação, o advento do desenvolvimento - ou sua ausência - é analisado enquanto efeito ou consequência provocada em parte pelas práticas transnacionais de migrantes. Tal contribuição de migrantes não é algo novo na história humana. O fato colonial mostra que por meio da imigração de europeus em diversos continentes, foi possível desenvolver a Europa. Tendo apresentado anteriormente dois dos três termos fundamentais, a saber, migração e

transnacionalismo, passa-se agora para o debate sobre o terceiro elemento da tríade: o desenvolvimento.

2.4.1 - Acerca do desenvolvimento

Na contemporaneidade, quando se pensa em desenvolvimento, pensa-se em economia, em bem-estar social - o que implica alimentação, saúde, moradia, lazer, segurança, liberdade, independência, direito de circulação, migração - em conhecimento, tecnologia e competência, bem como em meio ambiente, cultura, paz, etc. Os trabalhos de Dramé e Niang (2019), Monjib (2005) Heitz (2008) mostram a estreita relação entre desenvolvimento e independência. Nas palavras desta última: “A independência e o desenvolvimento são vistas como duas noções indissociáveis uma da outra. Não pode haver desenvolvimento sem (...) a possibilidade de ação conforme à vontade dos povos” (HEITZ, 2008, p. 49. Tradução nossa). O que se aplica perfeitamente a muitos países sulaarianos, sob dominação ocidental. Era notadamente o entendimento de Mamadou Dia, então *presidente do Conselho do governo do Senegal de 1957 a 1962* (Monjib, 2005), que denuncia uma economia extrovertida voltada para a França, e “se empenha para implementar vias e meios de desenvolvimento econômico e social suscetíveis de assegurar a independência real do Senegal com base em um projeto socialista radical” (DRAMÉ ET NIANG, 2019, p. 128. Tradução nossa). Tal como a migração, o desenvolvimento tem diversos aspectos e elementos cuja enumeração cabal só poderia ser uma ilusão. Formular uma definição universal do desenvolvimento é utópico. Portanto, compreendemos que o historiador Ki-Zerbo (2009) considere o desenvolvimento como “um fenômeno total”, ao passo que a migração é para Sayad (1998) um “fato social total”. Na sua definição, o historiador Mamadou Diouf diz que

o desenvolvimento é a possibilidade de ter sociedades estáveis, em que individual e coletivamente as pessoas são capazes de satisfazer suas necessidades, em que há justiça social (...), uma sociedade que se dá como vocação fazer de modo que nenhum dos seus membros morra de fome [e] seja afastado de um horizonte de projeção num futuro mais positivo¹⁷³.

Considerando o envolvimento dos migrantes na definição, o desenvolvimento social e econômico advém, por um lado, mediante “práticas que permitem melhorar as condições de vida das populações” (DIABONE, 2010, p. 7. Tradução nossa), e, por outro, pela criação de “unidades de produção, Pequenas e Médias Empresas (PME)” (BAZONZI, 2015, p. 173.

¹⁷³Ver SYNAPSE TV: waaxtan avec Pr. Mamadou Diouf: quel leadership pour le développement de l’Afrique ? Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kpEafLmuHjA>

Tradução nossa) familiares ou comunitárias na origem, suscetíveis de fazer o investimento render algum retorno financeiro, que ajuda a ter uma vida digna.

No tocante à Casamansa, esta complexidade que caracteriza o desenvolvimento é evidente e aparece em documentos institucionais e acadêmicos consultados (CZ., 2018; CRZ, 2005; Trincaz, 1984; Sy e Sane, 2008; Diémé, 2022). Estas fontes indicam que na Casamansa, mais precisamente na região de Ziguinchor, o desenvolvimento abrange aspectos econômicos, políticos, históricos, geográficos, sociais, culturais e ambientais. Na Comuna de Ziguinchor, ao desenvolvimento são associados os setores como: *saúde pública, gestão do patrimônio, TICs, gestão do lixo, saneamento, educação, formação, esporte, agricultura, Estado civil, infraestruturas, criação de empregos urbanos* (CZ., 2018, p. 52-53. Tradução nossa). O desenvolvimento seria, portanto, *melhorar as condições de vida das populações, satisfazendo as demandas concretas em termos de acesso às infraestruturas e serviços sociais básicos* (CZ. 2018, p. 56. Tradução nossa), de emprego e de produção agrícola. A nível regional, o *Plan Régional de Développement Intégré* (PRDI) entende que para impulsionar o desenvolvimento socioeconômico de Ziguinchor é preciso se empenhar para que a unidade administrativa volte a ter *paz*, que nela haja *exploração optimal dos recursos naturais, infraestruturas de qualidade, reforços de capacidades técnicas, organizacional e de gestão das populações* (CRZ, 2005, p. 87. Tradução nossa). Este Plano destaca, portanto, sete objetivos de desenvolvimento da região, a saber: **1. Restauração de uma paz definitiva; 2. Tirar a região de sua condição de enclave; 3. Gestão da água; 4. Restauração e gestão racional do meio ambiente; 5. Diversificação e ampliação da produção agrícola, marítima, industrial, artesanal...; 6. Desenvolvimento das estruturas de valorização da produção**, notadamente com a criação de *pequenas e médias empresas de conservação e transformação; 7. Desenvolvimento dos serviços sociais de base* notadamente de *saúde, educação, formação, emprego, valorização cultural, urbanização* (Tradução nossa).

No mesmo sentido, Diémé (2022) evidencia que, na região de Ziguinchor, o desenvolvimento está ligado à pecuária, à agricultura, às capacidades de atender necessidades, mas principalmente à paz. Caberia dizer que, apesar das iniciativas registradas, a industrialização é uma das grandes lacunas na preocupação com o desenvolvimento na Casamansa. Tal omissão não iniciou no período contemporâneo. Trincaz (1984) argumenta que o colonizador negligenciou significativamente as atividades industriais, já que sua única preocupação era assegurar a exportação, desde ‘suas’ então colônias, das *matérias primas necessárias à própria indústria* - o que o levou a impor o cultivo do amendoim - e a

importação de produtos industrializados. Para o autor, pouca coisa mudou na região de Ziguinchor desde que o Senegal foi declarado independente. Textualmente, ele conclui que estas atividades “dificilmente foram mais desenvolvidas desde a independência apesar do colapso do comércio, e sobretudo, apesar das amplas possibilidades da região.” (TRINCAZ, 1984, p. 8. Tradução nossa).

No entanto, no desenvolvimento, os aspectos econômicos e financeiros permaneceram hegemônicos por um tempo, e isto até os anos 1990. De acordo com Feijó et al. (2012), do foco na economia (PIB)¹⁷⁴, passou-se a dar proeminência ao social (IDH) e finalmente à dimensão ecológica (desenvolvimento sustentável)¹⁷⁵. Portanto, “hoje há consenso de que o progresso deve ser ao mesmo tempo econômico, social e sustentável” (FEIJÓ et al., 2012, p. 45)¹⁷⁶. Diversos estudos (PNUD, 2020 ; Scarpin e Slomski, 2007; Feijó et al., 2012) mostram que este entendimento mais recente, marcado por uma maior complexidade, não caracterizou o desenvolvimento desde seu aparecimento como assunto relevante no pós-Segunda Guerra Mundial. O que significa que ele tem sua história e sofreu alterações ao longo do tempo (Feijó et al., 2012).

De acordo com o historiador Joseph Ki-Zerbo, foram os estadunidenses que inventaram a palavra *desenvolvimento* no pós-Segunda Guerra Mundial (Ki-Zerbo, 2009). Borrel (2021a), Acedo (1995), Acosta (2016) e Dubarry (2014), fornecendo mais detalhes, mostram que é o então presidente dos Estados Unidos da América, Harry Truman, que, ao dirigir-se ao Congresso, no “Point Four” (Quarto Ponto), emite oficialmente, pela primeira vez, em 20 de janeiro de 1949, a ideia de ajuda ao desenvolvimento a países subdesenvolvidos¹⁷⁷. Neste sentido, constata-se que o desenvolvimento antecedeu o discurso sobre este estado, pois aqueles que resolveram exportar o desenvolvimento para outros por

¹⁷⁴ O Banco Mundial classifica os países de acordo com sua renda com base no PIB por habitante e por ano usando o método Atlas do mesmo. A renda baixa é de US\$ 755 ou menor e a renda média é de US\$ 756 a US\$ 2.995 (Ammassari, 2004, p. 79).

¹⁷⁵ “Além do IDH como índice síntese, há disponibilidade de outros indicadores, produzidos por países e instituições diversas, tais como os mencionados no Compêndio de Indicadores de Sustentabilidade de Nações – CISP): • IPH – Índice de Pobreza Humana • IDG – Índice de Desenvolvimento Ajustado ao Gênero • BIP 40 – Baromètre des Inégalités et de la Pauvreté • ISH – Index Social Health” (FEIJÓ et al., 2012, p. 48).

¹⁷⁶ Mas pode o desenvolvimento ser pensado na Casamansa sem o envolvimento da migração e os diversos tipos de remessas?

¹⁷⁷ Esta ajuda era também um instrumento político de influência, contra o avanço do comunismo (Moyo, 2009), e econômica para as empresas estadunidenses (Moyo, 2009; Borrel, 2021a).

meio da “ajuda” já eram desenvolvidos¹⁷⁸. Uma nova divisão do mundo tinha acabado de ser feita, sendo o objetivo comum de todos, alcançar “o desenvolvimento” (Acosta, 2016).

Em 1953, quatro anos após o surgimento do termo desenvolvimento, foi criado o indicador *Produto Interno Bruto* - PIB, pelo economista britânico Richard Stone¹⁷⁹. Este instrumento servia para mensurar o desenvolvimento, pois, segundo Feijó et al. (2012), entendia-se como tal, o crescimento econômico decorrente do comércio e da produção de riquezas. Nas palavras desses autores,

Num primeiro momento, a ideia de desenvolvimento esteve associada a crescimento econômico (desenvolvimento como crescimento) e daí, entre outros motivos, a construção dos sistemas de contabilidade nacional e a importância dada ao conceito de PIB (FEIJÓ et al. 2012, p. 44).

Eles ainda indicam que foi constatado que o PIB, voltado para a produção econômica a nível nacional, pode registrar crescimento sem que este se traduza necessariamente em melhor qualidade de vida para a população, ou seja, é possível haver desenvolvimento sem “progresso social (especialmente melhor distribuição da riqueza) [por isso] passou-se a utilizar a denominação desenvolvimento econômico e social, o social ganhando proeminência em relação ao econômico...” (FEIJÓ et al., 2012, p. 45).

Diante das limitações do PIB, o que vale para o PIB *per capita* - questionado desde 1954 por alguns *especialistas da ONU* (PNUD, 2020) e por “parte importante de acadêmicos, políticos e formadores de opinião de uma maneira geral” (Feijó et al., 2012) - emergiu outro em 1990, que é o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) (PNUD, 2020 ; Scarpin e Slomski, 2007¹⁸⁰). De acordo com a PNUD Brasil, Mahbub Ul Haq criou este Índice com a colaboração de Amartya Sen: *Prêmio Nobel de Economia de 1998*. O PNUD Brasil ainda diz que

o conceito de desenvolvimento humano nasceu definido como um processo de ampliação das escolhas das pessoas para que elas tenham capacidades e oportunidades para serem aquilo que desejam ser. Diferentemente da perspectiva do crescimento econômico, que vê o bem-estar de uma sociedade apenas pelos recursos ou pela renda que pode gerar, a abordagem do desenvolvimento humano procura olhar diretamente para as pessoas, suas oportunidades e capacidades. A renda é importante, mas como um meio de desenvolvimento e não como um fim. (...) O Índice de

¹⁷⁸ Voltaremos a este assunto.

¹⁷⁹ Ver CNN Brasil. *PIB: o que é, como é medido e quais fatores contribuem para seu crescimento*. 03/09/2021. Disponível em: <cnbrasil.com.br>.

¹⁸⁰ Os autores partem do estudo de TORRES, Haroldo da Gama; FERREIRA, Maria Paula; DINI, Nádya Pinheiro. *Indicadores sociais: por que construir novos indicadores como o IPRS*. São Paulo Perspec., v. 17, n. 3-4, jul./dez. 2003.

*Desenvolvimento Humano é uma medida resumida do progresso a longo prazo em três dimensões básicas do desenvolvimento humano: renda, educação e saúde*¹⁸¹.

Dito de outro modo, o “pressuposto [é] que o progresso de um país ou município não pode ser mensurado apenas pelo dinheiro que seus cidadãos possuem (ou carecem), mas também pela sua saúde, a qualidade dos serviços médicos e a educação” (SCARPIN e SLOMSKI, 2007, p. 911).

O IDH (...) é uma contribuição para essa busca, e combina três componentes básicos do desenvolvimento humano: a longevidade, que reflete, entre outras coisas, as condições de saúde da população, medida pela esperança de vida ao nascer; a educação, medida por uma combinação da taxa de alfabetização de adultos e a taxa combinada de matrícula nos níveis de ensino fundamental, médio e superior; e a renda, medida pelo poder de compra da população, baseado no PIB per capita ajustado ao custo de vida local para torná-lo comparável entre países e regiões, por meio da metodologia conhecida como paridade do poder de compra (PPC) (SCARPIN e SLOMSKI, 2007, p. 912).

Nas palavras do PNUD, “as três dimensões fundamentais do desenvolvimento humano [são]; uma vida longa e com boa saúde; o acesso ao conhecimento e um nível de vida decente” (PNUD, 2020. Tradução nossa). O PNUD Brasil afirma que este medidor de desenvolvimento humano *não abrange nem esgota todos os aspectos do desenvolvimento*. Ele se baseia basicamente em alguns aspectos, diferenciando-se do desenvolvimento econômico medido com base no PIB. Na visão Scarpin e Slomski (2007), a adoção do IDH como instrumento, mais aceito, de medição do grau de desenvolvimento humano - portanto, da qualidade de vida - levou a ONU a aconselhar países a não associar *crescimento* apenas ao aumento do PIB, o que ocasionou um debate amplo no qual é defendido a inclusão de novos elementos *fundamentais do processo de desenvolvimento* (Scarpin e Slomski, 2007). O que Sarr (2009) traduz como esforços feitos no intuito de *enriquecer e complexificar esses indicadores*, que hoje consideram inclusive *a qualidade do meio ambiente*. Portanto, como sustentado por Scarpin e Slomski (2007), seria redutor analisá-lo limitando-se *só a seu componente econômico*, isto é, produtivo. Para Guilmoto e Sandron (2003),

A satisfação das necessidades humanas essenciais não é um pré-requisito do desenvolvimento, ela é o desenvolvimento. A saúde, a educação, [a demografia,] o meio ambiente ou a democracia se tornam então variáveis sobre as quais se pode pensar em termos de desenvolvimento humano, social ou sustentável (GUILMOTO e SANDRON, 2003, p. 127. Tradução nossa).

¹⁸¹ Ver PNUD Brasil. Desenvolvimento Humano e IDH. Disponível em: <<https://www.undp.org/pt/brazil>> Acesso em 10/11/2022.

2.4.1.1 - O Senegal e IDH

O Relatório sobre o desenvolvimento humano de 2020 do PNUD relativo ao Senegal formula que o “IDH foi tornado público a fim de orientar o debate sobre os progressos do desenvolvimento, afastando-se do PIB para se aproximar de um indicador que realmente ‘conta’ para a vida humana” (PNUD, 2020, p. 1. Tradução nossa). Apesar desta orientação, na sua comunicação sobre o desenvolvimento, o Senegal ainda destaca as taxas do seu PIB, silenciando-se, ou quase, sobre seu IDH. Um dos orgulhos do *Plan Sénégal Emergent* (PSE)¹⁸² é este indicador ultrapassado, que pouco retrata a realidade humana de sociedades africanas, cujas economias são dominadas por atores externos.

Apesar das críticas destes indicadores que consistem em classificar os países por seu grau de desenvolvimento (Ki-Zerbo, 2009; Sarr, 2021), tais classificações, que sugerem que uns devem se esforçar para alcançar outros, numa linha evolutiva, existem e são realizadas frequentemente. Em 2019, com um IDH de 0,512, o Senegal foi colocado na categoria de *países com ‘desenvolvimento humano fraco’*, tendo-se colocado no 168º lugar entre 189 países e territórios (PNUD, 2020). Porém, esta fonte mostra que no intervalo 1990-2018, o IDH cresceu. O único ano em que o IDH do país sofreu uma queda foi o de 2019 (Ver quadro a seguir), ou seja, neste ano o Senegal voltou ao patamar de 2017.

Quadro 5 - Evolução do IDH do Senegal com base em dados coerentes

[Ano]	Expectativa de vida ao nascer	Duração esperado de escolarização	Duração média de escolarização	RNB por habitante (dólares de 2017 em PPA)	Valor do IDH
1990	57.2	4.5	2.2	2,239	0.376
1995	57.4	4.8	2.1	2,155	0.378
2000	57.8	5.4	1.9	2,356	0.390
2005	60.6	6.7	2.4	2,633	0.434
2010	64.3	8.0	2.4	2,721	0.468
2015	66.7	9.3	2.9	2,903	0.506
2016	67.1	9.3	2.9	2,988	0.509
2017	67.4	9.2	3.0	3,114	0.512
2018	67.7	9.1	3.1	3,23	0.516
2019	67.9	8.6	3.2	3,309	0.512

Fonte: PNUD 2020, p. 3. Grifo e tradução nossos.

RNB: Renda Nacional Bruta. PPA: Paridade de Poder de Compra/Achat.

Ao comparar o IDH dos dois países americanos de imigração dos originários da Casamansa, com o do Senegal (Ver Quadro 6), percebe-se que em 1990, assim como em 2000 e 2010, o Índice de Desenvolvimento Humano deste país era menor que 0,50, sendo zero

¹⁸² Voltaremos sobre este Plano lançado em 2014 pelo governo sob a presidência de Macky Sall.

péssimo e 10 perfeito. Variou muito pouco entre os dois primeiros anos, passando de 0,37 para 0,38. Embora tenha aumentado um pouco mais entre 2000 e 2010, apenas passou da metade em 2019, e ainda muito abaixo quando comparado aos índices brasileiro e sobretudo canadense do ano 1990, índices estes que registraram aumentos a cada ano da série, colocando o Senegal, respectivamente no 129º, 159º, 168º e 170º lugar no ranking do IDH em 1900, 2000, 2010 e 2020. A colocação de 2020 não mudou em 2021.

Quadro 6 - Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), por país: 1990-2019

País	1990	2000	2010	2019
Brasil	0,60	0,68	0,73	0,77
Canadá	0,85	0,87	0,90	0,93
Senegal	0,37	0,38	0,46	0,51

Fonte: Human Development Reports, Highcharts.com In : Perspective monde, consultado em 20/09/2022.

2.4.1.2 - O desenvolvimento importado e consequências

A iniciativa da “ajuda” ao desenvolvimento é muitas vezes dos próprios investidores que, interessados em contrapartida econômica e ideológica, podem, entretanto, agir sob provocação, em determinados casos. Em 1958, uma década após o aparecimento do termo desenvolvimento, a Assembleia geral da ONU recebe a proposta do *Conselho ecumênico das Igrejas*, que consiste num pedido de transferir 1% do PNB dos países economicamente desenvolvidos para aqueles em desenvolvimento (BORREL, 2021a; OCDE, 2010), mas foi em outubro de 1970 que ela adota uma Resolução que estabeleceu oficialmente como objetivo destinar 0,7% da RNB dos países ricos para a Ajuda Pública ao Desenvolvimento (APD) dos países ditos ‘em desenvolvimento’¹⁸³. (OCDE, 2010). Textualmente, a resolução fala que

¹⁸³ De acordo com o Comitê de Ajuda ao Desenvolvimento (CAD) da OCDE, entende-se por “Ajuda Pública ao Desenvolvimento” (APD) a ajuda fornecida [em forma de doação ou empréstimo concedido] pelos Estados [membros do CAD] com o objetivo expresso de promover o desenvolvimento econômico e de melhorar as condições de vida [em setores tais como a saúde, o saneamento, a educação, as infraestruturas, o reforço de sistemas fiscais e das capacidades da administração] nos países em desenvolvimento. Adotada pelo CAD em 1969 como a norma de referência no tocante à ajuda exterior, a APD seguinte sendo a principal fonte de financiamento da ajuda ao desenvolvimento. A APD se baseia em estatísticas coletadas, analisadas e publicadas pela OCDE (OCDE. *L'aide publique au développement (APD); Les normes du financement du développement*. Tradução nossa). Na sua definição, Borrel fala que a “APD inclui assim a ajuda dita ‘multilateral’, constituída de contribuições às organizações internacionais intergovernamentais (FMI, Banco mundial, organismos onusianos, Fundo europeu de desenvolvimento...), e a ajuda bilateral, que envolve as transferências e gastos de

cada país economicamente avançado aumentará progressivamente sua ajuda oficial ao desenvolvimento dos países em desenvolvimento e se esforçará particularmente para atingir, em meados da década [de 1970] no máximo, um montante mínimo em valor líquido de 0,7% de seu produto nacional bruto em preços do mercado (OCDE, 2010, s/p. Tradução nossa)¹⁸⁴.

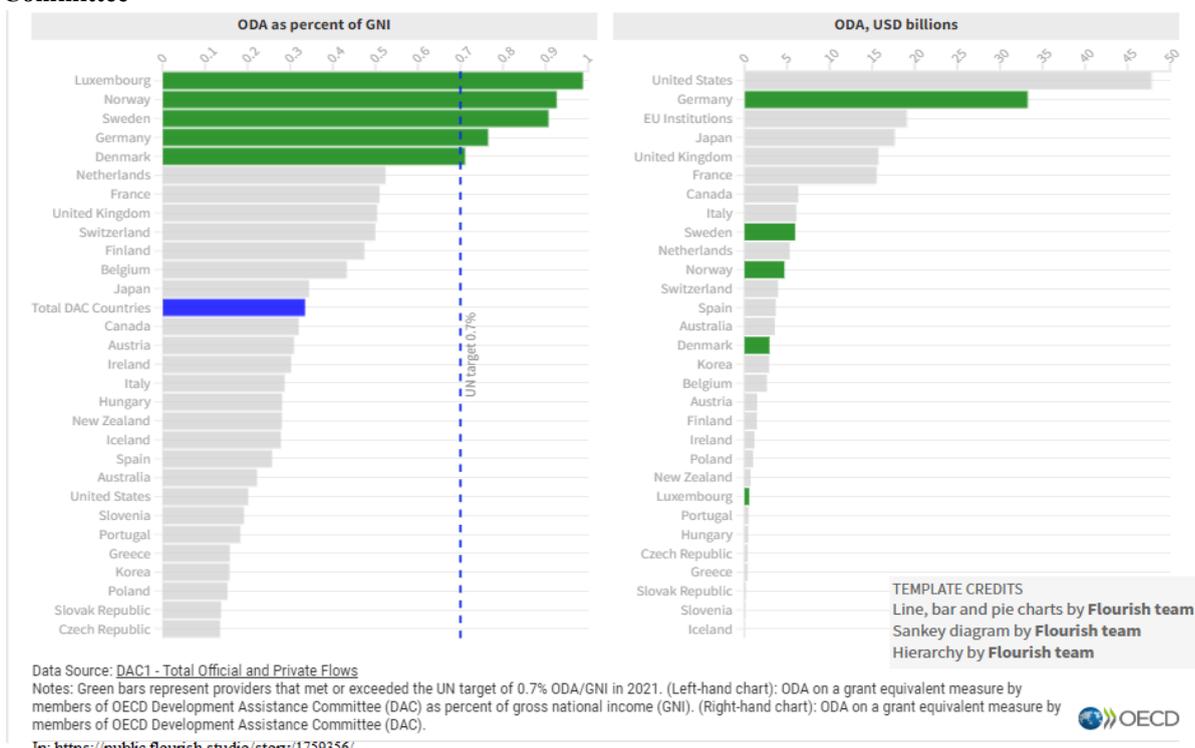
Ainda de acordo com esta fonte, a Suécia foi o primeiro país a atingir a meta estabelecida em 1974, porém a revisão dos números do PNB revelou que na verdade ela alcançou o objetivo em 1975 assim como os Países Baixos. Nos anos que seguiram, a Noruega (1976) e a Dinamarca (1978). Desde o respectivo primeiro êxito, todos estes países seguiram cumprindo este compromisso. A França se juntou a estes países entre 1981 e 1987, lembrando que no caso dela, a ajuda a si mesma, com transferência de fundos para departamentos e território de além-mar eram considerados parte da sua APD, o que facilitou seu cumprimento. Depois da retirada destes departamentos do além-mar em 1992, ela não logrou mais consagrar a proporção estabelecida à causa desenvolvimentista. A Finlândia e Luxemburgo conseguiram respectivamente estar na lista dos que dedicaram 0,7% da sua RNB ao desenvolvimento dos países ditos pobres em 1991 e 2000. Este último não saiu mais dela (OCDE, 2010).

De acordo com a OCDE, em 2021, o valor destinado à ajuda pública para o desenvolvimento foi de USD 186 bilhões, isto é, 0,33% da RNB do total dos membros do Comité de Ajuda ao Desenvolvimento (CAD). Neste ano, as taxas de contribuição em porcentagem da RNB dos países que atingiram a meta de 0,7% da sua RNB foram de: 0,99% para Luxemburgo; 0,93% para Noruega; 0,91% para Suécia; 0,76% para Alemanha e 0,71% para Dinamarca. Em valores absolutos, com uma contribuição de aproximadamente USD 33 bilhões, a Alemanha foi o único destes países a destinar mais de USD 8 bilhões à APD (Ver Gráfico 6).

dinheiro público (Estado, coletividades, agências de desenvolvimento, etc.) de determinado país” (BORREL, 2021, p.759. Tradução nossa).

¹⁸⁴ OCDE. *Historique de l'objectif de 0.7 %*. Texte original: Journal du CAD 2002, Vol 3, No 4, pages III-11 – III-13. Révisé – juin 2010. Acesso em 20/05/2023. Disponível em: <https://www.oecd.org/fr/cad/financementpourledeveloppementdurable/normes-financement-developpement/45539389.pdf>

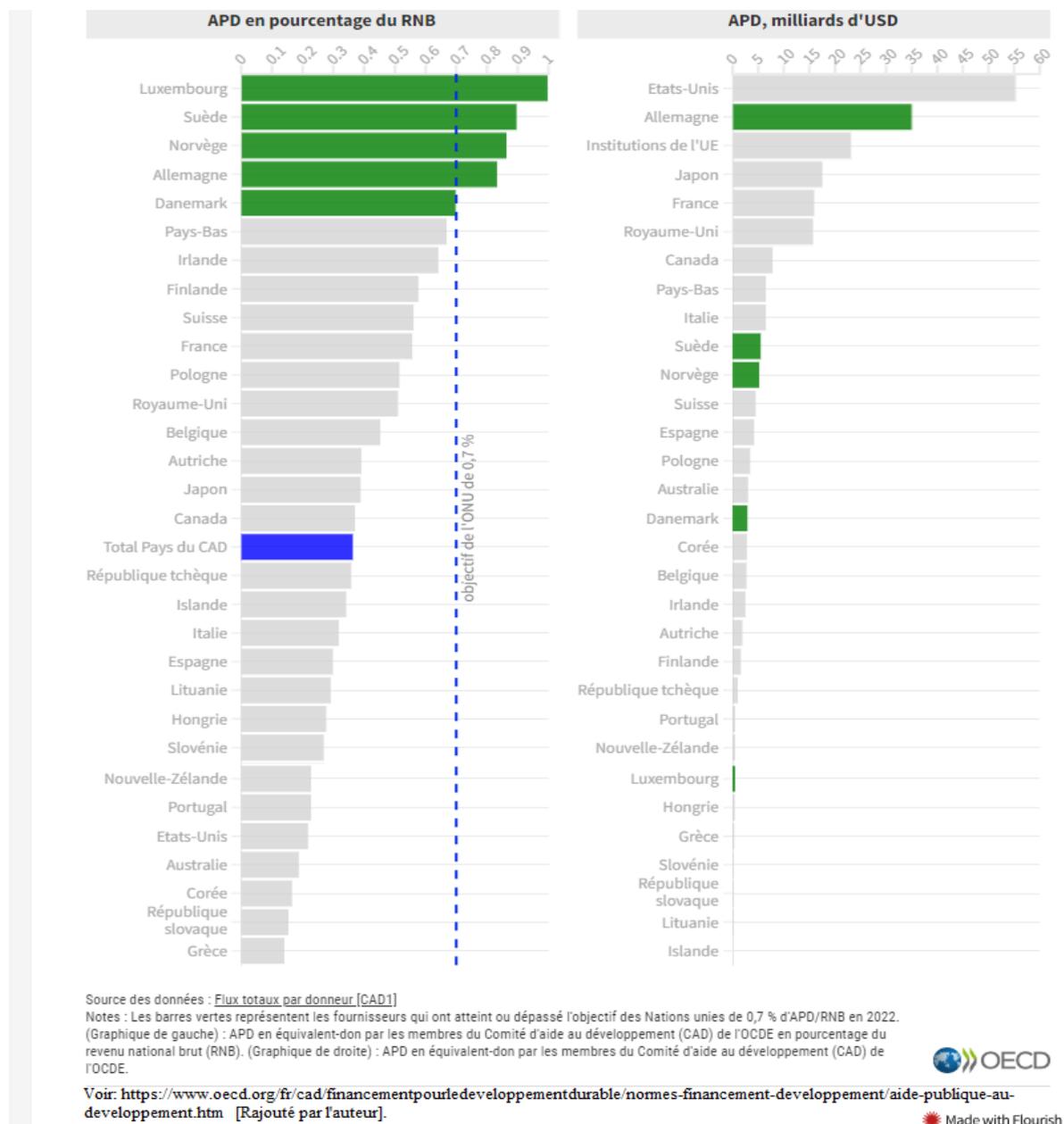
Gráfico 6 - Official Development Assistance (ODA) in 2021, by members of the development Assistance Committee



Os últimos dados da OCDE indicam que em 2022, o total da APD dos países do CAD equivale a 0,36% de sua RNB. Seu aumento foi relacionado à elevação dos gastos para ajudar a Ucrânia, que recebeu USD 16,1 bilhões - dos quais USD 1,8 bilhão de ajuda humanitária - somente em 2022¹⁸⁵, e ao atendimento dos refugiados recebidos nos países contribuintes. Foram os mesmos 5 países que atingiram ou passaram da meta em 2022. Respectivamente: Luxemburgo (1%), Suécia (0.9%), Noruega (0.86%), Alemanha (0.83%) e Dinamarca (0.7%). Destes países, a Alemanha é novamente a que participou com USD 35 bilhões, muito à frente do segundo, a Suécia com USD 5,5 bilhões, quando a de Luxemburgo, a mais baixa, foi de USD 0,5 bilhão (Gráfico 7). O Canadá contribuiu com USD 7,8 bilhões (0,37%) em 2022 e com USD 6,3 bilhões (0.32%) em 2021. Os Estados Unidos forneceram o maior montante (USD 55,5 bi.) de USD 204 bi. em 2022, isto é, 0,22% da sua RNB, sendo um dos 5 últimos do CAD. Em 2021, contribuiu USD 47,8 bilhões, isto é, 0,2% da RNB (Ver gráficos 6 e 7).

¹⁸⁵ De acordo com a OCDE, a APD destinada a este país aumentou substancialmente, saindo de USD 918 milhões em 2021 para USD 16,1 bilhões no ano seguinte porque ele foi invadido e ainda está em guerra contra a Rússia que a agrediu (Anexo 1-E.1).

Gráfico 7 - Ajuda pública ao desenvolvimento (APD) em 2022, em porcentagem da RNB e em milhares de USD pelos membros do Comitê de ajuda ao desenvolvimento (dados preliminares)*



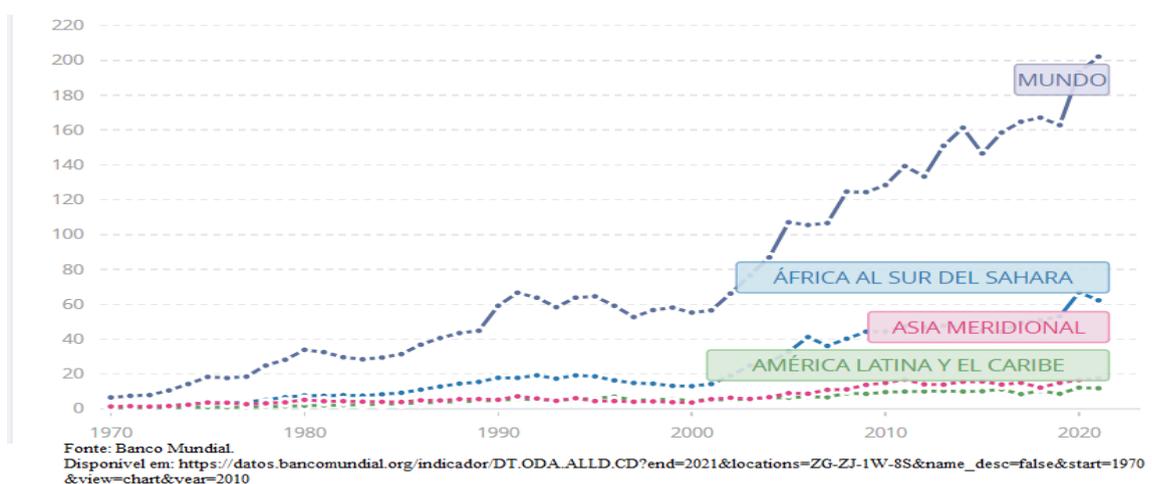
* Mais detalhes no Anexo 1-E.1

Diante do que mostram estes dados, pode-se dizer que após 53 anos de engajamento dos desenvolvidos para o desenvolvimento dos não desenvolvidos, o alcance do *objetivo de 0.7%* por todos os membros do CAD, nunca atingido desde 1970, ainda está longe de ser alcançado, considerando que em 2021 e 2022 menos de 17% deles chegaram pelo menos ao mínimo exigido. De 1990 a 2021, as oscilações permaneceram entre 0,21% e 0,33% da RNB destes países ricos destinada à APD¹⁸⁶.

¹⁸⁶ Ver Anexo 1-E.2

Cabe destacar que Moyo situa as primeiras formas de *assistência em grande escala* em 1896, quando os Estados Unidos forneceram *ajuda alimentar a países do além-mar*, e que “Em 1929, no âmbito do Colonial Development Act, o governo britânico subsidiou projetos de criação de infraestruturas em países pobres” (MOYO, 2009, p. 38. Tradução nossa). Antes de 1949, “programas especiais de ajuda tinham sido implementados, o Plano Marshall, em particular, que fornece uma ajuda massiva para a reconstrução dos países da Europa do Oeste devastados pela Segunda Guerra Mundial” (ACEDO, 1995, p. 1. Tradução nossa). Avaliada globalmente a partir de meados dos anos 1940 até os anos 2000, a assistência internacional apresenta sete etapas: uma em cada década¹⁸⁷. A África, que recebeu quase US\$ 1.000 bilhões, foi, de longe, a maior beneficiária dos mais de US\$ 2.000 bilhões transferidos a países “pobres” por países ricos¹⁸⁸ (Moyo, 2009). Dados do Banco Mundial indicam que entre 1990 e 2021 foram US\$ 3.421 bilhões destinados à APD. Destes, a África subsaariana recebeu a maior parte, US\$ 1.066,01 bilhões, isto é, quase 31% do total¹⁸⁹. Em 2021, a África negra recebeu US\$ 62,29 bilhões quando a Ásia meridional e América Latina e Caribe receberam, respectivamente, US\$ 17,64 bilhões e US\$ 11,85 bilhões da APD.

Gráfico 8 - Ayuda oficial neta para el desarrollo (US\$ a precios actuales) - Mundo, África al Sur del Sahara, Asia Meridional, América Latina y el Caribe 1970-2021



¹⁸⁷ Anos 1940: nascimento em Bretton Woods; anos 1950: era do plano Marshall; anos 1960: industrialização; anos 1970: virada para uma assistência contra a pobreza; anos 1980: assistência como instrumento de estabilização e ajustamento estrutural; anos 1990: assistência *rempart*/suporte da democracia e da boa governança; anos 2000: obsessão da ajuda como solução única (Ver Moyo, 2009, p. 39).

¹⁸⁸ Contudo, entre 1948 e 1952 o plano Marshall permitiu financiar no equivalente a US\$ 100 bilhões a reconstrução econômica e institucional exitosa dos países da Europa devastada na Segunda Guerra mundial. Esta ajuda teve suas condições fixadas pelo doador, os Estados Unidos (Moyo, 2009, p. 79).

¹⁸⁹ Ver também anexo 1-E.3

Nesta África, o *desenvolvimento* vinha sendo pensado por instituições como Estados, Bancos, Fundos e empresas « multinacionais », geralmente europeus ou da América do Norte. Ou seja, aos exportadores da “civilização”¹⁹⁰ no passado cabe, desde a véspera das “independências” em África, a tarefa de promover o “desenvolvimento”. Pereira (2010) se baseia em Fuhrer (1994) para dizer que

A partir dos anos 1950, os países industrializados organizaram diferentes programas de cooperação para o desenvolvimento, muitos deles voltados para suas ex-colônias e/ou países com instabilidade política. Os objetivos dos programas de apoio ao desenvolvimento, concentram-se, via de regra, no fomento do Estado de Direito, do respeito aos Direitos Humanos, da estabilidade política e da elaboração de uma ordem jurídica em favor da economia de mercado (PEREIRA, 2010, p. 88).

Cosquer reforça tal afirmação ao dizer que “A cooperação toma a forma de uma política desenvolvimentista forjada nos últimos tempos da colonização, particularmente no pós-guerra e no pós-independências” (COSQUER, 2021, p. 428. Tradução nossa). Portanto, a autora entende que a cooperação tende a ligar “Estados ‘tutelares’ com Estados ‘beneficiários’, sendo a esmagadora maioria dos segundos antigas colônias dos primeiros” (COSQUER, 2021, p. 428. Tradução nossa). Esta ótica é, como mostram certos estudiosos (Sarr, 2021 ; Cosquer, 2021), devedora de um olhar impregnado na “colonização”, e decorrente dela, da colonialidade¹⁹¹ que atinge ambas as partes. O sociólogo Miguel de Barros fala que “O conceito de cooperação emerge de uma visão de um mercado colonial, e este conceito não foi mudado. [E neste sentido, acrescentou,] “constitui um grande momento de fragilidade dessa própria ambição”¹⁹². Cosquer sublinha que havia pelo menos dois tipos de cooperantes franceses: os do Ministério de Relações Exteriores, enviados para o resto do mundo, e dos Ministério *ad hoc* (o Ministério da Cooperação) para a África negra (Cosquer, 2021).

Desde o começo dos anos 2000, o conceito de cooperação foi relacionado à migração, em particular, à migração informal africana com destino à Europa, na medida em que, diante

¹⁹⁰ Para González Casanova, “La idea de civilización ha correspondido sobre todo a un análisis internacional o universal de la historia” (2006, p. 185).

¹⁹¹ Poderia-se dizer que a colonialidade é, na ótica de Quijano (2005, p. 118), o conjunto das “*identidades históricas produzidas sobre a ideia de raça, sendo, associadas à natureza dos papéis e lugares na nova estrutura global de controle do trabalho. Assim, ambos os elementos, raça e divisão do trabalho, foram estruturalmente associados e reforçando-se mutuamente, apesar de que nenhum dos dois era necessariamente dependente do outro para existir ou para transformar-se.* (QUIJANO, 2005, p. 118).

¹⁹² A evolução do conceito para o modelo de “cooperação para o desenvolvimento” viera do Mercado neoliberal, sobretudo ocidental, acrescenta. Tais afirmações foram feitas em uma palestra proferida em 23/05/2019 na Universidade de Brasília.

desta forma de migrar que desafia as leis e políticas de fechamento, o dito “Velho continente” passou a pressionar os países beneficiários de financiamentos no âmbito da cooperação para o desenvolvimento a aceitar a função de *escudo migratório* para este continente por um lado, e de *retentor migratório* para emigrantes africanos do Magreb e da África sulsaariana que desejam atravessar o mar Mediterrâneo. Trata-se da externalização de fronteiras da Europa (Ferreira, 2017; Gabrielli, 2008). Como diz Ferreira (2017), os critérios de seleção dos países aptos a receber a “ajuda” se fundam mais na quantidade de emigrantes que produzem [ou retém], do que nas suas necessidades de desenvolvimento. Ela assinala este uso indevido nos seguintes termos: “a instrumentalização da ajuda ao desenvolvimento para objetivos ligados à segurança das fronteiras ou à contenção da migração irregular não é justificável, nem pelos princípios da UE, nem pela eficácia dessa ajuda” (FERREIRA, 2017, p. 51).

Na África, diz Ki-Zerbo, “[os Ocidentais] queriam fazer um desenvolvimento concedido, o que denominavam, no tempo colonial, de *valorização*” (KI-ZERBO, 2009, p. 132), o *antecessor* do desenvolvimento. No mesmo sentido, Sarr (2021) entende que o *caminho do desenvolvimento* foi apresentado aos africanos como um *prêt-à-porter* social que devem usar. “Para organizar o político, o econômico e o social, foi-lhes exigido que se cobrissem com as formas institucionais produzidas a partir de uma história milenar gerada em outro lugar (...)” (SARR, 2021, p. 22). Na ótica de Dubarry, *após a Segunda Guerra mundial, modelos de desenvolvimento foram impostos às populações ditas subdesenvolvidas* (DUBARRY, 2014. Tradução nossa). Uma olhada na declaração de 9 de maio de 1950 - *considerada texto fundador da construção europeia* - pronunciada por Robert Schuman, então Ministro de Assuntos Estrangeiros francês, deixa claro que a Europa se atribuiu a tarefa de promover o desenvolvimento, notadamente da África¹⁹³. Esta África que também esperava que viesse do “Velho Continente” *seu desenvolvimento e sua prosperidade*. Nenhum país da África negra parece ter escapado desta imposição, que extrapola o âmbito econômico (Sarr, 2021; Ki-Zerbo, 2009). De acordo com Lavergne (1987), o Senegal tem uma orientação ocidental e, mediante este fato, o país consegue doadores estatais generosos, dos quais nenhum outro país lhe fornece mais *doação*¹⁹⁴ que seu *antigo* colon, a França.

¹⁹³ Vide Fondation Robert SCHUMAN : <https://www.robert-schuman.eu/fr/declaration-du-9-mai-1950> Acesso em 12/07/2022.

¹⁹⁴ Deve-se notar que na ótica de Moyo (2009) é pela ajuda Marshall que os Estados Unidos fortaleceram sua aliança com a Europa Ocidental. Ela diz que o Plano Marshall permitiu “aos Estados Unidos exercerem uma influência considerável em política externa: não só ganharam aliados na Europa ocidental, mas construíram em bases sólidas um multilateralismo sob direção americana” (MOYO, 2009, p. 42. Tradução nossa). “Para a

Esta lógica é, para Ki-Zerbo, um *mal-entendido*, que permaneceu apesar da substituição da *valorização* pelo *desenvolvimento*. O envolvimento do Estado “ex-colonizador” na “promoção” do *desenvolvimento* ao novo Estado recentemente declarado independente é, portanto, evidente. No entanto, os projetos neocoloniais¹⁹⁵, que já haviam sido aplicados em “colônias francesas da América do Norte e do Caribe na virada do século XIX” (BORREL et al, 2021a, p. 17. Tradução nossa), em particular no Haiti - obrigado a indenizar seus exploradores - não sugerem a eventualidade de uma real intenção de ajudar qualquer país de outro continente, notadamente da África, a sair do dito *subdesenvolvimento*. Monjib (2005) fala de *contra-ofensiva do neocolonialismo*, com suas vítimas na África e outras partes do Sul global¹⁹⁶.

Por muitas décadas seguidas, os países ditos “em via de desenvolvimento”, em particular os da África, receberam o dinheiro que seria uma fonte fundamental, senão indispensável, de financiamento e promoção de seu *desenvolvimento* (Moyo, 2009). Um destes, reitera-se, é o Senegal. Caberia perguntar o seguinte: qual foi o impacto de tais medidas e o que mudou nesta forma de pensar o desenvolvimento para os que dele carecem desde os anos 1960? Existem sinais evidentes de esforços para reverter este quadro de dependência? Desde que foi reconhecida sua soberania internacional, o Senegal tem demonstrado aquilo que podemos chamar de “desenvolvimento dependente” de dívidas ou apoios externos.

O Governo senegalês, perante as dificuldades de desenvolvimento, recorreu, desde a independência, a diferentes empresas estrangeiras para lançar operações de *mise en valor* dos recursos regionais. Organismos públicos, para-públicos ou privados, de diversas nacionalidades, realizaram então grandes operações agrícolas em diversos ramos após convenções com o Governo do Senegal, e com fontes de financiamento diversos: Ajuda Bilateral de diferentes países, e especialmente da França, o FAC – Fundo de Ajuda e de Cooperação -, dos Estados Unidos –

Grã-Bretanha e a França a ajuda se tornou um meio de combinar altruísmo recente com uma boa dose de interesse pessoal – e manter um controle geopolítico estratégico”(MOYO, 2009, p. 43. Tradução nossa).

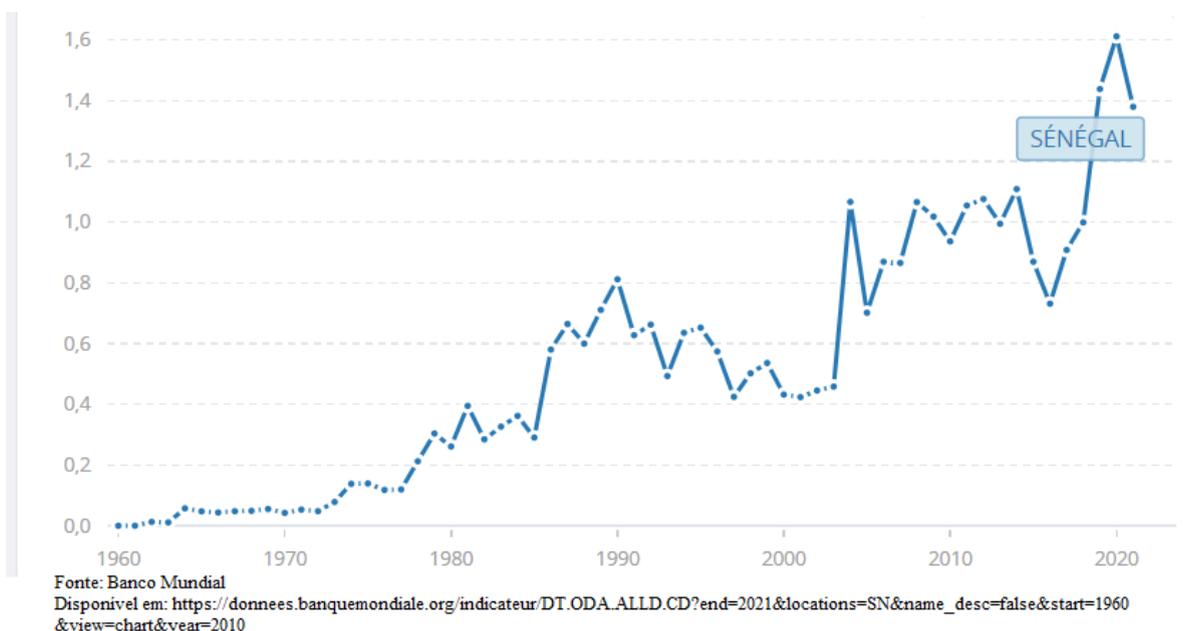
¹⁹⁵ Senghor define o neocolonialismo como “um fenômeno histórico caracterizado pelo domínio ou influência que as grandes potências exercem sobre os países descolonizados. Constitui uma manifestação nova de imperialismo, na medida em que um Estado tenta controlar os destinos de outro para assegurar a exploração de seus recursos econômicos e a sua fidelidade diplomática” (Cf. Madríguez, 1979, p. 21). De acordo com Borrel et al. (2021), o historiador David Todd entende que ao neocolonialismo se associa legitimamente “mecanismos financeiros, culturais, jurídicos e ideológicos que assumiram [na virada do século XIX] o lugar do imperialismo territorial” (p. 17. Tradução nossa).

¹⁹⁶ *Os assassinados: Félix Moumié (Camarões) S. Olympio (Togo, 1963), Ahmed Soekarno, (Indonésia, 1965), Ben Barka (Marrocos, 1965), Che Guevara (Argentina-Cuba, 1967), Salah Benyoussef (Tunísia, 1967) Amílcar Cabral (Guiné-Bissau e Cabo Verde, 1973). Os derrubados: M. Dia (Senegal, 1962), Ben Bella (Argélia, 1965), Kwame Nkrumah (Gana, 1966)....* (MONJIB, 2005, p. 51. Tradução nossa).

USAID¹⁹⁷ -, da China, da Europa – FED, Fundo Europeu de Desenvolvimento -, de Organismos internacionais: Banco Mundial, etc. Os organismos franceses, que trabalharam na Casamansa são certamente os mais numerosos: CGOT, IRAT, SATEC, CFDT¹⁹⁸ (TRINCAZ, 1984, p. 135-136. Tradução nossa).

A crença de que são os outros que dispõem das capacidades para viabilizar o desenvolvimento é, ainda hoje, consenso entre muitos senegaleses, notadamente os dirigentes políticos. Toda a preocupação, ou pelo menos a principal, parece estar mais no dinheiro que será financiado e menos no projeto que se pretende desenvolver e na sua pertinência, qualidade e benefício para a nação. Desde o reconhecimento de sua soberania internacional em agosto de 1960, o Senegal vem recebendo a APD. Os USD 811.729.980 milhões recebidos em 1990 eram até então o montante mais alto destinado ao país. Após oscilações ao longo da década, de USD 458.279.999 milhões em 2003, o Senegal recebe USD 1,07 bilhão, valor que supera o de 1990, e a ajuda que recebe segue oscilando. O momento de maior aumento constante foi o intervalo 2016-2020. Neste ano de Covid-19, a APD ao Senegal foi de USD 1,61 bilhão, caindo para USD 1,38 bilhão em 2021.

Gráfico 9 - Ayuda oficial neta para el desarrollo y ayuda oficial recibida (US\$ a precios actuales) - Senegal.



¹⁹⁷ A sigla significa: *United States Agency for International Development* /Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional. “Desde sua criação em 03 de novembro de 1961, a USAID trabalha em parceria com o povo senegalês. O Senegal tinha acabado de obter sua independência, e a USAID lhe traz, desde aquela data, seus conselhos, sua expertise e o apoio financeiro do povo americano” (USAID. 2021). In: <<https://www.usaid.gov/fr/senegal/press-release/usaid-celebrates-60-years-development-partnership-senegal-throughout-2021>>). Sobre a parceria USAID e o Senegal acessar <<https://www.usaid.gov/fr/senegal/press-releases>>

¹⁹⁸ Compagnie Générale de Oléagineux Tropicaux ; Institut de Recherche d’Agronomie Tropicale.

É relevante notar que no Senegal, em que se falou de desenvolvimento e de luta contra a pobreza há algumas décadas, fala-se de emergência desde 2014. O Estado do Senegal lançou neste ano o *Plan Sénégal Emergent* (PSE), sob a presidência de Macky Sall (Boidin, 2019). O PSE tem três eixos que são: *Eixo 1: Transformação estrutural da economia e crescimento*, onde são citados, entre outras, a agricultura, a pesca e aquicultura, o turismo, a pecuária, transporte e comércio; *Eixo 2: Capital humano, Proteção social e Desenvolvimento sustentável*, cujos itens são, entre outros, *Educação e formação, Saúde e nutrição, proteção social, acesso à água potável e ao saneamento, moradia e meio ambiente* e *Eixo 3: Governança, Instituições, Paz e Segurança*, que é relativo, entre outras questões, à *consolidação da paz, segurança e [democracia], promoção do estado de direito, dos direitos humanos e da justiça, equidade e igualdade de gênero*. Ademais, o documento enumera como *fundamentos da emergência: Resolução da questão vital da energia, Desenvolvimento do capital humano, Reforço da base logística e das infraestruturas, Aceleração da difusão das TICs, Aprofundamento do setor financeiro, Melhoria do ambiente de negócios, Reforço da cooperação internacional, da integração regional e da participação da diáspora, Reforço das capacidades de impulso do Estado* (RS, 2014, p. iii. Tradução nossa). A implementação do PSE é tida como o compromisso do Senegal de transformar profundamente o *sistema econômico e social* e melhorar o *bem-estar das populações* (RS, 2018, p. 60. Tradução nossa). Mas esta fonte diz ainda que:

Para a implementação de sua estratégia de desenvolvimento, o Estado desenvolveu no período 2014-2018 um dispositivo de financiamento apoiado no Plano de Ações Prioritárias (PAP) do PSE. A implementação deste plano exigiu um montante de 9685,6 bilhões de FCFA com uma contribuição de 43,4% do Estado, de 40,4% dos PTF e de 16,3% do setor privado (RS, 2018, p. 47. Tradução nossa).

Fica evidente que mais da metade da contribuição para a emergência do Senegal não é do Estado interessado em emergir. Ao analisar o PSE, Boidin (2019) constata que a elaboração deste documento não resultou exclusivamente do trabalho dos senegaleses, não envolveu a sociedade civil nem considerou a ótica dos socioeconomistas. Em suas palavras, diz:

Com efeito, ao contrário dos Documentos *Stratégiques* de Redução da Pobreza (DSRP) dos anos anteriores, o documento PSE não resultou de uma abordagem *bottom up*, mas, pelo contrário, *top down*, já que foi elaborado « *en chambre* » / “em gabinete” por um grupo de *experts* senegaleses expatriados (num clube qualificado de Disso) com o apoio de um gabinete internacional de consultoria (Mc Kinsey). A externalização da construção de uma estratégia nacional está evidente no PSE. Sendo que se trata claramente de uma ruptura com relação às recomendações da sociedade civil, bem como dos socioeconomistas que insistem na importância da co-construção dos projetos de desenvolvimento (BOIDIN, 2019, p. 54. Tradução nossa).

Várias autoridades atuais, assim como o documento PAP 2019-2023 destacam as taxas de crescimento em tempos de implementação da primeira fase do PSE. Estas variaram entre 6,2% e 7,2% no intervalo 2014-2018 e se basearam “no consumo, nas exportações, nos investimentos em infraestruturas económicas e sociais (energia, educação, construção) e numa redinamização da agricultura” (RS, 2018, p. 16. Tradução nossa). Entretanto, Boidin (2019) defende que o PSE tem como prioridade um crescimento extrovertido, mas busca por outro lado atender às demandas sociais internas.

Gunder Frank (1967) considera um equívoco pensar que o desenvolvimento dos países subdesenvolvidos pudesse resultar da *difusão de capital, instituições, valores etc. procedentes das metrópoles capitalistas nacionais ou internacionais*. Em seu estudo, Dubarry (2014) identifica que “o predomínio no campo do desenvolvimento do modelo liberal (Rostow), seguido do neoliberal (consenso de Washington), só suscitou *mal desenvolvimento*, enfraquecimento e endividamento dos Estados, desintegração social (...) dos Estados do Sul” (2014, p. 1. Tradução nossa). Ou seja, baseando-se nestas pesquisas, o balanço de mais de setenta anos de “ajuda ao desenvolvimento” indiscutivelmente negativo, um fracasso, no caso dos países da África (Moyo, 2009) como o Senegal, à semelhança da “Assistance mortelle”¹⁹⁹ no Haiti. Apesar de ‘privilegiado’ como beneficiário de APD e dos avanços perceptíveis na redução dos índices que o colocam no mapa da fome, o Senegal ainda permanece nele e figura na lista dos países de renda média baixa e na dos países pobres muito endividados²⁰⁰. Trata-se na verdade de uma promoção do “*desenvolvimento do subdesenvolvimento*”²⁰¹, na medida em que, por uma lado, não houve mudança na estrutura econômica de exploração vigente no tempo colonial (Gunder Frank, 1967), por um lado. É o caso do Senegal, cuja economia estava, de acordo com Mamadou Dia, volta para a capital, que por sua vez estava virada para o exterior (a França), isto, *em detrimento das relações inter regionais*²⁰². Décadas depois, Trincaz (1984) observa:

¹⁹⁹ Documentário de Raoul Peck. *Assistance mortelle*. Filme de 2012. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=jh560iJrBNY>>

²⁰⁰ Ver anexos 9.A; B; C; D

²⁰¹ Gunder Frank: o desenvolvimento do subdesenvolvimento. Artigo originalmente publicado em Monthly Review, vol. 18, nº 4, setembro de 1966.

²⁰² Ver Le Monde. M. Mamadou Dia, chef du gouvernement de Dakar définit le plan quadriennal sénégalais. 17 mai 1961.

Entre 1962 e 1975, a média anual de navios que atracam no porto de Ziguinchor chega a cento e vinte unidades. (...). Atualmente, Dakar desempenha o papel de intermediário entre a Casamansa e a França. Na época do tráfico, os navios chegavam diretamente da metrópole com produtos manufaturados, dos quais a cidade e sua região precisavam. Atualmente, os barcos que vêm buscar o amendoim chegam vazios, exceto os da Companhia Maurel et Prom, uma das últimas sociedades comerciais ainda presentes em Ziguinchor” (TRINCAZ, 1984, p. 78. Tradução nossa).

Por outro, ocorreu a promoção do desenvolvimento dos desenvolvidos²⁰³, pois, como sugerem determinados estudos (Moyo, 2009; Borrel, 2021a; Seguy, 2014; Dubarry, 2014; Gunder Frank, 1967), os *desenvolvedores* eram os principais beneficiários dos capitais ditos destinados à promoção do “desenvolvimento” alheio. Grande parte do dinheiro destinado ao *desenvolvimento* retorna para sua origem em forma de *salários, poupanças pessoais, lucro de empresas* etc., já que muitas vezes, os financiamentos são condicionados à atribuição de mercado às *empresas do país doador* (Borrel, 2021a; 2021b, Moyo, 2009)²⁰⁴ ou alimenta a corrupção, notadamente da elite de países assistidos, que a desviam para alimentar suas contas em bancos no exterior (Moyo, 2009)²⁰⁵. Estas empresas, que podem ser aquelas conhecidas como *multinacionais* ou *deslocalizadas*²⁰⁶, beneficiam geralmente da “otimização fiscal”, isto

²⁰³ “Los hoy países desarrollados nunca tuvieron subdesarrollo aunque pueden haber estado poco desarrollados” (Gunder Frank, 1967, p. 160).

²⁰⁴ “Na virada dos anos 2010, estima-se que, para aproximadamente US\$ 100 bilhões contabilizados em ajuda ao desenvolvimento, do tipo ‘Norte-Sul’, US\$ 1.000 bilhões fazem o percurso inverso ‘Sul-Norte’, via montagens opacas em paraísos fiscais, notadamente pelas operações contábeis internas às multinacionais. Em 2020, a Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e o Desenvolvimento (CNUCED) estima que em África as ‘fugas de capitais’ se elevam, na média, em mais de US\$ 88 bilhões por ano, entre 2013 e 2015. Ou seja, quase um montante equivalente ao de toda a APD (48 bilhões por ano) e de todos os investimentos diretos estrangeiros (54 bilhões por ano) a destinação do continente no mesmo período” (BORREL, 2021a, p. 767. Tradução nossa). **“Não se deve esquecer que é o triplo do dinheiro que vem das multinacionais em África, que sai [do continente] em forma de fuga do capital, de evasão de imposto...”** Soma-se a isso o comportamento da elite política dos países africanos *vis-à-vis* do Estado. “O Estado é privatizado no nível patrimonial e, em vez de acumular, na África, transferem-se os bens para os bancos-refúgios do Norte e para os paraísos fiscais” (Ki-Zerbo, 2009, p. 29). Pelo contrário, **“as remessas [de emigrantes] tendem a ser muito menos voláteis do que outros fluxos de financiamento do desenvolvimento**, como o investimento direto estrangeiro (IDE)” (FERREIRA, 2017, p. 43. Grifo nosso).

²⁰⁵ À corrupção transnacional se soma, no caso do Senegal, a corrupção doméstica, com seu lote de clientelismo, e a violência política, fatos internos que o trabalho de Tamba (2011) descreve com exemplos. A existência de órgãos de controle como a *Cellule nationale de traitement de l’information financière* (CENTIF), a *Cour de répression de l’enrichissement illicite* (CREI), a *Inspection générale d’État* (IGE), e a *Office national de lutte contre la fraude et la corruption* (OFNAC), [que] *expressam uma evolução significativa do dispositivo jurídico destinado à luta contra a corrupção* (RS, 2018, p. 45), escândalos apareceram no seio do atual governo, um deles relacionado a fundos destinado ao enfrentamento da pandemia de Covid-19.

²⁰⁶ Na ótica de Ki-Zerbo, em África, a burguesia nacional terá dificuldades para impulsionar o desenvolvimento econômico. Ainda hoje, as sociedades africanas mantêm certas práticas como gastos relativos a bens simbólicos ou de prestígio, de solidariedade. Elas justificam uma parte dos envios de dinheiro pelos migrantes (Sarr, 2021). Para Ki-Zerbo, é desde o tempo colonial que os *estrangeiros* ocidentais (europeus, americanos) e libaneses têm o controle do *comércio atacadista e das principais fábricas* (KI-ZERBO, 2009).

é, não pagam impostos, concordando assim com a redução das capacidades orçamentárias dos países ditos “em desenvolvimento” (Borrel, 2021c), além de geralmente pagarem salários menores nestes países. O autor afirma que parte do dinheiro destinado aos países ditos em desenvolvimento acaba em *empresas offshore* e que muitos relatórios lembram “que a evasão fiscal custa todo ano para a África mais caro em perda de recursos fiscais que tudo o que é contabilizado – geralmente de forma abusiva – como ajuda pública ao desenvolvimento” (BORREL, 2021c, p. 865. Tradução nossa). No caso do Senegal, Nicolas Lambert mostra que são 20 as empresas envolvidas na evasão fiscal e cujos nomes aparecem nos Pandora papers²⁰⁷.

Por outro lado, é pela ajuda que o mundo externo influencia, se não condiciona e controla a vida e a política de nações assistidas como o Senegal. Um exemplo chave disso é a criticada *aide liée*/ajuda vinculada²⁰⁸ - crítica feita pelo CAD em forma de Recomendação a respeito da desvinculação da APD desde 2001 para os PMA, ampliada em 2008 para os PPME e em 2018 para os demais países de renda baixa - e majoritariamente abandonada (82,3%) até 2020, no tocante à ajuda bilateral (OCDE, 2022). Os trabalhos de Borrel (2021a; 2021b; 2021c) mostram que a *ajuda ao desenvolvimento público*, embora seja “um discurso sem opositores”, não se faz por caridade, é um investimento rentável e um instrumento de influência, portanto, de controle. Se Gunder Frank (1967) já dizia que o *subdesenvolvimento atual de um país* não pode ser entendido olhando apenas para suas *características ou estruturas* socioeconômicas, desconsiderando suas relações passadas e atuais com a metrópole, hoje em manutenção do desenvolvimento”, Dubarry (2014) argumenta que por meio de acordos de cooperação, os “Senhores” perpetuaram *as relações de dominação estabelecidas durante a colonização* (DUBARRY, 2014, p. 42. Tradução nossa). Esta lógica é reproduzida em âmbito da luta europeia contra as migrações africanas. É o que o pesquisador Hassen Boubakri observa sobre o “acordo” de cooperação que a União Europeia assinou com a Tunísia em 16 de julho passado, quando diz que “É uma parceria desigual, imposto. Normalmente há cooperação, negociações, levando em conta os interesses de cada um. Aqui

²⁰⁷ Ver L’Humanité. Pandora Papers. Le monde déformé de l’évasion fiscale. 14 octobre 2021; <https://www.humanite.fr/>

²⁰⁸ A *aide liée* / ajuda vinculada *designa as doações ou empréstimos do setor público para os quais os mercados são limitados a empresas do país doador ou de um pequeno grupo de países. A ajuda vinculada costuma, portanto, impedir que os países beneficiários utilizem de modo optimal os fundos alocados para a compra de serviços, bens ou trabalhos. Alemanha, Austrália, Finlândia, França, Irlanda, Japão, Noruega, Países Baixos, Portugal, Reino Unido, Suécia e Suíça desvincularam sua ajuda para além do que requer a Recomendação de 2001 (OCDE. Le déliement de l’aide : le droit de choisir. Sur <https://www.oecd.org/>). A Recomendação exclui de seu campo de aplicação a cooperação técnica pura (OCDE, 2022).*

só há dinheiro. Pode-se falar de parceria? Trata-se de *diktats/imposições*”²⁰⁹. Analisando o caso do Haiti, Seguy (2014) mobiliza argumentos similares, dizendo que é pelo investimento para o *desenvolvimento* ou a *reconstrução* que eles se recolocam em um processo de recolonização. Ao ajudar o Senegal, afirma Lavergne, a França está “preocupada em preservar uma relação privilegiada com uma de suas mais antigas colônias. A Comunidade europeia, levada nessa onda pela política externa francesa, se tornou a segunda doadora” (LAVERGNE, 1987, p. 159. Tradução nossa). Ainda assim, é fato que conforme os dados do BM, em 2023 o país é um dos listados na relação dos 39 *países pobres muito endividados* (PPME)²¹⁰, e dos 54 países da faixa inferior daqueles com renda intermediária²¹¹ do mundo (BM, 2023).

No tocante à Casamansa, limitando-se à Commune de Ziguinchor, *seus programas e projetos de desenvolvimento decorrem de atores como o Estado, a cooperação internacional, as ONGs, os Bancos de desenvolvimento e parcerias entre cidades* (CZ., 2018, p. 52. Tradução nossa). De acordo com este documento, alguns dos parceiros exteriores são países, bancos, fundos, agências: França, Canadá, Espanha, ONUDI, FEM, UE, BAD, BM, AECID, AFD e cidades francesas, belga, etc. Quanto à região de Ziguinchor, em uma nota de imprensa de 11 de agosto de 2020 do Governo dos Estados Unidos, o citado governador de Ziguinchor, Guedj Diouf, *solicita a assistência dos Estados Unidos para a reinstalação de populações deslocadas em zonas recentemente reconquistadas pelo exército senegalês*²¹². Ainda a nível regional, mesmo quando o Estado se envolve na criação de empresas, ocorre que a participação, notadamente financeira, do país parceiro seja muito mais expressiva e o aporte técnico quase totalmente por conta deste. Na Casamansa, vem-se notando envolvimento direto ou indireto de Estados como a China, Estados Unidos, Alemanha, além dos anteriormente citados, seja na promoção de atividades econômicas e sociais, seja naquelas relativas à promoção da paz. Estes países são mencionados na medida em que, quando não se trata de

²⁰⁹ Ver TV5 Monde. 17 juillet 2023. Voir <https://information.tv5monde.com/>

²¹⁰ BM: *Países pobres muy endeudados*. Acesso em 31/07/2023. Disponible en <https://datos.bancomundial.org/pais/paises-pobres-muy-endeudados-ppme>

²¹¹ BM: *Países de ingreso mediano bajo*. Acesso em 31/07/2023. Disponible en <https://datos.bancomundial.org/nivel-de-ingresos/paises-de-ingreso-mediano-bajo>

²¹² O apoio do governo dos Estados Unidos se fez mediante o *Programa Democracia, Direitos e Governança da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID)*, que *mobilizou produtos básicos no valor de 7 milhões de F CFA para ajudar a fortalecer a saúde e a segurança de pessoas que retornam (...) Os produtos distribuídos incluem kits de alimentação e materiais básicos para a construção de abrigos provisórios*. (Fonte: Ambassade des Etats-Unis au Sénégal. 2020. Disponível em: <https://sn.usembassy.gov/fr/le-gouvernement-des-etats-unis-a-pied-doeuvre-pour-aider-des-rapatries-a-se-reinstaller-dans-le-sud-de-la-casamance/>).

envolvimento de seus representantes governamentais, têm ONGs atuantes na Casamansa²¹³. Em 2020, no âmbito da parceria Canadá-Senegal, o primeiro ministro canadense informou que seu país *investe no Senegal 18 milhões de dólares em um projeto para melhorar as condições de vida de 4.000 agricultores e ajudar 11.600 membros de suas famílias e organizações de agricultores graças a melhores ferramentas e métodos de produção, sendo focado na mulheres e jovens*²¹⁴. A respeito da Casamansa, foram anunciados na mesma ocasião 9,8 milhões de dólares a mais, destinados a facilitar o acesso a serviços financeiros a 100.000 agricultores da Casamansa. Neste projeto, que também prioriza as mulheres, está envolvida a SOCODEVI.

Tais iniciativas de cooperação neste setor não são novas. A Casamansa é principalmente referida pelas suas potencialidades agrícolas, e sua riqueza natural. Partindo de diversas fontes, Sy e Sane (2008) falam especificamente a respeito da agricultura que:

No intuito de fazer da Casamansa o "celeiro" do país mas também de lutar contra a degradação das condições climáticas, o Estado do Senegal empreendeu vastos programas de controle da água através da construção de barragens (Affiniam, Guidel) e de projetos de planejamento hidroagrícolas: a *International Land Consultant* (ILACO), a Sociedade para o Desenvolvimento Agrícola da Casamansa (SOMIVAC)²¹⁵, o Projeto Integrado para o Desenvolvimento Agrícola da Casamansa (PIDAC), o Projeto Autônomo de Desenvolvimento Rural da *Baixa Casamansa* (DERBAC), o Projeto de Gestão da Água na zona Sul (PROGES)²¹⁶, dentre outros (SY e SANE, 2008, p. 591. Tradução nossa).

Estes autores mostram em seguida que estes mesmos projetos não asseguraram o esperado desenvolvimento vindo de fora, que aliás apresenta fragilidades para o país de forma geral, e para a Casamansa, em particular. Sarr (2021) diz que desenvolver se opõe etimologicamente a envolver, é "fazer crescer", "desenrolar", e que só se desenvolve o que já existe, está latente, tem potencialidade. O que sugere que o não uso daquilo que a localidade dispunha em termos de conhecimentos e potencialidades próprias exporia tais projetos a eventuais fracassos.

O CRZ (2005) mostra, em seu PDRI, que a *Société de Domaine Industriel de Ziguinchor* (SODIZI), criada em 1973, viu fechar 8 de suas 11 unidades, e abrir 4 outras.

²¹³ Para mais detalhes ver Diémé (2022).

²¹⁴ Este projeto é realizado em colaboração com duas organizações canadenses, seja o *Centre d'étude et de coopération internationale* (CECI) e a *Société de coopération pour le développement international* (SOCODEVI). Estes compartilham sua expertise técnica e seus conhecimentos com parceiros nos países em desenvolvimento. Ver <https://www.pm.gc.ca/fr/nouvelles/notes-dinformation/2020/02/13/canada-travail-des-partenaires-au-senegal-faire-avancer>

²¹⁵ Do francês: *Société de Mise en Valeur Agricole de la Casamance*

²¹⁶ Do francês: *Projet de Gestion de l'Eau dans la zone Sud*.

Dificuldades similares foram notadas por Sy e Sane (2008) na busca de desenvolvimento da agricultura, com o fracasso de projetos - DERBAC, PROGES e Projeto GUIDEL pararam definitivamente em 2000²¹⁷. Este fato se soma ao acesso limitado às terras provocado pela falta de segurança, obrigando os cidadãos que atuavam na agricultura a migrarem para outros ramos de atividades, particularmente a pesca (Sy e Sane, 2008; CRZ, 2005).

Infelizmente o fracasso destes projetos levou ao abandono progressivo das atividades agrícolas de arroz e à conversão das comunidades camponesas para atividades marítimas, em particular (pesca, comércio, transporte) que parecem ser grandes tendências, embora estas mudanças não sejam uniformes no tempo, nem no espaço em *Baixa Casamansa* (SY e SANE, 2008, p. 591. Tradução nossa).

A presença de uma indústria embrionária em *Baixa Casamansa*, em vez de promover o desenvolvimento econômico para a região, significou extrativismo econômico em detrimento da população local, pois as potencialidades da região foram raramente exploradas no interesse de todos os ziguinchorois. É o que mostra Trincaz (1984) ao dizer que a “indústria do amendoim, bem como a do camarão esgotam sem discernimento uma riqueza da Casamansa e exploram os verdadeiros produtores, agricultores ou pescadores, em proveito dos capitalistas estrangeiros” (TRINCAZ, 1984, p. 130. Tradução nossa).

Pelas contribuições exteriores estatais ao longo de décadas, de ONGs, Bancos, Fundos, Organizações internacionais, e dos ‘esforços’ do poder público nacional, a população da região de Ziguinchor, à semelhança da Casamansa e de todo o Senegal, não saiu da pobreza. Como veremos adiante, ela é uma das mais pobres do país. Portanto, em Ziguinchor, o desenvolvimento, que viria de fora, se revelou uma ilusão, tal como provou seus limites no Senegal e em diversos outros países sulsaarianos. Ele teve seus antecedentes que se resumem nos processos “civilizatório” e exploratório. Hoje, como diz Sarr (2021), o primeiro destes seria abandonado pelos europeus. Entendemos que o segundo, com a promessa de ajudar a desenvolver, tem contribuído a empobrecer as populações autóctones e a enriquecer as ‘elites’ políticas e econômicas nacionais, e principalmente internacionais “desenvolvedoras”. Ciente que “A ajuda externa instalou-se sob formas muito repreensíveis, ou mesmo criminosas, uma vez que, por vezes, é abandonada a grupos mafiosos” (KI-ZERBO, 2009, p. 144), a saída que devem abraçar os países da África é aquela do *desenvolvimento endógeno*, [que] *existiu em todos os países desenvolvidos do mundo*, e que evitavam copiar modelos de países ricos em outros países, pois não se trata de uma *linha de evolução*, já que *o desenvolvimento é a passagem de si para si, em um nível superior e a multiplicação das escolhas quantitativas e*

²¹⁷ Ver DIÉMÉ (2022, p. 265).

qualitativas (KI-ZERBO, 2009, p. 149). A respeito do desenvolvimento, Brunel (2014) afirma que “A África será desenvolvida quando alimentar seus camponeses, em vez de alugar suas terras para que outros as valorizem no lugar dela, gastando US\$ 35 bilhões por ano para comprar no exterior o que ela mesma poderia produzir.” (BRUNEL, 2014, p. 37. Tradução nossa).

Se o modelo clássico de desenvolvimento social e econômico não tira notadamente os países africanos das piores classificações mundiais, é certamente cabível pensar seriamente o desenvolvimento partindo de si para si, tal como preconizam Ki-Zerbo (2009) e Sarr (2021), e neste caso, como já evocado, considerando o envolvimento e a contribuição dos *ressortissants* da Casamansa no desenvolvimento social e econômico desta. Que contribuição podem ter os originários de Ziguinchor residentes no Brasil e Canadá, no desenvolvimento humano - pelo qual não são responsáveis - de sua região de origem?

2.4.2 - Migração e desenvolvimento

A literatura consultada, que trata da relação migração e desenvolvimento econômico e social, revela que este debate é relativamente novo e controverso, embora a relação exista, mas não assumida como tal, desde os tempos de colonização da América e da África. De acordo com Castles y Wise (2007) “EN EL ÚLTIMO tramo del siglo pasado y en lo que va del presente, la relación entre migración y desarrollo se ha tornado un tema central en el debate académico y político a escala internacional.” (CASTLES y WISE, 2007, p. 5). Os autores sugerem que antes de 1994, esta relação não beneficiava de relevante atenção por parte dos países desenvolvidos do norte, ao contrário do que ocorreu em meados dos anos 2000, quando foram registrados eventos importantes sobre migrações internacionais²¹⁸. Eles ainda defendem que a *repentina preocupação pela migração e o desenvolvimento* ocorre em meio a um contexto de aumento do volume de migrantes internacionais, sendo *vista como resultado de poderosos fatores econômicos e demográficos, tanto no sul como no norte, os quais são percebidos como consequência inevitável da chamada globalização* e de mudança de percepção que se tem dos migrantes do países do sul, que passaram a ser uma um “problema”, uma “ameaça” *à segurança, à estabilidade e ao padrão de vida no norte.*

²¹⁸ “Actualmente, existe una suerte de auge de la actividad internacional: el reporte de 2005 de la Comisión Global sobre la Migración Internacional (Global Commission on International Migration – GCIM), el diálogo de alto nivel sobre migración y desarrollo de las Naciones Unidas de septiembre de 2006 y la primera reunión del Foro Global sobre migración y desarrollo en Bruselas en julio de 2007.” (CASTLES y WISE, 2007, p. 5).

Então, é preciso uma “gestão da migração” da qual países fornecedoras de trabalhadores seriam colaboradores. Diante disso, o caminho promissor, para os países nórdicos, foi “vincular a migração com o desenvolvimento”. Em suma, os autores em questão deixam perceber que são os países do Norte, bem como as agências internacionais, que impulsionaram e dominam o novo debate *migração e desenvolvimento*²¹⁹ e cuja visão “se reduce a los temas de seguridad, control de los flujos migratorios, integración en la sociedad receptora y las remesas (concebidas como las principales impulsoras del desarrollo).” (CASTLES y WISE, 2007, p. 13).

O estudo de Villarreal Villamar (2015) é convergente ao reiterar a centralidade do Norte, referindo-se à *agenda global sobre migrações*, com base na qual determinados *atores internacionais atuam em*

espaços multilaterais surgidos a partir da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento das Nações Unidas (CIPD) realizada no Cairo em 1994, entre os que se destacam: o Diálogo de Alto Nível sobre Migração e Desenvolvimento (HLD), o Fórum Global sobre Migração e Desenvolvimento (FGMD) e a Iniciativa Conjunta sobre Migração e Desenvolvimento (JMDI) (VILLARREAL VILLAMAR, 2015, p. 47-48).

A respeito da ausência de consenso, a autora diz que “as visões sobre os vínculos entre estas variáveis [migração e desenvolvimento] são heterogêneas e por vezes pluralistas, mas em termos gerais podem se resumir em otimistas e pessimistas” (VILLARREAL VILLAMAR, 2015, p. 43. Grifo nosso). Esta controvérsia permite colocar duas questões fundamentais. A primeira é: o desenvolvimento e/ou sua falta provoca(m) migração? A segunda é: os migrantes participam ou atrapalham o desenvolvimento socioeconômico, notadamente na sua origem? E no caso de uma região em conflito, o que se pensa sobre os migrantes? Sejam quais forem as respostas a estas perguntas, a relação migração e desenvolvimento interessa os Estados de partida e de destino.

Seja como fundamento de políticas internacionais, estratégia de ocupação territorial ou instrumento para a captação de mão de obra, a variável desenvolvimento tem servido também como base para a formulação de políticas migratórias nos países de origem e acolhida das migrações (MÁRMORA, 2002:119 apud VILLARREAL VILLAMAR, 2015, p. 42).

No caso do Senegal, pode-se dizer que o Estado se preocupou com a imigração desde que pensou a lei sobre a nacionalidade no começo dos anos 1970. A emigração internacional, vista como algo positivo, foi tornada uma preocupação nacional mais recentemente.

²¹⁹ Ver CASTLES y WISE, 2007, p. 6.

2.4.2.1 - Migração e desenvolvimento: uma relação de causa e consequência ?

Embora, na ótica de Ferreira (2017), a relação migração e desenvolvimento é “um aspecto frequentemente negligenciado, esquecido ou até desconhecido, ao qual normalmente se confere menos importância (...) nas gestões das migrações” (FERREIRA, 2017, p. 43), sabe-se que ela aparece desde o século XIX. Como sugerem Sasaki e Assis (2000), a relação entre as duas questões é referida em estudos sociológicos fundamentais. Em seu trabalho, elas argumentam que para os clássicos da sociologia²²⁰, “a migração era analisada como consequência do desenvolvimento do capitalismo, que, por sua vez, dá-se através da industrialização, urbanização e mobilidade populacional” (SASAKI e ASSIS, 2000, p. 3). É destacando os fatores de repulsão que as Nações Unidas, no seu referido relatório da CIPD de setembro de 1994, argumentam que

Os desequilíbrios econômicos internacionais, a pobreza e a degradação do meio ambiente, juntamente com a falta de paz e de segurança, com as violações dos direitos humanos e os variados graus de desenvolvimento de instituições judiciárias e democráticas, constituem, todos, fatores que afetam a migração internacional (NAÇÕES UNIDAS, 1994, p. 83).

Este documento estabelece claramente eventuais consequências da migração internacional nos dois pontos conectados pelo fenômeno, ao dizer que:

Uma organizada migração internacional pode ter impactos positivos tanto nas comunidades de origem como nas comunidades de destinação, com a provisão de remessas de dinheiro para as primeiras e de recursos humanos necessários para as últimas. A migração internacional tem também o potencial de facilitar a transferência de habilidades e de contribuir para o enriquecimento cultural. Todavia, a migração internacional envolve a perda de recursos humanos para muitos países de origem e pode resultar em tensões políticas, econômicas e sociais nos países de destinação (NAÇÕES UNIDAS, 1994, p. 83).

Por outro lado, o desenvolvimento no ponto de partida não significa necessariamente cessação da emigração (Guengant, 1996 e Wenden²²¹ e Ferreira, 2017). Nas palavras de Ferreira (2017),

a melhoria do desenvolvimento socioeconômico no plano nacional tende a estimular, a curto e médio prazo, um aumento da migração internacional. Tal acontece porque há um aumento das expectativas relativamente à qualidade de vida e um maior acesso a recursos que permitem às pessoas equacionar a hipótese de saírem do seu país (FERREIRA, 2017, p. 49).

²²⁰ Foram citados Malthus, Marx, Durkheim e Weber.

²²¹ Cf. Catherine Wihtol de Wenden (4). *Migration et développement*. Djénéba EUDARIC. Acesso em 21/01/2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/@djenebaeudaric5339/videos>

Em outros termos, Guengant (1996) e Wenden (4)²²² assinalam que o desenvolvimento no local de origem ou de destino, tal como a falta dele no de origem, podem estar na base do processo migratório. Não se sugere com isso que inexista migrações entre áreas ditas desenvolvidas²²³ - *que foi de 53,7 milhões* (Ferreira, 2017) - entre áreas ditas em desenvolvimento - *representando a parte mais expressiva (mais de 35%)* (Ferreira, 2017) - ou entre áreas desenvolvidas e em desenvolvimento, pois, estimados em 13 milhões de pessoas do Norte global. Neste último caso, sabe-se que a identificação de riquezas em território dito em desenvolvimento atrai tanto migrantes de países considerados ricos, quanto dos ditos pobres. Os chamados retornados são, em certos casos, motivados pelo potencial de contribuir para o desenvolvimento de suas origens, como foi o caso do retornado do Brasil-França, entrevistado em Ziguinchor.

A busca por desenvolvimento econômico e social para a Europa está no centro da imigração europeia na África (Trincaz, 1984;) e na América (Leiris, 1951; Assis, 2002), entre outros continentes. Tal processo se baseou no comércio e na dominação²²⁴, bem como na transferência compulsória de africanos por europeus para as Américas, onde os exilados foram reduzidos à exploração laboral em regimes escravocratas (Theodoro, 2008; Henry, 2016[2022]; Dieme, 2016; Nascimento, 2021). A respeito do Canadá, Natasha Henry fala que “a escravidão dos africanos era um meio legal que contribuía a fazer funcionar a economia colonial” (NATASHA HENRY, [2022], s/p. Tradução nossa). Esta afirmação se aplica ainda mais ao Brasil, que aboliu tardiamente a escravização dos negros, em 1888 (Theodoro, 2008; Nascimento, 2021).

Alguns estudos (Thior et al. 2021; McAuliffe e Triandafyllidou, 2021; Ndione, 2018; Sayad, 1998; Morokvasic, 2013; Ravenstein, 1980; Sjaastad, 1980; Singer, 1980) mostram que no passado, bem como na contemporaneidade, o aspecto econômico, muito ligado ao desenvolvimento foi a motivação - e ainda justifica - do deslocamento de um número expressivo de pessoas no mundo. Em 2019, das 272 milhões de pessoas migrantes internacionais, 169 milhões eram trabalhadoras (McAuliffe e Triandafyllidou, 2021), ou seja,

²²² Cf. Catherine Wihtol de Wenden (4). *Migration et développement*. Djénéba EUDARIC. Acesso em 21/01/2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/@djenebaeudaric5339/videos>

²²³ O desenvolvimento sempre precisa de manutenção. Portanto usaremos países *em manutenção de desenvolvimento* para nos referirmos aos países com bons índices de desenvolvimento humano.

²²⁴ Ver WENDEN, Catherine Wihtol de (5) - Les migrations au XXIe siècle - Les Experts du Dessous des cartes | ARTE. Acesso em 21/01/2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/@LeDessousdesCartesARTE/search?query=wenden>

62%. Este quadro não deve levar ao estabelecimento de uma relação estreita entre emigração e miséria, como tendem a pensar os *países avançados* (Portes, 1999). Nas palavras deste autor, “nos países avançados, pensa-se comumente que a imigração atual é fruto da busca desesperada de homens e mulheres do terceiro mundo que tentam escapar da miséria em seus países” (PORTES, 1999, p. 16. Tradução nossa).

Este diagnóstico se revela pouco abrangente e superficial, na medida em que, como visto na introdução, todas as regiões do mundo são afetadas pela imigração internacional, embora em proporções diferentes, e há migrações significativas entre áreas social e economicamente similares. Além disso, no caso das migrações ditas econômicas, em geral, não são os mais pobres dos *países pobres* que emigram (Ver Portes, 1999; 2007; Guilmoto e Sandron, 2003; Brzozowski, 2012; Ferreira, 2017; Dassetto, 2019), já que os migrantes precisam *dispor de recurso econômicos, mesmo mínimos* (Dassetto, 2019) para efetuar migrações que exigem elevados custos (Guilmoto e Sandron, 2003; Ferreira, 2017). “A maior parte dos migrantes é proveniente de países de rendimento médio, e foi nestes países que a emigração mais aumentou nos últimos 15 anos” (NU, 2016a *apud* FERREIRA, 2017, p. 49). Estas migrações coabitam com aquelas motivadas, entre outras, pelas necessidades de adquirir uma formação universitária, de se juntar com familiares ou por aquelas provocadas por falta de alternativa e efetuadas para preservar vidas (Thior et al. 2021)²²⁵.

De fato, na África, são os que dispõem de capitais, sobretudo financeiros e sociais, que mais ‘facilmente’ realizam atualmente seu projeto migratório de forma regular e segura. Aqueles com “risco migratório” alto são pré-retidos a domicílio. No contexto atual da Casamansa²²⁶, à semelhança do país todo e de muitos países sulsaarianos, o caráter censitário da migração internacional, notadamente intercontinental, é indiscutivelmente hegemônico. Nas últimas décadas, os destinos ocidentais adotam prioritariamente a imigração seletiva dos “mais desenvolvidos econômica e socialmente” do mundo dito em desenvolvimento. É

²²⁵ Os motivos e as características da migração não são exaustivos. A respeito, Lee fala o seguinte: “Na realidade, em vista de nunca ser possível especificar a séria exata de fatores que estimulam ou inibem a migração de uma pessoa determinada, geralmente só é possível expor alguns que parecem ser de especial importância, verificando-se a reação geral ou média de um grupo considerável de pessoas. É desnecessário dizer que os fatores que retêm e os que atraem ou repelem as pessoas não são compreendidos exatamente nem pelo cientista social, nem pelas pessoas diretamente afetadas” (LEE, 1980, p. 100-101).

²²⁶ De forma geral, os filhos de quadros (Presidente, Ministros, Embaixadores, Diretores Gerais, oficiais da segurança) de um país como o Senegal não residem no país ou só voltam a ele depois de altos estudos no exterior. Ocorre que alguns deles enviam suas esposas efetuarem o parto em algum país do Norte Global, para o herdeiro ganhar, dessa forma, alguma nacionalidade de *Kululumai* e assim garantir sua mobilidade.

exigido, notadamente às pessoas que pretendem circular com visto de turismo, de estudos ou de trabalho, bem como aos padrinhos ou madrinhas de candidatos à migração por razões matrimoniais, que disponham de capitais financeiros. O aspecto econômico, que esteve na base da migração desde a Casamansa, entre outros lugares, para as Américas, para a região Oeste-africana e para França em tempos de tráfico de africanos por europeus e de ocupação do continente africano, bem como nas duas primeiras décadas após o reconhecimento da soberania internacional do Senegal (Ver Ndione, 2018), segue sendo relevante. É este histórico que levou os ocidentais a entender, desde os anos 1990, que é por meio do desenvolvimento de sua dita *periferia* - “centro de produção” de seus imigrantes - que se pode frear a migração dos “miseráveis” e dos “subdesenvolvidos”, incluindo aqueles que saem da Casamansa, muitas vezes passando por Dakar, antes de deixar o Senegal.

2.4.2.2 - Migrantes participam ou atrapalham o desenvolvimento humano?

Analisando as migrações internacionais, Guengant (1996), De Haas (2007), Portes (2007), Tolentino (2009), Saucedo e Gutiérrez (2012), Bazonzi (2015), Villarreal Villamar (2015), Efionayi-Mader *et al.* (2010) mostram, sem chegar necessariamente às mesmas conclusões, que há um debate acerca da relação entre estas e o desenvolvimento humano dos países de acolhida, mas sobretudo dos de origem dos migrantes, notadamente em escalas menores: pequenas cidades, comunidades ou famílias. Conforme os últimos autores citados, há tempo que a relação desenvolvimento e migração interessa a pesquisadores, mas o tema ganhou recentemente espaço na “agenda política das Nações Unidas e das organizações internacionais” (EFIONAYI-MADER *et al.* 2010, p. 12. Tradução nossa). Eles acrescentam que foi por conta do interesse cada vez maior que envolve não só as transferências ou envios de dinheiro dos migrantes, mas também seus efeitos sobre economias dos locais da origem, que a relação desenvolvimento e migração pode se impor como assunto relevante.

As vantagens da migração para os países de residência, mesmo quando determinantes para estes, costumam ser marginalizadas nos discursos e nos estudos, em proveito dos “problemas de integração”, que muitas vezes tentam camuflar, em vão, o racismo, a xenofobia e outras formas de discriminação e o projeto de exploração laboral que os acompanha. Ferreira (2017) entende que “na maioria dos países da OCDE, os migrantes contribuem mais em impostos e contribuições sociais do que recebem em benefícios, pelo que a sua integração deve ser considerada um investimento e não um custo” (FERREIRA, 2017,

p. 48). Com base no que sugere Dirks (2020), o Canadá, destino migratório, tira proveito demográfica, econômica e financeiramente com sua imigração, pois estas dimensões já faziam parte dos objetivos de sua política imigratória desde a Confederação. Quanto ao destino Casamansa, não tendo beneficiado do desenvolvimento com a imigração de ocupantes europeus (Ver Trincaz, 1984), ela foi destinatária de transferência imaterial de imigrantes num contexto de migração Sul-Sul. É o que defende Gueye (2014), mostrando que as competências e o *savoir-faire* dos imigrantes do Gana nesta região Sul, particularmente na pesca, uma vez incorporados localmente, produzem efeitos relevantes sobre o bem-estar da população desta região histórica. Desta forma, a Casamansa se beneficia, em termos de desenvolvimento humano, social, econômico e ambiental, assim como na educação, ao receber as transferências *não monetárias e imateriais* de seus imigrantes originários de um país da sub-região oeste africana.

Com relação aos países de origem, a literatura consultada (Dasseto, 2019; Ndione, 2018; Bazonzi, 2015; Agunias e Newland, 2012; Saucedo e Gutiérrez, 2012; Sarr, 2009; Drechsler e Gagnon, 2008; Castles y Wise, 2007; Sassen, 2002; Trincaz, 1984; Lee, 1980)²²⁷ mostra, grosso modo, as duas vertentes referidas por Villarreal Villamar (2015): a pessimista, para a qual os migrantes não promovem desenvolvimento, e a otimista, que argumenta que as práticas socioeconômicas dos migrantes têm um impacto positivo sobre as localidades de origem dos mesmos, embora, neste caso, hajam muitos contextos em que seja necessária uma melhor articulação e organização entre migrantes, seus países de origem e os países de residência.

2.4.2.2.1 - Migrações: um prejuízo para o desenvolvimento na origem

A associação da migração com o risco para os lugares de origem da migração é feita às migrações de forma geral, e notadamente quando se alude à ideia de perda de braços vigorosos, e mais especificamente à comumente chamada “fuga dos cérebros” (brain drain), isto é, a emigração de pessoas muito qualificadas²²⁸ (Drechsler e Gagnon, 2008; Ferreira,

²²⁷ No tocante às migrações internas, Lee (1980) afirma que há reconhecimento delas *no desenvolvimento social e econômico*.

²²⁸ Segundo Drechsler e Gagnon, (2008, p. 78), este fenômeno afeta mais, proporcionalmente, o Caribe, a América Central, as ilhas do Pacífico e algumas partes da África. Em países de tamanho pequeno como Suriname, Guiana, Jamaica e Haïti, as *taxas de emigração de profissionais qualificados* podem se situar entre 30% e mais de 80%, mas em números absolutos, os migrantes qualificados são em sua maioria Chineses, Indianos e Brasileiros.

2017). A partida destes costuma ser vista como *um dos aspectos mais perniciosos da migração internacional* (Drechsler e Gagnon, 2008). De acordo com Ferreira (2017), este argumento da diminuição em quantidade e qualidade da mão de obra no país de origem dos migrantes qualificados vigorou por décadas. A ideia que ele defende sugere não só uma perda de altas competências cuja formação custou caro para o lugar de partida - supostamente um lugar em desenvolvimento - mas também uma ruptura entre emigrantes e sua família, comunidade ou mesmo nação.

Tais migrações são também criticadas no sentido que seu impacto negativo sobre a população de origem é visto como imediato, grave, duradouro ou até permanente, na medida em que os trabalhadores que partem poderiam realizar atividades fundamentais para o bem-estar da sociedade local, e que sua substituição não se dará com facilidade. *Com a saída de emigrantes altamente qualificados, pode-se esperar uma redução da produtividade* (Drechsler e Gagnon, 2008). Por outro lado, a “fuga dos cérebros” não garante a integração adequada dos “cérebros” no país de imigração, isto é, estas competências são geralmente subutilizadas, menos relevantes no destino do que mercado laboral da origem e menos remuneradas que as nacionais do país de residência.

No caso de uma região em conflito de “baixa intensidade”, como a Casamansa, a migração de engajados independentistas é vista como uma potencial fonte de instabilidade nacional do Senegal, na medida em que estes podem apoiar, financeiramente ou de outra forma, e/ou coordenar o movimento separatista à distância. Sabe-se, como assinalam falas de alguns entrevistados, das tentativas do Estado senegalês de repatriar algumas destas pessoas, bem como de prender aqueles que se encontravam em Dakar, por exemplo. Contudo, como mostramos no próximo capítulo, poucos associaram sua emigração direta ou indiretamente ao conflito. E quando mencionado, é para aludir a seus efeitos negativos sobre as condições de vida da população e sobre a incongruência de se falar em desenvolvimento numa região em busca de estabilidade política. Em outros termos, é a ausência de paz que preocupa os casankoolu nas Américas.

A ótica pessimista pode ser criticada quando não percebe que o desenvolvimento humano na origem dos migrantes tende, atualmente, a contar em parte com as práticas transnacionais dos migrantes em geral, com seus benefícios para as famílias, comunidades e país de origem (Ferreira, 2017; Gueye, 2014; Drechsler e Gagnon, 2008), e as dos “cérebros fugitivos”, em particular, seja em termos de remessas monetárias, imateriais como *transferências de competências, tecnologia, valores e idéias* (Ferreira, 2017; Portes, 2007) ou

materiais como equipamentos, produtos, seja em termos de retornos. Não há uma relação linear entre *brain drain* e prejuízo para o país de origem (Drechsler e Gagnon, 2008; Portes, 2007). O caso da Índia é, segundo Portes (2007), ilustrador. Nas palavras dele, diz:

Como se hace evidente en el caso de India, el crecimiento de una población considerable de profesionistas, ingenieros y científicos en el extranjero no necesariamente implica que se vacíen las instituciones del país de origen, sino que de hecho ello puede vigorizarlas por medio de un denso tráfico de personal, recursos e ideas (Saxenian, 2002). (PORTES, 2007, p. 35).

Diante disso, compartilhamos o entendimento de Ferreira (2017) de que a *questão da “fuga dos cérebros” é superficial e simplista*. Na citação a seguir, ela expõe, como feito por Portes (2007), os limites do uso desta noção para caracterizar os danos da migração aos países de origem:

O enfoque na “fuga de cérebros” pode ser enganador, pois os fluxos de competências (brain drain /brain gain) não são estáticos e variam muito consoante o investimento dos países na educação e formação dos seus nacionais, a capacidade de atração de profissionais e técnicos de outros países, os incentivos para o retorno dos jovens que estudaram no exterior, a existência de oportunidades de emprego no país de origem, etc. Em muitos países em desenvolvimento, boa parte das posições de topo em universidades, empresas e organismos governamentais é ocupada por pessoas que estudaram ou trabalharam no exterior e regressaram aos seus países de origem, trazendo consigo competências e experiência que devem ser valorizadas²²⁹. Neste sentido, para um país em desenvolvimento, a tomada de medidas que incentivem a migração circular e o contributo efetivo dos emigrantes para o desenvolvimento é muito mais eficaz do que ter por objetivo uma “emigração zero” (FERREIRA, 2017, p. 52).

No tocante à Casamansa, a ideia de fuga de cérebros seria imprópria, considerando que ao deixar a Casamansa, migrando internamente ou para fora do Senegal ou da África pela primeira vez, a maioria absoluta dos casankoolu não eram altamente qualificados. Em suma, trata-se de uma migração preocupada em formar recursos humanos e distante de uma fuga de talentos de uma região até alguns anos atrás, não oferecia ensino superior.

As críticas à emigração se baseiam também nos efeitos negativos, tais como a inflação, a tendência a consumir bens importados em detrimento do mercado local, a dependência e vulnerabilidade das famílias, a depreciação dos empregos e rendas locais pela juventude, que as remessas financeiras podem provocar na origem (Sarr, 2009). Em convergência com a constatação referida anteriormente de que não são os mais pobres que emigram, este autor

²²⁹ A respeito, as Nações Unidas recomendam o seguinte: “Os governos de países de origem são instados a facilitar a volta de migrantes e sua reintegração em suas comunidades pátrias e a achar maneiras de usar suas habilidades. Os governos de países de origem devem considerar a colaboração com países de destinação e obter o apoio de apropriadas organizações internacionais na promoção do retorno voluntário de migrantes qualificados que possam desempenhar um papel decisivo na transferência de conhecimento, habilidades e tecnologia. Os países de destinação são estimulados a facilitar a migração de retorno, adotando políticas flexíveis, como a possibilidade de transferência de pensões e outros benefícios trabalhistas.” (NAÇÕES UNIDAS, 1994, p. 84).

registra que os países mais pobres, como os PMA, não são destinatários da maior parte das remessas, tampouco são as populações mais pobres de um país que as recebem. Portanto, o impacto das remessas sobre a pobreza fica reduzido (Sarr, 2009).

2.4.2.2.2 - Migrações: fator de desenvolvimento na origem

É preciso dizer que a relação positiva entre migração, transnacionalismo e desenvolvimento nacional ou local não é algo novo e não se limita à migração Sul-Norte. Muito pelo contrário. São muitos os autores que apontam tal relação em contextos coloniais. A respeito de imigrantes para fim de ocupação da Casamansa, Trincaz entende que seu objetivo era tornar viável o desenvolvimento econômico do país de origem dos invasores. Assim, afirma que:

O objetivo, para os enviados da nação colonizadora, é ocupar um ponto estratégico para permitir a proteção do comércio e o escoamento, pelos encarregados/*traitants*, dos recursos naturais da região para um centro e sua expedição para a metrópole da qual asseguram o desenvolvimento econômico²³⁰ (TRINCAZ, 1984, p. 13. Tradução nossa).

No mesmo sentido, Fanon fala que “O colono tira sua verdade, isto é, seus bens do sistema colonial” (FANON, 2002, p. 40. Tradução nossa). Este papel, que migrantes de países invasores desempenharam em tempos passados na Casamansa e outras localidades da África, bem como da América - para citar apenas estes continentes - foi e ainda é observado entre migrantes contemporâneos, em particular entre aqueles de países ditos em desenvolvimento, que se empenham, não em escoar recursos em naturas, mas em enviar remessas financeiras - fruto de seu trabalho - e, com menos frequência, remessas materiais para seu país ou localidades de origem. Este fato é observado por vários estudos (Sassen, 2002; Bazonzi, 2015; Ferreira, 2017). Bazonzi afirma que os pesquisadores dos países em desenvolvimento, como os da África, estão preocupados com “a relação entre emigração e desenvolvimento nos países de origem” (BAZONZI, 2015, p. 161. Tradução nossa). Ele ainda defende que o debate migração e desenvolvimento gira em torno das *remessas de fundos dos emigrantes para suas regiões de partida*, sendo um elemento fundamental do *impacto* deste fenômeno *nos países em desenvolvimento* (BAZONZI, 2015, p. 161. Tradução nossa).

²³⁰ Para Fanon (2002) a opulência da Europa, em oposição à carência do mundo subdesenvolvido, é *escandalosa*, pois foi *construída nas costas dos escravos, se alimentou do sangue dos escravos, vem direto do solo e do subsolo deste mundo subdesenvolvido* (p. 94. Tradução nossa).

No mesmo sentido, a ONU nota que “A remessa de valores de migrantes regulares para seus países de origem constitui, muitas vezes, uma fonte muito importante de divisas e é instrumental para a melhoria do bem-estar de seus parentes que ficaram para trás.” (NAÇÕES UNIDAS, 1994, p. 85). De acordo com Sassen “Com o envio das suas remessas, os emigrantes ingressam no nível macro das estratégias de desenvolvimento dos países de origem” (SASSEN, 2002, p. 44). Quanto a Ferreira (2017), ela destaca o efeito dos recursos financeiros de migrantes transnacionais sobre a elevação da renda e a melhoria das condições de vida dos familiares dos migrantes, argumentando que eles “fornecem recursos para necessidades básicas como alimentação, educação, habitação e serviços de saúde” (FERREIRA, 2017, p. 45). Ao contrário de Sarr (2009), ela acrescenta que a relação entre as *remessas de migrantes e a redução da pobreza* foi constatada em 78 países em desenvolvimento, considerando estes fluxos de “seguro social” (Ferreira, 2017). A avaliação positiva das remessas as teria inclusive *convertido em novo ‘mantra’ do desenvolvimento*, como assinalado por Devesh Kapur (Ver Castles y Wise, 2007). Em seu estudo, estes os autores mostram as fragilidades de tal superestima das remessas com relação ao desenvolvimento.

A respeito da participação sistemática dos migrantes no desenvolvimento social na contemporaneidade, o México, com seu programa *Tres por Uno*²³¹ de 1999, transformado em *programa federal* e rebatizado em *Iniciativa Ciudadana Tres por Uno* em 2002, é bastante referido, não só como exemplo, mas também como modelo que inspirou países como El Salvador, Filipinas, Somália, Peru, Colômbia e Equador, que o adaptaram a suas necessidades e realidades (Zamora, 2007). De acordo com a *Secretaría de Relaciones Exteriores* (SRE) do México:

El Programa 3x1 para Migrantes es un programa que apoya las iniciativas de los mexicanos organizados que viven en el exterior, brindándoles la oportunidad de canalizar recursos a México para la realización de obras de impacto social que beneficien directamente a sus comunidades de origen. Se llama 3x1 debido a que, por cada peso [o dólar] que aporta la organización o grupo de migrantes, otro adicional aporta cada uno de los gobiernos municipal, estatal y federal a través de Sedesol. El 3x1 es el programa de los migrantes que mediante su asociación con los tres órdenes del gobierno mexicano les permite realizar obras de infraestructura social básica, infraestructura, educativa, deportiva y salud (SRE²³². Grifo nosso).

²³¹ Este Programa em questão teve antecedentes nos anos 1960, considerado *el período “Cero por Uno”*, envolvendo apenas associações de migrantes, e os anos 1970, época da *modalidade Uno por Uno*, envolvendo estas associações e algumas presidenciais municipais. Nestas fases, procedia-se informalmente. Em 1992, surge o Programa *Dos por Uno* num contexto de novas políticas públicas preocupadas em envolver de forma institucional os migrantes no desenvolvimento regional, ao lado das contribuições dos governos federal e estadual, para *financiar cem projetos de infraestrutura social básica* Entre 1993 e 2005, foram realizados 1500 projetos deste tipo no valor de 62 milhões de dólares (Ver Zamora, 2007, p. 166).

²³² Fonte: SRE. *Programa 3x1 para Migrantes*. Ainda de acordo com esta fonte, “con el fin de generar mayores oportunidades de empleo en las comunidades e incrementar sus ingresos, el 3x1 también apoya proyectos

É relevante notar que no referido país latinoamericano, a relação do Estado com os migrantes se estabeleceu formalmente no começo da década de 1990 (Zamora, 2007; Saucedo e Gutiérrez, 2012; Agunias e Newland, 2012), mais precisamente em 1992. Para tanto, o governo se empenhou em ganhar a confiança da diáspora, investindo *em comunicação com ela, e nos serviços que lhe são ofertados* (Agunias e Newland, 2012. Tradução nossa). Contudo, se o impacto social positivo é confirmado, apesar de alguns problemas, Zamora (2007) assinala que o programa *Tres por Uno* coloca ao México o desafio de transformá-lo em uma “Política de Estado sobre Desarrollo Económico y Migración, integral y de largo plazo, en la cual puedan participar todos los actores transnacionales interesados en el desarrollo pleno” (2007, p. 172) do país.

No que tange ao Senegal, Fall (2010) assinala que o país teve, pela primeira, vez seu *Ministro encarregado dos Emigrados* em 198[4] (Ver anexo 1-B.2), isto é, há 40 anos. Entretanto, após 27 anos, este autor observa que havia um desconhecimento do número, da repartição e das competências da diáspora, apesar do *discurso político* que os valoriza, convidando-a para participar *do desenvolvimento nacional*. Algumas iniciativas tanto políticas como econômicas foram tomadas. Além do referido FAISE, o país criou *Programme d’appui aux initiatives de solidarité pour le développement* (PAISD), que, nas palavras de Fall (2010b), “é fruto da parceria entre a França e o Senegal²³³. De uma duração de três anos (2009-2011), ele substituiu o programa *Initiatives de Co-développement*”²³⁴ (FALL, 2010, p. 8. Tradução nossa). Como mostra Ndione (2018), o PAISD incentiva o investimento produtivo da diáspora senegalesa na França, Espanha, Itália e Bélgica, se propõe a acompanhá-lo, e a mobilizar meios e competências de compatriotas nestes países de residência para apoiar o desenvolvimento local. Para mobilizar a *diáspora altamente qualificada*, o PAISD criou um

productivos individuales o familiares que generen empleo y fortalezcan el patrimonio de las familias en su entidad de origen, a través de la vertiente de Proyectos Productivos para el Fortalecimiento Patrimonial. En este caso participan únicamente los migrantes que pertenecen a un Club de Migrantes y se encuentran residiendo en el extranjero y la Sedesol con un 50% de aportación cada uno”. Acesso em 13/03/2023. Em: <https://consulmex.sre.gob.mx/sacramento/index.php/asuntoscomunitarios?id=121>

²³³ Os programas desenvolvidos pelos parceiros do Senegal para a diáspora são essencialmente de duas ordens: as políticas de ajuda ao retorno e a transferência de competências (FALL, 2010, p. 8. Tradução nossa)..

²³⁴ Este, assinado em 2005, contribuiu eficazmente ao lançamento de atividades econômicas e à construção de infraestruturas de base nas grandes regiões de emigração (FALL, 2010, p. 8. Tradução nossa). A avaliação do programa de co-desenvolvimento com a França deu os seguintes resultados: 60% dos migrantes que se beneficiaram do projeto retornaram para o país quando 40% dos investidores permanecem engajados num vaivém entre o Hexágono e o Senegal (FALL, 2010, p. 9. Tradução nossa).

site web²³⁵ em 2009 para identificar estas pessoas. O que resultou no cadastro de mais de 3000 *experts senegaleses no mundo*, mobilizáveis para demandas específicas (Ndione, 2018), porém muito pouco mobilizados.

A respeito da Casamansa, os estudos que a relacionam às práticas de migrantes internos e internacionais de que ela se beneficia em termos de desenvolvimento humano são raros. No âmbito de suas ações, o PAISD apoiou 166 projetos de desenvolvimento local de associações de migrantes na França, dos quais oito (8) implementados na Casamansa (Ver Ndione, 2018). Em seu trabalho, Gueye (2020) observou que as remessas dos migrantes da Casamansa têm um impacto incontestável nas famílias e nas comunidades. As famílias médias ou menores com um ou mais migrantes registram uma melhora qualitativa de seu nível de vida, notadamente na alimentação, na moradia, na escolarização das crianças. Investimentos na formação profissional ou na emigração de jovens e adultos são perceptíveis, sendo entendidos como formas de preparar um futuro melhor para as famílias. Quanto às comunidades, elas se beneficiam com a possibilidade de ter seus equipamentos financiados em parte por seus *ressortissants* no exterior. Décadas antes, Foucher (2002) assinalou que *as remessas monetárias efetuadas pelos migrantes se tornaram fontes primordiais de renda para as aldeias* (Tradução nossa), permitindo não só que os beneficiários se abastecessem em arroz, mas também que evitassem de fazer trabalho *penosos*, recorrendo à força de trabalho imigrante regional que os efetuava. Ele mostrou também que os migrantes da Baixa Casamansa se diferenciam daqueles do Baol ou do Vale do Rio Senegal retornados da Europa, na medida em que eles não investem por exemplo em carros e prédios. “Nas aldeias da Casamansa, as realizações visíveis são bens coletivos (postos de saúde, poços/*forages*, escolas), construídos pelas associações de migrantes ou desenvolvedores” (FOUCHER, 2002, p. 399. Tradução nossa). Exemplos bastante conhecidos no últimos anos são os de Bambaly, onde um hospital, um liceu, um posto de gasolina e, mais recentemente, do estádio, são construídos pelo jogador de futebol internacional Sadio Mané, nativo deste vilarejo da região de Sedhiou, na Casamansa²³⁶. Investimentos em bens pessoais e/ou familiares como apartamentos, casas, prédios e carros são feitos há décadas pelos *casankoolu* no exterior, ou mesmo por aqueles que migraram internamente no Senegal.

Antes de analisar a relação migração e desenvolvimento humano a partir das práticas transnacionais de *ressortissants de Ziguinchor* no Brasil e Canadá, julga-se pertinente

²³⁵ O site, atualmente inoperante, era: www.senexpertise.gouv.sn

²³⁶ Ver anexo 7.E2 e 7.E3

apresentar a Casamansa de forma mais ampla, naquilo que é atinente a suas migrações passadas e nos seus aspectos socioeconômicos contemporâneos suscetíveis de influenciar a migração e relacionados ao desenvolvimento humano.

CAPÍTULO III – ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS E POLÍTICOS DA CASAMANSA E DE ZIGUINCHOR RELACIONADOS ÀS MIGRAÇÕES

Para compreender a história da Casamansa e de suas migrações, embora não iniciada com o contato com europeus, é preciso necessariamente considerar o advento do *programa de colonização* - aquele processo migratório (quase nunca referido como tal em África), exploratório, de invasão militar e cultural, de expropriação, de banalização da violência e do terror, não só para quem o testemunhou, mas também para quem o analisa, desde a contemporaneidade, seu advento e seu legado²³⁷. Trata-se de um verdadeiro manancial de um autêntico risco migratório sofrido por povos autóctones²³⁸.

A Casamansa, tal como seu nome, é uma criação europeia, a partir de uma realidade local anterior. Situada no Sul do Senegal, ela viu chegar os primeiros exploradores europeus no século XV (Chaix, 1866; Trincaz, 1984; Labrune-Badiane, 2009; Tomàs, 2015; Seck, 1955). Seck (1955) situa este contato inicial em 1446, quando o navegador português Alvaro-Fernandez chega na parte marítima. Porém, Trincaz (1984) argumenta que ao chegarem à Casamansa por volta de 1506, o Português Valentin Fernandes confirmara a existência de um rio pertencente a um rei negro chamado *Kasa Mansa*²³⁹, que havia sido mencionada pelo navegador venezianos em 1456. É da deformação deste nome que se deu posteriormente a palavra *Casamance* em francês.

3.1 - ANTERIORIDADE DAS MIGRAÇÃO AFRICANA NA CASAMANSA

A África, bem como a África Ocidental²⁴⁰, anterior às presenças extra continentais é uma África em que as migrações já se efetuavam plenamente (Ki-Zerbo, 2009; Diop, 1984;

²³⁷ Ver Césaire (1978), Ki-Zerbo (2009), Trincaz, (1984), Sarr (2021).

²³⁸ A respeito de outros contextos, em África ou alhures, sugerimos a leitura do trabalho de House (2017).

²³⁹ *Kasa di Mansa* ou *Casa Di Mansa*, significa Terra do Mansa. A CZ (2018) explica que “Mansa quer dizer rei em mandinga”, assinalando que a região fazia parte do Reino do Kabu, um reino dirigido pelos Mandinkoolu (Awenengo Dalberto 2010). É por isso que **optamos pela palavra mandinga Casamansankoolu** ou seu diminutivo **Casankoolu** para designar os originários da Casamansa. A canção “*Casamance*” da banda *KUJAMAT* de Isis Kuyito Yotey e Big Mo le Géant (Ver <https://www.youtube.com/@kujamattv6617/videos>) evoca o referido significado. Já a música *Casalé* da banda *TOURÉ KUNDA* (Ver 9.H) fala da diversidade étnica da Casamansa (Ver <https://www.youtube.com/watch?v=3FYJ74rHrV8>). Sugerimos também *Touré KUNDA - Doc*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Zd7MI8u_wk

²⁴⁰ Dezesesseis países compõem esta região da África: os da CEDEAO e a Mauritânia.

OIM²⁴¹), mas geralmente relegada ao segundo plano (muitas vezes por “falta de documentos” e “informações” consistentes), quando não omitida, dando assim espaço para o pioneirismo de atos e projetos de dominação de outras “raças” e civilizações no Mais Velho Continente²⁴². As duas afirmações a seguir do historiador Ki-Zerbo, mostram que apesar do impacto que os europeus tiveram na migração intracontinental dos Africanos, estes viveram esta experiência muito antes de sofrerem a invasão colonial europeia. 1) A “capacidade de partir sempre para o outro lado é uma das leis mais importantes da evolução dos estabelecimentos humanos na África” (KI-ZERBO, 2009, p. 39); 2) “O sistema pré-colonial assentava fundamentalmente na liberdade de deslocamento. A quase opacidade das fronteiras é um fenômeno relativamente recente, que começou com a colonização” (KI-ZERBO, 2009, p. 40). O controle já se fazia entre comunas de uma mesma *colônia francesa* sob o Regime de Indigenato²⁴³ implementado na África a partir da segunda metade do século XIX. Segue o teor de duas das vinte e uma infrações elencadas pelo decreto de 27 de junho de 1888 na Argélia sob este regime: **1 - A saída de um município, sem ter previamente pago os impostos e sem possuir passaporte, autorização de viagem, carteira profissional de agente de segurança particular ou carteira de trabalho, devidamente carimbado; 2 - Negligência em ter sua autorização de viagem carimbada nos municípios localizados no caminho percorrido e no local de destino** (PLAS-BOËL, 2022, p. 18. Tradução nossa). No caso maliano, isto é traduzido por Saulieu et al. 2022 nos seguintes termos: “as mobilidades no seio das subdivisões coloniais são amplamente perturbadas. Se não completamente interditas, eram controladas”²⁴⁴.

²⁴¹ Ver: OIM. PORTAIL SUR LES DONNÉES MIGRATOIRES. Données migratoires en Afrique de l’Ouest. 2021. In : <https://www.migrationdataportal.org/fr/regional-data-overview/western-africa>

²⁴² A África é o **Mais Velho Continente** por ser considerado pela ciência como berço da Humanidade. A ideia de *Velho Continente* atribuída à Europa, como a de *descoberta* da América são a expressão de uma pretensão fundada em uma falsificação da verdade histórica. É o que indica a obra de Peregalli (1994).

²⁴³ As bases remotas do regime do indigenato francês em África remontam a 1834, quando foi retirada, por ordem do executivo, a questão argelina das mãos das Câmaras, para colocá-la sob o controle dos militares. O indigenato foi instituído em Argélia *pelos decretos de 29 de agosto e de 11 de setembro de 1874, porém, sua consagração legislativa* ocorre com a **lei de 28 de junho de 1881** [*Journal Officiel de la République française, treizième année, n°176, 29 juin 1881*] que a *instaura oficialmente na Argélia*. A aplicação do indigenato na Argélia serviu de base para a implementação *em 1887 na Cochinchina, Nova Caledônia e nos territórios da futura AOF* [um decreto impõe “sanções disciplinares” em 1887 no Senegal], em 1898 em Mayotte e em Madagascar, em 1901 nos territórios da futura AEF. Este regime baseado numa lei “provisório” de sete anos, vigorou **até 1946** (Plas-Boël, 2022). O **Portugal** também teve seu *Estatuto (ou Regime) de Indigenato* desde sua aprovação em 23 de **outubro de 1926** do *Estatuto Político, Civil e Criminal dos Indígenas*. Embora não aplicado em Cabo Verde, Macau e no Estado da Índia, o *Regime de Indigenato* vigorou até **setembro de 1961** (Macanho, 2014).

²⁴⁴ Ver Geoffroy de Saulieu, Charles Grémont, Marie Rodet, *Autrefois, migrer, transformer, échanger*, 2022. Disponível em: <https://lemag.ird.fr/fr/migrations-africaines-au-dela-des-frontieres>

Antes da chegada desta *civilização da coisificação ou da barbárie*²⁴⁵ na África, deste continente emigraram pessoas para os demais (DIOP, 1979), sendo seus habitantes do Oeste originários, em última instância, do Leste (Diop, [1978] 1984), notadamente do Vale do Rio Nilo. Os povos negro-africanos encontrados ao Oeste de seu continente atingiram este ponto cardeal após um longo processo migratório (Diop, 1979). Os territórios que constituem o atual *Norte* do Senegal e sua região *meridional* - conhecida como Casamansa desde 1890 (Labrune-Badiane, 2010) por conta da “delimitação das fronteiras²⁴⁶ entre o Senegal e a Gâmbia em 1889, e entre o Senegal e a Guiné portuguesa em 1890” (LABRUNE-BADIANE, 2009, p. 138. Tradução nossa) - são, portanto, originalmente habitados por povos que migraram do Leste africano (Diop, 1979;1984; Sané, 2017). Sobre este processo, Diop afirma que

[...] numa época relativamente recente, uma migração, saindo das beiras do lago Albert e das colinas da Núbia (região habitada pelos Nuer, Shilluk, Dinka, etc.) teriam atingido o Senegal [...], enquanto outra migração, saindo da mesma região dos Grandes lagos, teria seguido o curso do Zaire até sua foz, para se espalhar ao longo da costa, sem poder segui-la para além de Camarões e dos Delta do Níger. Os povos golfo do Benin, da Nigéria do Sul à Costa do Marfim do Sud (Ibo, Yoruba, Oyo, Ewe, Akan, Anyi, Baule, etc), pertenceriam a uma migração anterior a estas duas precedentes et vindo também do Leste.” (DIOP, [1978]1984, p. 10. Tradução nossa).

Diop (1979; 1984) aborda a questão migratória na África sulsaariana colocando a dimensão linguística no centro de seus estudos. Em suas palavras, ele sustenta que “Um parentesco gramatical, digamos genética, se é patente, nunca é fortuita” (DIOP, 1984, p.11. Tradução nossa)²⁴⁷. De modo geral, a região ocidental da África negra foi habitada por povos que vieram do Leste do continente.

Fica perceptível que no Mapa 5, junto à região do Alto Nilo, a chamada região dos Grandes Lagos é referida por Diop (1979) como ponto de partida remoto das migrações negro-africanas e daquelas em direção ao Oeste. Talvez caiba lembrar que a África, terra de origem da humanidade, é também o continente onde se iniciou o processo migratório para os demais.

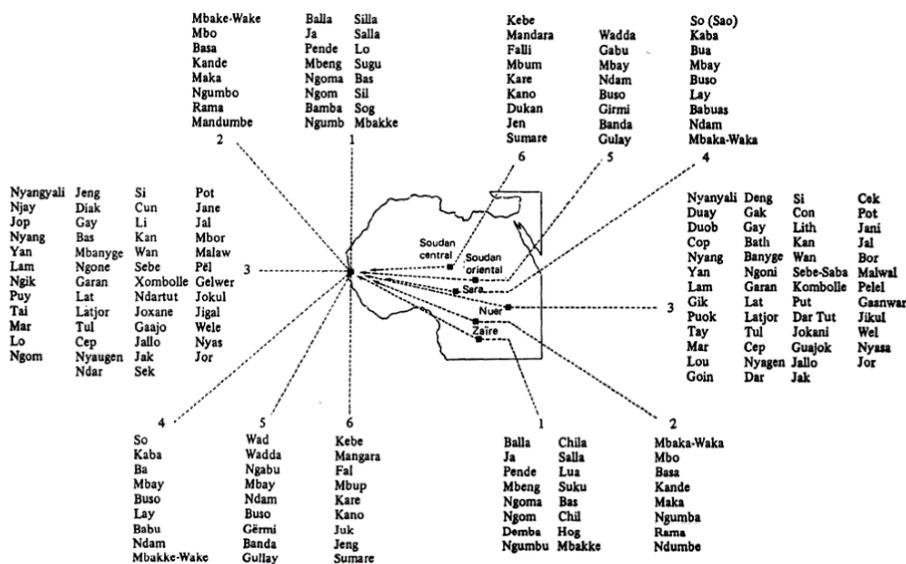
²⁴⁵ Ver Césaire (1978).

²⁴⁶ Tratar-se-á nesta tese de dois tipos de fronteiras, ambas controladas pelo Estado: “a externa, na qual o Estado definirá os critérios de entrada em seu território, e a interna, na qual ele definirá os critérios para inclusão na cidadania” (REIS, 2007, p. 24).

²⁴⁷ É partindo de semelhanças do vocabulário, de conjugação da gramática, dos significados de palavras, dos nomes e de classificações de línguas que Diop ([1978]1984) conclui que os povos da África ocidental vieram do Leste do continente. Ele apoia esta tese citando *Parenté génétique de l'égyptien pharaonique et des langues négro-africaines* (DIOP, [1978]1984, p.13). Como falante e/ou entendedor de mais de uma língua africana faladas no Senegal (joola, Mandinga e uolof), compartilho esta constatação de Diop.

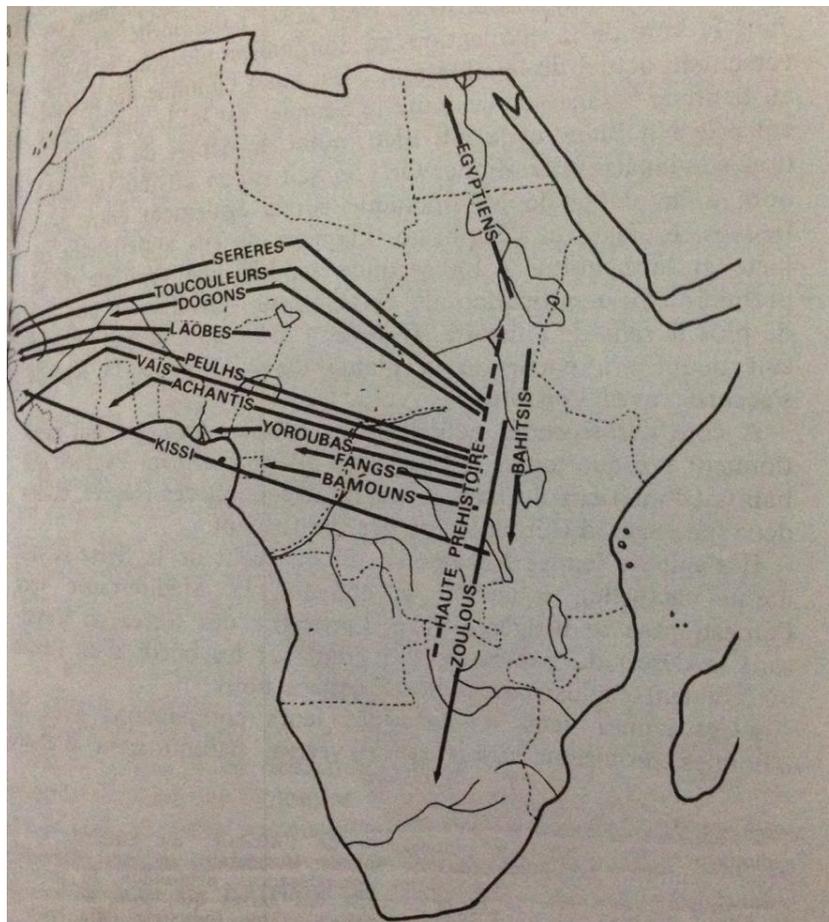
Mapa 4 - Formação do povo senegalês segundo a etnonímia e a toponímia

(N.B. Deve se comparar na ordem os nomes das casas que têm o mesmo número na largada (Alto Nilo) e na chegada (Senegal).



Fonte: Cheikh Anta Diop ([1978]1984, p. 21).

Mapa 5 - Migrações das populações negro-africanas a partir da região do Alto Nilo e dos Grandes Lagos.



Fonte: Diop, 1979, p. 363.

Diante disso, é concebível que os primeiros casankoolu teriam uma origem comum com grande parte dos oeste-africano, como defendem algumas fontes referidas por Sane (2017). Este autor alerta, no entanto, que a história do povoamento da Casamansa, notadamente no período anterior à chegada dos europeus, segue mal conhecida por causa da raridade de fontes escritas. Em *sua obra*, Senghor (2018) mostra que do Leste fugiram os habitantes de Casamansa para evitar sua submissão à escravidão. Trata-se particularmente dos Baïnunk, os primeiros habitantes da Casamansa (Trincaz, 1984; Seck, 2005; Manga, 2012; Sane, 2017) e até mesmo do Senegal, seguidos dos Joola²⁴⁸, cuja origem segue sendo um mistério²⁴⁹. A natureza desta região atraiu

Em primeiro lugar, os Baïnunk, os primeiros habitantes conhecidos e identificados, que nela encontraram refúgio e vida fácil; em seguida Diola, Mandjaku, Mancanhe, Balanta mais ou menos ligados por vínculos de parentesco e próximos dos Baïnunk. A este fundo se somam os mandinkoolu, que vieram do Mali, cuja migração para o Oeste e o Sudoeste do continente teve início antes do século XII, para se reforçar com a islamização empreendida pelos reis convertidos, finalmente os Fula Firdu e do Fouta Djalon, por muito tempo opostos a Mandinkoolu (SECK, 2005, p. 14. Tradução nossa).

Sané (2017) argumenta, convergindo com Senghor (2018), que “o povoamento da Baixa Casamansa não pode ser entendido sem levar em conta os reinos africanos existentes antes da penetração europeia na África do Oeste” (SANE, 2017, p. 35. Tradução nossa). Em Senghor (2018) é mencionada Alain Frilet para quem a história de Casamansa inicia no século XV com a extensão do Império Mandinka do Mali em direção ao Oeste, ou seja, para a Gâmbia. Diante disso, para evitar a submissão à escravidão, as populações fugiram para a *Baixa Casamansa* onde encontraram condições naturais e ideias de refúgio. O que não impediu a ocupação da Casamansa por quatro séculos pelo Império animista de Gabu (*Kabu*), e em seguida por um efêmero reino fula derrotado pelos franceses que absorveram paralelamente o reino de Ziguinchor (Ver Senghor, 2018, p. 18). Uma das civilizações desenvolvidas pela Casamansa, antes de ter contato com europeus, é a *civilização do arroz* (Pélissier, 1958). A Casamansa, à semelhança de diversas outras partes da África (Diop, 1979;

²⁴⁸ “Si sua origem ainda permanece um mistério, Thomas (1959, 1960a, 1960b, 1963, 1964 et 1965), Pélissier (1966) e Cormier-Salem (1992 e 1999) nos convidam a reconhecer que os Diola representam a mais antiga população do Senegal depois dos Baïnunk” (Sane, 2017, p. 44. Tradução nossa).

²⁴⁹ Nota-se que a literatura menciona o mistério sobre a origem dos Joola/Diola ou evoca dificuldades, provocadas pelas contradições tanto das fontes orais como das escritas sobre a origem, para determiná-la. Ela é costeira para uns, terrestre ou até mitológica para outros (Sane, 2017). Entretanto, um dos nossos interlocutores entende que os Diola sempre estiveram na costa Oeste-africana indo da Gâmbia à Guiné-Bissau. De acordo com Sane (2017, p. 44. Tradução nossa) “Pelissier (1966) e Cormier-Salem (1992-1999) nos convida a reconhecer que os Diola representam a mais antiga população do Senegal após os Baïnunk”.

Fall, 2004; Ki-Zerbo, 2009), teve então suas civilizações, organizações sociais e políticas. Para Fall (2004),

é cabível notar, seja qual for a área geográfica considerada, que formações políticas - do tipo acéfalo²⁵⁰ ou em forma de Estado (império Almorávida²⁵¹, reinos de Gana, Sosso, Mali e Songhaï) – se sucederam em África bem antes da chegada do colonizador” (FALL, 2004, p. 4. Tradução nossa).

A ‘Senegâmbia Histórica’²⁵², referida pelo estudo de Diallo (2011), é um dos exemplos. Ki-Zerbo informa que “O Estado africano tradicional era uma instância de gestão do bem comum e das decisões tomadas em nome de toda a cidade, de todo o reino. Foi destruído, esmagado pela colonização (...)” (KI-ZERBO, 2009, p. 65). Estas entidades políticas, vastas ou pequenas, provocaram migrações em decorrência de sua expansão, desestabilização ou da natureza das relações de poder. Foi o caso no Mali anterior ao século XIX onde *os grupos subalternos pagavam impostos ou tributos às autoridades políticas*, tendo a migração como uma alternativa para se libertar da tutela²⁵³, mas também na Casamansa, como evocado anteriormente por Senghor (2018).

O conjunto desses processos indicam não só as origens distantes dos diversos povos iniciais dos territórios que constituirão a Casamansa - e o Senegal de modo geral - mas também revelam que a migração interna do continente africano, sempre foi relevante, senão fundamental, quando comparado a ida de africanos para outros continentes. Esta ida é muitas vezes condicionada por um passado colonial com consequências ainda vivas.

²⁵⁰ Esta forma de organização é característica de áreas florestais e desérticas em que a relação com o Estado moderno é hoje conflituosa. É o caso, no Senegal, da região de Casamansa (FALL, 2004. p. 4. Tradução nossa).

²⁵¹ Dinastia muçulmana *berbere* que reinou sobre Marrocos, parte da Argélia e da Espanha de 1055 a 1147 (FALL, 2004. p. 4. Tradução nossa).

²⁵² Após a guerra dos 7 anos (1756-1763) entre Ingleses e Franceses, os primeiros, que a venceram, ocuparam Saint-Louis e Gorée já em 1758. A França perdeu Saint-Louis, mas manteve Gorée em sua posse quando ambos assinaram o tratado de paz em 1763. Os Britânicos criaram, em 1765, a Confederação senegambiana cuja capital era Saint-Louis. Esta confederação desaparece (...) após a assinatura do Tratado de Versalhes (Seck, 2012; KANDÉ, 2016). É a Senegâmbia histórica (DIALLO, 2011). “Esta região corresponde às bacias hidrográficas dos rios Senegal e Gâmbia. Ela inclui a totalidade ou parte dos seis atuais Estados da África Ocidental: Senegal, Gâmbia, Mali, Guiné “Conacri”, Guiné-Bissau e Mauritânia”(BRUZZONE et al. 2006, p. 6. Tradução nossa).

²⁵³ Ver Geoffroy de Saulieu, Charles Grémont, Marie Rodet, *Autrefois, migrer, transformer, échanger*, 2022. Disponível em: <https://lemag.ird.fr/fr/migrations-africaines-au-dela-des-frontieres>

3.2 - MIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO NA CASAMANSA: OS CASOS PORTUGUÊS E FRANCÊS

É necessário destacar a migração que antecede a *colonização*, antes de perceber, como feito por Sayad (1998), aquela que dela decorre. Em outros termos, toda ocupação colonial pressupõe uma migração, embora parte das migrações no tempo colonial não tenham resultado em colonização. Os invasores não esperaram as independências dos territórios ocupados para se tornarem imigrantes. Esta condição os caracterizava desde o início da implementação do projeto colonial. Sustenta-se, portanto, que no germe da colonização, bem como na sua efetivação, está um projeto de migração²⁵⁴ pensado para ser duradoura, com objetivo de exploração econômica dos territórios a invadir, de exportação “civilizacional” e de controle dos mesmos por diversas formas de violência para assegurar o desenvolvimento econômico, social, político e/ou cultural dos próprios imigrantes invasores e de sua origem.

No caso da região que engloba a Casamansa, vê-se em Chaix (1886) que “devemos aos Portugueses a primeira descoberta²⁵⁵ das costas da Senegâmbia” (CHAIX, 1866, p. 65-66. Tradução nossa). Após evocar o longo intervalo que costumava separar as viagens de “descobertas” efetuadas por Portugueses nestas terras africanas²⁵⁶, o autor informa que

Em 1446 ocorreu a viagem de Denis Fernandez, que chegou ao Cabo-Verde. O ano seguinte, Lancelot, tendo saído de Lagos em Guiné e retornando para Portugal, descobriu o rio de *Ovidech*, ao qual deu o nome de um chefe mauro, *Zanaga*, que se tornou *Senegal* por uma nova alteração, e que se atribuiu ao primeiro reino de negros *Yoloffs* que se encontrou estabelecidos a sua beira (CHAIX, 1866, p. 65-66. Tradução nossa).

É dentro deste contexto de navegações que é referido em busca de soluções para seus problemas que o primeiro contato dos Europeus, em particular Portugueses, com terras da Casamansa também ocorreu, como evocado anteriormente, em 1446 (Ver Seck, 2005). Na sua chegada à Casamansa, os navegadores em busca de produtos comerciais e novas terras encontraram o reino *Bainunk* cuja capital era *Birkama* (Trincaz, 1984). O estabelecimento dos Portugueses na Casamansa se materializa com sua presença “em alguns vilarejos e feitoria

²⁵⁴ Em estudo anterior, havíamos sustentado que *Não há ocupação, nem colonização, mesmo temporária*, de Estado ou parte de seu território por outro, que não tenha provocado migrações internacionais nos dois sentidos (Ver Dieme, 2017). Mencionaremos adiante que as ocupações coloniais causaram migrações em sentido inverso.

²⁵⁵ É descabível falar em “descobrimto” de territórios africanos devidamente habitados muito antes de serem conhecidos pelos Europeus. Este termo é a expressão do egocentrismo e do racismo que caracterizaram as pretensões dos Europeus, que aliás, também dizem ter “descoberto a América”, o “Novo Mundo” em 1492.

²⁵⁶ Não demorou muito tempo para que a chamada *Senegâmbia* fosse objeto de disputa entre Portugueses, Holandeses, Ingleses e Franceses (cf. Chaix, 1866).

desde a fundação de Ziguinchor²⁵⁷ em 1645” (LABRUNE-BADIANE, 2010, p. 30. Tradução nossa) pelo Administrador Português de Cacheu²⁵⁸ (Trincaz, 1984). Estes primeiros europeus a se instalarem nesta região *natural e cheia de potencialidades* “lograram sua penetração pelo rio Casamansa, iniciando o comércio de mercadorias suscetíveis de interessar a economia de sua Metrópole” (TRINCAZ, 1984, p. 5-6. Tradução nossa). Trata-se principalmente de escravos²⁵⁹, cera, peles, marfim, álcool, tecidos, armas de fogo (Gomes, 2019; Trincaz, 1984).

Quase dois séculos depois, a Casamansa se torna palco de disputa entre Portugueses e Franceses, por conta de suas riquezas, e isto, “apesar da resistência das populações locais” (TRINCAZ, 1984, p. 5. Tradução nossa). A administração colonial francesa, “estabelecida no Senegal havia aproximadamente três séculos, [envia] uma primeira expedição na Casamansa em 1826” (LABRUNE-BADIANE, 2009, p. 137. Tradução nossa). Foi em 1928 que a França assinou um Tratado com os Flupes/Joola e adquire “um pequeno território perto da aldeia de M’Berin e da ilha de Diogué (29 de março) [e com] a aldeia de Itou (31 de março)” (LOUIS-VINCENT, 1958, p. 20. Tradução nossa). No mesmo ano, os comerciantes franceses de Saint-Louis²⁶⁰ e de Gorée²⁶¹ se interessam por esta região (Trincaz, 1984). A instalação francesa “se impõe progressivamente em detrimento dos Portugueses” (LABRUNE-BADIANE, 2010, p. 30. Tradução nossa). O que a viabilizou foi a assinatura de uma série de “tratados com aldeias como Itou, Diogué, Carabane²⁶² e Sédhiou, fechando o cerco em torno de Ziguinchor” (LABRUNE-BADIANE, 2009, p. 137. Tradução nossa). A quase totalidade de tratados foi assinada entre 1828 e 1865, com destaque incontestável para a década de 1860 (cf. Louis-Vincent, 1958, p. 20-21). É somente em 12 de maio de 1886 (Seck, 1955; Louis-Vincent, 1958; Trincaz, 1984), quando foi assinada uma Convenção especial entre Portugal e França pelos representantes do Rei de Portugal e do Presidente da República

²⁵⁷ “Ezeguichor, [era uma] feitoria de trânsito e ponto estratégico de defesa na estrada de Gâmbia a Cacheu, no limite do país Diola” (Trincaz, 1984, p. 6. Tradução nossa).

²⁵⁸ Cacheu é parte da Guiné-Bissau, país localizado ao Sul da Casamansa (Ver Mapa 6), o que indica que Ziguinchor também era tido como propriedade portuguesa.

²⁵⁹ Ki-Zerbo (2009) sugere que o *tráfico dos negros e a escravatura* seriam a primeira *forma de economia global*, sendo a colonização a segunda, envolvendo a África negra. Ele afirma que “através do tráfico dos negros e da escravatura, a África tinha contribuído para impulsionar a Europa para a industrialização. A colonização foi muito mais curta do que tráfico dos negros, mas foi mais determinante. O colonialismo substituiu inteiramente o sistema africano” (2009, p. 25).

²⁶⁰ Região situada na fronteira nordeste do Senegal.

²⁶¹ Uma ilha a poucos minutos de Dakar, que hoje atrai turistas por ter sido ponto de embarque de negros capturados e vendidos para servirem de escravos nas Américas.

²⁶² Djogué e Carabane são descritas por Ngom (2018, p. 290) como ilhas de pescadores localizadas na Casamansa.

Francesa, que o território de Ziguinchor vai se tornar uma “propriedade” francesa (Louis-Vincent, 1958; Trincaz, 1984; Labrune-Badiane, 2009; 2010)²⁶³. Esta Convenção viabilizou uma troca entre os dois governos: “a França alcançou o mar, mas cedeu as ilhas de Cabo Verde” (SECK, 1955, p. 707. Tradução nossa).

Com a criação da África Ocidental Francesa (AOF) em 1895²⁶⁴, “Desde então, a região de Casamansa passou a ter um estatuto administrativo especial, diretamente subordinada à administração do governador da [AOF], em Saint-Louis, no Senegal” (GOMES, 2019, p. 221. Grifo nosso). Porém, Diallo (2016) sustenta que é precisamente entre 1854 e 1939 que ela permaneceu diretamente sob a autoridade do governador geral da AOF²⁶⁵, isto é, vinte e oito anos antes “do decreto de 12 de outubro de 1882, que criou o Distrito de Casamansa colocado sob o comando de um tenente-governador - delegado do governador do Senegal - com residência em Gorée” (AWENENGO DALBERTO, 2010, p. 141. Tradução nossa), e trinta e dois anos antes da Convenção de 1886. Esta pesquisadora ainda nota que em 1889, *as futuras colônias da Guiné francesa, Costa do Marfim e Daomé foram desvinculadas do Senegal*, permanecendo sob administração deste os territórios do Saloum e da Casamansa (AWENENGO DALBERTO, 2010, p. 141. Tradução nossa). Ainda assim, do fim do século XIX ao começo do século XX, o poder dos Franceses, só era efetivo em centros administrativos, políticos e econômicos ribeirinhos do rio Casamansa, isto é, em Sédhiou, Carabane²⁶⁶ e Ziguinchor (LABRUNE-BADIANE, 2010). Os Franceses só se tornam “os únicos mandantes de um território cujas fronteiras delimitaram com Portugueses e Ingleses” [do final do século XIX para o] começo do século XX, dando assim formalmente o nascimento da Casamansa, cuja história e povoamento se identificam aos de Guiné-Bissau e da Gâmbia (Senghor, 2018), entre os quais sempre houve migrações.

²⁶³ Sem pretender lhes responsabilizar pelo projeto colonial, no qual foram instrumentalizados, importa mencionar a importância da colaboração, como tradutores ou auxiliares, dos Wolof com os Franceses e dos Papel com os Portugueses na penetração de parte da Baixa Casamansa pelos Europeus. Para Tomás (2015, p. 244, nota 16) “en cierto modo, la penetración europea en tierras joola húluf y ajamaat podría resumirse como una pinza entre las autoridades francesas y sus ayudantes wólof desde el Norte, y las autoridades portuguesas y sus ayudantes *papel* desde el Sur.”. Entende-se, portanto, a afirmação de Awa Yombe YADE de que “O sucesso da política colonial passou pela associação dos Africanos” (In: PET HISTÓRIA UFRRJ. Dos Arquivos Para a Sala de Aula - YouTube)

²⁶⁴ “Em 16 junho de 1895, o Senegal, o Sudão francês, a Guiné francesa e a Costa do Marfim foram reunidos por um decreto sob a denominação África Ocidental Francesa” (PLAS-BOËL, 2022, p. 13. Tradução nossa).

²⁶⁵ É verdade que desde 1828 a França estava presente na Casamansa, entretanto a AOF só foi criada 41 anos depois.

²⁶⁶ No ano de 1907, Carabane havia assumido a função de capital administrativa da Casamansa (Trincaz, 1984, p. 43).

Deve-se perceber que, contrariando parcialmente Diallo (2016), para Roche (1998), em “novembro de 1912 foi instituído na Casamansa um administrador superior encarregado de assegurar sob a direção do chefe da colônia, a administração geral do território” (ROCHE, 1998, p. 88. Tradução nossa)²⁶⁷, e que, em 23 de outubro de 1939, o governador do Senegal foi autorizado pelo governador geral da AOF a reorganizar a região. Assim, “A função de administrador superior foi suprimida, os dois *cercles*/circunscrições de Sédhiou e de Ziguinchor foram fusionados. Somente o *cercle* de Kolda foi mantido em seus limites” (ROCHE, 1998, p. 88. Tradução nossa). Foi neste ano que a Casamansa deixou de ser o ‘distrito’: *órgão territorial e administrativo acima do cercle*, que era (Sene et Faye, [2019]). Porém, entre 1944 e 1960, a região passou a ter uma circunscrição (Kandé, 2016; Seck, 1955). Nas palavras de Seck, “desde 1º de junho de 1944, a Casamansa é formada por apenas um *cercle* administrativo, com 5 subdivisões” (SECK, 1955, p. 708. Tradução nossa)²⁶⁸.

É pertinente sublinhar que, de acordo a *Commune de Ziguinchor*, “A localidade de Ziguinchor foi fundada pelos “Iziguicho”, um subgrupo da etnia Baïnunk”(CZ, 2018, p. 10. Tradução nossa). O nome afrancesado Ziguinchor é, para esta fonte e para Guèye (2005) o resultado de uma deformação de Iziguichor - que significa terra dos *Iziguicho* em língua Baïnunk - em Chequeichoram antes de sua denominação vigente. É neste sentido que Trincaz defende que “A criação de Ziguinchor se confunde com a chegada de mercadores e comerciantes portugueses, que procuram facilitar o trânsito para o comércio de ‘escravos, de cera, de pelos e de marfim” (TRINCAZ, 1984, p. 19. Tradução nossa). Para este autor, embora fossem os Europeus que criaram o nome, diversos sentidos lhe foram associados. Portanto,

a raiz etimológica parece bem local. É, com efeito, no território dos Iziguichos, sub grupo dos [Baïnunk], que o primeiro Capitão Geral de Feitoria de Cacheu cria, [...] um posto e um depósito de alimentos. Iziguichos resultou em Ezeguichor – o sufixo or significa a terra – deformado em seguida em Sigitior e depois em Ziguinchor” (TRINCAZ, 1984, p. 19. Tradução nossa)²⁶⁹.

Schwarz-Bart (1972) fornece outra explicação sobre a origem do nome Ziguinchor. A cidade ribeirinha levava o nome de Sigi que significa: *Sente-se*. Mas desde que começaram a embarcar nela “escravos”, passou a ser conhecida como Sigi-Thyor: *Sente-se e chore*. Convergindo com Schwarz-Bart, Trincaz (1984) mostra que outra versão dá ao nome uma

²⁶⁷ A partir de então o “Territoire de la Casamance” ficou dividido em quatro *cercles* (Seck, 1955, p. 707).

²⁶⁸ Vide Mapa 7 - *Cercle da Casamansa com 5 subdivisões*

²⁶⁹ Os Diola e os Mandinkoolu de Casamansa, em particular aqueles que não frequentaram a chamada “escola dos Brancos” para aprender oficialmente a falar francês, a única língua oficial do Senegal, seguem ainda hoje chamando Ziguinchor de Siitior, Sigitior.

relação com o “passado escravocrata de Ziguinchor”²⁷⁰, isto é, um dos pontos de partida dos traficantes de negros para a escravização, e que aparece nas línguas portuguesa, crioula e vernaculares de Casamansa²⁷¹.

Para Trincaz (1984), até 1886, Ziguinchor, um ponto estratégico cobiçado pelos franceses, era pouco valorizado pelos portugueses. Entretanto, diz ele, a partir daquele período, “de grande vila, sob o domínio português, ela se transforma, [em poucos decênios], sob o controle de administradores [franceses] zelosos, em uma verdadeira [*pequena*] cidade [*e um centro de comércio ativo*], quadrada ao estilo europeu” (TRINCAZ, 1984, p. 6. Grifo nosso). Na primeira década de 1900, Sédhiou, que tinha o título de residência do administrador superior e de Capital da Casamansa, perde estas posições, pois em 1904, Ziguinchor passou a ser o centro da administração colonial, e em 1907, com um decreto do governador, a Casamansa foi dividida (Trincaz, 1984; PDCZ, 2018) em duas circunscrições:

a circunscrição da Alta Casamansa tendo Sédhiou como residência administrativa e a da Baixa Casamansa dirigida pelo administrador de Ziguinchor. Um administrador superior em exercício em Ziguinchor dirige toda a Casamansa, [considerando a promoção desta cidade] em **capital** administrativa de toda a região em 1908, ano em que foi criada a Câmara de Comércio de Ziguinchor] (TRINCAZ, 1984, p. 43. Tradução e grifo nossos).

Ao ser elevada a esta importância administrativa nas primeiras décadas do século XX, Ziguinchor, “capital da Casamansa”, passou então a ter um crescimento substancial (Foucher, 2007). Em 1944, a circunscrição de Ziguinchor tinha se tornado a única da Casamansa, depois de coabitar com a de Kolda entre 1938 e 1944. Ela foi dividida em “uma comuna mixta de 10.138 habitantes e seis subdivisões²⁷² (...) numa superfície de 30.965 km². 183 Franceses, 814 cidadãos de origem senegalesa, 253 Libano-Sírios, 11 estrangeiros europeus coabitavam com os nativos de Casamansa” (ROCHE, 1998, p. 108. Tradução nossa) em condições já referidas. A capital do Sul “tinha 15.000 habitantes em 1951, e 124.000 em 1988²⁷³.

²⁷⁰ *Os principais pontos de escala eram Carabane e Hitoux, para os franceses e Ziguinchor para os portugueses* (Guèye, 2005).

²⁷¹ «Mas talvez mais significativa [...] é a explicação habitual, mais ou menos lendária que se dá ao nome, que foi transmitida à população até os dias de hoje : ‘a cidade das lágrimas’ » (Trincaz, 1984, p. 19). Para este autor, tal lenda estaria manifestando « o inconsciente coletivo de populações da Casamansa para as quais Ziguinchor permanece a cidade onde alguns dos seus ancestrais foram conduzidos acorrentados e esperaram colunas de escravos para Cacheu » (Trincaz, 1984, p. 20). Entretanto, no Plano de Desenvolvimento Comunal se afirma que a versão relacionada ao choro é menos plausível (CZ., 2018, p. 10).

²⁷² Ziguinchor, Oussouye, Bignona, Sédhiou, Kolda, Vélingara (ROCHE, 1998, p. 108).

²⁷³ Roche (2001, p. 95) permite saber que no final da década de 1940 havia no Senegal **mais de 30.000 franceses**. Seu número no país era, pelo menos, cinco vezes maior que o dos que estavam em territórios da África Ocidental Francesa (AOF) como a Costa do Marfim, onde somaram 5.358, e o Sudão (atual Mali), com 4.780 em 1948. Em 1968 “a presença francesa seguiu expressiva tanto na universidade [de Dakar, com 27%,

Comunidades africanas se instalaram rapidamente nela” (FOUCHER, 2007, p. 61. Tradução nossa).

Quadro 7 - População das principais cidades do Senegal e seus estrangeiros [1948?]

Principais cidades	População Total	População francesa e estrangeira		
		Franceses	Estrangeiros	Total
Saint-Louis	62 000	2 962	131	3 093
Dakar e subúrbio	187 000	16 112	5 000	21 112
Thies	30 000	2 294	547	2 841
Kaolack	29 600	352	485	837
Ziguinchor *	12 300	117	66	183
Total	387 900	21 837	6 229	28 066

Fonte: Roche (2001, p. 96) Grifo nosso.

*As linhas destacadas com esta cor em todos os quadros se referem a toda Casamansa ou parte dela.

Em 1951, ou seja, uma década antes do reconhecimento da soberania internacional do Senegal, a cidade de Ziguinchor contava com aproximadamente 367 Franceses (Trincaz, 1984). De acordo com este autor, esses representavam 2,3% do total da população imigrante. O número aumentou para 500 em 1970, porém o percentual de franceses caiu de 2,3% para 0,7% do total de imigrantes da cidade de Ziguinchor naquele ano (Ver Trincaz, 1984, p. 67).

Apesar dos pequenos números de imigrantes europeus residentes em territórios invadidos como a Casamansa, eles formavam suas comunidades em bairros, misturando-se pouco e apenas com seus colaboradores. No bairro *Escale* de Ziguinchor, em que residiam os portugueses, os mestiços e os assimilados até a assinatura da Convenção de 1886 (Trincaz (1984), sugere a vigência de práticas racistas, da desigualdade racial²⁷⁴ e de privilégio que gozam imigrantes de países imperiais em sociedades dominadas. Como em outros contextos sob regimes coloniais, a violência, em suas diversas formas, caracterizava as relações entre invasores e populações autóctones.

quando a de Senegaleses era de 32%] como nas administrações senegalesas”[#]. De acordo com Cosquer (2021), o número de imigrantes franceses em África “sulsaariana” em 1980 era estimado em 200.000 pessoas, sendo 40.000 na Costa do Marfim e 27.000 no Gabão. Ambos os estudos apontam que eram eles os quadros, os *experts* no mercado de trabalho dos novos Estados e detentores de poder econômico, com capacidade substancial de influenciar *as decisões do poder colonial* ou neocolonial.

²⁷⁴ Esta doença social ainda afeta boa parte da sociedade ocidental como o Brasil e o Canadá.

3.2.1 - As violências a serviço do desenvolvimento de imigrantes e de sua origem

A ocupação colonial - uma situação que lembra o *estado de natureza* - pode ser explicada em grande medida pela “superioridade material incontestável, sobre um estado de direito estabelecido a sua vantagem, sobre um sistema de justificativas com fundamento mais ou menos racial...” (BALANDIER, 1982, p. 16. Tradução nossa)²⁷⁵. Fanon argumenta, no mesmo sentido, que “Nas colônias, o estrangeiro, vindo de outro lugar, se impôs por meio de seus canhões e de suas máquinas” (FANON, 2002, p. 43. Tradução nossa). As populações europeias imigrantes, mesmo quando somadas a seus descendentes nascidos nos locais de imigração, constituíam geralmente um pequeno número que, no contexto da África sulsaariana, sempre se tornou *uma maioria sociológica*.

O objetivo principal desta minoria numérica e maioria sociológica era ter bem-estar, garantir seu desenvolvimento econômico e social juntamente com o do país de origem. Para atingi-lo, era preciso preparar o projeto colonial, construir narrativas e adotar mecanismos que seguissem uma linha condutora. A missão “civilizadora”, o racismo, a mentira, a hipocrisia, a humilhação, o desprezo e a indiferença, a brutalidade, a prisão, o exílio forçado, a coisificação²⁷⁶ dos humanos que levou à exploração e à apropriação das populações autóctones e de suas terras e riquezas, desestruturando os modos de vida e de organização sociais e políticas então vigentes nas sociedades dominadas, além da execução, do terrorismo e do genocídio²⁷⁷ (Ver Césaire, 1978; Trincaz, 1984; Fanon, 2002; Ki-Zerbo, 2009; Sarr, 2021; Plas-Boël, 2022; Camus, 1942; Daoud, 2013; Maran, 2021) eram procedimentos julgados necessários para o sucesso do projeto - rentável para Europeus, mas - desastroso para sociedades autóctones americanas e africanas. Sobre estas, Césaire (1978) fala de “sociedades esvaziadas de si próprias, de culturas espezinhas, de instituições minadas, de terras

²⁷⁵ Não se quer com isso sugerir que tal vantagem é garantia da vitória do invasor em todos os casos - pois invasores perderam em Argélia, Etiópia, Haiti e, de acordo com um dos nossos entrevistados, na Casamansa - nem declarar que se concorda com a ideia de um “sistema de justificativas com fundamento mais ou menos racial”, pois o racismo está evidentemente na base da colonização liderada por europeus na África.

²⁷⁶ Segundo Fanon (2002, p.40. Tradução nossa) “a ‘coisa’ colonizada torna-se [humana] no próprio processo pelo qual ela se liberta”

²⁷⁷ Sartre diz que a *história colonial* é uma *opressão*, e que *Nas colônias a verdade se mostrava nua; as ‘metrópoles’ a preferiam vestida*. Os componentes do *Indigenato de elite* eram *mentiras vivas*. Ele menciona massas aterrorizadas diante do abate de seus mártires resistindo ao terror colonial (Ver *Préface à l'édition de 1961*. In: Fanon, 2002). O terror do colonialismo aparece em Césaire (1978), Balandier (1982), Trincaz (1984), Fanon (2002), Ki-Zerbo (2009), Galeano (2017) e Sarr (2021), no cinema de Sembène (cf. *Emitai*, 1971 e, principalmente, *Camp de Thiaroye*, 1988). O genocídio perpetrado pelo colonialismo é referido por Sarr (2021), Hall (2003), Ki-Zerbo, (2009). Embora poucos, como sugere Almeida (2020), alguns autores comparam a colonização com o terrorismo e o genocídio.

confiscadas, de religiões assassinadas, de magnificências artísticas aniquiladas, de extraordinárias possibilidades suprimidas” (CÉSAIRE, 1978, p. 26). Ele mostra também que o colonizador não sai ileso deste processo quando indica que *a colonização se esmera em ‘descivilizar’, embrutecer e degradar o colonizador* (CÉSAIRE, 1978, p. 17). As ações “econômica, administrativa e missionária” que constituem o jogo de três forças ligadas, que historiadores destacam (Balandier, 1982), dificilmente lograriam êxito sem o concurso determinante da ação militar. A violência física era um dos elementos então na base da estratégia elaborada para a dominação das sociedades alvos da ocupação²⁷⁸.

Em entrevista, Léopold Sédar Senghor, o primeiro presidente da República do Senegal (1960-1980), definiu o colonialismo como “um processo de ocupação de um país por estrangeiros, que estão decididos a incorporá-lo no seu próprio país, ou simplesmente a manter sua dominação indefinidamente”²⁷⁹. Ele acrescenta, na mesma ocasião, que o “Colonialismo é, pois, a exploração [sistemática] de povos submetidos pelos seus conquistadores”²⁸⁰. No caso da África negra, seu impacto atingiu inegavelmente profundezas abissais. Aquilo se expressa, ainda nas palavras do próprio Léopold Senghor, quando disse: “Na realidade, em qualquer época, a colonização teve aspectos muito negativos. Basta analisar a história da África, por exemplo, e dentro de África mais concretamente a dos povos africanos negros”²⁸¹. Sarr (2019) defende que “Absolutamente tudo era permitido nesse continente: pilhagem, saqueamento de vidas e de culturas, genocídios (como o dos hereros), estupros, experimentos científicos, todas as formas de violência nele viveram tranquilamente seu apogeu”²⁸².

A Casamansa foi um dos lugares de expressão portuguesa e francesa daquilo que Césaire (1978) chamou de *civilização da barbárie*, que remete às formas de violência, que

²⁷⁸ Uma das características da colonização francesa na Casamansa, mas também em África de modo geral, é que mesmo seus colaboradores mais próximos não se beneficiaram de um selo de imunidade contra os massacres coloniais. Dois exemplos o demonstram com evidência: a situação dos 70 *Tirailleurs africains* executados pela França, em Dakar, em 1944, por ter reivindicado seus direitos depois de servir o exército francês na Segunda Guerra Mundial (Cf. Filme *Camp de Thiaroye*, 1988; Boukari-Yabara, 2021a) e a dos Harki da Argélia que fugiram para a França quando a Argélia adquiriu sua independência e foram abandonados pelo seus patrões, os franceses, embora tenham lutado do lado da França, contra os outros Argelinos que lutavam pela libertação do país.

²⁷⁹ Cf. Madridejos (1979, p. 9). Tradução nossa.

²⁸⁰ Cf. Madridejos (1979, p. 9). Tradução nossa.

²⁸¹ Cf. Madridejos (1979, p. 11). Tradução nossa.

²⁸² Não foi diferente na América (Ver Peregalli, 1994).

acabamos de expor²⁸³, e a outras formas como a escolarização e conversão ao cristianismo (Ver Foucher, 2002; Labrune-Badiane, 2010), bem como a adoção do Regime de Indigenato. Paralela ou posteriormente aos tratados assinados com autoridades autóctones locais, referidos anteriormente, os imigrantes franceses recorreram ao mesmo tempo ao *soft power* e ao uso de métodos menos diplomáticos. Encontram-se, em diversos documentos, inúmeros elementos destas práticas reveladoras de vínculos entre a imigração europeia e a violência de todo tipo contra populações autóctones da Casamansa. Eles aparecem no estudo de Labrune-Badiane (2010), que afirma que “Ao longo da conquista e da expansão territorial europeias, na segunda metade do século XIX, missionários, soldados [e] administradores coloniais se estabeleceram na Casamansa” (LABRUNE-BADIANE, 2010, p. 33. Grifo e tradução nossos). Louis-Vincent (1958) assinala que desde que a França assinou convenções com a Inglaterra (1889) e com Portugal (1886), não deu mais importância em fazer o mesmo com os casankoolu, com os quais vinha assinando tratados a partir de 1828 (Louis-Vincent, 1958). A solução seria então militar.

A partir de então [1886], os eventos históricos se reduzem unicamente a trabalhos de “pacificação”. As mais espetaculares destas expedições militares são os três bombardeios de Séleky (dezembro de 1886; fevereiro de 1887; maio de 1901); as colunas de infantaria direcionadas a Diembereng (1865, coronel LAPRADE), a Oussouye (1903, capitão THIERRY-MAUPRAS), a Karthiak (1906, tenente JAVELLEIR), aos Diamat (maio de 1909, tenente DUVAL) (LOUIS-VINCENT, 1958, p. 21. Tradução e grifo nossos).

Quanto a Tomàs (2015), ele revela que a conquista militar era combinada à violência simbólica, a tentativas de animalização dos que defendem seus territórios contra invasores, ao dizer que “[...] tras haber vencido fácilmente (en apariencia en aquellos momentos) por la vía militar, los franceses afirmarían que los joola huluf estaban protegidos por su reputación muy exagerada de salvajismo y ferocidad” (TOMÀS, 2015, p. 236).

A mentira e a hipocrisia fizeram parte da estratégia da suposta “pacificação” da Casamansa por estrangeiros beligerantes e de seus aliados. Baseando-se em *Étude sommaire des floups*, Labrune-Badiane (2010) coloca que, ao construir uma escola “Os missionários querem provar que sua intenção é bem diferente daquela dos ‘Branco’ que vieram conquistar e explorar o país” (LABRUNE-BADIANE, 2010, p. 35. Grifo e tradução nossos)²⁸⁴. Esta

²⁸³ Ver os filmes *Emitai* (1971) e *Camp de Thiaroye* (1988) de Sembène Ousmane. Deve se notar que este fenômeno foi comum no continente africano durante todo aquele longo período de invasão “civilizacional” francesa.

²⁸⁴ Esta fala é reveladora da hipocrisia destes religiosos, que fingem não compor a mesma equipe dos invasores e *civilizadores*. São muitas vezes eles que abrem este caminho, com a missão de ensinar a submissão ao branco, o perdão e a irmandade com o inimigo. Ela mostra também que estão cientes da brutalidade de seus cúmplices, mas indispostos a convencê-los a não continuar o pecaminoso projeto.

autora ainda aponta que, apesar do argumento aparentemente “humanitário” dos missionários, a escola era também parte do pacote dos instrumentos mobilizados para dominar a Casamansa, com a colaboração dos futuros casankoolu “promovidos” ao grau de “evoluídos”. Nesse sentido, ela escreve que com a abertura de escolas,

A administração [colonial francesa] visa num primeiro momento a difusão da língua francesa, necessária a seu funcionamento, e, mais amplamente, ao estabelecimento de sua dominação. [...] Esta escola é, ademais, integrada num dispositivo mais amplo de controle das populações: ela acolhe quatro filhos de chefes locais denominados “refêns”, destinados a continuar seus estudos em Saint-Louis onde são preparados, como desejado por Faidherbe²⁸⁵, ‘a admitir e fazer admitir a autoridade colonial’ (LABRUNE-BADIANE, 2010, p. 34. Tradução nossa).

Falando do movimento expansionista da França, certos autores entendem que ela adotou simultaneamente “uma outra forma de conquista aparentemente mais aceitável: instalando escolas, difundindo a língua francesa, exportando uma ‘arte de viver’ e modelos culturais e jurídicos²⁸⁶” (BORREL et al. 2021a, p. 18. Tradução nossa). Como já sugerido, nas primeiras décadas de escolarização dos casankoolu, as instituições religiosas cristãs desempenharam um papel central nesse processo. Trata-se sobretudo das protestantes, católicas e espíritas que criaram escolas diante de uma demanda local e de uma ausência de ofertas públicas (Labrune-Badiane, 2010). Os migrantes missionários católicos, disse esta autora, “paliam a inexistência de oferta pública entre 1870 e 1892. Abriram escolas em Sédhiou em 1876, em Carabane em 1880 e em Ziguinchor em 1888. Seguiram, portanto, o avanço territorial das autoridades francesas e concentraram sua ação na parte sul da região” (LABRUNE-BADIANE, 2010, p. 37. Tradução nossa).

Na véspera da laicização [do ensino em 1905], 80% dos alunos (110 meninas e 153 meninos) frequentavam as escolas missionárias da Casamansa e 20% (78 meninos), as escolas públicas. A totalidade das meninas estava assim sendo educada em escolas dirigidas pelas Irmãs (LABRUNE-BADIANE, 2010, p. 39. Grifo e tradução nossos).

²⁸⁵ Segundo o Jornal *Libération*, havia, *na segunda metade do século XX, intérpretes contratuais, temporários e ocasionais* no Senegal colônia. O governador Faidherbe *cria* então em 1855 a escola dos refêns (*école des otages*) a título experimental. Ela é reestruturada pelo decreto de 5 de março de 1861 : «para educar nela filhos ou parentes de chefes do país designados pelo governador e jovens que parecerem bastante inteligentes para se tornarem intérpretes.». (...) Os filhos dos chefes dominados pela potência colonial são enviados como refêns junto ao colonizador que garante sua educação com o objetivo de fazer deles futuros intermediários entre os dois mundos dos quais eles serão as interfaces. Muito naturalmente, a questão das línguas e a profissão de intérprete ocupam um lugar central neste projeto. Até então, as instituições religiosas mantinham o monopólio do ensino colonial em África no século XIX: doravante, a escola dos refêns se torna o primeiro estabelecimento escolar de criação das elites africanas em situação colonial. Ver. *Libération*. Disponível em: https://www.liberation.fr/debats/2018/02/03/l-ecole-des-otages-de-saint-louis-du-senegal-1855-1909_1816762/

²⁸⁶ Uma das crises das sociedades africanas ainda decorre deste *sugerido* modelo jurídico, tal como argumenta em palestra Awa Yombe Yade (Ver anexo 7.C).

A propagação da *escola dos brancos* imigrantes não se deu sem resistência na Casamansa. Casankoolu resistiram contra a religião cristã, notadamente em Sédhiou, também fizeram-no contra a escola por algum tempo, no que é hoje Sédhiou e Ziguinchor (Ver Labrune-Badiane, 2010; Foucher, 2002), antes de aderir a ela. De acordo com Foucher (2002), inicialmente rejeitada, obrigando pais a esconder seus filhos na Gâmbia ou na Guiné-Bissau, a escola começa a ganhar popularidade na Casamansa *a partir da guerra 1939-1945*. Assim, até a década de 1950, havia em Baixa Casamansa mais de 35 escolas primárias, resultado atribuído mais ao interesse e trabalho da Igreja católica do que do Estado colonial, notadamente no início.

A escola foi, e de certa forma ainda é, uma das armas de *alienação* dos Africanos. Ditos assimilados ou “evoluídos”, eles servirão de auxiliares e colaboradores administrativos subalternos, empenhados e leais aos imigrantes europeus que os exploram, subordinam e discriminam no âmbito laboral. Nas palavras de Foucher,

para além (ou aquém) do objetivo proclamado da colonização francesa de ‘civilizar’ e de ‘melhorar’ os povos ignorantes da África, a escola colonial tinha uma utilidade prática e imediata tanto que o governador do Senegal apontou isso em 1927: fornecer ‘determinado número de estudantes capazes de receber a preparação [que os permitirá tornar-se] os verdadeiros agentes de nossas decisões e de nossa política’ (FOUCHER, 2002, p. 384. Tradução e grifo nossos).

Sartre vê que os que serviam de intermediários eram *reis vendidos, senhores feudais e uma falsa burguesia forjada do nada* e constituem o que chamou de *Indigenato de elite*²⁸⁷. Os intermediários eram também o policial e o soldado, que levavam *a violência para dentro das casas e dos cérebros do colonizado* (Fanon, 2002, p. 42. Tradução nossa). O filme *Emitai* é, mais uma vez, uma boa ilustração disso no caso da Casamansa. A violência colonial na Casamansa, como em outras partes da África, se deu com a participação de uma pequena parte da população local corrompida pela escola ou por algum privilégio, mas que continuou, ainda assim, alvo do racismo estrutural e instrumentos de um sistema que lhes era estranho.

Ainda a respeito da violência colonial, cabe acrescentar duas outras formas: o Regime de Indigenato e as conversões às religiões estrangeiras na Casamansa. À semelhança de outros povos da África Ocidental sob dominação do Império francês, os casankoolu eram chamados

²⁸⁷ Ver *Préface à l'édition de 1961*. In: Fanon ([1961] 2002, p. 17). Para Ki-Zerbo (2009, p. 67) é preciso recusar de chamar de elite os atuais dirigentes africanos, pois não apresentam nenhuma qualidade ética e moral. *Servem-se do poder para acumular [indevidamente] bens de todos os tipos, através, dentre outras, de operações fraudulentas por ocasião da atribuição de mercados públicos, do recebimento de avultadas comissões*.

de “Indígenas”²⁸⁸, portanto o Regime de Indigenato, que vigorou no continente entre 1881 e 1946, os atingia desde o *decreto de 1887 feito para o Senegal e posteriormente para a AOF* (Plas-Boël, 2022). É possível dizer, a partir deste estudo, que seu objetivo é garantir a submissão dos Indígenas, com este meio de repressão recheado de margens de discricionariedade.

Quanto às conversões às religiões estrangeiras, cumpre assinalar que a presença inicial de Árabe muçulmanos no Senegal ocorreu no século XI (N’diaye, 2019). Considerando a questão do islã na Casamansa, Foucher (2002) mostra que, embora houvesse muçulmanos em Sédhiou²⁸⁹ e Kolda, isto é, em *Moyenne et Haute-Casamance* há séculos, na *Basse-Casamance*, que é a região de Ziguinchor, esta religião estava *quase ausente até o início do século XIX*. Até então, “os auxiliares ‘nortistas’ dos Franceses e dos Portugueses e os *dyulas*, comerciantes ambulantes Mandinkoolu, constituíam em *Basse-Casamance* uma minoria muçulmana isolada” (FOUCHER, 2002, p. 381. Tradução nossa). Predominava a crença ao *Baciin* (singular de *Uciin*) *de la religión tradicional joola, llamada ‘awaseena’* (TOMÀS, 2015, p. 234)²⁹⁰ - interpretados como “animismo”²⁹¹, paganismo ou feitiçaria²⁹² - em Ziguinchor, que constituíam as bases religiosas dos africanos. Foi no decorrer do século XIX que ocorre “a segunda onda muçulmana, composta por guerreiros-chefes espirituais (*guerriers-marabouts*) *mandinkoolu* ou fula, originários de Gâmbia, de Média-Casamansa ou do Futa Djalon, que fizeram o *djihad* até a Baixa Casamansa” (FOUCHER, 2002, p. 381-382. Tradução nossa). Ainda de acordo com este autor, esta investida enfrentou resistência e, por

²⁸⁸ No dicionário *Le Petit Robert*, esta palavra tida como *rara, pouco usada*, é definida da seguinte forma: “*I. Adjetivo. 1.) Que nasceu no país em questão (Ver Aborigène, autóctone). Que pertenece a um grupo étnico existente num país no além-mar antes da colonização.*” Segue um exemplo: *A população indígena de Lorraine e os trabalhadores estrangeiros. II. Substantivo. (1762). Natural de um país. (Ver Natural, nativo). Pessoa indígena, em um país exótico (antigas colônias)*” (LE PETIT ROBERT 1, 1984, p. 989. Tradução nossa). Tirando a parte pejorativa, a palavra evidencia que os Europeus encontraram, isto é, não descobriram nem a África, nem a América, e eram estrangeiros nestes continentes dos quais se apossaram pela força.

²⁸⁹ Em Sédhiou, notadamente em 1865 e 1866, os alunos da escola protestante dos Padres teriam sido, em sua maioria, crianças wolof não originárias da Casamansa (Labrune-Badiane, 2010).

²⁹⁰ “Dicha religión se fundamenta en la creencia en un dios lejano, pero único y creador y responsable de todas las cosas, llamado Atémit o Emitay — nombre que, en lengua joola, también hace referencia a la lluvia, al cielo y al año” (TOMÀS, 2015, p. 234)

²⁹¹ Para os adeptos desta religião há vida em todos os objetos. De acordo com Lavergne (1987, p. 4), os animistas representavam 10%, os cristãos 5% e os muçulmanos 85% dos Senegaleses, porém *todos permanecem marcados por seu patrimônio animista*.

²⁹² Louis-Vincent (1958) adverte que usou *feiticismo tradicional* por falta de um termo melhor. Foucher (2007, p. 62) estranha a retomada do “vocabulário colonial fetiche”. Outros estudos (Diallo, 2016; Tomás, 2015) indicam que essas denominações eram uma arma de guerra, pois faziam parte das estratégias de desestruturação social e de demonização adotadas pelos invasores brancos, e invocados por povos africanos convertidos, notadamente ao islã (ver Kourouma, 2000), animados em expandir esta religião também pela força (Ver o filme Ceddo, 1977).

isso, foi na virada do século XX que a religião muçulmana pode difundir-se com mais rapidez com as *migrações sazonais de casankoolu de Ziguinchor ligadas ao cultivo de amendoim e exploração de palmeiras* na Gâmbia. Estes começaram a se converterem naquela ocasião²⁹³. Com o avanço deste processo de conversão que passou a ser “interno”, toda a Casamansa, em geral, e a região de Ziguinchor, em particular, se tornaram majoritariamente muçulmanas, num contexto de coabitação com o animismo e o cristianismo²⁹⁴.

Quanto ao cristianismo, notadamente aos catolicismo, na Casamansa, Foucher (2002) mostra que as dificuldades de expansão no Norte do Senegal dominado pelo Islã obrigou os *Padres do Espírito* da Igreja católica a uma tentativa pouco frutífera de instalação em Sédhiou no final do século XIX. A dominação da Baixa Casamansa pelos franceses justificou o deslocamento dos missionários para a região no intuito de converter os “feiticeiros”. Embora não total, o sucesso destes religiosos possibilitou a criação de *uma comunidade católica sólida* na região, o que se deveu, a nosso ver, a uma abordagem mais diplomática, que permitiu, por exemplo, a inclusão posterior de instrumentos musicais locais tais como *bugaarab* e *sisabaras*, a *kora* e idiomas dos autóctones.

Apesar das raras referências ao uso da força *física* para converter os casankoolu, as tentativas fracassadas de recorrer a esta iniciativa, no caso do Islã, ou mais brandas e relativamente exitosas de convencê-los a abandonar suas crenças ancestrais, no caso do Cristianismo, revelam um racismo, paradoxalmente apoiado, ou mesmo liderado por parte da elite da população já convertida. Pode-se falar de prelúdio de *colonialismo interno*²⁹⁵ no caso da islamização da Baixa Casamansa.

De forma geral, usando termos de Elias e Scotson (2000), afirma-se que os migrantes invasores eram, na prática, *outsiders* nocivos e motivados pela obtenção imoral e ilegítima de riqueza, e que ocorreu pela instrumentalização e subjugação dos *estabelecidos*. Houve, portanto, uma inversão dos “papeis” na medida que os *outsiders* são autores da construção

²⁹³ Péliissier (1958, p. 338) sugere que, até 1920-1930, não havia, entre os Diola, convertidos ao islã. O começo da islamização da população da Baixa Casamansa seria fruto de islamizados africanos que vieram do Norte (Wolof) ou do Leste da Casamansa (Mandinkoolu). Os primeiros teriam mais sucesso neste processo devido ao efeito de *seu papel econômico de primeiro plano, seu nível de vida elevado e suas relações exteriores* diante dos casankoolu (Trincaz, 1984).

²⁹⁴ O caso das presenças missionárias portuguesas e francesas justificou, por um tempo, a forte expressão do cristianismo, como religião estrangeira, particularmente em Baixa Casamansa, que apresenta, ainda hoje, uma situação diferente das de Sédhiou e Kolda.

²⁹⁵ Segundo González Casanova “La noción de “colonialismo interno” sólo ha podido surgir a raíz del gran movimiento de independencia de las antiguas colonias. (...) Con la desaparición directa del dominio de los nativos por el extranjero aparece la noción del dominio y la explotación de los nativos por los nativos.” (2006, p. 186).

de estigmas e os *estabelecidos* seu alvo. O processo de desqualificação é aqui sob o controle dos *outsiders* que acumulam, quase exclusivamente, todos os privilégios econômicos, sociais, políticos e militares. A condição de vida e laboral dos imigrantes, seja em tempos coloniais ou pós-independência, pode ser determinada pela cor de sua pele, a etnia ou raça, o grau de assimilação, o lugar de origem e sua posição no cenário internacional e/ou a competência (Ver Debnár, 2015; Theodoro, 2008; Walker, 1985; Sayad, 1988; Van Dyk, 2019 e *La Noire de...*, 1966)²⁹⁶. O que convida a refletir sobre a relação quase automática entre imigração e precariedade. A respeito das *carreiras* no âmbito da *cooperação*, Cosquer (2021) fala que elas “se inscrevem numa dinâmica extremamente privilegiada. (...) [Já que em 1964, os cooperantes beneficiavam] praticamente da dupla nacionalidade de fato” (COSQUER, 2021, p. 432. Tradução nossa). A oposição à invasão estrangeira, cujo impacto é ainda muito visível²⁹⁷, se fez por algumas décadas.

3.2.2 - A resistência ao sistema colonial

Embora tenha contado com a colaboração de determinadas figuras, a da população autóctone da Casamansa resistiu à ocupação estrangeira por várias décadas e de diversas formas que vão de ataques à desobediência civil, passando pelo boicote e a fuga. Aliás, até 1917, a Baixa-Casamansa, então *em estado de resistência*, teve sua ocupação militar ordenada pelas autoridades coloniais, notadamente pelo governador geral Van Vollenhoven. Ela *teve paz* dos anos 1920 ao começo da Segunda Guerra (Roche, 1998). Porém, nos anos 1940, a resistência deu novos sinais de vida, estando relacionada à dimensão religiosa. Neste sentido, é reveladora a afirmação de que: “O medo que o colonizador tinha sentido das sociedades ditas secretas estava ligado ao risco de mobilização de práticas mágico-religiosas para fins nacionalistas e xenófobas” (DIALLO, 2016, p. 72. Tradução nossa). Na longa conjuntura colonial, a resistência de Adjumbébé, nascida em 1920 e socialmente conhecida como Aline Sitowé, é emblemática. Em imigração em Dakar, ela retorna para seu vilarejo na Casamansa, após ter visões sobre a situação do seu povo (Senghor, 2018; Foucher, 2002; 2005; Tomàs, 2015).

En 1941, Aliin Situé, que en esos momentos trabajaba en Dakar, tuvo una revelación: el dios joola Atémit (también llamado Emitay) le reveló que debía volver a su pueblo, Kabrousse (en la Baja

²⁹⁶ Veremos adiante que no Brasil e no Canadá tem sido dessa forma.

²⁹⁷ Assunto tratado adiante.

Casamance, al sur del río), y hacer sacrificios a un altar local, llamado Kásila, para procurar la lluvia a su pueblo (TOMÁS, 2015, p. 237)

De volta a sua origem, Aline Sitowé, que “se tornou visionária, atraindo a seu vilarejo centenas de fiéis que vinham de longe, inclusive da Gâmbia e da Guiné portuguesa” (ROCHE, 1998, p. 103. Tradução nossa), opõe resistência pacífica à violência dos invasores franceses. Pelo menos era o entendimento dos colaboradores locais²⁹⁸ como o intérprete Tété Diedhiou e o ex-chefe da província de Oussouye e tio da profetisa, Benjamin Diatta²⁹⁹. Em poucas palavras, pode-se dizer que a heroína Aline Sitowé recomendava a desobediência civil às ordens dos invasores Brancos.

Usufruindo do prestígio de ter proporcionado aos Diola uma estação de chuva muito abundante, garantia de uma excelente colheita de arroz, após um ano de 1941, particularmente seco, ela prescrevia a seu *entourage* de ‘feiticeiros’ a não obedecer aos Brancos, a negar lhes os homens para o serviço militar, a não aceitar as compras obrigatórias de arroz, a não fazer a manutenção das estradas (*Archives d'outre-mer d' Aix-en-Provence, 14 MI 1835 2G 42, Rapport politique du Sénégal*. In: Roche, 1998, p. 103. Tradução e grifo nossos).

A o que antecede se soma a recomendação dela a não realizar o cultivo do arroz importado, nem o pagamento de imposto aos ocupantes Franceses (Tomàs, 2015). Tornou-se, assim, a mais ilustre personagem de toda a história da Casamansa.

Outra forma de resistência da juventude, em conformidade com as recomendações da referida heroína, consistia em não atender os imperativos de alistamento nesta região. A respeito, constata-se que a designação de *engagés volontaires* [alistados voluntários] não passava, em muitos casos, notadamente em *Baixa Casamansa*, de um mito³⁰⁰, salvo aos olhos dos oficiais franceses, fortemente impregnados pela necessidade de fornecer soldados ao exército de seu país ameaçado.

Na subdivisão de Sédhiou, o administrador Ballot teve uma má impressão da operação de recrutamento em seu setor: “Nenhuma boa vontade para ser soldado”. Si 80 % dos mandinkoolu vieram, 50 % dos Diola e 40 % dos Pullo se preocuparam em atender a chamada. Quanto aos mancanha e manjaco, todos eles se abstiveram. [...] A situação era idêntica na província de Oussouye e o chefe Benjamin Diatta, de origem diola, foi responsabilizado por esta situação, o que

²⁹⁸ São “aqueles que gravitavam em torno do poder colonial – intérpretes, guardas, funcionários subalternos africanos – [que] tinham aprendido a comportar-se não como representantes democraticamente eleitos, mas como homens do poder” (Ki-Zerbo, 2009, p. 61).

²⁹⁹ Cf. Roche, 1998, p. 103.

³⁰⁰ Em *Baixa Casamansa*, a resistência ao alistamento (forçado) já havia ocorrido durante a Primeira Guerra Mundial, em particular em 1915 (Roche, 1998).

provocou aquilo que se chamou logo o Caso Diatta / *l’Affaire Diatta*³⁰¹. Em Ziguinchor, em dezembro de 1941, na hora de reunir os recrutas, 80% de cada aldeia estavam ausentes. Em Oussouye, no dia 11 de dezembro, a comissão que se apresentou às 7h da manhã, acolheu os primeiros chamados por volta das 8h30. No entanto, eram apenas 20% dos inscritos na lista de Benjamin Diatta. Os outros tinham fugido durante a noite (ROCHE, 1998, p. 98-99. Tradução nossa).

3.2.2.1 - O impacto da imigração invasora sobre a migração e a vida dos casankoolu

A respeito das consequências desta violência exercida na América Latina e na África, Pietro Basso (2013) argumenta que “O colonialismo histórico produziu uma *desacumulação originária* devastadora, devida à violenta apropriação e expropriação dos recursos naturais e produtivos e, acima de tudo, da exuberante força de trabalho” (BASSO, 2013, p. 30). Em tempos de ocupação colonial na Casamansa, a imigração de invasores teve inúmeros impactos políticos, sociais e econômicos negativos³⁰². Um deles é sobre as migrações de casaankoolu e segue influenciando, direta ou indiretamente, sua emigração internacional. Estas migrações eram tanto voluntárias como forçadas. De acordo com Trincaz (1984), é quando colonizada pelos franceses que Ziguinchor se torna uma nascente cidade e se transformou num polo de atração regional caracterizado particularmente pelo êxodo rural. A presença francesa no Senegal fez de Dakar a capital da África Ocidental Francesa (AOF) ao longo da primeira metade do século XX, mais precisamente entre 1902 e 1958³⁰³. Desde este ano, “Dakar se tornou a sede do Governo, tornando-se a capital do país” (ANSD.RGPHAE.2013, 2017b, p. 11. Tradução nossa).

A cidade de Dakar, que já era uma atração para casankoolu e para os demais senegaleses, continua sendo a que mais atrai os cidadãos nacionais das regiões, e Ziguinchor não é exceção³⁰⁴. Aline Sitowé emigrou para Dakar em busca de emprego. Na capital da AOF, ela trabalhou como empregada doméstica entre 1935 e 1942³⁰⁵ (Senghor, 2018; Foucher,

³⁰¹ Em 17 de janeiro de 1942, Benjamin Diatta foi afastado por insuficiência profissional e declarado imediatamente demissionário de sua função de chefe de província por decreto local (ROCHE, 1998, p. 99. Tradução nossa).

³⁰² Desorganização social e política e imposição de um modelo administrativo a serviço do extrativismo.

³⁰³ Ver ANSD.RGPHAE (2017b).

³⁰⁴ Mais detalhes na migração inter-regional desde a Casamansa.

³⁰⁵ Esta migração enfrentou, contudo, a oposição dos jovens “evoluídos” que queria controlá-la, impedindo que se transformasse em migração permanente, em vez da migração sazonal que possibilitava a solidariedade familiar na lavoura. Ao considerar o caso da migração de uma localidade do Boulouf (Casamansa) em Dakar em 1998, Foucher (2002) constatou que todas as mulheres solteiras trabalhavam como domésticas.

2002; 2005; Tomàs, 2015). Foucher (2005) aponta que as mulheres da região de Casamansa, em trajetórias de migração certamente menos brilhantes, encontravam vantagens no trabalho doméstico, sobretudo nos anos 1940-1970, quando havia demanda.

Ao lado destas migrações desde áreas rurais, tidas como voluntárias e atraídas pelo desenvolvimento da cidade de Ziguinchor, promovido, como sugerem Trincas (1984) e Foucher (2007), pelos franceses, houve aquelas migrações forçadas, seja para participar da primeira ou da segunda Guerra Mundial³⁰⁶, seja para não ter que participar delas. Diante da pressão da administração colonial para recrutar jovens, alguns deles se viram forçados a alcançar a Gâmbia, na parte norte, e a Guiné-Bissau, na parte sul, durante a Segunda Guerra. A eles se juntam os refugiados³⁰⁷ oriundos de Efok, Yutu e Ayoune, que abandonaram seus respectivos vilarejos, fugindo para Guiné-Bissau depois que, em Efok, ocorreu um ataque a militares comandados por um sargento europeu (Roche, 1998). Eram forçados também a emigrar aqueles cuja resistência constituía uma ameaça ao país invasor e determinado “pacificar” a terra ocupada. Esta prática era sistematicamente aplicada em inúmeros territórios ocupados por europeus, notadamente Franceses e Ingleses³⁰⁸. Aline Sitowé Diatta, Rainha e sacerdotisa de Cabrousse, ao ordenar a resistência, será exilada para ser preso em Tombuctú - atual Mali - em janeiro de 1943 (Senghor, 2018; Tomàs, 2015; Awenengo Adalberto, 2010; Roche, 1998), tal como ocorreu anteriormente com o Rei de Oussouye, Sihalébé Diatta³⁰⁹, em 1902 (Awenengo Adalberto, 2010; Tomàs, 2015). Estes não foram os

³⁰⁶ Roche (1998) e *Emitai*, filme de Sembène de 1971, ilustram o procedimento compulsório de recrutamento para este fim. No filme, os recrutados são, digamos, ironicamente chamados de *engagés volontaires* pelo oficial francês.

³⁰⁷ A pessoa refugiada é geralmente alguém que nada fez, como sugere Arendt (2013), sobretudo quando ela vem de um país em guerra. Pela Convenção de Genebra de 1951, o refugiado é alguém obrigado a deixar seu país em decorrência de guerra, perseguição por razões políticas ou por pertencer a uma raça, etnia ou religião. Apesar da especificidade da condição do refúgio, Arendt lembrou que refugiados são imigrantes, podem reivindicar esta denominação e apresentar as mesmas demandas e características. Aliás, sabe-se que todos os 27,1 milhões de refugiados (ver Anexo 5) são imigrantes embora a maioria dos 281 milhões de imigrantes (Ver OIM, 2021) não sejam refugiados.

³⁰⁸ Ver Senghor (2018) e Roche (1998), no tocante à Casamansa. Ken Bugul (1999) e, principalmente Bava (2003) falam do exílio do Guia espiritual [*Grand Sérigne*] Cheikh Ahmadou Bamba - fundador do muridismo - levado para o Gabão e depois para a Mauritânia, no caso do Norte do Senegal. As mesmas práticas ocorreram nas Antilhas, notadamente na Jamaica (ver Plaza, 2007) e no Haiti (Firmin, 1885), bem como em Comores, com Ahmed Abdallah Abderamane (Cf. Picard, 2021) e em Argélia (ver Boukari-Yabara, 2021b). Os Ingleses também deportaram em 1787 um total de 400 Negros libertos “indigentes” pegos durante uma varredura para Serra Leoa. Seria o caso de milhares de negros da América e do Caribe enviados entre 1817 e 1890 para Libéria (Dieng, 2005; Kourouma, 2000).

³⁰⁹ O rei e herói anticolonial (Foucher, 2002; TOMÁS, 2015), «Sihalébé morreu de inanición en 1903 mientras estaba preso, siguiendo las normas tradicionales de su religión que impedían e impiden a los reyes comer o beber en público» (TOMÁS, 2015, p. 234).

únicos submetidos a uma migração forçada desde a região em tempos de exercício da violência dos Europeus, por um lado, e de luta pela liberdade e autodeterminação dos casankoolu, por outro.

A principios de 1943, [Aline Sitowé] y diecisiete de sus seguidores fueron detenidos por la administración colonial francesa. Los seguidores apresados, todos ellos hombres, eran mayoritariamente de Kabrousse, aunque también se encontraban cuatro hombres de Youtou y uno de Ayoune. Entre ellos encontramos al marido (Alougaye) y a un primo (Eroubali) de [Aline Sitowé], así como a varios consejeros, emisarios, representantes de [Aline Sitowé] en los pueblos vecinos y líderes — os familiares de líderes — de la religión tradicional *awaseena*, que en algún caso las fuentes coloniales presentan como *féticheur dangereux, féticheur influent*. Uno de ellos murió en la prisión civil de Ziguinchor el 21 de mayo. El resto fueron enviados primero a Podor (en las orillas del río Senegal, a más de mil kilómetros de la Casamance) [...] (TOMÁS, 2015, p. 239. Grifo nosso).

No mesmo sentido, Diallo registra a adoção deste *modus operandi* ainda em *Baixa Casamansa*.

A deportação de Sadiaménoune, feiticeiro originário de Diembering, acusado de alimentar ‘*hostilidade contra brancos*’ e de formular ameaças de retaliação contra elementos leais foi seguida da detenção de Afayo, chefe do partido em Kahéner, e do grande feiticeiro Dianlène, para serem ‘*internados numa outra colônia que não a Casamansa*’ (DIALLO, 2016, p. 70. Tradução nossa).

No final das contas, foram medidas como estas – além de outras como a referida ocupação militar ordenada em 1917 (Roche, 1998; Diallo, 2016) - que teriam sucedido à “ordem” (Senghor, 2018; Fadul, 2002) ou “pacificação” em e da Casamansa em 1920. Reiffen (2017) sustenta que a Casamansa passou por duas colonizações e seguiu autônoma até os anos 1920. A “ordem” referida na Casamansa entre as duas guerras mundiais foi questionada duas décadas depois de sua suposta “pacificação completa” no pós-Primeira Guerra Mundial. É o que sugere Foucher (2002) ao dizer que *a Baixa Casamansa entrou plenamente no império francês nas décadas de 1940 e 1950*. Relativamente à integração da Casamansa no Senegal, encontra-se em Sene et Faye [2019] que seu reforço ou fragilização dependiam, obviamente, dos interesses da França. Esta, num exercício evidente de instrumentalização e manipulação (que os autores não mencionam) da Casamansa, em 1958, colocou claramente a eventualidade de separar a Casamansa do Senegal, se esta apoiar seu projeto imperial e o Senegal não o fizer³¹⁰. Louis-Vincent se refere à chamada “revolta dos

³¹⁰ “Em 1958, no momento do referendun sobre a « Communauté française », que deve definir as relações entre as colônias e a metrópole, os franceses, temendo que o Sénégal vote « não » a suas propostas, fazem secretamente pressão sobre os eleitos da Casamansa a fim de se garantir os votos do sul, notadamente porque podem ter um peso sobre o resultado geral. O administrador do *cercle* propõe um negócio aos eleitos da Casamansa: em caso de voto negativo no Senegal, mas positivo na porção casankoolu, a França desatará a Casamansa do Senegal. Todavia, quando o conjunto do Senegal optou pelo voto positivo (o que anula de fato o

Flupes” de 1942, que ocasionou a fuga de “indígenas amedrontados [para] a Guiné portuguesa que de lá voltarão, aliás timidamente, dez anos mais tarde” (LOUIS-VINCENT, 1958, p. 22. Tradução nossa)³¹¹. Naquele contexto de resistência, usou-se a migração forçada dos líderes como instrumento de fragilização da luta contra o invasor e contra a violência colonial.

Outro efeito da imigração invasora é que, a médio ou longo prazo, seu território de origem recebe pessoas de lugares então tomados. Sua imigração tende a ter como consequência uma emigração em sentido inverso. Este fenômeno, aliás aparentemente consagrado, é amplamente referido pela literatura (Sayad, 1998; Hall, 2003; Duroux, 2011; Basso, 2013; Lessault e Flahaux, 2013) sobre migrações internacionais. Países como a França, Inglaterra, Portugal, Espanha, Bélgica e Estados Unidos foram destinos de migrantes oriundos de países que foram ocupados e submetidos política, econômica e/ou culturalmente por eles. Citando outros estudos, Lessault e Flahaux (2013) assinalam que

Os primeiros [e]migrantes senegaleses são navegadores, comerciantes, e “tirailleurs”³¹² desmobilizados [...]. Eles se instalam prioritariamente nos países da África Ocidental Francesa cuja então capital é Saint-Louis e, em menor medida, em França. As partidas de marinheiros sarakole aumentam em razão do declínio do tráfego no rio Senegal; eles se alistam na marinha mercante e na marinha de guerra francesa, o que amplia sua área de engajamento [...] (LESSAULT e FLAHAUX, 2013, p. 61).

É neste sentido que se deve também entender a presença de casankoolu na região oeste africana, e principalmente na França, onde, aliás, há atualmente uma comunidade articulada e ativa para a promoção do desenvolvimento da Casamansa. O caso de Assane Seck, *nascido em fevereiro de 1919 em Inor, na circunscrição de Sédhiou*, ex-professor universitário, além de ministro de Estado senegalês durante dezoito anos, e que antes serviu o exército francês e doutorou-se na França, é apenas um exemplo dentre muitos outros dessa relação colonização e

negócio) não há nenhuma reviravolta de sua parte e nenhuma reivindicação separatista.” (SENE et FAYE, [2019], p. 224. Tradução nossa).

³¹¹ Diante de uma invasão ou de uma guerra, a fuga de parte da população é algo esperado, seja na África, na Europa, na América ou em outro continente. Se já foi mencionado o caso dos ‘refugiados’ da África Ocidental, deve-se dizer que a história da Europa está repleta de exemplos de pessoas fugindo de guerras.

³¹² Dez (2007) observa que o primeiro corpo regular de combatentes *africanos* foi criado pelo governador Louis Faidherbe em 21 de julho de 1857. “Em 1900, o 1º Regimento de *Tirailleurs* “sénégalais” foi formado no Senegal, em Saint Louis. Entretanto, embora sejam assim chamados, inúmeros combatentes destas unidades de infantaria africana pertencem a várias etnias da África Ocidental Francesa” (DEZ, 2007, p. 3. Tradução nossa). “Durante a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais, os nossos irmãos, as nossas irmãs, os nossos pais participaram da luta contra o nazismo e o fascismo. Contribuímos, como seres humanos, para defender os princípios sagrados da dignidade humana” (KI-ZERBO, 2009, p. 25).

migração³¹³, que transforma o *hospedado* de ontem em anfitrião de hoje, e o anfitrião de ontem em hospedado de hoje.

Em suma, “O problema colonial, sejam quais forem as aparências, continua se impondo à nossa atenção como uma das questões mais relevantes sobre a qual precisam se pronunciar os especialistas das ciências sociais”, disse Balandier (1982, p. 3. Tradução nossa). Os efeitos das invasões colônias da África pelos Europeus são de uma evidência gritante ainda hoje, tanto nas posturas econômica, política, social e cultural dos Estados como nas relações entre cidadãos e na psicologia social. Após mais de quatro décadas, Noula parece confirmar a fala de Balandier, ao dizer o seguinte, a respeito da economia do Senegal:

A estrutura geral da economia senegalesa se manteve intacta, apesar de mais de três décadas de independência³¹⁴, a política setorial implementada tendo fundamentalmente reconduzido e

³¹³ Dentro do contexto africano, os invasores europeus drenaram populações autóctones para suas administrações coloniais e promoveram a formação de diásporas (Bazonzi, 2015).

³¹⁴ Embora tenham sua respectiva soberania internacional reconhecida e falem de “independência”, em muitos destes novos Estados, o sentimento de que o país não é verdadeiramente independente era e pode ainda ser constatado. Um dos elementos que o provocam é a presença militar francesa. Para o então presidente da República do Senegal Abdoulaye Wade (2000-2012), “Ela é nele ressentida como uma independência inacabada” (Cf. JEUNE AFRIQUE, 2011. Tradução nossa). O mesmo *Jeune Afrique* (2016d), assim como o historiador Omar Gueye (2018) (*Voir Documentos Audiovisuais*) sustentam que militares franceses fizeram a segurança do Presidente Senghor em 1968, quando houve levante popular. Outras fontes falam da persistente presença militar francesa, ora ajustada com redução de efetivo, em países africanos como Senegal, Costa do Marfim, Gabão e Djibouti (Borrel e Thomas, 2021; Koepf, 2012). Em 1965, a França, que tinha 28.000 militares na África subsaariana, informou que este efetivo baixaria para 7.000 (Borrel e Thomas, 2021). Em Dakar passariam de 1.200 a 300 entre 2011 e 2014, (*Jeune Afrique*, 2011). As palavras às quais é associado o Senegal em Marut (2022): *chasse gardée* da França, *pilar do Ocidente*, e o grau de instrumentalização a que é submetido por ela e os Estados Unidos, deixam pouca margem de dúvidas da condição de país sob controle alheio e *formalmente independente*, como diria Sarr (2021) no tocante aos países africanos. Não há soberania monetária no Senegal, nem nos demais que usam o franco CFA. “Poucos Franceses sabem que milhões de Africanos ainda usam a moeda colonial” (BORREL et al. 2021, p. 19. Tradução nossa). Sylla e Pigeaud (2021) sugerem que a manutenção desta moeda colonial era uma das contrapartidas da concessão de ‘independência’ aos países da África subsaariana. Eles acrescentam que o F CFA “permite que a França mantenha o controle sobre a economia – e através dela, a política – de suas antigas colônias, quase sem desembolsar nada” (2021, p. 386) e afirmam que as iniciativas de *emancipação econômica e monetária* foram aniquiladas *dans l’œuf*. Mostram também que as taxas das *reservas de cambio*, tanto do BCEAO quanto do BEAC, que tinham que ser depositadas no Tesouro francês, passaram de 100% no final dos anos 1970 a 50% em meados dos anos 2000. Em suma, o “**perigo de soberania, da autodeterminação dos povos africanos**” ainda é combatido, por outros meios, pela França. *O Estado nacional não significa nada para nós, o Estado africano nem sequer é uma verdadeira realização do Estado nacional, é uma metamorfose, uma seqüela do sistema colonial* (KI-ZERBO, 2009, p. 63). Este autor diz também que “Todas as tentativas micronacionais de libertação da África – Sékou Touré na Guiné, Kwame Nkrumah em Gana, Thomas Sankara em Burkina Faso – fracassaram. Em grande parte, porque foram solitárias e não solidárias. Penso que se deveria colocar como postulado a fórmula seguinte: a libertação da África será pan-africana ou não será” (KI-ZERBO, 2009, p. 36). Diallo (2016) e Diallo (2011) falam da associação de termos como “quase estados”, “estado fantasma”, “Estado frágil” a vários Estados da África, mas raramente relacionados ao Senegal, visto como um exemplo bem sucedido de Estado. É preciso notar que literalmente no âmbito da Federação do Mali, o Senegal era *um quase Estado* (Mbodj, 2021, p. 23). Borrel et al. (2021) falam da sobrevivência do colonialismo à “descolonização” mediante o dispositivo *La Françafrique, de instrumentos informais de uma nova forma de imperialismo: a cooperação*, e citam a fala de 1996 do presidente do Gabão:

perpetuado a velha lógica colonial de valorização econômica com potencial de crescimento claramente limitado (NOULA, 2000, p. 4. Tradução nossa).

Na sua fala durante o *Sommet Afrique-France*³¹⁵ em Montpellier em 2021, a queniana Adelle Onyango disse: “Ainda sentimos os efeitos da colonização, não só do ponto de vista econômico, mas do ponto de vista intersubjetivo. Nós africanos, sentimos todos os dias a dor da colonização”³¹⁶. Mbodj (2021) argumentam que “Por causa da colonização, o sistema constitucional senegalês é construído conforme as tradições e valores políticos e jurídicos da França” (MBODJ, 2021, p. 24. Tradução nossa). Na mesma publicação, os autores afirmam que a primeira constituição do Senegal de 24 de janeiro de 1959 foi efêmera, porém seguiu sendo a base de todas as que seguirão, levando a uma “verdadeira continuidade constitucional”³¹⁷. A propósito de Ziguinchor, cuja história da cidade se confundiu à da grande região Casamansa até meados da década de 1980 (Trincaz, 1984), este autor dirá, como Balandier, que “É no fato colonial, que está na origem de Ziguinchor, onde se encontra a explicação do desenvolvimento e da estagnação da cidade, que se compreende a fortíssima imigração urbana e o empobrecimento estrutural da região de Baixa-Casamansa” (TRINCAZ, 1984, p. 8. Tradução nossa). Após mais ou menos sessenta anos de soberania internacional reconhecida de boa parte dos países da África sulsaariana, e quarenta anos da formulação

“A África sem a França é um carro sem motorista. A França sem a África é um carro sem combustível” (p. 10-11. Tradução nossa). Acrescentam que a concessão da “independência” aos países africanos, notadamente às “antigas colônias francesas”, não abalou a fidelidade dos *dirigentes dos novos Estados, cercados de conselheiros franceses, à antiga metrópole*. A descolonização dos novos Estados “aparece *a posteriori* como uma mutação entre um imperialismo oficial, fundado na possessão dos territórios conquistados, e um imperialismo informal, amplamente desconectado da soberania territorial, apoiando-se em dispositivos mais discretos de controle indireto.” (Borrel et al. 2021, p. 17. Tradução nossa). Como imaginar um *Sommet France/Afrique* nas Américas? Entrevistado em 2013 sobre o terrorismo, o presidente Macky Sall, eleito em 2012, fala que na África há uns cinquenta Estados “divididos, pequenos, que estão também, **não posso dizer sob a ditadura**, mas sob o controle de instituições internacionais, que fazem com que não têm a liberdade de se equipar em armamento, e que tampouco podem se equipar quando as prioridades são a alimentação, quando as prioridades são a saúde para as populações” (Cf. Al Jazeera. Talk tou Al Jazeera – Macky Sall: ‘It’s easy to condemn África’. 2013. Tradução nossa. Disponível em: <http://bit.ly/AJSubscribe>). Diante destes indícios e muitos outros, falaremos mais em reconhecimento da soberania internacional, no caso do Senegal.

³¹⁵ Sabe-se que desde 1973, quase anualmente, ocorre o *Sommet France/Afrique*, um encontro entre o presidente francês e os chefes de Estados de países africanos ditos “francófonos” (Ver *Les Echos* de 31 de maio de 2010). Em 2021, o encontro ocorreu com a juventude africana em Montpellier e inverteu o nome para *Afrique-France* (Ver *Élysée* 2021).

³¹⁶ Ver *ÉLYSEE. Nouveau Sommet Afrique-France*. Montpellier, 2021. Acesso em 05/10/2021. Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=jc8RRhmwK80&t=10521s>

³¹⁷ Expressam esta ideia da seguinte maneira: “A mais antiga das constituições senegalesas tem a particularidade de ter sido a constituição cuja longevidade foi mais curta, mas também, paradoxalmente, a mais longa de todas as Cartas Magnas do Senegal” (Mbodj, 2021, p. 25. Tradução nossa)

destas afirmações de Trincaz (1984), entende-se que elas pouco teriam perdido do seu teor e vigor na parte ocidental do Mais Velho Continente.

Compreender a história de boa parte dos atuais países da África passa necessariamente pela consideração do advento da colonização e de seu legado a estes. Entrevistado entre os anos 2000 e 2002, Ki-Zerbo (2009) fala que “O período colonial não foi uma boa preparação para a democracia. O regime colonial era paternalista e autoritário, ou mesmo totalitário” (2009, p. 61). O entrevistado Yayi Anta, residente no Canadá associa claramente a colonização ao roubo e à pilhagem, evocando sua perversa herança entre universitários senegaleses que riem do sotaque dos colegas estrangeiros de países francófonos da África subsaariana, achando que estes falam francês com um diferente daquele dos Franceses. Para Georges Balandier, “As estruturas, os contextos culturais, os tipos de vida e os modos de pensar que resultam da ação colonial permanecem fortemente enraizados na pele e na mente dos países africanos, inclusive após a independência” (BALANDIER, 1982, p. 13. Tradução nossa).³¹⁸ Muito do que se fala e pesquisa sobre a Casamansa acaba remetendo a herança. (Ver Senghor, 2018; Manga, 2012; Labrune-Badiane, 2010; Foucher, 2007; Trincaz, 1984). Aliás, o historiador, “pensa que é importante partir do período da proclamação da União francesas, ou seja, 1946”, período colonial para os casankoolu, “para entender o processo histórico que funda as rigidezes políticas em Casamança” (MANGA, 2012, p. 25. Tradução nossa). Para Foucher (2007), inclusive a história do MFDC mostra que “seus intelectuais orgânicos são produtos do Estado colonial e pós-colonial, de sua escola e de sua ideologia” (2007, p. 80. Tradução nossa). Estes estudos mostram que a colonização faz intrínseca e decisivamente parte da história de Casamansa e de suas migrações³¹⁹, embora se saiba que estas não se resumem à presença e ao legado de europeus migrantes.

É preciso, no entanto, perceber que no contexto atual, tal legado, embora não possa ser ignorado, não dá conta de explicar sozinha de forma pertinente nenhum fenômeno migratório internacional diante do advento da política de fechamento à imigração formal de trabalhadores pouco qualificados para a Europa³²⁰ e Estados Unidos, do controle migratório ostensivo e/ou

³¹⁸ Léopold Senghor sugere que não há identidade de modos operatórios nem homogeneidade cultural entre nações “colonizadoras”. O que ilustra indicando, por exemplo, que no ensino, os Ingleses adotam duas línguas: a deles e a língua materna autóctone, contrariamente aos Franceses, “convencidos do valor universal da sua cultura, tentaram por todos os meios, assimilar-nos” (Cf. Madrideo, 1979, p. 12. Tradução nossa).

³¹⁹ Nesta ótica, há inclusive o risco de se perder de vista “a dupla história”, que no caso da África, “uma propriamente africana” e outra “amplamente condicionada pela dominação europeia, ‘que colocou em contato formas sociais radicalmente heterogêneas’.” (Balandier, 1982, p. 7-8. Tradução nossa).

³²⁰ Ver a fala de Sassen em Felix (2002); Gabrielli (2008). No tocante à Europa ocidental, Gabrielli (2008) fala em fases do fechamento à imigração de Africanos: uma primeira nos anos 1973 de *caráter unilateral*, e uma

terceirizado, além da extensão de fronteiras até países “emissores” e/ou de “trânsito” de migrantes informais”³²¹ do Sul, da restrição substancial das vias legais (Quiminal e Timera, 2002; Brachet et al. 2011; Ferreira, 2017) - especialmente aos africanos³²², de “colaborações” entre polícias na identificação de migrantes indesejados por em países do “Norte”³²³ e seu repatriamento³²⁴, de associação da migração dita econômica e política com a criminalidade transfronteiriça e com o terrorismo. Voltaremos sobre este assunto nos tópicos 3.4; 3.5 e 3.6.

3.3 - CASAMANSA E ZIGUINCHOR CONTEMPORÂNEAS

Quando se fala de Casamansa contemporânea, está-se referindo particularmente ao período que se entende de 1960 aos dias atuais. São aqui apresentados aspectos geográficos, socioculturais, econômicos e as migrações local, interna, intracontinental africana e intercontinental contemporâneas dos casankoolu.

3.3.1 Aspectos geográficos e linguísticos da Casamansa

O país em que se localiza a Casamansa é o Senegal, que por sua vez é parte da chamada África Ocidental. “Situada ao Sudoeste do Senegal, a região administrativa [de]

segunda *por volta dos anos 2000*, caracterizada pela *internacionalização crescente das políticas de imigração*, que atinge os países do Sul da Europa.

³²¹ Inicialmente foram os países magrebinos, depois (em 2006) a Mauritânia, em seguida (no mesmo ano) foi a vez do Senegal, da Guiné-Bissau e do Mali de sofrer a pressão da Espanha para “assumir a parte de responsabilidade que lhes cabe na gestão dos fluxos migratórios. [Na ocasião, o Ministro de Relações Exteriores espanhol] não hesitou em adotar um tom de ameaça (Gabrielli, 2008, s/p.).

³²² Ver Brachet et al. (2011); Quiminal e Timera (2002). Nenhum país da África está na *Lista das nacionalidades isentas de visto Schengen*. Na lista de *Países que assinaram Acordos de facilitação de vistos com a União Europeia*, a única exceção africana é Cabo Verde. *A União Europeia concluiu acordos de facilitação de vistos, no sentido de estabelecer procedimentos simplificados para a emissão de vistos, com os seguintes países: Albânia, Armênia, Azerbaijão, Bósnia e Herzegovina, Cabo Verde, Geórgia, Macedônia, Moldávia, Montenegro, Rússia (Suspensão - decisão de suspensão), Sérvia, Ucrânia* (Portal Diplomático: Vistos s/d). Todos esses países haviam assinado um acordo de readmissão com a UE (Ver La Cimade, [2021], <https://www.lacimade.org/>), o que certamente justificou a facilitação de vistos no caso deles.

³²³ Estas colaborações não ocorrem sem pressão dos países nórdicos como a Espanha e não se limita ao deslocamento de funcionários dos países de origem dos migrantes, como o Senegal, para identificar compatriotas, como foi o caso em 2006 (Gabrielli, 2008). O autor mostra que envolve a formação de policiais dos países do Sul como o Senegal, tanto para o controle de suas fronteiras como para realizar patrulhamentos conjuntos com elementos de Frontex nos caminhos da migração informal. Trata-se de *uma imposição de assistência policial* aos países assistidos, afirma.

³²⁴ De acordo com Gueye et Deshingkar (2019), a repatriação é tida como *o último fracasso*, mas não significa necessariamente o fim do projeto migratório, mesmo quando ocorre mais de uma vez.

Casamansa ocupa 28.350 km², isto é, 14,4% do território nacional” (Bonfond e Loquay, 1985, p. 8. Tradução nossa). Diallo (2016) cita Jean-Claude Marut que afirma que “São, no total, uns 700 quilômetros de fronteiras internacionais que cercam a Casamansa ao Norte e ao Sul. (...). Nenhum ponto do território se localiza a mais de cinquenta quilômetros de uma fronteira” (p. 53-54. Tradução nossa). Ela é comumente definida como “O Sul” do Senegal e se localiza entre a Gâmbia ao Norte, a Guiné-Bissau e República da Guiné ao Sul, o Oceano Atlântico ao Oeste e pela região de Tambacounda, antes chamada Senegal Oriental, ao Leste. A capital administrativa da então região de Casamansa era Ziguinchor (Gadjigo, 2013; Bonfond e Loquay, 1985). Em 1983, a Casamansa “tinha 15% da população, em torno de 850.000 habitantes” (Bonfond e Loquay, 1985, p. 8. Tradução nossa). Em 2020, sua população aumentou para 2.078.059 habitantes, representando 12,4% da população senegalesa³²⁵.

De acordo com um documento oficial da *Commune de Ziguinchor*, “A localidade de Ziguinchor foi fundada pelos “Iziguicho”, um subgrupo da etnia Baïnunk, muito antes da chegada dos primeiros europeus em 1645”(CZ, 2018, p. 10. Tradução nossa). O nome Ziguinchor é, para esta fonte, o resultado de uma deformação de Iziguichor - que significa terra dos *Iziguicho* em língua Bainunk - pelos invasores europeus. É neste sentido que Trincaz defende que “A criação de Ziguinchor se confunde com a chegada de mercadores e comerciantes portugueses, que procuram facilitar o trânsito para o comércio de ‘escravos, de cera, de pelos e de marfim”” (Trincaz, 1984, p. 19. Tradução nossa). Para este autor, embora fossem os Europeus que criaram o nome, diversos sentidos lhe foram associados. Portanto,

a raiz etimológica parece bem local. É, com efeito, no território dos Iziguichos, sub grupo dos [Baïnunk], que o primeiro Capitão Geral de Feitoria de Cacheu cria, [...] um posto e um depósito de alimentos. Iziguichos resultou em Ezeguichor – o sufixo or significa a terra – deformado em seguida em Siguitior e depois em Ziguinchor” (TRINCAZ, 1984, p. 19. Tradução nossa)³²⁶.

Na explicação de Schwarz-Bart (1972), Ziguinchor, cidade ribeirinha, levava o nome de Sigi que significa: *Sente-se*. Mas desde que começaram a embarcar nela “escravos”, passou a ser conhecida como Sigi-Thyor: *Sente-se e chore*. Convergindo com Schwarz-Bart, Trincaz (1984) mostra que outra versão dá ao nome uma relação com o “passado escravocrata de

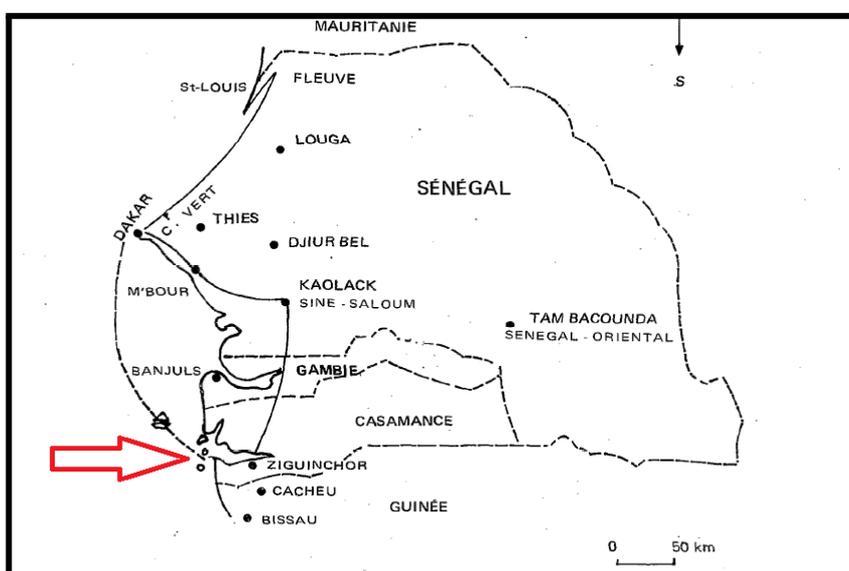
³²⁵ Ver Quadro 8

³²⁶ Os Diola e os Mandinkoolu de Casamansa, em particular aqueles que não frequentaram a chamada “escola dos Brancos” para aprender oficialmente a falar francês, a única língua oficial do Senegal, seguem ainda hoje chamando Ziguinchor de Siitior, Siguitior.

Ziguinchor”, isto é, um dos pontos de partida dos traficantes de negros para a escravização, e que aparece nas línguas portuguesa, crioula e vernaculares de Casamansa³²⁷.

A região de Ziguinchor era a capital de Casamansa que “passa a ser uma das oito regiões político-administrativas do novo país” (Fadul, 2002, p. 2). Assim permaneceu, na verdade, desde 1944 até o final da primeira metade da década de 1980. Até 1984, Ziguinchor remetia à Casamansa, de igual modo que esta remetia à cidade de Ziguinchor. Trincaz (1984, p.13) foi mais longe dizendo que “A história da cidade [de Ziguinchor] é indissociável à da região: Casamansa” (p.13. Tradução e grifo nossos). É o que aparece no mapa 6, que segue.

Mapa 6 - Localização de Casamansa no Senegal: Dakar e as sete regiões

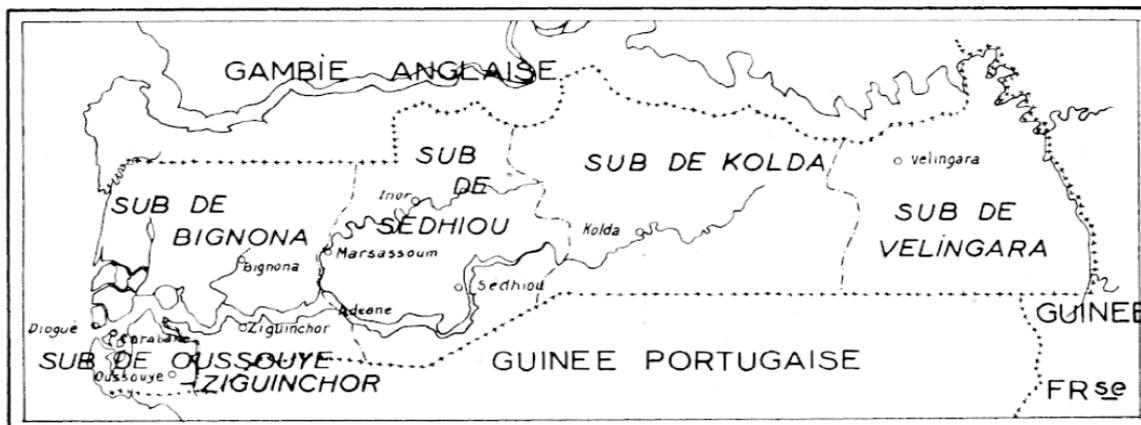


Fonte: TRINCAZ, 1984, p.10. Grifo nosso. A flecha é inserção nossa

No mapa a seguir, fica destacada a subdivisão interna da Casamansa a partir de 1944, data em que deixou de ter 2 *cercles* (o de Ziguinchor e de Kolda) e passou a ter apenas o da Casamansa, com cinco subdivisões: a subdivisão de Bignona, a subdivisão de Oussouye-Ziguinchor, a subdivisão de Sédhiou, a subdivisão de Kolada e a subdivisão de Vélingara.

³²⁷ «Mas talvez mais significativa [...] é a explicação habitual, mais ou menos lendária que se dá ao nome, que foi transmitida à população até os dias de hoje : ‘a cidade das lágrimas’ » (Trincaz, 1984, p. 19). Para este autor, tal lenda estaria manifestando « o inconsciente coletivo de populações da Casamansa para as quais Ziguinchor permanece a cidade onde alguns dos seus ancestrais foram conduzidos acorrentados e esperaram colunas de escravos para Cacheu » (Trincaz, 1984, p. 20). Entretanto, no Plano de Desenvolvimento Comunal se afirma que a versão relacionada ao choro é menos plausível (CZ., 2018, p. 10).

Mapa 7 - Cercle da Casamansa com 5 subdivisões



Fonte: SECK, 1955, p. 708.

Na contemporaneidade, sua primeira divisão em duas regiões (Ziguinchor e Kolda) resultou da reforma administrativa implementada em julho de 1984 (ANSD/SRSD-Z, 2005; 2011; 2012; 2019; 2021; Foucher, 2005), permitindo tanto a correspondência da *Baixa Casamansa*, ao Oeste, à região de Ziguinchor (ANSD.RGPHAE.2013, 2017a; Foucher, 2007) e a parte Leste, a *Haute et Moyenne Casamance* à nova e segunda região da Casamansa. A partir de 2008, a lei 2008-14 de 18 de março cria a região de Sédhiou, alterando uma lei de 1972 (ANSD/SRSD-S, 2015 p. 14. Tradução nossa). Desde 2008, a Casamansa é composta por três regiões: Ziguinchor, Kolda e a mais nova Sédhiou, com a divisão administrativa da região de Kolda.

Quando se compara a Mapa 6 com a Mapa 8, percebe-se que, como aponta Fadul (2002), outras regiões também foram divididas. Foi o caso de Tambacounda, Kaolack e St. Louis, por exemplo, que viram suas áreas partilhadas administrativamente. Delas nasceram outras regiões. Sendo assim, notemos que, de acordo com o *Ministère de l'Intérieur* do Senegal, atualmente o Estado do Senegal é composto de 14 regiões, 45 departamentos, 123 *arrondissements*, 126 comunas dos quais 5 cidades, 46 comunas de *arrondissements* e 385 *comunidades* rurais. Região, departamento e *arrondissement* são *circunscrições administrativas*, respectivamente, de **coordenação** (onde são implementadas “políticas nacionais de desenvolvimento econômico e social”), **intermediária** entre região e *arrondissement* (“é o escalão de aplicação da ação administrativa”) e **de base** (“o nível de execução das políticas governamentais”)³²⁸.

³²⁸ Cf. *Ministère de l'Intérieur* do Senegal. Disponível em: <http://www.interieur.gouv.sn/> Acesso em 20/01/2022

Mapa 8 - Localização e nova composição de Casamansa no Senegal de 14 regiões administrativas



Fonte: *Ministère de l'Intérieur*. Grifo nosso. 20/01/2022

Ao lado deste mapa oficial, outro, defendido por líderes do MFDC para quem a grande região da Casamansa incluiria a de Tambacounda (Sonko, 2020). Neste sentido, seus limites, tal como apresentados em Senghor (2018), diferem dos conhecidos. De acordo com este autor

Geograficamente, o Território *da* Casamansa é limitado: - Ao norte pela Gâmbia, antiga colônia inglesa. - Ao sul pela Guiné-Bissau, ex-colônia portuguesa e Guiné Conacri, - Ao Leste pelo Mali e o rio Gâmbia - Ao Oeste pelo Oceano Atlântico, numa extensão de 86 Km de litoral (SENGHOR, 2018, 11).

De acordo com *Le journal du Pays*, a divisão da Casamansa em duas ocorreu em 1962. Esta divisão foi ordenada pelo então presidente da república Léopold Sédar Senghor e efetuada pelo seu ministro do Interior Waldiodio Ndiaye. Desta divisão a parte ocidental manteve o nome *Région de Casamance*, tendo como capital Ziguinchor e a parte oriental foi denominada *Région du Sénégal Oriental*, tendo como capital Tambacounda. Esta região acabou adotando o nome de sua capital, como é hoje o caso de várias, se não de todas as regiões do Senegal.

Contudo, é preciso observar que tais argumentos não foram reforçados pelos trabalhos e documentos consultados. Uma de suas fragilidades está notadamente na inclusão da região de Tambacounda - considerada antes de sua divisão em 2008, que transformou Kédougou em região - na Casamansa, e que, apesar disso, sua já referida superfície, que é de 28.350 km²

(Bonfond e Loquay, 1985) sem esta adição, seja de aproximadamente 30.000 Km², de acordo com Senghor (2018), apesar desta adição. A adição, mesmo de uma pequena parte, da mais vasta região Tambacounda, elevaria a superfície da Casamansa. É preciso, ainda assim, observar que Gueye (2005, p. 82) fala que *os ancestrais dos povos Tenda, Bassari, Koniagui, Bedik, Badiar*, localizados *ao interior da Alta Gâmbia - Casamansa, permaneceram fiéis ao sistema comunitário e, à semelhança dos Sereer None, opuseram uma resistência feroz aos Pullo e Mandinkoolu que queriam fazer de sua área um reservatório de cativos.*

Dito isso, é preciso sublinhar que para o Estado senegalês, oficialmente a Casamansa tem no momento três regiões, e não cinco, por nunca incluir a de Tambacounda, dividida desde 2008 em duas: Tambacounda e Kédougou. A divisão administrativa da Casamansa parece preconizar o desaparecimento político e simbólico da mesma mediante o apagamento oficial do nome, e talvez da sua história. Ela não é mais um elemento administrativo tangível, mas sim uma série de elementos distintos - todos submetidos à Administração central senegalês - e cuja junção não é mais tão perceptível no papel. Dito de outro modo, atualmente nenhuma região do Sudoeste carrega o nome de Casamansa como já foi para a região de Ziguinchor até 1984.

Mas historicamente a Casamansa e os casankoolu, uma criação ocidental, portuguesa, não deixaram de existir desde então. Socialmente, no entendimento dos *Sulistas*, dos *Nortistas*, dos políticos, dos fardados do Estado ou dos combatentes do MFDC, do PSE e da instituição que é o Presidente da República do Senegal, a existência da Casamansa e de casankoolu não surpreende ninguém, muito pelo contrário, ela é geralmente lembrada³²⁹. Esta existência social encontra basicamente sua força em questões históricas, sociais, culturais e políticas. Sendo um território do qual o Movimento das Forças Democráticas de Casamansa reivindica expressamente sua independência do Senegal desde 1982³³⁰, entrando num conflito

³²⁹ Como por lapso, alguns presidentes da República deixaram sugerido que a Casamansa não faz integralmente parte do Senegal, um, Léopold Sédar Senghor, em 1978, outro, Macky Sall, em 2019. Quanto aos fardados do Estado, a Casamansa acabou sendo o campo prático nacional de sua formação recebida em Bango, pelo menos é o que deixam transparecer algumas falas. Para os Combatentes e dirigentes das alas política e militar do MFDC, a Casamansa é um país que deve tomar sua independência. “Em Dakar, os senegaleses do nord englobam numa comum representação as populações da Casamansa, que constituem para eles, à semelhança das representações do colonizador francês, sua alteridade.” (SENE et FAYE, [2019], p. 223. Tradução nossa). Observações diretas e alguns trabalhos de transcrição que efetuei me permitiram perceber que, quando não se sentem monitoradas, pessoas comuns, Nortistas e Sulistas, se referem uns aos outros como se pertencessem a mundos e civilizações distintos: A Casamansa e o Senegal. Isto apesar da atual mistura profunda entre pessoas destes territórios que constituem o Senegal desde 1960, e da expressão constitucional e popular que diz que “O Senegal é um e indivisível”.

³³⁰ De acordo com um responsável do MFDC, entrevistado em 01/05/2022, a reivindicação da independência já era feita pelo MFDC desde sua criação em 1947. Ele não é desmentido pela Caroline Roussy (2021, s/p.) quando fala que “Muito ativo e em busca de vias de sua independência, este movimento foi amplamente

armado a partir de 1983, como sugerem Musila (2015) e um responsável do MFDC³³¹, que afirma que na segunda manifestação, certos manifestantes estavam preparados para a eventualidade de confronto³³². Desta manifestação resultou *um verdadeiro banho de sangue*, com oficialmente 24 mortos, e entre 50 e 200 mortos de acordo com estimativas não oficiais (Foucher, 2002).

No meio da década de 1980, observou-se a divisão da Casamansa. Esta é ora associada à estratégia do Estado senegalês que consistiria em “dividir para reinar”, ou seja, com a divisão da Casamansa em duas regiões³³³, uns entendem - e é o caso de Labrune-Badiane (2010) e do historiador Mohamed Lamine Manga³³⁴, que o Estado senegalês almeja, por este meio, abafar as pretensões independentistas do MFDC³³⁵, e assim garantir sua unidade e

instrumentalizado pelo general De Gaulle” (Tradução nossa). A pesquisadora ainda assinala que foi revelado pela historiadora Séverine Awenengo Dalberto que, “já em 1958, surgiram suspeitas de desejos de autonomia da Casamansa com relação ao resto do Senegal” (2021, s/p. Tradução nossa). “A ideia de uma autonomia da Casamansa havia atravessado o imaginário etnocêntrico dos administradores e colonos de Casamansa, particularizando a região com relação ao resto da colônia do Senegal. Ela foi transmitida algumas vezes às elites africanas locais” (AWENENGO DALBERTO. 2010, p. 137. Tradução nossa). Foucher (2002) assinala que alguns dos textos do MFDC localizam os primeiros sinais de reivindicação de autonomia entre 1914 e 1918. ‘*A ideia de uma identidade da Casamansa separada do Senegal se desenvolveu pela primeira vez*’ no município de Ziguinchor, formulada por *Branços e mestiços portugueses* que não a vincularam à *identidade cultural, étnica ou histórica*. O referido entrevistado afirma que a reativação do MFDC não é uma criação de um novo movimento, e já estava em curso desde a década de 1970. Foucher fala de um movimento separatista estruturado *no fim dos anos 1970 e início dos anos 1980 e que buscou apoios populares e proteções ‘místicas’ necessários para suas ações, obtendo certo sucesso junto às Usana* [‘variações urbanas, de agrupamentos de mulheres, que os Senegaleses ainda chamam, como seus colonizadores, de ‘fêtições’ ou ‘bois sacrés’”] (FOUCHER, 2007, p. 62-63) em vez de *ukin*. Nas palavras de um entrevistado referido por Tomàs (2022, p. 113), um pequeno grupo de homens iniciam a organização a partir de 1979 até 1980, implicando as mulheres após conclusão da preparação da parte mística. Mas para Roche, após sua criação o MFDC «acreditou que o *Bloc démocratique sénégalais* (BDS) fundado em 1948 por Léopold Sedar Senghor levaria em conta suas aspirações. Mas este último decepcionou seus membros mais extremistas. Eles fundaram em 1982 um movimento independentista que retomou a sigla do movimento de 1947 e que é dirigido atualmente pelo abade Augustin Diamacoune Senghor, de origem flup (Roche, 1998, p. 115). Augustin Diamacoune Senghor *foi o principal produtor da narrativa independentista com Mamadou ‘Nkrumah’ Sané (re)fundador do MFDC em 1982 e atual chefe da ala exterior* (Awenengo Dalberto, 2010, p. 139. Tradução nossa). O MFDC não é um movimento étnico nem confessional, pois nele estão presentes pessoas de outras etnias e das religiões muçulmana, cristã e animista (Ver Ba e Yacine, 2020; Sadatchy, 2011; Tomàs, 2022; Foucher, 2002). Tampouco o é a crise na Casamansa, que resulta do engajamento de várias etnias (Bodian, 2018; Ba e Yacine, 2020). “A etnicidade não explica nada”, diz Marut em entrevista (Cf. TV5 Monde. *Histoire – La Casamance, une zone en conflit de longue date. Une page de l’histoire racontée par Jean-Claude Marut*. 09/01/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2r7B8hVU4D4>

³³¹ Entrevistado em 01/05/2022.

³³² Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=8VXJUEBEqnY>

³³³ Este ato administrativo *teria provocado o sentimento de revolta dos casankoolu, cuja leitura da nova divisão político-administrativa do Senegal foi, desde logo, a de uma tentativa de Dakar no sentido de fracturar a identidade da Casamansa para melhor a assimilar a longo prazo, «senegalizando-a»* (FADUL, 2002, p. 5).

³³⁴ Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=8VXJUEBEqnY>

³³⁵ “Desde 1984, para conter as intenções independentistas do Movimento Democrático das Forças de Casamansa, o Estado senegalês dividiu a região em duas: Ziguinchor e Kolda.” (LABRUNE-BADIANE, 2010,

integridade territorial³³⁶ nacionais e sua autoridade em todo o país, ora relacionada às “políticas de descentralização” (Fadul, 2002; Gueye, 2020, p. 3) de 1987 (Gueye, 2020, p. 3), que vinham sendo aplicadas³³⁷, inclusive na Casamansa, onde Ziguinchor era, até 1983, a *capital regional* e, como mostra Trincaz (1984, p. 8), *representava a alta esfera administrativa e judiciária da Casamansa*.³³⁸

De acordo com as estimativas da *Agence Nationale de la Statistique et de la Démographie* (ANSD) para 2021, as três regiões de Casamansa somaram 2.146.872 habitantes num total nacional senegalês estimado a 17.215.428 habitantes.

Quadro 8 - População e superfície de Casamansa por região (projeções 2020 e 2021)

Região	População				Superfície em Km ²	%
	2020	%	2021	%		
Ziguinchor	683 955	4,1	706.554	4,1	7.339	3,7
Sédhiou	572 101	3,4	591.970	3,4	7.330	3,7
Kolda	822 003	4,9	848.348	4,9	13.771	7,0
Casamansa	2.078.059	12,4	2.146.872	12,4	28.440	14,4
Total nacional	16.705.608	100	17.215.428	100,0	196.712	100,0

Fonte: Elaboração nossa a partir de dados da ANSD/Projections 2021

Para falar do aspecto linguístico, reitera-se primeiro que a população da Casamansa, e de cada uma das regiões que a formam, é composta de diversas etnias. Conseqüentemente, a região histórica é composta de diversas línguas e culturas africanas - muitas delas internacionais, considerando a geografia atual³³⁹ – já que, normalmente, a cada etnia uma

p. 29. Tradução nossa), e desde 2008 em três: Ziguinchor, Sédhiou e Kolda (cf. ANSD/SRSD-Z, 2018; 2019; 2021).

³³⁶ O Artigo primeiro da constituição de 1959 diz o seguinte: *O Senegal é um Estado republicano, indivisível, laico, democrático e social. Ele tem como nome ‘República do Senegal’* (Ver Kebe et al., 2021a, p. 28. Tradução nossa).

³³⁷ Reiteremos que não é somente a Casamansa que sofreu a divisão administrativa pelo Estado senegalês, no entanto, sua primeira divisão ocorre um ano após o primeiro aniversário do massacre de manifestantes que reivindicavam a independência na capital de Ziguinchor em 1982, ou seja, pelo menos quatro anos antes da data referida por Gueye (2020).

³³⁸ Apesar destas divisões administrativas, a região de Ziguinchor continua sendo a mais importante econômica e politicamente da Casamansa e segue sendo considerada como a sua capital.

³³⁹ A internacionalização de várias línguas da Casamansa, e da África em geral, se deve à configuração geográfica imposta ao continente africano pelos europeus entre 1884 e 1885 em Berlim. A título de exemplo, praticamente todas estas línguas: balanta, flup, pular, mancanha, mandinka são faladas tanto em Gâmbia como no Senegal, na Guiné-Bissau e no Mali. É nesse sentido que Bodian (2018) fala que o povo diola, povo de Casamansa, é transnacional na medida em que sua presença é “registrada tanto na Gâmbia, no Senegal quanto na Guiné Bissau” (BODIAN, 2018, p. 32).

língua e uma cultura que levam o mesmo nome. A guisa de complemento, cita-se os Bambara, Bassari, Soninké, (Senghor, 2018). Manga (2012) afirma que de “Gulumbu até Diogué coabitam os Bandiaranké, [...], Wolof, Sereer, sem contar os Pepel, Monodj... que vieram da Guiné-Bissau” (p. 29. Tradução nossa). Labrune-Badiane (2009) ressalta a importância do amplo uso da língua crioula, derivada do português com línguas africanas, em Ziguinchor, a capital regional da Casamansa (Ngom, 2017a).

Em Desmarchelier (2001), afirma-se que a conservação das línguas e culturas da Casamansa é devida à sua *separação geográfica e política*. Essa diversidade étnica³⁴⁰, e linguística da qual é geralmente acompanhada, não é algo específico à Casamansa e a cada uma de suas regiões, pois, para Senghor (2018) “é o caso da maioria dos países africanos”. Este autor ainda informa que “80% da população [de Casamansa] é constituída por *Joola, Mandinkoolu e Fula/Pullo/Fulbe*³⁴¹. 20% desta população [é composta pelas demais]. Os Diola são majoritários, representam 60% [do total]”³⁴² (SENGHOR, 2018, p. 13. Tradução nossa). Entretanto, a repartição étnica no território oficialmente reconhecido como Casamansa mostra o predomínio de uma ou outra delas na *Basse, Moyenne ou Haute Casamance*³⁴³. Assim, a parte oeste, a *Baixa Casamansa*, que é a Região de Ziguinchor (Sane, 2017, Awenengo Dalberto, 2010; Foucher, 2002), é denominada de *pays Diola* (Foucher, 2002; Bonnefond e Loquay, 1985; Trincaz, 1984; Pélissier, 1958), sua parte central, a Média Casamansa, que corresponde atualmente à região de Sédhiou (Seck, 1955; Sane, 2017), de *Pays Mandingue* (Bonnefond e Loquay, 1985; Nguyen-Van Chi – Bonnardel, 1971; Pélissier, 1958), e seu Leste, a Alta Casamansa, atual região de Kolda (Seck, 1955; Sane, 2017), de *pays Peul* ou região do *Fuladu* (Bonnefond e Loquay, 1985; Guèye, 2005; ANSD/SRSD-K, 2019; Ngom, 2020).

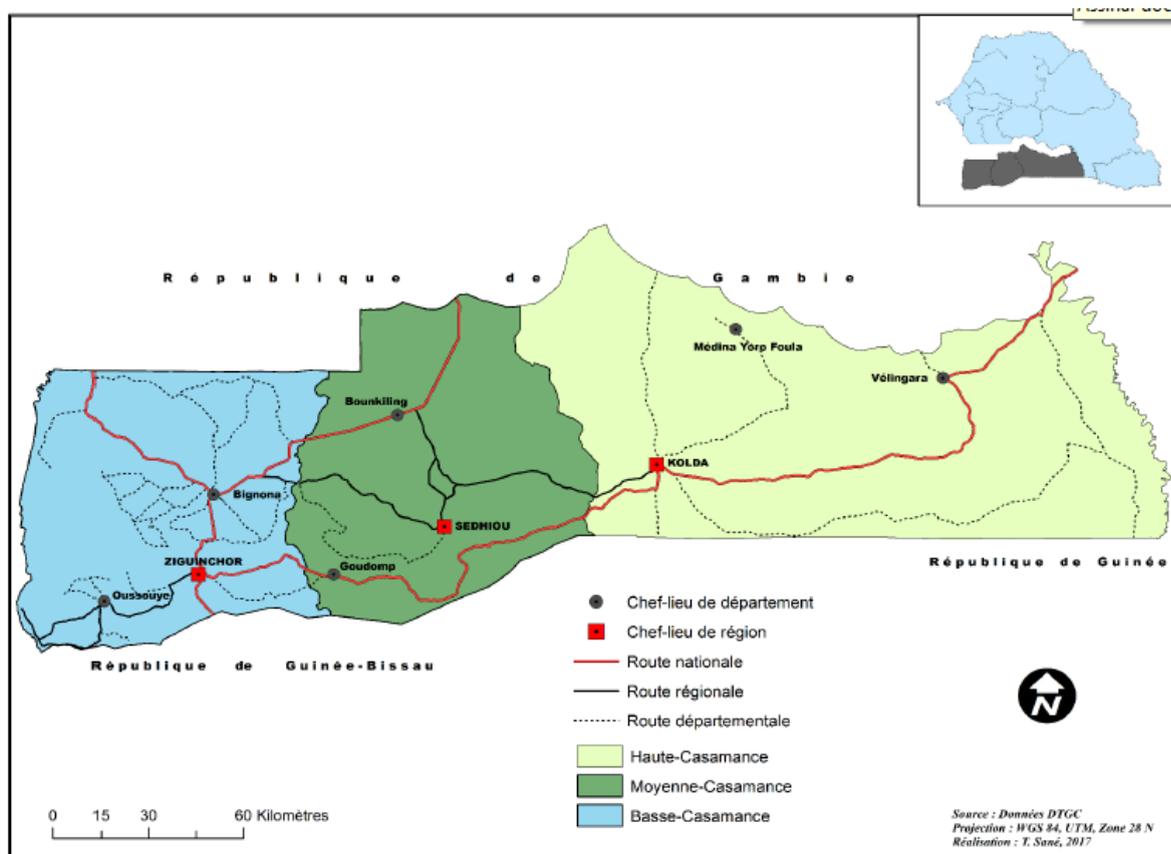
³⁴⁰ Nossa pesquisa permitiu perceber a diversidade étnica na emigração internacional de casankoolu, em particular. Os dados do ESAM-II (2004) citados por Willems (2008) indicam que entre os emigrantes senegaleses há em termos percentuais, respectivamente mais Wolof, Pulo, Sereer, Diola, Soninke, Madinkolu.

³⁴¹ As línguas faladas por estas nações foram homologadas e codificadas. «Ao lado da língua francesa, ‘língua oficial’, do país, seis línguas principais que são: diola, mandinka, pulo, serer, soninke e wolof, bem como o árabe foram homologadas e codificadas» [...] A alfabetização em língua nacional é [...] mais frequente no departamento de Oussouye com 21,6% da população de 10 anos e mais sabendo ler e escrever em uma língua nacional (ANSD.RGPHAE.2013, 2017a, p. 45-46).

³⁴² A composição étnica geral pode variar substancialmente quando se observa este aspecto por região ou localidade sulinas. O estudo de Labrune-Badiane aponta que em 1866 “Os Mandinkoolu, geralmente agricultores [já eram] majoritários nesta parte da Casamansa” (LABRUNE-BADIANE, 2010, p. 36).

³⁴³ Baixa, Média e Alta Casamansa.

Mapa 9 - Organização espacial da Casamansa: Baixa, Média e Alta Casamansa



Fonte: T, Sané, 2017, p. 39.

Nestas duas últimas regiões, é sugerido que os Mandinkoolu e os Fula são respectiva e logicamente a maioria, mas convivem com povos falantes de outras línguas (Ngom, 2020; ANSD/SRSD-K, 2019; Bonnefond e Loquay, 1985; Nguyen-Van Chi – Bonnardel, 1971; Pélissier, 1958). Em suas palavras, Bonnefond e Loquay (1985) dizem o seguinte:

ao Leste a **Alta Casamansa** sudaniana é o domínio dos **Fula** sedentários e agricultores de milho e criador de animais para os quais o arroz é um produto de subsistência secundário [...], ao Centro em **Média Casamansa**, na [região, então] departamento de Sédhiou, **Mandinkoolu e Balanta** instalados em cada lado do rio Casamansa cultivam arroz em pequenos vales [...], ao Oeste, em **Baixa Casamansa** os agricultores **diola** têm reputação pelas suas técnicas muito elaboradas de manejo em arrozais de áreas de mangue [...]. Paul Pélissier fala a respeito deles de ‘autêntica civilização do arroz’ (BONNEFOND e LOQUAY, 1985, p. 10. Tradução e grifo nossos)³⁴⁴.

A importância que os Diola davam a seus arrozais aparece também na literatura. Para Schwarz-Bart (1972) é certo que as vacas eram muito importantes, mas sobretudo seus “arrozais conhecidos e apreciados em toda a África do Oeste”. A respeito das ferramentas da

³⁴⁴ Sendo mais genéricos, Sy e Sane (2008) reconhecem que “A rizicultura [é o] fundamento da civilização agrícola da Baixa Casamansa” (p. 587).

agricultura em *pays diola*, Louis-Vincent Thomas entende que, embora não tenha inventado nem o arado nem a roda, “mas dados os meios técnicos³⁴⁵ que desenvolveu, [o Diola] consegue obter colheitas suficientes para garantir sua existência e inclusive acumular em seus celeiros reservas quase inesgotáveis” (LOUIS-VINCENT, 1958, p. 103. Tradução nossa).

Constituir maioria não significa exclusividade étnica em seja qual for o aspecto considerado na Casamansa. Esta região histórica é pluriétnica (Ba e Yacine, 2020; Manga, 2012; Seck, 2005). Sua rica composição social levou Manga (2012) a ressaltar que esta seria uma particularidade sua no Senegal. “A Casamansa é a única região do Senegal onde se encontram pelo menos uma dezena de grupos étnicos, mas também um espaço onde se expressa um multilinguismo³⁴⁶ forte e fundador de uma solidariedade intra regional” (MANGA, 2012, p. 29. Tradução nossa). Acrescenta-se que, fora Dakar, a Casamansa é a região mais cosmopolita (Seck, 2005)³⁴⁷ do Senegal. Este cosmopolitismo é retratado na canção *Casalé* da banda Touré Kunda³⁴⁸. A Associação CasaEspoir, fala de *valores seculares da Casamansa*, definindo-a como *lugar em que noções de Desenvolvimento Sustentável, de Tolerância, de igualdade Homem/Mulher e do viver juntos são inatas entre as populações*. Ela acrescenta que a Casamansa é *um dos únicos lugares onde há cemitérios mistos, comuns a todas as religiões*³⁴⁹.

3.3.2 A região de Ziguinchor: Geografia, administração, diversidade etnico-linguística e economia

A região de Ziguinchor, ao extremo Sudoeste senegalês (Sane, 2017; ANSD.RGPHAE.2013, 2017a) é detentora de uma área vasta de “7.339km², ou seja 3,73% do

³⁴⁵ O *Kajandu* é por excelência o instrumento agrícola dos Joola.

³⁴⁶ O mundo da música é um campo em que se observa este multilinguismo. Mesmo cantando predominantemente em um dos idiomas da região, as bandas costumam incluir outras línguas nacionais em suas letras musicais.

³⁴⁷ O caráter cosmopolita da Casamansa já havia sido registrado desde o começo do século 16 por Valentin Fernandes, quando disse: “neste reino, há uma mistura de todas as raças como os Mandinkoolu, os Fulupes/[Joola] e os Balagas/[Balanta]” (TRINCAZ, 1984, p. 14. Tradução e grifo nossos). Este cosmopolitismo socio-cultural, e também religioso, em particular de Ziguinchor, é mencionado pela CZ (2018). *A especificidade da Casamansa* também está na “sua situação periférica e seu isolamento com relação aos pólos essenciais de atividade”, em particular com Dakar. Esta região faz fronteira com três países, um dos quais *anglófono ao Norte e que a separa do resto do Senegal atrapalhando as comunicações* (BONNEFOND e LOQUAY, 1985, p. 8. Tradução e grifo nossos), os demais oficialmente lusófono ou francófono.

³⁴⁸ Ver Touré Kunda *Casalé* <https://www.youtube.com/watch?v=3FYJ74rHrV8>. Ver também Touré KUNDA - Doc. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Zd7MI8u_wk

³⁴⁹ Ver CasaEspoir: Disponível em <<http://casaespoirs.org/>>.

território nacional e faz fronteira ao Norte com a República de Gâmbia, ao Sul com a República da Guiné-Bissau, ao Leste com [a região de Sédhiou³⁵⁰] e ao Oeste com o Oceano Atlântico” (ANSD.RGPHAE 2013, 2017a; ANSD/SRSD-Z, 2018; 2019; 2021. Grifo nosso). Dividida administrativamente³⁵¹, ela “é composta de 3 departamentos (Bignona, Oussouye e Ziguinchor), 8 *arrondissements*, 30 comunas e de aproximadamente 502 vilarejos” (ANSD/SRSD-Z, 2018, p.19; 2021, p.17. Tradução nossa). Bignona é, de longe, seu maior departamento em extensão. A maior autoridade de Ziguinchor, à semelhança das demais regiões, é o governador, que é nomeado pelo presidente da república. O mesmo vale para os prefeitos e subprefeitos que são os designados respectivamente como administradores dos departamentos e dos *arrondissements*³⁵².

Esta região não é a mais populosa³⁵³ nem a mais vasta³⁵⁴ da chamada região natural da Casamansa, em progressiva devastação. Ela ocupa a segunda posição nos dois aspectos, atrás da região de Kolda. De acordo com as estimativas da *Agence Nationale de la Statistique et de la Démographie* (ANSD) para 2020 e 2021, a região de Ziguinchor teria, respectivamente, 683.952 e 706.554 habitantes³⁵⁵.

³⁵⁰ Ao Leste, a região de Ziguinchor fazia fronteira com a região de Kolda (ANSD/SRSD-Z, 2005), mas a partir de 2008 ela faz fronteira **apenas** com a região de **Sédhiou** ao Leste (cf. **Mapas 6**).

³⁵¹ Todas as regiões do Senegal são divididas administrativamente em departamentos, cada departamento comporta uma ou várias comunas e um ou vários *arrondissements*, cada *arrondissement* é dividido em comunidades rurais

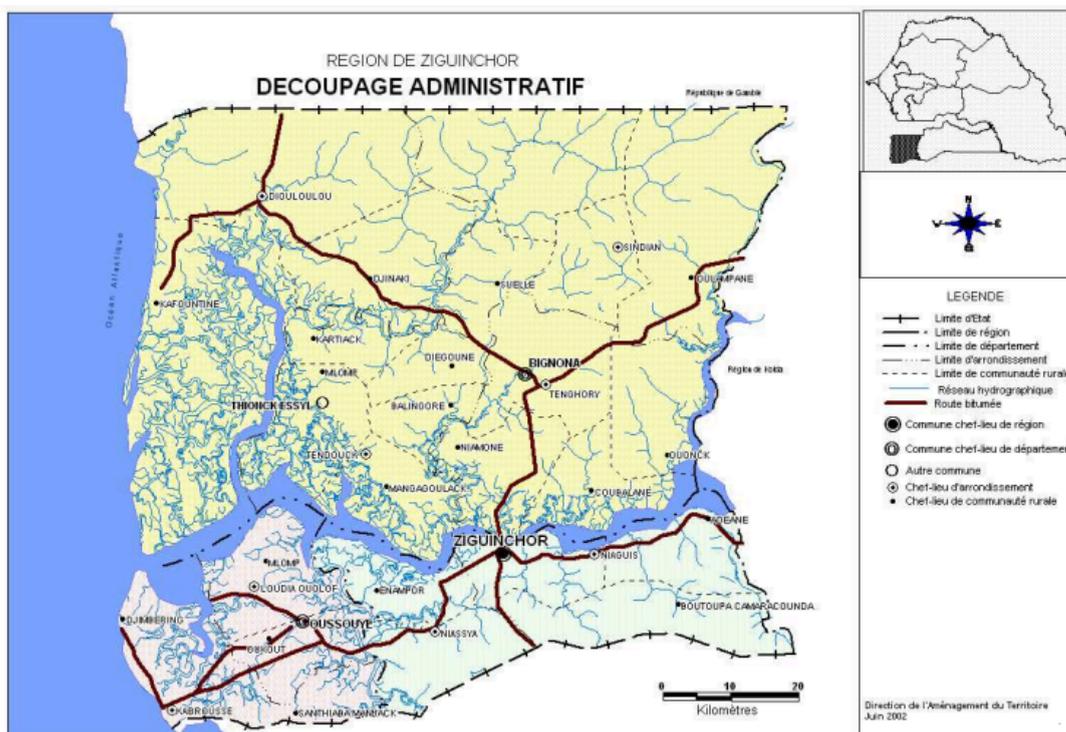
³⁵² Cf. *Ministère de l'Intérieur* (sec.gouv.sn). Nota-se que os atuais dirigentes das comunas (*Mairies*) do Senegal foram todos eleitos no começo de 2022 ao sufrágio universal direto.

³⁵³ Ver Quadro 8

³⁵⁴ Dados da ANSD indicam que a região de Kolda, com uma superfície de 13.771 Km², é a maior, seguida pela de Ziguinchor, com 7.339 Km². <https://www.ansd.sn/>

³⁵⁵ <https://www.ansd.sn/>

Mapa 10 - Divisão administrativa de região de Ziguinchor: os três departamentos



Fonte: Departamento de Planejamento Territorial (2002). In: ANSD/SRSD-Z, 2011, p. 1

As publicações ANSD.RGPHAE 2013, (2017a), Sane (2017) e Tomàs (2022) indicam que à semelhança da Casamansa, a *Baixa Casamansa* - “apesar da predominância dos Diola” - “é rica de uma grande diversidade étnica e cultural”, sendo assim *uma* das mais cosmopolitas do Senegal. Sane (2017) cita Marzouk-Schmitz para quem “a população da *Baixa Casamansa* forma um verdadeiro mosaico étnico na medida em que todas as populações do Senegal estão nela representadas, o que está longe de ser o caso no resto do país” (SANE, 2017, p. 51. Tradução nossa), com exceção de Dakar (Seck, 2005). Para Sane (2017), este cosmopolitismo teria iniciado no século XIX até quando os “Diola constituíam, com os e Baïnunk, a quase totalidade da população da Baixa Casamansa” (SANE, 2017, p. 50. Tradução nossa).

A tabela a seguir apresenta o caso da diversidade da então capital de Casamansa uma década antes e uma depois do reconhecimento da soberania internacional do Senegal. São pelo menos 10 etnias que compartilham a cidade de Ziguinchor. Nos dois anos considerados (1951 e 1970), os Diola passaram de quase um terço para 42% da população. Os manjaco representaram 4% no primeiro ano e 8,5% no segundo, ou seja, um aumento percentual muito maior que o observado entre os Diola. Os Sereer tiveram 2,8% e 2,9% respectivamente. Somente estes três grupos étnicos registraram alta percentual, embora houvesse crescimento

numérico em todos os citados com dados disponíveis. Para todos os demais, a porcentagem diminuiu. De 367 (2,3%) em 1951, o número de europeus aumentou para 500, porém sua porcentagem caiu para 0,7%.

Tabela 2 - O povoamento étnico de Ziguinchor em 1951 e em 1970

	1951	%	1970	%
[(Valores aproximativos)]				
Diola	4 749	30,4	30 000	42
[Bainunk]	362	2,3	1 200	1,7
Mandjak	627	4	6 000	8,5
[Mancanhe]				
Balant	750	4,8	3 000	4,2
Manding	2 345	15	10 000	14,3
Wolof	2 492	16	6 000	8,5
Serer	441	2,8	2 000	2,9
Toucouleur	540	3,4	2 000	2,9
[Fula]	1 169	7,4	4 500	6,4
[Europeus]	367	2,3	500	0,7
[Diversos]		14		7

Fonte: Trincaz, 1984, p. 67. Grifo nosso.

Quarenta a cinquenta anos depois, as etnias africanas que se destacam são: “a etnia Diola (57,8%) que é majoritária, os Mandinkoolu (11,10%), o grupo Fula (10,5%), os Wolof (3,9%), os Mandjaku (3,5%), os Balanta (2,9%), os Sereer (2,70%) e os Mancanhe (2,4%)” (ANSD.RGPHAE 2013, 2017a, p. 15. Tradução nossa). Tratando-se de uma realidade em constante dinâmica, estes dados apresentam algumas mudanças em relação a 2005. “Mais da metade da população [da região de Ziguinchor] é constituída pela etnia diola (61%); vêm depois as etnias mandinka (9%), fula (9%), wolof (5%), mandjaku (4%), mancanhe (3%), balanta (2%), sereer (2%), outros (5%)” (ANSD/SRSD-Z, 2005, p. 3. Tradução nossa). Esta diversidade, que também é linguística, ainda se manifesta plenamente na *Baixa Casamansa* e levou o ex-presidente Léopold Sédar Senghor³⁵⁶ e o pesquisador Sane (2017) a dizerem que *Ziguinchor é uma terra de passagem, de encontros, de mistura étnica e de trocas*.

³⁵⁶ Ver ANSD/SRSD-Z, 2005, p. 3.

A paisagem das línguas na Casamansa, nas demais partes do Senegal, e no mundo, não é estática. No entanto, na Casamansa a diversidade de línguas ainda é uma realidade, apesar de mudanças observáveis no comportamento linguístico dos cidadãos, especialmente nos últimos tempos. O número de falantes de determinada língua pode aumentar ou diminuir de uma década para outra³⁵⁷. Importa destacar que nas últimas décadas - e esta tendência parece ter se acirrado nos últimos anos – se observa um declínio no uso das três principais línguas da Casamansa em proveito da língua wolof, não só no espaço público, mas também no seio das famílias, nas relações interpessoais, mesmo entre pessoas de uma mesma etnia que têm domínio de sua língua materna, não sendo essa a língua wolof³⁵⁸.

É dentro desta conjuntura que hoje o pertencimento ao Senegal daqueles compatriotas que não falam ou não dominam esta língua – que é uma entre várias outras do país, como registra a *Lei constitucional n° 78-60 de 28 de dezembro de 1978*, que amplia o Artigo Primeiro da constituição de 1963 – é muitas vezes questionado. A citação a seguir ilustra tal abuso social, que distorce a Constituição da República.

“Eu vinha de Casamansa, meu wolof não era tão bom, então quando falava com pessoas que vieram de Dakar, me sentia afastado, porque é como: ‘Ah, você não é senegalês’. Claro que sou senegalês! Não é porque falo mal wolof que deixo de ser senegalês” (Yayi Anta, entrevistado em 21/11/2021)³⁵⁹.

³⁵⁷ Uma dinâmica similar pode-se observar na religião.

³⁵⁸ Como observador atento, leitor de trabalhos acadêmicos relativos à questão das línguas faladas no Senegal e falante de algumas delas, ouvi recentemente um compatriota, que se define etnicamente como Lebu, altamente qualificado, residente no Brasil afirmar: “pessoas de outras etnias devem falar suas línguas no grupo”, do qual eu fazia parte. Em outro momento o mesmo disse: “Se estas línguas [as outras do país] não se expandem é porque são fechadas, não adotam palavras de outras”. Ele acrescenta que “A língua wolof é falada pela maioria porque é aberta, adota palavras dos Pulo, Sereer, Mandinkoolu, etc.”. Fiquei espantado com este misto de coragem, desconhecimento e superficialidade, já que ele mesmo revelou que não fala nenhuma das línguas ditas “fechadas” do país. A expansão do wolof é, na verdade, fruto de uma política institucional, que se baseou na herança colonial mal disfarçada, e na sua ampla cota na *Radio Télévision du Senegal* desde o início dos anos 1960. A isto, deve-se acrescentar a wolofização do Estado, à qual, segundo Roussy (2021), Senghor participou, por motivos eleitorais, já no final dos anos 1970. O papel da mídia privada nos últimos 15 anos não é secundário neste processo. A proliferação de jornalistas ativistas que passam boa parte do tempo cobrando que as pessoas convidadas falem wolof que nem eles falam é outro fator que ajuda a entender esta wolofização que conta com o silêncio e a adesão alienante de falantes de outras línguas nacionais.

³⁵⁹ O predomínio da língua wolof em escala nacional não pode ser entendido sem considerar: a colaboração em tempos coloniais posteriores à dita “pacificação” de grande parte do Senegal conhecido hoje; a herança colonial; as decisões políticas sobre as línguas nacionais no pós-independência e o papel da mídia televisiva desde 1963 quando se criou a RTS, bem como a postura linguística das elites políticas, econômicas, religiosas, militares, culturais, desde os anos 1960 e 1970.

3.3.2.1 - Aspectos econômicos

Vimos em Trincaz (1984) que o que atraiu os Portugueses no século XVII para Casamansa era especialmente suas riquezas. Séculos depois da posse da Casamansa pelos Franceses, Mbaye (2011), Marut³⁶⁰ e Sadatchy (2011) a citam como a mais rica ou uma das mais ricas do Senegal. Quanto a Trincaz (1984) e Sane (2017), eles descrevem a região de Ziguinchor como bastante rica em potencialidades. Portanto, há séculos que populações estrangeiras à região são atraídas pela sua riqueza e variedade de recursos naturais. Conforme mostram as edições de 2010; 2015; 2016 e 2019 da *Situation Économique et Sociale Régionale* (SESR) de Ziguinchor, da *Agence Nationale de la Statistique et de la Démographie* (ANSD), esta região “dispõe de fortes potencialidades econômicas favoráveis à sua emergência”³⁶¹.

Certas edições da SESR indicam que “As principais atividades econômicas [da região de Ziguinchor] são a agricultura, a pesca e o turismo” (ANSD/SRSD-Z, 2018; 2019; 2021. Tradução nossa). A indústria é a grande ausente, como setor econômico relevante da região de Ziguinchor, nestes relatórios da ANSD relativos a Ziguinchor. Este ramo da atividade econômica é visto por Trincaz (1984) como embrionário, por envolver na época menos de 1.000 trabalhadores, dos quais 60% eram empregados permanentes. É preciso, entretanto, citar a pecuária como atividade importante da região. Estas atividades fazem parte daquelas listadas no *Plan Sénégal Emergent* (PSE), como importantes para tornar o Senegal um país emergente até 2035 (Ver RS, 2014; Boidin, 2019).

3.3.2.1.1 - Agricultura

A respeito da aptidão da região de Ziguinchor à agricultura, pode-se dizer que há unanimidade numa série de publicações (LOUIS-VINCENT, 1958; ANSD/SRSD-Z, 2005; 2011; 2018; 2019; 2021). No tocante aos cereais, são cultivados principalmente arroz, milheto (painço, *balut*), sorgo (*basít*)³⁶², e milho verde (tubañó, etubaña) (ANSD/SRSD-Z, 2021, grifo nosso). Esta unidade administrativa regional é uma grande produtora de arroz. Nela nasceu e

³⁶⁰ Cf. TV5 Monde. *Histoire – La Casamance, une zone en conflit de longue date. Une page de l’histoire racontée par Jean-Claude Marut.* 09/01/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2r7B8hVU4D4>

³⁶¹ Veremos adiante se estas potencialidades da Casamansa promovem bem-estar e riqueza a seus habitantes.

³⁶² O milhete e o sorgo, assim como o amendoim são, de acordo com Louis-Vincent (1058), cultivo de origem estrangeira à Baixa Casamansa.

se consolidou, como já apontado, uma *autêntica civilização do arroz, voltada para a exploração de terras inundáveis*, desenvolvida pelos Diola antes da *chegada dos Portugueses nas costas da África e muito antes que se exerça qualquer influência europeia ou asiática* (PÉLISSIER, 1958, p. 335. Tradução nossa) sobre os casankoolu. No mesmo sentido, Sane (2017) e Sy e Sane (2008) reconhecem a rizicultura como fundamento do povoamento e da civilização agrícola da *Baixa Casamansa*.

Contudo, em meados dos anos 1980, Trincaz (1984) sugere a inexistência de estoques deste cereal na Casamansa ao indicar que a região produzia, nas melhores condições, 110.000 toneladas de arroz *paddy*, ou seja, três quartos da produção total senegalesa, mas ainda assim, importava 10.000 toneladas para completar sua demanda interna. Se antigamente o arroz era estocado por anos, Sy e Sane (2008) assinalam o dominante consumo daquele importado em *pays Diola* nos dias atuais. Para estes autores a queda na produção de arroz na região de Ziguinchor está relacionada, entre outras questões, à emigração permanente de jovens para Dakar, Banjul ou para a Europa. Apesar disso, ANSD/SRSD-Z (2021) indica que em 2019, Ziguinchor foi responsável por 14% das 200.000 toneladas produzidas no Senegal³⁶³. No entanto, a mesma fonte assinala que, com relação ao ano 2017/2018, na campanha agrícola 2018/2019 houve diminuição de 4% na área cultivada, e de 2% na produção de arroz. O aumento respectivo da área plantada (em hectares) de 28% e de 72% e da produção (em toneladas) de 33% e 45%, respectivamente para o milheto e o milho verde entre 2017/2018 e 2018/2019 foi significativo.

Segundo Louis-Vincent (1958), o amendoim (*kukuyak/badiangatab*) teria sido introduzido, por imposição, no *pays diola*, “em meados do século XIX, ainda sob influência estrangeira³⁶⁴, exatamente na época em que o Islã invade o Fonhi” (LOUIS-VINCENT, 1958, p. 104. Tradução nossa). Inicialmente, ainda de acordo com este autor, sua produção atendia apenas o consumo local, mas diante da necessidade de liquidez para pagar impostos ao

³⁶³ Estas estatísticas sugerem uma melhoria na produção regional da Casamansa “que não exporta arroz [por ser] pelo contrário amplamente deficitária desde os anos 1970” (BONNEFOND e LOQUAY, 1985, p. 8). Em 2004 e 2005, o arroz representou respectivamente 26% e 24,5% das importações da região de Ziguinchor, perdendo o primeiro lugar pelo cimento, que em 2005 representou 59% de suas importações (Cf. ANSD/SRSD-Z, 2005, p. 105-106).

³⁶⁴ “Parece que foi um Francês, o industrial de Marselha JAUBERT, que por volta de 1835, que teria introduzido o cultivo do amendoim na Casamansa. Sendo que em 1939, 1.200 kg de grãos foram exportados pela primeira vez” (LOUIS-VINCENT, 1958, p. 104. Tradução nossa).

invasor, da negação em vender o arroz excedente por razões religiosas³⁶⁵ e da necessidade da França por produtos com alto teor de gordura (oleaginosas), em particular a partir de 1914, e mais ainda na Segunda Guerra mundial, leva os principais habitantes da *Baixa Casamansa* a dar mais espaço à produção do amendoim. Aliás, a indústria de azeite da *Société Électrique et Industrielle de la Casamance* (SEIC)³⁶⁶ foi criada em 1930 (Trincaz, 1984)³⁶⁷. Foi por volta de 1945 que se generalizou na região o cultivo do amendoim (Diallo, 2016).

Algumas décadas depois, os agricultores da região da Casamansa passaram a ter certa dependência deste produto comercial para ter dinheiro líquido. Como mostra a tabela a seguir, em 1972, o amendoim era um produto comercial importante na produção agrícola do Senegal. De um total de sete regiões do Senegal, a Casamansa era a segunda com maior população rural dependente de renda monetária decorrente da venda do amendoim³⁶⁸. A generalização desta dependência da economia nacional de particularmente dois produtos (amendoim e fosfato) destinados à exportação, levou Kassé (1990) a observar que se trata de um “sistema produtivo baseado em uma especialização na produção de matérias primas agrícolas e mineiros (...) [que] não são integralmente valorizados localmente, mas sim, vendidos nos mercados internacionais: é a extroversão³⁶⁹ das estruturas produtivas” (KASSÉ, 1990, p. 9. Tradução nossa)³⁷⁰.

³⁶⁵ Em 1941, a campanha de compra de mais de 642 toneladas de arroz pela sociedade de previdência enfrentou no começo uma resistência dos Diola acostumados com consumo da própria produção. Ela foi realizada à força pela administração, o que reforçou o mau humor e a contestação (Roche, 1998).

³⁶⁶ Uma empresa privada que contava com 400 trabalhadores, das quais 200 empregados permanentes, sendo a outra metade constituída de diaristas. Quanto à indústria de camarão, ela recorria ao trabalho de 800 casankoolu, dos quais 400 eram empregados permanentes nas usinas e os demais como diaristas (Trincaz, 1984).

³⁶⁷ A industrialização da então região da Casamansa estava - e está - muito aquém do potencial econômico que ela oferece. Apenas duas atividades: a agricultura, ligada ao amendoim, e a pesca, ligada ao camarão, merecem ser consideradas industriais (Trincaz, 1984; De Jonge et al., 1978). A *Société Ameger-Casamance, fundada e dirigida* por um cidadão de origem italiana, é citada como a principal (Trincaz, 1984). Em ambos os casos, estas atividades estão voltadas para atender - se não exclusivamente - especialmente os interesses estrangeiros, notadamente franceses (Trincaz, 1984; De Jonge et al., 1978).

³⁶⁸ O campo de De Jonge et al. (1978, p. 61) mostra que a renda obtida da venda do amendoim varia de uma localidade a outra, situando-se entre 9% e 60% do montante total recebido como renda monetária.

³⁶⁹ O segundo elemento da extroversão é a das *Estruturas de Consumo* generalização de um modelo de consumo da elite urbana que depende de significativas e onerosas importações de bens e produtos alimentares insuficientemente produzidos localmente para atender as necessidades de população em crescimento (KASSÉ, 1990).

³⁷⁰ Tudo indica que estaríamos diante do “pacto colonial” que, de acordo com (Ki-Zerbo, 2009, p. 25. Grifo nosso), ainda vigente, “queria [como imposição] que os países africanos produzissem apenas produtos em bruto, matérias-primas a enviar para o Norte, para a indústria europeia”. Em 2021 a ASEPEX informa que “A França é o primeiro parceiro comercial do Senegal. Nela, o Senegal beneficia da iniciativa ‘Tout Sauf les Armes’ da UE, qui fornece a base de seu acesso preferencial aos mercados da UE desde 1 de janeiro de 2008” (Ver a ASEPEX.

Tabela 3 - População rural dependente [de renda da venda] do amendoim (1972)

Régions	Population rurale
Cap Vert	26.700
Casamance	473.000
Diourbel	413.000
Fleuve	263.000
Sénégal Oriental	155.500
Sine Saloum	512.000
Thiès	305.700
Total	2.149.400

Fonte: Platon, 1974 citado por DE JONGE et al. (1978, p. 140. Grifo nosso).

Trata-se do principal produto agrícola³⁷¹ destinado à indústria. Ele é comercializado principalmente para a produção e exportação de óleo e de resíduos de grãos para animais. De acordo com Trincaz (1984), exportação do amendoim e outros produtos, predominantemente feita por barco em 1972, se fazia também pela estrada. Na tabela a seguir, vê-se que desde 1952, é exportado o amendoim e seus subprodutos.

Tabela 4 - Exportações de amendoim e de seus subprodutos desde Ziguinchor

EXPORTATIONS DE L'ARACHIDE ET DE SES SOUS-PRODUITS

ANNÉES	ARACHIDES EN COQUE (en tonnes)	ARACHIDES DÉCORTIQUÉES (en tonnes)	HUILE D'ARACHIDE (en tonnes)	TOURTEAUX (en tonnes)
1952	2 980	32 536	78	220
1953	1 000	34 204	?	?
1956	5 538	44 777	1 030	?
1958	10 395	46 483	6 855	9 377
1960	2 216	34 777	7 718	8 636
1961	?	52 502	9 005	15 586
1962	288	38 226	10 915	13 503
1963	158	31 566	14 455	13 631
1964	disparus	disparus	disparus	disparus
1965	?	24 795	17 956	20 621
1966	49	27 683	18 240	20 640
1967	483	27 371	19 330	22 970
1968	45	19 358	17 891	20 240
1969	1 599	16 935	17 475	22 534
1970	2 235	6 831	16 329	18 739
1971	16 570	6 469	10 885	14 900
1972	2 834	6 988	18 553	25 450

Source: TRINCAZ, Pierre Xavier. *Colonialisme et Régionalisme: Ziguinchor en Casamance*. Editions de l'ORSTOM. 1984, p. 82

Disponível em: <https://www.asepex.sn/senegal-export/>). Estes países somam 45, dos quais aproximadamente 30 eram africanos em 2019 (Ver *European Commission*. Tout sauf les armes. Disponível em: <https://trade.ec.europa.eu/access-to-markets/fr/content/tout-sauf-les-armes-tsa>).

³⁷¹ A orientação dos agricultores para a produção de amendoim foi imposta pelos invasores franceses. Trata-se de uma “consequência de uma integração nos circuitos econômicos internacionais, mais precisamente de **uma submissão às exigências da França** para fornecer ao consumidor francês óleo bem barato” (DE JONGE et al. 1978, p. 20. Grifo e tradução nossos).

De acordo com a ANSD/SRSD-Z (2005), houve queda das exportações da região de Ziguinchor em 2005. Esta “é atribuível à diminuição de dois produtos de exportação que são o óleo bruto e os resíduos de grãos destinados à alimentação animal” (2005, p. 105. Tradução nossa). A produção de amendoim, pela região de Ziguinchor, bem como a superfície destinada a este fim, aumentou em 17% entre 2009 e 2010, passando de 17.538 para 20.601 toneladas. Nesse período, a produtividade aumentou levemente (ANSD/SRSD-Z, 2011).

Quadro 9 - Produção de amendoim para indústria de óleo, segundo a superfície e o rendimento

Cultivo	Superfície			Produtividade (kg/ha)			Produção em Toneladas		
	2009	2010	Variação %	2009	2010	Variação %	2009	2010	Variação %
Amendoim de indústria	17741	20.695	17	989	995	1	17.538	20.601	17

Fonte: *Direction Régionale du développement rural (DRDR) de Ziguinchor*. In : ANSD/SRSD-Z (2011, p. 84). Adaptação nossa.

Dez anos mais tarde, a região apresenta os seguintes dados sobre sua produção de amendoim para a indústria (Cf. Quadro 10).

Quadro 10 - Produção regional de amendoim para indústria, segundo a superfície e o rendimento, 2017/2018-2018/2019

Especulações	Superfície em hectares			Produtividade (kg/ha)			Produção em Toneladas		
	2017/2018	2018/2019	Variação %	2017/2018	2018/2019	Variação %	2017/2018	2018/2019	Variação %
Amendoim de indústria	24346	24848	2	3755	4589	22	31021	36623	18

Fonte: DRDR *de Ziguinchor*. In: ANSD/SRSD-Z (2021, p. 62). Adaptação e tradução nossas.

Apesar do aumento na produtividade observável em 2018/2019 na região, é preciso registrar que, a nível nacional, a indústria de transformação de oleaginosas do Senegal, em particular a Sociedade Nacional de Comercialização de Oleaginosas do Senegal (SONACOS), primeira transformadora - que chegou a ser privatizada de 2005 até outubro de 2015, ano em que foi renacionalizada - já vinha enfrentando dificuldades para se abastecer em quantidade suficiente em amendoim, sua principal matéria-prima. Na campanha 2015-2016, frente à concorrência estrangeira, notadamente chinesa, ela pode comprar apenas 7.000 toneladas de grãos de 350.000 que tem capacidade de triturar. Parte da produção é vendida a negociantes

chineses até 250 Francos CFA³⁷², quando o preço fixado foi 210 F CFA, ou seja, 19% a menos naquela campanha³⁷³.

Gráfico 10 - Usinas paradas: capacidade e quantidades em toneladas, campanha 2015-2016³⁷⁴



No tocante à unidade da SONACOS de Ziguinchor, as mesmas dificuldades são observadas no começo da campanha de comercialização de 2020/2021 – quando o preço estabelecido do amendoim passou para 250 FCFA/kg - e atribuídas à concorrência desleal por parte de atores estrangeiros, que pagavam mais caro pelo quilo de amendoim³⁷⁵.

Na *Baixa Casamansa* se produz outros alimentos. Na região de Ziguinchor foram produzidas 72.339 toneladas de frutas entre 1992 e 2002, ou seja, em média 7.234 toneladas por ano. As três principais frutas são laranjas, mangas e limões, sendo as demais, tangerinas, toranjas, goiabas, abacaxis, mamães (Ver CRZ, 2005, p. 20). Cultiva-se mandioca (*sisaana*), batata doce, feijão (*kusaak*), hibisco (*kujes*), melancia, e se planta bananeiras, cajueiros e, de acordo com ANSD.RGPHAE.2013 (2017b, p. 13), junto com Kolda e Tambacounda,

³⁷² O Franco das Colônias Francesas da África (*F CFA*) nasceu oficialmente em 26 de dezembro de 1945, ao mesmo tempo que o Franco das Colônias Francesas do Pacífico (*F CFP*). Na época, a economia francesa estava em ruínas (SYLLA e PIGEAUD, 2021, p. 384. Tradução nossa). A sigla permanece a mesma: CFA, mas o nome desta moeda sofre alterações: Franco da Comunidade Francesas da África em 1958 e, no pós-independência, a dois significados: Franco da Comunidade Financeira da África, emitido pelo BCEAO e o Franco da Cooperação Financeira em África Central, emitido pelo Banco Central dos Estados da África Equatorial e de Camarões (BCEAEC) (Ver SYLLA e PIGEAUD, 2021).

³⁷³ Cf. Jeune Afrique : *Sénégal : Sonacos assure son approvisionnement en graines d'arachide*. 05/12/2016. Disponível em : <https://www.jeuneafrique.com/379812/economie/senegal-sonacos-assure-approvisionnement-graines-darachide/>

³⁷⁴ Cf. Jeune Afrique : *Sénégal : Arachide, l'état d'urgence*. 20/07/2016. Disponível em : <https://www.jeuneafrique.com/mag/340235/economie/senegal-arachide-letat-durgence/>

³⁷⁵ Cf. AGENCE ECOFIN: *Sénégal : L'usine de trituration d'arachides de la Sonacos de Ziguinchor est aux abois*. 03/12/2020. Disponível em : <https://www.agenceecofin.com/oleagineux/0312-83177-senegal-l-usine-de-trituration-darachides-de-la-sonacos-de-ziguinchor-est-aux-abois>

Ziguinchor fornece à capital Dakar *carvão de madeira, madeira de obras, e outros produtos florestais*³⁷⁶, sobretudo os produtos colhidos. Os produtos florestais/agrícolas que podem complementar a renda ou servir de alimento durante a estação seca são: “Óleo de dendê [*miitam*], vinho de palma [*bunuk*], mel [*mukum*], legumes” (De Jonge et al., 1978, p. 140. Grifo e tradução nossos). *Kupulunkut, Kubak, Sítas, Ejilay, Baneetetab, Sindipas, Sifembas, Sikompasas, Sirukas, Sirekas*³⁷⁷, colhidos, em geral na natureza, são destinados ao consumo doméstico das famílias³⁷⁸, e cada vez mais à comercialização no mercado departamental ou da capital nacional.

Os produtos marítimos e fluviais também serviam de complemento aos produtos agrícolas para os casankoolu (Nguyen-Van Chi – Bonnardel, 1971). Mas a pesca vai passar por mudanças, tornando-se uma atividade importante na região. Sua industrialização vai, no entanto, privar e encarecer produtos como o camarão para a população local (Trincaz, 1984).

3.3.2.1.2 - A pecuária

Embora esta atividade seja menos desenvolvida em Ziguinchor (ANSD/SRSD-Z, 2005) que em Kolda - que é “por essência uma região pecuária devido, em grande parte, a seu povoamento pela comunidade *fulbe* e à presença de pastos para a alimentação do gado durante praticamente o ano inteiro” (ANSD/SRSD-K, 2019, p. 66. Tradução nossa) -, em *Baixa Casamansa*, “fora o dromedário, quase todas as espécies animais domésticas estão presentes” (ANSD/SRSD-Z, 2005; 2021. Tradução nossa) e há, “apesar da presença da [mosca] *tsé tsé* nessa área húmida e florestal, um número significativo de cabeças de gado, fonte de prestígio e de garantia de fecundidade dos arrozais” (PÉLISSIER, 1958, p. 339. Tradução nossa) notadamente entre os diola e os balanta (Trincaz, 1984). Em sua obra, este autor estima *em*

³⁷⁶ “A floresta da Casamansa também representa uma riqueza única no Senegal; seu capital foi avaliado em 1973 em sete bilhões, espécies raras e madeiras de valor se encontram nela em abundância” (TRINCAZ, 1984, p. 134. Tradução nossa). Infelizmente, duas décadas depois foi observado que “apesar da proibição da exploração florestal na região, a amarga constatação é que se vê cortes sistemáticos que, combinados com incêndios florestais e a piora climática, acabam empobrecendo o potencial da flora e da fauna da região” (CRZ, 2005, p. 88. Tradução nossa). “O abate desorganizado das florestas da Casamansa parece ganhar impulso com a crise na Casamansa” e o combate contra o tráfico de madeira é dificultado pela porosidade das fronteiras com a Gâmbia (GUEYE, 2014, p. 31).

³⁷⁷ Produtos como *Sirukas* e *Sirekas*, que citamos, só dão na estação chuvosa na Casamansa. Para De Jonge et al. (1978, p. 140), “a venda de artigo de artesanato e as rendas resultantes da migração sazonal” também ajudam a aumentar a renda da população da Casamansa.

³⁷⁸ Riqueza retratada na canção “*Casamance*” da banda KUJAMAT de Isis Kuyito Yotey e Big Mol e Géant. Disponível em: <https://www.youtube.com/@kujamatv6617/videos>

400.000 bovinos, além de outros de casa como porcos e aves na região. Na região de Sédhiou, esta atividade, ligada principalmente ao gado, é essencial na economia (ANSD/SRSD-S, 2019) como é o caso, principalmente, em Kolda, o que não ocorre em Ziguinchor, pois apesar da abundância do pasto e do significativo número de animais, a pecuária participa pouco da dinâmica econômica regional (Trincaz, 1984).

Contudo, este setor é um dos mais afetados pela crise política na Casamansa, pois esta “ocasionou importantes roubos de rebanhos. O que provocou deslocamentos significativos do gado para áreas mais seguras: a região de Kolda, Guiné-Bissau ou Gâmbia”³⁷⁹ (ANSD/SRSD-Z, 2005, p. 70. Tradução nossa).

3.3.2.1.3 - A pesca

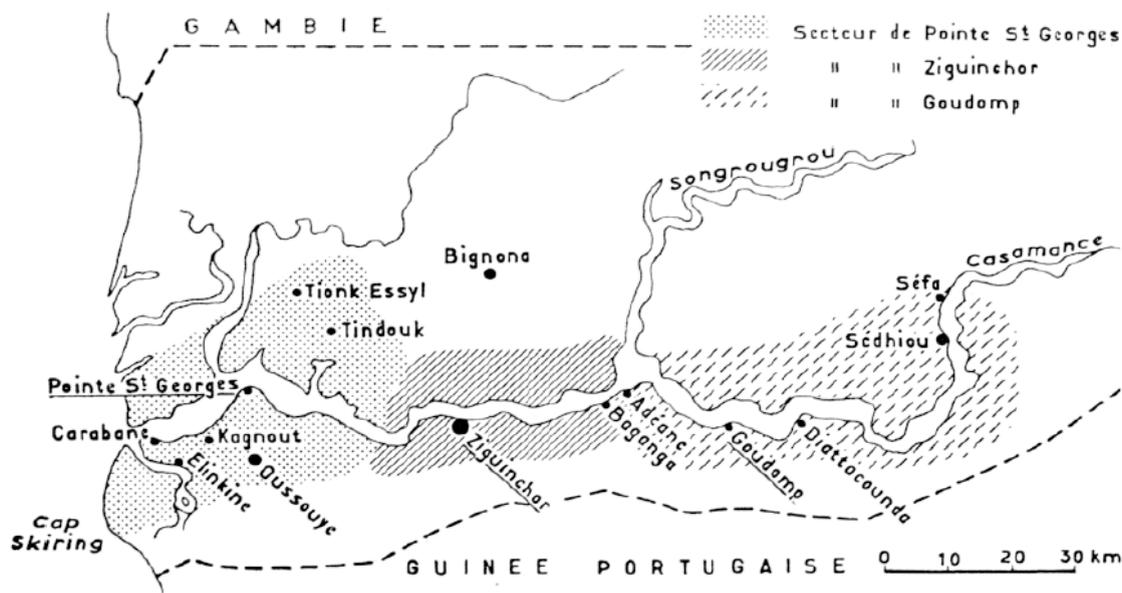
Há cinco décadas, a pesca não era uma atividade econômica valorizada em *Baixa Casamansa*, pois era basicamente destinada ao consumo doméstico (Thior et al. 2021; Nguyen-Van Chi – Bonnardel, 1971). Em 1969, a produção da região era a pior de todas as regiões marítimas do Senegal, produzindo 10.432 toneladas de pescado fresco, que representavam 1/13 da pesca tradicional. Contrastando com este cenário, *uma jovem indústria, moderna e bem equipada*, de camarão grande foi montada com sucesso, impulsionando este setor. Ela pertencia exclusivamente a empresas europeias voltadas para a exportação de seu produto. *A exploração intensiva de camarão de Ziguinchor data de 1960* (Nguyen-Van Chi – Bonnardel, 1971) e era controlada por estrangeiros³⁸⁰. Thior et al. (2021, p. 255) citam Cormier-Salem (1989), que situa práticas de pesca, com recurso a *técnicas mais ativas para buscar peixes de valor comercial*, entre as décadas de 1950 e 1970.

Três setores de pesca são destacados, tendo cada um seus centros de pesca. Os destacados do setor de Pointe-Saint-Georges são: o vilarejo de Pointe-Saint-Georges, o Cap Skirring, que é *um dos altos lugares do turismo senegalês, mas também um centro de captura de lagostas verdes*. Alguns dos principais centros de pesca do setor de Ziguinchor são: Fanda, Bangaga, Adéane, Batingère, Niaguis. Quanto ao setor de Goudomp, seu principal centro de pesca é Goudomp (Nguyen-Van Chi – Bonnardel, 1971).

³⁷⁹ Não se trata de subestimar os danos provocados pelo roubo, nem as transferências de animais efetuadas, mas apesar disso, quinze anos depois, a SESR referente a 2019 assinala que *o conjunto de animais domésticos da região ainda é expressivo* (ANSD/SRSD-Z, 2021, p. 64).

³⁸⁰ Não é somente em Ziguinchor que se vê tal apropriação. Ki-Zerbo (2009) fala que o despovoamento dos mares africanos está em curso, diante de um verdadeiro saque dos recursos pesqueiros.

Mapa 11 - Principais setores de pesca na Casamansa



Fonte: Nguyen-Van Chi – Bonnardel, 1971, p. 286.

Este cenário parece ter mudado significativamente quando se olha para estudos mais recentes sobre o assunto. Ao afirmar que a pesca é outra atividade socioeconômico importante na região de Ziguinchor, a ANSD/SRSD-Z (2019) destaca os 85 km de fachada marítima, uma importante rede hidrográfica que se resume em um rio de 300 km ao qual se ligam inúmeros braços, dando à região suas grandes potencialidades tanto para a pesca marítima, lagunar e fluvial.

Segundo a ANSD/SRSD-Z (2021), no ano de 2019, a região, em quarto lugar nacional, registrou quase 75.000 toneladas de produtos pescados, isto é, mais de 7.000 toneladas com relação às 67.490 toneladas de 2018. Dois anos antes (2016), foram registradas 69.372 toneladas de recursos pescados desembarcados na região³⁸¹. O ano de 2015 registrou 4.562 toneladas a menos que 2016 (ANSD/SRSD-Z, 2019)³⁸². Seja qual for o ano considerado, a produção está abaixo das 130.000 toneladas estimadas exploráveis anualmente. Em 2016 e

³⁸¹ O avanço é significativo se considerarmos que em 2019 a produção de Ziguinchor chegou a 75.000 toneladas, sendo que, de acordo com Nguyen-Van Chi – Bonnardel (1971), em 1969 o potencial marítimo e fluvial da região da *Baixa Casamansa* era pouco valorizado, a população local não tinha uma vocação especial para explorar as riquezas fluvial e marítima, faltava meios adequados, o isolamento da região geográfico era visível, e, portanto, o lugar da região na economia senegalesa da pesca era marginal. Frente a estas circunstâncias, ela foi classificada como a última das regiões marítimas naquele ano por conta de sua produção de 10.432 toneladas em pescados frescos.

³⁸² Estes recursos não são necessariamente pescados apenas em território senegalês, parte provém de países fronteiriços (ANSD/SRSD-Z, 2019).

2019, os peixes foram a espécie mais pescada, representando respectivamente 92% e 93%, os moluscos 6% e 4% nesses anos (ANSD/SRSD-Z, 2019; 2021).

No tocante aos principais destinos das 15.080 toneladas de produtos frescos da pesca preparados na região em 2019 e destinados à comercialização no atacado, estes foram a região de Kolda, com 3.931 toneladas, isto é, 26% do total, Dakar, em segundo lugar, com 3.398 toneladas (22%) e Sédhiou, em terceiro lugar, com 2.121 toneladas (14%). Outros destinos não negligenciáveis são Tambacounda, com 1.802 toneladas (12%), Diourbel, com 1.020 (7%) e Kaolack, com 624 toneladas (4%). Entre os países fronteiriços, os dois principais destinos são Gâmbia e Guiné-Bissau com, respectivamente, 5,5% e 4%, somando 9,5% (ANSD/SRSD-Z, 2021). Em ordem decrescente, os principais destinos regionais destes mesmos produtos em 2016 foram Dakar com 2.984 toneladas, Kolda com 2.776, Diourbel com 1.374, Tambacounda com 1.277, Sédhiou com 946, Matam com 815. Os dois principais países da sub-região (Gâmbia e Guiné-Bissau) destinos da exportação destes produtos foram os mesmos três anos mais tarde (Ver Quadro 11).

Quadro 11 - Repartição de produtos frescos destinados a regiões e exportados em 2016 e 2019 - ZIG

Destino	Quantidades por região (em toneladas)	
	2016	2019
Dakar	2 985	3 398
Diourbel	1 374	1 020
Kaolack	434	624
Kolda	2 775	3 931
Matam	815	145
Tambacounda	1 277	1 803
Sédhiou	946	2 121
	Quantidades por país (em toneladas)	
Gâmbia	880	834
Guiné-Bissau	537	576
Mali	99	112
Total geral	12.482	15.080

Fonte: Elaboração nossa a partir de dados do *Service régional des pêches Ziguinchor*, In: ANSD/SRSD-Z (2019; 2021).

Quanto ao destino das 14.143,881 toneladas de produtos comercializados em 2019 após transformação artesanal, 7.599 toneladas, isto é, 54% foram exportados para outro país, particularmente Burkina Faso (61%), Guiné Conacri (17,5%), Gana (9,5%) e Guiné-Bissau 3%, e 6.182 toneladas, ou seja, 44% expedidos para outra região do país, notadamente Kolda, Dakar e Diourbel, sendo 2,5% destinados ao consumo da região. Neste último caso, o departamento de Ziguinchor consome 84%, Bignona 10% e Oussouye 6% das 361 toneladas.

No que tange a 2016, foram 15.128 toneladas de produtos comercializados após transformação artesanal. Destas 7.645 foram expedidas para outras regiões do Senegal, principalmente Kolda (54%), Dakar (20%), Sédhiou (7%) e Kaolack (7%), e 6.755 exportadas notadamente para Burkina Faso (49%), Guiné-Conacri (25%) e Gana (15%).

Quadro 12 - Repartição de produtos transformados artesanalmente e destinados a regiões e exportados em 2016 e 2019 - Ziguinchor

Destino	Quantidades por região (em toneladas)	
	2016	2019
Dakar	1 528	1 243
Diourbel	324	1 162
Kaolack	558	538
Kolda	4 130	2 217
Matam	15	2
Tambacounda	326	315
Sédhiou	586	426
Total outras regiões	7 645	6 182
Quantidades por país (em toneladas)		
Burkina Faso	3 303	4 656
Gâmbia	200	186
Gana	1 022	732
Guiné-Bissau	361	237
Guiné Conacri	1 713	1 334
Mali	96	228
Total exportação	6 755	7 599
TOTAL GERAL	15 128	14 143

Fonte: Elaboração nossa a partir de dados do *Service régional des pêches Ziguinchor*; In: ANSD/SRSD-Z (2019; 2021).

Importa assinalar que o “setor de transformação artesanal emprega [isto é, recorre a] uma expressiva e dinâmica mão de obra feminina” (ANSD/SRSD-Z, 2019, p. 129. Tradução nossa). Acrescenta-se que o número de barquinhos motorizados (1242) e a vela (960) registrados em média por mês em 2019 na região de Ziguinchor, sugere o envolvimento de determinado número de pessoas nas atividades de pesca. Em termos financeiros, os recursos obtidos em 2015, 2016, 2018 e 2019 alcançaram pelo menos 20 bilhões de F CFA. Foram de 21.030.282.155 FCFA em 2016, de 32.140.153.922 FCFA em 2018 e de 28.285.436.612 FCFA em 2019 (ANSD/SRSD-Z, 2019; 2021).

Em *Baixa Casamansa*, a produção e comercialização dos produtos marítimos e fluviais justificou, em determinados casos, a presença e envolvimento de estrangeiros nestas atividades na região (Nguyen-Van Chi – Bonnardel, 1971; Trincaz, 1984; Gueye, 2014). Outros visitam o Sul do Senegal atraídos principalmente por sítios à beira mar.

Em seu balanço sobre a produção em Ziguinchor, Trincaz (1984) sugere que, embora se possa falar de indústria no tocante ao amendoim e ao camarão, grande parte dos demais produtos da região não tem a devida relevância, dentre outros, por causa do: - *enclave da Casamansa*; - *a fraca capacidade financeira dos comerciantes de Ziguinchor*; - *colheitas e o condicionamento defeituoso, sobretudo de frutas e legumes*; - *a falta de indústrias locais de transformação*; - *e, de forma geral, a permanência do sistema de trata e de exploração sobre a Casamansa* (TRINCAZ, 1984, p. 134. Tradução nossa). Tal constatação é ainda vigente em diversos ramos de produção. Apesar de suas potencialidades econômicas, Ziguinchor sofre muitas perdas pelos motivos expostos, que, no fundo, nada mais são que a expressão da colonialidade. A falta de indústrias, o controle das poucas existentes por mãos externas preocupadas em exportar matérias-primas adquiridas a baixo custo para o mercado francês, mostram a lógica extrativista na qual a Baixa Casamansa está mergulhada desde o princípio dos tempos de ocupação europeia. Portanto, a realidade exposta pelas tabela 5.1 e 5.2 a seguir ainda não sofreu alterações perceptíveis.

Tabela 5.1 - Comparação das principais matérias primas exportadas em 1952 e 1972 e suas respectivas quantidades que o foram pelo porto de Ziguinchor nesses anos [em francês]

**TABLEAU COMPARATIF DES PRINCIPALES MATIERES EXPORTÉES
EN 1952 ET 1972**

1 9 5 2	1 9 7 2
Arachides décortiquées	Arachides en coque
Arachide en coque	Arachides décortiquées
Palmistes	
Huile de palme	Huile d'arachides
Peaux	Huile de palme
Cire	Huile de palmistes
Tourteaux d'arachides	Tourteaux d'arachides
Huile arachides	Tourteaux de palmistes
Bois	Bananes
	Oranges, pamplemousses
	Cire d'abeilles
	Miel
	Crevettes décortiquées ou non
	Peaux d'animaux
	Bois commun - chauffages
	Pirogues en bois
	Bois rôniers

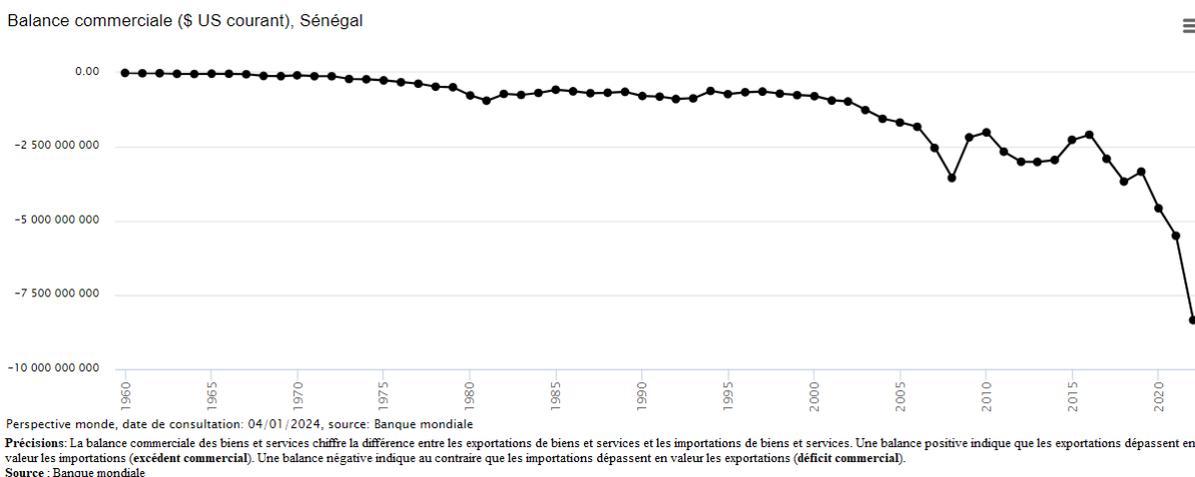
Source: Trincaz, Pierre Xavier, 1984, p. 81.

Tabela 5.2 - Comparação das quantidades de produtos exportados pelo porto de Ziguinchor em 1952 e 1972 [em francês]

COMPARAISON DES QUANTITÉS EXPORTÉES PAR LE PORT DE ZIGUINCHOR EN 1952 ET 1972		
DÉSIGNATION	1 9 5 2 (en tonnes)	1 9 7 2 (en tonnes)
Arachides en coques	2 980	—
Huile de Palme	73	—
Arachides décortiquées	32 536	6 077
Huile d'arachides	78	18 550
Palmistes	2 972	—
Tourteaux d'arachides	220	25 450
Tourteaux de palmistes	—	1 386
Bananes	—	706
Peaux	13	48
Cire	23	14
Bois	64	1
Crevettes décortiquées ou non	—	168
Poissons frais ou secs	—	6
Peaux de reptiles	—	—
Cornes bovines	—	3
Kinkéliba	—	15
Tissus	—	—
Fûts vides métalliques	—	9
Bouteilles vides (emballage)	—	230
Voitures	—	21
Divers	—	85
Total	38 959	52 779
en 1972 : Exportation par la route		11 908
Total route + port		64 685

Source: TRINCAZ, Pierre Xavier. Colonialisme et Régionalisme: Ziguinchor en Casamance. Editions de l'ORSTOM. 1984, p. 81

A exportação de produtos brutos, vendidos a preços baixos a países industrializados, e a importação de produtos transformados, não ajuda países ditos pobres a ganhar nestas transações, e permite entender o balanço comercial deficitário de um país como o Senegal, que, desde 1960, não registrou um dado positivo a respeito deste indicador econômico. Depois de 2008, os piores déficits ocorreram gradualmente em 2018, 2020, 2021 e principalmente em 2022 quando foi de - 8.344.404.172 dólares. Mesmo com os referidos expressivos crescimentos do PIB entre 2014 e 2018, relacionados à implementação do PSE, e com a segunda fase deste Plano, a balança comercial não apresentou melhorias.

Gráfico 11 - Balança comercial do Senegal, 1960-2022 [em francês]

3.3.2.1.4 - Turismo

O turismo é, no *Plan Sénégal Émergent*, uma prioridade para o Estado senegales (Diaw, 2022). Representando 7% do PIB, sua importância na economia nacional (Diaw, 2022; Ndiaye & Sall, 2021; Diombera, 2021), na economia de colectividades locais na Casamansa tal como a Comuna de Diembéring, e na valorização cultural do *Sul* é evidente (Diatta, 2018; Diaw, 2020; 2022). Trata-se de um setor que é da *segunda fonte de renda após a pesca* e de *uma locomotiva do desenvolvimento local* (Diaw 2022, p. 217. Tradução nossa).

Conforme a ANSD, “A região de Ziguinchor é uma região de vocação turística graças a sítios pitorescos, seu rico folclore e uma vegetação luxuriante” (ANSD (2005, p. 93. Tradução nossa). Seguindo, esta agência informa que a “Estação turística” se estende de novembro a abril. Na África negra, o turismo foi por muito tempo associado ao Branco de férias. Ocorre que esta estação turística da Casamansa corresponde quase perfeitamente ao inverno na Europa.

Visitas turísticas de europeus na Casamansa ocorriam quando seus Estados ainda eram invasores em terras senegalesas (Trincaz, 1984). Aliás, o hotel ‘Albert’ foi construído em 1950 e outro com capacidade maior em 1976 e um complexo hoteleiro ‘Club Méditerranée’ um ano antes. A região, ainda segundo o autor, seguiu atraindo, “*cada vez mais numerosos, os abastados dos países ricos, em busca de exotismo, de mar e de sol*”; e contribuiu à melhora dos *meios de comunicação* (Trincaz, 1984, p. 144). Para um setor como este, a existência de infraestruturas para uma boa instalação e locomoção de turistas é fundamental. Em 2005, os três departamentos tinham 56 *Réceptifs*/infraestruturas de hospedagem (hotéis e

acampamentos). Destes, 23 estavam localizados em Oussouye, 22 em Ziguinchor e 11 em Bignona. Os 26 acampamentos privados na região representavam um número expressivo. Em termos de quartos em hotéis, estes somavam 1.485 e disponibilizaram 2.402 camas. Uma década mais tarde, Ziguinchor foi a terceira região com maior número de leitos disponíveis em seus *Réceptifs* em 2016. Ela dispunha de 4.386, atrás de Thies com 11.944 e Dakar com 10.550, mas à frente de Saint-Louis com 2.182 e Fatick com 1.840 leitos nestes estabelecimentos turísticos (Ver ANSD/SRSD-S, 2019, p. 190).

Importa assinalar que a melhoria das condições do transporte aéreo, com a *modernização de dois aeroportos de Ziguinchor e de Cap-Skiring*, que permitiriam a aterrissagem de aviões de grande porte, e do transporte marítimo, com a reforma do porto de Ziguinchor, que não oferecia segurança, e a retomada da rotação Ziguinchor-Dakar-Ziguinchor pelo barco “Wilis” (ANSD/SRSD-Z, 2005), sucessor de “Le Joola”³⁸³ tornam a viagem dos turistas mais confortável, segura e, conforme o caso, mais rápida.

Mas o turismo é, para turistas, antes de tudo falar de deslocamento e de disponibilidade de recursos financeiros para este fim, e de segurança, notadamente pública e sanitária no destino, seja qual for a beleza e os atrativos do lugar turístico. Ora, o conflito na verde Casamansa (tratado nos “aspectos políticos”), apesar dos momentos de calma neste *pólo turístico*³⁸⁴, constitui um desafio para este setor na região sudoeste. As dificuldades do turismo na região são há décadas associadas ao conflito armado³⁸⁵ que atravessa desde os anos 1980. Tal associação aparece em ANSD/SRSD-Z (2005). Este conflito levou a França - que,

³⁸³ Este barco foi adquirido em 1990, sendo gerido pelo Ministério das Forças Armadas e pela Marinha nacional a partir de 1995, transportava pessoas e mercadorias. Sua capacidade, por viagem, era de 550 pessoas e de 550 toneladas. Navegou por 10 anos, mas por problemas técnicos, teve seu funcionamento interrompido em 31 de agosto de 2001 por 12 meses. Ao retomar sua rotação em 10 de setembro, 16 dias depois, naufragou por volta de 23 horas, na noite de 26 a 27 de setembro de 2002, nas costas marítimas da Gâmbia, causando um número de mortos estimado entre 1863 e 1953, e 64 sobreviventes, além de 551 corpos retirados. **Esta tragédia** silenciada - provavelmente a maior da história marítima - é associada ao contexto da crise política na Casamansa, às relações conturbadas entre o Senegal e a Gâmbia (com o aumento da tarifa de travessia do rio Gâmbia) e aos esforços de tirar a Casamansa da situação de enclave aos quais se associam a pressão de quadros casankoolu na véspera do ano letivo diante de ataques repetidos a passageiros nas vias terrestres, além das negligências das autoridades diante das falhas técnicas previamente identificadas no navio, a sobrecarga substancial em pessoas e bagagens, ora não registradas. Ausência de boa comunicação entre autoridades das Forças Armadas e marítimas e a lentidão em prestar socorro às vítimas do naufrágio são outros agravantes (Cf. *Avant-propos*. In BECKER (2012, p. 10-11); M.E.T (2002) e *DOCUMENTAIRE: Rideau Rouge sur le naufrage du JOOLA 1 e 2*). No entendimento do Estado, o único responsável, penalmente, era o capitão do navio, falecido no naufrágio (BECKER, 2012, p. 12) em que, sem dúvida, a esmagadora maioria das vítimas eram casankoolu.

³⁸⁴ A Casamansa é um dos 6 pólos turísticos nacionais (DIAW, 2022). São eles: *Casamance, Dakar, Saint-Louis, Sénégal Oriental, Sine Saloum, Thies Diourbel* (<https://press.iftm.fr/>).

³⁸⁵ Assunto tratado no tópico 3.3.2.4 *Aspectos políticos*.

como sugere o estudo de Diaw (2020), seria, se não o principal, um dos maiores fornecedores de turistas à Casamansa - a declará-la como *Zone à risque* (Área de risco), isto, até outubro de 2016. A seguinte fala do diretor do *Office du tourisme de la Casamance*³⁸⁶, Modou Diouf, reforça tal entendimento.

Há anos que a gente está lutando para que esta etiqueta seja retirada, este mapa³⁸⁷ é muito visitado pelos turistas franceses. [Ele acrescenta] Alguns operadores franceses estavam desanimados, pois os seguros não cobriam todas as viagens na Casamansa. Resultado: passamos de aproximadamente 50.000 visitantes por ano nos anos 1990 para quase 20.000 em 2015. Vai precisar de tempo para compensar o prejuízo³⁸⁸ (Grifo e Tradução nossos).

Portanto, entende-se quando Diaw (2020) manifesta seu desacordo³⁸⁹, indicando que a então classificação francesa de toda a *Casamansa em área vermelha por causa de um evento ocorrido na região de Ziguinchor ou em Kafountine, por exemplo*, desagradou atores senegaleses ou estrangeiros envolvidos no setor turístico na região. Um turista entrevistado por este autor fala que a Casamansa não é recomendada pela França como destino turístico, antes de dizer que não se sentiu em insegurança após todo seu percurso na grande região. Contudo, tanto em 2021 quanto em 2022, ocorreram operações militares do Senegal respectivamente na fronteira com a Guiné-Bissau³⁹⁰ e com a Gâmbia³⁹¹.

As preocupações expressas por Diaw (2020) com relação à vinda de um efetivo reduzido de turistas franceses são reveladoras de uma dependência da região de Ziguinchor a estes, e mais amplamente aos turistas europeus. Vale observar que foi no final do ano de 2016

³⁸⁶ O *Escritório do Turismo da Casamansa* é “uma iniciativa público-privado lançada em 2009” (DIAW, 2020, p. 60).

³⁸⁷ O mapa em questão é do *Misnistère de l’Europe et des Affaires Étrangères* da França: *Conseils aux Voyageurs*. Disponível em : <<https://www.diplomatie.gouv.fr/fr/conseils-aux-voyageurs/>> Acesso em 27/11/2022.

³⁸⁸ Cf. *Jeune Afrique: Sénégal: la France ne considère plus la Casamance comme « une zone à risques »*. 06/10/2016. Disponível em : <<https://www.jeuneafrique.com/363221/economie/senegal-france-ne-considere-plus-casamance-zone-a-risques/>> . Acesso em: 20/01/2022. Mas até 2019, as fronteiras norte e sul da Casamansa são desaconselhadas pela França a seus cidadãos, e todo o Senegal é descrito como um lugar onde se deve dobrar a vigilância (Ver Mapa 9.E).

³⁸⁹ Ele disse “Decisões infelizes são tomadas, sendo que os fatos ocorrem geralmente em áreas pacificadas. Embora a responsabilidade das chancelarias seja de proteger seus cidadãos, elas não deveriam ainda assim prejudicar a atividade turística por razões geralmente injustificáveis” (DIAW, 2020, p. 54. Tradução nossa). Entendemos que esta observação é impertinente na medida em que o próprio autor não nega o advento de tais fatos na região. Sabe-se que o clima de insegurança não é superado apesar da raridade ou ausência de trocas de tiros. Diallo (2016) fala de *consequências latentes, mas bem reais da violência* na Casamansa.

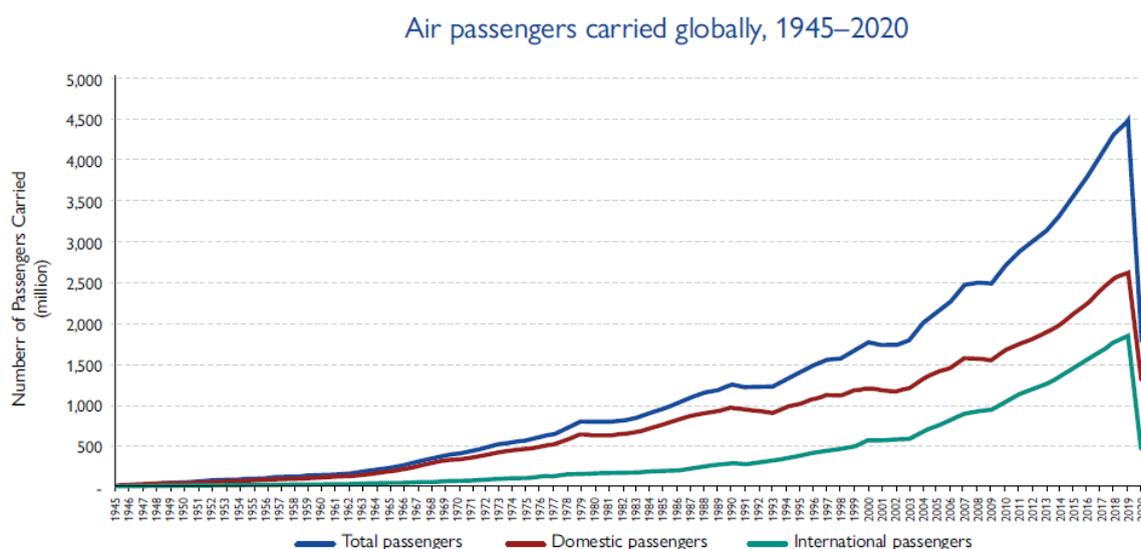
³⁹⁰ Ver Roussy, 2021

³⁹¹ *Le Monde*. 21 mars 2022

que a França retirou a Casamansa de sua lista vermelha para seus cidadãos em turismo, ou não, no exterior. Entretanto, segue alertando-os - como aliás o faz o Canadá, que aconselha *muita cautela*³⁹² - para mais vigilância quando se deslocam para o Senegal, em particular para a Casamansa³⁹³, mas também para outras partes do mundo.

Alguns anos depois da retirada da Casamansa da lista de restrição francesa a viajantes daquele país, o mundo enfrentou a crise sanitária causada pelo Covid-19. O efeito desta pandemia sobre as viagens nacionais e internacionais pela via aérea é perceptível no gráfico a seguir. Desde 1945, não se registrou uma queda tão acentuada nas viagens de avião como a que ocorreu em 2020, ano que apresenta dados comparáveis aos do final da década de 1990 e início dos anos 2000.

Gráfico 12 - Total de passageiros transportados pela via aérea, 1945-2020.



Source: ICAO, 2021. In *World Migration report 2022*. p. 160

Se impactou negativamente as viagens no mundo, Cavalcanti e Oliveira (2020b) mostram que não foi diferente no Brasil, ressaltando que, com o fechamento de fronteiras que ela ocasionou, a pandemia interrompeu *projetos migratórios* e afetou o *mercado de trabalho*, atingindo assim a atividade laboral dos migrantes. De acordo com Diombera (2021), a

³⁹² O Governo canadense aconselha a seus cidadãos que vão para o Senegal, dizendo literalmente: *Faites preuve d'une grande prudence*. Ver Gouvernement du Canada. *Conseils aux voyageurs pour le Sénégal*. 20/09/2023. Sur <https://voyage.gc.ca/destinations/senegal>

³⁹³ Ver anexo 9.E. A respeito da África e do mundo, veja anexo 9.F.

declarada pandemia de Covid-19, *impactou negativamente o setor do turismo diante das proibições de estadias a estrangeiros*³⁹⁴. Esta pandemia *ataca a alma do turismo*, na medida em que impossibilita as relações presenciais, as viagens e o acolhimento, e ditou o *distanciamento social* (Ndiaye & Sall, 2021). Com isso, a queda do efetivo de turistas no mundo foi inevitável. Conforme “os dados da Organização Mundial do Turismo (OMT) de dezembro de 2020, o número de turistas internacionais caiu de pelo menos 900 milhões entre janeiro e outubro de 2020 com relação ao mesmo período em 2019” (NDIAYE & SALL, 2021. p. 334. Tradução nossa).

Diante desta crise sanitária em seus inícios, o Senegal fechou *suas fronteiras em 15 de março de 2020*, duas semanas depois de registrar o *primeiro caso positivo* da doença (Diombera, 2021). O que não impediu que o setor turístico nacional fosse um dos mais afetados da economia do país, pois, até meados de 2021, o prejuízo estimado pelo *Ministério da Economia, do Plano e da Cooperação do Senegal*, em termos de receitas, foi de 96 bilhões de FCFA só em dois setores: 50 bilhões na restauração e 40 bilhões na hospedagem (Ndiaye & Sall, 2021).

Fica evidente, apesar da ausência de dados estatísticos, que a Casamansa, em particular Ziguinchor, *sua região de vocação turística*, teve suas atividades relativas a este setor gravemente afetadas pela pandemia, com a suspensão do funcionamento de hotéis notadamente em 2020. De acordo com Augustin Diatta, presidente do Sindicato de iniciativa dos atores do turismo na Casamansa, 2020 e 2021 foram *dois anos de catástrofe* para o setor³⁹⁵. Nos primeiros meses de pandemia, ele fala que “Hoje estamos realmente no ponto zero em qualquer ramo do setor; nos hotéis e acampamentos, está tudo parado aqui na região”³⁹⁶. Embora iniciada mais tarde (dezembro em vez de outubro de 2021), a primeira estação turística pós-pandemia em Ziguinchor foi avaliada positivamente por este representante sindical, quando diz: *os quatro meses que ela durou permitiram aos atores turísticos da Casamansa ganhar sua vida*, e a taxa de frequência dos hotéis superou os 50%³⁹⁷.

³⁹⁴ A Covid-19 impactou a economia em geral, ela é, segundo Ndiaye & Sall (2021, p. 335), “*antisystème, antiéconomique, antisocial et amplement déshumanisant*”.

³⁹⁵ Ver allAfrica. Sénégal: Fin de la saison touristique en Casamance - Une “belle moisson” et des doléances. 30 avril 2022. Sur <https://fr.allafrica.com/stories/202205010072.html>

³⁹⁶ Ziguinchor très affecté par le Covid-19 - Le tourisme en “réanimation”. 13 juin 2020. Sur pourquoijaimelesenegal.com/

³⁹⁷ Ver allAfrica. Sénégal: Fin de la saison touristique en Casamance - Une “belle moisson” et des doléances. 30 avril 2022. Sur <https://fr.allafrica.com/stories/202205010072.html>

Entretanto, este otimismo manifestado diante da saída da pandemia, e diante da eventual retomada de visitas francesas, com a exclusão da Casamansa da lista vermelha da França, não significa que este mercado esteja gerando ganhos proporcionais para os pólos de destino e os países emissores de turistas. Conforme indica o estudo de Trincaz (1984), este mercado não traz muitos benefícios para a população local. Na sua ótica, a análise do turismo mostra que este *é controlado por organismos europeus*, sendo pouco rentável para os habitantes da localidade. Literalmente ele escreve:

É nas agências da Europa que os turistas compram seu pacote/*resort*, viagem e estadia inclusas. Desembarcando diretamente em Cap Skiring ou em Ziguinchor, nos complexos hoteleiros abastecidos pelas indústrias europeias, eles praticamente não têm mais gastos a prever, exceto algumas lembrancinhas (TRINCAZ, 1984, p. 145. Tradução nossa).

3.3.2.2 - Aspectos socioeconômicos

São considerados os aspectos relativos à educação, ao emprego e trabalho e à situação de pobreza, relevantes no cálculo do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

3.3.2.2.1 - Educação

“A educação desempenha um papel fundamental no desenvolvimento econômico e social de um país. Ela representa o principal meio pelo qual a população de um país pode escapar da pobreza³⁹⁸ e melhorar seu bem-estar” (ANSD.RGPHAE.2013, 2017a, p. 43. Tradução nossa). Como mostrado anteriormente, no início da implementação da *école du Blanc*, este entendimento sobre a chamada *educação formal*, introduzida na Casamansa por religiosos ocidentais, era diferente. Se no século XIX a educação era ferramenta de dominação, de criação dos “évolués” e de sua “integração” ao mundo dito “civilizado”, na contemporaneidade a educação estrangeira é declaradamente considerada no Senegal como “uma peça essencial do desenvolvimento econômico e social de qualquer nação”. (ANSD/SRSD-Z, 2005, p. 10. Tradução nossa).

Na região de Ziguinchor, esta consideração se materializa, de acordo com a ANSD/SRSD-Z (2005), não só na construção de estabelecimentos de ensino – que aumentaram entre 2004 e 2005 em 43% no Pré-Escolar, em 3% no Elementar e em aproximadamente 6% no Médio - como no aumento contínuo do orçamento destinado a este

³⁹⁸ “Pobreza caracterizada por uma precariedade das moradias, bem como pelas dificuldades de garantir a subsistência cotidiana” (NGOM, 2020, p. 104).

setor que recebeu 40% do orçamento em 2005. De acordo com Foucher (2002), a Baixa Casamansa foi a região mais escolarizada no ensino primário do Senegal, tendo *a intrigante taxa de 101% em 1990-1991*, quando Dakar teve 96,6% neste grau de ensino. Ele esclarece que até os anos 1980, o acesso ao ensino secundário e superior permaneceu relativamente difícil para jovens do campo desta região, ainda que suas comunidades invistam na educação formal³⁹⁹. Vale saber que a Université Assane Seck de Ziguinchor, a primeira universidade pública na Casamansa, foi aberta em 2007. Até então, os concluintes do Ensino Médio eram obrigados a migrar para Dakar ou Saint-Louis para fazer um curso superior.

Voltando aos níveis básicos na região de Ziguinchor, o que mostra o Censo de 2013, é que atualmente, dentro da região de Ziguinchor, a alfabetização tanto na língua oficial francesa quanto nas línguas ditas nacionais do Senegal, o departamento de Oussouye se destaca. O departamento de Bignona é o que mais alfabetizou em árabe.

A alfabetização em francês é bastante difundida na região de Ziguinchor (58,9%) particularmente no departamento de Oussouye com uma taxa de alfabetização em francês de 62,4%. Ele é seguido de perto pelo departamento de Ziguinchor com 61,5% e pelo de Bignona [com] 55,6%. Globalmente, a alfabetização em árabe é pouco difundida. Com efeito, a taxa mais alta é registrada no departamento de Bignona com 6% de pessoas que sabem ler e escrever nesse idioma. A alfabetização em língua nacional é, no entanto, mais frequente no departamento de Oussouye com 21,6% da população com 10 anos ou mais de idade sabendo ler e escrever em uma língua nacional (ANSD.RGPHAE.2013, 2017a, p. 45. Tradução nossa).

Quadro 13 - Taxa de alfabetização por departamento, segundo o sexo e a língua de alfabetização em % (2013)

Departamento	Masculino			Feminino			Total		
	Línguas nacionais	Francês	Árabe	Línguas nacionais	Francês	Árabe	Línguas nacionais	Francês	Árabe
Bignona	14,60	64,31	8,55	9,88	46,51	3,23	12,30	55,65	5,96
Oussouye	24,78	69,59	5,42	18,15	54,69	1,82	21,58	62,38	3,69
Ziguinchor	16,05	69,00	7,03	11,41	53,87	1,97	13,74	61,47	4,51
Região	16,18	66,92	7,58	11,32	50,66	2,52	13,79	58,93	5,09

Fonte: ANSD.RGPHAE.2013 (2017a, p. 47). Grifo e tradução nossos.

Seja qual for o departamento e o idioma falado no país, o Censo RGPHAE de 2013 revelou que os homens eram mais alfabetizados que as mulheres⁴⁰⁰, o que quer dizer que Ziguinchor e as demais regiões da Casamansa não foram exceções. Note-se que a distância percentual entre homens e mulheres é menor nas línguas nacionais e no árabe. Analisando esta situação, argumentamos que, de forma geral, as razões principais da disparidade na

³⁹⁹ Já nos anos 1950, estes investimentos feitos com a significativa participação dos migrantes internos, notadamente dos ‘évolués’, consistem em construções de escolas na aldeia de origem e na solicitação de professores ao Estado (Foucher, 2002).

⁴⁰⁰ Cf. ANSD.RGPHAE.2013, 2017a, p. 46.

escolaridade entre os sexos estão particularmente nos vestígios do entendimento social que perpassa as diversas culturas do país, e que coloca o casamento como um, senão o principal, dos objetivos da mulher, que a rigor não precisaria se preocupar porque será sustentada pelo marido, embora a realidade sempre mostrou que a participação da mulher sempre determinante. É certo que é graças às mudanças de entendimento sobre o lugar da mulher no mercado de trabalho que, em 2013, pelo menos 61,8% das mulheres de cada departamento da região de Ziguinchor haviam frequentado a escola. Esta menor porcentagem foi do departamento de Bignona. Os demais tiveram quase 70% nesse aspecto (Quadro 14). Apesar das mudanças em curso, e da presença cada vez maior de mulheres em altos níveis do ensino nos últimos tempos, tais concepções não desapareceram, notadamente em áreas rurais.

Na região de Ziguinchor, vê-se que o departamento de Bignona é o que tem a maior taxa (29,6%) de pessoas que nunca frequentaram a escola, sendo de 23,9% para cada um dos demais. Foi nele que se registrou a menor taxa departamental de homens instruídos (78,3%). Estas estatísticas colocaram a região de Ziguinchor entre “as mais escolarizadas do país. Aproximadamente 8 em cada 10 pessoas são escolarizadas nesta região. A taxa mais baixa, de 70,4%, foi do departamento de Bignona” (ANSD.RGPHAE.2013, 2017a, p. 49. Tradução nossa). Haveria relação entre instrução e empregabilidade e saída da pobreza na região?

Quadro 14 - Porcentagem de pessoas instruídas, segundo o sexo e a área de residência

Departamento	Área de residência					
	Urbana		Rural		Total	
	Nunca frequentou	Já frequentou	Nunca frequentou	Já frequentou	Nunca frequentou	Já frequentou
Bignona	20,1%	79,9%	31,6%	68,4%	29,6%	70,4%
Oussouye	12,7%	87,3%	25,2%	74,8%	23,9%	76,1%
Ziguinchor	22,3%	77,7%	31,5%	68,5%	23,9%	76,1%
	SEXO					
	Masculino		Feminino		Total	
	Nunca frequentou	Já frequentou	Nunca frequentou	Já frequentou	Nunca frequentou	Já frequentou
Bignona	21,7%	78,3%	38,2%	61,8%	29,6%	70,4%
Oussouye	17,7%	82,3%	30,6%	69,4%	23,9%	76,1%
Ziguinchor	17,4%	82,6%	30,5%	69,5%	23,9%	76,1%

Fonte: ANSD.RGPHAE.2013 (2017a, p. 47). Grifo e tradução nossos.

O modelo de educação adotado no Senegal é criticado por ser uma herança colonial que pouco mudou, embora tenha sido pensado para atender interesses dos invasores, notadamente a formação de auxiliares administrativos dentre os indígenas senegaleses. Esta lógica caracterizou o sistema de ensino, do básico à universidade. Segundo Sarr (2021, p.119), “a autoridade colonial, ao criar a universidade na África, fixou a representação que buscava

oferecer de si mesma, bem como a que queria que os africanos tivessem de si mesmos: uma imagem inscrita na subalternidade”.

3.3.2.2.2 - Emprego e trabalho

Se por um lado o emprego pressupõe a existência de contrato entre empregador e empregado, o trabalho não implica necessariamente a existência de algum vínculo, notadamente em um país africano como o Senegal, em que a economia é sustentada mais pelo trabalho do que pelo emprego. Neste caso, não há uma relação direta entre atividades econômicas e existência de salário oficial.

Por atividade econômica, é preciso considerar o trabalho exercido por uma pessoa no intuito de produzir ou de participar à produção de bens e serviços destinados à venda ou ao autoconsumo das famílias. A pessoa que exerce uma atividade econômica, conforme o entendimento da contabilidade nacional, fornece mão-de-obra para a produção de bens e serviços, comercializáveis ou não, em troca de salário ou pagamento em espécie ou natura, ou em vista de lucro. As atividades ilícitas ou subterrâneas são excluídas da esfera econômica. Por outro lado, as atividades domésticas são medidas (ANSD/SRSD-Z, 2017, p. 44. Tradução nossa).

No Senegal, como em diversos outros países da África e do mundo, por lei, há cidadãos inaptos ao trabalho e emprego. Trata-se notadamente de crianças. A população em idade legal de trabalhar no país é aquela com idade igual ou superior a 15 anos (ANSD-SRSD-Z, 2017; 2019). Ela foi estimada em 7.827.009 pessoas em 2013, quando 5.018 empregos foram criados na função pública (Ndione, 2018). Nesse mesmo ano, o efetivo da população em idade de trabalhar foi de 363.681 pessoas na região de Ziguinchor, das quais 47% estavam no departamento de Ziguinchor. Os demais departamentos (Bignona e Oussouye) representaram respectivamente 44% e 9% da referida população. No conjunto, a diferença entre homens (51%) e mulheres (49%) era pequena.

Quanto à distribuição, por departamento, do conjunto da População Economicamente Ativa (PEA)⁴⁰¹, pode-se dizer que ela não difere daquela da população em idade de trabalhar (Cf. Quadro 15). Porém, neste caso, as mulheres representaram 34% e os homens 66% (ANSD-SRSD-Z, 2019).

⁴⁰¹ «Ela engloba as pessoas que estão efetivamente trabalhando (população ativa ocupada) e aquelas que estão sem trabalho, mas na procura de algum (isto é, os desempregados que trabalharam e aqueles que estão à procura do primeiro emprego)» (ANSD/SRSD-Z, 2017, p. 44. Tradução nossa). Estas pessoas têm idade entre 15 e 59 anos. Os 60 anos e mais são da Terceira Idade (ANSD/BECPD, 2020).

Quadro 15 - Distribuição da população em idade de trabalhar e da PEA (em %), segundo o sexo e por circunscrição administrativa (2013).

Circunscrição administrativa (departamento)	População em idade de trabalhar			PEA		
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
Ziguinchor	24%	23%	47%	30%	15%	46%
Bignona	22%	22%	44%	29%	15%	44%
Oussouye	5%	4%	9%	7%	4%	11%
Região	186.335	177.346	363.681	95.541	49.949	145.490

Fonte: RGPHAE 2013. In: ANSD/SRSD-Z (2019, p. 148. Grifo e tradução nossos).

No que tange ao emprego, na região de Ziguinchor foram abertos em 2019 e 2018, respectivamente, 131 e 86 estabelecimentos que geraram empregos. Aqueles de 2018 criaram 386 empregos, 56 a mais que os que foram abertos em 2019. Neste mesmo ano, 174 pessoas perderam o emprego com o fechamento de 51 estabelecimentos (ANSD/SRSD-Z, 2021).

Quadro 16 - Distribuição dos estabelecimentos abertos e dos empregos gerados: 2019

SETORES DE ATIVIDADES	NÚMEROS	
	ESTABELECIDAMENTOS ABERTOS	EMPREGOS GERADOS
Hotelaria e Restauração	38	70
B.T.P	07	21
Comércio	52	135
Ensino privado	25	80
Pesca	01	01
Padaria	03	10
Telecomunicação	01	05
Banco	01	06
Segurança	01	03
TOTAL	131	333

Fonte: IRTSS de Ziguinchor. In: ANSD/SRSD-Z (2021, p. 123-124 Grifo e tradução nossos)

Os dados da Inspeção Regional do Trabalho e do Seguro Social (IRTSS) citados pela ANSD, mostram que em 2010, menos de 1.200 pessoas foram contratadas na região de Ziguinchor. Destas, 36% tinham um contrato de duração determinada e 47,5% eram sazonais. Aqueles com contrato de duração indeterminada representaram um pouco mais de 16%.

Quadro 17 - Distribuição dos contratos registrados, segundo o tipo (2010)

TIPO DE CONTRATO	IRET O P	
	Número	Porcentagem
CDD	420	35,99
CDI	139	16,20
SAIS	553	47,39
APRENDIZ	5	0,43
TOTAL	1167	100

Fonte: IRTSS de Ziguinchor. In: ANSD/SRSD-Z (2011, p. 55). Grifo e tradução nossos

Embora a Casamansa, mais precisamente a Baixa Casamansa, siga sendo referida como “celeiro do país” (ANSD/SRSD-Z, 2019; Sane, 2017; Musila, 2015; Sadtachy, 2011), por ser uma das mais ricas do país, com um solo fértil (Sadtachy, 2011), por *gerar divisas ao Estado, graças ao amendoim, mas sobretudo à pesca e ao turismo [...], terras e água a agricultores ou a pescadores nortistas*” (MUSILA, 2015, s.p. Tradução nossa) e, por reunir “condições pluviométricas, pedológicas e topográficas ideais para ser uma grande região agrícola” (ANSD/SRSD-Z, 2019, p. XV. Tradução nossa), quando se considera os dados dos quadros 16 e 17, é possível perceber que a capacidade de geração de empregos em 2010 e 2019 em Ziguinchor não foi expressiva.

Para a publicação do SRSD-Z de 2005, já havia na região de Ziguinchor naquele ano “um contexto socioeconômico onde o desemprego dos jovens atinge proporções preocupantes” (ANSD/SRSD-Z, 2005, p. 12. Tradução nossa). Em 2013, o desemprego declarado na região foi de 26,5%, sendo de 25,5% no país (ANSD.RGPHAE.2013, 2017a, p. 48). Globalmente, a região gera menos empregos e trabalhos que a média nacional. Nota-se que, no que toca à taxa de desemprego, há disparidades departamentais (34,7% para Bignona, 20,7% para Ziguinchor e 17% para Oussouye), residenciais (a área rural com 31,2% e a urbana com 21%)⁴⁰², e entre sexos.

Quadro 18 - Taxa de desemprego regional, segundo o departamento e a área de residência em 2013

[Departamento]	Área de residência					
	Urbana		Rural		Total	
	ocupado	desempregado	ocupado	desempregado	ocupado	desempregado
Bignona	70,45%	29,55%	64,29%	35,71%	65,28%	34,72%
Oussouye	83,29%	16,71%	82,99%	17,01%	83,01%	16,99%
Ziguinchor	80,48%	19,52%	72,13%	27,87%	79,23%	20,77%
Região	79,02%	20,98%	68,75%	31,25%	73,52%	26,48%

Fonte : ANSD.RGPHAE2013, 2017, p. 49. Adaptação e Tradução nossas.

Em todos os três departamentos, o percentual de mulheres desempregadas constitui pelo menos o dobro da proporção de homens desempregados. No departamento de Oussouye, esta diferença foi ainda maior, com 33,12% de desempregadas e apenas 8,31% de desempregados. A menor diferença foi registrada no departamento de Ziguinchor onde houve

⁴⁰² Cf. Quadro a seguir.

15,09% de desempregados e 31,91% de mulheres na mesma situação⁴⁰³. Na região de Ziguinchor, se 58% das mulheres e 81,6% dos homens estavam trabalhando, 42% das mulheres estavam procurando emprego, quando 18,4% dos homens também estavam desempregados.

Quadro 19 - Taxa de desemprego regional, segundo o departamento e o [sexo] em 2013

[Departamento]	Sexo					
	Feminino		Masculino		Total	
	ocupada	desempregada	ocupado	Desempregado	ocupado	Desempregado
Bignona	45,57%	54,43%	75,82%	24,18%	65,28%	34,72%
Oussouye	66,88%	33,12%	91,69%	8,31%	83,01%	16,99%
Ziguinchor	68,09%	31,91%	84,91%	15,09%	79,23%	20,77%
Região	57,92%	42,08%	81,64%	18,36%	73,52%	26,48%

Fonte : ANSD/RGPHAE.2013, 2017, p. 49. Adaptação e Tradução nossas.

Diante disso, falar de trabalho e ocupação parece mais conveniente do que falar de emprego ao se referir à situação laboral na região e no Senegal. O uso da palavra *ocupado* pela ANSD (Cf. Quadros 17-18) para designar as pessoas que estavam trabalhando não parece fortuito. Como foi sugerido antes, a população conta mais com o trabalho do que com o emprego. Isto é, os setores de atividade em que atua boa parte da força de trabalho são substancialmente caracterizados pela informalidade, a autonomia, a vulnerabilidade e a precariedade⁴⁰⁴. Esta situação se observa em todo o território nacional. Baseando-se em outros estudos, Rodríguez-Castelán e Vazquez (2022) fazem menção à altíssima taxa de empresas e trabalhadores na informalidade no Senegal. O que os leva a dizer que

O Senegal é um estudo de caso interessante, uma vez que 97% das empresas e 93,7% dos trabalhadores são classificados como informais, convergindo com 92,4% em toda a África Ocidental (OIT, 2018) e possui uma das regulamentações do mercado de trabalho mais rígidas do mundo (RODRÍGUEZ-CASTELÁN e VAZQUEZ, 2022, p. 1. Tradução nossa)⁴⁰⁵.

⁴⁰³ Cf. Quadro 19

⁴⁰⁴ Aliás, a nível nacional, Ndione (2018) assinala que a “fraca oferta de emprego formal contribui a fazer do setor informal o principal setor de inserção econômica da população em idade de trabalhar”, que, portanto, estaria no subemprego (p. 18). A África sulaariana é a região com a mais elevada taxa de informalidade no mundo (89,2%). Dentro dela, é na África Ocidental que se tem a maior taxa de informalidade (92,4%), em comparação com a África do Leste (91,6%), Central (91%) ou Meridional (40,2%) (RODRÍGUEZ-CASTELÁN e VAZQUEZ, 2022, p. 5).

⁴⁰⁵ As fontes citadas pelos autores são a OIT, 2018 e World Bank, 2020

3.3.2.2.3 - Situação de pobreza

Além do desemprego e da informalidade, a região do extremo sudoeste do país vem enfrentando outros desafios. Em 2005, Ziguinchor, onde nasceu *uma autêntica civilização do arroz*, importou 20.301 toneladas, praticamente o dobro das 10.207 toneladas importadas um ano antes (ANSD/SRSD-Z, 2005, p. 106). O que é um indicativo de um déficit expressivo na produção regional de arroz para atender a demanda local e uma dependência de fornecedores exteriores. Numa situação de insegurança desde os *tempos coloniais*, o conflito armado na Casamansa⁴⁰⁶, dentre outros fatores referidos, tem servido de base para explicar a situação socioeconômica deteriorada da Casamansa e de Ziguinchor, apesar de suas potencialidades econômicas e, no caso de Ziguinchor, de seu litoral marítimo.

As regiões da Casamansa (Kolda, Sédhiou e Ziguinchor), em destaque nas tabelas em laranja, estão entre as mais pobres do país. Em 2011 e 2018-2019, uma destas regiões sulinas chegou em primeiro lugar no ranking nacional. Em 2005 a região de Ziguinchor, com 73,4% de sua população afetada pela pobreza, perdeu o primeiro lugar por Tambacounda que teve 76,9% de habitantes pobres. Ziguinchor teve o quinto mais elevado *Índice de pobreza* do país, com 66,8% em 2011 (cf. Quadro 20; Mapa 12), mesmo tendo uma taxa de alfabetização geral de 65,0%, a segunda maior do Senegal, depois de Dakar (68,6%), naquele mesmo ano⁴⁰⁷. Quase uma década depois, a situação melhorou em 15% para a região, passando então de 66,8% em 2011 para 51,1% e do quinto para o sexto maior índice de pobreza em 2018/2019 (Cf. Quadro 20; Mapa 13), porém continua ainda mergulhada na pobreza que, como mostra este percentual, afetava mais da metade dos habitantes, isto antes da chegada da pandemia de Covid-19 que impactou econômica e socialmente o mundo todo.

⁴⁰⁶ Assunto tratado na parte a seguir.

⁴⁰⁷ Nesta região, a demanda por escola, inesperada, já existia desde a segunda metade do século XIX, quando foi aberta a primeira escola (1860) em Sédhiou pelo então Governador do Senegal Louis Faidherbe (Labruno-Badiane, 2010).

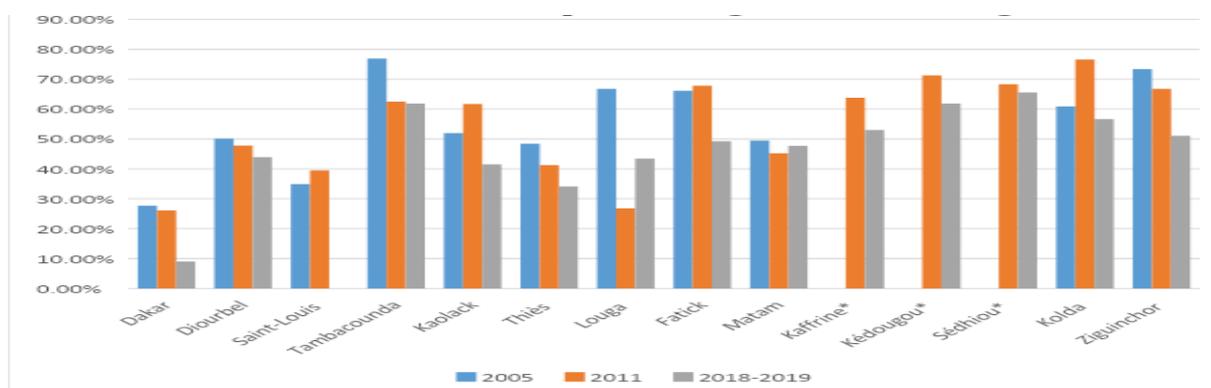
Quadro 20 - Incidência de pobreza, segundo o ano, por região, com destaque para as da Casamansa

Região	Ano		
	2005	2011	2018-2019
Dakar	27,70%	26,10%	9%
Diourbel	50,10%	47,80%	43,90%
Saint-Louis	34,90%	39,50%	40,10%
Tambacounda	76,90%	62,50%	61,90%
Kaolack	52,00%	61,70%	41,50%
Thies	48,40%	41,30%	34,10%
Louga	66,80%	26,80%	43,40%
Fatick	66,10%	67,80%	49,20%
Matam	49,50%	45,20%	47,70%
Kaffrine*	-	63,80%	53,00%
Kédougou*	-	71,30%	61,90%
Sédhiou*	-	68,30%	65,60%
Kolda	60,90%	76,60%	56,60%
Ziguinchor	73,40%	66,80%	51,10%
Total	48,30%	46,70%	-

Fonte: ANSD, ESPS 2005 et 2011. In: NDIONE, 2018, p. 85 e ANSD/EHCVM-2018/2019

* Em 2005, Kaffrine, Kédougou e Sédhiou ainda não eram transformadas em regiões.

Em 2018-2019, Sédhiou foi a região do país com maior proporção de habitantes classificados pobres (Cf. Gráfico 13 e Mapa 13). Em 2011 Kolda ocupou esta posição a nível nacional (Cf. Gráfico 13 e Mapa 12). Para Ngom (2020) a pobreza nesta região, que tornava ainda mais desafiadora a vida de famílias mais humildes, era agravada pelo aumento anual da taxa de desemprego que era de 38,8% em 2013. Em 2005, a região de Ziguinchor teve o maior percentual de pobres das então duas regiões da Casamansa (Cf. Gráfico 13 e Quadro 20)⁴⁰⁸.

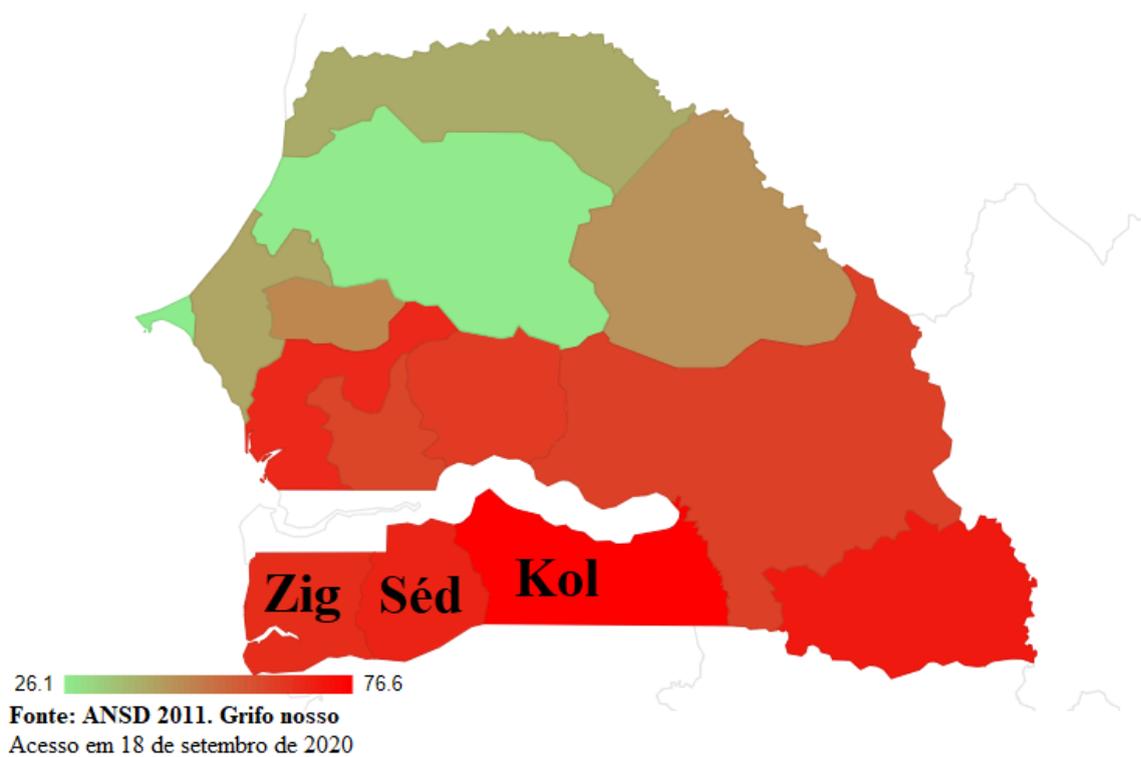
Gráfico 13 - Incidência de pobreza, segundo o ano e a região

Fonte: ANSD, ESPS 2005 et 2011. In: NDIONE, 2018, p. 85 e ANSD/EHCVM-2018/2019

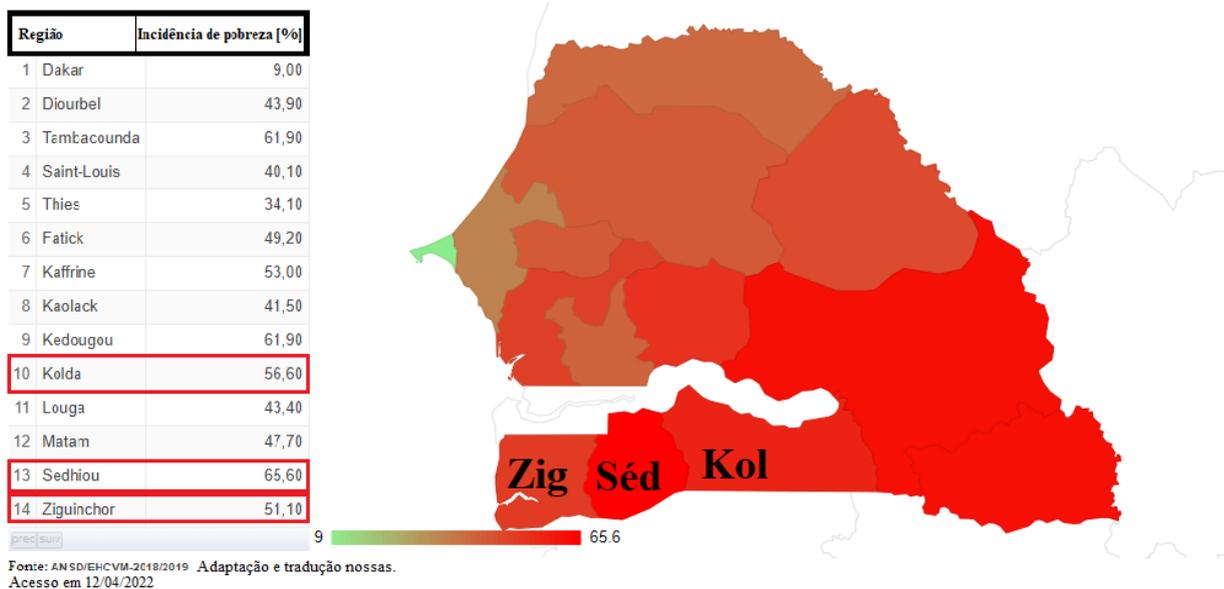
* Em 2005, Kaffrine, Kédougou e Sédhiou ainda não eram transformadas em regiões.

⁴⁰⁸ Analisado em seu conjunto, este quadro confirma a fala de Lavergne de que “Apesar do enganoso modernismo de Dakar, o Senegal é um dos países mais pobres do mundo” (LAVERGNE, 1987, p. 159. Tradução nossa). De acordo com o Banco Mundial, ele ainda está nesta lista (Ver anexos 9.A; 9.B; 9.C e 9.D).

Mapa 12 - Incidência de pobreza no Senegal: regiões da Casamansa (2011)



Mapa 13 - Incidência de pobreza das regiões do Senegal: a Casamansa (2018-2019)



Grifo nosso

Estes dados corroboram a constatação feita em meados da década de 1980 de que a Casamansa “goza de uma reputação de prosperidade doravante absolutamente superestimada,

enquanto que ela se encontra numa situação de crise ecológica e econômica sem precedente” (BONNEFOND e LOQUAY, 1985, p. 8. Tradução e grifo nossos), além de política.

Antes de passar para os aspectos políticos, importa assinalar que a crise política na Casamansa não poderia ser a única fonte de explicação das dificuldades econômicas e sociais atualmente vivenciadas pelos casankoolu. A negligência do poder público em promover políticas econômicas (com a industrialização⁴⁰⁹, uma melhor gestão de recursos florestais, marítimos e fluviais, uma promoção e orientação de uma economia de autossuficiência, não só alimentar⁴¹⁰) e sociais (de ampliação do acesso à educação e da qualidade do ensino em todos os níveis, de criação de condições favoráveis a iniciativas de empreendedorismo já abundante, de acesso da população à segurança, ao emprego público ou privado digno, à saúde, à cultura e lazer, ao transporte, de inclusão cultural e política, em suma, à cidadania por meio de uma integração real), as práticas de corrupção, de extrativismo e de discriminação que despertaram o sentimento de estar sob dominação estrangeira na própria casa, o isolamento geográfico e cultural, todos velhos, antecederam, na Casamansa, o início do conflito armado. Ao falar das dificuldades que passa o setor da pesca, Nguyen-Van Chi – Bonnardel (1971) se refere ao começo da década de 1970.

O isolamento geográfico dos centros habitados, a precariedade das comunicações, as dificuldades de evacuação da maré, um equipamento absolutamente medíocre tanto na produção quanto no âmbito comercial, tornam ademais a Baixa Casamansa não pronta para sair do subdesenvolvimento que a caracteriza em matéria de pesca (NGUYEN-VAN CHI – BONNARDEL, 1971, p. 285. Tradução nossa).

Não obstante, é inegável que o conflito veio agravar significativamente a já existente situação de *vazio político*⁴¹¹. Como Marut, Mbaye (2011) vê uma relação entre este e o conflito. Esta questão, somada a outras, ajudam a entender os aspectos administrativos e políticos relativos à Casamansa e sua região de Ziguinchor.

⁴⁰⁹ Há décadas que se instalou usinas na Casamansa, porém a industrialização da então região da Casamansa estava e está muito aquém do potencial econômico que ela oferece. Apenas duas atividades: a agricultura, ligada ao amendoim, e a pesca, ligada ao camarão, merecem ser consideradas industriais (Trincas, 1984; De Jonge et al., 1978). Elas estão voltadas para atender, se não exclusivamente, especialmente os interesses estrangeiros, notadamente franceses (De Jonge et al., 1978).

⁴¹⁰ De acordo com Ki-Zerbo, a *insegurança alimentar* na África era menos grave no tempo colonial e pré-colonial (KI-ZERBO, 2009, p. 27)

⁴¹¹ Expressão usada por Jean-Claude Marut em entrevista a TV5 Monde em 2018 para expressar a ausência de respostas políticas dos novos administradores, senegaleses, diante das demandas dos casankoolu. Cf. *Histoire – La Casamance, une zone en conflit de longue date. Une page de l’histoire racontée par Jean-Claude Marut*. 09/01/2018. Source: TV5MONDE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2r7B8hVU4D4>

3.3.2.3 - Aspectos políticos: uma região em conflito

Uma particularidade das regiões de Casamansa é que há quarenta anos está em conflito armado, que desde então vem opondo, de maneira simplificada, os Exército senegalês com os combatentes do Movimento das Forças Democráticas de Casamansa (MFDC)⁴¹². Antes de prosseguir, é importante assinalar que o MFDC conhecido como de 1982 foi, na ótica de um dos seus responsáveis entrevistado⁴¹³, um resgate, portanto uma continuidade, em outro tempo, do mesmo Movimento criado em 1947⁴¹⁴. Ele sustenta também que aquele MFDC, nascido em 1947, já tinha o intuito de reivindicar a independência da Casamansa, ciente da especificidade da histórica, geográfica e cultural da mesma, que, aliás, nunca fez parte do Senegal. Ele acrescentou que não se trata de um partido político, mas sim de um Movimento. No mesmo sentido, é afirmado que “O espírito separatista existe em parte da população de Casamansa desde os tempos coloniais, quando as populações resistiram à influência francesa” (DESMARCHELIER, 2001, p. 13. Tradução e grifo nossos).

Importa também ressaltar que o argumento de um MFDC único é contestado por grande parte da literatura (Manga, 2012; Robin, 2006; Seck, 2005; Fadul, 2002; Foucher, 2002) que defende que o primeiro MFDC de março de 1947, criado essencialmente por professores do ensino fundamental e médio⁴¹⁵ em Sédhiou, era inclusive o primeiro movimento político regionalista reconhecido da Casamansa⁴¹⁶. Seu regionalismo é, *antes de tudo, um regionalismo de adesão ao Estado franco-senegales* (Foucher, 2002, p. 393.

⁴¹² Há rivalidades no seio da ala armada do MFDC, houve colaboração entre o Estado e uma parte do MFDC, bem como a participação de Estados terceiros neste conflito.

⁴¹³ É, de acordo com Marut, membro e fundador do novo MFDC, que fala da recuperação da sigla do Movimento de 1947. O que não é confirmado pelo referido responsável, que fala da recuperação do próprio Movimento de 1947.

⁴¹⁴ A respeito, Léopold Sédar Senghor teria dito: *Il est vrai qu'au regard de l'histoire, nous reconnaissons le statut particulier de la Casamance sous la colonisation. Cette situation avait même permis à la création du MFDC en 1947, bien avant l'indépendance du Sénégal. Alors, dans cette perspective, un accord de principe avait été pris pour la défense des intérêts de la Casamance, une fois la République proclamée. Hélas, nous n'héritons pas de la terre de nos parents, nous l'empruntons à nos enfants. Avec le temps, ils se sont sentis abandonnés. Et ce qui devait arriver, arriva, ils décidèrent de prendre le maquis pour obtenir leur propre autonomie.* Cf. Elhadji Daniel So. *Casamance, les regrets de Senghor*. Disponível em <https://www.senepius.com/opinions/casamance-les-regrets-de-senghor>

⁴¹⁵ Dentre seus líderes fundadores Ansouma Abba Bodian, Edmond Bora, Simon Malou, Sanoune Bodian (Foucher, 2002), Ibou Diallo, Emile Badiane (Awenengo Adalberto, 2010) e Victor Simuhemba Diatta (Le Journal du Pays, 15 avril 2023).

⁴¹⁶ “Tais movimentos regionais existiam em três grandes regiões periféricas do Senegal. Assim, encontram-se, ao lado do MFDC, a União Geral do Originários do Vale do rio/*Fleuve* (UGOVAF), para o Norte, e a União Democrática dos Oriundos/*Ressortissants* do Senegal Oriental (UDRSO). Na Câmara territorial, eles constituíam um tipo de grupo de pressão para defender seus interesses comuns, notadamente no que se refere a seu **isolamento**” (SECK, 2005, p. 29. Tradução nossa).

Tradução nossa) e seu objetivo era “permitir que eleitos da Casamansa ocupem cadeiras na Assembleia do Senegal” (ROBIN, 2006, p. 4. Tradução nossa). Ele se divide sete anos depois ao coligar-se ao BDS (Bloco Democrático Senegalês) de Léopold Sédar Senghor, partido criado em 1948⁴¹⁷ e então majoritário. Outro, denominado Movimento Autónomo da Casamansa (MAC) nasce em reação à cooptação do MFDC pelo BDS, tendo como líderes Doudou Sarr, Guibril Sarr e Assane Seck⁴¹⁸ (Manga, 2012; Fadul, 2002). A coligação do MFDC ao BDS, *sob a sigla MFDC-BDS*, que em 1957 se tornou *MFDC-BPS* (Bloco Popular Senegalês). A sigla do BPS foi alterada para UPS (União Progressista Senegalesa) em 1958 e se *funde com o MFDC, fazendo do novo UPS um partido meramente senegalês* (Fadul, 2002, p. 2).

Vale lembrar que o nascimento do chamado pela literatura de primeiro MFDC está relacionado ao contexto colonial. Ele é criado dois anos após o fim da Segunda Guerra Mundial e 5 a 4 anos após a luta pacífica pela liberdade na Casamansa, conduzida por Aline Sitowé Diatta entre 1942-1943, e que resultou na sua deportação para outra colônia. De acordo com Manga, “De 1958 a 1964, a Casamansa se tornou um campo de lutas de influência e de violências políticas que prevaleceram até a era do partido unificado, a partir de 1966” (MANGA, 2012, p. 26. Tradução nossa)⁴¹⁹.

Criado em 1947 ou em 1982, o importante é entender que o conflito em que o MFDC é um dos envolvidos tem suas causas e consequências sobre a vida dos casankoolu, sobre seu desenvolvimento social e econômico, sobre as migrações de seus habitantes. Seus efeitos negativos afetam o Senegal como um todo. Se os combates se iniciaram na região de Ziguinchor, *principal campo de confrontação* (Awenengo Dalberto, 2010), sua *extensão para a região de Kolda ocorreu a partir de 1995* (Foucher, 2002). O estranho, dizem Sonko (2020) e Fadul (2002), é que o conflito na Casamansa é uma questão pouco conhecida no plano internacional.

Sendo que é um dos conflitos que mais duraram em África! Em determinado momento, o Senegal fez de tudo para que esta crise não fosse mencionada notadamente no âmbito dos encontros

⁴¹⁷ Ano em que Victor Simuhemba Diatta, um dos fundadores do MFDC, foi assassinado em Dakar (Le Journal du Pays, 15 avril 2023).

⁴¹⁸ Hoje a única universidade pública da região de Ziguinchor leva o nome de Assane Seck

⁴¹⁹ De 1966 a 1974, a hegemonia do UPS se estendeu para o país todo; todas as instituições. Assim como a burocracia estiveram a serviço deste partido, assegurando-lhe ao mesmo tempo os recursos humanos e os meios financeiros de sua propaganda para a conquista dos sufrágios durante as diversas eleições (MANGA, 2012, p. 26. Tradução nossa).

internacionais. A posição oficial defendia que o conflito era uma crise interna e devia ser administrada como tal (SONKO, 2020, p. 7. Tradução nossa)⁴²⁰.

3.3.2.3.1 - Causas do conflito

Vários estudos sobre a Casamansa abordam o conflito que a afeta desde os anos 1980. “As causas do conflito são complexas. Os fatores frequentemente citados são históricos, econômicos, sociais (desemprego dos jovens, problemas agrários) e culturais (rejeição das especificidades locais)” (DESMARCHELIER, 2001, p. 13. Tradução nossa). No mesmo sentido, em seu balanço sobre estudos que se dedicam a esta crise política, Foucher (2002) identifica.

duas gamas de explicação quase canônicas: uma interpretação culturalista e uma leitura econômica/política. De acordo com a primeira, o conflito resultaria das **diferenças culturais fundamentais** existentes entre a Casamansa e o resto do Senegal, entre a floresta e a savana, entre etnias sahelianas e etnias guineenses, entre civilização do arroz e civilização do milhete... É, pelo menos parcialmente, a explicação do Movimento das forças democráticas de Casamansa (MFDC), o movimento separatista; é também, em certa medida, a do governo senegales que opõe a identidade étnica ‘primitiva’ do MFDC ao multiétnismo esclarecido da ‘democracia’ senegalesa. [...] Mais **econômica e/ou política**, a segunda interpretação canônica coloca no centro de seu dispositivo explicativo **o choque brutal entre modernidade (do Estado Senegales, o capitalismo, a monetarização) e uma sociedade rural tradicional**. Dependendo do lado, os apoiadores desta linha explicativa vão denunciar a ganância dos imigrantes nortistas apoiados por funcionários corruptos, ou o atraso dos casankoolu em entrar na economia moderna e sua falta de dinamismo (FOUCHER, 2002, p. 376. Grifo e tradução nossos).

O que é reforçado em outro estudo em que este autor fala que “para Dakar, como para o MFDC, o conflito opunha uma sociedade camponesa enraizada em seus valores e a modernidade do mercado e do Estado” (FOUCHER, 2005, p. 3. Tradução nossa)⁴²¹. Destacadas estas duas grandes linhas, Foucher (2002) prossegue, notando que no fundo não há contraste entre elas, considerando que ambas costumam ser misturadas pelos observadores do conflito. Portanto, ele defende que “as análises das origens do conflito se reduzem então a um catálogo mais ou menos repleto de tensões sociais, econômicas e culturais na Casamansa” (FOUCHER, 2002, p. 376. Tradução nossa). Muitos autores argumentam seguindo parcial ou totalmente a mesma lógica. Na ótica de Ba e Yacine (2020, p. 30) *as principais causas da rebelião, segundo os habitantes de Ziguinchor*, são respectivamente, *a falta de consideração*

⁴²⁰ A tentativa de manter em silêncio este conflito se deve à preservação de sua imagem de país democrático e estável (Sonko, 2020) aos olhos da África e da comunidade internacional.

⁴²¹ É preciso, no entanto, notar que as diferenças entre as principais sociedades da Casamansa são muitas vezes grandes, apesar de semelhanças identificadas pela literatura, e que na ótica de Cheikh Anta Diop (1979), é possível reunir em última instância, as nações negras em uma cultura.

dos representantes do Estado (Maire, Gouverneur, Préfet), a repressão ao pedido independentista e a exploração e pilhagem das riquezas locais (Tradução nossa). Os autores acrescentam que, considerando os respondentes da pesquisa de forma geral, “a primeira razão da entrada em rebelião é política, e só é muito secundariamente econômica e de forma ainda mais marginal cultural” (BA e YACINE, 2020, p. 31. Tradução nossa).

Vamos portanto nos referir a algumas causas do vasto conjunto cultural, econômico e/ou político apontadas notadamente pela literatura das ciências sociais e humanas, sobre as quais não há necessariamente consenso entre autores. No estudo de Cruise O’Brien de 1992, citado por Diallo (2016), é afirmado que “a gestão da região da Casamansa por uma administração percebida como estrangeira e dominada pelos wolof, e cada vez mais autoritária e corrupta, foi rejeitada com acrimônia crescente” (cf. DIALLO, 2016, p. 81. Tradução nossa). Ao contrário do que defendem Ba e Yacine (2020), a ideia de uma cultura de resistência é sugerida como central por Musila (2015) quando fala de rejeição *dos casankoolu da escravidão tanto europeia quanto africana e sua rebelião contra as tentativas de controle da administração colonial francesa* (Musila, 2015, s/p. Tradução nossa). Se houve resistência contra invasor colonial europeu por décadas - ou séculos na Casamansa - apesar de sua força militar e de sua organização criminosa intercontinental, como entender que o sentimento de que ele foi substituído por agentes africanos assimilados não gere descontentamento ou revolta⁴²² num contexto em que, como sugere a literatura, as tréguas de resistências contra a injustiça e a violência ao longo do século XX, por exemplo, só ocorreram nas décadas de 20, 30 e 60?

Em seu trabalho, ao citar um exemplo determinante, Foucher (2002) argumenta que o elemento escolar é fundamental para compreender a frustração e a construção do nacionalismo⁴²³ dos casankoolu, pois, a atuação dos “evoluídos”, bem como o abandono da

⁴²² Em Carabane, em [1836], “foi com os militares e os comerciantes que desembarcaram os Wolof, trazidos pelos marinheiros franceses na condição de *laptops, manoeuvres* ou como colonos” (TRINCAZ, 1984, p. 165, Tradução nossa). Diante das dificuldades para conquistar a **Baixa Casamansa**, a França recorreu aos Mandinkoolu, já cooptados, porém sem muito sucesso, pois estes também eram pouco tolerados (TRINCAZ, 1984). Nota-se que na Casamansa também os invasores europeus contaram com alguns colaboradores internos. Portanto, não estamos sugerindo que haja uma crise de integração socioprofissional de oriundos do Norte do Senegal na Casamansa, estes seriam, pelo contrário, muito bem integrados. A constituição das lideranças do MFDC, como um movimento regionalista (Seck, 2005; Manga, 2012; Gomes, 2019), em 1947, bem como do MAC, em 1954, que envolveram pessoas de diferentes etnias e origens, servem de ilustrações pertinentes.

⁴²³ O nacionalismo ou a identidade casankoolu, tal como a identidade nacional senegalesa, marfinense ou maliana, é uma construção que parte fundamentalmente da colonização francesa. Como qualquer outra, ela não é um dado. Para Agier (2001), ela é contextual e relacional, além de carregar internamente *uma profusão de elementos*. Literalmente ele escreve: “Toda identidade, ou melhor, toda declaração identitária, tanto individual

política social do Estado voltada para a educação⁴²⁴ foram também determinantes. Nas palavras do autor,

Pelo menos tanto quanto uma fonte de frustração, a escola terá sido um terreno fértil de uma politização nacionalista; a questão escolar determinou ao mesmo tempo a frustração dos casankoolu e o modo como esta tomou forma aos poucos, a maneira como se incarnou historicamente (FOUCHER, 2002, p. 380. Tradução nossa).

À questão escolar, Awenengo Dalberto (2010) e Foucher (2002) associam a migração de *Sulistas* para a cidade-capital. Em Dakar, os “evoluídos” da Casamansa experimentam a frustração com a função pública, diante das categorias que ocupam, mas também da vulnerabilidade a que ficaram expostos em momentos de políticas de contenção de gastos públicos e de demissões. Esta migração não é vista como uma imigração privilegiada na capital (Foucher, 2002).

Ao contrário desta, as migrações senegalesas *Nortistas* para o *Sul* e as configurações que tomam em seu destino são consideradas como elemento central na emergência e na explicação da mobilização dos independentistas (Marut, 2001; Foucher, 2005). Nas palavras deste, “A maior parte dos textos dedicados à formação do separatismo casankoolu confere um lugar central para a migração de nacionais do Norte do Senegal (‘os Nortistas’) para Casamansa” (FOUCHER, 2005, p. 3. Tradução nossa). Ele acrescenta que, ao contrário da migração dos Diola⁴²⁵ no Norte, “a migração nortista é vista como uma migração triunfante e próspera dos aliados do Estado colonial e pós-colonial [na Casamansa]” (FOUCHER, 2005, p. 3. Tradução nossa)⁴²⁶. Labrune-Badiane (2010) fala da presença, na Casamansa, de uma “população wolof e afro-portuguesa de comerciantes ou de auxiliares da administração” (2010, p. 33) colonial. Segundo Trincaz (1984), com a escolha de Ziguinchor como novo centro, e não mais Carabane, “a administração, para implementar seus diferentes serviços,

quanto coletiva (mesmo se, para um coletivo, é mais difícil admiti-lo), é então múltipla, inacabada, instável, sempre experimentada mais como uma busca que como um fato.” (AGIER, 2001, p. 10).

⁴²⁴ Houve na Casamansa a progressiva supressão de internatos na cidade, o aumento substancial de alunos diante da estagnação do recrutamento de professores, supressão de bolsa e fornecimento de material escolar, imposição progressiva de taxas de matrícula (Foucher, 2002, p. 394).

⁴²⁵ Embora majoritários na Casamansa (Senghor, 2018; Musila, 2015), nos estudos de Manga (2012), Ba e Yacine (2020) a reconhecida diversidade étnica e cultural da Casamansa torna inconcebível e reducionista qualquer tentativa de resumir as questões relativas à população de Casamansa apenas aos Joola que nela habitam, estando em Gâmbia e Guiné-Bissau.

⁴²⁶ “Quando a colonização da Casamansa iniciou realmente, no final do século XIX, as posições intermediárias e inferiores destas duas esferas [comércio e administração] estavam ocupadas por originários do Norte do Senegal, que vieram para Casamansa como auxiliares dos Franceses” (FOUCHER, 2002, p. 384. Tradução nossa). É neste acontecimento que se deve buscar a origem do sentimento do colonialismo interno na Casamansa.

trazia como funcionários os quadros de Saint-Louis. Os Wolof foram, assim, tanto gerentes de casas de comércio quanto agentes da administração, bem como professores da cultura francesa (...)” (TRINCAZ, 1984, p. 165. Tradução nossa). Trata-se da “segunda onda de migrantes [wolof] desde 1930, e sobretudo 1945”, sendo a primeira ocorrida muitas décadas antes. Convergindo, Nguyen-Van Chi–Bonnardel (1971) relata que em Ziguinchor, trabalhadores assalariados, sobretudo funcionários, eram do *Norte-Senegal*; “Suas rendas, mesmo modestas, [os] colocam acima da média, assim compram à vontade, nos mercados da cidade, pedaços de peixe grande para fazer *Thiebudien*⁴²⁷” (1971, p. 290). Na mesma linha, a respeito da SEIC⁴²⁸, Trincaz (1984) diz: “Os quadros superiores, somando uma dezena, ainda eram todos europeus em 1973, os supervisores são essencialmente senegaleses de Dakar, e os trabalhadores braçais são casankoolu” (TRINCAZ, 1984, p. 128. Tradução nossa).

Outros estudos (Sadatchy, 2011; Faye, 2013; Musila, 2015; Ba e Yacine, 2020), também relacionando migração e injustiça, evocam o sentimento de exclusão socioeconômica e político-administrativa na região. Na ótica da primeira, o sentimento de injustiça dos casankoolu passou a se intensificar “com a chegada de funcionários do Norte enviados por Dakar e beneficiando de numerosos privilégios: atribuição de terras, cargos importantes, licenças de pesca e de exploração florestal...” (SADATCHY, 2011, p. 2. Tradução nossa)⁴²⁹. A respeito desta migração, o consenso parece estabelecido acerca do sentimento de *colonialismo interno*⁴³⁰.

O sentimento de não pertencimento - efetivo, seja por razões políticas, geográficas ou culturais, é bastante mencionado, tácita ou explicitamente, pelas fontes (Musila, 2015; Mbaye,

⁴²⁷ Também escrito *ceebu jen*, é um prato senegalês à base de arroz e peixe, com extrato de tomate e legumes, reconhecido como patrimônio imaterial da humanidade da Unesco em 14 de dezembro de 2021. Ele é tido como prato nacional senegalês e sinônimo de boa alimentação.

⁴²⁸ *Société Electrique et Industrielle de la Casamance*

⁴²⁹ Os agradecimentos de Nguyen-Van Chi – Bonnardel (1971, p. 287) dirigidos a “M. N’Diaye, Governador da região da Casamansa; a M. Carvalho, *Maire*/prefeito de Ziguinchor; a M. Bernard Arcens e M. Pierre Simonato, Presidente e Secretário da Câmara de Comércio de Ziguinchor; a M. Madiaw Diop, Inspetor regional das Pescas da Casamansa” parecem confirmar cabalmente as afirmações destes autores.

⁴³⁰ Coloca-se então algumas perguntas: Por que estas constatações não parecem se repetir com outros imigrantes na Casamansa? Diante do registrado, poderia este migrante interno “nortista” ser representado de outro modo naquele contexto, se praticamente só ele ocupava o lugar deixado pelo “colonizador” branco, tendo sido anteriormente seu colaborador[#]? É possível que haja consentimento, colaboração proativa de uma parte do povo em ser subestimado, submetido, explorado e desrespeitado antes de ser desumanizado em casa, seja por quem for, mas seria surpreendente que tal desprezo, como ocorreu na Casamansa, gere frustração, indignação, revolta e até luta pela liberdade, como já ocorria contra o próprio invasor intercontinental branco em praticamente todo o continente?

2011; Desmarchelier, 2001; Manga⁴³¹) como fator explicativo da atual situação política da Casamansa. A causa a que se refere Mbaye remete ao *vazio político* de Marut, mencionado acima. “Em todo caso, esta guerra não é estrangeira à ausência até aqui, da parte do Estado, de iniciativas, políticas e econômicas audaciosas e claras, a fim de consolidar ainda mais a unidade e o sentimento de pertencimento dos casankoolu à nação” (MBAYE, 2011. Tradução nossa). Até os anos 1980-1990, o Estado se resumia na Casamansa rural praticamente à disponibilização de professores em escolas construídas pelas comunidades e, talvez, numa estrada asfaltada. A *fratura geográfica* ou isolamento da Casamansa - que alguns consideram também como uma *fratura psicológica* - provocada pela localização da Gâmbia, e que por sua vez é, na ótica de Musila (2015), provocadora de frustrações, faz com que os casankoolu “tivessem se sentido tão negligenciados, ostracizados pelas outras populações com as quais [eles] nunca compartilharam verdadeiros vínculos” (Musila, 2015, s/p. Tradução nossa). No mesmo sentido, é afirmado que “Tradicionalmente, a população [de Casamansa] sempre manteve distância com relação ao resto do Senegal” (DESMARCHELIER, 2001, p. 13. Tradução e grifo nossos). Efetuando a pesquisa e realizando trabalhos sobre a migração internacional senegalesa nos últimos anos, percebemos e ouvimos tais afirmações que ressaltam as diferenças culturais de *uns* e dos *outros* tanto entre *nortistas* como entre *sulistas* do Senegal.

Há a ideia de uma promessa de autonomia feita por De Gaulle a líderes da Casamansa (Roussy, 2021)⁴³² e a de buscar junto a independência - como ocorreu entre o Senegal e o Mali – e de caminhar junto por tempo determinado (Fadul, 2002; Musila, 2015).

De acordo com Manga (2012), no começo dos anos 1970 o falecimento, provocado por causas naturais, em 1971 e 1972 de dois atores políticos eminentes: Ibou Diallo e Emile Badiane⁴³³, ocorre em meio a uma década de crises econômicas⁴³⁴, e de uma aprovação de leis respectivamente agrária e sobre a descentralização, perturbou as relações entre o Estado e as

⁴³¹ Cf. LE GRAND RENDEZ-VOUS. Mohamed Lamine Manga historien. Disponível em: <https://www.youtube.com/@legrandrendez-vous6384/videos>

⁴³² “Em um pacto secreto, celebrado discretamente entre o general De Gaulle e alguns líderes políticos de Casamansa, De Gaulle teria prometido a autonomia da Casamansa em troca de sua adesão (sim) ao projeto de *Communauté française*” (ROUSSY, 2021, s/p. Tradução nossa) em 1958. Este projeto de *Communauté* substituiu a *Union française* que vigorou de 1946 a 1958.

⁴³³ Ambos foram membros fundadores do MFDC em 1947. Foi o último que promoveu a construção *do primeiro jardim de infância do Senegal rural em seu vilarejo natal, Tendième* (FOUCHER, 2002, p. 391).

⁴³⁴ O advento de 9 secas entre 1966 e 1987 no Senegal, sendo as mais graves as de 1972 (a pior desde 1913), 1977; 1980, 1984-1985 (Lavergne, 1987, p. 1) certamente contribuiu para agravar as referidas crises econômicas no país.

populações. Na Casamansa, estas mortes foram vistas como eliminações. Para Tomàs, “Os exemplos de estigmatização, exclusão e perseguição [particularmente] do mundo diola tradicional foram citados por numerosos e diversos autores⁴³⁵” (2022, p. 116. Tradução e grifo nosso), e vinham sendo denunciados desde os anos 1970 por Abbé Augustin Diamacoune Senghor nas ondas da ORTS⁴³⁶. Um dos desfechos foi o “movimento popular de contestação” independentista com primeira incidência grave em 26 de dezembro de 1982 (Musila, 2015; Manga, 2012; Awenengo Dalberto, 2010; AI, 1998).

Reprimido pelo Estado - e com vários feridos e dezenas de prisões efetuadas como a do Abbé Diamacoune Senghor - e ainda mais severamente um ano mais tarde, em 17-18 de dezembro de 1983, quando o MFDC decide comemorar o aniversário da manifestação pacífica que organizou no ano anterior, mas desta vez, com armas “brancas”, a administração, que havia se preparado para o pior, esperava pelos manifestantes com um dispositivo de Forças fortemente armadas. O confronto causou dezenas de mortos diante do palácio do

⁴³⁵ Diédhiou, 2011 ; Marut, 2001 ; Moreau, 2001 ; etc.(Ver Tomàs, 2022, p. 116). Desacreditado no tempo colonial por missionários e administradores franceses, o sistema dos altares da religião *awaseena* e o *mujoolayi* seguiu sendo desacreditado hoje por diversos atores políticos e por católicos e muçulmanos, inclusive por parte dos Joola muçulmanos. Paradoxalmente, muitos destes que se entregaram à religião alheia alienados recorrem a soluções místicas da religião tradicional (Tomàs, 2022, p. 109).

⁴³⁶ Os programas de Diamacoune na emissora “falam da história da Casamansa e, aos poucos, se tornam um fórum onde as populações expressam suas frustrações: espoliação de terras, tanto na cidade como no campo, imposição de uma lei sobre o domínio nacional/*domaine national* e de um código florestal que não leva em consideração os usos e costumes da região, desprezo cultural no qual são colocados os povos da Casamansa pelos *nortistas*” (ROBIN, 2006, p. 4. Tradução nossa). Ele denunciava “as discriminações do Norte em relação à Casamansa em emissões de rádio. [e] suas posições lhe custaram cinco anos de prisão por sedição em dezembro de 1982” (SADATCHY, 2011, p. 3. Tradução e grifo nosso). Já em 1961, Mamadou Dia cita a Casamansa dentre as 3 regiões periféricas abandonadas pelo Estado (*Le Monde*, 17 mai 1961). Porém, o atual Presidente do Senegal: Macky Sall parece discordar das afirmações de que a Casamansa foi marginalizada, “já que, quando se considera os investimentos que foram realizados, antes mesmo do conflito, no Sul em relação ao Norte, o Sul beneficia cinco vezes mais que a região do Futa, por exemplo, que é minha região de origem, a dos meus pais. Não é um problema de investimento ou de discriminação. Talvez no âmbito cultural. **Não se pode negar que, em determinado momento, houve *du mépris*/desprezo cultural no Senegal, o que tem que ser combatido. E é meu combate no Senegal. Digo que tem que evitar a ditadura ou a dominação de um grupo em relação ao resto do Senegal. [...] Sob o ângulo do desprezo cultural, sim, diria. E é por isso que se deve tomar cuidado para que todas as etnias sejam reconhecidas, sejam de igual dignidade, todas as línguas sejam de igual dignidade. Penso que a verdadeira resposta, no entanto, é lutar, de forma global, contra as desigualdades sociais,** e esse foi o primeiro ponto do meu programa como candidato...” (Entrevista da Al Jazeera a Macky Sall. Cf. Al Jazeera. Talk to Al Jazeera – Macky Sall: ‘It’s easy to condemn África’. 2013. Tradução nossa). Disponível em: <http://bit.ly/AJSubscribe>. De sua parte, Foucher entende que para se contrapor à retórica nacionalista da Casamansa, e, portanto, à ideia de tradição da mesma, difundida particularmente pelo MFDC, o “Estado lançou uma contra-guerrilha cultural, disputando com o MFDC o controle simbólico dos heróis tradicionais casankoolu, e em particular diola” (FOUCHER, 2007, p. 70. Tradução nossa). Em seu estudo, Ba e Yacine (2020) mostram que por causa da ocupação da chefia, da adoção das referências e do idioma joóla pelo MFDC, o exército e a mídia reforçaram e endureceram esta realidade “considerando cada Joóla, logo todos os Joóla, como rebelde ativo ou potencial”. O que leva ao reducionismo, que associa o Joola à Casamansa e à rebelião, culminando numa simplificação grosseira. **A Casamansa nunca foi e não é diola, ao passo que o Senegal nunca foi e não é wolof.**

Governador e na cidade, e levou à prisão de centenas⁴³⁷. Era o começo de um conflito mortal que dura” [há quarenta anos]. Uma das consequências da repressão foi o nascimento da rebelião na Casamansa, a declaração de guerra a Dakar, e a criação, por Sidy Badji, – ex-cabo do 75º regimento de infantaria do exército colonial, e do exército senegalês - do braço armado (Atika) do MFDC em 1983⁴³⁸ (Robin, 2006; Sadatchy, 2011; Musila, 2015; Ba e Yacine, 2020; Diémé, 2022). Neste sentido, Sadatchy (2011, p. 2) argumenta que “Os combatentes foram formados por ex-soldados do exército senegalês e do exército colonial” (Tradução nossa).

Todos estes fatores, a levar em conta na análise mais profunda do mais longo conflito interno armado⁴³⁹ da África (Diallo, 2011), qualificado de “baixa intensidade” em termos de vítimas humanas e danos materiais, não esgotam as causas do conflito interno senegalês.

3.3.2.3.2 - O conflito e os envolvidos

Reitera-se que o conflito na Casamansa opõe, em termos simplificados, o MFDC e o Exército senegales. Na prática, confrontos ocorreram entre estes dois atores, bem como entre alas armadas do MFDC cuja primeira divisão expressiva é situada, de acordo com Robin (2006), após a assinatura do primeiro cessar-fogo em 1991⁴⁴⁰. Embora considerado como uma

⁴³⁷ 25 pessoas morreram e mais de 260 membros do MFDC foram detidos (Sadatchy, 2011).

⁴³⁸ “Após a manifestação pela independência de 1983, Sidy Badji se retira para o *maquis* e criou, em Mandina (Sul de Ziguinchor), “Atika”, a ala militar do MFDC” (ROBIN, 2006, p. 21. Tradução nossa).

⁴³⁹ O que não é o objetivo deste trabalho.

⁴⁴⁰ De acordo com Robin (2006), os mesmos acordos de Cacheu que levaram ao primeiro cessar-fogo em 1991 provocaram uma radicalização que resultou na divisão interna do MFDC. Nasce então a *Frente Norte*, acantonada na fronteira noroeste com a Gâmbia e *representada por Sidy Badji, que aceita dialogar* e para de combater naquele ano, sendo dirigida por Kamoungué Diatta, e a *Frente Sul*, acantonada na fronteira sudoeste, *representada por Diamacoune, e dirigida por Léopold Sagna, que reivindica a independência* (Robin, 2006; Foucher, 2003). A Frente Sul acabou se dividindo internamente, pois seus *radicais, acantonados no sul e sudeste de Ziguinchor*, sob a direção de Salif Sadio, não pararam de combater (Foucher, 2003). Ainda de acordo com este autor, a divisão é também perceptível na *ala exterior* do MFDC, que reúne, por um lado “os “duros”, chefiados desde Paris por Mamadou Nkrumah Sané, e [por outro] os “moderados”, comandados por Jean-Marie François Biagui estabelecido em Lyon” (Foucher, 2003, p. 103. Tradução nossa). Para Marut, estas divisões são provocadas por rivalidade internas[#], incentivadas e exploradas pelo Estado do Senegal, numa lógica do ‘dividir para reinar’. Aliás, decorreu desta situação o estabelecimento de relações privilegiadas com ou o apoio a uma ou outra facção do MFDC (Sonko, 2020; Diallo, 2016; Sadatchy, 2011). Foi o que adotou o Estado senegalês com a Frente Norte sob o comando de Sidy Badji – quando este decidiu parar de combater, assinando um cessar fogo em 1991 (Diallo, 2016; Sadatchy, 2011; Foucher, 2007; AI, 1998), e passou a beneficiar de *financiamentos e da tolerância de tráficos* de madeira e maconha nos anos 1990 (Diallo, 2016) - no intuito de poder promover a reintegração social dos ex-combatentes. Esta estratégia do Estado senegalês era uma de várias adotadas para desestabilizar, enfraquecer o MFDC com o passar do tempo ou minimizar seu potencial de causar danos e de promover um clima de paz. Com a morte de Sidy Badji em 2003, a Frente Norte se divide, pois seu novo líder Kamoungué Diatta é contestado. A Frente Sul é também dividida em duas facções: ao Leste os seguidores de

situação de “nem paz nem guerra” pela literatura e pela maior parte dos respondentes (38,04%) sobre a situação atual na Casamansa (Ba e Yacine, 2020), este conflito armado ocorre desde 1983, ano em que ocorreu a repressão a manifestantes independentistas, que ocasionou mortes e prisões. Quatro décadas depois, Marut fala do *incidente* de 24 de janeiro de 2022 entre um grupo das “forças de interposição [da ECOMOG] na Gâmbia, [composta de] soldados do exército senegalês, de um lado, e os rebelados de Salif Sadio” do outro, que ocasionaram a morte de 4 e a captura de 7 soldados senegaleses – liberados 20 dias depois, em 14 de fevereiro, por intermédio do Sant’Egidio⁴⁴¹ - na fronteira norte da Casamansa, tornaram-se uma oportunidade para o Estado senegalês, lançar uma ofensiva contra a única ala « radical » que assumiu a autoria destes atos, ciente de que ela está cercada e com poucas chances de poder se defender⁴⁴². Um dos nossos interlocutores, considerando a insegurança na Casamansa, estima que o reconhecimento da condição de refugiado a solicitantes originários da Casamansa que se encontram no Brasil, deveria ocorrer. Outro menciona a referida ofensiva de janeiro de 2022 no Sul da Gâmbia e o confronto que ocasionou como uma guerra, lembrando que ele mesmo havia se deslocado internamente na Casamansa por causa do conflito. Ambas as situações questionam a difundida situação de *Nem paz nem guerra*, politicamente mais palatável. Um terceiro interlocutor conta ter vivenciado de perto os combates no Sudoeste do país.

Sadio e ao Oeste os de Sagna. A rivalidade entre elas leva a execução de Sagna e de vários de seus tenentes por Salif Sadio em 2001. A rivalidade seguirá seu curso entre este e César Atoute Badiate, o sucessor do Sagna (Sadatchy, 2011).

⁴⁴¹ Comunidade católica italiana, a “intervenção de Sant’Egidio no Senegal data do ano 2012 (outras fontes indicam o ano 1998); desde aquela data, ela desenvolve um trabalho de mediação entre o governo do Senegal e o Movimento das Forças Democráticas de Casamansa (MFDC), movimento politico-militar casankoolu, em conflito há mais de 30 anos com as autoridades do país. Sant’Egidio foi convidada a se interessar pelo conflito na Casamansa pelo ex-chefe de Estado do Senegal, *Maître*/Doutor Abdoulaye Wade. Sua implicação decorreu dos múltiplos fracassos constatados, desde o início do conflito, nas diferentes tentativas de trazer a paz de volta na Casamansa (fracasso das negociações, violações dos acordos de paz). Com efeito, o presidente senegalês Abdoulaye Wade tinha declarado à *Radio France Internationale*, ter convidado a Sant’Egidio, a desempenhar um papel de mediador no conflito secessionista na Casamansa” (SONKO, 2020, p. 13). Tradução nossa). Recentemente a Sant’Egidio “*expressa sua profunda preocupação com o confronto armado e pede a cessação dos combates para retomar o processo de negociação*” (Cf. rfi.fr : *Sénégal: une partie de la population fuit l’opération militaire en Casamance*.15/03/2022. Tradução nossa). De acordo com Foucher (2007, p. 65) o *Comité des cadres casamançais; a Igreja católica e seu braço humanitário, a Caritas, as ONGs, os Usana ou os reis-pastores da religião diola* se envolveram na resolução do conflito na Casamansa. Foucher (2007) e Marut (2022) sugerem que o envolvimento de países como a Gâmbia, a Guiné-Bissau, a França, os Estados Unidos, além da Alemanha e da Espanha, mas também da União Europeia, cada um com sua forma de contribuir para a paz no Senegal, seria dificilmente questionado. Entretanto, não há ‘ajuda inocente’. A presença dos Estados Unidos na Casamansa é descrita por Marut (2022) uma desculpa plausível para justificar sua presença num *pré carré* francês, com a cumplicidade da França, tendo como outros objetivos “latentes” o combate ao terrorismo e ao tráfico ilícito.

⁴⁴² Cf. TV5MONDE info. *Sénégal: Opération militaire en Casamance*. 22/03/2022. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=TTjw9Z7BxSE&t=59s>

Quase 40 anos depois do começo do conflito, vê-se em Ba e Yacine (2020) que, aos 38,04% dos que entenderam que não há nem paz nem guerra, somam-se 8,45% que entendem que a situação atual na Casamansa é de guerra. Portanto, os que, no citado estudo, reconhecem que há pelo menos falta de paz na Casamansa somam 46,5%, contra 32% do que falam de *estado de paz* por causa de momentos, ora longos, de calma, apesar do permanente *estado de exceção*⁴⁴³ (Ba e Yacine, 2020).

O ano de 1989 é considerado como o início da confrontação direta armada entre os lados em guerra⁴⁴⁴. Supõe-se que tal confronto era evitado pelos combatentes do MFDC até então pouco equipados. De acordo com Musila (2015), a intensificação do conflito ocorreu entre julho e agosto de 1990, quando houve confrontos sérios entre o exército senegalês e os separatistas, e ao longo das décadas 1990-2000, ele toma outra proporção, envolvendo a Guiné-Bissau.

O essencial das armas sofisticadas do MFDC “vinha da Guiné-Bissau que mal tinha acabado de sair de uma guerra de independência” (MUSILA, 2015, s/p. Tradução nossa) na qual contou com a colaboração de casankoolu, segundo um responsável do MFDC (Entrevistado em 01/05/2022). Portanto, a Guiné-Bissau, *suspeita, até anos recentes, de complacência em relação à rebelião da Casamansa* (MUSILA, 2015, s/p. Tradução nossa), foi alvo da pressão do Senegal e da França no final da década de 1990, no intuito de levar o presidente da República da Guiné-Bissau a pôr fim ao tráfico de armas que beneficiava e fortalecia o MFDC (Foucher, 2013). No entendimento de Foucher (2013), esta *colaboração* não seria oficial do Estado bissau-guineense. O que ele formula nas seguintes palavras:

Embora o MFDC se beneficie de certa simpatia de uma parte da elite política guineense, as autoridades de Bissau não apoiaram os separatistas. Elas foram oportunistas nesta história, e, aliás, estavam do lado do mais forte, o Estado senegalês, usando a situação na Casamansa como um dos elementos de barganha (FOUCHER, 2013, p. 6. Tradução nossa).

⁴⁴³ “Check points, maciça presença de militares” (BA e YACINE, 2020, p. 28). A Casamansa é, há décadas, um lugar onde, ao sair sem carteira de identidade no bolso, qualquer jovem adulto estaria arriscando a própria vida. Além disso, o medo e a vigilância estão sempre vigentes.

⁴⁴⁴ Para o pesquisador Mohamed Lamine Manga, a ala armada do MFDC foi criada em 1985, mas os primeiros confrontos entre o exército nacional e os combatentes deste Movimento ocorreram em 1989. (Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=8VXJUEBEqnY>). Foi no decorrer de 1989 que ocorreu a crise política entre o Senegal e a Mauritânia, e o término da segunda Senegâmbia. Esta é *uma confederação vigente desde 1º de janeiro de 1982*, cujos componentes são o Senegal e a Gâmbia. Ela *desaparece, em 30 de setembro* (Ver Perspective Monde: *Entrée en vigueur de la Confédération de Sénégal et de Gambie*. Acesso em 15/02/2023). Após ter tido seu governo salvo de golpe de Estado em 1981, em poucos dias de intervenção militar senegalesa, a pedido do então presidente Dawda Kairaba Jawara, este teria solicitado a criação da *Confederação senegâmbiana* (Roussy, 2021).

À semelhança da sua relação com a Guiné-Bissau, parte do MFDC contou, em algum momento, com a colaboração da Gâmbia. De acordo com alguns autores, o então presidente da Gâmbia, Yahya Jammeh, era acusado de cumplicidade com Salif Sadio (Foucher, 2013), ou era o protetor (Marut, 2022) do líder independentista da Ala norte do MFDC ⁴⁴⁵.

Distanciando-se ligeiramente de Foucher (2013), Jean-Claude Marut⁴⁴⁶ defende que estes dois Estados apoiaram por muitos anos a rebelião da Casamansa, movidos muito mais por questões de poder, diante de *disputas com o Senegal*, do que por vínculos de parentesco. Ambos concordam em dizer que a colaboração vindo dos referidos países não se justificava necessariamente por simpatia à causa independentista da Casamansa, mas sim por se tratar de uma forma de instrumentalização contra o adversário senegalês, considerando que havia disputas entre a Gâmbia e o Senegal, e entre este e a Guiné-Bissau⁴⁴⁷.

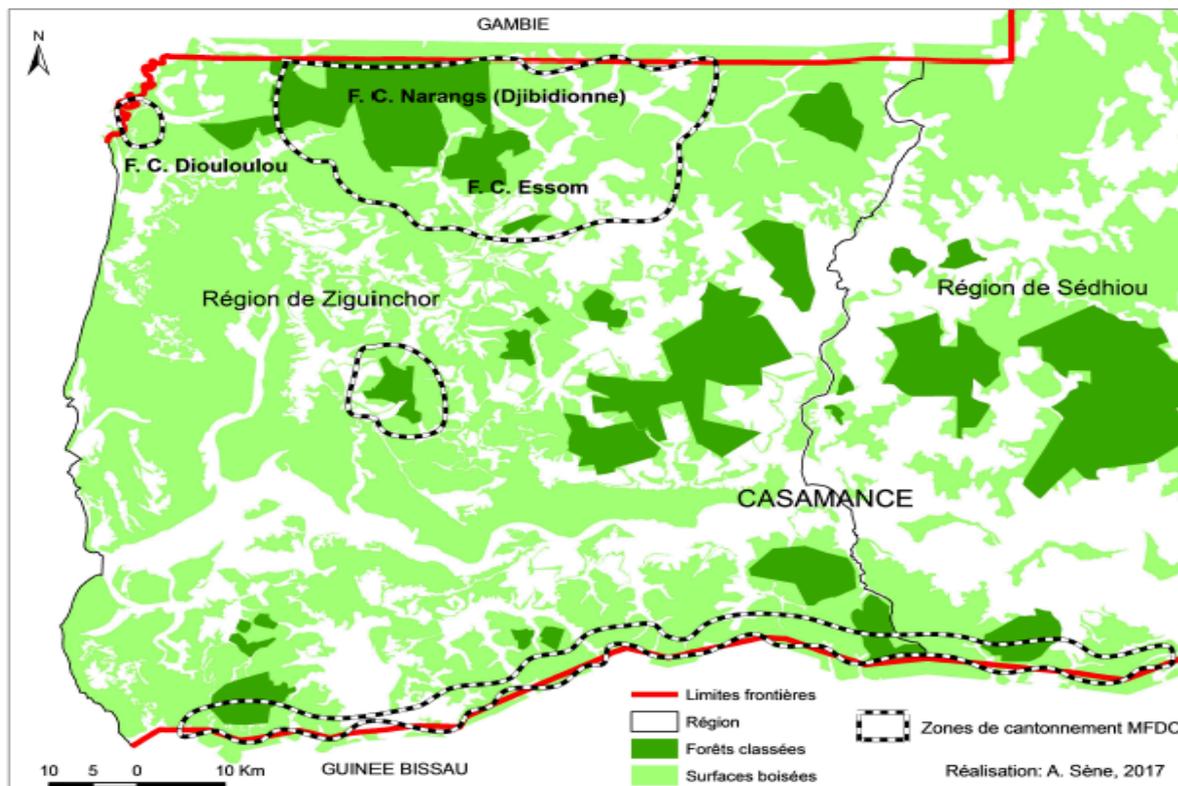
O envolvimento dos países vizinhos se deu também, voluntariamente ou não, pelo uso de seu território pelo MFDC. No mapa a seguir, Sène (2019) mostra que as bases do braço armado do MFDC tendem a beirar as fronteiras norte e sul da Casamansa e estão principalmente na Baixa Casamansa. É o que mostra Desmarchelier, dizendo: “A principal zona afetada pelo conflito é a parte sul da região de Ziguinchor, na fronteira com a Guiné-Bissau. O MFDC havia aparentemente concentrado suas tropas nela e estabeleceu áreas minadas para protegê-las” (DESMARCHELIER, 2001, p. 14. Tradução nossa). De acordo com esta fonte, a então região de Kolda era significativamente menos afetada, principalmente seus então departamentos mais distantes da região de Ziguinchor: Kolda e Vélingara. A localização das bases dos *Atika*, longe de ser casual, foi e é estratégica para este Movimento. Os locais de acantonamento dos combatentes do MFDC sugerem a facilidade de deslocamento de um lado para outro das fronteiras norte e sul da Casamansa.

⁴⁴⁵ Diante de repetidas ofensivas do exército Bissau-guineense no começo dos anos 2000, este chefe de uma facção do MFDC havia sido obrigado a deixar a fronteira sul da Casamansa para se instalar ao Norte, na fronteira com a Gâmbia, em meados de 2006. O ex-Presidente da Gâmbia, Yahya Jammeh, que chegou ao poder por meio de golpe de Estado em 1994 e permaneceu nele até 2016, é acusado de cumplicidade com Salif Sadio, a partir daquele ano, quando este se instala na fronteira sul da Gâmbia, e não tinha boas relações com Dakar (Foucher, 2013).

⁴⁴⁶ Cf. TV5 Monde. *Histoire – La Casamance, une zone en conflit de longue date. Une page de l’histoire racontée par Jean-Claude Marut.* 09/01/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2r7B8hVU4D4>

⁴⁴⁷ Provocadas em parte pela *reivindicação por uma área marítima rica em petróleo*, as disputas entre Bissau e Dakar se amenizam com a entrada da Bissau na zona F CFA em 1997 (Cf. Musila, 2015) e, pode se dizer, com a revisão que viu aumentar de 15 para 20% a parte da renda eventual da Guiné-Bissau, que viria do petróleo a explorar na fronteira marítima entre os dois países.

Mapa 14 - Áreas de acantonamento do Movimento das Forças Democráticas da Casamansa (MFDC) nas regiões de Ziguinchor e Sédhiou (Casamansa).



Fonte: SÈNE, 2019, p. 15. Mapa de 2017. Grifo nosso.

Vários estudos (Bodian, 2018; Desmarchelier, 2001; Diallo, 2016) indicam que os territórios fronteiriços da Guiné-Bissau e da Gâmbia serviram de *bases arrières* para os combatentes do MFDC. O que é facilitado pela porosidade das fronteiras⁴⁴⁸, que torna mais complexa e difícil administrar a crise da Casamansa (Bodian, 2018), ao mesmo tempo que o conflito na Casamansa acentua, inversamente, ainda mais os desafios de controlar as fronteiras, desafios estes presentes em toda as áreas fronteiriças do país (Diallo, 2016).

Fora os momentos de divergências entre o Estado senegalês e parte de seus vizinhos limítrofes, o Senegal tem conseguido estabelecer relações de cordialidade e colaboração estreita principalmente com Gâmbia e Guiné-Bissau. No caso desta última, a primeira metade da década de 2000 foi de muita cooperação com o Senegal. No tocante à Gâmbia, a aproximação era forte na década de 1980, assim como a partir de meados da década de 2010.

⁴⁴⁸ Veremos adiante que apesar dos esforços e meios colocados para fechar o caminho à migração irregular, nenhuma fronteira é hermeticamente fechada, nem mesmo as fronteiras da UE e dos Estados Unidos que mobilizam enormes meios para evitar a migração informal. O mesmo pode-se dizer daquelas do Canadá, embora menos expostas a este fenómeno (Helly, 2005). Nosso campo permitiu perceber que a entrada irregular de casankoolu neste país e no Brasil é algo raríssimo.

Nos dois casos, a cooperação tinha como um dos panos de fundo o conflito na Casamansa (Diallo, 2016; Foucher, 2013). Portanto, buscando afastá-los do MFDC, o Estado senegalês procurou reforçar a colaboração com estes dois países vizinhos em conjunturas favoráveis. É o caso dos últimos anos nas relações entre ambos os países.

Ficou notória a cordialidade que os atuais presidentes da Guiné-Bissau e da Gâmbia⁴⁴⁹ testemunham *vis-à-vis* do presidente do Senegal. Esta conjuntura é avaliada como muito favorável pelo e para o Estado senegalês, que, de acordo com Jean-Claude Marut, aposta na resolução definitiva do conflito pela via militar, eliminando o grupo de Salif Sadio, contando, tanto do lado norte como do sul da Casamansa com o « fechamento » dos respectivos territórios aos combatentes do MFDC, para erradicar, senão enfraquecer o último bastião expressivo do movimento independentista. Assim, para além das suspeições de colaboração com um ou outro lado, os territórios da Gâmbia e da Guiné-Bissau de fato serviram, por algum momento, de suporte para os militares do Exército Senegalês ou para os combatentes do MFDC. Os episódios de 1998 e de 2022 servem de ilustração de tais escolhas.

Na sua busca de resolução do conflito na Casamansa, o Estado senegales contou também com o apoio de países ocidentais, beneficiando-se *da ajuda externa que havia assumido totalmente o financiamento do envio de tropas militares na Casamansa em 1998; Paris e Washington aparecem como os principais contribuintes do esforço de guerra senegalesa na Casamansa* (MUSILA, 2015, s/p. Tradução nossa).⁴⁵⁰ No entanto, anos antes, Fadul (2002) sugere que a posição da França tenderia mais para a « ambiguidade », ao passo que a dos Estados Unidos passou do apoio explícito ao apelo ao diálogo. A França, diz ele,

⁴⁴⁹ Lembrando que o atual Presidente da Gâmbia, Adama Barrow, tomou então posse na embaixada de Gâmbia em Dakar, o papel do Senegal na instalação deste à presidência gambiana em 2017, reeleito em 2021, foi fundamental para restabelecer boas relações políticas entre os dois Estados, relações estas bastantes desgastadas nos governos de Yahya Jammeh, como indicado por Foucher (2013) e Marut (2022). No tocante à Guiné-Bissau, seu presidente Umaru Cissoco Embaló, eleito em janeiro de 2020, fez sua primeira visita ao Senegal. Ele declara que o atual presidente do Senegal, Macky Sall, no poder desde abril de 2012, é seu irmão mais velho. Diante de tal conjuntura, Marut (2022) afirma que estes países estão *na zona de influência de Dakar*.

⁴⁵⁰ No tocante ao ano 1998, tratava-se de fato de uma operação na Guiné-Bissau. A propósito, o autor, sendo mais específico, indica que «A intervenção militar senegalesa em Bissau em 1998 para apoiar o presidente Vieira, após um levante de parte do exército bissau-guineense, deu uma outra dimensão ao conflito. Por trás do pretexto legalista (defesa de um regime democraticamente eleito) e a invocação de um acordo de assistência mútua, tratava-se de evitar a instalação de um regime favorável à rebelião da Casamansa, e de varrer os maquis bissau-guineenses dos rebeldes casankoolu, cuja importância foi revelada pela concentração de confrontos ao longo da fronteira em 1995 e 1997. Mas esses objetivos foram apenas parcialmente alcançados : se salvaram o presidente João Bernardo Vieira, os soldados senegaleses não conseguiram vencer os amotinados, e seu aliado saiu enfraquecido da prova. Ele teve que aceitar o cessar-fogo assinado em 26 de agosto, particularmente graças aos esforços diplomáticos dos países de língua portuguesa ». (Cf. MUSILA, 2015, s/p. Tradução nossa).

Apelou sempre às partes em presença no sentido do estabelecimento de discussões visando encontrar soluções pacíficas para a Casamansa, respeitando simultaneamente as aspirações identitárias da população e a integridade territorial do Senegal, por forma a abrir o caminho ao retomo do Estado de Direito nessa região. [Quanto aos Estados Unidos], apoiavam o intento e a estratégia belicista de Dakar para a resolução do conflito da Casamansa, oferecendo mesmo ao Governo senegalês ‘treinamento para as suas forças militares e ajuda bélica para combater os rebeldes da Casamansa, reafirmando o seu apoio à política da ideologia da não divisão...’, passaram repentinamente a outro entendimento do conflito, manifestando o desejo de ‘rápido início de diálogos pela paz’ entre Dakar e o MFDC, sublinhando que ‘o conflito na Casamansa não pode ser regulado senão por negociações políticas’ e que ‘uma solução militar é impossível’ (FADUL, 2002, p. 4. Grifo nosso).

À semelhança do que se observou no caso da Guiné-Bissau e Gâmbia, as posições da França e dos Estados Unidos sobre o conflito na Casamansa não foram estáticas.

3.3.2.3.3 - As consequências do conflito

O conflito na Casamansa ocasionou derramamento de sangue - em decorrência de confrontos e execuções extrajudiciais - provocou migrações e deslocamentos forçadas, sofrimento, perdas materiais, sentimento de insegurança e desconfiança permanente entre pessoas na Casamansa (Sonko, 2020; Diallo, 2016; Manga, 2012; Diallo, 2011; Foucher, 2005; AI, 1998). Tal ambiente apontado por estes estudos é nefasto para o desenvolvimento social e econômico e para a preservação do meio ambiente. Diante disso, só cabe reconhecer que a região ainda passa por um conflito, apesar de sua *baixa intensidade*. As operações militares de 2021 no Sul da Casamansa e 2022 na sua fronteira com a Gâmbia, para citar apenas estas, são uma pequena prova de sua vigência.

Nas palavras de Diallo (2011), “é evidente o sofrimento que ele [o conflito] causou e continua causando tanto para a população do Senegal quanto para a população da região oeste africana como um todo” (2011, p. 21, Grifo e tradução nossos). Para Ba e Yacine (2020), o imaginário coletivo de que o Senegal é um país de paz em que não há derramamento de sangue revela “uma negação da realidade, que a ignorância e o isolamento do campo das violências, [que é a Casamansa] reforçam. O que está fora da experiência sensível parece estar, aqui, fora da realidade” (BA e YACINE, 2020, p. 4. Tradução nossa). O conflito na Casamansa

fez milhares de vítimas e teve consequências políticas, econômicas e sociais que certamente criaram um mal-estar local, mas que também e sobretudo **sacudiram a unidade e a coesão nacional**. A imagem de marca do Senegal ficou danificada em decorrência disso, e a própria sub-região vem ressentindo de forma intermitente esta instabilidade desde **1991**, ano da

recrudescência das violências cujos autores são as forças armadas senegalesas e os combatentes do MFDC (MANGA, 2012, p. 25. Tradução nossa)⁴⁵¹.

No mesmo sentido, AI (1998) estima que em 15 anos de conflito (1983-1998), este fez milhares de vítimas. A violência perpetrada pelos confrontos entre os dois principais atores, à qual se soma a exercida pelo Estado do Senegal, por um lado, e pelo MFDC, por outro, contra a população civil, muitas vezes inocentes - cada lado justificando implicitamente seus crimes pela busca por adesão e colaboração à sua causa ou pela dissuasão na adesão à causa do adversário - se fez em nome da independência para o MFDC, e da integridade do território para o Estado do Senegal (AI, 1998; 2002)⁴⁵². Nas palavras da AI,

Diante da impossibilidade de subjugar militarmente seus adversários, as duas partes em conflitos escolheram deliberadamente aterrorizar os civis, inclusive mulheres e idosos, para obrigá-los a escolher seu lado ou a renunciar ao menos de apoiar o adversário (AI, 1998, p. 1. Tradução nossa).

Ainda de acordo com a AI (1998), as violências e violações cometidas contra a população civil pelas forças de segurança na Casamansa incluíram detenção arbitrária e tortura⁴⁵³, “desaparecimentos” após detenção, e execução extrajudicial. Os Diola, suspeitos de apoiar as ações armadas do MFDC⁴⁵⁴, eram alvos e constituíram a maioria do que a AI chamou de “prisioneiros de opinião”. Garantido o anonimato, as últimas fontes (civis e militares) afirmaram que “o exército senegalês tortura e executa na Casamansa, as vítimas enterradas depois perto dos acantonamentos militares e dos postos de controle” (AI, 1998, p. 1. Tradução nossa). Por outro lado, a organização AI também vinha denunciando as violências cometidas pelo MFDC contra civis tais como *chefes tradicionais*, membros de determinadas etnias da Casamansa, *originários de outras regiões do Senegal*. Tais atos, que não poupavam

⁴⁵¹ É certo que a situação na Casamansa não é de paz, menos certo é que não seja de guerra, apesar das tréguas decorrentes da assinatura *dos numerosos cessar fogos -1991, 1999, 2004 - e dos acordos de paz – 1992, 2001, 2004*, que não asseguraram *o restabelecimento de uma paz duradoura na região* (SADATCHY, 2011, p. 2. Tradução nossa).

⁴⁵² Para o jornalista Ibrahima Gassama, conhecedor do conflito (Ver Diaw, 2020) e para a AI (1998) a principal exigência do MFDC é a independência da Casamansa, sendo que o Estado do Senegal exclui totalmente esta possibilidade em nome da integridade. Notemos que ambas as convicções, *independência* ou *integridade territorial*, estão baseadas, em última instância, na colonialidade.

⁴⁵³ As formas de tortura, praticadas durante anos (Ver detalhes em AI, 1998), não têm nada a invejar daquelas, também terroristas, do tempo do tráfico pessoas negras para escravização, ou de invasão colonial (Ver Maran, 2021; Sarr, 2021; Césaire, 1978).

⁴⁵⁴ Nossas entrevistas mostraram que a suspeita ou associação deliberada e sem fundamento ao MFDC se aplica a outras etnias, e inclusive em contextos migratórios.

mulheres e crianças, se materializam sob forma de *maus tratos, tortura e homicídios voluntários e arbitrários* de civis, notadamente da Casamansa, mas não só⁴⁵⁵.

É esperado, num contexto de conflito, que haja deslocados internos e solicitantes de refúgio. No tocante aos deslocados internos por causa do conflito na Casamansa, a cidade de Ziguinchor seria um destino predileto dentre aqueles que permanecem na Casamansa.

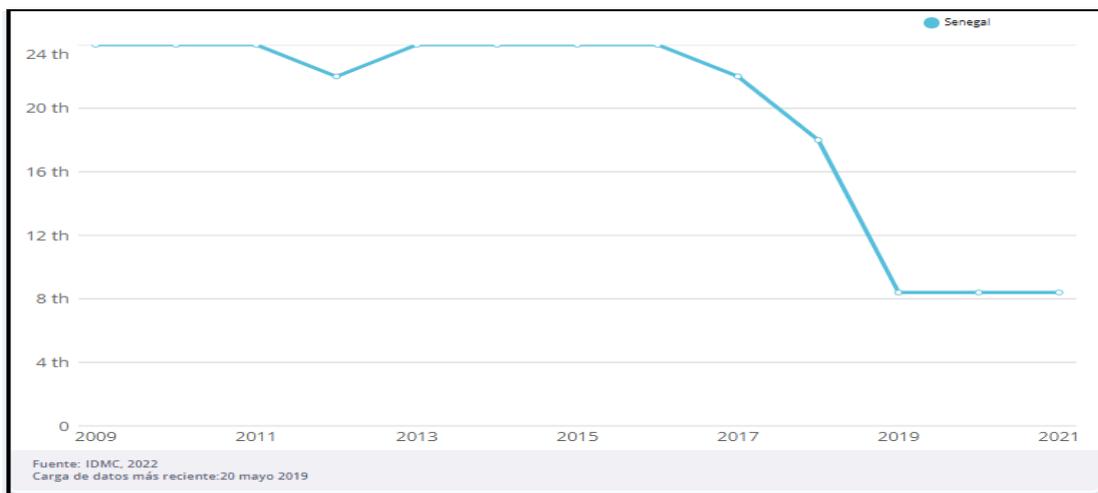
É difícil saber a quantidade exata de pessoas deslocadas internas por causa do conflito na Casamansa. Mas não há dúvidas sobre a relevância de seu número. As estimativas oscilam entre 20.000 e 40.000 pessoas (OCHA, 2013). Estas pessoas deslocadas internas residem principalmente nas áreas urbanas e periurbanas das grandes cidades do Sul do país (Ziguinchor, Sédhiou e Kolda) e vivem em condições geralmente precárias. Conforme as tendências das migrações das áreas rurais para áreas urbanas, inúmeras pessoas encontraram refúgio em Ziguinchor, a maior cidade de Casamansa. O número de deslocados internos que se refugiou na cidade estaria entre 10.000 e 14.000 (IDMC) (NDIONE, 2018, p. 62. Tradução nossa).

Diallo (2016) indica a falta de consenso das fontes sobre os dados, notadamente sobre os deslocados internos, estimados em 15.000 “na região de Ziguinchor e no departamento de Sédhiou (então parte da região de Kolda)” (DIALLO, 2016, p. 83), para umas, e em 60.000 no interior do país, para outras. Awenengo-Dalberto (2008) sugere que os dados são estimativas, pois há dificuldades de acesso àqueles de fontes como o MFDC e o Exército senegalês. Robin (2006) mostra que entre 2001 e 2002, os deslocamentos forçados, principalmente desde o departamento de Sédhiou, atingiam o então departamento de Kolda e que muitos eram obrigados a retornar. Ela informa que sua pesquisa de 2001 em Baixa Casamansa “mostrou que os movimentos dos deslocados ou refugiados eram uma realidade a não subestimar; eles representavam 13% dos habitantes de Ziguinchor” (ROBIN, 2006, p. 1. Tradução nossa). Nota-se que além da cidade de Ziguinchor, que se destaca, todas as demais grandes cidades das Casamansa receberam deslocados internos. Nosso entrevistado, que se deslocou internamente devido ao conflito, o fez do campo à cidade de Oussouye.

De 2009 a 2011 e de 2013 a 2016, o efetivo de deslocados internos em razão de conflitos se manteve constante em 24 mil pessoas. À queda de 2 mil observada entre 2011 e 2012 sucedeu um aumento proporcional entre 2012 e 2013. Desde 2016, sucessivas quedas foram registradas até 2019. Desde então, o número de pessoas deslocadas internas motivadas por conflitos estagna a 8,4 mil. Seria esta queda uma prova da calmaria tão referida pela mídia nacional e situada na década 2012-2021?

⁴⁵⁵ Tanto o Estado do Senegal como o MFDC “evoluiram” em seus discursos negacionistas de informações relativas a crimes que seus elementos teriam cometido (AI, 2002).

Gráfico 14 - Deslocamento interno total (por conflitos) (2009-2021) - Senegal⁴⁵⁶



Gerado em 20/02/2022 em : <https://www.migrationdataportal.org/>

Se as principais cidades da Casamansa são os mais importantes destinos dos deslocados internos causados pelo conflito no *Sul*, deve-se entender que parte dos deslocados internos não ficam na Casamansa. “Outros vão se instalar em outras regiões do país para buscar emprego geralmente no ramo da agricultura” (IDMC, 2010 *apud* NDIONE, 2018, p. 62. Tradução nossa). Permanecendo ou não em alguma região da Casamansa, os deslocados internos por causa do conflito são, na ótica de Ndione (2018) relativamente esquecidos tanto pelo governo quanto pela comunidade internacional, o que normalmente não ocorre com os refugiados.

Importa notar que dentre os deslocados internos – vale também para os refugiados - há aqueles que deixaram suas localidades por causa de delações infundadas, motivadas por questões alheias ao conflito. Ou seja, como mostra a Anistia Internacional, houve – e ainda há - uso indevido da situação de conflito na Casamansa por certos membros da população para acertar contas, para eliminar adversários políticos⁴⁵⁷, para provocar a demissão de um trabalhador na expectativa de substituí-lo, para obter vantagens indevidas (AI, 1998), e mesmo para enriquecer se colocando como agente de paz. Este uso deturpado e difamatório

⁴⁵⁶ Gerado pelo autor em 20/02/2022 em : <https://www.migrationdataportal.org/>

⁴⁵⁷ Isto foi feito contra membros do Parti Démocratique Sénégalais (PDS) na década de 1990 (AI, 1998) e com o líder do Parti Africain du Sénégal pour le Travail Éthique et la Fraternité (PASTEF) nos últimos anos. Apesar de toda a campanha difamatória este partido se tornou o principal partido de oposição. Como o presidente Macky Sall do partido *Alliance pour la République* (APR) havia prometido que eliminaria a oposição, após que dois grandes opositores a seu governo foram tornados inelegíveis, resolveu desfazer o PASTEF a oito (8) meses da eleição presidencial de fevereiro de 2024 e prender seu líder desde meados de 2023.

ainda se aplica a originários da Casamansa, candidatos à presidência da república do Senegal – notadamente quando são da oposição e gozam de certa notoriedade e popularidade. O recurso a acusações de *rebeldes e independentistas* é uma estratégia clássica de desqualificação do potencial presidencial neste caso.

Robin (2006) e Thior et al. (2021) deixam claro que a Gâmbia e a Guiné-Bissau são os principais destinos dos refugiados da Casamansa. Nos termos de Thior et al. (2021), “os refugiados do conflito tinham como destino a Gâmbia e a Guiné-Bissau, sobretudo entre 1990 e 2000” (THIOR et al. 2021, p. 257. Tradução nossa). Porém, estas pessoas em busca de refúgio, como foi o caso de pescadores, podem alcançar inclusive a República da Guiné. As populações afetadas retornavam em tempos de calmaria, e podiam estar em *idas e voltas relacionadas aos ataques*, acrescentam os autores.

O balanço do conflito remete a movimentos de milhares de pessoas para dentro ou fora do Senegal, notadamente para os países com maior fronteira com a Casamansa (Faye, 2013). O relatório do *Programme d'appui au développement socio-économique pour la paix en Casamance* (ProCas), complementado por certos estudos (Awenengo-Dalberto, 2008; Diallo, 2016), falava em *1.200 mortos civis e militares, 600 vítimas de minas*, 60.000 pessoas deslocadas internos, mais de 12.000 refugiados em Gâmbia e em Guiné-Bissau e de 241 vilarejos abandonados entre 1988 e 2004 nos departamentos de Ziguinchor, Bignona, Oussouye e Sédhiou⁴⁵⁸ e 4.000 alunos com escolaridade interrompida em decorrência do deslocamento de suas famílias. O balanço humano desta situação de “Ni paix, ni guerre” (Sadatchy, 2011) é, em suma, muitos males aos casankoolu, afetando o resto do país, e, como diz Manga (2012), a imagem do Senegal.

Ocorre que iniciativas de paz, envolvendo diversos atores (mulheres, *chefs coutumiers*, negociadores, religiosos, políticos; quadros, etc.), foram tomadas e experimentadas, tendo levado a situação menos grave que nos anos 1980-1990. Entretanto, não se pode falar de paz na Casamansa, onde, ainda em 2022 está acantonado, de acordo com Marut um terço dos militares senegaleses⁴⁵⁹. O impossível retorno dos deslocados internos e transfronteiriços, e advento de novos deslocamentos nos últimos anos são parte das migrações contemporâneas dos casankoolu, em especial, dos ziguinchorois, de que trata o capítulo a seguir.

⁴⁵⁸ Este movimento concerne notadamente as *communautés rurales* de Boutoupa-Camarakounda, Djibanar et Niaguis (Sadio et al., 2004, p. 2), lembrando que cada *communauté rurale* é composta de vários vilarejos.

⁴⁵⁹ Cf. TV5MONDE info. *Sénégal: Opération militaire en Casamance*. 22/03/2022. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=TTjw9Z7BxSE&t=59s>

CAPÍTULO IV – MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS EM, PARA E DA CASAMANSÁ: REGIÃO DE ZIGUINCHOR

As relações entre as migrações contemporâneas e a Casamansa remetem a migração interna, à imigração na região, ao trânsito por ela, bem como a emigração dos seus nativos para outras localidades do Senegal, para países próximos e países distantes da África ou para outros continentes. Os retornos de emigrados da Casamansa fazem parte deste processo. Neste sentido, pode-se dizer que as migrações da Casamansa não se limitam estritamente ao quadro apresentado por Fall e Gamberoni (2019), considerando que este não evoca as migrações internas entre áreas rurais, as inter-regionais urbanas, nem alude aos retornos.

4.1 - Acerca da migração interna

Fala-se aqui da migração interna considerando aquela que ocorre no interior do território da Casamansa, e em particular, da região de Ziguinchor, porém, sem perder de vista a migração inter-regional entre a Casamansa e as demais regiões, principalmente Dakar, a capital, e o exterior, pois, sabe-se, com base na ANSD (2013) e Lessault e Flahaux (2013), da relação entre migração interna para as grandes cidades senegalesas e *as partidas para o exterior*. Apesar da falta de dados específicos, atuais e robustos sobre a migração interna na Casamansa, pode-se dizer, com base na documentação consultada (ANSD.RGPHAE.2013, 2017a; Foucher, 2002; Trincaz, 1984; De Jonge et al, 1978; Pélissier, 1958) que a Casamansa é antes de tudo o destino de sua própria migração, seja no interior de cada região, ou entre as três que a compõem atualmente. Este processo data de uma época remota e assume diversas formas. Em seu trabalho, Foucher (2002), sem se limitar à migração interna da Casamansa, afirma que “uma fração importante da população de Casamansa estudou, vive e trabalha hoje na cidade de Ziguinchor ou em Dakar” (FOUCHER, 2002, p. 378. Tradução nossa).

No contexto da Região de Ziguinchor, o RGPHAE de 2013 indica movimentos populacionais expressivos entre os dois maiores dos seus três departamentos. “Os deslocamentos de populações de Bignona para Ziguinchor são notórios, seja qual for a duração, isto se explica sobretudo pela proximidade geográfica entre os dois departamentos (30km) e a crise que abala a região há várias décadas agora” (ANSD.RGPHAE.2013, 2017a, p. 57. Tradução nossa). Como visto antes, um dos efeitos do conflito na Casamansa são os deslocamentos internos de milhares de pessoas, das quais um dos nossos interlocutores fez

parte. Em ambos os exemplos, a explicação da migração se baseou na soma proximidade e razões econômicas e/ou políticas.

4.2 - Migração intra regional de Ziguinchor

Considerando que em 2019, dos 662.179 habitantes da região de Ziguinchor, mais da metade (340,359) era rural (ANSD/SRSD-Z, 2021), a primeira forma de migração interna a mencionar é aquela que ocorre entre localidades do mundo rural. Este tipo de migração pode ser sazonal e provocada por razões laborais. Em seu estudo, De Jonge et al. (1978) sublinham que os diola animistas migravam para a colheita de vinho de palma em área rural. Na área rural, o fenômeno chamado *Kasama*, que consiste em se instalar sazonalmente em determinado lugar no intuito de trabalhar a terra e retornar após a colheita, é uma das expressões da migração sazonal. De acordo com dois de nossos interlocutores, essas práticas eram relativamente comuns na Casamansa, sobretudo entre os Mandinkoolu, dos quais os Joola teriam se inspirado. Para o entrevistado Anifan⁴⁶⁰, embora ainda vigente em Séfa, na região de Sédhiou, ele afirma que hoje este tipo de migração diminuiu expressivamente em *Baixa Casamansa*.

Outra migração sazonal e interna é a chamada *Baing baing*, também uma palavra mandinka. Ela pode ter como destino a área rural ou urbana e consiste em deslocar-se, geralmente no começo da estação seca, por um período que raramente excede um semestre. Nas palavras de Anifan, “O *Baing baing* segue vigente”. Nesta migração, feita exclusivamente por homens *marabouts*⁴⁶¹, os que se deslocam o fazem para realizar consultas e outros tipos de trabalhos “místicos” e receber seu pagamento, seja em dinheiro ou em natura: animais de pequeno porte, cereais ou diversos objetos. Ela pode ocorrer entre áreas rurais ou entre o campo e a cidade.

A migração de moças das áreas rurais da Casamansa para a cidade ocorre, pelo menos desde os anos 1990⁴⁶², na véspera da estação chuvosa. Considerando que boa parte delas estão matriculadas na escola oficial, e que o ano letivo coincide com a estação seca, muitas delas

⁴⁶⁰ Realizada em 30/04/2022.

⁴⁶¹ Religiosos muçulmanos que fazem atendimentos a pessoas com a mais diversas demandas.

⁴⁶² Constatamos pessoalmente este fato.

passaram a migrar para trabalhar como doméstica pouco antes do começo das chuvas⁴⁶³, contrariamente aos anos 1970, e mesmo antes, quando elas (particularmente as moças Diola) se ausentavam dos seus vilarejos para exercer este trabalho em grandes cidades como Ziguinchor e Dakar (Foucher, 2002; De Jonge et al., 1978), na estação seca, retornando para o campo no fim desta para ajudar os parentes no trabalho campesino⁴⁶⁴ (De Jonge et al., 1978).

Quanto à migração para estudos, observamos que até a década de 2000, muitas das migrações de jovens e adolescentes em áreas rurais das regiões do Sudoeste e Sul do Senegal se faziam em geral em busca de ensino escolar público. Naquele contexto, a demanda escolar era maior que a disponibilidade de escolas e de vagas, o que levava à superlotação das salas de aula. Os colégios tampouco eram numerosos e muitas comunidades rurais careciam destes estabelecimentos. A admissão ao concurso de *Entrée en Sixième*⁴⁶⁵, bem como ao *Brevet de Fin d'Études Moyen* (BFEM)⁴⁶⁶ se tornavam imperativos migratórios para grande parte dos jovens escolarizados no meio rural da Casamansa⁴⁶⁷. Com efeito, nas décadas de 1990 e 2000, a migração para cursar o Ensino Médio ocorria geralmente entre as zonas rurais e semirurais, e aquelas urbanas que disponham de liceus. Quatro dos onze entrevistados no Brasil (36%) declararam ter feito uma migração interna na região de Ziguinchor ou saído dela para a região de Kolda por motivos acadêmicos.

A estes jovens se juntam outros que deixam o campo em busca de formação profissional em oficinas ou de alistamento no exército nas cidades. Todas estas migrações têm em comum a preocupação de ter bem-estar agora, a médio ou longo prazo. Atualmente o êxodo rural motivado pela falta de estabelecimentos escolares certamente sofreu uma redução significativa diante da construção de mais liceus em áreas rurais. Hoje, em diversas

⁴⁶³ Sy e Sane (2008, p. 588) defendem que desde o princípio dos anos 1950, as precipitações em Baixa Casamansa foram em média, entre 1951 e 2005, de 1187, 1305 e 1335 mm, respectivamente do Norte ao Sul (Bignona, Ziguinchor e Oussouye). No entanto, destacam-se dois períodos distintos: 1951-1968 caracterizados por excedentes pluviométricos significativos, contrariamente a 1969-2005 quando se observou *significativos déficits, porém, com alguns anos de volta esporádica das precipitações*. O que tem relação com as mudanças climáticas.

⁴⁶⁴ É preciso notar que de acordo com um dos nossos interlocutores, os principais destinos desta migração sazonal são, atualmente, a cidade de Ziguinchor, mas sobretudo a capital Dakar. Nos anos 1990, cidades da Gâmbia como Serekunda e a capital Banjul eram mais atrativas para muitas moças migrantes sazonais da *Basse Casamance*. (Entrevistado em 2022).

⁴⁶⁵ O primeiro ano do colégio é *La Sixième* (7º ano de escolaridade) e a entrada ao mesmo se faz mediante admissão a um concurso ao qual se submetem aqueles que terminam o ensino primário.

⁴⁶⁶ Este diploma marca o fim do Ensino Fundamental e é exigido para iniciar o Ensino Médio no Senegal.

⁴⁶⁷ Era relativamente comum encontrar nos colégios e raros liceus do *Sul* alguns alunos que migraram do Norte do Senegal.

localidades, os jovens só deixam suas comunidades depois de concluir o segundo grau para fazer faculdade.

Em suma, os estudos de Foucher (2002) e De Jonge et al. (1978) revelam que Ziguinchor é o principal destino da migração interna dos casankoolu. Em 1975, o destino da maior parte dos migrantes temporários casankoolu é a própria Casamansa, notadamente a Casamansa rural e a comuna de Ziguinchor (De Jonge et al. 1978). As migrações urbanas começam *a partir dos anos 1930* (Foucher, 2002). O motivo principal da migração interna temporária das mulheres era o exercício do trabalho doméstico nas grandes cidades, notadamente Ziguinchor (Foucher, 2002; De Jonge et al., 1978). Naquela época, a escola era para os homens, o caminho da migração (Foucher, 2002). Outros motivos vieram se somar a este caminho, pois, de acordo com De Jonge et al. (1978), parte dos homens migravam para trabalhar e atuavam em setores agrícola, artesanal e industrial. Entretanto, o estudo reforça a constatação de Foucher (2002), ao afirmar que a maioria deles, jovens e solteiros, migram principalmente para estudar. Somente em Baixa Casamansa, o número de pessoas envolvidas na migração sazonal, que ocorria na estação seca, era estimado em 33.500 no começo dos anos 1970 (Foucher, 2002).

As migrações internas na Baixa Casamansa são também caracterizadas pela longa duração e ocorrem entre áreas rurais e entre estas e as áreas urbanas, não sendo excluídas migrações em sentido inverso, embora em proporções menores. Considerando os destinos rural e urbano, podemos afirmar que este fenômeno afeta jovens e adultos que migram, seja para trabalhar, residir ou por razões matrimoniais. Neste caso, é o que ocorre, ainda hoje, com muitas mulheres que migram internamente saindo de uma área para outra. Nos anos 1970, De Jonge et al. (1978) assinalaram esta modalidade de migração. Sendo as residências patrilocais, em *Baixa Casamansa*, como em outras partes “os deslocamentos de mulheres por motivos de casamento sempre foram uma causa de migração expressiva” (DE JONGE et al. 1978, p. 82. Tradução nossa). Estes autores fazem referência a uma migração de longa duração de camponeses, ressaltando que tanto estes quanto as das mulheres que se casam “têm frequentemente um caráter definitivo”.

Ainda de acordo com eles, as migrações de longa duração encontram sua força incentivadora nas “estruturas de acolhimento” a recém-chegados de vilarejos, que são constituídos por “migrantes definitivos e organizações de jovens nas grandes cidades”, mas também em outros fatores não menos importantes. Em suas palavras:

Considerando a estrutura de acolhimento instalada, que permitiu a saída mais fácil e menos arriscada de migrantes, considerando o fato que a migração para um jovem se tornou um fato social indispensável para ser alguém na aldeia, considerando também a educação moderna que acentuou este fenômeno de migração e considerando enfim, o que não é menos importante, as diferenças de níveis de vida entre cidade e campo, pode-se esperar que o êxodo se amplifique (DE JONGE et al. 1978, p. 95. Tradução nossa).

Os deslocamentos internos são, segundo Ndione (2018), também provocados por motivos ambientais. Há os que se deslocam diante das inundações, que afetam mais de oito das quatorze regiões do Senegal, dentre as quais a de Ziguinchor. Erosões costeiras afetam instalações turísticas, no caso da Casamansa. A seca é citada pelo autor como a principal causa ambiental provocadora de deslocamentos internos individuais ou coletivos.

Se a cidade de Ziguinchor teve um papel preponderante no período colonial no tocante à migração interna à região (Trincaz, 1984), na contemporaneidade - diante do lugar que ocupa a região de Ziguinchor na migração inter-regional na Casamansa - pode-se dizer que ela segue central inclusive na migração interna nacional. Ao se tornar a capital universitária regional desde a segunda metade dos anos 2000, a cidade de Ziguinchor, que já tinha seu renomado *Lycée Djignabo*⁴⁶⁸, segue recebendo pessoas do interior da região, de toda a Casamansa e de muitas outras regiões do país. Desta região ocorrem migrações temporárias e permanentes para os demais cantos do Senegal.

4.3 - Casamansa e as migrações inter-regionais norte-sul-norte

“As migrações inter-regionais remetem a deslocamentos de uma região para outra no mesmo país” (ANSD, 2020, p. 57. Tradução nossa). A migração inter-regional para, em e da Casamansa é um fenômeno considerável de longa data, que já ocorria em tempos de colonização (Trincaz, 1984; Tomàs, 2015). A instalação na Casamansa de habitantes de outras regiões do Senegal é um fenômeno anterior ao século XX. O caso da imigração da família de Assane Seck é uma boa ilustração disso. Seu bisavô saiu de *Rufisque*, uma das quatro antigas comunas do Senegal, *para se instalar na Casamansa, na segunda metade do século XIX*⁴⁶⁹.

⁴⁶⁸ Jiñaabo Bassene foi um guerreiro que se opôs ferozmente aos colonos na Casamansa. Foi morto a tiro em 1906 no vilarejo de Seleki, situado a 25 km a oeste de Ziguinchor. (Cf. <https://lyceedjignabo.com/jinaabo-lhomme-qui-opposa-une-resistance-farouche-aux-colons-en-casamance/> Acesso em 15/10/2023).

⁴⁶⁹ CF. *Préface* du Professeur Djibril Samb, directeur de l'Institut Fondamental d'Afrique noire de l'UCAD. In: SECK. *SÉNÉGAL: émergence d'une démocratie moderne (1945-2005), um itinéraire politique*. Ed. KARTHALA, Paris, 2005, p. 10 e 12.

Nas próprias palavras, diz: “minha família se instalou na Casamansa há quase cento e cinquenta anos” (SECK, 2005, p. 15. Tradução nossa).

A vinda de pescadores do *Norte* do Senegal para Casamansa é referida por estudos como Thior et al. (2021), Gueye (2014) e Nguyen-Van Chi – Bonnardel (1971). Esta última assinala que “Pescadores *tuculer* sazonais asseguram o fornecimento da matéria prima às usinas européias, com um material, barquinhos e instrumentos de captura, que lhes foram emprestados pelos empregadores” (NGUYEN-VAN CHI – BONNARDEL, 1971, p. 291. Tradução nossa). A autora esclarece que “Os pescadores sazonais são de origem diversa e se encontram nos três setores de pesca da Casamansa. *Niominka* das Ilhas do Saloum; *Uolof* da foz do Senegal; *Tuculer* do Futa, da região do Vale localizada entre Matam e Kaédi” (NGUYEN-VAN CHI – BONNARDEL, 1971, p. 296. Grifo e tradução nossos) e sua migração ocorria já no começo do século XX⁴⁷⁰. Os Diola, por último, se tornaram pescadores (Trincaz, 1984). O estudo de Dahou (2008) informa que desde os anos 1960 os Sereer niominka emigravam sazonalmente de Gandoul (região de Thies) para a *Baixa Casamansa*, dentre outros destinos⁴⁷¹, o que não impedia o estabelecimento de alguns laços matrimoniais nos seus lugares de instalação. Era uma migração de pescadores, portanto, ocorria ao longo do litoral. É também pelas águas que ela se liga posteriormente à Europa (Ver Mapa 15). Tal como Ziguinchor, Goudomp, hoje um dos departamentos da região de Sédhiou, recebia “um número significativo de pescadores sazonais *tuculer*; vindo do Vale Médio/*Vallée Moyenne* do Senegal”⁴⁷² (NGUYEN-VAN CHI – BONNARDEL, 1971, p. 289. Tradução nossa)⁴⁷³.

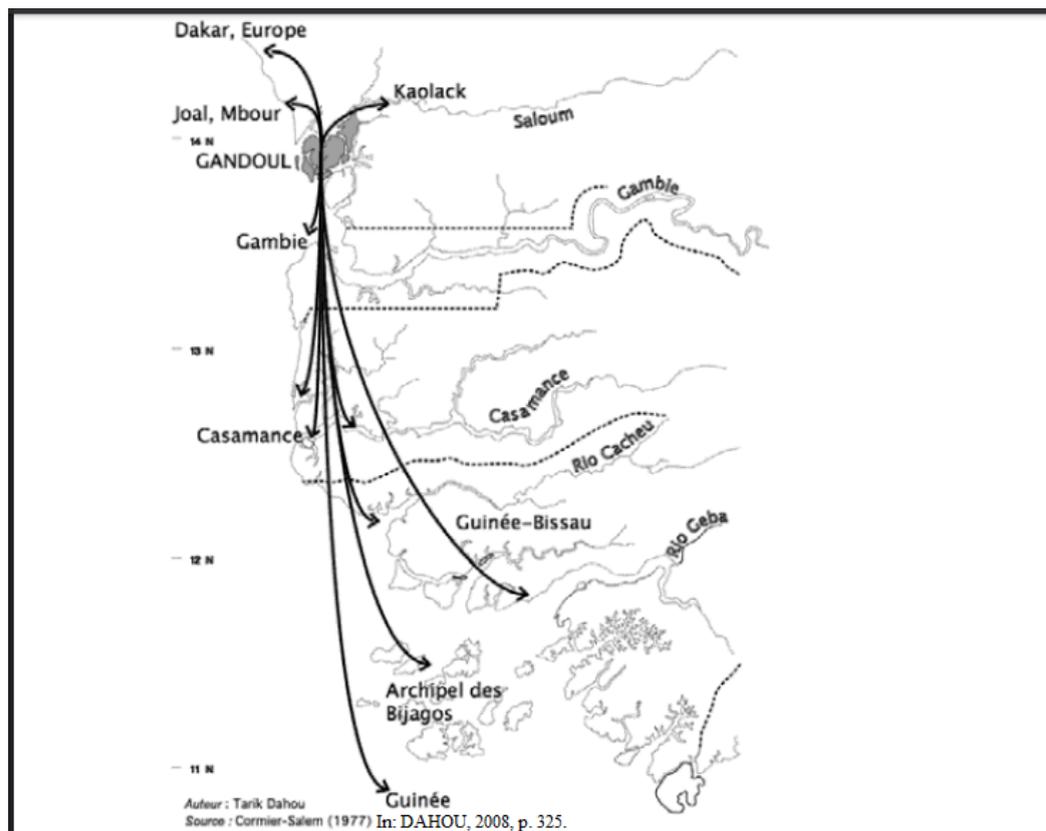
⁴⁷⁰ Cruvel, A. (1908, p. 51), citado por Nguyen-Van Chi – Bonnardel (1971, p. 296), fala da migração sazonal de pescadores Lebu de Dakar e de alguns Uolof de Saint-Louis na Casamansa.

⁴⁷¹ Gâmbia, ambas as Guiné ao Sul do Senegal, como mostra o Mapa 15.

⁴⁷² É uma região transfronteiriça de 4 milhões de habitantes e 235.000 km² que reúne parte da Mauritânia, do Senegal e do Mali (Ver Grdr (www.grdr.org), dezembro 2014).

⁴⁷³ Ao assinalar que a *Política territorial e o planejamento regional* do Senegal pretendiam “descongestionar o *bassin arachidier*”, De Jonge et al. (1978) sugerem que para este fim fica subentendida a necessidade de “deslocar 100.000 a 200.000 produtores rurais do *Bassin arachidier* para terras novas do *Senegal Oriental* e da Alta e Média Casamansa onde existem vastas extensões favoráveis à agricultura” (DE JONGE et al., 1978, p. 23).

Mapa 15 - Migração niominka



Ademais, a Casamansa foi, nos anos 1970, um dos lugares de recepção dos deslocados ambientais que vieram do Norte para o Centro e o Sul em busca de melhores condições pluviométricas e pedológicas (Ndione, 2018). Ao assinalar que a *Política territorial e o planejamento regional* do Senegal pretendiam “descongestionar o *bassin arachidier*”, De Jonge et al. (1978) sugerem que para este fim fica subentendida a necessidade de “deslocar 100.000 a 200.000 produtores rurais do *Bassin arachidier* para terras novas do *Senegal Oriental* e da Alta e Média Casamansa onde existem vastas extensões favoráveis à agricultura” (DE JONGE et al., 1978, p. 23. Tradução nossa). Pode-se então dizer que se tratou de um processo migratório contínuo na Casamansa.

Compartilha-se o argumento de Ndione (2018) de que embora menos visíveis e, portanto, menos sensíveis no plano político⁴⁷⁴, estas migrações internas merecem certa

⁴⁷⁴ Esta insensibilidade se deve notadamente ao fato de que, de forma geral, há um consentimento social de que no seio de cada Estado, os cidadãos possam escolher onde residir e trabalhar. O artigo 13 da DUDH, “em seu parágrafo 1º, deixa claro que a liberdade de movimento e de residência é limitada ao ‘interior das fronteiras de cada Estado’.” (REIS, 2007, p. 29). No entanto, “A despeito dos direitos nacionais de que dispõem os migrantes, eles sofreram, em inúmeros países como a Itália, a Índia ou o Brasil, do ostracismo ou da hostilidade por parte de seus compatriotas em seu lugar de imigração” (GUILMOTO e SANDRON, 2003, p. 50. Tradução nossa).

atenção por causa, dentre outras, de suas consequências sobre *a distribuição espacial da população, a urbanização, o mercado de trabalho*. Os deslocamentos populacionais entre *regiões* Norte e Sul, Leste e Oeste, Centro e Oeste, por exemplo, seguem atuais no Senegal. O Censo RGPHAE de 2013 assinala que “o número de pessoas nascidas fora de sua região de residência em 2013 é de 1.896.779 de uma população total de 13.034.665, ou seja, 14,6%” (NDIONE, 2018, p. 56. Tradução nossa). Trata-se de um fenômeno que afeta, sem exceção e de forma distinta, todas as regiões do Senegal. Cada uma delas recebe e fornece migrantes inter-regionais. Em 2013 e 2017, das 14 regiões do Senegal, apenas duas: Dakar e Diourbel (ANSD.RGPHAE.2013, 2017), e três: Dakar, Diourbel e Fatick (ANSD, 2020) tiveram, respectivamente, um saldo migratório positivo, recebendo, portanto, mais migrantes inter-regionais que mandaram para outras regiões. O saldo migratório da região-capital em 2013 foi de 573.907 e em 2017 de aproximadamente 678.006.

Ainda sobre a capital, em sua introdução, ANSD.RGPHAE.2013 (2017b) diz que Dakar foi, entre 1902 e 1958, a capital da África Ocidental Francesa. Em 1958, tornou-se a capital do Senegal com a transferência da capital de Saint Louis para ela. Este novo lugar fez com que nela ficassem concentrados *os serviços administrativos, industriais, comerciais e financeiros*. Comparando-a com a demais partes do país, a mesma fonte sublinha que, por um lado, “A região de Dakar lidera todas as outras regiões do país nos planos demográfico, econômico e em termos de equipamentos. Com efeito, ela concentra a quase totalidade das infraestruturas” (ANSD.RGPHAE.2013, 2017b, p. 13. Tradução nossa), por outro, que na região-capital o desemprego afetou em média 14,9% dos residentes em idade legal de trabalhar, sendo de 24,1% para mulheres e 9,7% para homens em 2013.

Esta condição tornou a região-capital um lugar de grande concentração da população nacional e de atração de habitantes de outras regiões. Dassetto (2019) fala que “Hoje, os migrantes vêm de áreas urbanas e de megacidades supersaturadas e de suas periferias [...]. A maioria dos migrantes contemporâneos são pré-socializados à vida urbana e parte deles foram escolarizados” (DASSETTO, 2019, p. 6. Tradução nossa). A região de Dakar é percebida - e é o que apontam certos estudos (Lessault e Flahaux, 2013; ANSD.RGPHAE.2013, 2017b) - como um lugar chave para as migrações inter-regionais e internacionais senegalesas. Para Lessault e Flahaux (2013), as contribuições urbanas na emigração internacional senegalesa vêm notadamente das cidades de Dakar e Tuba, isto no começo da década de 1980. A

região-capital deve necessariamente ser considerada nas migrações senegalesas da sub-região oeste-africanas⁴⁷⁵, que, aliás, datam dos tempos da colonização.

A capital senegalesa desempenha um papel fundamental na migração entre ela e a região de Ziguinchor. Em 2013, dos quase 3.000.000 de residentes da região de Dakar, 819.973, isto é, 27,7% nasceram fora da região (ANSD.RGPHAE.2013, 2017b). De acordo com as projeções da ANSD para os anos 2020 e 2021, o percentual da população do Senegal que residia na região de Dakar era respectivamente de 23% e 22,87%. Nesse sentido, observa-se uma ligeira redução entre esses anos na porcentagem da região-capital do país, onde residiam, de acordo com Ndione (2018) e ANSD.RGPHAE.2013 (2017b), mais de 25% da população, numa superfície de 550 km², ou seja, 0,28% do território nacional. Lessault e Flahaux (2013) indicam que no Censo de 2002 foi registrado que residiam em Dakar região 21,6% da população nacional, o que mostra que as porcentagens de 2020 e 2021 superam a de 2002. Em todos estes anos, a densidade populacional de Dakar foi muito alta em relação à densidade nacional. Em 2006, por exemplo, ela foi de 4.541 habitantes na capital quando a nacional era de 54 habitantes no quilômetro quadrado.⁴⁷⁶

Considerando as migrações inter-regionais, as regiões da Casamansa tiveram individualmente um saldo negativo em 2017. Com -205.520, a região de Ziguinchor se distanciou expressivamente das regiões de Kolda e Sédhiou, com respectivamente -34 411 e -23 667 de saldo migratório. Ela recebeu menos imigrantes inter-regionais que Dakar, no entanto, dela saíram mais emigrantes (252.557), ou seja, 13,7% para outra região do que da capital, de onde saíram 12%, isto é, 220.486 dos inter-regionais do país.

No conjunto das regiões da Casamansa chegaram 77.759 cidadãos de outras regiões, o que representa 4,2% da imigração inter-regional nacional. Delas emigraram 341.357 pessoas, que correspondem a 18,5% das saídas nacionais de uma região para outra. O saldo migratório da Casamansa foi de -263.598 em 2017. Estes dados demonstram o lugar preponderante que a região de Ziguinchor ocupa na migração na Casamansa. Ela foi o destino de 60,5% dos imigrantes inter-regionais instalados na Casamansa, bem como produziu 74% dos emigrantes inter-regionais da Casamansa. Com seu saldo migratório negativo em destaque, inclusive a

⁴⁷⁵ A região de Dakar ocupa também um lugar preponderante na imigração no Senegal. Ela é um dos principais locais de partida para os nacionais do Senegal, e de destino para os que vêm de fora do país (Lessault e Flahaux, 2013).

⁴⁷⁶ Ver ANSD Présentation de la région de Dakar (ansd.sn)

nível nacional⁴⁷⁷, a região é responsável por 78% do saldo migratório negativo da Casamansa no referido ano.

Quadro 21 - Intensidade das migrações inter-regionais: Dakar e as regiões da Casamansa.

Região	Número de imigrantes	%	Número de emigrantes	%	Saldo migratório
Dakar	898 493	48,8	220 486	12,0	678 006
Kolda	19 310	1,0	53 721	2,9	-34 411
Sédhiou	11 412	0,6	35 079	1,9	-23 667
Ziguinchor	47 037	2,6	252 557	13,7	-205 520
Casamansa*	77 759	4,2	341 357	18,5	-263 598
Total nacional	1 842 869	100,0	1 842 869	100,0	0

Fonte: ANSD.ERI-ESI 2017. In: ANSD, 2020, p. 57. Grifo nosso

* Inserido e calculado pelo autor a partir dos dados da fonte citada.

Ainda considerando as migrações inter-regionais do país, tal como seus pares Kolda e Sédhiou, a região de Ziguinchor, que recebeu o maior número de migrantes inter-regionais (64.251) - quando Kolda e Sédhiou receberam respectivamente 43.466 e 24.480 - também teve o maior saldo negativo de -92.505 em 2013. Com suas 156.756 pessoas que residiam fora da região, Ziguinchor se coloca, no contexto da Casamansa, mais uma vez, em primeiro lugar no tocante à emigração inter-regional nacional. Suas porcentagens de imigrantes e emigrantes com relação à população residente são as maiores das três regiões da Casamansa. Em suma, em 2013 esta região recebeu 48,7% das entradas, e foi a origem de 55,6% das saídas inter-regionais que ocorreram, na Casamansa. Com base na análise destes dados, não seria exagerado considerar na contemporaneidade a região de Ziguinchor como a capital migratória da Casamansa.

Quadro 22 - Efetivos de migrantes e saldo migratório: regiões da Casamansa e Dakar

Região	Total de Residentes	Residentes não migrantes	Entradas	%	Saídas	%	Saldo migratório*
Kolda	642 286	598 820	43 466	6,8	55 362	8,6	-11 896
Sédhiou	442 756	418 276	24 480	5,5	69 575	15,7	-45 095
Ziguinchor	526 945	462 694	64 251	12,2	156 756	29,7	-92 505
Casamansa**	1 611 987	1 479 790	132 197	8,2	281 693	17,5	-149 496
Dakar	2 962 789	2 142 816	819 973	27,7	246 066	8,3	573 907

Fonte: ANSD.RGPHAE.2013, 2017a, p. 52. Grifo nosso

*Inserção nossa de dados da ANSD.RGPHAE.2013, 2017a, p. 53.

** Inserção e cálculo nossos a partir de dados da ANSD.RGPHAE.2013, 2017a, p. 52

⁴⁷⁷ Cf. ANSD, 2020, p. 57.

4.3.1 - Ziguinchor: destino da migração inter-regional senegalesa

Os dados do Censo RGPHAE de 2013 relativos à região de Ziguinchor revelam que 30,3%, 30% e 7,9% dos imigrantes inter-regionais desta vêm respectivamente das regiões de Sédhiou, Dakar e Kolda e que as cifras de nativos de Kaolack e Thies instalados em Ziguinchor também são expressivas. Ele ressalta que “fora a região de Dakar, a maior parte dos imigrantes *durée de vie*⁴⁷⁸ provieram das regiões fronteiriças de Ziguinchor” (ANSD.RGPHAE2013, 2017a, p. 55. Tradução nossa). Sédhiou e Kolda foram responsáveis por 38,2% dos imigrantes nascidos fora da região de Ziguinchor. Juntas, ultrapassaram em 8% os 30% relativos à capital Dakar.

Esta fonte indica que, considerando respectivamente os dez e cinco anos anteriores ao Censo, percebe-se similaridades na imigração inter-regional em Ziguinchor. “O essencial dos imigrantes ao longo dos 10 últimos anos provém das regiões de Dakar, Sédhiou, Kolda, Thies e Kaolack” (ANSD.RGPHAE2013, 2017a, p. 56. Tradução nossa). O percentual das regiões de Sédhiou e Kolda foi de 26,2%. Ao se considerar os cinco anos anteriores ao Censo de 2013, percebe-se que “43% das pessoas que vieram se instalar em Ziguinchor saíram da região de Dakar, 21,4% da região de Sédhiou, 6,1% da região de Kolda e 5,9% da região de Thies” (ANSD.RGPHAE.2013, 2017, p. 55. Tradução nossa). As regiões de Sédhiou e Kolda forneceram neste caso 27,5% dos migrantes em Ziguinchor.

Quadro 23 - Distribuição, segundo região de nascimento e tempo de residência (%), de imigrantes inter-regionais em Ziguinchor ao longo dos 10 últimos anos (2013).

Região	Nativos de outras regiões	5 anos de residência	10 anos de residência
Kolda	7,91	6,06	6,84
Sédhiou	30,28	21,42	19,36
Dakar	29,99	43,03	44,97
Thies	5,99	5,85	6,14
Kaolack	6,08	3,74	4,38
Fatick	3,79	5,31	4,35
Outras*	15,96	14,59	13,96
Total	100	100	100

Fonte: ANSD.RGPHAE.2013, 2017a, p. 56. Grifo nosso

*Inserção nossa.

⁴⁷⁸ A migração *duração de vie* “ocorre quando o lugar de residência atual do migrante é diferente do lugar de nascimento. Estes lugares se resumem à região ou departamento” (ANSD.RGPHAE.2013, 2017a, p. 51. Tradução nossa).

Percebe-se que a região de Ziguinchor recebe cidadãos oriundos de outras regiões da Casamansa e, como apontam a ANSD.RGOHAE2013 (2017a) e Foucher (2005), foi o destino de migrantes que vieram do *Norte* do Senegal⁴⁷⁹ e sobretudo de Dakar. No caso dos primeiros, aqueles oriundos das demais regiões da Casamansa, pode se dizer que a proximidade geográfica, os vínculos socioculturais que remontam à época do Império do Gabu (Manga, 2012) e a comum condição de “enclaves” teriam favorecido tais experiências migratórias ainda muito vigentes. Importa reiterar que as três regiões: Ziguinchor, Sédhiou e Kolda faziam parte de uma única região: a região da Casamansa, isto, de meados dos anos 1940 até 1984. De acordo com a ANSD.RGPHAE.2013 (2017a), na região de Ziguinchor os imigrantes internos das demais regiões da Casamansa se instalaram majoritariamente no departamento de Ziguinchor. Seguiram respectivamente os de Bignona e de Oussouye, tal como ocorre com a imigração de todas as demais regiões do Senegal, com exceção de Kédougou⁴⁸⁰, na região de Ziguinchor.

4.3.2 - Ziguinchor: ponto de partida da migração inter-regional senegalesa

Por outro lado, os ziguinchorois migram para regiões da Casamansa e para aquelas do *Norte*, em particular para Dakar. Esta atratividade da capital se justifica essencialmente por questões econômicas e sociais, por trás das quais há fundamentalmente questões históricas, políticas e administrativas⁴⁸¹. Se Dakar é uma das regiões que mais fornecem imigrantes à região de Ziguinchor, ela é, por outro lado, o principal destino dos ziguinchorois que efetuam uma emigração inter-regional. De acordo com Trincaz (1984), trata-se sobretudo de ziguinchorois citadinos. Muitos deles “deixam a cidade para tentar a sorte em Dakar, lugar de concentração de todos os empregos” (TRINCAZ, 1984, p. 8. Tradução nossa). Dados mais recentes mostram que este fenômeno não cessou, porém deixou de envolver apenas citadinos. Jovens, do sexo masculino ou feminino, de diversas localidades da região do sudoeste emigram para a capital. Contando apenas os migrantes residentes, o Censo de 1988 identificou que Ziguinchor é a região que teve o maior percentual (12,6%) de seus habitantes

⁴⁷⁹ Os “Nordistes”, contrariamente aos “sudistes”, são aqueles do Norte do Senegal, sendo este entendido como correspondente a toda a parte ao Norte de Casamansa.

⁴⁸⁰ Os imigrantes de Kédougou na região de Ziguinchor se instalaram em 56% no departamento de Bignona (cf. ANSD.RGPHAE.2013, 2017a, p. 57).

⁴⁸¹ Os lugares de capital da AOF - e a partir de 1958, de capital do Senegal - ocupados por Dakar do começo do século XX até o momento, com a conseqüente concentração de serviços econômicos e do aparelho do Estado, mostra porque o país ainda costuma ser resumido, em quase tudo, à região de Dakar.

em Dakar, quando Kolda só forneceu 1,2% de sua população regional a Dakar (Foucher, 2005). Vinte e cinco anos depois, o Censo de 2013 (cf. Quadro 24) mostra que mais de dois terços dos emigrantes inter-regionais de Ziguinchor se instalaram em Dakar. Thies, a única região fronteiriça de Dakar ao Oeste é outro destino a considerar na emigração interna nacional dos ziguinchorois. Juntas, só estas duas regiões receberam quase 80% dos que deixaram a região sudoeste do Senegal.

No que se refere às regiões de destino dos nativos de Ziguinchor, Dakar se posiciona em primeiro lugar como região de acolhida com 67,7% dos emigrantes. Além de Dakar, as regiões de Thies, Sédhiou e Kolda recebem uma parte significativa dos emigrantes *durée de vie* com respectivamente 10,8%, 4,2% et 4% (ANSD.RGPHAE.2013, 2017a, p. 55. Tradução nossa).

Quadro 24 - Distribuição, segundo a região de destino e o tempo de residência, de emigrantes inter-regionais nativos de Ziguinchor, ao longo dos 10 últimos anos (2013).

Região	Nativos de Ziguinchor	5 anos de residência	10 anos de residência
Kolda	3,96	5,14	5,06
Sédhiou	4,15	7,53	6,36
Dakar	67,74	53,19	57,41
Thies	10,83	11,92	11,80
Kaolack	2,84	3,69	3,42
Saint-Louis	2,26	3,49	3,08
Outras*	8,22	15,04	12,87
Total	100	100	100

Fonte: ANSD.RGPHAE.2013, 2017a, p. 56. Grifo nosso. *Inserção nossa.

É certo que a migração interna a um país é menos sensível, como assinalou Ndione (2018). Deslocamentos de uma região para outra ou de departamento para outro com a intenção de se fixar dependem, muitas vezes, apenas da vontade das pessoas envolvidas, às vezes de seus familiares, porém, eles podem ser objeto de reflexão do poder público. Em Dakar, ela tem sido aparentemente uma preocupação das autoridades políticas e administrativas senegalesas desde os primeiros anos de independência. O que levou a iniciativas de “promoção de desenvolvimento” das regiões, tais como Ziguinchor, buscando com isso a retenção das respectivas populações na origem, em especial, as do meio rural.

Referindo-se à *Baixa Casamansa*, De Jonge et al. (1978) destacam que os planos de desenvolvimento econômico e social quadrienais⁴⁸², criados principalmente nas décadas 1960 e 1970, tinham dentre suas preocupações, “proporcionar atividades econômicas, criar mais empregos e baixar o ritmo do êxodo para a capital” (DE JONGE et al., 1978, p. 23. Tradução nossa). Mais explicitamente, este estudo fala da busca por trabalho, como domésticas, de

⁴⁸² Todos estes planos revelaram um fiasco. Dependentes de ajuda exterior e ficam paralisados quando a fonte seca.

mulheres Diola da *Baixa Casamansa* nas capitais Dakar (Senegal) e Banjul (Gâmbia). De acordo com Foucher, a importância da migração rural de *ressortissants* da Baixa Casamansa para o *Norte-Senegal*, a Gâmbia e Ziguinchor, levou Lambert a falar de “comunidades multilocais” destas aldeias, que fariam *parte do modo de sobrevivência* das mesmas (Foucher, 2002).

Os nativos de Ziguinchor que emigraram para outra região da Casamansa somaram apenas 8,2%, uma porcentagem baixa com relação aos 67,7% que se instalaram na região de Dakar. O que indica que a região-capital recebe oito vezes mais migrantes inter-regionais oriundo de Ziguinchor do que Sédhiou e Kolda juntas. Vale notar que em 2013, *dentre os imigrantes da região de Kolda, 14% vieram da região de Ziguinchor* (ANSD.RGPHAE.2013, 2017c, p. 44. Tradução nossa). No mesmo ano, *26,6% das pessoas que vieram se instalar em Sédhiou partiram da região de Ziguinchor* (ANSD.RGPHAE.2013, 2017d, p. 60. Tradução nossa). A região de Ziguinchor foi a principal fornecedora de migrantes para Sédhiou e a segunda maior, atrás de Dakar, para Kolda⁴⁸³. Os índices de pobreza referidos no Gráfico 13, Mapa 12 e 13, que afetam uma proporção maior da população nestas duas regiões sulistas, tanto no começo como no final da década passada (2011 e 2018-2019) estariam em parte na base da orientação da emigração dos ziguinchorois para outros destinos, fora da Casamansa.

É preciso acrescentar que, ao trabalho, pobreza, casamento, estudos, e problemas ambientais se soma a questão securitária para explicar as saídas dos ziguinchorois e dos demais casankoolu para perto ou para longe. Eles vêm ultrapassando as fronteiras do Senegal desde antes do reconhecimento deste como país independente pela França.

4.4 - Casamansa e as migrações internacionais

Apesar do que foi apresentado sobre a situação geográfica da Casamansa, há séculos que suas regiões, em particular a de Ziguinchor, mantêm relações com o resto do mundo. Ela recebe pessoas vindo de diversas partes da terra e dela saem pessoas para outros cantos do mundo.

⁴⁸³ Naquele mesmo ano, 16% das pessoas que vieram se instalar, respectivamente, em Kolda e em Sédhiou saíram de Dakar.

4.4.1 - Imigração internacional na Casamansa

Após a região-capital Dakar, as duas principais e mais velhas regiões da Casamansa: Ziguinchor e Kolda, são destinos relevantes a nível nacional na instalação de cidadãos de outros países (Ndione, 2018). Isto se traduziu nas seguintes palavras: “Seja qual for a nacionalidade, a região de Dakar acolhe o essencial dos imigrantes [57%] estabelecidos no Senegal; as outras regiões de acolhimento mais importantes sendo Ziguinchor (6,7%) e Kolda (6,1%)” (NDIONE, 2018, p. 15. Grifo e tradução nossos)⁴⁸⁴. Em seu conjunto, a Casamansa recebeu 15,3% dos imigrantes internacionais residentes no Senegal entre 2008 e 2013, sendo 8,2% para Ziguinchor, 5,4% para Kolda⁴⁸⁵ e 1,7% para Sédhiou. Deve-se observar que boa parte destes imigrantes têm a nacionalidade senegalesa, mas residem há no máximo cinco anos na região. Portanto, trata-se em muitos casos de uma migração de retorno ou de senegaleses nascidos no exterior, pois 53.547 de um total de 113.373 imigrantes internacionais tinham a nacionalidade senegalesa, quando 49.830 eram de uma nacionalidade de algum país da África Ocidental (Ver ANSD.RGPHAE.2013, 2017c, p. 49).

Esta fonte permite ver que, ainda neste período de 2008 a 2013, dos 53.547 Senegaleses que chegaram ao território nacional, 17,3% haviam se instalado em alguma região da Casamansa, sendo Ziguinchor a segunda principal região de residência nacional com 9,0%, após Dakar que representou 38%. No caso dos 49.830 *ressortissants* da África Ocidental, que residem no Senegal neste intervalo, 16% estavam na Casamansa, 8,6% deles na região de Ziguinchor (2º colocado nacional), 6,0% em Kolda (4º colocado) e 1,3% em Sédhiou (11º lugar) (ANSD.RGPHAE.2013, 2017c).

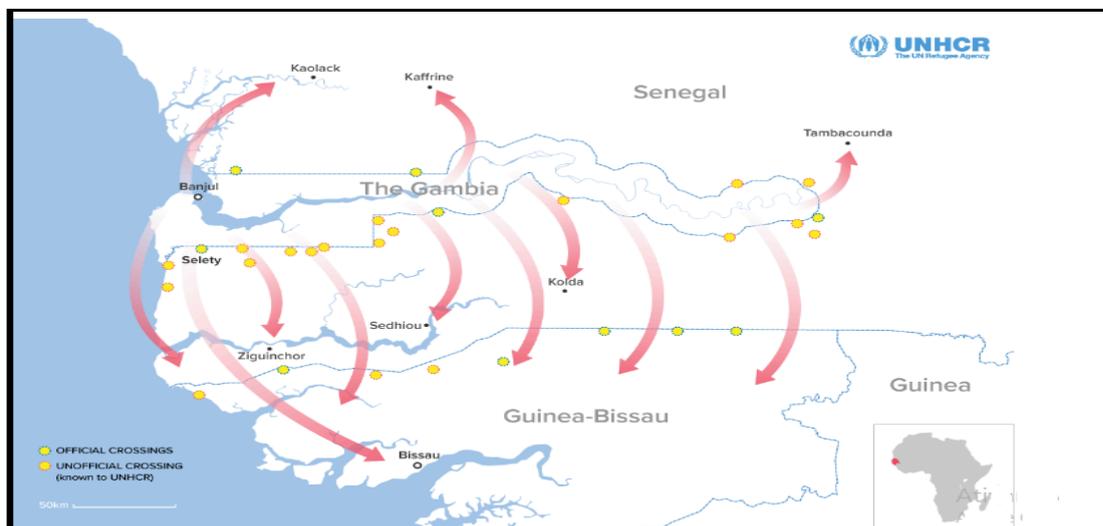
A presença estrangeira nem sempre é voluntária. Da mesma forma que Gâmbia e Guiné-Bissau são os primeiros destinos dos *refugiados* da Casamansa, gambianos e bissau-guineenses em risco se refugiam na Casamansa. O ACNUR informou que diante da crise pós-eleitoral de dezembro de 2016 e do envio de tropas senegalesas e da África Ocidental para o país, entre 45.000 um pouco mais de 76.000 pessoas vindo da Gâmbia teriam chegado ao Senegal, particularmente nas regiões de Kaolack, Kaffrine, Fatick ao Norte, e de

⁴⁸⁴ Apesar de constatar uma ligeira queda da população estrangeira residente no Senegal, Ndione atribui sua “atratividade” à “estabilidade política e econômica do país [que] contribui para fazer dele um destino privilegiado na África do Oeste” (NDIONE, 2018, p. 15. Tradução nossa).

⁴⁸⁵ No ranking nacional, Ziguinchor e Kolda foram, respectivamente, o segundo e quarto colocados.

Ziguinchor, Sédhiou e Kolda ao Sul deste país⁴⁸⁶. Na ocasião, um total de Gambianos estimado entre 800 e 3.500, teria chegado em Guiné-Bissau⁴⁸⁷.

Mapa 16 - Curtos deslocamentos internacionais de “refugiados” desde a Gâmbia em janeiro de 2017



Fonte: ACNUR, 24/01/2017. <https://www.unhcr.org>

A região de Ziguinchor recebe imigrantes de diversas origens do mundo. Mas, como se pode ver no quadro a seguir, grande parte deles (45%) são originários de algum país da África Ocidental, o que, segundo ANSD.RGPHAE.2013 (2017a), estaria relacionado ao desenvolvimento da pesca na região. Quando se soma a parte de todo o continente africano à dos imigrantes senegaleses nascidos ou que residiam fora do país, constata-se que quase 60% dos imigrantes de Ziguinchor são africanos de origem. Entretanto, o percentual de imigrantes europeus (38,19%), o segundo mais alto, ultrapassa um terço do total de imigrantes internacionais residentes na região de Ziguinchor. Ainda conforme esta fonte, a maioria dos imigrantes são do “sexo masculino e são mais frequentes nos departamentos de Ziguinchor e de Bignona com aproximadamente a mesma proporção de 46%” (ANSD.RGPHAE.2013, 2017a, p. 61. Tradução nossa).

⁴⁸⁶ Nem todos eram Gâmbianos. Havia, de acordo com a mesma fonte, Senegaleses, binacionais, assim como Ganeses, Liberianos, Guineenses, Mauritanianos, dentre outras nacionalidades. ACNUR, /20/1/2017. Disponível em: <https://www.unhcr.org/fr/news/briefing/2017/1/5881ea47a/senegal-pres-45-000-personnes-fui-lincertitude-politique-gambie.html> Acesso em 17/07/2022.

⁴⁸⁷ ACNUR: 24/01/2017. Disponível em: <https://www.unhcr.org/fr/news/stories/2017/1/5887820da/fin-crise-politique-gambie-gambiens-refugies-senegal-rentrent.html> Acesso em 17/07/2022.

Quadro 25 - Imigração internacional em Ziguinchor, segundo o sexo, por região de origem, em %

Região de origem	Região de Ziguinchor		
	Masculino	Feminino	Total
Senegal	5,99	4,01	5,35
África Ocidental	42,03	51,07	44,95
África Central	3,61	1,25	2,84
África do Norte	5,63	5,05	5,44
Outras Áfricas	0,2	0,07	0,16
América	1,99	1,59	1,86
Ásia	0,26	0	0,18
Europa	39,11	36,26	38,19
Oriente	1,06	0,48	0,87
Outras	0,07	0,07	0,07
Total	100	100	100

Fonte: ANSD.RGPHAE.2013 (2017a, p. 61). Adaptação e tradução nossas.

4.4.2 - Emigração internacional de casankoolu

O último censo populacional de 2013 da ANSD mostra que os 10 principais destinos dos *ressortissants* senegaleses são França, Espanha e Itália, na Europa ocidental; Mauritânia, Gâmbia, Costa do Marfim, Mali, em África Ocidental; Gabão, Congo, em África Central e por fim Marrocos, em África do Norte (Ndione, 2018). Grande parte destes destinos tem relação com o passado pré-colonização colonial. Embora disponhamos de poucas estatísticas atinentes aos destinos internacionais específicos dos casankoolu, em particular dos ziguinchorois, sabe-se que eles figuram entre os emigrantes residentes nestes mesmos destinos preponderantes, com os quais se tem algum tipo de proximidade.

4.4.2.1 - Emigrações internacionais de proximidades

As migrações de proximidades - geográficas, culturais, linguísticas, históricas, políticas ou mesmo religiosas - aparecem explícita ou implicitamente referidas pela literatura⁴⁸⁸. Explora-se aqui particularmente aquelas que permitem entender as migrações internacionais de casankoolu para a África Ocidental (AO), a Europa Ocidental e a América do Norte, destacando a AO e a França, país que influenciou evidentemente a migração tanto

⁴⁸⁸ Consultar Duroux, 2011; Manga, 2012; Sayad, 1998; Montañó, 2015; Foucher, 2013; Lessault e Flahaux, 2013; Ndione, 2018.

durante a colonização como na contemporânea (Ver Trincaz, 1984; Lessault e Flahaux, 2013) desde a Casamansa, e que concentrou por décadas a presença de casankoolu na Europa.

Velho destino de originários da região, a África Ocidental, segue atrativa para os *ressortissants* da Casamansa no continente africano. De acordo com Charrière e Frésia (2008) “As estatísticas mais recentes indicam, com efeito, que há dez vezes mais movimentos no seio da África Ocidental que para países ocidentais”⁴⁸⁹ (CHARRIÈRE e FRÉSIA, 2008, p. 3. Tradução nossa). Estas migrações entre territórios e países vizinhos geográfica, histórica, política e culturalmente, como mostram Awumbila et al. (2014), foram e continuam sendo relevantes no contexto oeste-africano.

A emigração desde a Casamansa até os países fronteiriços: Gâmbia, Guiné-Bissau e Guiné Conacri é uma migração de proximidade tanto geográfica, quanto linguística e cultural. Ela é ao mesmo tempo econômica e política. Em muitos casos, estes mesmos aspectos caracterizam a emigração de casankoolu para outros países da África Ocidental, e em menor medida para a França, vista como uma “vizinha histórica e linguística ou cultural”. A curta distância geográfica entre Casamansa e Gâmbia, no Norte, e entre Casamansa e Guiné-Bissau e Guiné Conacri, no Sul, é menor se comparada àquela que separa as regiões de Ziguinchor, Sédhiou e Kolda a outras regiões ao Norte da Gâmbia⁴⁹⁰. Portanto, esta localização geográfica permite que, a partir dela, se efetue uma migração internacional mais curta para estes países que uma migração inter-regional para Saint-Louis, Dakar, Thies ou Kaolack, que são, ainda assim, *áreas de atração*. À proximidade geográfica se soma a cultural, na medida em que há presença de pelo menos dois povos e duas línguas comuns (fula e mandinkoolu) à Casamansa e todos os países referidos⁴⁹¹.

A respeito das fronteiras em África Ocidental, Sène (2019), argumenta que “em vez de constituir rupturas territoriais, constroem redes e espaços zonais que exploram os mesmos pertencimentos socioculturais, a complementaridade econômica e as diferentes abordagens de governança dos Estados ribeirinhos” (SÈNE, 2019, p. 4. Tradução nossa). O que é particularmente pertinente nas migrações espontâneas da Casamansa para a Gâmbia ao Norte

⁴⁸⁹ Drechsler e Gagnon 2008 sugerem que a melhor coleta de dados que a migração Sul-Sul cresce e alcança praticamente a migração Sul-Norte. Wenden assinala posteriormente que a migração Sul-Sul superou a Sul-Norte.

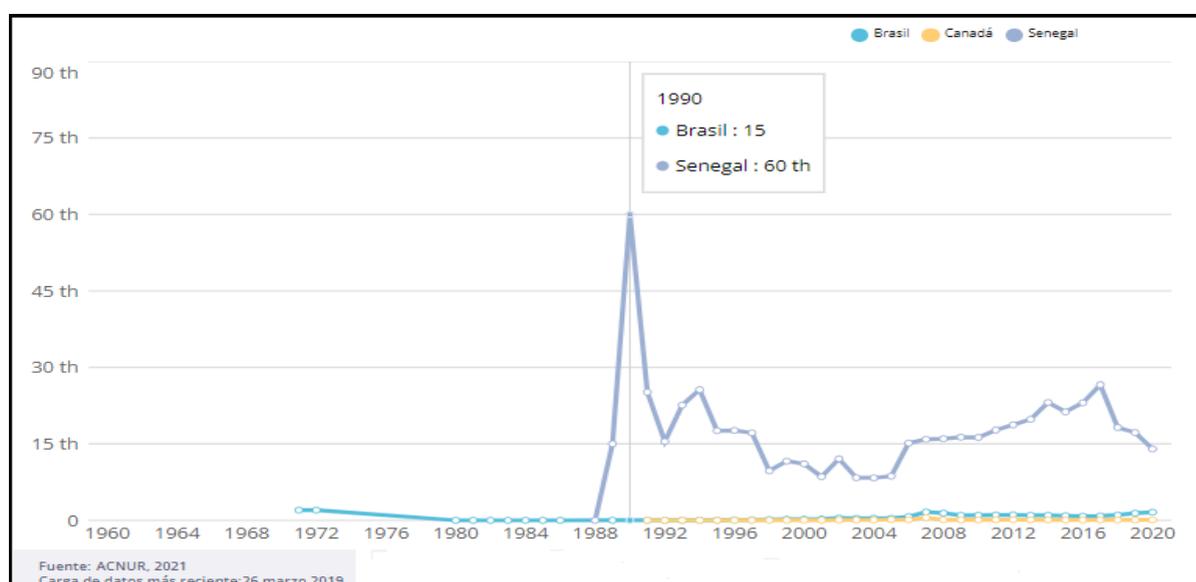
⁴⁹⁰ Ver Mapa 8.

⁴⁹¹ Quando se compara a Casamansa com a Gâmbia e a Guiné-Bissau, o número de povos comuns aumenta expressivamente. Pode-se dizer que todas as famílias casankoolu têm parentes em pelo menos um desses países.

ou para a Guiné-Bissau ao Sul. A porosidade das fronteiras norte e sul da Casamansa, assinalada por alguns autores (Diallo, 2016; Sène, 2019), se torna mais evidente nos momentos em que ocorrem confrontos armados entre o Exército senegalês e os combatentes do MFDC, gerando muitas vezes deslocamentos imediatos de milhares de pessoas da Casamansa para lado de um dos países vizinhos ou para ambos.

O conflito na Casamansa não é a única causa de refugiados senegaleses, porém observando o gráfico a seguir, embora não defina a origem regional dessa população, é plausível supor que a questão de refúgio entre senegaleses está estritamente ligada ao conflito e particularmente ao início dos confrontos entre as duas partes armadas, iniciados no final de década de 1980. No intervalo 1989-1990, o país passou de 15 mil para 60 mil refugiados. Em 1991, a queda foi de 35 mil. Um ano depois, o número de refugiados caiu mais e igualou as proporções de 1989. Entre 1992 e 1994, a curva foi levemente ascendente, passando de 15 mil para 22 mil em 1993, e depois para 25 mil em 1994. Os níveis mais baixos foram atingidos em 2003 e 2004 (8,3 mil).

Gráfico 15 - Refugiados por país de origem (Senegal, Canadá, Brasil): 1960-2020⁴⁹²



No que tange precisamente aos refugiados originários da Casamansa, de acordo com Sène (2019), o citado Ebere (2015) considera que *os primeiros refugiados vindos da*

⁴⁹² Gerado em e por: <https://www.migrationdataportal.org/>

Casamansa chegaram à Gâmbia no começo dos anos 1990 (SÈNE, 2019, p. 7-8. Tradução nossa). Vimos que seu número é estimado em mais de 12.000 na Gâmbia e Guiné-Bissau. Na operação *Limpeza* iniciada em 14 de março de 2006, uma de várias lançadas pelo exército da Guiné-Bissau no intervalo 2000-2006 contra o MFDC,

refugiados casankoolu estabelecidos nas proximidades das bases de Sadio, dentre os quais alguns têm efetivamente vínculos com os combatentes separatistas, foram expulsos para o Senegal, e suas casas queimadas. Já em 23 de março de 2006, mais de 2.000 refugiados fugiram do território guineense (FOUCHER, 2013, p. 11. Tradução nossa).

O número de refugiados sofreu posteriormente alterações. No tocante à Gâmbia, Séne (2019) indica que,

Entre 2009 e 2012, a continuação dos combates seguiu levando refugiados para o território da Gâmbia (Ebere, 2015). Um relatório final de Gâmbia Commission for Refugees et al. (2013) indica que 8325 refugiados de Casamansa estão espalhados em 71 comunidades rurais dos distritos de Foni em Gâmbia, localizados ao longo da fronteira com a Casamansa, e 671 outros refugiados instalados na zona urbana da região de Banjul, a capital da Gâmbia (SÈNE, 2019, p. 8. Tradução nossa).

Ndione (2018) registra que “eles são estimados em 8.029 indivíduos na Gâmbia em dezembro de 2017 e em 10.000 pessoas na Guiné-Bissau, segundo os dados do ACNUR” (2018, p. 51. Tradução nossa). Em 2020 o efetivo de refugiados senegaleses foi estimado em 14 mil. Cabe destacar que os dados do ACNUR de 2021 não registram refugiados senegaleses entre 1960 e 1988. Neste ano, o número deles não passou de 5 pessoas⁴⁹³.

Seja como for, as migrações forçadas da Casamansa motivadas por razões políticas não poderiam ser subestimadas, ainda mais que recentemente se falou na mídia de deslocamentos de alguns milhares de refugiados casankoolu na área fronteiriça sudoeste da Gâmbia em decorrência da ofensiva do exército senegalês que levou ao confronto entre ele e os combatentes da *Frente Norte* do MFDC liderada por Salif Sadio⁴⁹⁴. Estes movimentos populacionais são dificilmente quantificáveis com exatidão e devem ser tomados como estimativas por causa da existência de pontos de travessias não oficiais, de retornos não registrados, de idas e volta informais, tornando assim, mais evidente a permeabilidade

⁴⁹³ Ver Gráfico 15: *Refugiados por país de origem (Senegal, Canadá, Brasil): 1960-2020*

⁴⁹⁴ O entrevistado Yoro Badiane denuncia que *há Senegaleses no Brasil reconhecidos como refugiados políticos porque há uma guerra no Sul do Senegal*, sendo que ele tem certeza que estas pessoas nunca colocaram o pé na Casamansa (Entrevistado em 28/11/2021).

fronteira e menos precisas as estatísticas relativas às migrações em seu conjunto, e sobretudo ao refúgio, entre a Casamansa e a Gâmbia⁴⁹⁵ ou a Guiné-Bissau.

A emigração internacional de originários da Casamansa na África Ocidental, incluindo para os dois países com maior fronteira comum com a mesma, é tornada oficial pelo que podemos chamar de *proximidade política* na sub-região ocidental da África. A adoção do Protocolo sobre a livre circulação de pessoas e de bens pelos Estados da Comunidade Econômica dos Estados da África do Oeste (CEDEAO)⁴⁹⁶, assinado em 29 de maio de 1979 em Dakar, e ratificado pelo Senegal em 24 de maio de 1980 (MAESE, s/d)⁴⁹⁷, legaliza os movimentos de pessoas que ocorrem há séculos (Fall e Gamberoni, 2019)⁴⁹⁸. A travessia de um lado ou para outro da fronteira só exige a apresentação da carteira de identidade CEDEAO - confeccionada no Senegal pelo menos desde 2016. Importa perceber que atualmente este controle, na área de fronteira entre o Senegal e a Gâmbia, é efetuado com o apoio da OIM, pelo menos no lado senegalês, e com mais rigor do que antes⁴⁹⁹. Às pessoas que não portarem

⁴⁹⁵ Ver Mapa 16.

⁴⁹⁶ A CEDEAO foi instituída em 28 de maio de 1975 na Nigéria pelo Tratado de Lagos, que foi assinado pelos 16 Chefes de Estados e de Governos dos então Estados-Membros. *Previamente limitado às políticas econômicas*, este tratado foi sujeito à revisão em 24 de julho de 1993 diante do advento de *problemas políticos*, o que permitiu o alargamento do seu âmbito de aplicação e de suas prerrogativas. *A razão de ser da CEDEAO é promover a cooperação econômica e política entre os Estados*. A adesão de Cabo Verde ocorreu em 1976 e a retirada da Mauritânia em 2000. Atualmente esta comunidade é composta por quinze países membros situados na região da África Ocidental. Esses países têm simultaneamente laços culturais e geopolíticos e partilham interesses econômicos comuns”. São eles: *Benin, Burkina Faso, Cabo Verde, Côte d’Ivoire, Gambia, Ghana, Guiné, Guiné-Bissau, Liberia, Mali, Niger, Nigéria, Sênechal, Sierra Leone, Togo*. Em países da CEDEAO residem cerca de 7,5 milhões de migrantes da África Ocidental. Outros migrantes da região, estimados em 1,2 milhão, se instalaram na Europa e na América do Norte. (Cf CEDEAO: História. In: https://ecowas.int/?page_id=1286&lang=pt-pt). O Senegal ratificou o Tratado que instituiu a CEDEAO em 08 de julho de 1977, e o revisado em maio de 1994 (MAESE, s/d).

⁴⁹⁷ MAESE. Accords, conventions et protocoles de la CEDEAO ratifiés par le Sénégal. s/d. Disponível em <<https://diplomatie.gouv.sn/#>>

⁴⁹⁸ Assinado em 01 de julho de 1986 em Abuja, o Protocolo adicional relativo à execução da 2ª etapa (direito de residência) do Protocolo sobre a livre circulação de pessoas, o direito de residir e de estabelecimento, foi ratificado pelo Senegal em 11 de fevereiro de 1987. O adicional relativo à 3ª etapa (direito de estabelecimento) do protocolo de 1979 foi assinado em 29 de maio de 1990 em Banjul, sendo ratificado pelo Senegal em 11 de setembro de 1992 (MAESE, s/d). No entanto, dificuldades de respeitar este Protocolo, notadamente nos postos de controle fronteiriços são assinaladas tanto por alguns estudiosos (Fall e Gamberoni, 2019; Tandian, 2019) quanto pela própria CEDEAO de acordo com a qual “apesar do quadro legal que foi criado há mais de trinta anos, os cidadãos da CEDEAO estão a enfrentar limitações sobre os seus direitos como consagrados no Protocolo de Livre Circulação. Estes são causados por um certo número de factores, nomeadamente: a Implementação selectiva do protocolo de Livre Circulação, a natureza porosa das fronteiras da região, a falta de domesticação dos Protocolos e de Textos Relevantes sobre a Livre Circulação, a proliferação de bloqueios não autorizados, a perseguição nos postos das fronteiras e a falta de conhecimento adequado entre os cidadãos da Comunidade e forças de segurança sobre os direitos consagrados no Protocolo de Livre Circulação” (cf. CEDEAO: História. In: https://ecowas.int/?page_id=2096&lang=pt-pt).

⁴⁹⁹ Atualmente a carteira de identidade CEDEAO de cada passageiro é escaneada e as digitais biométricas coletadas pelos agentes policiais. Observamos tal procedimento em nossa ida de Dakar para Ziguinchor em 18/02/2021, bem como em nosso retorno para Dakar em 26/03/2021. Entendemos que, buscando entrar “nos

sua carteira de identidade é cobrado, em cada posto de controle, uma multa sem comprovante⁵⁰⁰.

As migrações motivadas por outras razões, tais como as econômicas e sociais constituem sem dúvida a parte mais expressiva da emigração desde as regiões da Casamansa, seja para dentro da CEDEAO, da África Ocidental ou para o resto do mundo. Analisando dados que apresenta o estudo de Lessault e Flahaux (2013), percebe-se que, em seu conjunto, o continente africano recebeu mais de 78% dos 4.347 koldois e mais 89% dos 5.483 ziguinchorois que deixaram o Senegal. A quase totalidade dos casankoolu que ficaram em algum país da África (93,7% para Kolda e 100% para Ziguinchor) estavam na África Ocidental em 1993. Com um percentual de 73,2% e de 89,1% do total geral, respectivamente, os *originários* das regiões de Kolda e de Ziguinchor no exterior se instalaram nesta região africana. Naquele ano havia na Europa somente 6,6% dos ziguinchorois no exterior, e apenas 4,4% deles na América do Norte. Sua presença não foi registrada nem em *Outra África* nem em outras partes do mundo (cf. Quadro 26).

A Europa e a América do Norte receberam respectivamente na época 12,2% e 3,6% dos casankoolu instalados fora do Senegal, quando o continente africano recebeu 84,2% e a África Ocidental 82% deles. Partindo dos resultados dessa pesquisa do início dos anos 1990, o acolhimento dos *originários* da Casamansa a nível internacional pode ser atribuído a outros países africanos, notadamente os da África Ocidental.

Quadro 26 - Região de origem dos *ressortissants* da Casamansa e seus destinos no mundo (1993)

Região	África Ocidental		Outra África		Europa		América do Norte		Alhures		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Kolda	3 184	73,2	213	4,9	836	19,2	114	2,6	0	0	4 347	100
Ziguinchor	4 881	89,1	0	0	361	6,6	241	4,4	0	0	5 483	100
Casamansa*	8 065	82,0	213	2,2	1 197	12,2	355	3,6	0	0	9 830	100
Senegal	48 723	40,4	13 769	11,4	53 681	44,5	2 420	2,1	2 001	1,6	120 594	100

Fonte: EMUS, 1993. In: Lessault e Flahaux (2013, p. 76). Cálculo destes autores. Adaptação nossa.

*Inserção e cálculo nossos.

bons espaços” onde se administra institucionalmente a migração, ao contrário dos “*maus espaços*” estigmatizados e assimilados às “*migrações clandestinas*” (BRACHET et al. 2011, p. 177. Tradução nossa), este controle acentuado se afasta explicitamente da livre circulação observada no Espaço Schengen que se busca imitar.

⁵⁰⁰ Ela seria do valor de 1.000 F CFA. No trajeto Dakar-Bignona em 18 de fevereiro de 2021, testemunhamos tal situação nos postos de controle na área de fronteira, tanto no lado do Senegal quanto da Gâmbia, pois uma passageira estava sem sua identidade. Diante da situação, um dos passageiros do veículo disse mais ou menos o seguinte: “Está sem identidade? Prepare 7.000 [CFA] para os 7 postos de controle”.

Em 2002, a análise de dados encontrados no estudo de Lessault e Flahaux (2013)⁵⁰¹ permite constatar que 58,6% dos 10.907 Koldois e 67% dos 7.762 ziguinchorois no exterior estavam em algum país da África. Acrescenta-se que pelo menos três quartos (3/4) dos casankoolu que ficaram em algum país da África (77% para Kolda e 92,2% para Ziguinchor) estavam na África Ocidental em 2002. Com um percentual de 45,1% e de 61,5% do total, respectivamente, os *originários* das regiões de Kolda e de Ziguinchor instalados fora do Senegal residiam nesta região ocidental da África no começo da década de 2000. Os ziguinchorois no exterior passaram a representar 5,2% em *Outra África*, 26,4% na Europa, 3,1% na América do Norte e 3,8% em *Alhures*. Eis, a nosso ver, um sinal de maior diversidade de destinos para a emigração casankoolu e *ziguinchoroise* em 1993 e 2002.

Com base na mesma fonte, sabe-se que apesar de reduzidas respectivamente em 22% e 30% com relação a 1993, em 2002 as porcentagens de casankoolu no exterior permaneceram altas na África, com 62%, e na África Ocidental com 51,9% (Ver Gráfico 16 e 16), ao contrário do que ocorreu com o Senegal como um todo neste intervalo⁵⁰². A Europa representou 30,9%, isto é, um aumento de 19% com relação a 1993. Com este acréscimo, o número de casankoolu na Europa passou de 1.197 em 1993 para 5.768 em 2002, quando em África, até então principal destino, o número passou de 8.278 para 11.571. Quanto à América do Norte, ela registrou um aumento numérico e uma redução percentual que passou de 3,6% em 1993 para 2,9% em 2002.

Quadro 27 - Região de origem e de destino dos *ressortissants* da Casamansa no mundo (2002).

Região de origem	África Ocidental		Outra África		Europa		América do Norte		Alhures		Total	
	N [#]	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Kolda	4 917	45,1	1 477	13,5	3 721	34,1	301	2,7	491	4,5	10 907	100
Ziguinchor	4 772	61,5	405	5,2	2 047	26,4	242	3,1	296	3,8	7 762	100
Casamansa*	9 689	51,9	1 882	10,1	5 768	30,9	543	2,9	787	4,2	18 669	100
Senegal	36 266	22,7	24 878	15,5	77 022	48,1	11 023	6,9	10 769	6,7	159 958	100

Fonte: RGPH, 2002. In: Lessault e Flahaux (2013, p. 77). Cálculo destes autores. Grifo e tradução nossa.

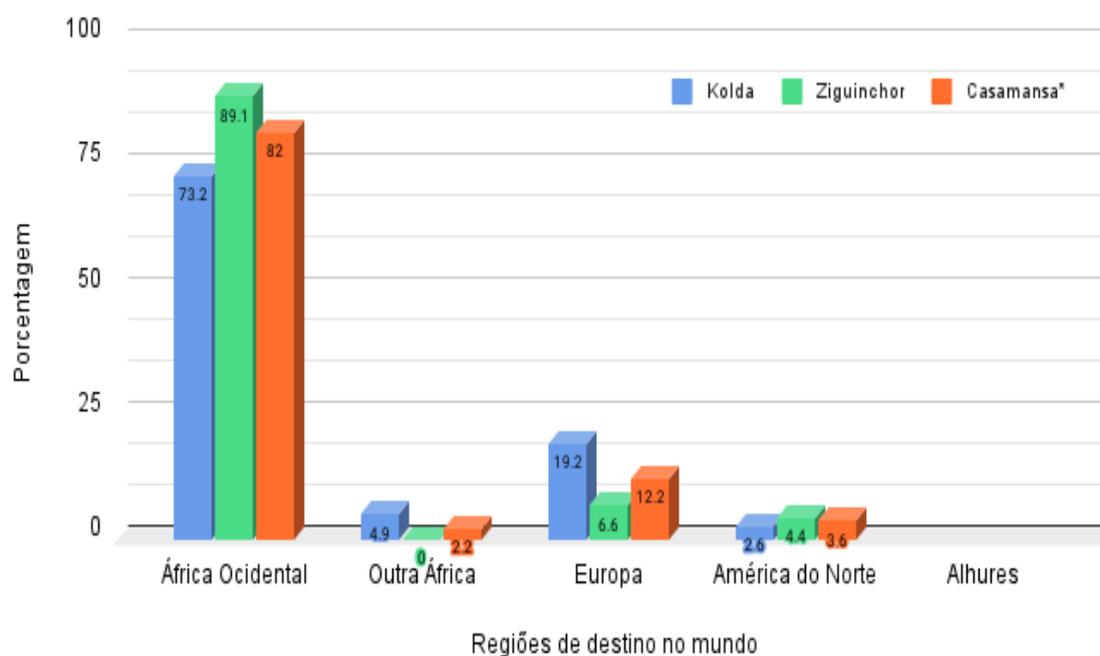
[#]Número absoluto. *Inserção e cálculo nossos.

⁵⁰¹ Cf. Quadro 25.

⁵⁰² Segundo dados do RGPH de 2002, o país teve praticamente 16.000 emigrantes a mais na Europa do que na África. O *Velho continente* ficando com 48% quando o Mais Velho Continente recebeu 38% dos senegaleses no exterior[#]. Em 2004, a *Enquête Sénégalaise Après des Ménages* (ESAM-II), que considerou a emigração nos cinco últimos anos (1999-2003), permitiu que se percebesse que dos 142.131 Senegaleses que emigram 46% foram para a Europa e 44% deles ficaram em África (Cf. Ndione, 2018, p. 41). Ambas apontam para uma tendência migratória maior dos Senegaleses pela Europa do que pela África.

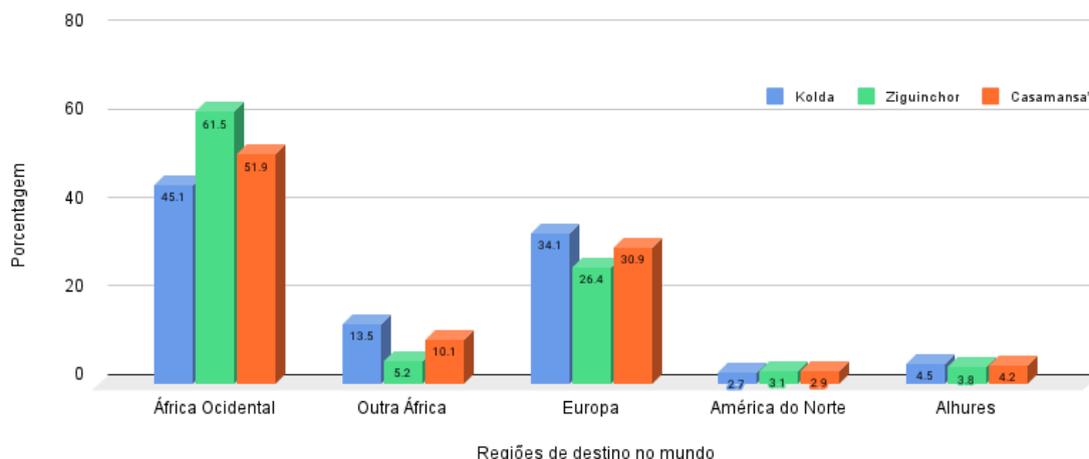
Globalmente, os dados do RGPH de 2002 permitem falar de um maior delineamento⁵⁰³ de uma *bipolarização* da emigração internacional dos *ressortissants* da Casamansa - que já mostrava sinais em 1993 - e se traduz por fluxos sul-sul, intracontinentais, dirigidos particularmente para a África Ocidental, por um lado, e por fluxos sul-norte que partem da Casamansa para países europeus e para a América do Norte (Ver Gráfico 17). É cabível então dizer que a presença de casankoolu na América do Norte, com 3,6%, mas sobretudo na Europa, com 12,2% dos originários das regiões de Kolda e Ziguinchor instalados no exterior vai começar a ter alguma visibilidade na década de 1990 (Gráfico 16). Ela se torna de fato evidente no começo da década de 2000. A diminuição da proporção da África Ocidental se deve também ao aumento da parte do resto do continente africano, e da presença em novos destinos (Gráfico 17).

Gráfico 16 - Regiões de residência dos casankoolu no mundo, 1993



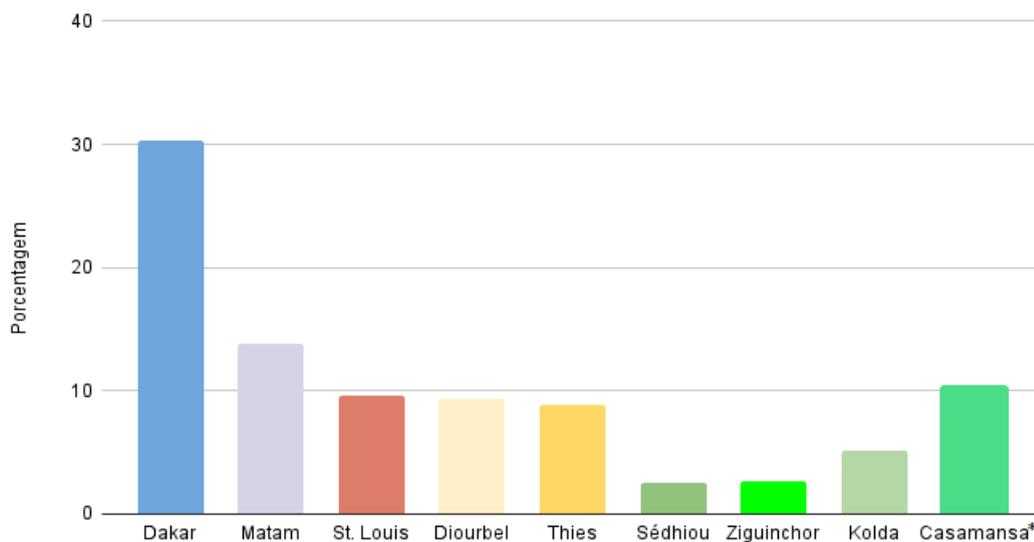
Fonte: Elaboração nossa a partir de dados da EMUS, 1993. retirados de Lessault e Flahaux (2013, p. 76).
*Inserção e cálculo nossos.

⁵⁰³ Fazendo uma análise análoga a de Ndione (2018).

Gráfico 17 - Regiões de residência dos casankoolu no mundo, 2002

Fonte: Elaboração nossa a partir de dados da EMUS, 1993, retirados de Lessault e Flahaux (2013, p. 77).
*Inserção e cálculo nossos.

Em 2013, os dados da ANSD, RGPHAE2013, referentes ao período 2008-2012 (Ndione, 2018), permitiram ver que os emigrados internacionais originários da Casamansa representaram 10,3% do total dos Senegaleses no exterior. O maior percentual foi registrado pela região de Kolda (5,1%), seguida de Ziguinchor (2,7%) e de Sédhiou (2,5%). A região-capital nacional Dakar forneceu sozinha três vezes mais emigrantes que as três regiões da Casamansa reunidas. Quanto à região de Matam, ela superou em 3,5% as regiões da Casamansa juntas (Cf. Gráfico 18).

Gráfico 18 - Casamansa e as 5 principais regiões de partida - Senegal 2013

Fonte: Adaptação nossa de dados da ANSD, RGPHAE.2013, referidos por NDIONE, 2018, p. 41, em gráfico. * Cálculo e inserção nossos.

A comparação dos anos 1993, 2002 e 2013 mostra que, se no primeiro ano, a região de Ziguinchor teve 55,8% dos emigrados internacionais e Kolda 44,2% (Cf. Quadro 26), nos respectivos demais anos, a maior parte dos casankoolu saíram da região de Kolda⁵⁰⁴. Foram 58,4% em 2002 e 48,6% em 2013, quando a região de Ziguinchor representou respectivamente 41,6% e 25,7% e a de Sédhiou 23,8%⁵⁰⁵ das emigrações de originários do *Sul* do Senegal. No começo da década anterior, os dados do RGPHAE de 2013, citado por Ndione (2018), apontam que as regiões da Casamansa estão entre as seis que menos testemunharam, no país, saídas dos seus habitantes para o exterior. Porém, no conjunto, a Casamansa foi, em termos de volume, o terceiro lugar de partida do Senegal em 2013, com 10,3%, atrás de Dakar (30%), Matam (14%). A nível nacional, Saint-Louis (10%), Diourbel e Thies (9% cada) e Tambacounda (7%), estavam entre as principais regiões emissoras (Ver NDIONE, 2018).

A Europa continua sendo um destino relevante da emigração internacional dos casankoolu. Esta presença deve ser contextualizada. No tocante à França como destino, Ndione (2018) mostra que os Manjaco, presentes na Casamansa, fazem parte dos pioneiros da emigração senegalesa para este país e saíram da região sudoeste no período entre duas Guerras Mundiais. A *década das independências* africanas (1960)⁵⁰⁶ foi o momento em que a emigração internacional senegalesa passou a ganhar relevância, *com uma aceleração de trocas migratórias internacionais* sub-regionais e depois com a França⁵⁰⁷. Nos anos 1960 e começo dos anos 1970

a indústria automobilística francesa recruta massivamente no Vale do Rio Senegal, na região de Tambacounda e na Casamansa. Entre os anos 1960 e os anos 1980, os senegaleses imigrantes na França trabalham principalmente na indústria. Trata-se geralmente de homens sós, essencialmente Soninké, Tuculer ou Mandjaco,... (LESSAULT E FLAHAUX, 2013, p. 61. Tradução nossa).

A imigração de *originários* das “antigas colônias” na “metrópole” é assinalada em estudos clássicos como o de Ravenstein (1980), bem como em outros mais recentes (Bazonzi,

⁵⁰⁴ A liderança de Kolda na Casamansa se confirmou também nos resultados do ESAM II (2004), quando a região representou 7,6% dos emigrados internacionais do Senegal (Ndione, 2018, p. 49).

⁵⁰⁵ Lembramos que a região de Sédhiou foi criada somente em 2008 e por isso não aparece nos anos anteriores da série.

⁵⁰⁶ Nas Independências, os países de cultivos comerciais africanos e o Estado francês estabelecem uma política de abertura à imigração. Medidas são tomadas para encorajar a livre circulação das pessoas (Acordos sobre a circulação de mão de obra entre a França e suas antigas colônias, sobre a livre circulação entre os países africanos recentemente independentes) e o recrutamento de mão de obra estrangeira (em França, o *Office National de l'Immigration*, (ONI), sob tutela do Ministério do Trabalho e da População, dispõe de escritório de recrutamento no Senegal). (LESSAULT E FLAHAUX, 2013, p. 61. Tradução nossa).

⁵⁰⁷ Cf. Lessault e Flahaux (2013, p. 61).

2015; Lessault e Flahaux, 2013; Duroux, 2011; Hall, 2006; Fanon, 2002; Sayad, 1998). A Casamansa, apesar de sua resistência ao colonialismo francês, não constituiu uma exceção a esta regularidade. A posição da França na migração intercontinental de casankoolu está, portanto, relacionada à vizinhança histórica: o legado colonial⁵⁰⁸, que, aliás, justifica grandemente a presença ainda consequente de casankoolu, não só em países francófonos da África, mas igualmente na França e em Quebec no Canadá, apesar da relativamente longa ou longuíssima distância geográfica entre as regiões da Casamansa e estes dois países. Relativamente à chamada *Hexagone*, François Héran, comentando os trabalhos de Robert Montagne (1893-1954), fala, em sua aula inaugural, que

Seus trabalhos nos lembram as origens coloniais de grande parte das migrações. Se as populações do Maghreb são tão numerosas a vir *chez nous*/para nossa terra, é primeiro porque nós convidamo-nos *chez elles*/na terra delas, e da mais rude das formas (HÉRAN, Leçon inaugurale, 2018)⁵⁰⁹.

Esta alusão à colonização remete a o que Oliveira (2021) considera como uma das hipóteses da teoria dos sistema mundo em que se fundamenta da migração internacional. Esta é

é especialmente provável entre potências coloniais passadas e suas antigas colônias, porque as ligações culturais, linguísticas, administrativas, de investimento, transporte e comunicação foram estabelecidas precocemente e permitiu desenvolver-se livre da concorrência externa durante a era colonial, levando à formação de mercados transnacionais específicos e sistemas culturais (OLIVEIRA, 2021, p. 54).

Nosso entrevistado Way Diagne⁵¹⁰, fala de uma migração que ocorre numa relação que a literatura chamou de *couple migratoire*/dupla migratória, dando como exemplo *Argélia-França*, *Senegal-França*, *Guiné-Bissau-Portugal*. Ele explica esta aproximação fundamentando seu argumento no uso comum da língua francesa e no *esquecimento* do fato colonial pelas novas gerações que não experimentaram na pele “os piores momentos das brutalidades coloniais”. Na mesma direção, Villarreal Villamar (2015) ressalta a *importância* da Espanha na migração internacional do Equador, seja como destino ou lugar de partida de migrantes de retorno. Ao falar da migração México-Estados Unidos, Wise y Covarrubias

⁵⁰⁸ Somente tal herança pode justificar a convocação da juventude pelo presidente francês, como já vinha acontecendo com os presidentes de países africanos francófonos, para preparar “o futuro político” do continente africano.

⁵⁰⁹ François Héran, na sua aula inaugural de 5 de abril de 2018. Fonte: Collège de France. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ka53qgPUoYE>

⁵¹⁰ Entrevistado na cidade de Ziguinchor em 23/03/2021.

(2007) estabelecem a relação entre esta, o neocolonialismo e o imperialismo, dizendo: “la migración mexicana más que de herencia colonial es de raigambre neocolonial e imperialista.” (WISE y COVARRUBIAS, 2007, p. 127). Rose Duroux (2011) assinala que 18 milhões, isto é, 3% da população União Europeia no final da década de 1990 eram imigrantes, sendo dois terços de outro continente, muitos dos quais de “antigas colônias” (Bazonzi, 2015; Duroux, 2011).

A região de origem [dos imigrantes] frequentemente tem a ver com o passado colonial: magrebinos, africanos francófonos e indochineses dirigem-se para a França; indo-paquistaneses e jamaicanos, para a Grã-Bretanha; congoleses, para a Bélgica; sul-americanos e filipinos, para a Espanha; cabo-verdianos e angolanos, para Portugal. De forma similar, existem antigos laços entre a Alemanha e a região turco-balcânica (DUROUX, 2011, p. 1067).

Entende-se quando Fanon (2002, p. 54), fala que, apesar de *hostil* e fonte de rejeição [perante o “colonizado”], o mundo do colono é, *ao mesmo tempo um mundo desejado, sonhado*. Este paradoxo do invadido sonhar com e se instalar na origem do invasor, é precedido pelo paradoxo do exercício da violência do estrangeiro invasor sobre o anfitrião que o sustenta e enriquece, como se viu na Casamansa. Esta migração foi, em dado momento, incentivada pela própria “ex-metrópole” e se justificou pela necessária contribuição da força de trabalho de casankoolu ao desenvolvimento europeu⁵¹¹. Segundo Villen (2016),

Até 1970, parte significativa desses fluxos era recrutada pelos próprios Estados para suprir a demanda de força de trabalho no contexto de crescimento econômico e expansão do capitalismo nesses países. A liberdade de movimento para imigrantes de países periféricos era então considerada saudável para as economias de ambas as partes: para os países centrais como fonte de força de trabalho e instrumento para evitar o aumento de salários; para os periféricos como meio para equilibrar o desemprego e contribuir ao desenvolvimento por meio das remessas (DREHER, 2007, p. 45). De fato, nos países centrais, esse momento foi caracterizado por políticas relativamente abertas à imigração. (VILLEN, 2016, p. 30-31. Grifo nosso).

Neste sentido, a ideia de *retournement migratoire* [reviravolta migratória] - que expressa o fato de que *grandes países de emigração* como a Alemanha, o Reino Unido, a Irlanda, o Portugal, a Espanha, a Itália ou a Grécia se tornaram países de imigração na segunda metade do século XX (Guilmoto e Sandron, 2003) - é interessante, embora não destaque que nesta reviravolta, muitos países passaram a receber principalmente cidadãos de velhos territórios invadidos e de países próximos, cultural, geográfica ou historicamente.

⁵¹¹ De modo geral, é o que os europeus fizeram entre o século XVI e o período de colonização em África: promover o *próprio desenvolvimento, apoiando-se, é claro, na exploração de outros povos* (Ki-Zerbo, 2009, p. 131).

Estes aspectos ainda constituem um consistente argumento na explicação da presença de casankoolu na França, em particular, mas também no mundo dito francófono. A força desta herança, assinalada por Basso, o leva a defender que o “Colonialismo e migrações internacionais para o Ocidente (Europa) estão diretamente ligados, portanto: até quando as relações de tipo colonial entre o ‘Norte’ e o ‘Sul’ continuarem a existir, os atuais movimentos migratórios não vão cessar” (Basso, 2013, p. 30-31).

Apesar das mudanças observáveis com a passagem do incentivo migratório dos anos 1940 aos anos 1970 para as restrições migratórias iniciadas na França em meados de 1970⁵¹², estas migrações sul-norte, que já ocorriam desde os alistamentos forçados para participar da Primeira Guerra Mundial, seguem ainda hoje fortemente dentro de uma lógica colonial, associada a elementos novos e relevantes. O estudo de Lessault e Flahaux (2013) indica que no final dos anos 1970 e começo da década seguinte, o vale do Rio Senegal era um ponto de saída não só para a França, mas também para suas vizinhas europeias: a Itália e a Espanha⁵¹³. Os emigrantes pioneiros que saíam dessa região para os dois países eram os Soninke e os Haal Pular. Bruzzone et al. (2006) situam o início da migração senegalesa na Itália no princípio do decênio de 1980. Recorrendo a Robin (1996), Lessault e Flahaux (2013) informam que foi no começo dos anos 1990 que Senegaleses “na Europa desenvolvem uma dinâmica aliás bastante sul-mediterrânea” (LESSAULT e FLAHAUX, 2013, p. 62. Tradução nossa). Porém a França, sustentam os autores, permaneceu *o destino migratório mais clássico e estável* (2013).

Entretanto, a ampliação de destinos não implica necessariamente intensificação da emigração desde a Casamansa. Considerada globalmente, pode-se dizer que a variação da taxa anual de emigração entre o ano de 1993 e de 2002 foi insignificante, passando de 0,5 para 0,6, respectivamente. Um resultado similar foi constatado no âmbito nacional. Globalmente, a taxa de emigração nacional permaneceu estável em 0,7 entre 1993 e 2002.

⁵¹² Assunto desenvolvido no tópico a seguir.

⁵¹³ “A intensidade relativa da emigração a partir de Dakar para os países do Norte está sobretudo ligada à emergência sucessiva de novos destinos (Estados Unidos nos anos 1980, depois a Itália nos anos 1990 e, em menor medida, a Espanha no final dos anos 1990), sendo que a emigração para a França, destino mais “clássico” e antigo permanece, aliás, estável” (LESSAULT e FLAHAUX, 2013, p. 81. Tradução nossa). Ver também Tandian (2018).

Quadro 28 - Volumes e intensidades da emigração internacional das regiões da Casamansa em 1993 e em 2002.

Região	EMUS 1993			RGPH 2002		
	PopRef	Emigrantes	Taxa anual	PopRef	Emigrantes	Taxa anual
Dakar	920 731	29 530	0,6	961 518	45 690	0,9
Kolda	215 300	4 347	0,4	372 335	10 907	0,6
Ziguinchor	179 198	5 483	0,6	185 728	7 762	0,8
Casamansa*	394 498	9 830	0,5	558 063	18 669	0,6
Senegal	3 414 766	120 574	0,7	4 464 844	159 958	0,7

PopRef = População total com 18 anos ou mais no momento da pesquisa;

Emigrantes: Número de indivíduos com 18 anos ou mais que saíram do Senegal nos cinco últimos anos e ainda no exterior no momento da pesquisa;

Taxa média anual: (Número de emigrantes*100/PopRef)/5.

Fontes: EMUS, 1993; RGPH, 2002. In: Lessault e Flahaux, 2013, p. 75). Cálculo dos autores. Grifo e tradução nossos.

* Inserção e cálculo nossos.

É preciso destacar que a herança colonial, conjugada a políticas migratórias altamente restritivas, é insuficiente para se entender a complexidade da emigração internacional de casankoolu na contemporaneidade para outros destinos mais distantes geográfica, cultural, histórica e linguisticamente como Argentina, Brasil⁵¹⁴, Estados Unidos, além das já referidas Itália e Espanha, por exemplo. A atual importância destes países, iniciada a partir do final dos anos 1980 na migração desde a Casamansa, só pode ser explicada considerando outros elementos. A globalização contemporânea, as situações socioeconômicas da região de origem e dos países almejados, as políticas de acolhimento, outras vizinhanças como a ocidentalização, a amnésia voluntária, a busca por diversificação de destinos, a convicção de que o sucesso está no litoral de lá, estão dentre aqueles que contribuem significativamente à compreensão do fenômeno migratório na contemporaneidade.

Diante desta “difusão do comportamento migratório no seio da sociedade senegalesa” (NDIONE, 2018, p. 16. Tradução nossa), por um lado, e da *obsessão migratória*⁵¹⁵ entre jovens, referida tácita ou claramente em diversos estudos (Quiminal e Timera, 2002; Basso, 2013; Ngom, 2017b; 2018), por outro, é cabível esperar, entre Senegaleses, altas taxas de pedidos de visto negados, em consonância com as políticas migratórias restritivas, notadamente as dos países da Europa desde os anos 1990.

⁵¹⁴ Esta distância cultural se reduz quando se busca no passado mais distante, como o fez Senghor ao aproximar o Brasil, o Portugal e os países da África dita francesa e portuguesa pela ‘latinidade’ (Cf. Scholl, 2018).

⁵¹⁵ Trata-se de “Uma ‘obsessão’ que exprime a aspiração por uma vida mais digna para eles e para as pessoas queridas, um desejo de libertação, uma necessidade de emancipação social e nacional, que os mais conscientes desejam realizar, como um sinal de desafio, mesmo onde reinam os velhos colonizadores” (Basso, 2013, p. 32).

4.5 - POLÍTICAS MIGRATÓRIAS RESTRITIVAS, MIGRAÇÃO INFORMAL E A AMPLIAÇÃO DE DESTINOS ENTRE CASANKOOLU

As políticas migratórias não são estáticas. O exemplo de países da Europa ocidental mostram esta região, que incentivou a emigração de milhões dos seus no séculos XVI-XIX, também encorajou a imigração, por décadas, no decorrer do século XX, antes de adotar desde meados dos anos 1970, medidas cada vez mais draconianas para combater a imigração na Europa, mas também a emigração da África, Caribe e Pacífico, tanto a que busca o caminho formal quanto a ocorre na informalidade. Estas medidas têm um impacto sobre a emigração desde a Casamansa.

4.5.1 - Políticas migratórias de fechamento

De acordo com Boussichas (2009), “A OIM define a política migratória como ‘os princípios gerais pelos quais um governo é guiado em sua gestão das migrações’” (BOUSSICHAS ,2009, p. 18. Tradução nossa). O que o leva a concluir que a política assim qualificada é a “soma da legislação migratória e de sua aplicação” por um país. Mesmo quando consideram em suas políticas migratórias a emigração de seus cidadãos, muitos países considerados ricos dão o maior peso à imigração. É o caso do Brasil. No que se refere à política de imigração do Canadá, Dirks (2020) a define como "a forma como o governo controla, por leis e regulamentos, quem pode vir se instalar" no país.

Assim sendo, as restrições migratórias do período histórico em que estamos são aqui pensadas antes de tudo em âmbito estatal, porém podem sê-lo em escala interestatal, visando muito mais o estrangeiro que chega, do que o nacional que sai do país. Sendo repressivas, ou incentivadoras, para a imigração internacional, as políticas migratórias não poderiam dispensar o envolvimento dos Estados, pois estes são incontornáveis atores e principais elaboradores das mesmas. É, aliás, este lugar que permite que o Estado seja visto como detentor do “monopólio legítimo da mobilidade, [que] é considerado um dos fundamentos da soberania do Estado” (REIS, 2007, p. 26). Mesmo encontrando dificuldades e, às vezes, constrangido por normas internacionais a aceitar e não *refouler* o estrangeiro que chega a sua fronteira à margem de procedimentos oficiais, esta entidade política é, para Reis (2007), aquela que, em última instância, decide sobre quem pode entrar, permanecer, ser integrado ao tecido nacional mediante naturalização ou ser compelido a deixar seu território.

Embora determinadas configurações políticas como espaços Schengen⁵¹⁶, na Europa, ou CEDEAO, na África Ocidental, possam tornar, de certa forma, difícil a aplicação deste monopólio estatal da mobilidade, na medida em que o Estado membro consentiu a livre circulação dos cidadãos comunitários e de estrangeiros que se encontram legalmente admitidos nestes espaços, as observações de Reis (2007) encontram apoio na realidade política de boa parte dos países do mundo. As dificuldades de circulação de cidadãos desta Comunidade oeste-africana, mostradas adiante, são reais, sendo os controles entre eles muito mais rigorosos que nos anos 1990.

No contexto europeu, a adesão a um espaço de livre circulação e a um sistema supranacional de proteção de fronteiras exteriores como Frontex⁵¹⁷ não exprime renúncia total e incondicional a instrumentos nacionais de controle fronteiriço dos Estados (Pierard, 2011).

Frontex complementa sistemas nacionais de gestão das fronteiras dos Estados membros [da União europeia]⁵¹⁸, a responsabilidade do controle de suas próprias fronteiras externas segue sendo a cargo de cada um dos Estados membros em virtude do princípio de subsidiariedade (PIERARD, 2011, s/p. Grifo e tradução nossos).

⁵¹⁶ O acordo foi assinado em 14 de junho de 1985 por cinco membros da Comunidade europeia, estabelecendo o quadro para a abolição dos controles nas fronteiras dos bens e das pessoas no seio do espaço constituído pelos Estados participantes. Mas foi em 19 de junho de 1990 que foi adotada a *Convenção de aplicação do acordo Schengen (CCAS), que entrou em vigor em 1995, enunciando a supressão dos controles nas fronteiras internas, a consolidação dos controles nas fronteiras externas comuns ao espaço, o compartilhamento das responsabilidades pela análise das solicitações de refúgio, o estabelecimento de mecanismo de cooperação policial, protocolos e acordos de adesão, bem como atos e declarações relativos* (Marie-Laure Basilien-Gainche, 2011, Tradução nossa).

⁵¹⁷ Frontex é a Agência Europeia para a gestão de fronteiras externas da União europeia criada “pelo regulamento nº2007/2004 de 26 de outubro de 2004” (Pierard, 2011) “para ajudar os Estados-Membros da UE e os países associados de Schengen a proteger as fronteiras externas do espaço de livre circulação da UE. Enquanto agência da UE, a Frontex é financiada pelo orçamento da UE, bem como pelas contribuições dos países associados de Schengen” (FRONTEX: <https://frontex.europa.eu/pt/>). Este orçamento, que dobrou em 2007 e 2009 alcançou 88 milhões de euros em 2011 (Pierard, 2011). La Cimade ressalta que “O orçamento de Frontex (...) passou de 6 para 543 milhões de euros entre 2005 e 2021, ao passo que seus efetivos serão levados a 10.000 agentes até 2027” (LA CIMADE: [2021] <https://www.lacimade.org/>). “Inaugurada oficialmente em 6 de outubro de 2016, a Agência europeia de guarda-fronteiras e de guarda-costas” substituiu a então Agência europeia para a gestão da cooperação operacional nas fronteiras exteriores dos Estados-membros da União europeia, “mantendo tanto o apelido quanto a personalidade jurídica, **Frontex**, complementando suas missões e seus meios” (Toute l’Europe: Qu’est-ce que Frontex, l’Agence européenne de garde-frontières et de garde-côtes ? 03.05.2022. Disponível em: <https://www.touteleurope.eu/institutions/qu-est-ce-que-l-agence-europeenne-de-garde-frontieres-et-de-garde-cot-es-frontex/> Acesso em 12/07/2022.

⁵¹⁸ “O pacto sobre a migração e o asilo consagra boa parte à proteção das fronteiras que delimitam o espaço europeu. Uma das medidas de destaque se refere à implementação de um **processo de análise das solicitações de refúgio nas fronteiras do Espaço Schengen**. Ela se apoiaria no reforço do instrumento Eurodac, que recolhe dados notadamente biométricos dos migrantes no solo europeu. Às digitais hoje coletadas se somariam **controles ‘de saúde e de segurança’**. O bastante para fazer uma primeira seleção entre os recém-chegados e, assim, desencorajar as viagens ilegais” (Toute l’Europe: Que contient le Pacte européen sur la migration et l’asile ? 13/06/2022. Tradução nossa. Disponível em: <https://www.touteleurope.eu/societe/que-contient-le-pacte-europeen-sur-la-migration-et-l-asile/> Acesso em 12/07/2022.

Em 2015, quando mais de um milhão de migrantes chegaram à Europa, países como a Alemanha, a Áustria, a Suécia e aqueles da Europa do Leste retomaram provisoriamente o controle de suas respectivas fronteiras internas, suspendendo, assim, a livre circulação no espaço Schengen⁵¹⁹. No mesmo sentido, Basso⁵²⁰ fala da “*negociação entre os diferentes países da União Europeia sobre onde “alocar” 20 mil (!) solicitantes de refúgio que moram em campos de refúgio fora da União Europeia e sobre como “repartir” entre os Estados membros aqueles já em território europeu*”. Ambos os casos restritivos chamam simultaneamente a atenção para o lugar do Estado, inclusive no seio de uma comunidade, e tem como alvos principais a imigração de oriundos da África⁵²¹ e do Oriente-Médio⁵²² na Europa Ocidental. É, portanto, descabido falar em abandono total do *monopólio legítimo da mobilidade* por algum Estado. Convém ainda ressaltar que até aqueles com uma porosidade notória de fronteiras entendem e reivindicam, politicamente, que a admissão de estrangeiros em seus territórios depende apenas de sua vontade exclusiva, mesmo contra evidências de entradas e saídas pouco controláveis em suas fronteiras externas.

Estados do “Norte”, até então relativamente abertos à vinda de cidadãos dos países ditos periféricos, vêm tomando medidas restritivas à imigração internacional destas pessoas desde os anos 1970-1980⁵²³ (Villen, 2016; Basso, 2013; Morokvasic, 2013; Guilmoto e Sandron, 2003). Baseando-se em outras pesquisas, Villen assinala esta reviravolta nos seguintes termos:

Diferentemente, a década de 1970 é representativa de como países com longa tradição de imigração como Inglaterra, França, Bélgica e Alemanha, nos quais a presença do trabalho imigrante já atingia uma dimensão estrutural (CASTLES; KOSACK, 1984)⁴, **passaram da fase de recrutamento, principalmente nas ex-colônias, à aplicação de políticas restritivas da**

⁵¹⁹ Cf. *Toute l'Europe*: Qu'est-ce que Frontex, l'Agence européenne de garde-frontières et de garde-côtes ? 03.05.2022. Disponível em: <https://www.touteurope.eu/institutions/qu-est-ce-que-l-agence-europeenne-de-garde-frontieres-et-de-garde-cote-s-frontex/> Acesso em 12/07/2022.

⁵²⁰ Cf. Jornal da Unicamp, Campinas, 7 a 13 de setembro de 2015, p. 9.

⁵²¹ Para Damon 2020, as políticas migratórias da Europa e da América do Norte fecham cada vez mais as fronteiras e adotam leis endurecidas para as migrações africanas.

⁵²² “A pantomima das reuniões oficiais convocadas com urgência para “evitar outros mortos no mar”, em meio a um dilúvio de falsas lágrimas, não representa só uma palhaçada. Ao contrário! Ela coloca em prática um verdadeiro plano geral de guerra aos emigrantes da África e do Oriente Médio” (Cf. Jornal da Unicamp, Campinas, 7 a 13 de setembro de 2015, p. 9).

⁵²³ No caso da Argentina, os sinais de tal postura aparecem na década de 1940 diante da imigração boliviana a paraguaiá (Domenech, 2011 apud Villen, 2016, p. 33).

imigração⁵²⁴. As possibilidades de entrada legalizada no continente se limitaram à reunificação familiar e ao sistema de cotas, dirigido pelos Estados (VILLEN, 2016, p. 30-31. Grifo nosso).

As medidas migratórias restritivas da França são situadas nos anos 1973-1974⁵²⁵ (Rea, 2021; Portes, 1999; Quiminal e Timera, 2002), quando iniciou uma política de barragem para trabalhadores estrangeiros⁵²⁶, notadamente africanos, que também eram *particularmente* afetados pela *restrição do direito de viver em família* implementada desde 1993. Além do que, estas autoras mostram que em frente aos consulados franceses de Abidjan, Bamako ou Dakar, é necessária uma obstinação implacável para solicitantes de visto, que devem *suportar tratamentos racistas [em casa] e tráfico* (Quiminal e Timera, 2002, p. 20, Tradução nossa)⁵²⁷. As restrições estavam portanto focadas na migração pela via legal.

No que tange à Europa, é desde meados dos anos 1980 que ela “assinou os acordos ‘anti-imigração’ de Schengen” (BASSO, 2013, p. 32)⁵²⁸. Constatou-se que tanto a nível mundial como nacional, o combate à migração informal - que é uma migração caracterizada pelo contrabando de migrantes - é comumente associado à luta contra o tráfico de seres humanos. Apesar da porosidade que possa existir na fronteira entre ambas, trata-se de duas questões profundamente distintas: uma indesejada pelos Estados, a OIM e a OIT, por exemplo, e outra criminosa, que só interessa aos criminosos. Reis (2007) mostra que esta diferença se manifestou de forma evidente no final do ano 2000, quando a ONU adotou o “protocolo contra o tráfico de pessoas (especialmente mulheres e crianças)⁵²⁹, e o protocolo

⁵²⁴ De acordo com Morokvasic (2013), a suspensão da imigração econômica na Europa ocorreu em 1974.

⁵²⁵ De acordo com Rea (2021, p. 21, Tradução nossa), a decisão de se fechar à *imigração laboral* a partir daqueles anos era tomada por *todos os Estados europeus* diante da *reestruturação da economia mundial, com a desindustrialização da Europa e a crise do emprego que a acompanhava*.

⁵²⁶ Junto com a França, os países da Europa Ocidental adotaram medidas similares (Ver Morokvasic, 2013; Portes, 1999, p. 17).

⁵²⁷ *Após a suspensão da imigração econômica em 1974, as restrições migratórias francesas vão questionar a liberdade de circulação e de estabelecimento dos migrantes africanos, e limitarão seu direito de residência* (Quiminal e Timera, 2002, p. 20. Tradução nossa).

⁵²⁸ Para este autor, “esses acordos não são anti-imigração, mas anti-imigrantes, porque nem a Europa nem muito menos a Itália estão saturadas de imigrantes” (BASSO, 2013, p. 32). As restrições migratórias, notadamente no contexto europeu, não escondem paradoxos que se expressam ora em regularizações, em necessidade de mão-de-obra qualificada ou menos qualificada, ao lado dos controles ostensivos de fronteiras (ver Guilhoto e Sandron, 2003).

⁵²⁹ Trata-se do protocolo de Palermo

contra o *smuggling* de imigrantes por terra, mar ou ar” (REIS, 2007, p. 33)⁵³⁰. Prosseguindo, a autora evidencia o que distingue uma prática da outra dizendo: “A diferença entre tráfico e *smuggling* é que o tráfico se refere a um processo de imigração que envolve coerção, e o *smuggling* é a facilitação do movimento ilegal de pessoas pelas fronteiras” (REIS, 2007, p. 33). Pode-se dizer que a confusão entre estas duas formas de migração é alimentada, potencializada e legitimada pelas legislações de países ocidentais almejados⁵³¹, bem como por alguns africanos de origem dos migrantes, que passaram a criminalizar também o contrabando de migrantes.

O atentado terrorista de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos, que causou a morte de 2.973 pessoas provenientes de 93 países, das quais 24 Canadenses (DUBREIL, 2015, s/p. Tradução nossa) - além dos atentados de março de 2004 em Madri - é tido como a data marcante a partir da qual as já restritivas políticas migratórias dos países do “Norte” ficaram ainda mais acirradas (Borrel, 2021; Basso, 2013; Brachet et al., 2011; Reis, 2007; Guilмотo e Sandron, 2003; Sassen, 2002). Borrel assinala que a citada pesquisadora Isabelle Saint-Saens entende que não é de hoje que solicitantes de refúgio são vistos como aproveitadores, porém desde esta data, “todo migrante, refugiado ou não, é agora um terrorista potencial”⁵³² (Ver BORREL, 2021d, p. 931. Tradução nossa). Portanto, *as comunidades imigrantes residentes* passam a ser mais controladas (Sassen, 2002). Por isso, Basso classifica as décadas iniciais do atual milênio de tempo em que “houve um salto de qualidade, *para pior*, nas políticas imigratórias europeias (e ocidentais)” (BASSO, 2013, p. 38). Para a Europa, a relação entre imigração e insegurança estava, portanto, estabelecida. Daí o imperativo do controle de fronteiras (Ver Gabrielli, 2008; Ferreira, 2017). Ela estava também estabelecida entre políticos e pela mídia (Drechsler e Gagnon, 2008). Entretanto, Sassen (2002) deixa claro que *essa gente* a quem a Europa impede *com tanta determinação* a entrada em seu solo, não passa de uma “pequeníssima minoria, também muito determinada, de homens, mulheres e crianças, na maior parte provenientes de países pobres, que de uma forma ou de outra

⁵³⁰ Respectivamente o Canadá, Senegal e Brasil ratificaram estes protocolos em 2002, 2003 e 2004. Ver anexo I-A: *Adesão do Brasil, Canadá e Senegal a Instrumentos Jurídicos da ONU sobre migrações*.

⁵³¹ Para Reis, “a imigração ilegal vem sendo cada vez mais criminalizada na legislação doméstica dos países receptores, com consequências nefastas para todos os imigrantes” (REIS, 2007, p. 33). Já Gueye et Deshingkar (2019) argumentam que “A criminalização do tráfico de migrantes não logrou acabar com esta prática” (GUEYE et DESHINGKAR, 2019, p. 1. Tradução nossa).

⁵³² De forma geral, no Ocidente, a pessoa migrante está permanentemente sendo monitorada. Se não, como entender a exigência de atualização do endereço residencial?

acabará sempre por tentar a vinda, em busca de trabalho e de refúgio” (SASSEN, 2002, p. 41)⁵³³.

O objetivo de tais medidas legislativas e militares que Basso (2013) qualifica de *seletivas, restritivas e repressivas*, é, no entendimento de Ki-Zerbo a “defesa do nível de vida, [a] recusa de partilhar e [a] rejeição de um mundo plural” (KI-ZERBO, 2009, p. 41). Para Basso (2013), com o fechamento, a Europa almeja moderar as “expectativas” dos candidatos à imigração. Entende-se que se trata, portanto, de uma guerra psicológica que ela declara – embora tenha sido um dos continentes que mais espalhou seus cidadãos pelo mundo nos últimos 500 anos, permitindo, com esse processo, enriquecer o continente por meio da ocupação e do extrativismo das riquezas de outros povos e da exploração do trabalho alheio – e de mais uma demonstração da ilusória capacidade de controlar sozinha totalmente seu próprio mundo e o mundo “em desenvolvimento”⁵³⁴.

4.5.2 - Os limites das políticas migratórias restritivas e colaborações externas

Como o fechamento à imigração internacional quase nunca é totalmente bem sucedido, os limites de tais medidas são visíveis. A restrição de canais migratórios oficiais e legais da Europa e dos Estados Unidos, que ora se materializa em políticas draconianas, tendem a provocar e aumentar de forma expressiva o *tráfico ilegal de pessoas*⁵³⁵ e o consequente aumento de imigrantes em *situação indocumentada* (Rea, 2021; Ferreira, 2017; Villen, 2016;

⁵³³ No caso dos Estados Unidos, “Em 1965, foi promulgado o *Immigration and Naturalization Act*, que declarava o ‘fechamento’ das fronteiras e o retorno da política de abertura estritamente controlada por cotas” (VILLEN, 2016, p. 32).

⁵³⁴ “Os países de imigração, os grandes beneficiários das migrações internacionais, especializaram-se em criar todos os tipos de estereótipos racistas para as populações imigrantes: atrasados, primitivos, ignorantes, [...] importadores de doenças, de drogas, de criminalidade [...]. Absolutamente nada do que é desprezível é poupado aos imigrantes” (BASSO, 2013, p. 35). Nesta relação, as práticas em questão revelam que o mundo “em desenvolvimento” não pode pretender à liberdade de circulação nem às boas condições de vida de que usufruem o “Homem civilizado e civilizador”, autores da classificação dos Estados em um dualismo: “desenvolvidos” e “em desenvolvimento”; “Primeiro mundo” e “Terceiro mundo”; “ricos” e “pobres”; “centrais” e “periféricos”; “potências” e “subalternos”, “com saúde” e “doentes”; “na História” e “fora da História”; “do presente” e “do passado ou futuro”. Não estariam eles julgando hoje seus imigrantes a partir dos estragos que seus antepassados impuseram a povos que invadiram e dominaram em outros continentes nos séculos passados?

⁵³⁵ Tais práticas envolvem agentes oficiais e não oficiais, diz Rea (2021). A Comissão Europeia estima que aproximadamente 150.000 pessoas atravessam irregularmente cada ano as fronteiras externas da Europa (La Cimade, [2021] <https://www.lacimade.org/>). Baseando-se em Georges Tapinos, Piché (2013) fala que na ótica deste “as vantagens da migração irregular estão do lado do empregador. A situação de irregularidade favorece práticas discriminatórias, dada a precariedade do migrante irregular e seu fraco poder de barganha” (PICHÉ, 2013, p. 169. Tradução nossa).

Basso, 2013; Piché, 2013; Boussichas, 2009; Drechsler e Gagnon, 2008; Sassen, 2002)⁵³⁶. A ineficácia das restrições migratórias, exposta pelas centenas de travessias não autorizadas de fronteiras em todos os continentes, pela permanência dos que entraram formal ou informalmente e temem nunca mais poder voltar se deixarem o novo país em que escolheram residir, pelas necessidades de regularizações periódicas, no contexto europeu e estadunidense⁵³⁷, de forma evidente ou tácita, em diversos estudos e relatórios (Sassen, 2002; Guilmoto e Sandron, 2003; Hall, 2003; Drechsler e Gagnon, 2008; Basso, 2013; Piché, 2013; Ngom, 2017a; 2018; 2020; Ferreira, 2017; Gueye e Deshingkar, 2019; Dimé, 2020; Rea, 2021; CCE, 2021). De acordo com Piché (2013), *a principal tese de Bimal Ghosh [2000]* “é que as migrações estão saindo do controle e a importância da migração irregular no mundo atesta a ineficiência dos controles” (PICHÉ, 2013, p. 169. Tradução nossa). Em outros termos, Gueye e Deshingkar, (2019) dizem que

o investimento e os esforços voltados para estas medidas de controle não levaram à redução da migração clandestina, pois a indústria migratória se adaptou aos novos controles e as “vítimas de tráfico” são notoriamente difíceis de identificar em campo (GUEYE e DESHINGKAR, 2019, p. 2. Tradução nossa).

Apesar de suas limitações, as políticas migratórias provocaram *mortes de homens, mulheres*⁵³⁸ e *crianças que nada têm de criminoso*, mas acabam morrendo “em solo europeu”, *desvirtuando ou fragilizando o Estado de direito* (SASSEN, 2002, p. 42). Entre 1993 e 2020, o número de mortos na beira da União Europeia é estimado em pelo menos 50.000⁵³⁹. Só entre 2019 e 2020, efetivo de migrantes desaparecidos beira 9.500 (Ver McAuliffe e Triandafyllidou, 2021). Criticando a política migratória europeia, Sassen argumenta que

o actual rumo das nossas políticas de imigração no sentido não apenas de um maior controlo policial e militar, mas também de um crescente menosprezo pelos códigos de direitos humanos

⁵³⁶ Tende-se a pensar a migração irregular com foco no migrante e no atravessador, mas Ferreira observa que “A restrição de canais de migração legal para trabalhadores pouco qualificados incentiva **o recurso à migração irregular por parte dos empregadores** e favorece esquemas ilegais de tráfico, por exemplo” (FERREIRA, 2017, p. 54).

⁵³⁷ Se há regularização - o que é bom para os migrantes, que, com isso, saem do limbo, pois ninguém quer estar em situação migratória irregular - é porque ela é benéfica para o país regularizador.

⁵³⁸ De acordo com Catarino e Morokvasic (2008, p. 10-11. Tradução nossa), embora *geralmente percebidas como sujeitas ao ‘tráfico’, vítimas, enganadas, à mercê das redes criminosas*, Rutvica Andrijasevic sugere que para estas mulheres a migração, inclusive o recurso em conhecimento de causa às redes do tráfico para migrar, constitui uma via de acesso ao mercado de trabalho da UE, uma maneira de resistir às desigualdades estruturais e de lutar para transformar sua vida”.

⁵³⁹ L’Humanité. *Comment la Méditerranée est devenue la frontière migratoire la plus meurtrière au monde.* <https://www.humanite.fr/>

internacionalmente aceites e pela nossa própria legislação referente às liberdades públicas está a ter como resultado a promoção do tráfico ilegal e o enfraquecimento do Estado de direito, bem como, por consequência, o próprio enfraquecimento das nossas democracias (SASSEN, 2002, p. 42).

Nenhum Estado consegue sozinho controlar as migrações não autorizadas. Baseando-se em argumentos de Georges Tapinos, Piché (2013) faz a afirmação segundo a qual: “O problema de controlar as migrações passa pela coordenação entre governos. Trata-se, portanto, de uma gestão multilateral, pois, segundo Tapinos, é anacrónico pretender controlar a imigração exclusivamente em termos de soberania” (PICHÉ, 2013, p. 169. Tradução nossa) nacional ou mesmo comunitária.

Se ao pensar sua política migratória o Estado não dialoga com seus pares, acontece que para administrar as crises de políticas imigratórias de um país ou de uma comunidade de países, o diálogo, com ou sem pressão, com outros Estados costuma ser indispensável. Gabrielli (2008) mostra que sob pressão política e ‘negociação’ europeias, Estados do Magreb, - aqui, deve-se destacar, em particular, a Líbia, que desde 1992 se posicionou a favor da imigração de africanos, chegando a assinar *acordos bi ou multilaterais de livre circulação* e criou em 1998 a *Comunidade dos Estados Sahelo-Saarianos* (Cen-Sad) (Brachet et al. 2011. Tradução nossa) - alteraram suas regras sobre a imigração, em detrimento dos imigrantes, que foram expulsos em massa em 2005, por exemplo, de Marrocos para países vizinhos. Quanto à Líbia, ela teria expulso 97.000 imigrantes entre 2003 e 2004, dos quais 54.000 no último ano. Embora não sejam os únicos a assim procederem, estes países também perseguem e prendem estrangeiros, acrescenta Gabrielli (2008). A criação e atuação de Frontex se encaixa na afirmação segundo a qual: “Os Estados não debatem as questões migratórias apenas no plano bilateral, mas também no plano regional e, mais recentemente, no palco global” (PERRUCHOUD, 2009, p. 3)⁵⁴⁰. Encontramos o mesmo argumento em Gabrielli, que escreve que

uma das razões desta internacionalização crescente das políticas de imigração está bem explicada por F. Pastore (2005, 355), que assinala que ‘diante das dificuldades crescentes na gestão efetiva das migrações e no encontro das expectativas públicas no campo político politizado e mediatizado de forma crescente, os Estados mostram uma propensão crescente a cooperação internacional como um caminho para restabelecer a soberania’ (GABRIELLI, 2008, s/p. Tradução nossa).

As políticas migratórias restritivas europeias não se limitam às fronteiras externas da Europa, com a *construção, nestas, de 1800 km de muros construídos ou em construção desde*

⁵⁴⁰ Ver também La Cimade, [2021]. La politique migratoire de l’Union Européenne en 5 chiffres clés. Em: <https://www.lacimade.org/>

1989. Fronteiras estas que acabaram sendo levadas até as costas atlânticas da África Ocidental mediante a pressão da União Europeia e “acordos bilaterais e multilaterais” que ela assina com países africanos considerados emissores ou de trânsito de migrantes que se dirigem ao dito “Velho continente”.

4.5.2.1 - Emigração de casankoolu diante de políticas migratórias restritivas e crises

A ampliação dos destinos europeus da emigração desde a Casamansa está relacionada à adoção de políticas migratórias restritivas pela França, que é um destino tradicional dos *ressortissants* do Senegal na Europa⁵⁴¹. Segundo Ndione (2018), este país, que tinha incentivado a imigração senegalesa de meados dos anos 1940 até meados dos anos 1980⁵⁴² - um período que inclui os chamados *Trinta Gloriosos* (1945-1975), com seus *efforts de reconstruction* (*Esforços de reconstrução*), como dizem Quiminal e Timera (2002) - tornou-se um de acesso extremamente difícil para os senegaleses no final desta década. Não é preciso dizer que casankoolu são afetados por estas mudanças.

Como os demais Senegaleses, os casankoolu iniciam a imigração em Itália e Espanha, que adotam aberturas esporádicas que se traduziram em regularizações de imigrantes em situação irregular em 1990, no caso da Itália⁵⁴³, e em 1986 e 1991 no caso da Espanha. Porém, com o fim desta abertura, Basso (2013) e Rea (2013) assinalam que, ao lado da França, países como a Itália, a Espanha, a Grã-Bretanha e Alemanha, entre outras, adotaram normas migratórias restritivas. Elas se generalizaram enquanto *políticas* de fechamento na Europa com a criação da Frontex à guisa de reprodução do *Patriot Act* dos Estados Unidos (Basso, 2013). O que sugere algum impacto no destino Europa. Entre 2008 e 2017, o número de Senegaleses com algum registro na Espanha passou de 31.147 para 31.644, respectivamente. Dentre estes, parte é, sem dúvida alguma, originária da Casamansa.

⁵⁴¹ Ver Ndione (2018) e Lessault e Flahaux (2013)

⁵⁴² Ndione assinala que “enquanto para a maioria dos *ressortissants* estrangeiros, a entrada na França exigia a obtenção de um visto de entrada, até 1986, esta condição se limitou, no tocante aos Senegaleses a uma apresentação de uma carteira de identidade nacional (ou de um passaporte com validade)”; “Esta medida de facilitação envolve, em níveis variados, outros países da África francófona tais como o Mali, a Mauritânia, a Costa do Marfim, o Gabão, Camarões, o Congo, etc” (NDIONE, 2018, p. 44. Tradução nossa). A exigência de visto generalizada em 1986 para extra europeus rapidamente isentou cidadãos de países ricos, sendo mais rigorosa contra aqueles de países africanos (Quiminal e Timera, 2002).

⁵⁴³ “A Itália anunciou, em janeiro de 2003, sua intenção de regularizar 700.000 migrantes ilegais” (GUILMOTO e SANDRON, 2003, p. 89. Tradução nossa).

A diversificação de destinos da emigração de casankoolu, e senegaleses em geral, vai também ocorrer em decorrência de crises políticas e/ou econômicas - às quais podem se somar incidências em fronteiras comuns, acusações de envolvimento de estrangeiros no tráfico de pedras preciosas, roubos, corrupção, de inconformidade às exigências administrativas de estada ou para o exercício laboral conformes à lei - em países africanos, e isto, particularmente desde a década de 1960⁵⁴⁴. O estudo de Bredeloup (1995) permite perceber que no decorrer desta década, o continente africano registrou, em diversos países, dez expulsões de africanos por africanos. Nas décadas seguintes, estes procedimentos se repetiram, porém se acentuaram na de 1980 e sobretudo de 1990. Ainda neste estudo, constatou-se que se o Senegal expulsou alguns destes Africanos (100 *originários* da Guiné em 1971, 240.000 da Mauritânia em 1989), Senegaleses, dos quais havia oriundos da Casamansa, fizeram parte dos expulsos por determinados países da África nas referidas décadas. A República Democrática do Congo (ex-Zaire) expulsou 700 senegaleses em novembro de 1971; o Congo fez o mesmo com 2.900 em 1977; a Zâmbia, com 300 em 1984, e 596 em 1992; a Mauritânia com 80.000 em 1989; a Gâmbia com 60 em 1993; o Gabão com 1.276 em 1993, e 81 no ano seguinte⁵⁴⁵. Em 1994, foram repatriados 104 e 230 Senegaleses, respectivamente da África do Sul e de Camarões⁵⁴⁶. Deve-se somar a estas expulsões as perturbações sobre as migrações decorrentes dos conflitos ou golpes de Estado no continente e na sub-região ocidental africana, referidos por Diallo (2015). Tais crises e expulsões provocam retornos e reduzem, pelo menos por algum tempo, os potenciais destinos de emigração desde a Casamansa e outras partes do senegalesa para o continente.

Estas expulsões, em particular aquelas que ocorreram entre países cujos cidadãos são de países da África do Oeste, especificamente dos que ratificaram o protocolo da CEDEAO, mostram o hiato entre as determinações de livre circulação de nacionais de Estados desta Comunidade e as práticas de expulsões reiteradas por alguns países membros, inclusive após uma década da adoção do aludido protocolo. O desafio de tornar real a livre circulação nos contextos regionais africanos aparece nas seguintes palavras de Bredeloup (1995):

⁵⁴⁴ Em Bredeloup (1995), vê-se que as expulsões de Africanos migrantes por Africanos autóctones ou seus “colonizadores” vinham ocorrendo desde a década de 1950. Por exemplo, em 1956, em Sierra Leoa, houve um “Chamado voluntário das autoridades britânicas para 200.000 nacionais da AOF (Alta-Guiné, , Sudão, Costa do Marfim, Senegal) que invadiram os *placers*/depósitos de diamante de Sefadu, apossando-se das concessões da “Selection Trust”. No caso da Costa do Marfim, “Africanos do Oeste são expulsos em milhares das minas de diamante do Norte-Oeste pelas tropas francesas, e depois marfinenses, entre 1957 e 1962. Em 1962, Séguéla foi o lugar da última grande evacuação (*Persan, 1983*)”. (BREDELOUP, 1995, p. 118. Tradução nossa).

⁵⁴⁵ Cf. Bredeloup (1995, p. 118-120).

⁵⁴⁶ Estes foram repatriados por seu próprio governo (Bredeloup, 1995, p. 120).

No decorrer da última década, estas expulsões se generalizaram em África, mostrando quanto as convenções de livre circulação (UDEAC, CEDEAO, CEPGL) não passam de declarações de intenção para os Estados signatários. A luta contra a imigração clandestina, contra o tráfico ilícito são os argumentos mais frequentemente invocados pelos Estados africanos para justificar estas práticas de choque quando eles não acusam o estrangeiro de ingerência política, de proselitismo religioso, de corrupção ou de banditismo. As desavenças de todo tipo que opõem seu país de origem a seu país de residência também podem conduzir à expulsão do imigrante (BREDELOUP, 1995, p. 117. Tradução nossa).

Não se trata de um diagnóstico válido apenas para os anos 1990, pois quase três décadas depois, apesar de certos avanços, como a existência da carteira de identidade e do passaporte CEDEAO, no tocante à África Ocidental, as queixas frequentes de cidadãos relativas às dificuldades reais de circular livremente no espaço desta comunidade são ainda vigentes, e às vezes, agudas, na medida em que não são observados os compromissos comunitários na matéria e as violações envolvem corrupção de agentes que deveriam promover sua aplicação. Para Babacar Ndiaye, diretor executivo do DIADEM/Senegal⁵⁴⁷, a solução para tornar efetiva a livre circulação é, em última instância, a implementação da cidadania comunitária⁵⁴⁸.

Diante de tal conjuntura em África e, como mostra Estupiñán Serrano (2012), das restrições migratórias na Europa e nos Estados Unidos, ocorre o que este autor chamou de paradoxo: a diversificação dos destinos. A reconfiguração da emigração internacional de Oeste-africanos, que contempla a de Senegaleses de forma geral, e de casankoolu em particular, no seio do continente e para fora dele se colocou, portanto, como uma necessidade clara na véspera do atual milênio, que se caracteriza, não só pela exploração de vias alternativas de migração, mas também por uma diversificação ampliada de destinos, como destacado pelo entrevistado informado Way Diagne e pela literatura (Estupiñán Serrano, 2012; Guilmoto e Sandron, 2003).

⁵⁴⁷ A associação *Diaspora Développement Education Migration* oficialmente reconhecida em 2011 pelo Estado do Senegal, é uma associação sem fins lucrativos que tem interesse, como enuncia o próprio nome, em migrações, mobilidades, educação e desenvolvimento. Vide <https://diademsenegal.wordpress.com/qui-sommes-nous/>

⁵⁴⁸ Palestra: *Puntos fuertes y débiles de la libre circulación en la región de la CEDEAO* dada em 10 outubro de 2023 na ocasião do Weminário: *Intercambio sobre la libre circulación en el MERCOSUR y la CEDEAO*.

4.5.2.2 - Vias da emigração desde a Casamansa dos ‘condenados a ficar’ diante das restritivas migrações regulares

Quando as restrições à migração regular atingiram notadamente a África Ocidental e a Europa do Sul, outras vias e destinos passaram a ser explorados por casankoolu. A forma de migração por vias alternativas, que Diop (2008) considerou como baseada numa “lógica subterrânea” é aquela que ocorre total ou parcialmente fora das leis e das regras estabelecidas pelos Estados atravessados e, principalmente, por aqueles de destino, mas também, digamos excepcionalmente, por aqueles de origem das pessoas migrantes, como é no caso o Senegal. “A migração clandestina pode ser definida como uma migração internacional que infringe o quadro legal do país de origem, de trânsito ou de destino” (Ngom, 2017a, s/p.). A irregularidade migratória pode ocorrer quando um estrangeiro entra sem ter autorização em um Estado, bem como quando permanece além do tempo que lhe foi permitido pelo país anfitrião - embora tenha ingressado regularmente - ou ainda quando ele se subtrai de uma medida de retirada do território de instalação (Waldman, 2018a; Perruchoud *apud* Ngom, 2017a). Para a Organização Internacional para as Migrações, esta forma de migração é “secreta ou encoberta em violação das exigências em matéria de imigração. Pode ocorrer quando um estrangeiro viola os regulamentos de entrada de um país ou, tendo entrado legalmente, nele permanece em violação dos regulamentos de imigração” (OIM, 2009, p. 40-41). A tem sido adotada por casankoolu sobretudo para alcançar a Europa.

La Cimade (2020) assinala que a União Europeia também usa o termo *migração irregular*, antes de apontar que há um “abuso de linguagem” no termo, considerando que “só a entrada e a estada podem ser administrativamente irregulares e não o fato de migrar” (LA CIMADE, 2020, p. 7. Tradução nossa). Entende-se, portanto, que sendo a entrada ou a permanência irregular, todo o processo é assim qualificado de forma abusiva, devido particularmente ao *fundamentalismo anti migratório* que iniciado nos anos 1970, aplicado aos casankoolu nos anos 1980 e acirrado nos anos 1990 e principalmente na década de 2000.

Fica sugerido, de forma ainda mais evidente no seio de um espaço oficialmente de livre circulação como o da CEDEAO, que falar de “emigração clandestina” dentro da comunidade só poderia ser concebível⁵⁴⁹ num contexto de efetiva pressão externa ou de regime político especial para migrações, já que, como diz Catherine Wihtol de Wenden: “*Hoje*

⁵⁴⁹ O exposto anteriormente a respeito da emigração internacional torna impróprio falar de emigração irregular nos movimentos dos cidadãos de países signatários da DUDH de 1948, considerando a garantia do direito de sair livremente deles.

[após 1990] em quase todos os países do mundo se pode sair”. No entanto, a dificuldade se encontra na entrada - ao contrário do que ocorria antes, pelo menos na Europa, prosseguiu⁵⁵⁰. Esta dificuldade não desaparece nem com a obtenção do visto, pois, este selo não dá o direito de entrar em algum país, mas sim a expectativa de poder fazê-lo⁵⁵¹. Diante desta configuração, sem levar ao abandono das vias regulares de migração, o recurso às vias informais terrestre e marítima para entrar na Europa começou a ter certa visibilidade na Casamansa nas últimas décadas.

Os estudos mais recentes sobre a emigração dos casankoolu destacam as vias irregulares (Ngom, 2018; 2019c; 2020; Gueye, 2020; Gueye et Deshingkar, 2019) e os retornos daqueles cujo projeto de entrar sem autorização na Europa fracassou em algum dos países de trânsito, a saber, Mali, Burkina Faso, Níger e sobretudo Marrocos, Tunísia e Líbia, últimas etapas para alcançar a Europa do Sul (Gueye, 2020; Gueye et Deshingkar, 2019). A via marítima, a que recorrem todo ano milhares de candidatos à migração irregular esperançosos e determinados, que partem de barquinhos do litoral da Casamansa, apesar do desconforto e do grande perigo (Ngom, 2018; 2019c; 2020) de queimaduras por causa do alto teor do sal da água, de náusea, de alucinações, de desidratações, de naufragos e de mortes aos quais se expõem, é mais rápida, pois dura aproximadamente 15 dias, por não haver nem escala nem trânsito e por ser mais curto que a via terrestre, que, segundo Willems (2008), pode durar meses, porém não menos perigosa, com seu lote de naufragados, como mostra Gueye (2020) em seu trabalho *Dilemme de migrants « naufragés du désert »*.⁵⁵²

Os candidatos à migração que embarcam na Casamansa com a intenção de entrar sem autorização na Europa, não são todos originários das partes administrativas que compõem esta região histórica. Outros vêm de Dakar, Kaolack, Mbour, Fatick (Ngom, 2018). Trata-se de originários dos meios rural e urbano. O que este autor expressa dizendo que “Nesta região, os candidatos vêm tanto das cidades como dos vilarejos para realizar sua tentativa de emigração, principalmente desde as ilhas de Djogué e de Carabane” (NGOM, 2018, p. 290. Tradução nossa). Ela é também um ponto de trânsito para migrantes de países vizinhos: Guiné-Bissau,

⁵⁵⁰ Cf. TEDx Talks. La mondialisation des migrations. Disponível em: <https://www.ted.com/tedx> Acesso em 19/03/2019.

⁵⁵¹ “Art. 4º O visto é o documento que dá a seu portador expectativa de ingresso no território Nacional” (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. LEI Nº 13.445, Seção I, 2017).

⁵⁵² “As campanhas de sensibilização sobre os riscos a que são expostos não disuadem os os migrantes clandestinos, pois o desejo de migrar emana de motivações socioculturais complexas” (GUEYE et DESHINGKAR, 2019, p. 1. Tradução nossa).

Guiné Conacri e Gâmbia (Gueye et Deshingkar, 2019; Gueye, 2020), que pretendem alcançar a Líbia (Gueye e Deshingkar, 2019).

De modo geral, os atores envolvidos nesta forma de viagem são: o promotor da viagem⁵⁵³, os que buscam os passageiros (os *cokseurs*⁵⁵⁴), os próprios candidatos à migração informal - que tendem a deixar sua carteira de identidade como estratégia de se prevenir do repatriamento - e seus familiares que os apoiam no financiamento da viagem e, é claro, o capitão do barco com uns pescadores que o acompanham (Ngom, 2020, 2018; Tall e Tandian, 2010a).

Ela coabita, conforme sugerem Willems (2008) e Ngom (2019c), com a via terrestre. A respeito do uso desta a partir do Senegal, Willems (2008) diz que “Para aqueles que não logram obter um visto, mas que persistem em sua intenção de emigrar, resta a opção de passar por uma das vias terrestres⁵⁵⁵ através do Saara” (WILLEMS, 2008, p. 283. Tradução nossa)⁵⁵⁶. Aqui aparecem outros atores envolvidos tais como os repatriados e expulsos, além de familiares e amigos (*atores altruístas*), e os *marabu* (chefes espirituais), *cokseurs*, *oficiais de polícia nas fronteiras (atores lucrativos)* (GUEYE et DESHINGKAR, 2019, p. 3. Tradução nossa). Nesta, diz Tandian, os meios de transporte, com as dificuldades que impõem, são comumente grandes caminhões, camionetes 4x4 de alimentos, que podem carregar até vinte e cinco migrantes e Toyotas⁵⁵⁷. Esta via é tão perigosa quanto, por causa do grande risco de sequestros e pedidos de pagamento de regaste, de prisões, de tráfico humano, do alistamento em grupos radicalizados e de assassinatos, ou de não sobreviver à travessia do deserto (Willems, 2008; Gueye, 2020; Gueye et Deshingkar, 2019; Ngom, 2019c). Segundo este último, “Alguns coiotes não hesitam em marcar o encontro a uma hora tardia na saída da cidade. Eles então embolsam o dinheiro, matam e enterram o migrante (NGOM, 2019c, p.

⁵⁵³ Ele encomenda discretamente o barquinho junto aos carpinteiros. Mas para maximizar seu ganho, o organizador da viagem costuma comprar um usado com pescadores. Ele é reformado e pintado no intuito de mascarar seu *estado de degradação*. Então, os coiotes não informam seu real estado aos candidatos à migração. Além das pessoas, dentre os quais há, às vezes, cidadãos de países fronteiriços, notadamente as duas Guinês e a Gâmbia, os barquinhos carregam alimentos, combustível, GPS, motor de socorro, (Ngom, 2018).

⁵⁵⁴ Estão também nos guetos em países de trânsito e são de etnias fula, wolof, mandinka e Diola. Compatriotas nestes locais são ora cúmplices de sequestros de migrantes (Gueye et Deshingkar, 2019).

⁵⁵⁵ A primeira da costa marroquina à Andaluzia, uma travessia de 14 quilômetros, a segunda leva a Ceuta ou Melilla, dois enclaves espanhóis na costa marroquina (Willems, 2008, p. 283).

⁵⁵⁶ “As vias terrestres da África do Norte foram sendo gradualmente abandonadas quando medidas de segurança mais drásticas foram tomadas, não só no Estreito de Gibraltar, mas também envolta dos enclaves espanhóis de Ceuta e Melilla, em Marrocos” (WILLEMS, 2008, p. 283. Tradução nossa).

⁵⁵⁷ Cf. Tandian (3ème partie). 2019. In: <https://www.youtube.com/watch?v=585T3G-mDJ0>

146. Tradução nossa). A viagem por esta via, partindo do Senegal, pode levar três meses ou mais (Willems, 2008), isto quando o candidato não fica bloqueado em algum país de trânsito por anos (Gueye et Deshingkar, 2019).

Nestas duas vias de emigração informal - principalmente na via terrestre - cujo ponto de partida é a Casamansa, há participação de atores estatais e não estatais (Gueye et Deshingkar, 2019). A participação financeira das famílias parece algo comum, como mostram estudos (Gueye et Deshingkar, 2019; Ngom, 2020). Segundo este autor, “tanto na cidade como no campo, vê-se inúmeras famílias mobilizar todas suas economias para financiar a viagem de um dos seus” (NGOM, 2020, p. 106. Tradução nossa).

Cita-se como terceira via de entrada irregular de imigrantes a via aérea. Nesta as pessoas entram com documentos de viagem fraudulentos, adulterados ou roubados. Pela via aérea, outros entram geralmente com visto de turismo, quando necessário, e permanecem por mais tempo que o permitido pela norma. É a irregularidade decorrente da uma entrada regular do migrante em determinado país. Todas estas formas de migração são combatidas pelo país de destino e de origem dos cidadãos.

4.6 - A CASAMANSA FRENTE AO COMBATE À MIGRAÇÃO INFORMAL

Este combate é posterior àquele silencioso travado contra a migração regular, seja em âmbito europeu ou estadunidense, com restrições para trabalhadores desde as primeiras décadas do século XX. Portanto, para entender o lugar da Casamansa na luta contra a migração informal, é preciso considerar o contexto global e nacional senegales.

Os trabalhos de Ndiaye e Robin (2009), Basso (2013) e Ngom (2019c) deixam perceber, em graus diferentes, que no olhar das autoridades políticas europeias, a imigração irregular, mesmo quando envolve solicitantes de refúgio (Ngom, 2018), é vista como uma prática criminosa a ser combatida com todo rigor. Apesar da “dissociação entre direito e cidadania” e do “acréscimo dos direitos para estrangeiros nas democracias” (Reis, 2007)⁵⁵⁸, não seria exagerado falar, como diz Basso (2013), em uma guerra de Europeus contra imigrantes irregulares africanos e asiáticos a partir dos anos 1990, que vai se intensificar nas

⁵⁵⁸ Em Reis (2007), como no Art. 13 do *Acordo de Cotonou* (EU, 2020), defende-se que os direitos não seriam apenas reservados a cidadãos de determinado Estado. Imigrantes que nele residem legalmente devem ter direitos comparáveis.

décadas seguintes, contando com a colaboração dos chamados terceiros países, emissores ou de trânsito.

Para Asiad e M’bodje (2019) em meados da década de 1990 – iniciando a elaboração de uma política comum aos Estados membros da UE sobre o assunto⁵⁵⁹ - os governos resolveram limitar as novas entradas de migrantes e ampliar suas saídas. Em seu esforço por mais fechamento, inclusive diante dos que já se encontram regularmente em seu território, a Europa manifesta e encoraja expulsões por indução, mais conhecidas como “retorno voluntário”, ora em troca de alguma forma de apoio, principalmente o de ser levado até a origem. A estes retornos se somam aqueles compulsórios, impostos particularmente aos imigrantes em situação migratória irregular em vários países ocidentais, especialmente da Europa (Ver CCE, 2021) ocidental e da América do Norte. Por trás destes retornos há uma pressão não só sobre os imigrantes, mas também sobre seu país de origem, e em determinados casos, também sobre os países pelos quais transitam. Sem referência à pressão, Castles e Wise (2007) argumentam que “la administración exitosa de los flujos migratorios no puede darse sin la cooperación de los gobiernos de los países de origen y tránsito. Esto sólo ocurrirá si la migración produce beneficios mutuos.” (CASTLES y WISE, 2007, p. 6). De acordo com Borrel (2021d), o anúncio é feito em 1993 no relatório do Comissariado geral ao Plano francês que menciona o papel que terão os Estados do Maghreb, considerados *gatekeepers*⁵⁶⁰. Era um sinal que a UE percebeu, como manifestado em novembro de 2004 no *programme de la Haye*, que “uma gestão eficaz dos fluxos migratórios implica também uma cooperação crescente com países terceiros, inclusive no âmbito da readmissão e do retorno dos migrantes” (UE, 2009. Tradução nossa). Em 1995, a “*europização* da política de luta contra a imigração” levou à criação do espaço Schengen. Concretamente, tais medidas se baseiam no vínculo que o Conselho da União Europeia (CUE) estabeleceu desde 1995 “entre o repatriamento de imigrante em situação irregular num Estado da UE e a assinatura de acordos de associação e de cooperação, e concordou sobre cláusulas de readmissão para os acordos comunitários e os acordos mistos [...]” (CUE, 1999, s/p.)⁵⁶¹. O documento 13409/99 do CUE informa que no último bimestre do ano de 1999, o Conselho da União Europeia - após receber a proposta do Comité dos representantes permanentes - “decidiu que as cláusulas de

⁵⁵⁹ Cf. Verdet (2022), CUE (1999).

⁵⁶⁰ Estes Estados não desempenharam gratuitamente este papel. Serviram-se da imigração como instrumento político e econômico *vis-à-vis* da Europa (Gabrielli, 2008).

⁵⁶¹ Cf. Anexo A4.A. Conselho da União Europeia: Documento 13409/99, p. 3.

readmissão *types/típicas* devem ser incluídas em todos os acordos futuros da Comunidade e nos acordos entre a Comunidade europeia, seus Estados membros e terceiros países⁵⁶². O teor do *Acordo de Cotonou* de 23 de junho de 2000⁵⁶³ fornece um exemplo de compromissos de adoção coletiva das novas medidas europeias relativas à luta contra a migração irregular, envolvendo uma vasta extensão de territórios não europeus naquele ano⁵⁶⁴.

Outra medida de controle da imigração irregular extra continental que a Europa toma⁵⁶⁵ quatro anos mais tarde (2004), foi a criação da Agência Europeia da Guarda de Fronteiras e Costeira (Frontex) para “proteger as fronteiras externas do espaço de livre circulação da UE”, lutando contra a chamada imigração irregular de cidadãos de países que, para Basso (2013), são dominados. Alguns destes são, segundo Estupiñán Serrano (2012), países *emissores e/ou de trânsito* da migração subsaariana, e foram envolvidos na externalização das fronteiras europeias. A autora destaca dentre estes, países africanos como Marrocos, Mauritânia, Cabo Verde e Senegal. A Casamansa é parte dos alvos desta externalização, na medida em que tornou-se um ponto de partida para o exterior sem registros administrativos. Frontex dispõe de, e mobiliza atualmente mais, recursos humanos, materiais e financeiros fornecidos pelos Estados membros da União Europeia. Somente em Varsóvia, onde está sediada, a agência conta com mais de 700 pessoas oriundas de mais 29 países. Em média, Frontex mobiliza entre 1.200 e 1.500 agentes na Europa para suas missões. Desde o final de 2016, ela tem ‘uma reserva de reação rápida’ composta por 1.500 agentes. Sua capacidade financeira cresce desde 2012. Entre os anos 2020 e 2021, seu orçamento passou de 460 para 544 milhões de euros, com previsão de atingir 758 milhões para o ano 2022. Como material disponibilizado a ela, navios, helicópteros, aviões de patrulha⁵⁶⁶. O reforço perceptível deste dispositivo de proteção das *fronteiras exteriores* da Europa contra a

⁵⁶² Cf. Conselho da União Europeia: Documento 13409/99, p. 3. Anexo A4.A.

⁵⁶³ “Acordo de parceria entre os estados de África, dos Caribes e do Pacífico e a Comunidade Europeia e os seus Estados-Membros assinado em Cotonu, em 23 de junho de 2000” (UE, 2020. Documento 22000A1215(01). In: EUR-Lex - 22000A1215(01) - PT - EUR-Lex (europa.eu)

⁵⁶⁴ A centralidade do retorno compulsório e da readmissão como medidas de dissuasão são reiterados nas Conclusões do Conselho europeu de 2015 (Ver Conseil européen: Conclusions du Conseil européen, 2015).

⁵⁶⁵ Trataremos deste assunto de forma mais detalhada em *Políticas migratórias restritivas*

⁵⁶⁶ Cf. *Toute l'Europe*: Qu'est-ce que Frontex, l'Agence européenne de garde-frontières et de garde-côtes ? 03.05.2022. Disponível em: <https://www.touteleurope.eu/institutions/qu-est-ce-que-l-agence-europeenne-de-garde-frontieres-et-de-garde-cot-es-frontex/> Acesso em 12/07/2022.

migração informal seria um indicativo de que Frontex⁵⁶⁷ esteja atingindo seus objetivos? Com vista nas milhares de chegadas no litoral europeu em meados dos anos 2000 e 2010, e no decorrer dos últimos anos, o sucesso de Frontex com seus colaboradores seria relativo.

O ano de 2006 é relevante na colaboração entre Estados africanos e europeus no atinente à migração. Foi no decorrer daquele ano que se realizou a *primeira conferência ministerial euro-africana ‘migração e desenvolvimento’*, advento sucedido por assinaturas em 2006 de *acordos de ‘gestão concertada dos fluxos migratórios’ com a França e com a Espanha, e em 2007 com a Itália* (Dimé, 2020, p. 10. Tradução nossa). A colaboração africana vai além da adoção de medidas legislativas similares ou mais rigorosas que as europeias - que criminalizam a emigração não registrada. Recentemente foi pensado um caso emblemático de “retorno” de migrantes solicitantes de refúgio, que não saíram nem transitaram pelo país africano, entre Ruanda e Inglaterra. O primeiro aceitou e assumiu, em troca de financiamento, o compromisso de receber solicitantes de refúgio no segundo, durante o tempo em que estes aguardam a análise de sua solicitação. Em caso de indeferimento, devem permanecer em Ruanda, ir a um quarto país que aceite os acolher ou regressar a seu país de origem. Os países do Sul são “frequentemente confrontados às pressões políticas dos países europeus” (NDIAYE, ROBIN, 2009, p. 1. Tradução nossa). Segundo Traore e M’dela-Mounier (2012), os dirigentes políticos africanos “são convidados e intimados, quando resistem, a apoiar a França da imigração seletiva na identificação⁵⁶⁸ e expulsão dos seus concidadãos assinando acordo ditos de readmissão” (TRAORE; M’DELA-MOUNIER, 2012, p. 25. Tradução nossa). O Estado senegales, à semelhança de outros africanos, ajuda na identificação dos imigrantes com entrada ou permanência não autorizadas na Europa, adere aos acordos que permitem trazer as fronteiras da Europa para suas portas, e atua ao lado de Frontex no controle de suas próprias fronteiras.

A externalização de fronteiras está também em iniciativas tomadas pela Europa no intuito de analisar os pedidos de refúgios extra-europeus fora do dito *Velho Continente*,

⁵⁶⁷ Importa observar que, de acordo com Pierard (2011), **Frontex** não foi a primeira iniciativa do tipo, no contexto europeu, a buscar, de forma conjunta, controlar as fronteiras exteriores da União. Assim, ele coloca que: “Em 2002, uma unidade comum reunindo os profissionais da gestão das fronteiras – intergovernamental e decorrente do Conselho europeu – foi criado na linha de uma comunicação da Comissão sobre a gestão integrada das fronteiras exteriores dos Estados membros da União” (PIERARD, 2011, s/p. Tradução nossa). Ele acrescenta que problemas de funcionamento satisfatório como as faltas de “cooperação de coordenação operacional efetiva e a ausência de um quadro jurídico adequado levaram à criação da Frontex” (PIERARD, 2011, s/p. Tradução nossa).

⁵⁶⁸ Este recurso à “missão de identificação” parece comum em outros países da Europa. O caso de policiais do Senegal mobilizados para a Espanha (Ndiaye e Robin, 2009) no intuito de ajudar o país a identificar imigrantes senegaleses em situação irregular ilustra esta situação.

notadamente em solo africano. É o que afirma Borrel (2021d) ao citar como exemplo o caso do *Office français de protection des réfugiés et apatrides* (Ofpra) que enviou uma missão exploratória, no começo do primeiro mandato do Presidente Emmanuel Macron, para Chade e Níger, ou seja, para tentar instalar longe da Europa, em África, “hotspots” de seleção e retenção de candidatos ao refúgio desejosos de alcançar a UE. Se estes países recusaram tal proposta, vê-se em Gabrielli (2008), Borrel (2021d) e Basso (2013) que Marrocos, Líbia e outros países do Magreb assumiram há anos a função de guarda-fronteira externa da Europa. Nas palavras de Basso

Os últimos anos foram de ‘guerra contra os imigrantes’ africanos, (...), de acordos para construir na Líbia e em outros países do Norte da África uma série de centros de detenção para emigrantes africanos e reforçar as estruturas carcerárias e policiais⁵⁶⁹, com desdobramentos dramáticos para os imigrantes (não só africanos)” (BASSO, 2013, p. 39).

O combate à imigração irregular se faz também com a construção de muros físicos e uso de armas de fogo por policiais envolvidos na proteção da fronteira, como se observou no muro de Ceuta, em 29 de setembro de 2005, (Ver Ngom, 2018, p. 287).

A nível nacional senegalês, é importante notar que em maio de 2005 entrou em vigor a “LEI n° 2005-06 de 10 de maio 2005 relativa à luta contra o tráfico de pessoas e práticas similares e à proteção das vítimas”⁵⁷⁰. Esta medida parece ter como prelúdio a LEI n° 2003-17 de 18 de julho de 2003⁵⁷¹ mediante a qual o Senegal ratificou a Convenção das Nações Unidas, conhecida como a Convenção de Palermo, de dezembro de 2000, contra a criminalidade transnacional organizada. A LEI n° 2005-06 de 10 de maio 2005 estipula em seu Art. primeiro sanções que incluem a prisão de 5 a 10 anos e uma multa que pode variar de 5 a 20 milhões de F CFA ao traficante de pessoas, sendo este qualquer pessoa que recruta, transporta, transfere, oferece alojamento ou acolhimento de pessoas, recorrendo à ameaça ou uso de força, ao rapto, à fraude, ao engano, ao abuso de autoridade ou à situação de vulnerabilidade ou à entrega ou aceitação de pagamento de benefícios para obter consentimento de uma pessoa que tenha autoridade sobre outra para fins de exploração sexual, de trabalho ou serviços forçados, de escravidão, dentre outras. A infração é cometida quando a

⁵⁶⁹ Vê-se que o papel de *gatekeepers* é doravante assumido por alguns Estados do Maghreb. Este papel não é desempenhado por caridade. “Nenhum Estado norte-africano é voluntário para ficar gratuitamente de guarda nas portas da Europa” havia dito Kadhafi em 2002 (BORREL, 2021d, p. 931. Tradução nossa).

⁵⁷⁰ Cf. JOURNAL OFFICIEL DE LA REPUBLIQUE DU SENEGAL. LOI n° 2005-06 du 10 mai 2005. Disponível em : <http://www.jo.gouv.sn/spip.php?article3640> Acesso em 16/07/2022.

⁵⁷¹ Cf. JOURNAL OFFICIEL DE LA REPUBLIQUE DU SENEGAL. LOI n° 2003-17 du 18 juillet 2003. Disponível em: <http://www.jo.gouv.sn/spip.php?page=imprimer&id_article=4301> Acesso em 31/07/2022.

pessoa recrutada, transportada, transferida, alojada ou acolhida é menor, embora o autor não tenha recorrido a nenhum dos referidos meios. Seu Art. 4 diz: “É punida com 5 a 10 anos de prisão e com uma multa de 1.000.000 a 5.000.000 [de F CFA] a migração clandestina organizada por terra, mar ou ar; que o território nacional sirva de ponto de partida, de trânsito ou de destino” (Tradução nossa). No Art. 5 são estipuladas as mesmas sanções que no artigo anterior à pessoa que falsificar, fraudar, dentre outras práticas, documentos de viagem ou de residência⁵⁷².

Em suma, a lei em questão criminaliza a promoção de viagens informais de migrantes em todo o território nacional. Trata-se de migrantes convencidos de, basicamente, duas coisas: que seu futuro está no exterior e que não têm a menor possibilidade de obter sequer um visto de turismo para entrar regularmente no país destino.

A esta lei se junta a assinatura, em setembro de 2006, do *Acordo de gestão concertada dos fluxos migratórios entre o Senegal e a França*, que previa a *readmissão de seus ressortissants em situação de informalidade migratória no outro país* (Ndione, 2018; ANSD, 2013⁵⁷³). É no contexto de vigência destas medidas que a Casamansa se torna um dos focos de controle de saídas informais de migrantes para o exterior, referido por Ngom (2020), e de retorno para aqueles que não conseguiram alcançar seu destino (Ver Gueye, 2020). É no mesmo que se pode entender os volumes de retornados para a região histórica da Casamansa, em particular para Kolda. Entre os retornados “voluntários” do Senegal, uma parte é originária da Casamansa. Esta recebeu alguns dos seus com apoio da OIM. Gueye (2020) informa que entre “maio de 2017 e 2020, mais de 1.300 migrantes provenientes da Líbia, do Marrocos e do Níger foram atendidos [pela OIM] e todos eram da região de Kolda, na Casamansa, segundo um especialista da OIM lotado nesta região” (GUEYE, 2020, p. 4. Tradução nossa).

⁵⁷² Com esta lei, o Senegal, que paradoxalmente conta socialmente muito com os recursos de sua diáspora, não estava apenas a serviço da Europa. Em troca solicitou parceria que permitiu financiar projetos alternativos como o *Plan REVA (Retour Vers l’Agriculture/Plano de Retorno para a Agricultura)*, que envolve todas as regiões do Senegal, com a criação de “polos de emergência agrícola” (DIOP, 2008, p. 24-25. Tradução nossa). O Plan REVA foi pensado em 2005 para migrantes repatriados do Marrocos e estendido aos expulsos da Espanha em 2006. (DIMÉ, 2020). Os 20 milhões de euros recebidos da Espanha em setembro de 2006 seriam destinados a este Plano (Gabielli, 2008). O que não surpreende, pois, de acordo com Borrel (2021d), em 2004, o adotado *programme de La Haye/programa de Haia* previa o uso de “fundos comunitários para financiar em países terceiros, políticas de luta contra as migrações: impedir o trânsito, facilitar o asilo em países vizinhos, vigiar as fronteiras, facilitar as readmissões” (BORREL, 2021d, p. 931. Tradução nossa). A Europa está numa lógica de “questionamento do direito marítimo, do direito ao asilo, (...) dos direitos humanos (BRACHET et al., 2011, p. 164. Tradução nossa).

⁵⁷³ Ver 1-B.1 *Instruments juridiques adoptés par le Sénégal*.

É certamente considerando estas disposições do Senegal ao combate à migração informal que foram apoiados financeiramente, por instituições internacionais, dois projetos de desenvolvimento e luta contra migrações irregulares na região de Kolda⁵⁷⁴, vista no contexto da Casamansa como “bastião por excelência e zona de partida de inúmeros *candidatos à migração*” (NGOM, 2020, p. 99. Tradução nossa) informal. Estes projetos têm como objetivo desenvolver atividades criadoras de emprego e renda e assim manter os jovens no sedentarismo. Sua principal população alvo eram os *candidatos à migração*, mas envolviam os familiares destes. Sua estratégia englobava campanhas de sensibilização nas línguas dominantes da região das quais participaram *cantores, chefes religiosos e tradicionais, mães de famílias, autoridades políticas...* e documentos audiovisuais, para mostrar particularmente os perigos da migração clandestina (Ngom, 2020). Não seria uma contradição receber uma contrapartida de instituições internacionais por cumprir uma lei nacional de luta contra a emigração informal? Qual é a alternativa para a migração dos resolvidos a migrar que não atendem os critérios draconianos das vias migratórias formais? Um país como o Senegal, que oficialmente reconhece a importância de seus emigrados com a nomeação de um ministro delegado encarregado desta população em 1984 e um Ministério dos senegaleses do exterior em 2003⁵⁷⁵, com dificuldades para oferecer oportunidades laborais a parte de sua juventude, pode voluntária e eficazmente reter todos os decididos a partir em busca de algo melhor e, ao mesmo tempo, incentivar o retorno de uma diáspora elogiada pela sua contribuição no PIB?

Assinaladas estas contradições, é pertinente destacar que entre todos os dezenove (19) casankoolu entrevistados nas Américas, apenas uma pessoa atravessou informalmente, em dois momentos, a fronteira Brasil-Argentina. De país de destino para ele, a Argentina se tornou país de *destino de trânsito*, e o Brasil passou de país de trânsito a país de destino. Os fechamentos de fronteiras ‘externas’, aos quais se somam os fechamentos internos dos países almejados, apesar de seus limites, também levam à busca de novos destinos percebidos como mais acolhedores, menos hostis à presença e permanência de imigrantes africanos.

Mostramos adiante que o Brasil, apesar de mais aberto à imigração europeia, é o primeiro país extra continental a aceitar parte dos casankoolu que almejam estudar fora da

⁵⁷⁴ Ngom (2020) cita dois projetos: ALEMI (*Alternative endogène contre les migrations irrégulière*) 2012-2013 e AGIR (*Action pour gérer l’immigration irrégulière*) 2008-2009, cujos objetivos eram prevenir partidas desde a região de Kolda, uma região que, como sugerido por este estudo, carece de condições para manter os jovens em suas localidades. Trata-se de projetos efêmeros cuja duração foi, respectivamente de quinze meses e de um ano.

⁵⁷⁵ Ver anexo 1-B.2

África, buscando o caminho em mais de um país de outro continente, ou que queiram vir com visto de turismo. Ele não é conhecido como uma terra de repatriação, deportação ou expulsão de cidadãos de países do Sul Global, é visto como um país em que se regulariza periodicamente a situação migratória dos cidadãos estrangeiros que nele se encontram sem autorização de permanecer e que, com sua economia mais forte, possibilita a obtenção de trabalho para imigrante.

Quanto ao Canadá, apesar de seu alto grau de seletividade, ele é apresentado como um país em que os imigrantes encontram trabalho e tendem a receber, em curto ou médio prazo, sua documentação de residente permanente, podendo ser incentivado a adquirir tais documentos, particularmente quando apresentam qualificações muito desejadas pelo país. Neste caso, a língua francesa é um fator de atração que evidencia o destaque da província do Quebec.

Diante de tais atrativos, que se opõem à tendência, longa de algumas décadas, na Europa ocidental, torna-se concebível que fossem buscados, tanto por pessoas do chamado Sul Global quanto por aqueles do Norte Global. Aliás, Estupiñán Serrano (2012) relaciona a migração desde a África subsaariana até a América Latina às restrições das políticas migratórias da Europa e dos Estados Unidos, mas também à globalização econômica, aos meios tecnológicos e de comunicação e transporte, bem como à cooperação entre o Brasil e países como o Senegal.

PARTE II – ORIGINÁRIOS DA CASAMANSA NAS AMÉRICAS

Sabe-se que a presença de casankoolu no Canadá como no Brasil ocorre pelo menos desde o final da década de 1970 e começo dos anos 1980. Estes *veteranos* vieram diretamente do Senegal para o Brasil ou do país africano para o Canadá, *passando* pela França, sendo ambos motivados pela busca por estudos e residência nos respectivos países das Américas. Como estes casankoolu “pioneiros” não foram entrevistados, vamos apresentar o perfil sócio-migratório daqueles que entrevistamos no Norte e no Sul da América, antes de tratar da imigração e da presença de pessoas negras nos países em questão.

Antes de chegar ao Brasil e ao Canadá, os dezenove 19 *ressortissants* da Casamansa nestes vastos países já tinham uma estreita relação com a migração, seja ela interna ou internacional. De todas as pessoas originárias desta região, somente duas não haviam feito uma migração interna. Uma nasceu em Dakar de pais que migraram da Casamansa para a Capital nacional, outra nasceu na Casamansa de pais que imigraram da Guiné Conacri. Muitas haviam feito uma migração internacional, com ou sem retorno para o Senegal, para países como Bélgica, Brasil, Canadá, França, Gana, Guiné Conacri, Níger e Mauritânia antes de sua migração para o país americano em que foram entrevistados. Os retornos envolveram três (3) pessoas, das quais dois (2) tinham emigrado para países africanos e uma (1) para a Bélgica. Seis (6) migraram sem retornar. É neste sentido que é importante considerar estes elementos, prévios tanto à saída do Senegal quanto à chegada no Brasil e no Canadá, que mostram, por um lado, que estas pessoas já eram afetadas direta ou indiretamente pela migração, que a migração interna não está desconexa da migração internacional e, por último, como diz Sayad (1998), que a emigração antecede a imigração, isto é, que é importante olhar para o que antecedeu a presença das pessoas em questão no Brasil e Canadá. De acordo com as Nações Unidas, “As interrelações internacionais econômicas, políticas e culturais desempenham um importante papel no fluxo de pessoas entre países, quer se trate de economias em desenvolvimento, desenvolvidas ou em transição.” (NAÇÕES UNIDAS, 1994, p. 83).

São no total treze (13) homens e 6 mulheres. O que corresponde respectivamente a 68,4% e 31,6%. Sua média geral de idade, ao sair do seu lugar de residência, para emigrar para o Brasil ou Canadá, é de quase 31 anos. A média varia segundo o sexo. A das mulheres foi de 34 anos quando a dos homens foi de 29 anos. Os estudantes representaram 58% e os trabalhadores 37%. Ou seja, sete (7) pessoas trabalhavam. Uma (1) pessoa havia resolvido parar de trabalhar como forma de convencer familiares a apoiar seu desejo de migrar. Nove (9) dos dezenove (19) casankoolu entrevistados nas Américas do Norte e do Sul já haviam

feito uma emigração internacional, sendo a França o principal destino, neste caso, por ter sido o de residência anterior à imigração no Canadá de 44,4% deste grupo. Onze (11) pessoas, isto é, 58%, com intenção de migrar para fora da África obtiveram seu primeiro visto e fizeram uma migração Sul-Sul, 42%, fizeram uma migração Sul-Norte. A maior parte com visto de estudos, seguida do visto de residência permanente ou de trabalho.

Quadro 29 - Perfil de casankoolu prévio à emigração para o Brasil ou Canadá

Aspectos considerados dos entrevistados		REGIÃO DE ZIGUINCHOR		
		Brasil	Canadá	Total
Números por sexo	Homens	9	4	13
	Mulheres	2	4	6
	Total	11	8	19
Migrou internamente	Sim	10	7	17
	Não	1	1	2
Ocupação principal antes da emigração	Estudante	5	6	11
	Trabalhador	5	2	7
	Parou de trabalhar	1	-	1
	Total	11	8	19
Média de idade, por sexo, no ano de emigração para Brasil e Canadá	Homens	28,8	30	29,1
	Mulheres	34	34	34
	Média	30*	32*	30,8
Nível de instrução antes da migração	Maior	Graduando	<i>Maitrise</i>	<i>Maitrise</i>
	Menor	Sem instrução	Graduando	Sem instrução
País de primeira escolha ou sugerido como destino fora do continente	Brasil	4	1	5
	Canadá	2	4	6
	França	2	3	5
	Estados Unidos	2	-	2
	Outros	1	-	1
Em que país residiu antes de imigrar no Brasil ou Canadá	Brasil	-	1	1
	Bélgica	-	1	1
	Canadá	1	-	1
	França	-	4	4
	Guiné Conacri	1	-	1
	Outros país da África Ocidental	1	-	1
	Total	3	6	9
Qual foi o país extracontinental que primeiro lhe concedeu visto quando sua intenção era migrar	Brasil	10	1	11
	Canadá	1	2	3
	França	-	4	4
	Bélgica	-	1	1
	Total	11	8	19
Tipo de visto obtido para ingressar no Brasil ou Canadá pela primeira vez	Turismo	4	-	4
	Estudo	5	3	8
	Cortesia	1	-	1
	Trabalho; Residência permanente	1	5	6
País de onde saiu para vir morar ao Brasil ou Canadá	Argentina	1	-	1
	Brasil	-	1	1
	Canadá	1	-	1
	França	-	4	4
	Senegal	9	3	12

Fonte: Elaboração do autor

* Quando deixaram o Senegal, os casankoolu entrevistados no Brasil tinham uma média de 29 anos de idade, quando a daqueles entrevistados no Canadá foi de 26 anos.

Uma menção à história se faz necessário, na medida em que estes encontram um contexto cuja apresentação permite melhor entender a vinda e situação sociolaboral nos respectivos países das Américas, que por sua vez é fundamental para perceber sua contribuição social e econômica na origem.

II.1 - A imigração de pessoas negras nas Américas

Falar de imigração seja de pessoas brancas ou negras em países das Américas remete necessariamente à presença anterior⁵⁷⁶ dos povos indígenas⁵⁷⁷ cuja menção é aqui uma necessidade. Há consenso de que estes povos indígenas já haviam tido organizações sociopolíticas complexas antes de serem conhecidos pelos europeus (Fausto, 2010; Leiris, 1951; Peregalli, 1994). Tornados minorias nas próprias terras, seu reduzido número é observado em vários trabalhos (Monsma e Truzzi, 2018; Fausto, 2010; Peregalli, 1994; Baines, 1999; Quijano, 2005; Hall, 2003; Ki-Zerbo, 2009). A respeito do Caribe e de sua ocupação por originários europeus, Hall (2003) defende que

Aqueles aos quais originalmente a terra pertencia, em geral, pereceram há muito tempo – dizimados pelo trabalho pesado e a doença. A terra não pode ser “sagrada”, pois foi “violada” – não vazia, mas esvaziada. Todos que estão aqui pertenciam originalmente a outro lugar (HALL, 2003, p. 30).

Ele acrescenta que a modernidade caribenha está estritamente ligada, dentre outros, à *conquista*, ao *genocídio*, à *escravidão*, à *tutela da dependência colonial*. No mesmo sentido, citando dados, Peregalli afirma que

Os historiadores discutem o número de mortos, mas ninguém nega a tragédia. Se a ilha de São Domingos tinha 8 milhões de habitantes em 1492, em 1514 restavam 32 mil homens. Se o vale do México comportava 25 milhões de pessoas, no final do século não passava de 70 mil. Sessenta e oito por cento dos maias pereceram nas mãos dos espanhóis. A população do Peru, que em 1530 era calculada em 10 milhões, em 1560 caiu para 2,5 milhões. Um desastre demográfico (PEREGALLI, 1994, p. 6).

Em um caso que envolve o Brasil, Fausto defende que

A taxa de depopulação durante os dois primeiros séculos da colonização foi brutal. As guerras, as expedições para captura de escravos e, principalmente, as epidemias e a fome dizimaram os Tupi-Guarani. Em 1562, por exemplo, uma epidemia consumiu, em três meses, cerca de 30 mil índios na Baía de Todos os Santos. No ano seguinte, a varíola completou o serviço, matando de 10

⁵⁷⁶ Ver Fausto (2010); Todorov (1999); Peregalli (1994); Leiris (1951).

⁵⁷⁷ Deve se reiterar que quando chegaram à África, os indígenas da Europa chamaram os Africanos de indígenas (Ver Plas-Boël, 2022 e Macanho, 2014). Em prefácio, Sartre mostra que para eles havia 500 milhões de Homens (eles) e 1 bilhão e meio de indígenas, os outros, o resto da humanidade (Ver Fanon, 2002).

a 12 índios por dia; um terço da população aldeada pelos jesuítas sucumbiu. Em 1564, veio, por fim, a “fome geral”, pois nada se plantara nos anos anteriores (FAUSTO, 2010, s/p.).

Baines (1999) compara o Brasil, Canadá e a Austrália, falando que nos três países *as populações indígenas constituem uma pequena minoria da população total*⁵⁷⁸ (BAINES, 1999, p. 8). Este pequeno número deles em Estados contemporâneos é uma consequência do passado remoto que acabamos de apontar (Ver Ki-Zerbo, 2009; de Peregalli, 1994; Quijano, 2005; Fausto, 2010). Baines acrescenta que nos dois primeiros países *as administrações indigenistas dos governos, ainda estão, em grande parte, nas mãos de funcionários não-indígenas* (BAINES, 1997, p. 3). Limitando-se a estes países americanos, é possível dizer que estas populações são muito pouco representadas nas estruturas do poder político, econômico e simbólico do Brasil e do Canadá. No tocante aos aspectos sociais, o IBGE afirma:

No Brasil, assim como em diversas outras partes do mundo, as populações indígenas (denominadas em outros países também como nativas ou autóctones) se configuram como um dos segmentos mais desfavorecidos do ponto de vista econômico, habitacional, educacional e dos indicadores de saúde, como revelam os censos e outras pesquisas que mensuram as condições de vida da população brasileira (IBGE, 2010, p. 52).

Ao contrário dos indígenas, e dos negros, pode-se afirmar que ao longo dos últimos quatrocentos anos de história do Brasil e do Canadá, as populações brancas, oriundas da Europa, foram e são o segmento da sociedade que beneficia de privilégios sociais, econômicos, políticos, culturais e espirituais, que se *justificam* enquanto herança de conquistadores e, como diria Quijano (2005), *da colonialidade do poder*. Em suma, desde que “pacificaram” as Américas, as pessoas brancas são, retomando as palavras de Nzindukiyimana (2014), *mais privilegiadas nas transações sociais*.

No tocante à vinda de pessoas negras desde a África para as Américas, é preciso dizer que é um acontecimento histórico. Este processo migratório plural – que passou em casos como do Brasil e do Canadá por longos períodos de interrupções - interessou tanto às ciências

⁵⁷⁸ De acordo com os resultados do Censo Demográfico 2010, “a população indígena residente no Brasil contabilizada pelo quesito cor ou raça atingiu 817,9 mil pessoas e agregando-se aquelas pessoas que não se declararam indígenas no quesito cor ou raça, mas se consideraram indígenas captadas dentro das terras indígenas, o total de população indígena residente no território nacional passou a 896,9 mil pessoas, o que corresponde a um acréscimo de 78,9 mil indígenas” [...] a Região Norte, com 342 mil indígenas, revela a sua importância como a mais populosa em indígenas no País (IBGE, 2010, p. 54). Naquele ano, o Brasil tinha uma população residente de 190.755.799 (IBGE, Censo 2010 | IBGE). Ainda de acordo com o IBGE, em 2022, a população indígena brasileira foi de 1.693.535 habitantes, quando a população residente somou 203.062.512 pessoas (IBGE, Censo 2022. <https://censo2022.ibge.gov.br/>).

sociais como à literatura (Estupiñán Serrano, 2012; Voltaire, 2007; Guèye, 2005; Schwarz-Bart, 1972). Importadas à força durante séculos como mão-de-obra descartável por homens “civilizadores”, – antes e depois dos valores “universais” de *liberdade, igualdade, fraternidade* - as pessoas oriundas da Casamansa fizeram parte das submetidas a estas condições desumanizantes de negros nas Américas por brancos que vieram da Europeus⁵⁷⁹. Aliás, como visto anteriormente, a origem do nome de Ziguinchor está, em parte, associada ao choro diante do processo de retirada compulsória de habitantes da localidade para o continente americano (Ver Trincaz, 1984; Guèye, 2005). Embora submetidos a tal regime laboral, pode-se dizer, apesar da ausência de estudos específicos aprofundados sobre casankoolu, que eles, assim como a população negra importada de outras partes da África, participaram da construção das Américas e da Europa em tempos de brutalidade ocidental sobre populações negras no pretendido *Novo Mundo* em apropriação.

Séculos depois, os originários da região histórica da Casamansa migraram, por espontânea vontade ou constrangidos a fazê-lo por conta da crise política, para países americanos. Limitando o olhar sobre a presença contemporânea de originários da Casamansa, em particular, no Brasil e no Canadá a partir dos anos 1990, é pertinente buscar vincular suas causas, dentre outras, às relações bilaterais diplomáticas e culturais entre cada um destes países com o Senegal, à herança colonial, à busca por formação universitária, ao trabalho, às políticas migratórias restritivas de países e de espaços interestatais como a França e a União Europeia⁵⁸⁰, assim como às redes e capital sociais, ao capital humano, ao casamento e à diversificação dos destinos, que vem caracterizando as migrações internacionais em nosso tempo⁵⁸¹.

Estes fluxos iniciais e históricos para o Brasil e o Canadá, e a imigração contemporânea que ainda ocorre no caso do Canadá, foram - e seguem sendo - fundamentais para se considerar os dois países como de imigração (Ver Guilmoto e Sandron, 2003; Brzozowski, 2012; Statistique Canada, 2019). Focados na presença casankoolu nestes países,

⁵⁷⁹ Sassen assinala que da Europa ocorreram maciças migrações para o Ocidente, mas também para outros cantos do mundo (Ver, Felix, 2015). “Nos anos 1815-1930, aproximadamente 52 milhões de europeus emigraram rumo a ambas as Américas – incluindo o Brasil” (Brzozowski, 2012, p. 137. Tradução nossa).

⁵⁸⁰ Estupiñán Serrano (2012) assinala que no final da década de 1990, em busca de alternativa a um “ambiente xenófobo que experimentaban en los países europeos, principalmente Francia, Alemania, Bélgica, Portugal, Itália y España” (ESTUPIÑÁN SERRANO, 2012, p. 277), migrantes comerciantes do Senegal - e do Sahel - exploraram outros caminhos que levam, por exemplo, a Estados Unidos.

⁵⁸¹ Ver mapas dos anexos 3.D; 3.C; 3.B; 3.A, que mostram que desde a década de 1990, todos os continentes são evidentemente afetados pela migração internacional.

os capítulos a seguir mostram o lugar ocupado por imigrantes negros e brancos em cada um. Quanto aos casankoolu que neles residem, importa registrar que, para grande parte deles, os *projetos migratórios* iniciais não são necessariamente do principal interessado, e vão sofrer mudanças, algumas das quais muito profundas, como foi o caso que resolveram ficar e trabalhar no Brasil ou Canadá após a conclusão de estudos universitários, e dos que deixaram a França (ou o Brasil) para morar no Canadá, quando este não era incluído na origem como destino. Partindo de outras fontes, Almeida (2013) mostra que, não sendo estáticos, os *projetos migratórios* podem mudar e de fato mudam por razões internas ou externas ao indivíduo em migração. A título de exemplo, no Brasil, salários baixos e a desvalorização da moeda com relação ao dólar estadunidense foram apontados fatores que levaram alguns ziguinchorois a reavaliar sua imigração e seus projetos de retorno.

CAPÍTULO V – CASANKOOLU NO BRASIL E DESENVOLVIMENTO HUMANO NA ORIGEM

Os *ressortissants* da Casamansa em questão realizaram uma migração intercontinental até o Brasil, o mais vasto país da América do Sul, partindo de contextos e experiências a considerar nesta parte. Mostraremos um pouco, limitando aqui ao Brasil, quem eram essas pessoas, quais suas relações anteriores com a migração, seja interna ou internacional, quais eram suas ocupações na origem, por quais motivos deixaram o Senegal e que recursos mobilizam e a que vias recorreram para chegar ao Brasil.

5.1 - PERFIL SÓCIO-LABORAL E REDES PRÉVIAS À EMIGRAÇÃO PARA O BRASIL

Antes de sua emigração para o Brasil, os originários da Casamansa entrevistados tinham em média 30 anos de idade. No momento da partida para o Brasil, o mais novo tinha 21 anos, e o mais velho tinha 41 anos de vida. Nem todos saíram diretamente do Senegal. São de etnias diola e Fula⁵⁸². Do ponto de vista da instrução, o mais alto grau era *graduando*, por outro lado, uma pessoa não frequentou a escola oficial. Os estudantes somaram cinco (5) dos onze (11) entrevistados no país. Apenas um era casado. Em termos de ocupação, estas pessoas atuavam nos setores de transporte, comércio, trabalho doméstico, educação - seja como estudante ou professor do ensino primário - ou na diplomacia. Os trabalhadores somaram sete (7) dos entrevistados.

No tocante à migração inter-regional, dos doze (12) entrevistados residentes no Brasil, nove (9), isto é, 75% tiveram uma experiência desta migração para estudar, trabalhar ou acompanhar a família. Destes, quatro (4) ou 33,3% saíram da região de Ziguinchor para fazer faculdade na Universidade Cheikh Anta Diop de Dakar (UCAD)⁵⁸³ e três (3) deles, isto é,

⁵⁸² A pessoa retornada do Brasil, e reemigrou para outro africano, que entrevistamos no Senegal, é da etnia Sereer, tinha 29 anos quando deixou o Senegal para estudar no Brasil na década de 1990. Trata-se de uma mulher. Ressaltamos que desde 2017, já vínhamos dando uma atenção à migração senegalesa e africana no Brasil, e neste sentido, observamos e conversamos com casankoolu de outras etnias, como balanta, mancanhe, por exemplo, e com Senegales em geral. Cabe assinalar que, se na Casamansa, como em todo o Senegal, a identidade étnica se destaca, o mesmo não ocorre no Brasil ou Canadá - salvo entre os próprios compatriotas - pois, tornam-se negros, africanos, senegaleses.

⁵⁸³ Para todos os jovens ziguinchorois das décadas de 1960 a 1990 matriculado na escola, a migração intra e inter-regional era algo previsível por conta da escassez de estabelecimentos de ensino de nível fundamental e médio e da ausência total de universidade, não só na região de Ziguinchor, mas em toda a Casamansa. A UCAD era o principal destino dos Casaankoolu concluintes do segundo grau e aprovados no Baccalauréat. A Universidade Gaston Berger de Saint-Louis, a segunda universidade pública do Senegal, foi inaugurada em 1990 e, além de receber muito menos estudantes, fica ainda mais distante de quem vem da Casamansa. As experiências migratórias internas à região de parte dos ziguinchorois residentes no Brasil era, em algum momento, um imperativo para prosseguir sua formação escolar. Quase todos os entrevistados residentes no

25%, nascidos em Dakar, saíram da capital para acompanhar os seus responsáveis removidos para a Casamansa por médio ou longo prazo. Um nasceu fora do Senegal e viveu pouco na região de Ziguinchor. Dos 12 entrevistados, 2 (16,7%) não haviam emigrado da região de Ziguinchor para outra do país. No entanto, um destes havia tido uma experiência migratória transfronteiriça para Guiné Conacri e Guiné-Bissau - onde tem parentes - antes de sua migração para o Brasil. Antes de sua vinda para o Brasil, as três mulheres entrevistadas no Brasil já haviam tido uma experiência migratória internacional.

Na base destas migrações está o *desejo* - exposto ou latente - *de emigrar* particularmente para o mundo ocidental, pois, até entre aqueles que declararam não ter pensado por si na emigração intercontinental, nenhum rejeitou a informação indicando este caminho, a proposta ou a ajuda oferecida para este fim. Emigrar é um sonho para muitos. É o que aparece na fala de muitos entrevistados. A respeito de sua vontade de emigrar, Aladaany Tamba disse o seguinte: *Como todo jovem, a gente vê o exterior como a salvação. Era um sonho sair para estudar porque no Senegal é difícil, no Senegal era complicado* (Entrevistado em 28/11/2021).

Convergindo, Moussa Ba diz : *Bom, como todo mundo, o sonho que todo mundo tem, com a moeda, as condições de vida com relação ao país [de origem], é o que me levou a emigrar...* (Entrevistado em 05/09/2021).

A resposta de Souleye Badiane à proposta de um irmão que está no exterior e que queria que o jovem permanecesse no local para tomar conta da casa é bastante reveladora: *Você pode me dar uns milhões, mas, não é isso que eu quero. Tudo o que eu quero é emigrar igual vocês emigraram* (Entrevistado em 26/06/2022).

Tendo tentado emigrar para França, Alemanha, Rússia e Brasil ao mesmo tempo, Yancoba Faty: *Eu queria realmente sair, estudar e dar melhores condições de vida para minha família.*

Analisando a migração de um povo da Casamansa - mas não só - “Michael Lambert (2002) o confirma : « Longing for Exile » - o « desejo de exilo », é esta a força que determinou a generalização da migração na sociedade diola” (FOUCHER, 2005, p. 4. Tradução nossa). Estendendo tal força a toda a população jovem de todos os povos que compõem a Casamansa, e as falas anteriores dos nossos interlocutores o ilustram, observamos que o desejo de emigrar é acompanhado de uma “necessidade” de poder salvar os outros,

Brasil (10 de 11) e no Canadá (7 de 8) tiveram pelo menos uma experiência migratória interna no departamento de nascimento antes de deixar o Senegal.

salvando-se primeiro, por meio da realização de um trabalho que se espera bem remunerado, isto é, ganhando muito dinheiro no exterior. Em 50% dos casos, a *salvação* de si, e consequentemente da família, esteve ligada à necessidade de uma aquisição prévia de uma formação universitária ou técnica.

Deve-se notar que “No sul global, todos os indivíduos desejosos de efetuar uma emigração internacional não têm a sorte de ter em seu *entourage* um apoio familiar ou comunitário suficiente para fazê-lo” (GUILMOTO e SANDRON, 2003, p. 113. Tradução nossa). Em outras palavras, apesar da popularidade do referido *desejo de exilo*, não basta ser animado por este sentimento para emigrar, notadamente para fora do continente africano. Não emigra quem quiser, nem se emigrar necessariamente para o primeiro destino escolhido. Para Baeninger, “As restrições impostas pelos pais do Norte para a entrada e permanência de migrantes internacionais consistem em importante elemento na configuração das migrações e seus destinos no mundo de hoje” (BAENINGER, 2018, p. 13).

Eu tinha vontade de ir para a Alemanha, mas tinha medo do idioma. Na época, meus primos já estavam no aqui [no Brasil] (...). Então, isso também pode ser determinante, embora inconscientemente, [na vinda ao Brasil] (Enhab Dramé. Entrevistado em 27/11/2021).

Antes de vir para o Brasil, pedi um visto de turismo de Portugal, mas não consegui (Ankene Diaw. Entrevistada em 26/01/2022).

Eu não venho de uma família rica para fazer escolhas (sorrindo). Na verdade, eu tenho primo que estava no Brasil (Aladaany Tamba. Entrevistado em 28/11/2021).

A vontade de Badiane era ir para a Europa, mas avaliando as possibilidades que lhe dá sua rede de parentes, concluiu que era melhor ir para a América, onde tem irmão residente oficial e ativo economicamente. Assim, ele sugere que não teria no Brasil, a instabilidade a que estaria exposto na Europa diante da dificuldade de regularizar sua condição migratória naquele continente.

Mas na Europa, eu não tinha essas coisas, aí eu, e também seria muito mais fácil eu vir para cá do que ir para Europa, porque na Europa, na época, o meu irmão que morava lá não tinha documentos. Aí imaginei todas estas coisas e falei: “Não, é melhor eu ir para o Brasil” (Souleye Badiane. Entrevistado em 26/06/2022).

Como mostra o quadro abaixo, ao buscar o caminho da emigração, o destino Brasil foi a primeira escolha para 4 dos 11 entrevistados que responderam a esta questão. O Canadá, Estados Unidos e França empataram com 2 respondentes que os escolheram, respectivamente,

como destino prioritário. O Brasil foi o primeiro país extracontinental a conceder visto para 9 dos interlocutores indagados a respeito. Dos demais países citados como destinos prioritários por casankoolu residentes no Brasil, apenas o Canadá concedeu 1 visto a uma trabalhadora antes dela sair do Senegal.

Quanto ao tipo de visto obtido para vir ao Brasil pela primeira vez, 5 são de estudos, 4 de turismo, 1 de trabalho, 1 diplomático e 1 de cortesia. Os processos migratórios que levaram à solicitação e obtenção dos três primeiros tipos de vistos envolveram, de alguma forma, parentes, colegas, amigos, estejam eles no Senegal ou no exterior.

Quadro 30 - Perfil de casankoolu no Brasil antes de sua emigração do Senegal

Aspectos considerados dos entrevistados		DEPARTAMENTO DE ORIGEM DA REGIÃO DE ZIGUINCHOR			
		Bignona	Oussouye	Ziguinchor	Total
Números por Departamento de origem	Homens	5	4	-	9
	Mulheres	1	1	-	2
	Total	6	5	-	11
Ocupação principal antes da emigração	Estudante	3	2	-	5
	Trabalhador	3	2	-	5
	Parou de trabalhar	-	1	-	1
	Total	6	5	-	11
Média de idade no ano de imigração ao Brasil	Homens	30,6	26,75	-	28,88
	Mulheres	37	31	-	34
	Média	31,6	27,6	-	29,8
Nível de instrução antes da migração	Maior	Graduando	Graduando	-	-
	Menor	Nono ano	Sem instrução	-	-
País de primeira escolha como destino	Brasil	3	1	-	4
	Canadá	1	1	-	2
	França	1	1	-	2
	Estados Unidos	1	1	-	2
	Outros	-	1	-	1
Qual foi o país extracontinental que primeiro lhe concedeu visto	Brasil	4	5	-	9
	Canadá	1	-	-	1
	França	-	-	-	-
	Estados Unidos	-	-	-	-
	Outros	-	1	-	1
Tipo de visto obtido para ingressar no Brasil pela primeira vez	Turismo	2	2	-	4
	Estudo	2	3	-	5
	Cortesia	1	-	-	1
	Trabalho	1	-	-	1

Fonte: Elaboração do autor

Como é geralmente o caso das migrações africanas, uma condição fundamental da migração de casankoolu é a disponibilidade de capital. Em vista das entrevistas efetuadas, nota-se que para emigrar para o Brasil - país ocidental descrito como menos burocrático - foi preciso dispor de recursos ou de capacidade de mobilizá-los. Estes são pecuniários, sociais,

humanos. Digamos, retomando as palavras de Savina Ammassari (2004), que se trata do *capital financeiro*, que envolve poupanças do interessado e/ou de membros de sua família ou comunidade, de *capital social*, que são os contatos no país e/ou no exterior do potencial migrante, de *capital humano*, que aqui são *conhecimentos*, *competências* e aptidão para atividades intelectuais e econômicas. A combinação de dois ou de todos estes elementos, tendo cada uma relevante importância, é encontrada em alguns dos migrantes em questão. Portanto, por trás dos motivos, é preciso destacar a característica censitária onipresente nas migrações do Sul para o Norte, em especial daqueles da África subsaariana e, portanto, de casankoolu em particular.

De modo geral, os originários da Casamansa emigraram porque dispõem de uma rede social sobre a qual se apoiaram para sair do Senegal. Ter uma rede social foi fundamental mesmo para aqueles que dispõem de recursos financeiros consistentes adquiridos individualmente, mediante poupança de parte de sua renda pessoal. Ou seja, *ninguém emigra só*, sem o apoio do seu *entourage*, a não ser que seja agente do Estado. *Ninguém emigra só* também porque os contextos familiares apresentados pela maioria dos nossos interlocutores mostram que quase nenhum deles é pioneiro da família extensa a emigrar. *Ninguém emigra só* porque todos se preocupam com os familiares que carregam neles e com os quais mantém contato. Algumas das pessoas que integram esta rede estão no país de origem, sendo que outras se encontram, em certos casos, fora dele. Dois dos migrantes no Brasil afirmaram a importância de ter conhecido previamente alguém no país sul-americano, que inclusive tinha sido mobilizado, nos respectivos processos, seja para obter informações, para receber apoio financeiro ou outra forma de ajuda, seja para ser recebido e hospedado⁵⁸⁴, mesmo provisoriamente. Afirmações a seguir fornecem informações neste sentido. Souleye Badiane, que entrou no Brasil com visto de turismo, após receber convite de parente já residente no país diz:

Porque assim, eu sabia que se vier para o Brasil, o início não ia ser difícil para mim. Porque eu tenho um [parente] que mora aqui, que trabalha aqui, então (...) eu posso contar com ele. Eu posso morar na casa dele, posso ficar lá até que as coisas melhorem (Souleye Badiane. Entrevistado em 26/06/2022).

⁵⁸⁴ Uma mesma pessoa pode beneficiar de todas estas formas de apoio.

Quando perguntados a respeito da ajuda para emigrar⁵⁸⁵, a maioria absoluta dos nossos interlocutores (9) fala que recebeu principalmente apoio de parentes (tio, pai, irmão/irmã, primo/prima). Cinco (5) dos entrevistados mencionaram ter contado com o auxílio fundamental ou relevante, de alguma pessoa conhecida (amigo, colega, chefe, patrão) neste processo. Esta ajuda não foi feita apenas em dinheiro, mas também em documentos, fornecimento de informações desde o destino e de contatos, intermediação no pedido de visto, etc

Os que me ajudaram estavam no Senegal mesmo, e um primo que veio para o Brasil [entre 1990 e 1992]. Na verdade não eram só primos, agora eu me lembro, um dos meus tios também me deu dinheiro quando estava deixando o Senegal, como dinheiro de bolso. (Aladaany Tamba. Entrevistado em 28/11/2021).

É meu tio paterno que me ajudou financeiramente e foi meu tio materno que me forneceu a 'prise en charge/Termo de responsabilidade financeira'. (Yancoba Faty. Entrevistado em 26/11/2021).

Enhab Dramé, que tinha seu trabalho principal e paralelamente fazia comércio de produtos da Casamansa, diz que estas atividades lhe permitiram poupar dinheiro. Portanto, respondeu o seguinte: Primeiro contei comigo mesmo. (...). Mas também um tio me ajudou muito, é o tio materno, que infelizmente faleceu há dois anos. (...) Ele me ajudou em tudo. Financeira, mas sobretudo moralmente. É ele que me falou à época, aliás ainda me lembro da frase: "Se você tiver a oportunidade de ir estudar, vá estudar. Porque se você tiver diplomas, o trabalho procura por você, mas se você não tiver diploma, é você que procura trabalho". Ele prometeu e recomprou toda a mercadoria que eu tinha, na véspera da minha viagem. Contei muito também com meu chefe que me liberava quando precisava me ausentar por um ou dois dias (Enhab Dramé. Entrevistado em 26/11/2021).

À semelhança de Dramé, Aroko Ly trabalhava em Dakar e emigrou para Canadá diz que foi no decorrer de seu último serviço na capital, que seu primo, que estava trabalhando no Canadá, cuidou de tudo, a pedido de uma parente, para levá-la para o país norte americano.

Não fui eu que cuidei disso, foram eles que fizeram tudo até quando só faltava o visto, que eu fui para a embaixada. Então falei para meu patrão que precisava sair do serviço porque ia para o exterior. Mas ficaram muito tristes porque sua estadia era de seis anos. E me pediram para arrumar uma substituta (Aroko Ly. Entrevistada em 22/06/2021).

As informações animadoras fornecidas pessoalmente por amigos no exterior, ora de forma involuntária com a simples publicação de uma foto na praia, o incentivo que dão e o acolhimento que oferecem a quem está pensando em emigrar são outras formas de ajuda não financeira referidas por determinados casankoolu no Brasil.

⁵⁸⁵ Esta pergunta não foi evidentemente feita às Autoridades Diplomáticas.

... tinha um cara que eu conheci, estávamos juntos lá [no Senegal], no mesmo serviço. [...]. Ele nos informa que aqui é bom, o que ganha em relação ao Senegal... É isso que me motivou também a pedir o visto. (Moussa Ba. Entrevistado em 05/09/2021. Inserção nossa).

Como mostrado pela literatura, a ajuda recebida em processos migratórios de casankoolu costuma ser percebida como uma forma de investimento a médio e longo prazo pelos financiadores, seja quando o candidato à migração deixa o país para se formar ou para trabalhar no exterior. É preciso falar primeiro da importação de negros, de forma geral, em comparação com a de branco, ou mesmo de amarelos, que ocorreram em bases diferentes, mas também da imigração contemporânea no Brasil, antes de se focalizar no caso dos casankoolu no país.

5.2 - Imigração no Brasil: o lugar do Negro e do Branco ontem e hoje

Antiga colônia portuguesa, a República Federativa do Brasil é independente em 1822 e tem 26 Estados mais o Distrito Federal. O país foi inicialmente povoado por populações indígenas às quais se somaram posteriormente populações brancas européias, notadamente portuguesas, e negras africanas em circunstâncias caracterizadas pela violência, no caso destas. Recebeu posteriormente populações asiáticas, notadamente japonesa em 1908 (Shishito, [2018?]; Roncato, 2013). Por isso, é cabível notar que quando se pensa na imigração no Brasil num longo período, que se estende do século XVI aos dias atuais, alude-se tanto à Europa quanto à África, mas também à Ásia. A estes fenômenos históricos que foram interrompidos, soma-se, na contemporaneidade, a imigração de cidadãos de países da América do Sul. Estes fluxos, no seu conjunto, não iniciaram ao mesmo tempo, tampouco ocorreram sem interrupções e nem tiveram a mesma intensidade. Menciona-se a seguir cada um deles.

Considerando que uma imigração asiática expressiva no Brasil foi a de japoneses, deve-se notar que com ela se pretendia no começo do século XX atingir quase os mesmos objetivos que se buscava com a dos europeus. De acordo com o IBGE, ocorreu uma “forte imigração japonesa para o País, fundamentalmente no período [de] 1908 a 1930” (IBGE, 2010, p. 14. Grifo nosso), que ocasionou a introdução dos “amarelos” nas informações sobre o Censo Demográfico. Ainda assim, pode-se dizer que os dois grandes fluxos de imigração do Brasil foram: o dos invasores e ocupantes brancos europeus incentivados a imigrar,

complementados posteriormente e principalmente pelos japoneses, e a dos trabalhadores negros importados compulsoriamente desde a África para serem submetidos à escravidão.

Busca-se evidenciar particularmente o rigor dos brancos contra os negros no Brasil em termos de migração e mobilidade física e social. Processo este que ocorreu num contexto de ocupação e de dominação de europeus sobre populações indígenas americanas e sobre africanos, e que se consolidou, por lei, como sistema racista, também alimentado pelos efeitos nocivos da mesma relação de dominação e submissão.

Não se pode entender a migração forçada de africanos sem relacionar tanto os favorecimentos que o tráfico aportou - e continua, por herança, aportando - para as pessoas brancas nesta nação, quanto os benefícios que as leis migratórias embranquecedoras trouxeram para os destinatários da mesma raça (SILVA, 2020, p. 31).

Após a instalação dos invasores coloniais, os “pioneiros” europeus, e a herança política, econômica e social que receberam seus descendentes, o Brasil, controlado política e economicamente por uma elite constituída por pessoas brancas e donas do poder⁵⁸⁶, incentivou a vinda de europeus por meio de *políticas afirmativas migratórias para Brancos* (Silva, 2020), notadamente nos séculos XIX e XX (Seyferth, 2002; Assis, 2002; Oliveira, 2021).

A política de colonização com imigrantes implantada após a independência visava ao povoamento do território, num processo de motivações geopolíticas, de interesse econômico (o desenvolvimento de forma alternativa de exploração agrícola baseada na pequena propriedade familiar) ao qual se impõe a sinonímia da civilização branca européia (Seyferth, 2002, p.147).

Consequentemente, a Europa - à qual se soma posteriormente, em menor grau, a Ásia, como já mencionado - forneceu milhões de migrantes ao Brasil, notadamente entre 1819 e meados dos anos 1960 (Cogo e Badet, 2013). No mesmo sentido, Brzozowski (2012) assinala, em nota, que a chegada de milhões de imigrantes ao Brasil foi registrada em um século ao dizer:

Baseando-se nos censos brasileiros, Maria Stella Ferreira Levy (1974) ressalta que durante cem anos – entre 1872 e 1972 – entraram no Brasil cerca de 5,4 milhões de imigrantes; a grande maioria era de origem europeia (isto é, portugueses, italianos, espanhóis, alemães, poloneses, ucranianos e judeus) (BRZOZOWSKI, 2012, p. 151).

A intensidade da chegada de imigrantes brancos, assim como daqueles de outras cores, variou ao longo do tempo.

⁵⁸⁶ “Tais elites intelectuais e de direção política, não por acaso, são alguns dos descendentes de imigrantes brancos seja da primeira corrente migratória européia, seja das posteriores que trouxeram outras nacionalidades que se beneficiaram, e continuam se beneficiando dos privilégios normalizados e normatizados da branquitude no Brasil” (SILVA, 2020, p. 34).

O período mais intenso do processo de imigração foi o que ocorreu nos anos que se seguiram à abolição, 1888 a 1900, quando se observa a entrada de 1,5 milhão de imigrantes, em sua maior parte italianos, que se dirigiram ao estado de São Paulo e, os demais, ao então Distrito Federal. O governo subvencionou quase 60% do total dos imigrantes que chegaram entre 1888 e 1915, sendo que, no período entre 1891 e 1900, essa taxa teria sido de 80% (THEODORO, 2008, p. 35).

A intenção é conhecida e consistia em proporcionar o “desenvolvimento” e a “civilização” ao Brasil, embranquecendo a população, ao passo que se elimina “sutilmente” o negro da sociedade brasileira. Silva (2020) cita Quijano para quem “A origem deste sistema está na ocupação colonial europeia na América que produziu um catálogo complexo de identidades hierarquizadas com base na raça” (SILVA, 2020, p. 22).

O país recebeu pessoas negras de diversas partes do continente africano, notadamente, para retomar as palavras de Saraiva (2012), da “África Atlântica”⁵⁸⁷, importadas à força ao longo de séculos para uso exploratório de sua força de trabalho, trabalho esse que foi imprescindível por ter sustentado a *formação da sociedade* e a economia capitalista nacional (Silva, 2020; Saraiva, 2012), estadunidense e europeia (Silva, 2020) por longo período. Este papel econômico fundamental dos trabalhadores escravizados nunca se traduziu em reconhecimento social ou de qualquer outra natureza. Muito pelo contrário. A escravidão foi o regime laboral que “produziu a sociedade dos desiguais, dos meio-cidadãos e de uma das mais perversas ordens sociais assimétricas já verificadas na história das Américas” (SARAIVA, 2012, p.111). Os escravizados, para serem mantidos nesta condição, eram sistematicamente sub-humanizados por desprovidos de humanidade. Autoras como Cogo e Badet (2013, p. 21) citam Seyferth que entende que a desqualificação dos Africanos, notadamente a partir da proibição do tráfico de pessoas negras em 1850, se baseia numa associação destas pessoas com entraves à *civilização* e à *promoção do desenvolvimento econômico*. A mudança de regime de trabalho escravocrata para o assalariado foi fiadora da declaração de “desqualificação” da aptidão dos trabalhadores que, até então, sustentavam, quase exclusivamente, a produção econômica no país.

No mesmo período seguiram vigorando no Brasil políticas sociais e adotadas políticas migratórias racistas. Como exemplo das primeiras, Saraiva (2012) indica que *inibiam-se as possibilidades de escolarização* da maioria dos negros periféricos das *grandes cidades*

⁵⁸⁷ O Atlantismo brasileiro “Moveu-se da economia do tráfico de pessoas para a cultura afro-brasileira. Ao longo da segunda metade do século XX migrou para a geopolítica. Era o atlantismo de Golbery de Couto e Silva e sua concepção dos círculos concêntricos e do Atlântico Sul como uma ameaça comunista. Depois vieram os atlantismos da diplomacia e do comércio. Preside hoje o atlantismo da estratégia Sul-Sul das relações internacionais do Brasil, porém social e de cooperação.” (SARAIVA, 2012, p.15).

afro-brasileiras. A África, prossegue o autor, “antes alheia ao Brasil pela geografia do silêncio, foi também gradualmente afastada da vida escolar e política brasileira no século XX” (SARAIVA, 2012, p. 15). Além de afastado internamente em termos sociais, políticos, econômicos e culturais por meio da discriminação dos cidadãos originários da África (Ver Gonzalez, 2020; Nascimento, 2021), o continente africano era também evitado na dinâmica da política externa do Brasil, notadamente, entre o final do século XIX e o da primeira metade do século XX. Razões comerciais, geopolíticas e ideológicas são apontadas como elementos justificadores de uma aproximação excepcional com a África do Sul (Saraiva, 2012). Baseando-se no estudo de Penna Filho, Schlickmann (2019) diz que

entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, as relações entre o Brasil e o continente africano foram praticamente nulas, salvo a criação de um Consulado de Carreira na África do Sul em 1918, que possuía funções estritamente comerciais até 1948, quando foi inaugurada uma representação diplomática sul-africana no Rio de Janeiro e da legação brasileira em Pretória (PENNA FILHO *apud* SCHLICKMANN, 2019, s/p.).

É preciso dizer que o tempo em que o Brasil se manteve afastado da África - fim do século XIX a meados do século XX (Saraiva, 2012) – correspondeu à época em que a mesma se encontrava sob os regimes coloniais europeus. Neste mesmo período, o país sul-americano manteve relações *diplomáticas* com o território do Senegal. A reaproximação do Brasil com a África se torna efetiva no início da década de 1960, com o advento das independências políticas⁵⁸⁸, pois no final da década de 1940, o Brasil só mantinha relações com a África do Sul - então ‘único’ país independente⁵⁸⁹, isto é, fora do regime colonial – que eram basicamente facilitadas pela localização de ambos *na mesma região geopolítica* e pelo seu vínculo *às visões de segurança atlântica* cuja prioridade fora a cooperação para combate ao comunismo. O racismo institucional também era uma questão que aproximava o Brasil daquele país do *apartheid* (Saraiva, 2012). Em 1961, o Ministério de Relações Exteriores (MRE) criou a *Divisão de África*. No mesmo ano, o país passou a ter embaixadas em Gana,

⁵⁸⁸ Esta década é tida como a das independências (SCHLICKMANN, 2019 ; Diallo, 2011). Só no ano 1960, o número de Estados africanos independentes foi de 17. O que levou a ONU a considerar “1960 como o ano da África” (SCHLICKMANN, 2019, s/p.). Quase uma dezena de outros como Libéria (1847), Egito (1922), Líbia (1951), Sudão (1956), Marrocos (1956), Tunísia (1956), Gana (1957), Guiné (1958), por exemplo, já havia adquirido respectivamente sua soberania internacional (Cf. *Jeune Afrique*, 2010).

⁵⁸⁹ As fontes que consultamos indicam que a África do Sul seria na verdade efetivamente independente em 1961 (*Jeune Afrique*, 2010; Filho, 2001). Entretanto, a segunda fonte indica que: “A União Sul-Africana nasceu em 1910, da federação das antigas colônias do Cabo e de Natal e dos ex-Estados independentes de Orange e Transvaal, então colônias britânicas. Através de um referendo, a União Sul-Africana transformou-se em República em 1960, quando passou a denominar-se República da África do Sul. Em 1961, desligou-se da Commonwealth Britânica, **assumindo para si a soberania plena e totalmente desvinculada da Grã-Bretanha**” (FILHO, 2001, p. 90. Grifo nosso).

Senegal, Nigéria (Saraiva, 2012; Schlickmann, 2019) e Tunísia, além de consulados em Angola, Moçambique, Quênia e Zimbábue (Saraiva, 2012). Seguindo, este autor afirma que o país sul-americano, mediante seu Presidente da República Jânio Quadros⁵⁹⁰, assume, no primeiro trimestre do referido ano, uma postura contrária ao colonialismo e racismo, apoiando o *princípio da autodeterminação dos povos*. Aliás, o Brasil fez “renascer” a *política externa* com a África quando Jânio Quadros (1961), e João Goulart (1961-1964), presidiram o Brasil. Diante disso, Saraiva diz ainda que *o ano de 1961 foi um marco nas relações do Brasil o continente africano*⁵⁹¹, relações estas reforçadas em determinados momentos e fragilizadas em outros (Saraiva, 2012), como mostrado adiante.

No caso das políticas migratórias, as elites brasileiras proibiram a vinda por livre e espontânea vontade de pessoas negras de forma geral. Esta proibição se estendeu da segunda metade do século XIX, antes de 1888, até a primeira metade do século XX e corresponde a o que Saraiva (2012), considera de momento de *equidistância nas margens do Atlântico Sul*. Foi feita em nome da necessidade de importação ou incentivo à vinda de trabalhadores “qualificados” brancos, da promoção da modernização e do desenvolvimento “econômico” e “civilizacional” do país (Melo Gomes, 2003; Saraiva, 2012; Dieme, 2016; ITTC, 2020; Silva, 2020).

Nesse panorama, foi concebido um verdadeiro catálogo de normas discriminatórias que impuseram a proibição do ingresso de africanos no Brasil (Decreto 528 de [28 de junho de] 1890), a constitucionalização da eugenia em 1934, a criminalização da capoeira e perseguição às religiões de matriz africana, etc. (SILVA, 2020, p. 25. Grifo nosso).

Aliás, o citado Art. 1 do referido Decreto de 1890 não deixa dúvidas da severidade da lei contra o ingresso de Africanos e Asiáticos na nascente República do Brasil. Sua vinda, contrariamente à de brancos europeus incentivada com concessões seja de terra, *animais, viveres em espécie ou dinheiro* (Silva, 2020), não podia ser autorizada por uma decisão isolada, mas sim pelo Congresso Nacional (Estupiñán Serrano, 2012; Silva, 2020).

Art. 1º *E' inteiramente livre a entrada, nos portos da Republica, dos indivíduos válidos e aptos para o trabalho, que não se acharem sujeitos à acção criminal do seu país, excetuados os indígenas da Ásia, ou da África que somente mediante autorização do Congresso Nacional poderão ser admitidos* de acordo com as condições que forem então estipuladas (SILVA, 2020, p. 28. Grifo nosso).

⁵⁹⁰ “Jânio Quadros foi diplomado presidente em 31 de janeiro de 1961, e renunciou ao cargo em 25 de agosto do mesmo ano” (Schlickmann, 2019, p. s/p.).

⁵⁹¹ Mostraremos que o ano 1961 é também um marco nas relações políticas entre o Brasil e o Senegal.

Convergindo com estas medidas, nas décadas de 1920, 1930 e 1940⁵⁹², o estudo de Silva (2020) ainda revela que o Brasil mobilizou seu executivo, seu legislativo e sua diplomacia “para proibir o ingresso de estadunidenses negros no país, ao mesmo tempo em que subsidiava a admissão de milhares de europeus” (Pereira, 2010 e Nascimento, 1978 *apud* SILVA, 2020, p. 28).

Neste sentido, entendemos que além de terem servido para *colonizar, sequestrar, traficar seres humanos e escravizá-los*, bem como *para garantir o enriquecimento e o bem-estar da Europa e seu protagonismo nas Relações Internacionais que perdura até hoje* (SILVA, 2020, p. 23), as hierarquizações raciais no Brasil viabilizaram a restrição da imigração espontânea de negros no país⁵⁹³. Ao provocar a “exclusão dos marginalizados, [as] políticas migratórias serviram, historicamente, como uma das armas de guerra contra indivíduos não brancos neste país” (SILVA, 2020, p. 26)⁵⁹⁴. O racismo estrutural a favor dos brancos, ainda vigente no país (Almeida, 2020; Silva, 2020; Villen, 2018?), já fazia parte do *modus operandi* político e econômico séculos antes da última abolição da escravidão nas Américas, que ocorreu no Brasil em 1888, e sobreviveu à Lei 1.390 de 3 de julho de 1951, aquela conhecida como Lei Alfonso Arinos, que foi a primeira do país a proibir *atos de discriminação racial* e a estabelecer *penalidades para infratores* (Saraiva, 2012).

5.2.1 - Imigração contemporânea no Brasil

Quando se olha para o conjunto da imigração no Brasil nas últimas décadas, percebe-se que nele aqueles originários dos países do Norte Global são os que têm maior possibilidade de entrar e permanecer de forma regular e com maior probabilidade de inserção laboral, e social. Em estudos do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra) de 2016, 2019, 2020 e 2021, percebe-se que a imigração no Brasil preservou marcos históricos e, ao mesmo tempo, sofreu alterações.

⁵⁹² Notadamente em 1923 (Câmara dos Deputados, 1923), 1938 (Decreto-Lei nº 406, de 4 de maio de 1938) e 1945 (Decreto-Lei nº 7.967) (Silva, 2020). Ver também Melo Gomes (2003).

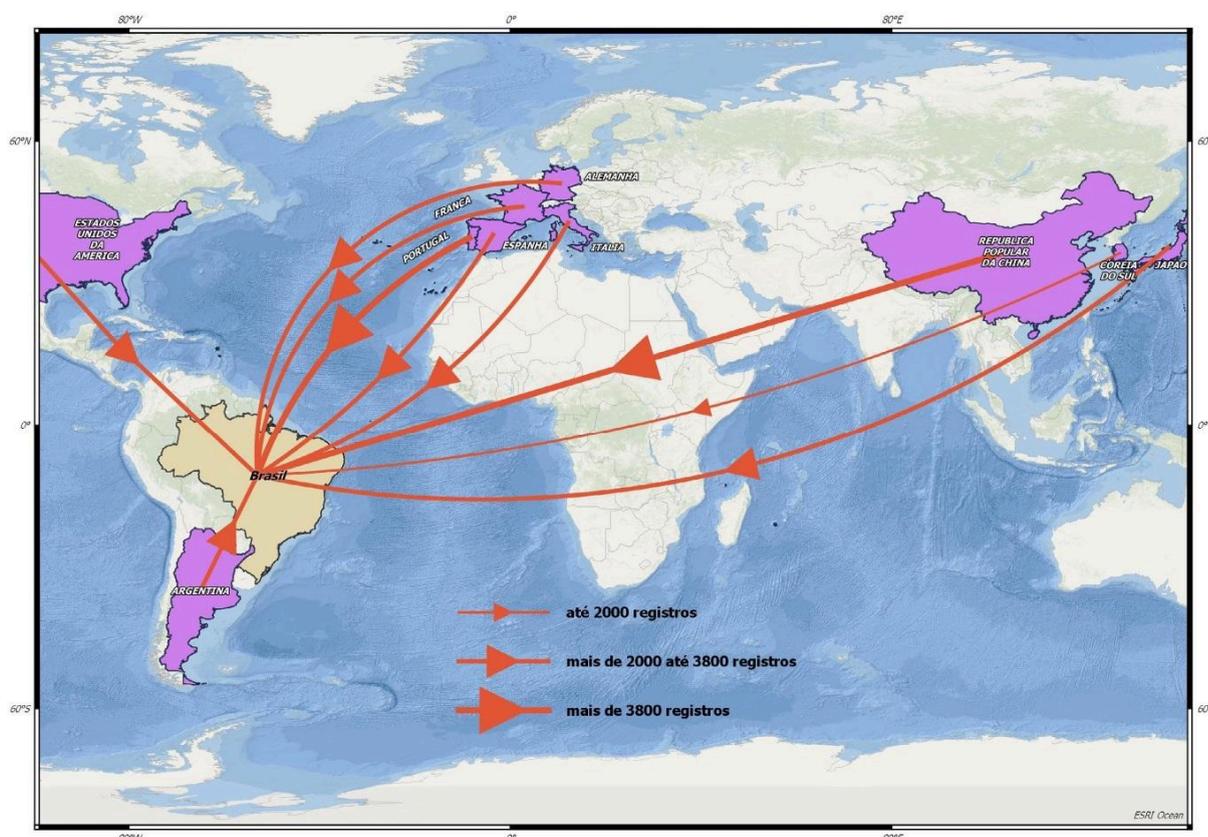
⁵⁹³ A restrição de mobilidade se aplicava também à circulação interna dos negros doravante “livres” no país por meio de dispositivos como o *artigo 295 do Código Criminal de 1830*, o *Código Penal brasileiro de 1890* e a *Lei de Contravenções Penais de 1941*. A vadiagem e mendicância dos negros eram vistos como crimes e ameaça à segurança pública, por isso, punidas por lei com *pena de prisão e a internação* (Silva, 2020).

⁵⁹⁴ Fica evidente que a relação *migração, raça e desenvolvimento*, embora ausente como abordagem teórica, tem uma existência secular na prática.

De acordo com os dados do Censo Demográfico, residiam no Brasil, em 31 de julho de 2010, 592.570 imigrantes, sendo as duas principais nacionalidades portuguesas e japonesas, revelando os traços ainda presentes das migrações históricas que se destinaram ao país a partir da segunda metade do século XIX e início do século XX (OLIVEIRA, 2021, p. 53).

Adema, o mercado de trabalho brasileiro está aberto para acolher potenciais *imigrantes econômicos* oriundos de países do chamado Norte Global⁵⁹⁵. Este fato se observa tanto antes de 2010 quanto ao longo desta década.

Mapa 17 - Número total de registros de imigrantes permanentes, segundo principais países, Brasil, até 2010



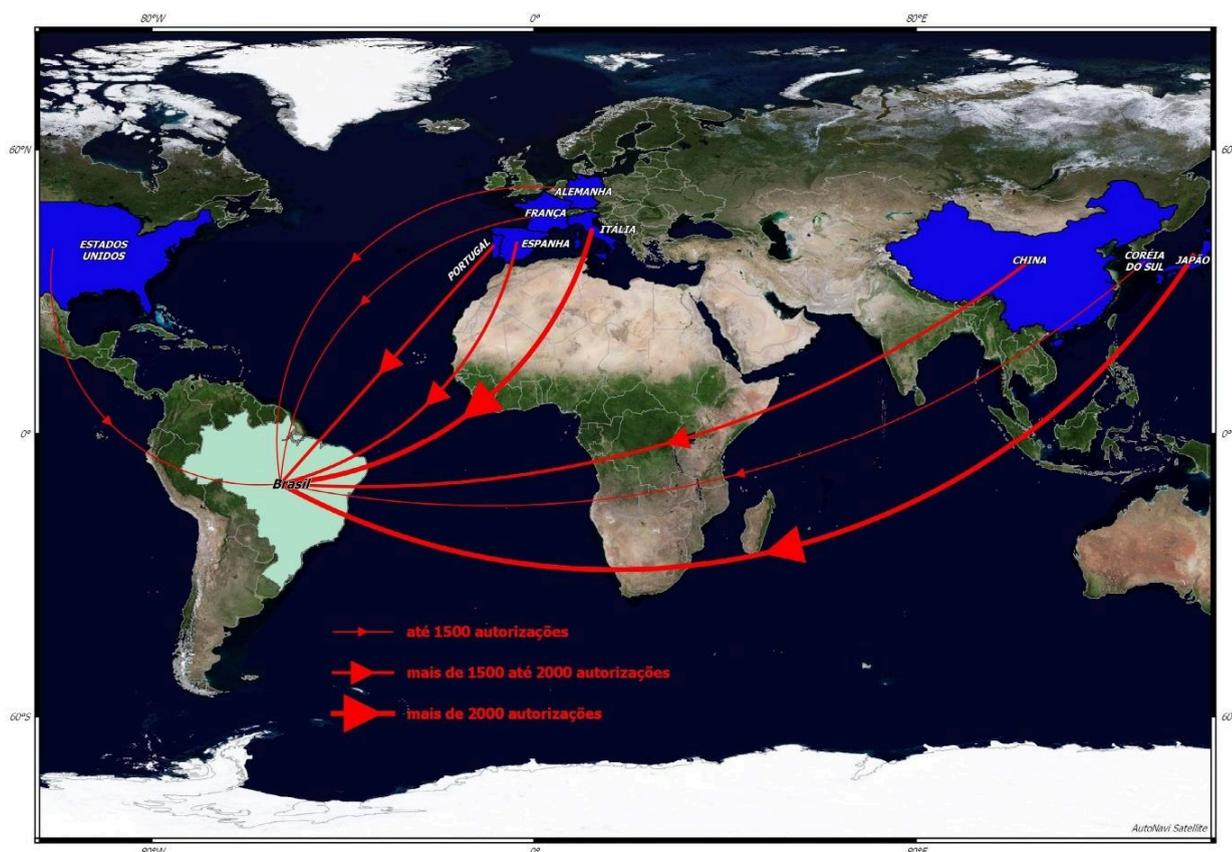
Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados do Ministério da Justiça Segurança Pública, Polícia Federal, Sistema Nacional de Registro Migratório (SisMigra), 2019.

Retirado de Oliveira (2020, p. 48)

Se o mapa anterior mostra que, até o final da primeira década do atual século, a população imigrante permanente no Brasil é principalmente branca e amarela, o *Mapa 18* mostra que são praticamente as mesmas que são admitidas para vir trabalhar no país ao longo da década passada.

⁵⁹⁵ Ver Araujo et al. (2016) ; Dieme et al. (2019a); Oliveira (2020).

Mapa 18 - Número total de autorizações de trabalho permanentes concedidas, segundo principais países, Brasil, 2011-2017.



Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados da Coordenação Geral de Imigração /Ministério do Trabalho, 2011-2017.

Retirado de Oliveira (2020, p. 54)

Apesar de algumas alterações com relação ao mapa anterior, na série histórica 2011-2015, que não distingue o tipo de autorizações de trabalho (permanentes e temporárias), dos 19 principais países mencionados, 11 são europeus, 2 americanos do Norte e 6 são asiáticos (Ver Tabela a seguir)⁵⁹⁶. No conjunto, a maior proporção das pessoas autorizadas a vir trabalhar no Brasil pela Coordenação Geral de Imigração (CGIG) do então Ministério do Trabalho, era de pessoas com nível *Superior completo*, seguida daquelas com *Médio completo*, e eram *Profissionais das Ciências e das Artes* (Araujo, 2016).

⁵⁹⁶ Vale perceber que o destaque dos Estados Unidos e Filipinas, seguidos do Reino Unido e Índia tem relação com o número de autorizações de trabalho concedidas ao longo da década, como mostra Oliveira (2020, p. 52) em seu Mapa 3.

Tabela 6 - Número de autorizações de trabalho concedidas pela CGIG, segundo principais países, Brasil 2011-2015

Países	2011	2012	2013	2014	2015
EUA	10.092	9.121	8.930	5.830	5.519
Filipinas	7.667	5.127	5.056	4.486	2.994
Reino Unido	4.896	4.335	4.080	3.296	2.610
Índia	4.220	4.208	3.631	2.663	2.251
Itália	2.410	2.986	2.651	2.545	1.954
Coréia do Sul	687	1.973	1.124	1.208	1.936
França	2.182	2.381	2.261	1.785	1.475
China	2.629	3.075	2.347	1.561	1.405
Japão	2.266	2.318	2.023	1.352	1.296
Portugal	1.543	2.161	2.904	1.921	1.294
Alemanha	3.136	3.546	2.878	1.437	1.255
Espanha	1.837	1.989	2.665	2.229	1.210
Holanda	1.218	1.330	1.334	1.324	930
Rússia	916	833	682	765	854
Polônia	1.035	939	983	866	681
Ucrânia	633	747	736	666	605
Canadá	1.167	1.162	1.069	751	562
Romênia	741	685	726	519	548
Noruega	1.814	1.313	1.060	866	514
Outros	17.604	16.592	14.702	10.670	6.975
Total	68.693	66.821	61.842	46.740	36.868

Fonte: Araujo et al. (2016, p. 23), elaboração do OBMigra a partir de dados da Coordenação Geral de Imigração/ Ministério do Trabalho, 2011-2015.

Ao dizer que “Os corpos brancos do Norte global ainda são lidos e acolhidos aqui diferentemente dos corpos racializados como não brancos”, Silva (2020, p. 30) reforça a constatação de que ter a cor de pele branca e ser do Norte Global dão mais possibilidade de efetuar regularmente uma migração internacional para o Brasil sem precisar recorrer à dimensão humanitária, à solicitação de refúgio sem temor fundado - como acontece (como colocado adiante) com muitos do Sul Global desejosos de residir com documentos brasileiros e poder trabalhar - ou fora de um acordo como o de residência do Mercosul.

De acordo com estudos de Kaly (2001) e Estupiñán Serrano (2012), a retomada da imigração de populações negras no Brasil ocorre na segunda metade do século XX, ou seja, quando o Brasil se reaproxima política e diplomaticamente de forma mais efetiva dos países da África (Saraiva, 2012; Schlickmann, 2019) recentemente reconhecidos como

independentes⁵⁹⁷. Diferentemente dos “Nortistas globais”, fora aqueles dos países limítrofes, os do “Sul global” chegam ao Brasil como solicitantes de refúgio, poucos como estudantes, diplomatas ou trabalhadores regularmente admitidos no país.

Entretanto, não é porque não são admitidos no país como imigrantes trabalhadores que estão ausentes do mercado formal do trabalho brasileiro. Os trabalhadores oriundos dos países do “Sul Global”, em situação migratória inadequada⁵⁹⁸ ou irregular no Brasil, são os que mais se beneficiaram das decisões do Conselho Nacional de Imigração (CNIg), após entrar, pela via formal ou informal, para regularizar (adequadamente) sua situação de residência temporária no país (Ver Dick e Tonhati, 2017). A regularização de sua situação migratória foi feita com base na RN 27, de 28/11/1998, que “Disciplina a avaliação de situações especiais e casos omissos pelo Conselho Nacional de Imigração” (DICK ; TONHATI, 2017, p. 36). Este estudo mostra que entre 2011 e 2016, o número de senegaleses cuja autorização de residência foi concedida pelo CNIg foi de 980⁵⁹⁹. O país ficou atrás do Haiti, que teve no mesmo intervalo, 44.265 autorizações de residência e do Bangladesh, com 2.064 autorizações concedidas pelo mesmo órgão⁶⁰⁰.

Parte expressiva da imigração haitiana, senegalesa, dentre outras nacionalidades do *Sul*, que tiveram um trajeto comum do Equador ao Brasil na primeira metade da década de 2010⁶⁰¹, realizadas informalmente pela fronteira norte, são pertinentes ilustrações do recurso a este tipo de via⁶⁰². A escolha de tal forma de migração é percebida como uma alternativa interessante que, apesar dos riscos que correram os migrantes, constitui em si uma prova de existência de muros legislativos, administrativos e securitários em expansão e consolidação

⁵⁹⁷ Até meados da década de 1960, o país seguiu recebendo, como já mostrado (Ver Cogo e Badet, 2013), populações imigrantes da Europa, mas também da Ásia, como foi o caso dos japoneses, em menor medida.

⁵⁹⁸ Podemos citar o caso dos milhares de haitianos e senegaleses, em situação provisoriamente regular após solicitação de refúgio, sendo estes pedidos julgados inadequados aos casos deles.

⁵⁹⁹ De 2011 a 2015, o total era de 754 autorizações concedidas a Senegaleses (Botega et al. 2016, p. 38).

⁶⁰⁰ Na lista de países enumerados, nenhum é do Norte Global.

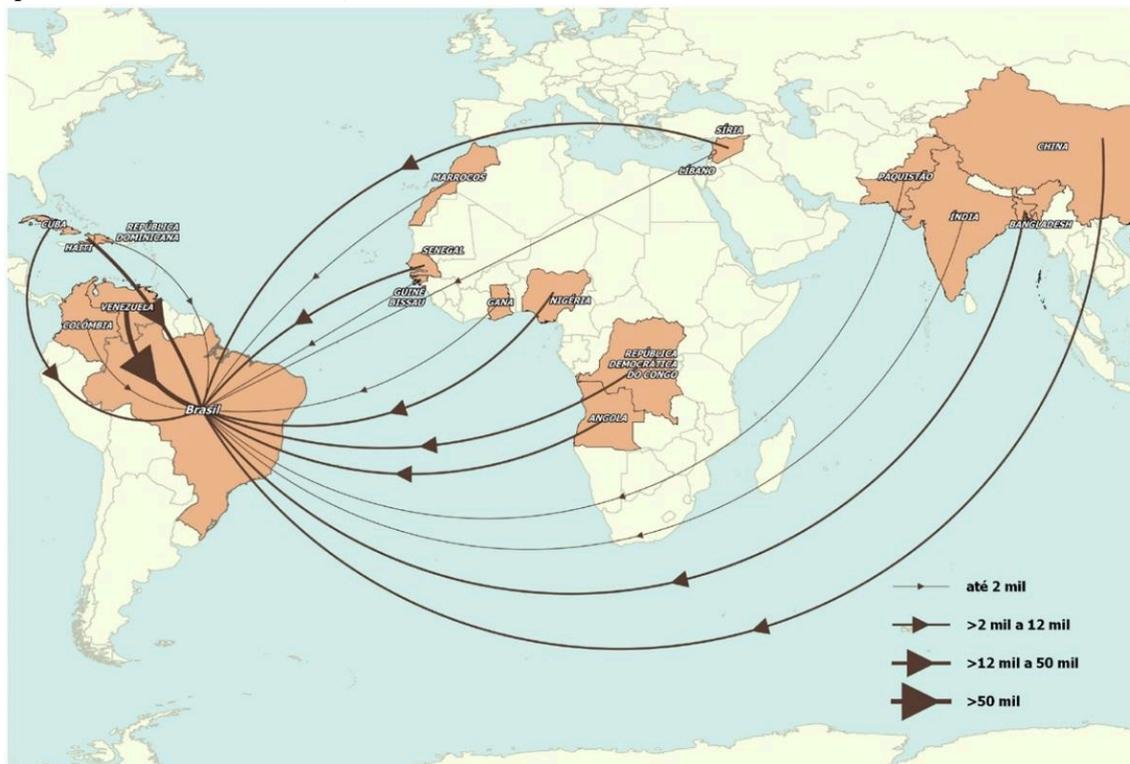
⁶⁰¹ De acordo com Cavalcanti e Oliveira (2020a), Cavalcanti (2021) a atratividade do Brasil na década de 2010 está relacionada ao contexto de crise do final dos anos 2000 nos EUA, Europa e Japão, mas também à política migratória de fechamento de fronteiras dos países do Norte, ao contrário das medidas que o Brasil estava tomando para contornar o então vigente Estatuto do Estrangeiro. Partindo de outras fontes, Cavalcanti (2021, p. 11) acrescenta entre elementos atrativos do Brasil, o *desenvolvimento econômico e social do Brasil, seu reposicionamento geopolítico na primeira década do atual século, a organização da copa do mundo de futebol em 2010 e dos jogos Olímpicos em 2016, a valorização do real em relação ao dólar, baixas taxas de desemprego*. Interessa observar que entre 2010 e 2020, países como França, Espanha, Itália e Portugal registraram aumentos em seus números de emigrantes (Ver Anexo 3.L).

⁶⁰² Ver Ménard-Marleau, 2017; Dieme, 2016.

em inúmeros países de todos os continentes, sobretudo, reitera-se, na Europa, e América do Norte. Em estudo anterior, mostramos que para impedir entradas irregulares de haitianos no Brasil e incentivar sua vinda por vias regulares por razões humanitárias, o país adotou certas medidas dentre as quais o convencimento de países como Equador e Peru a passarem a exigir visto de turismo a estes caribenhos desde 2012, a concessão do Visto Humanitário de 2012 a 2017, a autorização a embaixadas de países vizinhos do Haiti, tais como a República Dominicana, o Equador, o Peru e o Panamá a emitirem *in loco* este Visto para solicitantes haitianos, por algum momento (Dieme, 2016). No caso dos senegaleses, que estavam vindo ao Brasil via Equador, este país passou a cobrar-lhe um visto de turismo a partir de 2016, impedindo sua entrada de forma irregular em território brasileiro (Ménard-Marleau, 2017).

Por alguns anos, o recurso à solicitação de refúgio foi a forma de regularização provisória de médio prazo para grande parte dos haitianos e dos senegaleses e demais cidadãos do *Sul*, que chegaram no decorrer do decênio passado no Brasil no intuito de trabalhar, tendo ingressado seja de forma irregular no país ou com visto de turismo, inadequado para quem pretende residir no Brasil. Se solicitam reconhecimento da condição de refúgio é porque gostariam de ficar com alguma garantia, provisória, de permanecer no Brasil e de poder trabalhar. Segundo o estudo de Oliveira (2020, p. 62), o Senegal é uma das mais destacadas nacionalidades de solicitantes de refúgio entre 2011 e 2017. Ele aparece ao lado de outros países do chamado Sul Global, com efetivo superior a mil e inferior ou igual a 5 mil solicitações, tal como Angola, China, Cuba e Haiti. O principal país de nacionalidade dos solicitantes no intervalo é a Venezuela, com mais de 5 mil solicitações. Um ano mais tarde, o mesmo autor, Oliveira (2021), mostra que na série 2011-2020, o Senegal ficou na faixa *> a 2 mil a 12 mil*, ao lado da Angola, Bangladesh, China, Cuba, RDC, Gana, Nigéria, Síria. Neste intervalo, as principais nacionalidades solicitantes foram a Venezuela, com mais de 50 mil pedidos, seguida por Haiti, com um número de solicitações superior a 12 mil e igual ou menor a 50 mil (Cf. Mapa 19).

Mapa 19 - Número de solicitantes do reconhecimento da condição de refugiado, segundo principais países de nascimento - Brasil, 2011-2020



Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados da Polícia Federal - STI-MAR, 2020
Retirado de Oliveira (2021, p.59).

A regularização coletiva, específica e mais efetiva da situação migratória dos senegaleses solicitantes de refúgio no Brasil⁶⁰³ ocorreu por outras vias, notadamente mediante a *Portaria Interministerial n° 10, de 5 de dezembro de 2019*⁶⁰⁴, que em seu Art. 1°

estabelece procedimentos a serem adotados em relação à tramitação dos pedidos de autorização de residência para nacionais da República do Senegal, que tenham processo de reconhecimento da condição de refugiado em trâmite no Brasil, a fim de atender ao interesse da política migratória nacional (DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, 06/12/2019 | Edição: 236 | Seção: 1 | Página: 103)⁶⁰⁵.

Esta resposta - muito positiva para os interessados, conforme manifestado pelo entrevistado Moussa Ba - sugere que os pedidos de reconhecimento da condição de refugiados

⁶⁰³ Apesar de sua política migratória securitária, o Brasil sempre encontrou vias alternativas legais de atender periodicamente estrangeiros que nele se encontram em situação migratória irregular (Cavalcanti, 2021).

⁶⁰⁴ Esta Portaria se baseia no **Decreto n° 9.199, de 20 de novembro de 2017**, cujo Art. 161. Fala que “A autorização de residência poderá ser concedida para fins de atendimento ao interesse da política migratória nacional” e que reitera o papel do CNIg perante casos especiais de trabalhadores imigrantes, em seu Art. 162, que diz: “O Conselho Nacional de Imigração disciplinará os casos especiais para a concessão de autorização de residência associada às questões laborais” (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Decreto n° 9.199, de 20 de novembro de 2017. Capítulo VIII, Seção II, 2017).

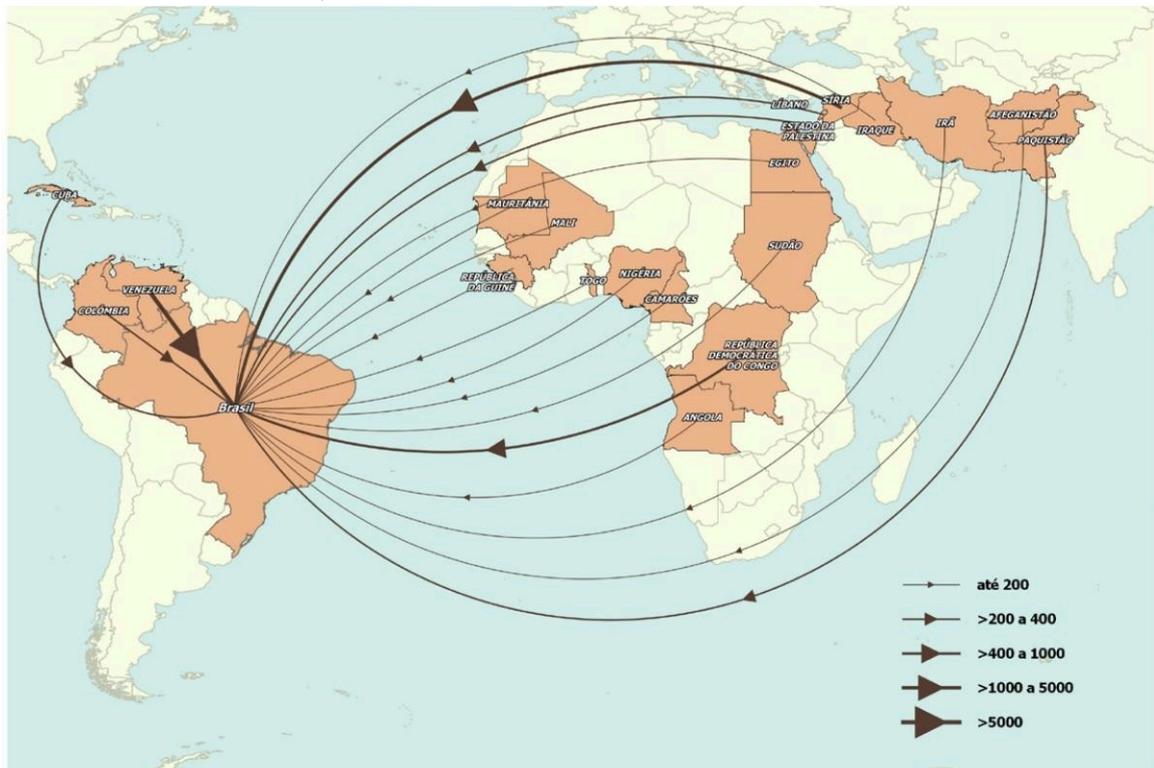
⁶⁰⁵ Estima-se que dos 158 senegaleses solicitantes de reconhecimento da condição de refúgio no Brasil em 2022, dos quais 88% são homens e 12% mulheres (Ver Junger da Silva et al. 2023), poucos sejam originários da Casamansa.

da maioria pelo motivo alegado não tinham fundamento. O recurso indevido a este mecanismo é denunciado pelo testemunho a seguir: *Eu [...] vi muitos senegaleses, há senegaleses que vieram ao Brasil com a condição de refugiados políticos porque tem guerra no Sul do Senegal, e tenho certeza que estas pessoas nunca pisaram em Casamança* (Aladaany Tamba. Entrevistado em 28/11/2021). O país, tal como o Haiti, não aparece entre aquelas nacionalidades que compõem os quase 70 mil refugiados em 2020-2021 (Anexo 5.C) reconhecidos pelo Brasil, ao contrário da Venezuela, Colômbia e Cuba (Mapa 20).

A permanência em *situação migratória indocumentada* costuma estar ligada às fronteiras internas impostas a estes imigrantes, mesmo quando eles conseguem desembarcar de forma regular no país. Neste sentido, a afirmação de que “A raça e as suas intersecções com o gênero e sexualidades dificultam a entrada e permanência e vulnerabilizam a condição de existência das vidas negras” (SILVA, 2020, p. 30-31) no Brasil ainda é pertinente. Convergingo com Silva (2020), abrangendo outra dimensão, Villen argumenta que

A indocumentação é um elemento importante para entendermos os “periféricos emergenciais”, imigrantes e refugiados provenientes da periferia do capitalismo que geralmente direcionados à inserção em setores altamente marcados pela precarização (ANTUNES, 2014) como o têxtil, abate de carnes, construção, doméstico (VILLEN, 2016, p. 35).

Mapa 20 - Número de refugiados reconhecidos, segundo principais países de nacionalidade ou residência habitual - Brasil, 2011-2020



Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados do Comitê Nacional para Refugiados - CONARE, 2020
Retirado de Oliveira (2021, p. 61)

Diante do que foi dito, cabe reconhecer os esforços, embora geralmente paliativos⁶⁰⁶ quando não se trata de sul-americanos⁶⁰⁷, que o Brasil fazia periodicamente, antes da nova lei de 2017, para regularizar a situação daqueles com pouco direitos de circular pelo mundo. É neste sentido que se pode entender que, como mostra Cavalcanti (2021), em 2013, poucos anos após o começo da vinda de um número significativo de haitianos, a presença destacada destes no mercado de trabalho brasileiro, um mercado com potencial de recrutamento que passou de 62.423 imigrantes trabalhadores formais em 2011, para 181.385 na mesma condição em 2020. Nas palavras deste autor, desde “esse ano, os haitianos passaram a ser a principal nacionalidade no mercado de trabalho formal no Brasil, superando as imigrações clássicas, como os portugueses” (Cavalcanti, et al., 2015 apud CAVALCANTI, 2021, p. 14). Algo similar se observou no caso da imigração expressiva dos venezuelanos no Brasil em meados da década passada, levando a uma coabitação no destaque de imigrantes contratados no país. É o que sugere Cavalcanti (2021) dizendo: “Não somente os nacionais do Haiti e da Venezuela lideravam os números em relação à inserção laboral e registro no Brasil, mas também em reunião familiar, demandas por inserção social, educacional, política e cultural” (CAVALCANTI, 2021, p. 14)⁶⁰⁸. Sem estas duas nacionalidades, haveria redução do número de imigrantes no mercado formal de trabalho brasileiro de 2015 a 2019, ou seja, o crescimento dos imigrantes contratados deve ser atribuído a nacionais destes dois países, como mostram Simões e Neto (2021).⁶⁰⁹

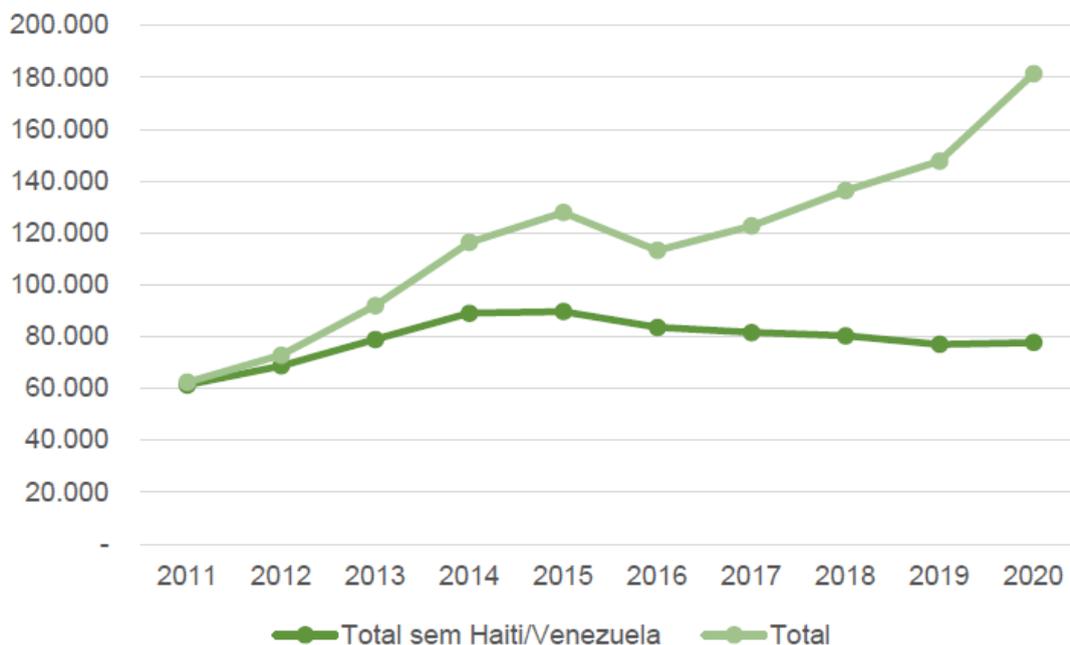
⁶⁰⁶ Mesmo o Visto Humanitário para haitianos, criado em 12 de janeiro de 2012, era uma medida provisória de dois anos, com uma cota mensal de 100 vistos (Ver Dieme, 2016), mas que acabou sendo prorrogada diversas vezes.

⁶⁰⁷ No caso destes, cabe notar que “o Decreto n. 6.975 de 7 de outubro de 2009, chamado de Acordo de Residência do Mercosul, que conferiu direitos de residência aos nacionais de países-membros do Mercosul, Bolívia e Chile no território brasileiro, com igualdade dos direitos civis e de tratamento com os nacionais, considerando a aplicação da legislação trabalhista, especialmente em matéria de remuneração, condições de trabalho e seguro social (Brasil, 2009)” (SIMÕES e NETO, 2021, p. 119), foi uma medida legislativa fundamental de integração de migrantes regionais.

⁶⁰⁸ A chamada migração econômica dificilmente é exclusivamente econômica.

⁶⁰⁹ Globalmente, o número de migrantes internacionais no Brasil vinha caindo de 1990 a 2010. Desde este ano, o país registra alta (Vide anexo 3.I). Ao contrário, o Canadá vem registrando alta deste número desde a última década do século passado (Vide anexo 3.J).

Gráfico 19 - Número de trabalhadores imigrantes no mercado formal de trabalho brasileiro, segundo recortes selecionados de nacionalidade - 2011 a 2020



Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados do Ministério da Economia, base harmonizada RAIS-CTPS estoque, 2011-2020

Retirado de Simões e Neto, 2021, p. 127

Esta presença tem seus desafios. Não se trata, como veremos adiante, de uma particularidade do Brasil no continente americano, entretanto, são inúmeros os casos que ilustram práticas racistas no país, inclusive contra negros de categorias socialmente vistas como mais respeitadas: diplomatas, empresários, estudantes e professores universitários, por exemplo, bem como dificuldades para regularizar a situação migratória.

Saraiva (2012) mostra a frustração dos primeiros diplomatas africanos desiludidos com o discurso culturalista – também mobilizado por Senghor, que aproxima a África negra do Brasil - ao encontrarem e sofrerem o racismo no Brasil. Em suas palavras, ele diz, não sem reserva, o seguinte: “Há vários exemplos de diplomatas africanos submetidos a constrangimentos sociais, confundidos que foram com afro-brasileiros pobres” (SARAIVA, p. 112). Esta barreira institucional, social e histórica ainda tem impacto na situação migratória dos africanos no Brasil contemporâneo. Entretanto, esta presença e a de estudantes negros africanos tem grande relevância no debate racial. O citado Anani Dzidzienyo diz que: “a chegada de diplomatas africanos no Brasil, seja ou não a partir de um esforço consciente de sua parte, teve um impacto significativo no quadro das relações raciais brasileiras e na posição de afro-brasileiros sobre elas” (*Apud* DÁVILA, 2010, p. 119. Tradução nossa). O mesmo pode ser dito dos estudantes e pesquisadores negros africanos e de sua participação do

questionamento da perversidade dos racistas contra negros e contra a África negra no Brasil, que se desumanizam, como diria Césaire, pelo racismo que os domina.

A reaproximação do Brasil com a África, que “não se deu de forma abrupta, [...] foi um processo lento, construído cautelosamente desde o período da presidência de Getúlio Vargas até chegar à presidência de Jânio Quadros” (MACHADO *Apud* SCHLICKMANN, 2019, s/p.), combinado com a herança colonial, tornaram possível a imigração de africanos. No caso do Senegal, é preciso apresentar sua relação diplomática com o Brasil, mais oficial a partir de 1911 e ainda mais reforçada a partir de 1961 por este, no intuito de melhor entender a presença de casankoolu no país.

5.2.2 - Relações políticas, comerciais e cooperação cultural bilaterais: Senegal-Brasil

A relação do Brasil com o Senegal foi um pouco diferente. Do ponto de vista das relações diplomáticas entre os dois, o MRE informa que o Brasil possui uma representação em solo senegalês desde o século XIX. Tratava-se de um Consulado Honorário. Ele foi transformado em Consulado de Carreira em 1911. Cinquenta anos mais tarde, em 1961, o consulado foi *elevado à categoria de embaixada*⁶¹⁰, sendo esta a primeira embaixada brasileira em África subsaariana⁶¹¹. Em 1963⁶¹², ou seja, dois anos depois, o Senegal transformou seu consulado no Rio de Janeiro em embaixada (MRE, 2022b⁶¹³; Scholl, 2018), em vez de levá-la para Brasília, a nova capital brasileira. Ela será transferida somente em 1970 para a capital do

⁶¹⁰ (ver Scholl, 2018; Saraiva, 2012)

⁶¹¹ Esta informação do MRE (ver: MRE. *República do Senegal*. 03/11/2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/relacoes-bilaterais/todos-os-paises/republica-do-senegal>> Acesso em 17/11/2022), questiona o afirmado por José Manuel Gonçalves que sustenta que a primeira embaixada brasileira em África seria aberta em Gana (Ver Dávila, 2010, p. 119).

⁶¹² Para Dávila (2010), é naquele ano que *a política do Senegal em relação ao Brasil começou a tomar forma*, tendo como fato marcante a nomeação do sobrinho Henri Senghor como Embaixador no Rio de Janeiro. Este teve um papel fundamental por ter mobilizado “o apoio político no Brasil para a descolonização portuguesa e estimulou a consciência política e a mobilização entre os negros brasileiros” (DÁVILA, 2010, p. 119. Tradução nossa).

⁶¹³ MRE. *Relations bilatérales Brésil-Sénégal*. 11/11/2022b. Disponível em <<https://www.gov.br/mre/pt-br/embaixada-dacar/francais/relations-bilaterales-bresil-senegal>>. Acesso em 20/12/2022.

país⁶¹⁴, antes da construção de suas instalações atuais na Avenida das Nações, no Setor das Embaixadas Norte, finalizada em 1977, sendo a embaixada inaugurada nesse.

Em 19 de setembro de 1964, no quarto ano após o reconhecimento internacional de independência política do Senegal, e um ano após a instalação de sua embaixada no Brasil, o Presidente da República do Senegal, Léopold Sédar Senghor, efetuou sua primeira de duas viagens para o Brasil, tendo visitado, nesta, Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo e Salvador (Dávila, 2010; Scholl, 2018). Para Dávila, esta viagem foi “uma missão para desafiar o apoio do Brasil ao colonialismo português” (DÁVILA, 2010, p. 117) em África subsaariana. O autor ainda entende que o objetivo e a pressão de Senghor eram tornar o Brasil⁶¹⁵ um mediador entre Portugal e *os movimentos de independência* em territórios que este dominava, e fazer com que o país sul-americano usasse sua influência para incentivar *a autonomia negociada* dos referidos territórios africanos. Afinal, a guerra de libertação da Guiné-Bissau, que era uma das mais intensas, estava acontecendo na fronteira sudoeste do Senegal (Dávila, 2010), tendo iniciado em 1963 (Fati, 2021). Portanto, a visita era também para atender os interesses do Senegal.

Imagem 1 - Chega de Senghor no aeroporto de Congonhas em São Paulo



Fonte: Última Hora/Folhapress. In: Dávila, 2010, p. 118.

⁶¹⁴ De forma geral, a transferência das embaixadas do Rio de Janeiro para Brasília não ocorreu prontamente. “Após muitas idas e vindas, as embaixadas só terminaram de ser transferidas para a nova capital em 1973” (AGÊNCIA BRASÍLIA, 27/2/20).

⁶¹⁵ Ex-colônia do Portugal, que dele se libertou pacificamente em 1822.

Na *contemporaneidade*, isto é, a partir do dito ano da África (1960), como indicado por Saraiva, o Brasil *recuou nas suas relações* com o continente africano, particularmente em dois momentos: 1964-1969 e na década de 1990. Contudo, este recuo não foi homogêneo na África toda, nem significou necessariamente interrupção ou abandono das relações pelos dois lados do Atlântico nestes períodos. Acabamos de assinalar que os anos 1961, 1963 e 1964 foram marcantes nas relações Brasil-Senegal. Saraiva diz também que nas décadas 1970 e 1980, o Brasil procurou reforçar sua aproximação à África. Na primeira delas, precisamente em 1972 e 1973 enviou duas missões comerciais para vários países da África, possibilitando a assinatura de *acordos para exportação de bens, serviços e tecnologia* e a realização de *operações comerciais pontuais*, respectivamente. Neste processo, um país como a Nigéria se destacou. Ela trocava seu petróleo por produtos industrializados do Brasil, chegando a fazer deste, o país cujas compras na Nigéria ultrapassaram as da Inglaterra no intervalo 1985-1986 (Saraiva, 2012)⁶¹⁶.

Esta reaproximação nestas décadas (1970-1980) se verificou nas relações Brasil-Senegal, marcadas por visitas a ambos países de autoridades políticas. Pode-se dizer que elas seguiram vigentes e sem interrupção de 1961 a meados dos anos 1990. Em 1972, Mario Gibson Barbosa, o ministro brasileiro das Relações Exteriores, visitou o Senegal (MRE, 2022b). O estudo de Saraiva (2012) aponta que o Senegal foi um dos países africanos a receber a *comissão comercial* brasileira enviada ao continente em 1973⁶¹⁷. Em 04 de novembro de 1977, o novo edifício da Embaixada do Senegal, em Brasília, foi inaugurado pelo próprio Presidente Senghor, com a presença de seu homólogo brasileiro Ernesto Geisel (Scholl, 2018). Tal dinâmica indica uma disposição em reforçar as relações entre os dois países.

Foi nestas décadas 1970 e 1980, que ocorreu o terceiro momento de chegada de africanos no Brasil, caracterizado por chegadas de pessoas de territórios da Angola, Moçambique, Cabo Verde, em guerra de *descolonização* e libertação contra o invasor. Estas pessoas fugiam de suas terras para preservar suas vidas. Na década de 1990, mais africanos,

⁶¹⁶ Para Saraiva, esta aproximação comercial não se deu sem desafios, pois os países africanos mantinham *relações privilegiadas* com suas *ex-metrópoles*. “**Mercados cativos vinham da época colonial** e acordos preferenciais entre os produtores africanos e o Mercado Comum Europeu haviam sido assinados no período da emancipação” (SARAIVA, 2012, p. 48. Grifo nosso)

⁶¹⁷ Os demais países são: “Costa do Marfim, Gana, Togo, Daomé, Nigéria, Camarões, Zaire e Libéria, [todos visitados] em 33 dias” (Saraiva, 2012, p. 46. Grifo nosso).

vindo de Angola, República Democrática do Congo, Libéria e Serra Leoa, chegaram no Brasil em busca de refúgio (Estupiñán Serrano, 2012).

Voltando à relação Brasil-Senegal, nos anos 1980, *a rede diplomática senegalesa no mundo foi reduzida por motivos orçamentários* (Smith, 2015b, p. 54), Tal medida se prorrogou na década seguinte e, em 1995, foi fechada a Embaixada do Senegal em Brasília⁶¹⁸. Como indica a fala da Autoridade Diplomática Senegalesa nº 1, seu fechamento foi associado às consequências da implementação dos famosos *Programmes d’Ajustement Structurels* (PAS)⁶¹⁹ - que, como dito anteriormente, foram impostos ao Senegal desde a década de 1980⁶²⁰ - que levou o então Presidente da República Abdou Diouf a fechá-lo para cortar gastos. Nas

⁶¹⁸ Cf. MRE. *República do Senegal*. 03/11/2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/relacoes-bilaterais/todos-os-paises/república-do-senegal>> Acesso em 17/11/2022.

⁶¹⁹ O programa de estabilização “implicava a redução dos desequilíbrios que era preciso reduzir a níveis razoáveis – por exemplo no tocante à situação fiscal ou a relação entre importação e exportação” (MOYO, 2009, p. 53). No Plano de Ajuste Estrutural, a “política econômica dita de ajuste vai se apoiar na combinação de quatro instrumentos fundamentais que são: uma política monetária restritiva, uma política orçamentária austera, uma política de depreciação da taxa de câmbio e uma política de liberalização parcial ou total dos setores econômicos” (NOULA, 2000, p. 6. Tradução nossa). Foucher (2007) relaciona este Plano a um desmame.

⁶²⁰ O Senegal não sofreu sozinho, pois “A crise econômica afetou inúmeras economias africanas nos últimos vinte anos” (GUILMOTO e SANDRON, 2003, p. 73. Tradução nossa). É preciso acrescentar que um ano antes, em 1994, o Senegal, assim como os demais países que usam o F CFA, viu esta moeda colonial ser desvalorizada pela metade em atendimento a orientações que aparecem nos referidos PAS (Ver Sylla e Pigeaud (2021); Guilmo e Sandron (2003); Noula (2000)). O estudo de Sylla e Pigeaud (2021) mostra que o *sistema CFA* está a serviço dos interesses econômicos e políticos da França na África. Em suas palavras, entendem que ele “permite que a França mantenha o controle sobre a economia – e através dela, a política – de suas antigas colônias, quase sem gastar nada. Para os países usuários, o F CFA constitui, portanto, um grande obstáculo para o seu desenvolvimento” (SYLLA e PIGEAUD, 2021, p. 386. Tradução nossa). Estes autores acrescentam que diante da crise da dívida e da *indexação fixa à então moeda francesa* os países usuários do F CFA, impossibilitados a reagir a *choques econômicos*, eram obrigados a aplicar a “desvalorização interna”, que nada mais era que *a redução dos gastos públicos e do nível de vida das populações*. Na ótica de Brachet et al. (2011), esta desvalorização da moeda dos países da Zona CFA em janeiro de 1994 provocou, empobreceu todas as “classes médias” destes. Analisando o caso do Senegal, Noula (2000) entende que esta moeda está desconectada dos *circuitos produtivos internos*, o que levou a bloqueios duradouros do seu desenvolvimento. Para este último autor, o governo senegalês, em busca de soluções a problemas econômicos, implementou uma série de iniciativas - que não se restringiram à desvalorização da moeda - entre 1979 e 1995. Dentre elas, a primeira foi “um programa de urgência de estabilização a curto prazo (1979-1980), ao qual sucedeu o plano dito de recuperação econômica e financeira (1980-1985), o qual desembocará no *Programme d’Ajustement Structurel* (PAS) a médio e longo prazo (1985-92), enfim, mais recentemente, o plano de urgência econômica, comumente chamado ‘Plano Sakho-Loum’ (1993-95)” (NOULA, 2000, p. 5. Tradução nossa). No mesmo estudo, o autor enumera as dimensões envolvidas nesses programas, ao dizer que: “a política econômica dita de ajuste vai se apoiar na combinação de quatro instrumentos fundamentais que são: uma política monetária restritiva, uma política orçamentária austera, uma política de depreciação da taxa de câmbio e uma política de liberalização parcial ou total dos setores econômicos” (NOULA, 2000, p. 6. Grifo e tradução nossos). Foi na década (1990) que o Senegal acentua sua inclinação para uma liberalização da economia, *uma economia* [então] *em plena recessão*, Ainda assim, o crescimento econômico do Senegal era de 2% na década de 1960, caiu para 0,6% na década seguinte e ficou negativo (-0,4%) nos anos 1980 (Noula, 2000).

palavras dela: *Estávamos no âmbito dos planos de ajuste estruturais a nível do FMI, e era preciso cortar certo número de gastos, e, geralmente, começa-se pelos postos no exterior (...). Não tem nada a ver com nossas relações com o Brasil* (A.D.S nº 1. Entrevistada em 23/11/2018). Nota-se que 2 dos 4 estudantes que emigraram para o Brasil na década de 1990 (Cf. *Quadro 32*), deixaram o Senegal em 1996 e 1999, respectivamente.

O começo do Século XXI é marcado por uma re-dinamização das relações entre o Brasil e o Senegal, dentre outros países africanos. A reabertura da Embaixada do Senegal no Brasil ocorre em 2001, sendo motivada, segundo a Autoridade Diplomática Senegalesa nº 1, *pela vontade de reaproximação entre os dois países*⁶²¹ (Entrevistada em 23/11/2018). O Senegal tinha acabado de passar pela sua primeira alternância de partido no poder, depois de 40 anos de governos do *Parti Socialiste* (PS), com a eleição de Abdoulaye Wade, do *Parti Démocratique Sénégalais* (PDS), como presidente da República em 2000. O novo presidente restabeleceu as relações diplomáticas com o Brasil.

Considerando as visitas, encontros e reuniões entre autoridades dos dois países, além de realizações de comissões entre eles, no período de 2003 a 2019, percebe-se que suas relações têm se fortalecido. A título de exemplo podemos citar: a participação do Brasil da *Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora (CIAD)* em 2004, em *Dacar*; a visita do *Chanceler Cheikh Tidiane Gadio ao Brasil*, e a do *Presidente Luiz Inácio Lula da Silva* e de seu *Ministro de Relações Exteriores, Celso Amorim* a *Dacar*, em 2005; a reunião entre o *Presidente Luiz Inácio Lula da Silva* e o *Presidente Abdoulaye Wade em Salvador*, por ocasião da *II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora* em 2006; a visita do *Presidente Abdoulaye Wade* ao Brasil em 2007 e 2009; a visita do *Presidente Macky Sall ao Brasil para participar do Rio+20* e sua reunião com a *Presidente Dilma Rousseff* em 2012; visita a *Dakar* de 3 *Ministros brasileiros de Relações Exteriores*, respectivamente, em 2012, 2015 e 2019; a realização da *VIII Comissão Mista Brasil-Senegal em 2013*, sendo a *VIIª* realizada em 2010, e visita ao Brasil do *Ministro de Assuntos Estrangeiros e de Senegaleses do exterior Mankeur Ndiaye*⁶²².

⁶²¹ Esta reaproximação ocorreu entre o Brasil e outros países africanos. No fim da primeira década do século XXI, isto é, em 2011, “Brasília abriga 34 embaixadas ou missões permanentes de países africanos” (SARAIVA, 2012, p. 103). Como sustenta este autor, este número era alto quando comparado com número de embaixadas do mais velho continente em outros países da América que não os Estados Unidos da América.

⁶²² Cf. Anexo 1-C: Relações Brasil-Senegal. Acesso em 17/11/2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/relacoes-bilaterais/todos-os-paises/república-do-senegal>>

As relações políticas entre estes dois países ultrapassam a esfera diplomática, estendendo-se para a dimensão cultural, técnica e/ou científica. De acordo com Scholl, o Presidente Léopold Sédar Senghor afirma que a nação senegalesa foi, no contexto africano, “A primeira, sem dúvida, a receber em sua universidade um professor brasileiro, (...) a primeira, seguramente, que introduziu o português no ensino secundário e superior (...)” (SCHOLL, 2018, s/p). A proximidade cultural foi mobilizada e colocada no centro do discurso de Senghor durante sua visita ao Brasil em 1964. Ele mobilizou a “latinidade” como elemento de ligação entre o Brasil, Portugal, a *África francesa* e a *África portuguesa*, para tornar seu apelo convincente (Dávila, 2010; Scholl, 2018), primeiro no Brasil, e indiretamente, em Portugal.

Senghor buscou fortalecer suas relações com os países fronteiriços do Senegal promovendo o ensino de suas respectivas línguas oficiais no país que preside - o que o aproxima do Brasil, como ele mesmo sugeriu (Ver Scholl, 2018). O Senegal é um dos países africanos participantes do Programa Estudante-Convênio de Graduação (PEC-G)⁶²³ brasileiro. Atualmente o Programa envolve 109 instituições de ensino superior de todas as regiões do país, com destaque para o Sudeste, o Sul e o Nordeste com mais participantes⁶²⁴. Este Programa foi, por muito tempo, um canal por meio do qual jovens casankoolu em particular, e senegaleses em geral, lograram efetuar sua migração para o Brasil.

Os acordos internacionais para a formação de recursos humanos operam como uma das formas mais típicas de práticas de governo; através deles, países interessados em potencializar suas influências além-fronteiras financiam a formação de quadros em nível superior (Silva, 2011). Nesse contexto, aspira-se que tais quadros promovam e reconheçam o país no qual receberam sua educação, seja em seu território de origem ou em arenas internacionais (MORAIS, 2012, p. 18-19).

Entre 1964 e 1988, a participação de estudantes de países africanos, embora fosse de 4 estudantes no primeiro ano, era praticamente imperceptível no período, contrariamente à dos

⁶²³ “Criado em 1964, o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) oferece vagas de graduação em Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras a estudantes de países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordo de cooperação educacional, cultural ou científico-tecnológica.” (DCE, 2013, p. 4). O primeiro protocolo do Programa foi lançado em 1965. Ainda de acordo com a fonte, “O PEC-G é administrado pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE), por meio da Divisão de Temas Educacionais (DCE), e pelo Ministério da Educação (MEC), por meio da Secretaria de Ensino Superior (SESu), em parceria com as IES participantes do Programa” (DCE, 2013, p. 5).

⁶²⁴ Cf. MEC: Cursos e instituições. Disponível em <portal.mec.gov.br/pec-g/cursos-e-instituicoes> Acesso em 25/10/2022.

países da América Latina⁶²⁵. Entendemos que este programa é o protótipo da cooperação educacional, cultural e técnico-científica entre o Brasil e os países do chamado mundo em desenvolvimento. Trata-se de um instrumento institucional por meio do qual se efetua legalmente a migração para a formação de recursos humanos dos referidos países com os quais se estabeleceu parceria, que, na década 2003-2013 totalizou mais de 6.000 estudantes selecionados, suscetíveis de contribuir ao desenvolvimento socioeconômico do país de origem⁶²⁶ e cuja maioria é oriunda do continente africano⁶²⁷, com destaque para três países oficialmente lusófonos: Cabo Verde, Guiné-Bissau e Angola, sendo uma média geral anual de 400 ingressantes e de 200 formados (DCE, 2013, p. 5). Em 2021, este número de participantes passou para mais de 10.000, de acordo com o MRE⁶²⁸. Dados consultados permitem notar que entre 2010 e 2017 foram selecionados 26 Senegaleses⁶²⁹. A Autoridade Diplomática Senegalesa nº1 informa que o número de Senegaleses formados entre 2006 e 2018 foi de 44 pessoas (Entrevistada em 23/11/2018).

⁶²⁵ (Cf.: *Histórico* em MRE: Sobre o Programa. 17/03/2021). Disponível em: <<https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/cultura-e-educacao/temas-educacionais/programas-de-estudo-para-estrangeiros/pec-g/sobre>> Acesso em 15/07/2022.

⁶²⁶ De acordo com o Ministério da Educação, “são selecionadas preferencialmente pessoas inseridas em programas de desenvolvimento socioeconômico, acordados entre o Brasil e seus países de origem. Os acordos determinam a adoção pelo aluno do compromisso de regressar ao seu país e contribuir com a área na qual se graduou” (MEC: PEC-G, apresentação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pec-g/apresentacao>).

⁶²⁷ Participam do PEC-G 69 países: África: 29 (vinte e nove); América Latina e Caribe: 25 (vinte e cinco); Ásia: 9 (nove); Europa: 6 (seis). (Cf.: MRE: Sobre o Programa. 17/03/2021). Disponível em: <<https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/cultura-e-educacao/temas-educacionais/programas-de-estudo-para-estrangeiros/pec-g/sobre>> Acesso em 15/07/2022.

⁶²⁸ Cf.: MRE: Sobre o Programa. 17/03/2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/cultura-e-educacao/temas-educacionais/programas-de-estudo-para-estrangeiros/pec-g/sobre>> Acesso em 15/07/2022.

⁶²⁹ Identificamos, em algum caso, o aparecimento do mesmo nome e curso em anos diferentes (2012 e 2013), o que indica que haveria candidato selecionado que voltou a participar do processo por não ter viajado ao Brasil na primeira seleção.

Quadro 31 - Senegaleses selecionados pelo PEC-G: 2010-2017 e 2021-2023

Ano	Número
2010	0
2011	1
2012	1
2013	4
2014	1
2015	6
2016	3
2017*	10
2021	3
2022	1
2023	6

Fonte: Elaboração nossa a partir de dados do MEC e MRE.

*Para 2017, os resultados são preliminares, não definitivos como nos demais anos. Até 2017, os dados são do MEC⁶³⁰. A fonte dos de 2021 a 2023 é o MRE⁶³¹.

O PEC-G entende seu público como estudantes em migração temporária, na medida em que, são portadores de um *visto temporário de estudante*⁶³² e devem retornar a seus respectivos países desde os quais se candidataram. Esta provisoriedade aparece nos deveres: de prorrogação anual do visto de estudantes: o VITEM VI, *junto à Polícia Federal, antes de trinta dias do seu vencimento*; de *regressar imediatamente ao país de origem* ao concluir o curso, reprovar no exame CELPE-Bras⁶³³, ser desligado da IES; de receber pessoalmente os documentos acadêmicos, que atestam a conclusão do curso, na Missão Diplomática brasileira em que o estudante concluinte se candidatou ao PEC-G (DCE, 2013).

Analisadas a longo prazo, vê-se que as relações bilaterais Brasil-Senegal são marcadas notadamente pelas dimensões cultural, comercial e técnica, todas facilitadas pelos âmbitos diplomático e político. Em maio de 2003 foi organizado o *Fórum Brasil-África: Política, Cooperação e Comércio* (SARAIVA, 2012, p. 103). *A política, a cooperação e o comércio*

⁶³⁰ Cf. <portal.mec.gov.br/pec-g/ultimos-resultados>

⁶³¹ Cf. <<https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/cultura-e-educacao/temas-educacionais>>

⁶³² Ver DECRETO Nº 7.948, DE 12 DE MARÇO DE 2013.

⁶³³ O Celpe-Bras: “Certificado brasileiro oficial de Proficiência em português como língua estrangeira” é exame brasileiro oficial para certificar a proficiência em português como língua estrangeira, que é aplicado semestralmente no Brasil e no exterior pelo Inep, com a apoio do Ministério da Educação (MEC) e em parceria com o Ministério de Relações Exteriores” (Cf. <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/celpe-bras>). Para os alunos selecionados pelo PEC-G, só é permitido fazer este exame uma única vez. A reprovação acarreta o desligamento do Programa, devendo o interessado retornar ao país de origem (ver: MEC: Últimos resultados. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12283:ultimos-resultados&catid=253:pec-g>. Acesso em 20/11/2022.

entre o Brasil e o Senegal foram desde então reforçados. A A.D.S. nº 1 afirma que em 2007, um acordo de cooperação técnica foi assinado entre os dois países, levando à abertura de uma missão diplomática militar em 2010. Em suas palavras, disse:

Fora a agricultura e a pecuária, temos [com o Brasil] a cooperação também no âmbito militar: a formação. Temos vários oficiais e suboficiais das forças armadas senegalesas que estão aqui no âmbito da formação, da especialização, porque assinamos um acordo em 2007, e depois uma missão diplomática foi aberta em 2010, desde então, há um fortalecimento das relações. (A.D.S. nº 1. Entrevistada em 23/11/2023).

Trata-se do Acordo de Cooperação em Matéria de Defesa entre os dois países. A ele estão relacionadas questões como a *aquisição de produtos e serviços de defesa e a oferta de capacitação de militares senegaleses em escolas de formação no Brasil*⁶³⁴. Ela acrescenta que

Hoje [2018]) o aspecto da cooperação [técnica] mais importante está na agricultura. O mais importante programa bilateral entre o Brasil e o Senegal é um programa de aquisição de material agrícola no Brasil. [...] Tivemos, por exemplo, no começo deste ano 2018, uma missão do Ministério da Agricultura que veio especialmente para identificar o tipo de material de que precisamos [...] todo mundo concorda, o Brasil é uma referência no âmbito agrícola. É um país que consegue se alimentar a partir de sua própria produção. Nós ainda estamos num momento em que importamos muitas coisas de outros países, portanto temos muito a aprender com eles para ver como fazem com o próprio sistema, e, considerando as características mais ou menos idênticas entre o clima de grande parte do Brasil e o clima de casa [*chez nous*], o tipo de solo aqui e lá, então há características idênticas que nos permitem trabalhar juntos nos mesmos projetos (A.D.S nº 1. Entrevistada em 23/11/2018. Tradução nossa).

Em 2009, o Brasil - também engajado na diplomacia em saúde - e o Senegal assinam um Acordo de Cooperação Técnica nesse âmbito, e mais precisamente na capacitação de profissionais em Doença Falciforme (TILLMANN, 2021). A respeito desta forma de relações bilaterais, o MRE fala que

A cooperação técnica tem sido um dos eixos centrais no relacionamento bilateral. Brasil e Senegal têm parcerias em projetos que abrangem áreas como horticultura, pecuária leiteira, produção de arroz, cultivo da mandioca, agricultura familiar, biocombustíveis e combate à anemia falciforme (MRE, 2022a)⁶³⁵

⁶³⁴ “Adido militar é o cargo exercido por um oficial das Forças Armadas acreditado junto a uma representação diplomática. Ele atua em estreita ligação com as autoridades militares locais, com diversas atribuições, tais como prestar informações ao Estado-Maior da Força representada e dirigir as comissões militares que lhe forem diretamente subordinadas, entre outras” (Ver PortalBIDS, 2022. Disponível em: <<https://portalbids.com.br/>>. Acesso em 18/08/2022).

⁶³⁵ Cf. MRE. *República do Senegal* 03/11/2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/relacoes-bilaterais/todos-os-paises/república-do-senegal>> Acesso em 17/11/2022.

Estas cooperações cultural, comercial e técnica são enxergadas pelos Senegaleses em geral, e casankoolu em particular como oportunas e desejáveis, principalmente no tocante à agricultura, saúde e educação, por conta da proximidade sociais, culturais e climáticos⁶³⁶.

5.3 - IMIGRAÇÃO DE CASANKOOLU NO BRASIL

Com base no conjunto dos dados obtidos, sabe-se que a imigração de casankoolu no Brasil deve ser analisada considerando vários fatores. Dentre eles, a situação socioeconômica dos envolvidos na origem, a existência de redes sociais envolvidas e de tecnologias da comunicação, de dificuldades de emigração para países da Europa ou da América do Norte desde a origem, a importância econômica do país na América do Sul, seu caráter menos burocrático, sua relativa semelhança climática, a expectativa de (mais) profissionalização por meio de acordos de cooperação para a formação universitária ou militar entre o Brasil e o Senegal, e a esperança de regularizar sua situação migratória em algum tempo e de trabalhar ganhando bem ou mais, no que tange àqueles que entraram seja com visto de turismo ou de forma irregular no país em busca de trabalho⁶³⁷.

5.3.1 - Imigração acadêmica: dos estudos à residência de casankoolu no Brasil

Tirando o âmbito diplomático, os casankoolu vieram essencialmente para o Brasil em busca de formação e isto, desde o começo da década de 1980. Além da observação participativa, as entrevistas com este público no Brasil - ou retornados para o Senegal - indicam que o estudo ocupou e segue ocupando um lugar central na presença de casankoolu no Brasil. Considerado hoje como veterano, o advogado Coly⁶³⁸, originário do Departamento de Bignona em Ziguinchor, veio se formar no Brasil com a ajuda de seu irmão, então diplomata no país, fora de qualquer acordo. Entretanto, excetuando o entrevistado Wanjak Balde, que veio se formar no Brasil no âmbito da cortesia diplomática, todos os demais entrevistados, cujo motivo oficial de vinda ao Brasil é a formação universitária, vieram no âmbito do referido PEC-G. O predomínio da migração para fins de qualificação nas

⁶³⁶ Tais argumentos aparecem em vários entrevistados nossos e nas de Tillmann (2021).

⁶³⁷ No Brasil, com a adoção da Lei 13.445 de 24 de maio de 2017, o país aproximou mais a migração aos Direitos Humanos que às questões de segurança nacional.

⁶³⁸ Embora encontrado algumas vezes, não conseguimos entrevistá-lo apesar de várias tentativas. Entretanto, seu irmão nos concedeu uma entrevista e conseguimos ter informações a respeito dele.

universidades brasileiras até a primeira década do século XXI se traduz nas palavras de Aladaany Tamba ao dizer que, vindo para o Brasil, seu objetivo era somente os estudos, e:

Todos os Senegaleses que conhecia à época vinham para cá por meio do programa PEC-G: [que], é o protocolo que foi assinado [...] Na época, os francófonos, os Senegaleses que estavam aqui eram todos estudantes, não é como hoje. (Entrevistado em 28/11/2021)⁶³⁹.

Os entrevistados cujo motivo declarado da imigração são os estudos constituíram a metade do total das entrevistas efetuadas no Brasil. Todos são homens⁶⁴⁰. Obviamente, entraram legalmente no país com visto de estudante ou de cortesia e a maioria deles já havia iniciado algum curso superior na UCAD em Dakar antes de sua migração para o país sul americano. No geral, ao chegar no Brasil, estes estudantes *ressortissants* da Casamansa mantiveram, por anos, seu vínculo com este país, matriculando-se nas Instituições de Ensino Superior (IES) públicas ou privadas, que aderiram ao programa brasileiro PEC-G. Para estas pessoas, o conhecimento do Brasil se deu pela formação e pela vivência no país ao longo dos anos.

A migração de casankoolu desde o Senegal para estudar no Brasil foi possibilitada por antecedentes ainda vigentes que são as relações diplomáticas e culturais entre os dois países. Embora muito menos procurado que os destinos “tradicionais” e ricos do Norte global como por exemplo a França ou Bélgica, menos ricos como Itália, Espanha e Portugal, o Brasil é visto como uma oportunidade, uma alternativa interessante para os envolvidos, na medida em que o país oferece a formação almejada, pública e gratuita - nem sempre disponível no Senegal ou de melhor qualidade aqui - e é menos burocrático quando comparado aos países europeus, notadamente de línguas “latinos” ou os Estados Unidos, e constitui, ademais, uma alternativa ao vínculo com a “potência colonial”. É o que testemunham as falas dos interlocutores Aladaany Tamba e Enhab Dramé.

1. Claro que se eu pudesse, se eu tivesse condições teria ido para os Estados Unidos, mas a primeira oportunidade [concreta] que apareceu é o Brasil. 2. Nunca tentei ir para França ou Bélgica ou outro país europeu (Aladaany Tamba. Entrevistado em 28/11/2021).

⁶³⁹ Como estudante do referido Programa, ao chegar no Brasil em 2002 para realizar estudos em sociologia a partir de 2003, conheci estudantes ativos ou ex-estudantes PEC-G no Rio de Janeiro e em Brasília. Posteriormente conheci pessoal ou virtualmente outros ex-estudantes que residiam em Brasília, Minas Gerais, Manaus, Porto Alegre, Santa Catarina, São Paulo e Pernambuco. De todos, apenas uma mulher, o que significa que a maioria absoluta era constituída por homens oriundos de alguma região de Casamansa.

⁶⁴⁰ Conhecemos poucas mulheres da Casamansa que estudaram no Brasil: uma que se graduou e fez mestrado em Relações Internacionais, hoje residente em Angola, e outra que se graduou em engenharia de energias renováveis, mas que hoje reside no Canadá.

Dramé fala que, ao contrário do que pensavam os franceses, então colegas de trabalho social que faziam, que *achavam que todo senegales queria ir para a França, eu não queria sequer um pouco ir para a França*. Seus eventuais destinos eram a Alemanha, Brasil e Estados Unidos. Seguem suas palavras a respeito:

No começo, eu tinha três opções. Queria ir para a Alemanha, e acho que era minha escolha, mas temia o idioma, e o Brasil. Eu queria vir para o Brasil por influência de um professor de história e geografia (...). Ele nos mostrou que estudar no Brasil - bom, ele se formou na URSS, (...). Era alguém que tinha uma visão um pouco antiocidental - que um engenheiro agrônomo formado no Brasil era mais útil para a África do que um engenheiro formado na Europa, na França. Ele gostava e falava muito do Brasil. Acho que aquilo me influenciou muito. (...) E assim que eu quis sair, e você sabe que quando se tem vontade de sair, bate-se em todas as portas, um mais velho, da mesma etnia, que trabalhava para ONGs, me prometeu uma possibilidade de bolsa de estudos para os Estados Unidos da América. (...) Todas as recomendações recebidas posteriormente foram feitas a partir do momento em que as pessoas ficaram sabendo que eu queria ir para o Brasil. [DIEME: Propuseram-lhe a Alemanha ?] Enhab DRAMÉ: Propuseram-me os Estados-Unidos, mas acho que vim antes porque recebi a resposta do Brasil antes que aparecesse uma possibilidade de bolsa nos Estados-Unidos (Enhab DRAMÉ. Entrevistado em 27/11/2021).

O projeto migratório, dizem Guilhoto e Sandron (2003), é para o próprio interessado “raramente preciso e notadamente no que refere à duração da migração” (GUILMOTO e SANDRON, 2003, p. 89. Tradução nossa). As frustrações ligadas ao racismo ou à falta de oportunidades econômicas levaram alguns a deixar o Brasil nos primeiros momentos de sua residência no país e vão notadamente para a França. Em 2001, dois alunos originários da Casamansa estavam na lista dos aprovados no Celpe-Bras da UFF antes de serem informados que na verdade haviam reprovado no exame de proficiência em língua portuguesa. A propósito, Enhab Dramé diz:

Badiane e eu, aliás, viemos juntos, no mesmo voo e [fizemos o curso de português] na mesma universidade. Fizemos o exame, o CELPE-Bras, fomos aprovados, nossos nomes foram publicados na Universidade Federal Fluminense, e depois inclusive recebi o documento necessário para efetuar minha matrícula. Depois me informaram que não tinha sido aprovado, que foi um erro. Aliás, o embaixador [...] nos ajudou muito. Mas, enfim, aquilo nos fez perder um ano. Fomos obrigados a refazer o [curso de] português por motivos tipicamente raciais (Enhab DRAMÉ. Entrevistado em 27/11/2021).

O referido Badiane deixou o Brasil naquele ano. Deve-se mencionar as ameaças de morte a estudantes “estrangeiros” negro-africanos na UnB seguidas do atentado a suas vidas, com o incendio criminoso e racista na madrugada de 28 de março de 2007 de dois apartamentos que ocupavam na Casa do Estudante Universitária (CEU)⁶⁴¹. Testemunhei um caso excepcional que ocorreu em 2003. Um casankoolu que chegou no Brasil nesse ano desistiu do PEC-G ao ser admitido numa universidade francesa. Ao aterrissar na França, seguiu diretamente para Espanha onde reside e trabalha até hoje. Sua única intenção era

⁶⁴¹ Ver Sousa (2007).

trabalhar. Os dois exemplos de reemigração a curto prazo são raríssimos. Após a graduação, parte dos estudantes originários da Casamansa permaneceram no Brasil para fazer mestrado e/ou doutorado, embora inicialmente sua intenção e compromisso fossem retornar ao Senegal após a formação.

Em conformidade com o compromisso do retorno, alguns tentaram retornar, e perceberam que sua inserção laboral seria desafiadora na origem, pois depende muitas vezes do alcance de sua rede social local, logo julgaram melhor voltar para o Brasil. Foi o caso do interlocutor Dramé.

Eu esperava uma formação rápida, uma possibilidade de retorno e de oportunidade no Senegal. Inclusive após o mestrado, ainda pensava em poder retornar para o Senegal. Aliás, fui para lá em 2017 e passei por vários ministérios em Dakar para ver quais eram as possibilidades reais de emprego, mas é realmente difícil para quem retorna do Brasil, porque as pessoas acham que... Se você tem um diploma francês, você é melhor recebido que aquele que tem um diploma brasileiro. Foi depois que decidi voltar e fazer o doutorado (Enhab DRAMÉ. Entrevistado em 27/11/2021).

Os interessados podem ser persuadidos a continuar seus estudos. Algo em que, com base no que observamos, muitos já pensavam, considerando o número de doutores originários de Casamansa⁶⁴². Isto é, a não retornar apenas como graduados, até porque o Programa PEC-G falava então de contribuição na formação de quadros dos países que a eles aderiram.

Um dos meus professores que era juiz no tribunal me perguntou o que eu iria fazer depois da graduação. Eu lhe disse que retorno para casa. Ele me falou Yancoba, "Passei pelo seu país [...]. Então o que eu lhe proponho é que faça o mestrado antes de regressar, porque assim você será mais útil para seu país" (Yancoba Faty. Entrevistado em 26/11/2021)⁶⁴³.

No Brasil, a mudança do visto de estudante para o visto permanente se operou de diversas formas: aprovação em concurso público, casamento com brasileira, filho no Brasil, regularização com base em decreto. Aliás, nenhum casankoolu desta categoria mantinha vínculos com o Programa de Estudante-Convênio quando entrevistado, tendo a maioria deles vindo antes de 2002. O desligamento do PEC-G se deu com a conclusão do curso de graduação ou, de forma precoce, com a reprovação no CELPE-Bras. O novo status migratório permite a entrada oficial no mercado de trabalho a aqueles cujo motivo oficial de migração era a formação universitária. É preciso assinalar que o Estatuto do Estrangeiro proibia o exercício de trabalhos assalariados aos estudantes PEC-G. Porém, a necessidade de exercer parcialmente atividades remuneradas era parte da vida de alguns destes estudantes. O estágio remunerado era outra forma de conseguir recursos para se manter no Brasil.

⁶⁴² Poucos fariam doutorado apenas na base de persuasão alheia.

⁶⁴³ Voltaremos sobre o retorno.

É, portanto, posteriormente que entraram oficialmente no mercado de trabalho, sem que isso inviabilize, em determinados casos, uma volta posterior à universidade, como é o caso de um dos nossos interlocutores. Depois de anos fora da universidade, Ati Fofana (Entrevistado em 20/01/2020) retornou a ela sem sair do mercado de trabalho. O entrevistado Yoro Badiane, empregado numa indústria, deixou claro que está buscando a oportunidade de voltar a estudar, para assim obter seu doutorado em uma área de bastante difícil acesso devido à pouca oferta do curso e de vagas no país (Entrevistado em 28/11/2021). Todos aqueles que concluíram a graduação fizeram pelo menos o mestrado e trabalham. Em um dos casos, a transição dos estudos ao trabalho ocorreu de forma precoce por causa da reprovação no referido CELPE-Bras. O contrário não foi identificado. Nenhum dos *imigrantes econômicos* parou de trabalhar para estudar, embora fosse manifestado o interesse de efetuar paralelamente uma formação sem parar de trabalhar.

5.3.2 - Imigração laboral de casankoolu no Brasil

Migrar como “representante”⁶⁴⁴ de uma família casankoolu para trabalhar no Brasil era mais raro até a década de 2000. Em 2002, conheci pessoalmente apenas uma mulher que veio no ano anterior para trabalhar como governanta na residência do Embaixador. A vinda de originários da Casamansa em busca de trabalho no país era algo raríssimo, mas sofreu um aumento no decorrer da década de 2010. Ao desenvolver esta pesquisa, identificamos mais quatro *ziguinchorois*, e a A.D.S, totalizando 6 pessoas, para as quais o trabalho é o principal motivo de estar no Brasil. O que representa a metade do total dos entrevistados no Brasil, sendo 3 homens e 3 mulheres. Todos estavam trabalhando formalmente no Brasil, e já trabalhavam na Casamansa, em Dakar ou no exterior antes de vir para cá⁶⁴⁵. Neste sentido, a expectativa de diferença salarial ou a garantia de recrutamento, muito mais que o desemprego na região de origem ou de partida, ajudam a entender a presença destes trabalhadores no país. A intenção de seguir trabalhando após a imigração antecedeu o deslocamento físico para cá.

Eu falei que vou para o Brasil, mas que vou trabalhar. Eu queria trabalhar, para estar ajudando as minhas irmãs, tal como meus irmãos as ajudam. Foi essa a minha intenção desde o início (Souleye Badiane. Entrevistado em 26/06/2022).

⁶⁴⁴ É possível não se dar imediatamente conta deste papel apesar das redes familiares que possam ter sido mobilizadas no começo do processo migratório.

⁶⁴⁵ Somente um que trabalhava na Casamansa veio realizar estudos aqui.

Minha intenção era o trabalho, o trabalho, porque eu vi, os estudos... Bom, em algum momento [no Brasil] decidi fazer um curso, mas, depois vi que não ia dar certo (Moussa Ba. Entrevistado em 05/09/2021)⁶⁴⁶.

Neste caso, embora não seja o destino dos sonhos, o Brasil é uma alternativa interessante, por ser a melhor das que se apresentaram concretamente para três dos cinco “migrantes econômicos”, dois homens (Souleye Badiane e Assampul Camara) e uma mulher (Aroko Ly), e um destino interessante, porém tido como provisório para os demais dois (Moussa Ba e Ankene Diaw). No seu conjunto, os que vieram por motivo laboral não deixaram o Senegal por falta de trabalho, mas sim para poder ganhar mais e, em determinados casos, para poder se distanciar da pressão dos familiares e assim aumentar as possibilidades de realizar os principais projetos pessoais e familiares. Aquela que veio do Canadá migrou para o Brasil para não ficar irregularmente no país nórdico, porque não logrou ir para os Estados Unidos e porque no Brasil já tinha trabalho assegurado como governanta da embaixada do Senegal em Brasília. A “realização de si”, para retomar as palavras de Mbodji (2008), mais que a busca por trabalho, foi mais determinante para a imigração de um entrevistado⁶⁴⁷ para a Argentina, passando pelo Brasil. É posteriormente que este país de trânsito se tornou um novo destino para ele, tendo considerado o peso da moeda e a aquisição de documentos brasileiros como fatores cruciais.

Três dos cinco “migrantes econômicos” entraram no Brasil portando um visto de turismo e com a intenção de residir no país. Eles permaneceram além do tempo regulamentar do visto sem, no entanto, entrar na irregularidade migratória. Este tipo de visto não dá acesso ao mercado formal de trabalho brasileiro. Portanto, antes de trabalhar, ou solicitaram a residência antes do vencimento do seu visto, como afirma ter feito o entrevistado Souleye Badiane, ou solicitaram refúgio, para ter acesso a documentos provisórios que permitam residir e trabalhar oficialmente no país, além de abrir conta em banco.

⁶⁴⁶ Moussa Ba explica que procurou um curso, dizendo: “Aliás, fui visitar uma escola de mecânica, mais ou menos perto de onde moro, para poder fazer uma formação profissional e poder ter meu diploma, porque aqui, uma vez no Senegal, é possível trabalhar, mas sem ele, é zero. E também pensei em fazer uma formação em energia solar. Hoje em dia, a eletrificação no Senegal está dominada por este setor no campo. Pode ser contratado pela Senelec ou empresas que trabalham no ramo. Mas tudo depende de dinheiro, e por isso não fiz ainda outra formação” (Moussa Ba. Entrevistado em 05/09/2021).

⁶⁴⁷ O entrevistado em questão (2021) chegou ao Brasil com visto de turismo, seguiu imediatamente para Argentina, onde entrou de forma irregular com ajuda de coitotes. Anos depois, voltou irregularmente para o Brasil, solicitando residência e hoje está há mais de dez anos no país.

Neste *grupo* de “migrantes econômicos”, dois interlocutores se referiram a alguma formação de curta duração no âmbito de seus respectivos empregos. Globalmente, seu nível de instrução varia do ensino primário ao segundo grau completo.

5.3.3 - Perfil, condições sócio-laboral e redes em situação de imigração no Brasil

Nesta parte, são apresentadas algumas características sociais dos casankoolu após pelo menos um ano sua instalação no Brasil.

5.3.3.1 - Quem são, o que fazem e em que condições?

Dos onze (11) casankoolu entrevistados no Brasil, nove (9) são homens e duas (2) são mulheres. Sete (7) deste total são casados e quatro (4) são solteiros. Ao imigrar no Brasil, os onze (11) *ressortissants* da Casamansa tinham em média 30 anos de idade, sendo 29 para homens e 34 para mulheres. Em 2020, a média de idade geral era de 47 anos, sendo de 45 para homens e 46,5 para mulheres. Estas pessoas se instalaram no Brasil entre 1990 e 2018. Uma (1) veio do Canadá onde trabalhou durante quase um ano e outra da Argentina, após quatro anos de trabalho. Neste sentido, países de destino se tornaram países de trânsito. A Argentina e o Canadá se tornaram *destino de trânsito*⁶⁴⁸ para dois casankoolu no Brasil. As demais nove (9) vieram diretamente do Senegal para o Brasil. Vale notar que todos eles têm parentes no exterior: seja na África, na Europa e/ou na América.

É preciso dizer que para quatro (4) das pessoas que vieram se instalar no Brasil na década 1990-1999, o motivo da vinda foi os estudos. Entre as duas (2) que vieram ao Brasil entre 2000 e 2009, uma (1) imigrou para estudar e a outra para trabalhar. Já no intervalo 2010-2018, apenas uma casankoolu migrou para se formar no Brasil, quando a vinda das demais foi motivada pelo trabalho. Na data da entrevista, duas (2) pessoas tinham visto de residência temporária, cinco (5) de residência permanente, quatro (4) naturalizadas brasileiras. Em termos de moradia, quatro (4) são proprietários de sua residência, dois (2) são locatários *en solo*, três (3) dividem aluguel com outros senegaleses ou gambianos e as duas mulheres têm a casa cedida pelo empregador.

⁶⁴⁸ Entende-se por *destino de trânsito*, o país em que se foi morar sem intenção de seguir para qualquer outro, mas que, após algum tempo de residência, se torna ponto de partida para outro, sem que antes o migrante tenha retornado para morar no seu país de partida inicial.

Quadro 32 - Perfil sócio-laboral dos casankoolu no Brasil.

Aspectos considerados dos entrevistados		DEPARTAMENTO DE ORIGEM DA REGIÃO DE ZIGUINCHOR			
		BGN	OUSS	ZIG.	Total
Estado civil	Casados	4	3	-	7
	Solteiras	1	1	-	2
	Solteiros	1	1	-	2
	Divorciados	-	-	-	-
	Total	6	5	-	11
Tem parentes no exterior ?	Sim	6	5	-	11
	Não	-	-	-	-
Década de migração	1990-1999	2	2	-	4
	2000-2009	1	1	-	2
	2010-2018	3	2	-	5
	Total	6	5	-	11
Média de idade, segundo o sexo, no ano de imigração	Homens	30,6	26,7	-	28,8
	Mulheres	37	31	-	34
	Média	31,6	27,6	-	29,8
Média de idade dos entrevistados, segundo o sexo - 2020	Homens	45	45	-	45
	Mulheres	56	37	-	46,5
	Média	46,8	43,4	-	47,2
Migraram diretamente do Senegal	Sim	4	5	-	9
	Não	2	-	-	2
	Total	6	5	-	11
Situação migratória na data da entrevista	Irregular	-	-	-	-
	Temporário	1	-	-	1
	Permanente	3	3	-	6
	Naturalizado	2	2	-	4
	Total	6	5	-	11
Nível de instrução na data da entrevista ⁶⁴⁹	Maior	DR	Pós-DR	-	-
	Menor	N.A	Alf	-	-
Principal ramo de atividade no país de residência na data da entrevista	Docência no ensino superior	2	2	-	4
	Indústria de carne ou peixe	1	2	-	3
	Indústria automobilística	1	1	-	2
	Trabalho doméstico	1	-	-	1
	Segurança	1	-	-	1
Trabalha legalmente no país de residência?	Sim	6	5	-	11
	Não	-	-	-	-
Situação de moradia	Proprietário	2	2	-	4
	Locatário	1	1	-	2
	Co-locatário	2	1	-	3
	Moradia cedida	1	1	-	2

Fonte: Elaboração do autor

Alf. = Alfabetização; N.A = Nono Ano; GR-Pro = Graduação Profissionalizante; GR = Graduado; ME = Mestrado; DR = Doutorado; Pós-DR = Pós-Doutorado

Todos os originários da Casamansa, em situação de imigração no país continental sul-americano, estavam trabalhando formalmente na respectiva data da entrevista e no período em que foi mantido o contato respectivamente com cada um deles. Antes da data da entrevistada, três (3) homens haviam exercido, como primeiro emprego, trabalhos de ajudante

⁶⁴⁹ Os níveis são: alfabetização, nono ano, segundo grau concluído, doutorando, doutor e pós-doutor.

pedreiro, ajudante de cozinheiro. Apenas um mudou posteriormente de emprego saindo da indústria automobilística para a indústria de carne e outra deixou o Brasil há um ano, re-emigrando para Portugal onde realiza o mesmo tipo de trabalho que no Brasil. O quadro e o gráfico a seguir retratam a repartição de homens e mulheres em ramos de atividades: indústria de carne, indústria automobilística, segurança privada, docência universitária, venda e indústria de peixe.

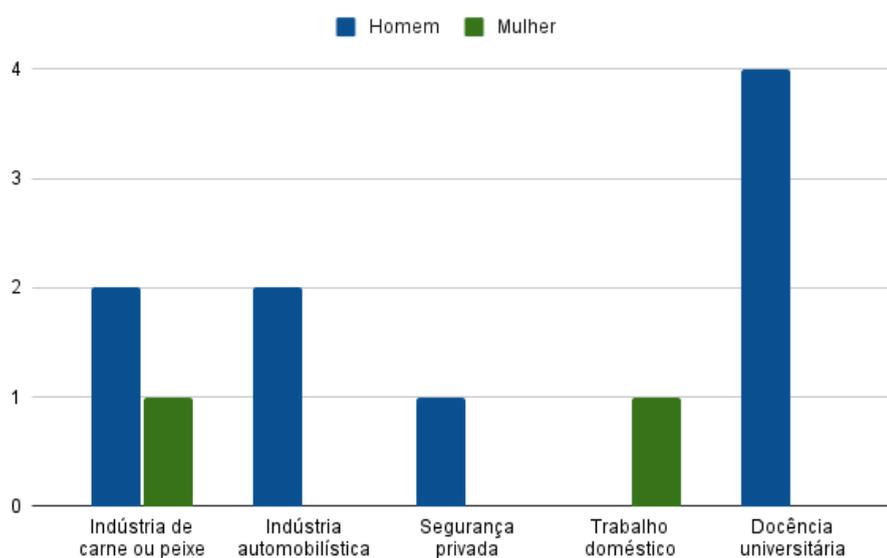
Quadro 33 - Ramo de atividade principal dos casankoolu no Brasil, segundo sexo

Atividade	Número	
	Homem	Mulher
Indústria de carne ou peixe	2	1*
Indústria automobilística	2	-
Segurança privada	1	
Trabalho doméstico	-	1
Docência universitária	4	-
Total	9	2

Fonte: Elaboração do autor

* Exerce simultaneamente comércio ambulante

Gráfico 20 - Ramo de atividade principal dos casankoolu no Brasil, segundo sexo



Fonte: Elaboração do autor

De forma geral, podem ser colocados em duas categorias apontadas pela literatura: a dos altamente qualificados, com níveis de instrução superior ou igual ao mestrado, todos formados no Brasil, atuando no setor primário do mercado de trabalho, com salários altos e estabilidade, muito trabalho, em boas condições laborais, e os pouco qualificados, com níveis

de instrução entre alfabetização e o superior incompleto, sem nenhum diploma obtido no Brasil, atuando no setor secundário do mercado laboral, com salários modestos, muito trabalho, em difíceis condições laborais.

No tocante à primeira categoria, quando perguntados sobre as vantagens que tiveram na sua experiência migratória no Brasil, alguns dos seus componentes mencionam a gratuidade do ensino e sua qualidade, a possibilidade de obter bolsa de estudos e de realizar estágios.

Yancoba Faty diz: *Tive a sorte de conseguir estágio no Ministério Público do Estado, no qual tive a consideração dos procuradores com os quais trabalhou. Eles foram muito legais comigo* (Entrevistado em 26/11/2021).

Os componentes deste grupo não estão isentos de desafios. Quase todos os casankoolu altamente qualificados atuando na docência universitária, na diplomacia ou em cargos altos de indústrias foram confrontados, em alguns momentos, sabendo que pode ocorrer a qualquer momento, a uma questão: o racismo em instituições públicas ou particulares em que atuam, mas também nas suas interações com cidadãos comuns ou representantes da nação. Apesar da sorte que teve, referida acima, indagado sobre desafios no Brasil, Faty destaca que:

Não se pode perder de vista que o Sul do Brasil é muito racista (...). Na vida há sempre desafios. O racismo brasileiro não é velado. Ele lhe é ora jogado na cara, ora mascarado. Durante uma audiência sobre o caso de uma mulher negra que teria sido engravidada por um homem branco que não reconheceu a paternidade, a procuradora me perguntou se aceito a criança. Por que ela me perguntou se aceito a criança? Porque achou que eu era o acusado. Por que achou que eu o fosse? Porque sou negro. Logo, é racismo na cara (Yancoba Faty. Entrevistado em 26/11/2021).

A Autoridade Diplomática Senegalesa nº 2 (A.D.S nº 2), afirma ter identificado o racismo desvelado já no aeroporto quando chegou ao Brasil. Ao verificar se não era sua mala que estava sendo retirada por um passageiro de cor branca, que tinha uma parecida, este teria demonstrado que aquela mala não era para qualquer um. Ademais, a A.D.S nº 2 relata que o senso comum brasileiro resume a África a: “*um país onde há à fome, guerra e miséria, e até sua empregada doméstica acredita ser mais culta que você [diplomata]*”. Outro caso foi a preferência de um empresário pelo fosfato de um país magrebino por conta da suposta “proximidade geográfica”, embora o *do Senegal e do Togo sejam mais ricos e propostos a preços mais competitivos*⁶⁵⁰. Sabe-se, com base em Saraiva (2012), referido anteriormente, que não se trata de um caso isolado.

⁶⁵⁰ Entrevistada em 23/08/2022

Após aprovação em concurso público para professor universitário, o pessoal de Recursos Humanos da universidade dificultou o processo de tomada de posse em dois momentos: 1) Recorrendo ao correio para encaminhar um pedido de visto ao Ministério da Justiça, quando este poderia ser encaminhado eletronicamente; 2) Alegando que a responsável pela posse estava ausente, quando a mesma se encontrava em seu escritório⁶⁵¹. Se não fosse o apoio e orientação de outro casankoolu, que já era docente universitário e previu algo parecido, o risco de perder o prazo seria ainda maior. Após a posse, no começo, “a Segurança sempre me barrava”. Estas afirmações são de Enhab Dramé (Entrevistado em 27/11/2021). *O professor [universitário] negro*, disse Alain Kaly, *é o único a quem não é tolerado errar e não saber*⁶⁵². Quando perguntado sobre quais os desafios enfrentados no exercício da docência enquanto estrangeiro, o professor universitário Wanjak Balde responde o seguinte: “*o desafio não é ser [professor] estrangeiro. O desafio é ser [professor] negro e estrangeiro. Vão sempre duvidar de sua capacidade, e você precisa sempre fazer mais para se afirmar*” (Entrevistado em 28/11/2021). Naturalizado ou não, espera-se do originário da Casamansa atuante no setor primário do mercado laboral, um profissional extraordinário como justificativa de sua aceitação na categoria. Os exemplos de práticas racistas são múltiplos.

Esta categoria de pessoas altamente qualificadas é constituída por aqueles que eram estudantes negros em universidades em que experienciaram muitas vezes logo no começo de sua formação esta mesma perversidade. *Acho que minha maior decepção no Brasil, num primeiro momento, foi me deparar com o racismo*, diz Enhab Dramé (Entrevistado em 27/11/2021). Eram muitas vezes confrontados ao racismo explícito. Estes são alguns dos atos ilustrativos que tirei das falas dos entrevistados: Reprovação de alunos anteriormente declarados aprovados no Exame de Português para estrangeiros no começo de 2001. Professor [branco] que declara que não daria aula a Africanos [negros] e era apoiado “tacitamente” na sua posição racista pela instituição. Professor que justifica a nota ruim atribuída a um aluno negro pela cor de sua pele. Portas que se fecham a candidatos negros a estágio com hora de entrevista marcada, como medida de prevenção de assalto. Apresentações individuais de seminários que, de modo geral, se fazem em grupo.

⁶⁵¹ Ela só apareceu com a exigência do interessado de encontrar o reitor da universidade.

⁶⁵² Alain Pascal Kaly – Clube da História #2. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6cXM6vtyR_o&t=1721s>. Neste documento, o entrevistado Alain Pascal Kaly coloca que dizer que universidade “europeizada” esconde que a herança da brutalidade colonial ainda está viva e que a colonialidade é uma realidade vigente.

O combate ao racismo se faz pela demonstração de competência, pelo questionamento dos pervertidos e de seus atos, pelo conhecimento dos direitos e a exigência do seu cumprimento, pela solidariedade intra *comunitária*, pelas palestras sobre a história e a realidade atual da África negra e pelos convites à reflexão sobre determinadas ideias ou silêncios estabelecidos tais como os privilégios dos brancos no Brasil.

Os componentes do grupo dos *pouco qualificados*, embora todos trabalhem com carteira de trabalho assinada e direitos assegurados por lei, o que seria uma vantagem, vivem de uma forma ou de outra a precariedade laboral, apesar da estabilidade no emprego, referida pelo entrevistado Assampul Camara, no que se refere aos que trabalham nos frigoríficos. É o caso de cinco dos nossos interlocutores no Brasil, que efetuaram e/ou efetuam trabalhos braçais e difíceis, como ajudantes de pedreiro, de cozinheiro, montador industrial, trabalho doméstico, e recebem salários que eles mesmos avaliam como baixos ou muito baixos para as tarefas que realizam. O que levou uma destas pessoas a pedir demissão do primeiro emprego e procurar outro que lhe pague um pouco mais.

O primeiro emprego, eu me lembro, era servente de pedreiro, onde eu ganhava R\$ 859,00 na carteira, ainda tem alguns descontos, tem o desconto do FGTS, cartão de ônibus, sei lá, muitas coisas, [...] estavam sobrando R\$ 500,00. Eu trabalhei lá uns vinte e poucos dias, falei não, aí não dá. Então parei (Souleye Badiane. Entrevistado em 26/06/2022).

Posteriormente empregado numa empresa, trocou de setor e assumiu mais responsabilidade, avaliando que sua situação melhorou, embora não de forma satisfatória em termos salariais. O entrevistado Epoyo Barry pediu demissão do emprego depois de seis meses de experiência, perdeu o segundo emprego com o advento da pandemia que acarretou o fechamento do restaurante em que trabalhava, e agora trabalha num setor em que afirma receber um pouquinho mais. Outra faz comércio como atividade extra a sua atividade principal de operária em empresa de alimentos para completar a renda. Perguntada se vê vantagens que lhe oferece a empresa empregadora, da qual sua região de origem possa se beneficiar, ela responde: mais.

"Não, não vejo nenhuma vantagem. [Por que, pergunto]. Só trabalho porque tenho que trabalhar. [Por que, insisto] Muito trabalho, trabalho difícil e o pagamento é aquela coisa, mas ultimamente a situação melhorou um pouco, já que minha moradia atual é fornecida pela empregadora (Ankene Diaw. Entrevistada em 26/01/2022).

Quanto ao entrevistado BA, ele responde o seguinte à mesma questão:

Bom, o desafio é que aqueles trabalhos... bom sabe que aqui, para aqueles tipos de trabalhos, tem que fazer um curso, tem que fazer uma formação profissional para ter o diploma. Agora nas empresas, você não tem vantagem, entende o que estou dizendo? É preciso... pode saber fazer seu

trabalho, mas para ter reconhecimento só com o diploma. [Mais tarde, ele acrescenta] O trabalho que estou fazendo aqui é apenas para sobreviver [...] Deus é mais. Não se sabe. A situação pode mudar. (Moussa Ba. Entrevistado em 05/09/2021)⁶⁵³.

Este entrevistado constata a precariedade e faz simultaneamente uma autocrítica ao reconhecer que a falta de qualificação é um obstáculo ao avanço e reconhecimento do trabalhador imigrante, que com a falta de comprovação de seu *savoir-faire*, minimiza sua devida inserção profissional no país residência e reduz sua possibilidade de reinserção laboral no país de origem quando este retornar. Se trabalha para *sobreviver* então recebe um salário precário.

Por exemplo, atualmente meu salário do Senegal supera o meu do Brasil, já que agora 1.000 reais não dão nem 100.000 CFA, sendo que no Senegal posso receber entre 150.000 a 200.000 CFA ou mais. Mas agora não tenho isso. Então é um arrependimento para mim, considerando que parte do que ganha vai ser enviado. Então para realizar algo é um grande problema (Moussa Ba. Entrevistado em 05/09/2021).

Na literatura que aborda a relação migração e trabalho (Sayad, 1998; VILLEN, 2016; Guilhoto e Sandron, 2003; Silva, 2013), a precariedade está geralmente relacionada aos trabalhos exercidos por migrantes sem qualificação ou pouco qualificados, às condições de trabalho difíceis e degradantes, aos vínculos trabalhistas menos regulamentados, frágeis e, evidentemente, a salários geralmente baixos. A baixa satisfação do entrevistado Moussa Ba com a própria situação laboral, à semelhança da Ankene Diaw e da Aroko Ly, bem como do Souleye Badiane no início, é evidente. Pelo relato de grande parte destas pessoas, percebe-se que atuam no setor secundário do mercado de trabalho, realizando atividades difíceis. O que leva a pensar em atividades que teriam pelo menos um “D” dos trabalhos “3D”⁶⁵⁴. No caso deles, os vínculos regulamentados não significaram ausência de precariedade laboral – que, na medida do possível, levou a uma mudança de setor na mesma empresa, como fizeram dois homens em frigoríficos, ou ainda uma nova migração internacional, como fez uma mulher, e tentou fazer antes dela um homem - associada entre outras, a altos impostos, ao turno de trabalho ou à extensão da jornada de trabalho. É nesse grupo que se encontram as duas mulheres e quatro dos nove homens entrevistados residentes no Brasil⁶⁵⁵.

Nenhuma destas pessoas se referiu ao trabalho que realiza em termos dos 3D, porém, na fala de uma delas, foram as dificuldades de poupar e a impossibilidade de ajudar

⁶⁵³ Moussa Ba sugere a necessidade de formação dos trabalhadores em geral, e dos expatriados em particular (Entrevistado em 05/09/2021).

⁶⁵⁴ (*Difficile, dégoûtant, dangereux* - FR/ *Difficult, disgusting, dangerous* - EN/ difícil, nojento, perigoso - PT).

⁶⁵⁵ Silva (2013) analisou a situação laboral de afro-islâmicos em frigoríficos, mostrando a precarização.

corretamente a família na origem, que levaram a trocar a Argentina pelo Brasil. No Brasil, o jovem trabalha em frigorífico de abate de frango, e afirma estar conseguindo poupar e realizar determinados projetos como a construção da casa própria e a da família, porém fala que na empresa em que trabalha, para ser demitido, tem que pedir. “*É você, o interessado, que vai pedir demissão, mas eles não mandam embora ninguém*”, disse Assampul Camara (Entrevistado em 11/07/2021). Ou seja, há raramente demissão, exceto em caso de falta grave. O trabalho dele é feito no turno noturno e ele já pediu para sair de um setor para outro *menos pesado*. O não pagamento de horas extras foi uma das queixas deste trabalhador.

Ao falar da própria experiência profissional no Brasil, Souleye Badiane defende que sua situação melhorou após a última mudança laboral. Líder de equipe, ele passou a ter uma carga de trabalho menos densa que antes e a ganhar um pouco mais.

“Já que você trabalha no segundo turno, a gente vai levar você no primeiro turno, como, o líder”. Ai já viu, então as coisas já mudaram, aí eu acabei sendo líder do primeiro turno, falei “Então tá bom, graças a Deus”. Então foi assim, estou dizendo Alhamdulillah”. [No mesmo sentido, ele cita como vantagens que o emprego dele oferece, dizendo]: “Primeira coisa, a empresa é dos muçulmanos. Então tem mesquita lá dentro. Você consegue fazer suas orações. Para quem trabalha na linha, trabalha uma hora e descansa uma hora. Só para você poder fazer as suas orações. Entendeu? A partir do momento que eu subi para líder, eu passei a ser aquele que cuida da equipe. Trabalho, mas não como antes, então já é uma grande vantagem para mim. Então para mim, as coisas melhoraram bastante” (Souleye Badiane, entrevistado em 26/06/2022. Grifo nosso).

Os aspectos positivos que lhe proporciona o trabalho, notadamente no atinente ao salário, vão ser ponderados pelo mesmo interlocutor quando responde a respeito de projetos a realizar no país de origem. Após dizer que *Claro que tenho* projetos, acrescentou:

Mas sabe que o salário que a gente recebe, a gente trabalha numa empresa privada, empresas frigoríficas onde você está recebendo mil e pouco por mês, e esse mil e pouco, você mandando dinheiro aí paga o aluguel, já acabou o dinheiro. Então são sonhos que você anda sonhando só simplesmente. Bem que eu falei na minha cabeça, estou no Brasil, mas a primeira coisa, eu quero construir uma casa no Senegal que é minha. Toda pessoa que passar [em frente dela] vai falar: “waw! Esta casa é linda!”, entendeu? Mas NÃO DÁ. Não dá, não dá, com este salário não dá. Para ser bem sincero não dá (Souleye Badiane, entrevistado em 26/06/2022. Grifo nosso).

A remuneração aludida por este entrevistado operário em frigorífico está abaixo do rendimento médio dos senegaleses com vínculo formal de trabalho no Brasil dos últimos 5 anos da década 2011-2020, quando variou entre 1.992 e 2.162 reais. A maior média da década foi de 2.433, atingida em 2011, e a menor foi de 1.859, registrada em 2015 (Ver Simões e Neto, 2021, p. 152).

Na fala de Aroko Ly (Entrevistada em 22/06/21), a quem o empregador também forneceu moradia, o sentimento de estar sendo explorada era evidente por conta das prolongadas jornadas de trabalho sem receber por muitas horas extras, assim como pelo número de tarefas que ficou realizando sozinha, quando demandam pelo menos duas pessoas para efetuá-las. O tratamento pouco cordial de alguns “patrões” a seu encontro era também citado como parte da precariedade. Ela conta não beneficiar de aumento salarial quando outros funcionários recrutados ao mesmo tempo que ela passaram a ganhar mais.

A precarização da situação financeira e da vida de alguns dos trabalhadores casankoolu do setor secundário se agravaram com o advento de crises externas como a pandemia da Covid-19 e a guerra na Ucrânia. Quando para os trabalhadores do setor primário o maior problema durante a pandemia era o isolamento, para estes, o risco de ser infectado, a inflação, a taxa de câmbio desfavorável ao real com relação ao dólar e a suspensão de atividades complementares foram os problemas destacados. É o que se percebe na fala do entrevistado a seguir, quando perguntado se a última crise sanitária mundial teve impacto na vida dele e de migrantes senegaleses, em geral.

Claro que sim, teve [impacto], porque se você parar e pensar, quando entrou a pandemia, você é estrangeiro, você já sabe. Então, a primeira coisa, o dólar aumentou. NÓS MANDAMOS DINHEIRO, para África. Porque antigamente, [...], se você tirar trezentos reais, ele quase chegava a sessenta mil [FCFA], entendeu? Mas depois que entrou a pandemia, aí as coisas mudaram. Muito difícil. O dólar subiu. Eu me lembro, na época, eu tinha um cartão de alimentação antes da pandemia, tipo duzentos e pouco reais, eu ia no mercado, eu não conseguia gastar ele todo, IMPOSSÍVEL. Mas hoje, você leva ele, vem com um pouquinho (riso). Entendeu? Então (riso), a pandemia estragou bastante mesmo, bastantes coisas (Souleye Badiane, entrevistado em 26/06/2022).

A pandemia me atrapalhou sim, porque meu trabalho de vendo ficou daquele jeito, [...]. Então ela me causou problemas (Ankene Diaw. Entrevistada em 26/01/2022). Epoyo Barry foi infectado sem saber em que lugar pegou a Covid-19. Ele conta não ter observado o confinamento porque continuou trabalhando como ajudante-cozinheiro. Só ficou confinado 10 dias a contar do dia em que foi diagnosticado infectado pelo vírus em questão.

Outro desafio social que se coloca aos casankoolu deste setor é, à semelhança daqueles do setor primário, o racismo, praticado principalmente por colegas de trabalho. Seja qual for o segmento do mercado laboral em que se encontram, a maioria dos casankoolu diz combater pessoalmente as práticas racistas e xenofóbicas em seus locais de formação, de trabalho e de vida. Entretanto, a judicialização não tem sido uma opção predileta neste processo.

Eu brigava tanto na Universidade Federal que se eu não tivesse pedido uma transferência, certamente não teria terminado a graduação, eu estaria na cadeia, certamente, porque mataria

alguém nela, porque [o racismo] era muito flagrante, muito flagrante (Enhab Dramé. Entrevistado em 27/11/2021).

As vezes [os Brasileiros] demonstram, às vezes falam para você coisas desagradáveis. Às vezes eu os enfrento. Mas nunca levei para Justiça, [...]. Às vezes a gente se enfrenta no trabalho, mas eu não me deixo dominar porque, de certa forma, também conheço meus direitos (Moussa Ba. Entrevistado em 05/09/2021).

Práticas discriminatórias podem vir de dentro, isto é, entre conterrâneos. Cinco (5) entrevistados afirmam identificar discriminações relacionadas ao domínio ou não da língua wolof e à origem da Casamansa. Tais discriminações foram inclusive praticadas por uma representante diplomática do Senegal no Brasil severamente criticada por pelo menos três originários da Casamansa.

Para você ter uma ideia, acho que foi em 2004, eu briguei com Madame M..., que você deve conhecer, a respeito da questão dos passaportes. Conversa vai e vem “Boy Casamance, rebelle”. Falei para ela “Vou até Brasília te encontrar, você vai ver”. Não, eu estava tão bravo, [tudo] porque havia um cara que é de Kaolack, acho, mas ele é Fula, [Amadou Baldé], Poxa, o cara tinha passaporte, [pediu a renovação do] mesmo, aí eles não renovaram o passaporte dele, dizendo que ele precisava do certificat de nationalité. Mas, o cara veio [ao Brasil] com uma bolsa do Senegal, tinha passaporte e tudo, você sabe que se não renovar o passaporte o cara fica ilegal, enquanto diplomata você vai dizer “Não, boy casamançais, vocês são rebeldes”. Eu falei para ela: “Eu sou rebelde. E vocês não sabem até que ponto sou rebelde. Abbé Diamacoune é meu avô. Vocês não sabem disso” (Enhab Dramé. Entrevistado em 27/11/2021).

Se tais práticas ocorrem no exterior, é porque elas são corriqueiras no país, mesmo cobertas pelo maior dos silêncios ou por brincadeiras um agente de segurança que nunca poderia fazê-las, e que depois tenta se esconder atrás do chamado *Kacolor* em *joola*, *sanawya* em *mandinkakang*⁶⁵⁶.

5.3.3.2 - Redes em situação de imigração no Brasil

Entretanto, a solidariedade entre migrantes da mesma nacionalidade ou não, é mencionada como um fator fundamental na inserção laboral dos “migrantes econômicos” casankoolu. O apoio em termos de inserção laboral no Brasil foi recebido de conterrâneos, de estrangeiros de outras nacionalidades e/ou de brasileiros. Ele pode ser dado em forma de

⁶⁵⁶ *Quando fui para o Senegal [entre 2010-2012], chegando no aeroporto em Dakar, estava com dois Guineenses. Ambos passaram. O policial pega meu passaporte e vê ‘Nascido em Oussouye’. Sabe o que ele me perguntou, o policial ? [riso]. O Senhor é senegalês ou casankoolu? Disse-lhe: ‘Você me fala qual é a diferença, que eu lhe respondo’. O cara do lado dele, Tuculer, disse, ele é Sereer e está brincando. Eu disse não, não está brincando. Ele carimbou meu passaporte e quis me devolvê-lo. Recusei de pegá-lo. E quando estou com raiva falo diola, comecei a falar diola. Disse-lhe: ‘diga-me qual é a diferença, senão vou até onde você quiser (...). É por causa de pessoas como você que a crise de Casamansa nunca tem solução* (Enhab DRAMÉ. Entrevista de 27/11/2021).

simples orientação e indicação de uma pessoa que possa auxiliar a agilizar um processo, como ocorreu quando da aprovação em concurso público de nível superior de Enhab Dramé (Entrevistado em 27/11/2021), bem como com Souleye Badiane em busca de outro emprego (Entrevistado em 26/06/2022) que leva à inserção do profissional no mercado de trabalho primário. A solidariedade se dá não só para encontrar trabalho, mas antes em termos de hospedagem, notadamente a aqueles que acabam de chegar.

Apesar destas formas de apoio, em contexto brasileiro, os casankoolu não estabeleceram, enquanto aquilo que Hall (2003) chamou de “identificação associativa”, uma relação com a Casamansa. Em outras palavras, nenhum dos nossos interlocutores, entrevistado enquanto casankoolu, fazia parte de uma associação que reivindicava o pertencimento ou a identificação à Casamansa. As relações entre casankoolu no Brasil se baseiam principalmente nos vínculos de parentesco e de amizade. Apesar de muitos se conhecerem pessoalmente ou de nome, não existe uma associação deles no Brasil, contrariamente ao que se vê no Canadá, com a Associação *Casa Espoir* e a *Association Catholiques des Casamançais du Canada*, na França ou mesmo na Argentina onde, como observado por Reiffen (2017), há, em Buenos Aires, a associação *Karambenor* cujos membros são majoritariamente mulheres, para citar apenas estas. A respeito das associações dos casankoolu e senegalese em geral na capital da Argentina, o entrevistado Assampul diz: *tinha uma associação que é dos Casamanceses na Argentina, e tinha a Associação maior dos Ressortissants do Senegal, eu fazia parte desta, e também tinha uma associação que reunia praticamente só os Diola* (Entrevistado em em 11/07/2021). Seis (6) casankoolu no Brasil estão em associações nacional, estaduais ou de determinada cidade, de senegaleses, sem formalizar sua adesão. Mesmo assim, como se vê no Quadro 34, a taxa de não adesão a associações é equivalente a 45,45%, o que corresponde a cinco (5) dos onze (11) entrevistados.

Quadro 34 - Adesão de casankoolu entrevistados a associações e grupos no Brasil

ADESÃO		DEPARTAMENTO DE ORIGEM - REGIÃO DE ZIGUINCHOR			
		Bignona	Oussouye	Ziguinchor	Total
Não havendo associação de casankoolu no Brasil, você é membro ou simpatizante de uma associação de senegalês no país ou de um grupo?	Sim	3	3	-	6
	Não	3	2	-	5

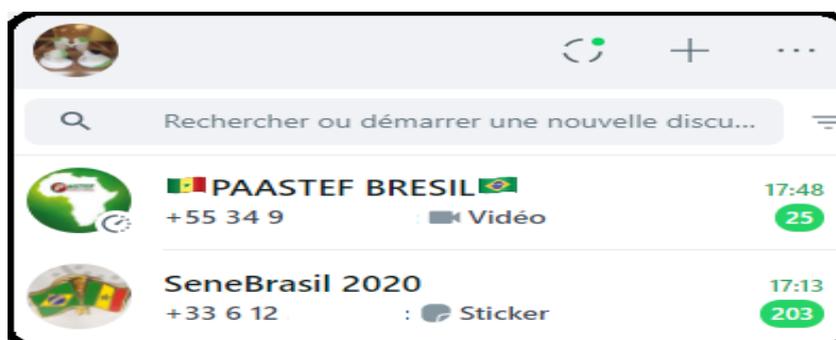
Fonte: Elaboração do autor

Experiências anteriores podem estar na base do afastamento de associações de alguns como Camara. Ele se retirou da que fazia parte na Argentina por entender que houve desvio de finalidade dos recursos⁶⁵⁷ angariados mediante a participação mensal de seus componentes e falta de consideração, e não aderiu a nenhuma uma vez no Brasil.

Mas que levou a sair da associação, porque a gente estava contribuindo mensalmente de 10 pesos para juntar dinheiro e oficializar a associação e assim levá-la a ser reconhecida pelo governo argentino. Quando juntamos um valor alto,... todo mês, eu ia à reunião... compramos uma impressora para iniciar o processo, com auxílio de um advogado, para o reconhecimento da associação pelo governo. Mas sabe que é o dinheiro que estraga as coisas. Com o dinheiro que juntamos elencamos os gastos a fazer para criar oficialmente a associação, incluindo os gastos com advogado. Então resolvemos numa reunião, controlar para ver o que tem em caixa. Quando chegamos, os wolof que estavam liderando, começaram; Sérinhe tal veio, demos o valor X de ádia para ele. Eu lhes disse, não combinamos isso quando decidimos formar esta associação. Se fosse um dinheiro 'pessoal, tudo bem, mas é um dinheiro da associação e este assunto não foi conversado. Falei para eles, "a partir de hoje, estou fora da associação e não cobrar de mais ninguém lá de casa. Se eles quiserem que venham participar da reunião, se não quiserem que não venham, mas eu, a partir de hoje, saibam que Camara não faz mais parte desta associação, está totalmente fora. E aconteça o que acontecer, não precisam intervir" (Assampul Camara. Entrevistado em 11/07/2021).

É preciso, no entanto, ressaltar que com recursos como a internet e os aplicativos, os casankoolu aderiram a grupos que reúnem senegaleses no Brasil, retornados para o Senegal, reemigrados para outro país. Eles estão em grupos políticos formados por membros ou simpatizantes de determinado partido. É o caso dos dois grupos da imagem a seguir dos quais fui membro por quase três (3) anos, durante os quais acompanhamos as discussões, debates, trocas de informações relativas ao país de origem, ao Brasil e ao resto do mundo, brincadeiras, lembranças do Senegal, brigas, diálogos e contribuições para apoiar um compatriota, seus familiares ou um partido no Senegal. Em suma, estes grupos são espaços virtuais de encontros de pessoas que têm em comum a experiência migratória intercontinental.

Imagem 2 - Grupos Whatsapp de senegaleses (principalmente) no Brasil e retornados ao Senegal.



Fonte: Autoria nossa. Registrado em 10/07/2022

⁶⁵⁷ O dinheiro foi retirado de forma desrespeitosa, sem aviso prévio aos membros, para custear a visita de um *sérigne* (um guia religioso).

Uma interlocutora criou em 2020 um grupo cujos membros são do vilarejo de origem, estejam estes na localidade, em qualquer parte do Senegal ou do mundo, no intuito de ajudar pessoas que estavam passando por grandes dificuldades em decorrência da pandemia de Covid-19. Vale informar que hoje em dia, várias famílias têm seu grupo composto por membros residentes nos mais diversos cantos do mundo e do país de origem.

Os meios de comunicação mudaram ao longo do tempo. Foram citados: o telefone fixo, o celular, a internet com aplicativos de e-mail, de mensagens de voz, ligações sem ou com vídeo. Atualmente, com o aplicativo whatsapp, todos os entrevistados afirmam estar em permanente contato com familiares, amigos, conterrâneos no Brasil e no mundo. É por meio de um destes aplicativos (Zoom) que ocorreu, a única *reunião Burok* dos ‘casankoolu’ para pensar em tipos de contribuições e na forma como podem dá-las à *Commune* de Ziguinchor⁶⁵⁸. Nesta reunião, foi apresentado o programa Burok do *Maire* da *Commune* de Ziguinchor, tiradas as dúvidas, recolhidas críticas e propostas. As práticas e contribuições transnacionais dos casankoolu no país de origem, e na Casamansa em particular, são diversas e não constituem um fenômeno novo.

5.3.4 – Práticas transnacionais desde o Brasil e desenvolvimento na Casamansa

As práticas transnacionais de originários da Casamansa no Brasil voltadas, em particular para a região de Ziguinchor, se materializam tanto pela comunicação permanente com parentes, amigos, ex-colegas, como pelo envio de remessas monetárias, materiais e imateriais, e por visitas relativamente regulares à origem. A atuação em partidos e debates políticos, a participação no voto são outras práticas de casankoolu que ocorrem no Brasil.

5.3.4.1 – A comunicação à distância

Após o deslocamento, uma das primeiras práticas dos trabalhadores e estudantes internacionais é geralmente a comunicação com os parentes na origem e, cabendo, em um

⁶⁵⁸ Nesta reunião de março de 2022, um programa foi brevemente apresentado por dois membros do referido partido - que são originários da região de Ziguinchor e que residem na França - no intuito de identificar as potencialidades humanas entre casankoolu que residem no Brasil o seu interesse em aderir ao Programa *Burok*, e poder posteriormente organizar um encontro em que o próprio *Maire* de Ziguinchor, também presidente do PASTEF, poderá rerepresentar o programa e conversar com interessados e potenciais colaboradores. Este programa tem duas vertentes: uma comunal e outra territorial de toda a Casamansa e tem no horizonte, a criação do *Conseil Communal de la Diaspora*.

terceiro país em que reside algum membro da rede mobilizada para a realização da migração. Todos os onze (11) entrevistados mantêm contato com familiares na origem, com parentes em outras partes do mundo e/ou no Brasil, adotando novos meios conforme a época. Este contato é diário para alguns, semanal para outros. Para este fim, o aplicativo em destaque nos últimos anos é o *Whatsapp*. Mas, vale notar que este meio hegemônico de comunicação entre parentes em Estados distintos foi precedido por outros como o telefone fixo, celular, aplicativos de e-mail, imo, skype, voipCheap, facebook, com alguns dos quais convive.

5.3.4.2 – As remessas monetárias

Outra prática transnacional é o envio de remessas monetárias. Oito (8) dos trabalhadores internacionais entrevistados afirmam enviar mensal ou bimestralmente dinheiro a familiares. Os demais três (3) o fazem em intervalos maiores e irregulares. A frequência dos envios não depende apenas do volume da renda mensal. Aqueles que têm mãe, esposa, irmão, filho, sogro e/ou irmão, que estão pagando parcela de uma compra, ou que se sentem responsáveis pela família, se vêem na obrigação de enviar algum dinheiro com frequência. Seguem as afirmações a respeito da frequência dos envios.

[...] cada mês envio porque tenho minha família, meus filhos no Senegal. Cada mês. Inclusive enviei no sábado. Cada mês, antes do dia 5, envio dinheiro para eles, porque estão na escola, a alimentação, tudo isso (Moussa Ba. Entrevistado em 05/09/2021).

Envio todos os meses dinheiro para o Senegal para as despesas da família, por western Union, e às vezes também para ajudar alguns parentes que estão precisando (Yancoba Faty. Entrevistado em 26/11/2021).

De qualquer forma, mesmo recebendo, eu acho que é pouco, eu acho que tem que ajudar, porque tenho primos, tenho minhas irmãs que moram em casa, e eles não trabalham. (...) Então nós ajudamos, até porque eu tenho uma filha [...], ela estuda, aí, então não tem como mandar de vez em quando. Eu mando, quase todo mês tem que mandar (Souleye Badiane. Entrevistado em 26/06/2022).

Tamba que contava com algum conhecido que ia para o Senegal, “descobriu” tardiamente um canal mais rápido de enviar remessas financeiras para familiares.

A partir de 2012, descobri que tinha o Western Union, porque no Sul é diferente do Sudeste ou de outros Estados do Brasil. Não era tão fácil. [...] A partir de 2012, envio dinheiro, cada mês envio dinheiro para o Senegal. Mas depois de um tempo Western Union me bloqueou, agora envio a cada dois meses, quando falo envio é para minha mãe, mas claro envio também para tias, a irmãs também, mas envio direto dinheiro (Aladaany Tamba. Entrevistado em 28/11/2021).

5.3.4.3 – As remessas materiais

Ao contrário das remessas monetárias, o fluxo de objetos entre origem e país de residência é raro nos dois sentidos, além de custoso quando o envio é efetuado em direção à origem. Sete (7) e cinco (5) casankoolu disseram, respectivamente, enviar e receber raramente objetos. Os primeiros são: computador, celular, óculos, roupas. *Enviei uma vez. Uma vez enviei um celular para uma prima. Sim. Mas foi uma vez* (Aladaany Tamba. Entrevistado em 28/11/2021). Os segundos são: Certidão de antecedentes criminais, passaportes, livros, roupas, tecidos, produtos comestíveis da origem. Um (1) entrevistado que não envia nada disse optar por levar consigo, a cada dois (2) anos, uma mala só de lembranças e presentes para os inúmeros parentes. Este gesto pode ser um desafio. A respeito Badiane diz o seguinte:

E você sabe bem, hoje você não vai para Senegal só com a sua passagem. E tudo mundo está te esperando, teus amigos de infância. Você não tem coragem de ir lá só para ir. Tem que preparar os presentes. É isso que é o problema. Se fosse só para comprar passagem e ir, até não teria problema. Mas todo mundo te esperando: “o cara vai trazer um celular para mim, vai fazer assim...” (Souleye Badiane. Entrevistado em 26/06/2022).

5.3.4.4 – Visitas à origem

A visita de menor intervalo ao país de origem (nem todos vão até Ziguinchor quando visitam o Senegal) é de dois (2) anos. Dois (2) dos que chegaram ao Brasil a partir de 2015 não haviam visitado o país, dando prioridade ao envio do dinheiro ou à vinda da esposa. Se, pela vontade, grande parte gostaria de visitar o Senegal a cada biênio, na prática, apesar do contato permanente com a origem, facilitado pela TIC, não é incomum que os *ressortissants* da Casamansa fiquem seis (6) anos ou mais sem visitar a região de Ziguinchor, como se percebe no quadro abaixo. Um dos fatores que justificam a raridade das visitas é a priorização das remessas e da realização de projetos, ora combinada com a limitação de recursos financeiros. Após alguns anos no Brasil, Camara foi para o Senegal, casou-se, trouxe a esposa e resolveu não efetuar tão cedo outra visita.

Retornei para cá, a trouxe [esposa]. Por enquanto, falei para ela que não vou visitar o país, porque o que comecei a ajeitar em casa ainda não está finalizado. Não posso comprar passagem para ir visitar gente sabendo que minhas obras ainda não foram finalizadas. Por isso estou quieto (Assampul Camara. Entrevistado em 11/07/2021).

Quadro 35 - Práticas transnacionais de casankoolu no Brasil

PRÁTICAS TRANSNACIONAIS		DEPARTAMENTO DE ORIGEM - REGIÃO DE ZIGUINCHOR			
		BGN	OUSS	ZIG.	Total
Mantém contato com familiares e amigos no Senegal	Sim, sempre	6	5	-	11
	Não	-	-	-	-
Envia dinheiro	Sim mensalmente ou quase	4	4	-	8
	Sim, de vez em quando	2	1	-	3
	Não	-	-	-	-
A quem costuma enviar dinheiro	País	1	1	-	2
	Outros familiares e amigos	5	4	-	9
Envia objetos materiais	Sim, de vez em quando	-	-	-	-
	Sim, raramente	3	4	-	7
	Não	3	1	-	4
Recebe objetos materiais	Sim, de vez em quando	-	1	-	1
	Sim, raramente	4	1	-	5
	Não	2	3	-	5
A última vez que foi ao país de origem	Até 5 anos	3	2	-	5
	Entre 6 e 10 anos	2	1	-	3
	Mais de 10 anos	-	1	-	1
	Nunca voltou	1	1	-	2

Fonte: Elaboração do autor

5.3.4.5 – Participação política

A participação política é mais uma em que o transnacionalismo se observa. Mostramos anteriormente que, baseando-se na classificação de Jaulin e Smith (2015), o Brasil só pode estar na onda subsequente à terceira de países com voto de senegaleses no exterior identificadas até 2015 por este estudo. Estando na quarta onda de países, no Brasil, os casankoolu participam como eleitores da escolha do Presidente da república do Senegal, desde 2019, e das eleições legislativas para escolher deputados da diáspora desde 2022. Para tanto, participam do debate político, tanto em contexto migratório como, de forma remota, no país de origem. Tomam parte da fiscalização das eleições em seus países de residência, além de incentivar e influenciar a participação dos parentes na votação. Na imagem a seguir, dois dos mesários são da Casamansa.

Imagem 3 - Mesários na eleição legislativa do Senegal de 31 de julho de 2022.



Fonte: Autoria de Arame Fall Niang. Registrado em 31/07/2022. Grifo nosso.

Local: Embaixada do Senegal em Brasília-DF - Brasil.

Aqueles de camisa azul e máscara e o de camiseta preta são oriundos da região de Ziguinchor Casamansa.

Além das práticas transnacionais referidas acima, os casankoolu, notadamente aqueles que adquiriram a nacionalidade brasileira e três com residência permanente, afirmam pertencer aos dois países: o Senegal e o Brasil. Este sentimento independe, portanto, da obtenção da nacionalidade, mas entende-se que ele estaria relacionado ao fato de ter uma família no Brasil. O equilíbrio nem sempre é alcançado. Um ou outro país pode levar uma pequena vantagem, mas, neste conjunto, um interlocutor naturalizado afirma pertencer tanto ao Senegal, quanto à Guiné e ao Brasil, acrescentando que Senegal, Guiné, Gâmbia, Mali e Guiné-Bissau são o mesmo país. Outro, que então iria se naturalizar, diz se identificar *muito mais brasileiro que senegales*.

Quadro 36 - Sentimento de pertencimento ao Senegal e Brasil

PERTENCIMENTO TRANSNACIONAL		REGIÃO DE ZIGUINCHOR			
		Naturalizado	Residente permanente	Residente temporário	Total
Você tem o sentimento de pertencer aos dois países: Senegal e Brasil ?	Sim	3	4	-	7
	Sim, e a outros	1	-	-	1
	Não	-	2	-	2
	Não responde	-	-	1	1

Fonte: Elaboração do autor

5.3.5 – CONTRIBUIÇÃO DOS CASANKOOLU AO DESENVOLVIMENTO HUMANO DESDE O BRASIL

A quase totalidade dos casankoolu no Brasil não tem dúvida de que contribuem para o desenvolvimento social - e de forma tímida para o desenvolvimento econômico - no Senegal e em particular na região de Ziguinchor. Esta contribuição se faz de diversas formas. A primeira delas é, nas falas de dez (10) entrevistados, o envio de dinheiro, que serve tanto para custear o consumo da residência em alimentação, energia, água, como para pagar a escolaridade de crianças. Globalmente, o dinheiro que vem de fora é suscetível de oferecer bem-estar e, portanto, certa qualidade de vida a familiares, e de ajudar a economia nacional ou local. Baseando-se na ótica mais abrangente, Tamba, Faty e Dramé dizem que o simples fato de *enviar dinheiro ao país contribui para o desenvolvimento* deste (Aladaany Tamba, entrevistado em 28/11/2021; Yancoba Faty, entrevistado em 26/11/2021; Enhab Dramé, entrevistado em 27/11/2021). Seguem alguns destinos das remessas monetárias recebidas.

Bom, grande parte [do dinheiro enviado] é [gasto] em necessidades como a alimentação, a escolaridade, ou as festas, e cerimônias: Tabaski, Korité, Ramadan⁶⁵⁹ (Enhab Dramé. Entrevistado em 27/11/2021).

Eu mesmo, sabe, meu filho está em escola particular e vai fazer o terceiro ano. Quando vim, ele tinha um ano e quatro meses. Depois o coloquei na pré-escola, na escola particular católica. Então tem que pagar sua mensalidade (Moussa Ba. Entrevistado em 05/09/2021).

⁶⁵⁹ Estas três festas são muçulmanas. Muitas criticadas por alguns interlocutores, as festas são momentos de maior dinamismo da economia nacional, em particular as festas religiosas cristãs e muçulmanas, já que mobilizam muitos recursos financeiros de migrantes que delas não participam, e quando postam em redes sociais seus momentos de lazer, são, por isso, solicitados por parentes para ajudar a resolver problemas, e são considerados “egoístas” quando não atendem tais solicitações.

A contribuição na educação é também feita na construção de escolas ou salas de aulas, notadamente no meio rural.

Imagem 4 - Sala de aula em construção com a participação de 4 migrantes intercontinentais e inúmeros migrantes nacionais intra-regionais e inter-regionais originários de Mahmouda Chérif.



Fonte: Autoria nossa. Registrado em 07/03/2021
Local: Mahmouda Chérif, região de Ziguinchor.

Cinco (5) pessoas citam sua ajuda a projetos econômicos individuais (abertura ou recuperação de loja; compra de moto-taxi para transporte) e/ou sociais coletivos (instalação de água encanada ou energia, construção de um posto de saúde num bairro ou vilarejo).

Mas também de alguma forma para ajudar as pessoas a retomar um trabalho que eles tinham, uma lojinha, infelizmente os gastos são maiores que as [receitas] e a gestão não separa o que é de casa com o que é negócio (Enhab Dramé. Entrevistado em 27/11/2021).

Meu irmão veio de férias uma vez, comprou uma moto para mim e me falou: “Cara, segure por enquanto para a gente ver o que é que vai fazer” (Souleye Badiane. Entrevistado em 26/06/2022). O objetivo é que este pudesse fazer do veículo um instrumento de trabalho.

Estou participando da ‘vaquinha’ dos jovens do bairro que estão em Ziguinchor, Gâmbia, Ziguinchor, e demais lugares para instalação de água encanada em todo o bairro. [...] Quando concluído, estão falando que vamos procurar um campo para fazer uma horticultura ou criação de frango para fins comerciais (Assampul Camara. Entrevistado em 11/07/2021).

Já mencionamos a relevância dos migrantes na alternância política no Senegal no ano 2000 com a eleição da Wade. O que foi um avanço democrático e socioeconômico evidente para o país. A participação dos originários da Casamansa no debate político no Brasil como no Senegal é apreciada por este entrevistado como uma forma de contribuição para desenvolvimento seja ele nacional, regional ou municipal. *De forma indireta, contribuo através das discussões políticas que são feitas. Neste momento, estão em campanhas eleitorais locais e municipais. Contribui inclusive com ideias. Não é como eu gostaria, gostaria até de poder contribuir mais de perto* (Enhab Dramé. Entrevistado em 27/11/2021).

Outra forma de contribuição citada por quatro (4) interlocutores é a melhora das condições de moradia, com a construção de uma casa “mais modernas”, de um muro da casa e/ou de fossas, de banheiros mais adequados e da *margelle*/beira de poço para melhor preservar a água consumida pela a família.

A promoção de acordos de parceria entre a Universidade Assane Seck de Ziguinchor e uma universidade pública brasileira se soma às iniciativas anteriores.

Por exemplo, quando eu era o chefe da Cooperação Internacional da nossa universidade, assinei um acordo de cooperação acadêmica com a Universidade de Ziguinchor. O professor Fabiano e eu fomos para a UASZ dar aula no mestrado durante um mês. O antigo reitor desta universidade veio aqui para conhecer nossa, um professor da mesma universidade veio aqui conhecer nossos laboratórios e este acordo é vigente. [...] Eu, na medida do possível, faço o que posso para contribuir (Yancoba Faty. Entrevistado em 26/11/2021).

Quadro 37 - Formas de contribuição para o desenvolvimento socioeconômico na origem e destino

CONTRIBUIÇÃO AO DESENVOLVIMENTO ⁶⁶⁰		DEPARTAMENTO DE ORIGEM - REGIÃO DE ZIGUINCHOR			
		BGN	OUSS	ZIG.	Total
Participa do desenvolvimento socioeconômico do Senegal, em geral?	Sim, enviando dinheiro a familiares	6	4	-	10
	Sim, ajudando a projetos individual e/ou coletivo na região	3	2	-	5
	Sim, tomando parte do debate político nacional e/ou comunal além de votar	2	3	-	5
	Sim, ajudando a melhorar as condições de moradia.	3	1	-	4
	Sim, ajudando ou investindo em projetos econômicos	-	2	-	2
	Sim, facilitando acordo de parceria entre a UASZ e UF.	-	1	-	1
Participa do desenvolvimento socioeconômico do Brasil? De que forma?	Sim, pagando impostos e as contas/ formando pessoas, trabalhando, consumindo	6	5	-	11
	Não	-	-	-	-

Fonte: Elaboração do autor

⁶⁶⁰ Estas respostas não são cumulativas, ou seja, uma mesma pessoa pode mencionar sua contribuição de diversas formas.

O desejo de uma maior aproximação entre docentes universitários da Casamansa no Brasil e os da UASZ foi manifestado durante a *reunião Burok* por Yancoba Faty, um dos nossos entrevistados. As trocas de experiências entre docentes são vistas como uma forma de desenvolvimento humano. A colaboração de migrantes em iniciativas que sensibilizam a população local sobre questões de saúde e ajudam a fazer exames básicos também aparece naquilo que é visto como contribuição ao desenvolvimento. *Desenvolvimento rima com a qualidade de vida*, disse Akain Kaly, ainda na *reunião Burok*. Analisada de forma geral, este é o entendimento que a maioria tem do desenvolvimento: desenvolver-se é ter relações de confiança entre o *ressortissant* e sua família, comunidade e país - para assim poder desenvolver projetos juntos - é ter condições de vida decente, alimentar-se corretamente, ter saúde e ter condições de fazer tratamentos, ter educação e ser informado, morar adequadamente, ter trabalho e renda decentes e condições de realizar projetos como o da casa própria.

O quadro anterior permite perceber que todos os entrevistados no Brasil afirmam contribuir para o desenvolvimento social e econômico do país de residência. É evidente e normal que esta contribuição seja maior do que a dada ao país de origem, pois moram e trabalham aqui, sugere Enhab Dramé (Entrevistado em 27/11/2021). Constata-se que esta contribuição se dá pelo pagamento de impostos, pela formação de recursos humanos e pelas ações sociais no âmbito do trabalho ou fora dele, junto às comunidades do Estado de residência, pelo desenvolvimento de pesquisas e pelas parcerias com universidades do país de origem e a promoção de eventos com palestras de docentes destas IES sobre assuntos pouco debatidos em universidades brasileiras. Seguem algumas respostas, por unanimidade afirmativas, à pergunta: *Você contribui ao desenvolvimento social e econômico do seu país de residência?*

Ah, isso sem sombra de dúvida alguma! Formei pessoas que estão em grandes estruturas (...). [Oriente alunos de iniciação científica e dissertações de mestrado]. Aqui me sinto muito mais ativo em benefício do desenvolvimento econômico e social do Brasil do que do Senegal. No Senegal posso dizer que não fiz nada, mas aqui posso levantar a cabeça. (Wanjak Baldé. Entrevistado em 28/11/2021).

Eh, contribuo como eles, embora eu não seja brasileiro, mas tudo o que eles fazem eu participo, inclusive no que se refere ao Estado deles, bom, cortam [no meu salário] como cortam no deles (Moussa Ba. Entrevistado em 05/09/2021).

Sim, contribuo. Porque no ensino, contribuo, nas minhas pesquisas, contribuo, bem como no meu salário, os impostos que me cortam. Então contribuo de várias formas (Yancoba Faty. Entrevistado em 26/11/2021).

Estas ações não são por si só suficientes para trazer um desenvolvimento estrutural a nível regional, que aliás, é de responsabilidade do poder público. O engajamento dos migrantes, notadamente no desenvolvimento social, é revelador do reduzido tamanho das ações do Estado nesta dimensão, notadamente na Casamansa com seus índices socioeconômicos apresentados nos mapas 10 e 11 e sua situação política. As potencialidades que migrantes querem colocar à contribuição esbarram em determinados obstáculos.

5.3.5.1 – As dificuldades de contribuir do Brasil para o desenvolvimento em Ziguinchor

Reiterando que a Casamansa é conhecida pela literatura como um território em que não há *ni paix ni guerre*, o que se distancia do nosso entendimento, e da ótica do professor e pesquisador Alain Kaly, que pergunta, durante a *Reunião Burok* de março de 2022, o seguinte: *É possível falar de desenvolvimento sem paz? Acho estranho que se fala de desenvolvimento, financiamento, mas em momento algum..., temos uma guerra civil no Sul do Senegal, e que tomou outros rumos esta semana.* Deve-se lembrar que as iniciativas de paz datam do começo da década de 1990 e que diversas formas foram tentadas, envolvendo os mais diversos atores, e, como o próprio Kaly acrescentou: *Sei que não é da responsabilidade do Maire, cuidar da paz na Casamansa.* Este contexto não é a única barreira ao desenvolvimento endógeno, com a participação dos originários no exterior, muitas vezes desconhecidos.

As iniciativas de investimento e de contribuição dos *ressortissants* da Casamansa são confrontadas a uma série de obstáculos distantes da instabilidade política. Um deles é a falta de confiança. Esta desconfiança resulta do conhecimento do contexto social de origem, de experiências negativas próprias, de outros migrantes ou de sedentários. Em outros termos, a corrupção é um freio à mais na contribuição dos migrantes ao desenvolvimento humano, portanto, social e econômico. Ela afasta a confiança que é uma peça central na promoção do desenvolvimento, tal como colocado pelo entrevistado Camara que diz:

Mas Dieme, primeiramente, o que é desenvolvimento? Desenvolvimento é a confiança naqueles que deixo na origem. E que tudo o que juntar aqui e levar para eles, seja aplicado como combinado. Este é o primeiro ponto do desenvolvimento. [...] Sem confiança, não haverá desenvolvimento, sem respeito, não haverá desenvolvimento. [...] Sem isso, seja o que for combinado, não irá adiante (Assampul Camara. Entrevistado em 11/07/2021).

A falta de confiança dos *ressortissants* da Casamansa no exterior vis-à-vis das autoridades políticas foi expressa na dita *Reunião Burok*. De acordo com um dos apresentadores do *Programa Burok* durante a referida reunião,

É importante saber que, se o presidente [do PASTEF] Ousmane Sonko coloca no seu programa o Conselho Comunal da Diáspora, se deseja implicar a Diáspora no desenvolvimento da Casamansa Natural, é porque ele sabe que um dos problemas da diáspora, de forma geral, é ter pessoas confiáveis a nível territorial e local, porque frequentemente todo mundo deseja investir, fazer alguma coisa, mas o problema é com quem fazer isso, em quem confiar? Então, sabe-se que muitas pessoas, associações ou indivíduos da diáspora foram muito decepcionadas em trabalhar no Senegal, por falta de 'relais', de pessoas confiáveis. É por isso que a ideia de criar este conselho comunal é para criar esta confiança, colocar à disposição da diáspora ferramentas, meios, representantes confiáveis, estatais, para que possa investir, trabalhar, aqueles que assim desejarem, de forma permanente, com resultados realmente satisfatórios no final.

Combinada à crise de confiança, nas iniciativas individuais, foi mencionado como uma dificuldade para investir, as curtas duração das visitas ao país e à região, que, de forma geral, não ultrapassam um mês. Nas palavras do entrevistado Wanjak Baldé, *As visitas duram no máximo um mês, e como supervisionar determinadas coisas quando não se está no local e quando algumas pessoas fazem coisas não muito cristãs⁶⁶¹, como se fala?* (Entrevistado 28/11/2021).

Na ótica das duas Autoridades Diplomáticas que entrevistamos a respeito da migração de senegaleses no Brasil, as dificuldades que os migrantes têm para contribuir para o desenvolvimento do país ou localidade de origem estão na sua limitação a enviar dinheiro para familiares e construir casas (*Obras invisíveis*), ou seja, elas entendem que o problema é que os migrantes não investem em construção de escolas, eletrificação de localidade, ações de empresas, participação em projetos nacionais ou locais, atrair investidores para seu país de origem que criaram empresas. No entendimento da A.D.S nº 1, enviar dinheiro para a origem e participar do desenvolvimento não é a mesma coisa,

Porque uma coisa é enviar dinheiro para o país para sua família e outra coisa é contribuir com o desenvolvimento. *O Estado está vendo, sei que está ajudando os senegaleses orientando-os para que invistam em projetos de desenvolvimento do Senegal. Ai dá para ver que esta é a obra do senegales. Mas, enquanto a remessa financeira vai diretamente na mão da dona de casa, da mamãe ou bem da esposa... Efectivamente ajudam esta família a manter certo nível de vida, a se alimentar bem e a viver decentemente. Para que se passe à etapa superior, isto é, que contribuam realmente para o desenvolvimento, seria preciso que os senegaleses do exterior comessem a colocar suas economias em projetos, seja vendo quais são os grandes projetos do país, ou de suas localidades e investir em algo que permita fazer a diferença. Um senegales ou um grupo de senegaleses de uma localidade X que dão contribuições para colocar electricidade em seu vilarejo [comunidade] de origem, permite que moradores do mesmo tenham atividades que dão retorno financeiro, as mulheres por exemplo - porque com a electricidade, pode-se fazer muitas coisas [...] Estas são coisas que se vê. Então é o que nos falta na verdade, orientar os senegaleses da diáspora para que*

⁶⁶¹ Entende-se pessoas corruptas.

não invistam somente na família ou no imobiliário, mas a fazê-lo em projetos que possam realmente fazer a diferença e participar do desenvolvimento do país. Ser acionista, juntar-se, ter certo valor e comprar ações em tal empresa, estas coisas, por exemplo, participariam para o desenvolvimento (A.D.S nº 1. Entrevistada em 23/11/2018. Tradução nossa).

Uma vez imigrado, o casankoolu não leva, mas isso começou a ocorrer na Europa, pessoas a ir investir na região. Contenta-se com pouco. Termina seus estudos, instala-se onde está ou volta para casa. Ele nem sempre tem uma visão deste alcance, a meu ver. Durante toda minha carreira, não encontrei alguém que me disse “Estou fazendo isso para o país” (A.D.S nº 2. Entrevistada em 23/08/2022. Tradução nossa).

Os investimentos ditos econômicos da diáspora na localidade de origem são fortemente desejados, tal como seu envolvimento na atração de investidores estrangeiros para o país, como propõem as citadas A.D.S. Porém, não cabe a esta se substituir ao poder público nacional e local. É dever do Estado criar condições favoráveis para tal envolvimento de sua diáspora. Esta tem sido uma das dificuldades, pois, na ótica de Fall (2010), os mecanismos implementados com este fim são pouco incentivadores para a diáspora. Neste sentido, ele defende que as intuições que *cuidam dos migrantes internacionais* sejam fortalecidas e que seja criada “uma política coerente e convincente para senegaleses no exterior que desejam participar, a título individual ou associativo, ativamente da construção de seu país de origem (FALL, 2010b, p. 11-12. Tradução nossa). Além das contribuições para a manutenção das famílias e para a educação formal dos jovens - o que faz totalmente parte da promoção do desenvolvimento⁶⁶² - um dos primeiros investimentos que casankoolu no Brasil fizeram, é comprar um lote e/ou construir uma casa moderna. Neste processo, não é raro que *Ammii kalulumai* [o residente no exterior] perca seu dinheiro recebendo documentos falsos. Foi o caso de um dos entrevistados no Brasil, que relata não querer mais investir em outra coisa no país. Entretanto, este é o ramo que, para muitos da diáspora, reata de forma consistente a *presença* da pessoa *ausente*, ao mesmo tempo que, uma vez adquirida, a casa (parcial ou totalmente) alugada pode dar retorno, sem exigir muitos investimentos extras. Ou seja, o imóvel, além de sinônimo de realização, é tido como um dos investimentos mais seguros.

Em suma, os casankoolu residentes no Brasil vieram para este país em busca de formação e de trabalho por decisão pessoal ou familiar ou para realizar um trabalho em nome do Estado senegalês. Não há necessariamente um único motivo exclusivo, embora sempre haja algum destacado. É o que se percebe na fala de cinco entrevistados. Dois (2) deles associaram aos estudos a necessidade de proporcionar melhores condições de vida a si próprio

⁶⁶² Se apesar disso o Senegal está no Mapa da fome (Ver anexo 9.A), qual seria a situação alimentar se as remessas diaspóricas cessassem apenas por semestre? Alias, ha alguns anos, o Estado senegales dá uma bolsa social de 35.000 [antes 25.000], inspirado no Programa *Bolsa família* do Brasil.

e aos familiares como razões da migração. Ao trabalho, três (3) entrevistados associaram a estima social pelo migrante, a realização do sonho de migrar, a melhoria das condições de vida e/ou a possibilidade de ganhar mais no “destino”. Embora consideremos a “porosidade” entre estas categorias, podemos dizer que globalmente estamos diante do que Estupiñán Serrano (2012) chamou de “campo misto” que reúne migrantes *acadêmicos*, *econômicos* e *políticos*, na medida em uns deixaram a Casamansa e/ou o Senegal em busca de formação, trabalho ou segurança, lembrando que a Casamansa dos anos 1980 a meados dos anos 2000 havia poucos estabelecimentos escolares de nível secundário e que a região carecia de universidade, além de oferecer poucas possibilidades de emprego e entrar numa crise política desde o começo da década de 1980. A maioria destas pessoas veio diretamente do Senegal, com 30 anos de idade em média. Uma vez residentes no Brasil, os casankoolu são todos confrontados ao racismo social e institucional que combatem como podem.

Do ponto de vista laboral, atuam tanto no setor primário como no secundário do mercado de trabalho brasileiro, tanto no público como no privado, contribuindo principalmente para o desenvolvimento social e menos ao desenvolvimento econômico na Casamansa, mas também fora dela. Apesar da ausência de uma associação de casankoolu no Brasil, estas contribuições socioeconômicas na origem se fazem individualmente, em geral, mas também coletivamente - notadamente quando se trata de projeto de benefício comunitário - pois estas pessoas estão em outras redes que envolvem atores residentes em outros países do mundo, em outras regiões do Senegal e pessoas da localidade de origem.

É somente em 2022 que se nota a primeira iniciativa das autoridades locais eleitas da Commune de Ziguinchor de se aproximar dos migrantes no Brasil, objetivando envolvê-los ao desenvolvimento da sua região histórica. O que ainda está longe de se materializar.

CAPÍTULO VI – CASANKOOLU NO CANADÁ E DESENVOLVIMENTO HUMANO NA ORIGEM

Antes de se referir ao contexto canadense, cabe dizer quem eram estas pessoas, o que faziam na origem, quais os motivos de sua partida e como procederam para tornar possível sua emigração, regularmente, para o Canadá, um país de uma política migratória muito seletiva, que o torna pouco acessível a africanos em geral. Em outros termos, vejamos o perfil sócio-laboral e as experiências migratórias anteriores destas pessoas no Senegal e/ou fora dele, para melhor entender sua imigração no país norte americano.

6.1 - PERFIL SÓCIO-LABORAL E REDES PRÉVIAS À EMIGRAÇÃO PARA O CANADÁ

No momento de sua emigração para o Canadá, os oito (8) entrevistados originários da Casamansa, (quatro (4) homens e quatro (4) mulheres), tinham em média 32 anos de idade. O mais novo tinha 21 anos, e os dois mais velhos tinham 40 anos de vida. São das etnias diola, fula e mancagne⁶⁶³.

Do ponto de vista da instrução, o mais alto grau então obtido era a *Maîtrise* (nível de pós-graduação) e o menor nível a graduação em andamento. Antes de emigrar, seis (6) dos oito (8) entrevistados eram estudantes no país de origem. Apenas dois (2) trabalhavam. Estas pessoas atuaram como informático no setor para-público ou como agente comercial no setor privado e, como fiscal da Receita Federal, na função pública.

No tocante à migração inter-regional, dos oito (8) entrevistados residentes no Canadá, apenas uma (1) pessoa não residiu fora da sua região de nascimento (Dakar), embora costumasse passar suas férias em Oussouye. Ou seja, sete (7) tiveram uma experiência desta forma de migração. Após conclusão do segundo grau e admissão no *Baccalauréat*, cinco (5) pessoas saíram da região de Ziguinchor para fazer uma formação ou fazer faculdade na Universidade Cheikh Anta Diop (UCAD), em Dakar. *Fui para Dakar para fazer faculdade porque não havia universidade na Casamansa*, é uma declaração feita por quatro (4) mulheres e um (1) homem. Dois (2) dos entrevistados haviam feito essa migração ainda muito jovens. Um deles foi recrutado em idade tenra pelos *Irmãos de Saint Gabriel* para estudar num centro religioso em Fatick, o outro foi levado ainda bebe do departamento de

⁶⁶³ Além dos *Sudistes*, foi entrevistado um *Nordiste* que chegou ao Canadá com 28 anos de idade, tendo emigrado para a França com 25 anos para estudar. Ele seria da etnia Sereer.

Bignona para Dakar. Estas migrações serão seguidas, alguns ou muitos anos depois, de outras migrações internas, em certos casos, e posteriormente, de migrações intercontinentais.

Neste caso, não se pode perder de vista o referido *desejo* - exposto ou latente - *de emigrar* notadamente para o mundo ocidental, tanto nos que procuram por conta própria as vias de saída como naqueles que foram, “induzidos” à migração intercontinental sem manifestar nenhuma objeção à proposta ou à ajuda atinente a tal iniciativa. Então emigrar é aqui um velho sonho para alguns, mas uma sugestão interessante para outros ou mesmo um acaso da vida, rapidamente transformado em projeto. A verbalização do sonho de emigrar é muito mais enfática entre homens que entre mulheres, quando ainda se encontravam no Senegal⁶⁶⁴.

Sobre o desejo de sua primeira emigração intercontinental, Alira Bouragone diz que os estudos que foi fazer na Europa, no intuito de aprofundar seus conhecimentos no seu ramo de atividade, foram “*um pretexto para sair*” do país. O Canadá aparece raras vezes como “sonho de emigração” de casankoolu quando estes ainda residiam no Senegal. A respeito, o entrevistado Bouragone diz: *É um país onde sonhava realmente ir quando era jovem, sobretudo Quebec* (Entrevistado em 30/01/2022).

Quando se fala do *antes do Canadá*, isto inclui outros países que fizeram parte das trajetórias migratórias dos ressortissants da Casamansa nas Américas. Kayitali Kan assinala que residiu na França, mas seu real destino era o Canadá. Sonhava, desde jovem, emigrar para este país da América do Norte. O que verbaliza nas seguintes palavras.

Minha primeira escolha sempre foi o Canadá. Quando terminei a graduação no Senegal, queria ir para o Canadá, mas eh, aí não deu certo e fiquei, mas durante este tempo todo porque na verdade me deparei com problema de meios, então pensei “A França vai simplesmente ser uma etapa para mim”. Então quando fui para França, assim que cheguei na França, depois de dois anos, iniciei o processo, entrei em contato com universidades, laboratórios, para ir embora. Portanto, a França, para mim, era uma etapa. [...]. O Canadá era realmente o lugar onde eu queria morar. Já quando estava no Senegal, eu sonhava com o Canadá. Assim, dediquei todas as minhas forças, sabe, toda minha energia sobre o Canadá (Kayitali Kan. Entrevistado em 15/03/2021).

Portanto, Kan não pensou duas vezes para optar pelo destino Canadá quando teve a oportunidade de deixar a França para se especializar ainda mais no seu ramo de estudos.

⁶⁶⁴ Três delas mostraram que se empenharam em emigrar somente após terem sido informadas a respeito desta possibilidade. Uma vez em migração, o desejo de reemigrar foi explicitamente colocado como um projeto inicialmente pessoal por três das quatro entrevistadas, embora uma delas fosse então casada. Duas delas realizaram esta reemigração do Brasil e da França para o Canadá. A outra pensa ou em retornar do Canadá para o Senegal ou em reemigrar para a França.

[...] havia três laboratórios [em Miami, Montreal e em África do Sul, em Cape Town] que me ofereceram a possibilidade de me vincular a eles, então preferi ir para Montréal porque havia muito tempo, sempre quis ir para Montréal, sempre quis viver e morar no Canadá. Então agarrei esta oportunidade e fui para Montreal (Kayitali Kan Entrevistado em 15/03/2021).

Antes de saírem do Senegal, dos 8 casankoolu entrevistados, três (3), isto é, duas jovens e um jovem, sequer tinham o projeto de emigrar. Ao responder a pergunta: *Por que o Canadá?* Yayi Anta responde que “*Se voltarmos para trás, no início eu não queria emigrar. Não queria deixar o Senegal porque queria entender por que a gente era pobre, por que a gente não tinha dinheiro suficiente*” (Entrevistado em 21/11/2021), o que o levou a optar por uma área na UCAD em que encontraria respostas a suas inquietações. Ele acrescenta que:

O Canadá, eu sequer sabia, sequer pensei em vir aqui, nem programei isso. Como disse, são eles [um primo e uma irmã] que fizeram para mim. Foi como um efeito surpresa. Tá, escutem, tudo bem, eu irei. Mas eu, na minha cabeça, não estava sequer querendo sair, estava disposto a fazer uma escola técnica, sair da universidade (Yayi Anta. Entrevistado em 21/11/2021).

Quanta a Ina Afanha, perguntada sobre a *escolha* da França, esta foi sua resposta:

Riso. Para falar a verdade, não sei o que me motivou. Vi uma fila de estudantes que buscam pré-matrículas para ir embora. Ok? Perguntei: “O que está acontecendo?” Informaram-me que são pessoas que estão em busca de vagas em [universidades da] França. Falei: “Ah, porque não eu, também? Então fiz a fila como todo mundo. Peguei meu formulário e segui meu caminho e depois deu certo, então fui embora. Foi simplesmente assim. [Ela acrescenta] Com certeza, antes, eu falei para mim mesma que iria continuar meus estudos, mas não pensava que iria embora. Com pai falecido, mãe sem trabalho, eu não [podia] sonhar emigrar (Ina Afanha. Entrevistada em 14/03/2021).

Ao contar como acabou indo para França, Dokuwo Fofana conta duas situações. A primeira é a mais comum pelos universitários do Sênegal. Como a entrevistada citada acima, ela também descobre por acaso a possibilidade de conseguir uma vaga em universidades francesas e resolve tentar. Embora tenha conseguido uma resposta favorável, não foi apoiada pelo familiar em quem mais contava, pois ela havia iniciado uma formação que deveria concluir, no entendimento deste. Posteriormente, uma jovem lhe perguntou se ela não queria ir para França, informando que há sites de relacionamento sério em que senegalesas podem encontrar parceiros brancos. Ela fez seu cadastro no site fornecido sem atribuir muito crédito naquilo. Um dia, seu celular toca. Era um francês interessado nela. Depois que concluiu sua formação, este a matriculou numa escola na França, a encaminhou todos documentos escolares. Foi só neste momento que o familiar lhe deu o suporte que ela precisava para obter o visto. Fofana foi oficialmente para fazer uma formação na França, mas a convite e com o

compromisso de fundar uma família com o parceiro. Temos aqui um misto de formação acadêmica e eventualidade de formação de família.

Nestes casos, a ausência de vontade e de projeto pessoais ou familiares propriamente ditos de emigrar não significou rejeição da proposta ou menosprezo da informação atinente ao assunto pelos então estudantes da UCAD. Muito pelo contrário. A possibilidade de emigração era vista como uma oportunidade de residir em países do mundo rico e de oportunidades de estudos prestigiados e aquisição de altas competências, de trabalho, mas também como uma ida para países em que são reconhecidos e valorizados os profissionais e seu *savoir-faire*, ao contrário do que um trabalhador relata ter vivenciado no Senegal após ter se qualificado mais em um país europeu. Uma das três causas de sua emigração para o Canadá é o *clima* que reinava no seu local de trabalho e que o levou a sua reemigração.

Quando retornei para o Senegal para trabalhar, não estava muito à vontade, porque sabe que no Senegal você é colocado no segundo plano, sejam quais forem suas competências, porque você não foi recrutado pelo diretor atual. Então todas estas frustrações me levaram a dizer “Não, não vou perder meu tempo, agora vou procurar sair” (Alira Bouragone. Entrevistado em 31/01/2022).

Para emigrar, a mobilização das redes familiares foi fundamental para a maioria, inclusive para os três (dois homens e uma mulher) que dispunham de recursos financeiros próprios provenientes de salários ou bolsa de estudos no Senegal. O envolvimento de familiares, ex-colegas ou parceiros, no exterior e/ou no país, se deu financeiramente, em termos de propostas, orientação, conselhos e/ou incentivo. É o que Alira expressa em parte, dizendo:

financeiramente contei comigo mesmo, mas recebi conselhos de alguns amigos que me antecederam aqui [no Canadá], com os quais trabalhei quando estava no Senegal na função pública. Quando tive o projeto de viajar, eles me incentivaram dizendo-me, “venha, achamos que aqui é melhor para você, não terá toda essa dor de cabeça que tem no Senegal” (Alira Bouragone. Entrevistado em 31/01/2022).

O entrevistado Kayitali Kan começou dizendo que não contou com ninguém para emigrar. Entretanto cita um apoio que avalia pertinente e que faz a diferença em sua capacidade financeira.

Fiz tudo por conta própria. Fiz a solicitação junto às universidades. Quando recebi a carta de admissão, precisei pedir o visto e já tinha os recursos pessoais para ir para a França porque, primeiro: tinha minha poupança, que oriunda das bolsas acadêmicas; segundo: tinha também uma ajuda do governo sênegales, mas esta ajuda, eu a tive graças ao nosso tio Coronel. Posso dizer que ao deixar o Senegal, a única pessoa que realmente me ajudou foi na verdade o coronel *N. S.* Posso dizer que é a pessoa que me apoiou durante toda minha carreira universitária, sim. Ele realmente contribuiu para meu desenvolvimento, sobretudo financeiro (Kayitali Kan. Entrevistado em 15/03/2021).

À semelhança da entrevistada Dokuwo Fofana, Ina Afanha e Bruna Gyde Fonho contaram, não necessariamente de forma exclusiva, com seus tios para poder emigrar. Quanto a Yayi Anta, ele contou com o irmão mais velho financeiramente, mas também com o primo e a irmã que ajudaram no processo de solicitação de vaga em universidades canadenses. Além de contar com o apoio dos parentes que já estavam no exterior, e, conforme o caso, também no Senegal, os entrevistados Bruna Gyde Fonho e Yayi Anta mostraram que o projeto de emigrar para as Américas não era inicialmente deles. Trata-se de um primo no Canadá e de uma irmã no Senegal, no caso deste. Nas suas palavras, ele diz o seguinte: *Eles já sabiam meus dados, minha data de nascimento, meu nome completo, então preencheram tudo. Só faltava fornecer os históricos, foi aí que me informaram que: 'Bem, a gente te [pré-]inscreveu'* (Yayi Anta. Entrevistado em 21/11/2021). Já Bruna, assinala o envolvimento do tio na diáspora dizendo: *Finalmente meu tio me propôs ir para o Brasil [...], assim haveria muito mais acompanhamento, e além disso a universidade era gratuita* (Bruna Gyde Fonho. Entrevistada em 14/03/2021).

Os entrevistados Yimbira Ba e Ina Afanha, são de todos, os únicos a contar financeiramente com uma bolsa do governo do Senegal para emigrar para a França.

Embora o Canadá, na ótica de Alira Bouragone, já houvesse *aberto as condições de imigração*, para senegaleses altamente qualificados e com experiência, estudantes universitários e para reunião familiar assim como para refugiados, não entra no país nórdico quem quiser, muito menos saindo diretamente da África. Trata-se, grosso modo, de uma migração rigorosamente seletiva e censitária. Reiteremos que o entrevistado Kan optou pela França, como alternativa provisória, por não dispor dos meios exigidos pelo Canadá, apesar do alto nível de instrução que tinha. É, em parte, por conta desta seletividade canadense, da sua localização geográfica, da onerosidade dos estudos neste país, que nem permanece no horizonte dos muitos candidatos à emigração para o Ocidente.

Para realizar estudos no Canadá - agora é um pouco diferente...- mas vindo de uma família humilde, muito humilde, era quase impossível fazê-lo. Porque no Canadá o custo dos estudos de um semestre, à época, chegava perto de 6.000 dólares, só para os estudos. Para o ano todo o valor gira em torno de 12.000 dólares [canadenses] e depois eles te pedem 8.000 dólares extra relativos à comida, alojamento e outros. Portanto, 20.000 dólares pessoais (Kayitali Kan. Entrevistado em 15/03/2021).

Como mostra o quadro abaixo, ao buscar pelo caminho da emigração, o destino da maioria dos casankoolu no Canadá era a França, para quatro (4) entrevistados. Seguiu o

Canadá, para dois (2) deles. O Brasil e a Bélgica tiveram um (1) cada. Vale destacar que para estes casankoolu, excetuando o caso de Kayitali Kan, os países referidos eram mesmo destinos⁶⁶⁵. A França e o Brasil se tornaram posteriormente o que chamamos de *destino de trânsito*, na medida em que, após anos de residência, passaram de país de destino para país de trânsito dos envolvidos na migração, que neles adquiriram todos mais qualificação, e, conforme o caso, documentos de residente permanente ou naturalizado. O maior tempo de “trânsito” foi de 16 anos e ocorreu na França, o país da primeira emigração intercontinental para a maioria (4). A França e o Brasil eram vistos como lugares para se formar e retornar ou eventualmente trabalhar.

É cabível notar que antes de emigrar, a maior parte dos estudantes só tinha a intenção de adquirir uma qualificação e regressar para trabalhar no seu país de origem. Foi o que fez Alira, que retornou ao Senegal e trabalhou anos antes de reemigrar. O entendimento comum *vis-à-vis* dos estudos no exterior nos parece bem resumido nas falas de Anta e de Yimbira.

É preciso saber também que o objetivo de viajar não era ficar [no exterior]. O objetivo da viagem era, na minha cabeça, primeiro ir para um país onde vou estudar em paz e ter muita sabedoria. Para mim, vou vir aqui, vou adquirir muito conhecimento, vou ter muitas experiências, junto minhas coisas e retorno ao país. Faço isso e mostro para todo mundo como funciona [...] (Yayi Anta. Entrevistado em 21/11/2021).

Eu esperava receber uma formação completa que pudesse ser aplicada em caso de retorno para África. Estas eram minhas expectativas, disse Yimbira Ba sobre a formação que iria ter na França (Entrevistado em 28/11/2021).

Estas falas revelam que a busca por desenvolvimento humano pessoal, familiar e nacional está na base da emigração acadêmica. Mas como evoca a *exceção* de um retorno de uma provisoriedade de sete anos do entrevistado Alira, a volta dos estudantes ocorre raramente. Quanto aos tipos de vistos obtidos para ir ao Canadá por um prazo médio ou longa, cinco (5) são de residência permanente e três (3) de estudos.

⁶⁶⁵ A maior parte dos estudantes não emigrou com a intenção de ficar, mas sim de adquirir uma qualificação e regressar para trabalhar no seu país de origem.

Quadro 38 - Perfil de casankoolu no Canadá antes de sua emigração do Senegal

Aspectos considerados dos entrevistados		DEPARTAMENTOS DE ORIGEM, REGIÃO DE ZIGUINCHOR			
		Bignona	Oussouye	Ziguinchor	Total
Números por sexo	Homens	1	3	-	4
	Mulheres	2	1	1	4
	Total	3	4	1	8
Ocupação principal antes da emigração	Estudante	3	2	1	6
	Trabalhador	-	2	-	2
	Total	3	4	1	8
Média de idade, por sexo, no ano de imigração no Canadá	Homens	30	29,5	-	30
	Mulheres	37,5	32	29	34
	Total	35	30	29	32
Nível de instrução antes da migração	Maior	<i>Maitrise</i>	<i>Maitrise</i>	Curso técnico sup. incompleto	-
	Menor	Graduando	Graduando	Curso técnico sup. incompleto	-
País de primeira escolha ou aceito como destino sugerido	Brasil	-	-	1	1
	Canadá	1	3	-	4
	França	2	1	-	3
	Estados Unidos	-	-	-	-
	Outros	-	-	-	-
Qual foi o país extracontinental que primeiro lhe concedeu visto de residência temporária ou permanente	Brasil	-	-	1	1
	Canadá	-	2	-	2
	França	3	1	-	4
	Estados Unidos	-	-	-	-
	Bélgica	-	1	-	1
Tipo de visto obtido para ingressar no Canadá pela primeira vez	Turismo	-	-	-	-
	Estudo	1	1	1	3
	Residente permanente	2	3	-	5
	Cortesia	-	-	-	-

Fonte: Elaboração do autor a partir de entrevistas

Já assinalamos que a emigração de casankoolu para o Canadá para fins de estudos ou trabalho exige disponibilidade de capital humano e financeiro, além do capital social. Estes capitais são, para muito, mais consolidados no exterior, o que justifica que 62,5% dos casankoolu entrevistados no Canadá tenham vindo de outro país. O caso do entrevistado Kayitali Kan é, neste sentido, bastante ilustrativo. Ele não logrou emigrar diretamente do Senegal para o Canadá, mas com os mesmos recursos foi admitido pela França, e uma vez neste país, com uma formação a mais, foi aceito pelo Canadá. Os dois (2) que já trabalhavam no Senegal e lograram emigrar diretamente para o Canadá eram altamente qualificados, atuavam na função pública ou para-pública e tinham longas experiências profissionais. No entanto, a mulher emigrou no âmbito da reunião familiar.

De modo geral, nossos interlocutores da Casamansa emigraram porque dispunham de uma rede social, de recursos pessoais ou beneficiaram de apoio governamental⁶⁶⁶. Em todos os casos, desde o Senegal ou o exterior, houve envolvimento da rede de relação na emigração intercontinental do casankoolu. Ter uma rede social foi importante mesmo para aqueles que tinham meios financeiros pessoais. Ou seja, os *ressortissants* da Casamansa no Canadá não emigraram do Senegal, nem mesmo da França ou do Brasil, sem colaborações de terceiros, sobretudo familiares e pessoas próximas. O sentido destas colaborações também é a promoção de desenvolvimento humano com potencial de promover ainda mais desenvolvimento humano nas famílias e também no país.

Os casankoolu em questão mostram que a combinação de vários motivos pode levar à emigração. Formar-se e adquirir mais competências e conhecimentos, realizar o sonho de morar no exterior, ajudar a família melhorando suas condições de vida, juntar-se ao parceiro. Em termos de escolha de destino, é preciso dizer que considerar a herança colonial, que se traduz pela adoção da língua francesa no Senegal como em Quebec, é relevante para entender a preponderância da França e da província canadense do Quebec na migração intercontinental de casankoolu. No país norte americano, os *ressortissants* da Casamansa em questão não são pioneiros na imigração de populações negras. Portanto, um pequeno retrato se faz necessário para evocar a presença de pessoas de cor negra, comparando-as com as de cor branca.

6.2 - IMIGRAÇÃO NO CANADÁ: O LUGAR DO NEGRO E DO BRANCO ONTEM E HOJE

O Canadá, como toda a América, é uma terra de povos indígenas. De acordo com Gouvernement du Canada (2020), o próprio nome teria vindo *da palavra huron e iroquois kanata, que significa “aldeia” ou pequeno vilarejo*. O explorador Jacques Cartier é apontado como autor da apelação de uma parte do território com este nome já em 1535. Ele foi *oficialmente usado pela primeira vez em 1791, quando a província de Quebec foi dividida em duas colônias: o Alto-Canadá e o Baixo-Canadá*. Esta fonte informa ainda que *em 1º de julho de 1867, « as províncias do Canadá, a Nouvelle-Écosse e o Nouveau-Brunswick » se*

⁶⁶⁶ Três deles (uma mulher e dois homens) receberam em algum momento bolsa do governo senegales quando estava na França ou no Canadá. Destes, um abriu mão de uma quando preferiu estudar no Canadá em vez de ir para outro país europeu..

tornaram «uma só confederação chamada Canadá»⁶⁶⁷. O país é administrativamente dividido em dez (10) províncias e três (3) territórios⁶⁶⁸. “Segundo país do mundo em superfície, o Canadá, [...] dispõe de um ambiente magnífico. É um país reconhecido por ser uma sociedade segura, pacífica e justa, que oferece uma educação de qualidade.” (FALL, 2014, p. 10. Tradução nossa).

Em sua história migratória dos últimos 500 anos, o Canadá se deparou com a vinda de europeus, africanos, antilhanos, asiáticos e americanos. Estas imigrações diferem na forma como são *recebidas* em seu solo. Quando europeus chegaram naquele território, este já era habitado por povos indígenas como, por exemplo, as Primeiras Nações, os Métis, os Huron, os Iroquois, os Inuit, os Algonquins (Quinel e Montgon, 2006; Garneau, 2002; Baines, 1997). Entretanto, oficialmente “A Constituição canadense reconhece três (3) grupos de povos autóctones: os *Indiens* (comumente chamados de *Primeiras Nações*), os *Inuit* e os *Métis*. Estes três (3) grupos distintos têm sua própria história e suas próprias línguas, práticas culturais e crenças” (GOUVERNEMENT DU CANADA/RCAANC, 2022). Eles foram minorizados pelo processo imigratório e colonial, permanecendo nesta situação no novo Estado do Canadá.

Se o Canadá é ainda considerado como um país de imigração⁶⁶⁹ (Guilmoto e Sandron, 2003; Helly, 2005; Boussichas, 2009), isto se deve à relação histórica e atual que o país vem mantendo com a vinda de estrangeiros para seu território. Aliás, o *Gouvernement du Canada* (2022c) prevê acolher 431.645 novos residentes permanentes em 2022, com 56% de migrantes econômicos, 24,5% na reunião familiar e 18% de refugiados e pessoas protegidas, 447.055 em 2023, com 56,6% de migrantes econômicos, 24,5% na reunião familiar e 16,5% de refugiados e pessoas protegidas e 451 000 em 2024, com 59,5% de migrantes econômicos, 25% na reunião familiar e 14% de refugiados e pessoas protegidas⁶⁷⁰. O

⁶⁶⁷ *Gouvernement du Canada*. Origine du nom “Canada”. Date de modification: 2020-06-08. Visité le 30/11/2023. Sur. <https://www.canada.ca/fr/patrimoine-canadien/services/origines-nom-canada.html>

⁶⁶⁸ *Gouvernement du Canada*. Provinces et territoires. Date de modification : 2023-10-25. Sur <https://www.justice.gc.ca/fra/pr-rp/sjc-csj/redact-legis/juril/no104.html>

⁶⁶⁹ Ser um país de imigração não significa que o país não tenha observado saídas de parte de sua população para o mundo.

⁶⁷⁰ *Gouvernement du Canada*. Avis – Renseignements supplémentaires sur le Plan des niveaux d’immigration 2022-2024. Date de modification : 2022-02-14. Visité le 10/09/2023. Sur <https://www.canada.ca/fr/immigration-refugies-citoyennete/nouvelles/avis/renseignements-supplementaires-niveaux-immigration-2022-2024.html>

acolhimento de imigrantes não foi o mesmo para negros e para branco em grande parte da história imigratória do país do extremo Norte da América.

Os estrangeiros que o Canadá “recebeu” no início eram brancos oriundos da Europa, notadamente os britânicos e os franceses. Em outros termos, Baines (1999) fala que o Canadá foi colonizado por “‘países de centro’ da antropologia - a Inglaterra e a França” (1999, p. 12). Quanto a Garneau (2002), ele evoca o aumento da imigração de franceses em 1634. Entende-se, com base em Quinel e Montgon (2006) e Walker (1985), que o começo deste processo nada mais foi que uma invasão de terras de povos originários, no decorrer da qual o número de indígenas foi drasticamente reduzido, como ocorreu em boa parte do continente americano, e, com o envolvimento de religiosos. Assim, os envolvidos acabaram passando indiretamente a administrar o território sob tutela do Império Britânico, para posteriormente se tornarem os “donos” do país. Aliás, “antes de 1947, pessoas nascidas no Canadá e imigrantes naturalizados eram considerados sujeitos britânicos em vez de cidadãos canadenses” (VAN DYK, 2019, s/p. Tradução nossa). A vinda de imigrantes europeus foi incentivada e inclusive subsidiada em determinados momentos. Van Dyk (2019) sugere que isto ocorreu em vários momentos da história do Canadá. No âmbito do *Empire Settlement Act de 1922*, que objetivava facilitar a *relocalização de agricultores, trabalhadores agrícolas, jovens imigrantes*, entre outros, dentro do Império Britânico, no Canadá chegaram *aproximadamente 165.000 imigrantes britânicos (...) na condição de participantes a diversos programas de colonização*, incentivados pelos subsídios no transporte e a oferta de uma qualificação (VAN DYK, 2019, s/p. Tradução nossa). Anteriormente a isso, outras medidas favoráveis à presença europeia foram registradas por este autor. Entre outros europeus, o Canadá recebeu irlandeses e italianos (Walker, 1985; Van Dyk, 2019). A imigração destes últimos levou à criação da *Comissão Real* em 1904 para averiguar a exploração a que estariam sendo submetidos (Van Dyk, 2019)⁶⁷¹.

Além de populações brancas, o Canadá recebeu populações negras originárias da África (Nzindukiyimana, 2014; Walker, 1985) e - conforme indicam estes estudos e os de Nguirane (2022) e Plaza (2007) - vindouras dos Estados Unidos⁶⁷², das Américas Central e

⁶⁷¹ Um dos raros momentos de restrição que afetou grande parte dos Europeus ocorreu com a adoção do *Decreto-em-conselho CP 695* em 21 mars 1931, que só autorizava a imigração de americanos dos Estados Unidos e britânicos ricos (Van Dyk, 2019).

⁶⁷² Walker (1985) sugere que neste caso, tratava-se de pessoas que fugiam da violento processo de escravidão e que chegavam clandestinamente no Canadá em busca de liberdade e refúgio. Ele pergunta: “O Canadá não serviu de asilo para fugitivos durante mais de setenta e cinco anos ? [e prossegue dizendo que] “esta rede está

do Sul, e das Antilhas. Os estudos de Walker (1985), Voltaire (2007) e Nguirane (2022) mostram que o desembarque em Quebec do primeiro africano, Olivier Le Jeune, destinado à escravidão ocorreu no ano 1628⁶⁷³. Os estabelecimentos iniciais de negros livres no país ocorreram a partir de 1783, pois no intervalo entre estes dois anos, a maioria dos Canadenses negros tinham sido condenados como escravos pelo país (Walker, 1985). Nas palavras do autor “O primeiro grupo de imigrantes negros atravessou a fronteira canadense em 1783; composto por *loyalists*⁶⁷⁴ negros, ele reunia umas três mil almas” (WALKER, 1985, p. 9. Tradução nossa). Considerando a promessa de liberdade e terra, e o exposto por Trudel (1949), fica compreensível a migração do significativo número de negros leais à coroa britânica, para o Canadá, saindo dos Estados Unidos. Contra estes leais, os Estados Unidos adotaram, já no início de sua revolução (1775) e por algum período, uma tolerância zero, o que incluía até aqueles numa posição de neutralidade (Trudel, 1949).

Entretanto, “A[s] lei[s] de emancipação (Emancipation Proclamation) promulgada[s] nos Estados Unidos em 1863 e no fim da guerra de Secessão (1861-1865) haviam favorecido o retorno de milhares de negros libertos para cidades americanas” (NGUIRANE, 2022, p. 3. Tradução nossa). Partindo de Milan et Tran, Nzindukiyimana (2014) informa que no período anterior a 1960, perto de 75% dos negros no Canadá tinham como origem uma destas três regiões da América, e um pouco mais de 25% eram originários do próprio Canadá.

A taxa de oriundos da África Negra era ínfima (mais ou menos 1%). A respeito das Antilhas, iniciaram a imigração no país da América do Norte desde 1688, com destaque para o final do século XIX, período em que começaram a aumentar, após momentos de limitações migratórias no decorrer do século (Plaza, 2007). Cita-se o caso da tentativa infrutífera da *Nouvelle-Ecosse* de controle da imigração de pessoas negras na primeira quinzena do século XIX sob a alegação de dispor de uma quantidade suficiente para a realização de tarefas destinadas a estas. Em seus termos, Walker coloca que “Em 1815, a Assembleia da

na origem de um mito” (WALKER, 1985, p. 6. Tradução nossa) que relaciona a estrela Polar, o livramento do domínio da escravidão e o Canadá como terra de liberdade.

⁶⁷³ Nguirane (2022) e Voltaire (2007) sustentam respectivamente que Mathieu Da Costa, contratado como intérprete de Franceses e holandeses, foi o primeiro Africano a chegar a Quebec, no Canadá em 1606 e 1603, portanto, no começo dos anos 1600, segundo Statistique Canada (2019).

⁶⁷⁴ “A maioria destes *loyalistas* negros sofreram a escravidão nos Estados Unidos e se libertaram durante a guerra de independência, juntando-se às tropas britânicas em troca da promessa de que teriam os mesmos direitos e privilégios concedidos aos demais *loyalistas*” (WALKER, 1985, p. 9. Tradução nossa). Sem distinção de “raça”, o conjunto de refugiados *loyalistas* provocados pela *Revolução americana* tinha superado os 80.000, dos quais quase 40.000 foram para “*Quebec e para os Maritimes*” (Ver Sprague, 2015).

Nouvelle-Ecosse adotou uma resolução bastante reveladora, visando proibir a entrada no país de qualquer novo imigrante negro sob pretexto que a colônia já disponha do número suficiente de domésticas e obreiros” (WALKER, 1985, p. 11. Tradução nossa).

Desde 1869, o Canadá tem leis e regulamentos que regem a entrada de imigrantes⁶⁷⁵. (...) A abordagem “portas abertas” do final do século XIX cedeu progressivamente o lugar para medidas mais restritivas no tocante à raça, à origem étnica e à origem nacional. Estas políticas discriminatórias assumidas permaneceram ancoradas na política de imigração canadense até a segunda metade do século XX, quando as competências e a educação se tornaram os principais critérios que permitem determinar a admissibilidade de imigrantes no Canadá (VAN DYK, 2019, s/p. Tradução nossa).

Em seu estudo, Walker (1985) menciona a obra intitulada *Canada and Its Provinces*, publicada em 1914, em que o superintendente de imigração W. D. Scott diz o seguinte:

Jamais o governo favoreceu a imigração de gente de cor⁶⁷⁶. As pessoas que se interessam pelo problema de imigração devem lamentar a chegada, em províncias do Oeste desde 1911, de gente de cor de Oklahoma. Os Canadenses não desejam de forma alguma herdar o problema negro que os Estados Unidos estão enfrentando e que só pode ser resolvido, de acordo com Abraham Lincoln, retornando todos eles para um território qualquer em África. Nosso único desejo é que todos os novos colonos não possam suportar o clima canadense e que as ricas terras do Oeste sejam cultivadas apenas pelos Brancos” (WALKER, 1985, p. 4. Tradução nossa).

Os estudos de Plaza (2007) e de Walker (1985) indicam que este fechamento discriminatório a imigrantes negros - bem como a asiáticos, em particular chineses e japoneses⁶⁷⁷, apontado por Van Dyk (2019) - não se mostrou efetivo nas primeiras décadas do século XX, notadamente a partir de 1911, isto, como disse Van Dyk (2019, apesar do *racismo doméstico omnipresente*, da criação de obstáculos contra a chegada de *imigrantes de origem africana*, do *Acte da imigração de 1906* que, segundo o próprio *introduziu uma política de*

⁶⁷⁵ Após o nascimento da Confederação do Canadá, a Lei de imigration de 1869 foi a primeira. Ela foca na *necessidade de garantir a segurança dos imigrantes durante sua viagem ao Canadá e de protegê-los contra a exploração na sua chegada*. (...). [No entanto,] a taxa de emigração superou a de imigração durante o século XIX (VAN DYK, 2019, s/p. Tradução nossa).

⁶⁷⁶ Ainda é comum falar de “gente de cor”, de “pessoas de cor” para se referir a pessoas não brancas, mas cabe notar que na Guiné-Bissau, por exemplo, ser “gente de cor” é sinônimo de ser pessoa branca. é não ser negro. Portanto, não há gente sem cor, todos temos cor.

⁶⁷⁷ Importa destacar, ainda com base neste autor, que a chegada de inúmeros trabalhadores chineses nos anos 1880 levou à criação da *Comissão Real* em 1885 com o objetivo de controlar a imigração chinesa. O *Acte de imigração chinesa* daquele ano foi a primeira peça da legislação canadense que exclui determinados imigrantes com base em sua origem étnica. Eles eram acusados pelos políticos e sindicalistas de cor branca de imoralidade, doentes e inassimiláveis. Em 1923 a adoção da *Lei da imigração chinesa* só permitia a imigração de algumas categorias de Chineses: *diplomatas, representantes governamentais, comerciantes, estudantes*. Quanto à imigração japonesa no Canadá, ela foi alvo de restrição em 1908, tendo o Japão resolvido limitar a 400 por ano o número de seus cidadãos indo ao Canadá. Naquele mesmo ano, por meio do *Regulamento sobre a viagem contínua* (sem “escala”), a imigração indiana também foi impedida (VAN DYK, 2019, s/p. Tradução nossa).

imigração mais restritiva e do Decreto-do-Conselho CP 1911-1324⁶⁷⁸. Pessoas negras chegaram ao Canadá vindo dos Estados Unidos e das Antilhas no primeiro quarto do século XX. De acordo com Plaza (2007), centenas de Antilhanos são recrutados em 1915, no decorrer da Primeira Guerra mundial, mas muitos acabaram desempregado após o conflito e levados a migrar de Cap Breton para outras cidades como Toronto e Montréal, onde se inseriram em determinados nichos laborais⁶⁷⁹.

Convergindo parcialmente com Van Dyk (2019), Plaza (2007) fala que com a crise de 1929, o Canadá adotou medidas limitadoras de novas chegadas de antilhanos, por um lado, mas por outro, incentivou a chegada de pessoas brancas na mesma política implementada. O fechamento não se aplicava, portanto, a todos. Até o começo dos anos 1940, poucas dezenas de Caribenhos atingiram o território canadense. Ainda de acordo com este estudo, nas duas décadas posteriores à Segunda Guerra mundial, apesar da pressão vindo de fazendeiros canadenses, governos caribenhos e britânico, o Estado canadense recusou a admitir trabalhadores agrícolas negros, sazonais ou permanente, do Caribe.

Quanto às mulheres negras da mesma região, este autor indica que elas iniciaram sua chegada no Canadá em 1909, recrutadas como domésticas. Um procedimento similar foi organizado em 1955 com o objetivo de levar 100 trabalhadoras domésticas caribenhas anualmente para o Canadá. Desta vez, as mulheres recrutadas para o mesmo serviço, com base em critérios sanitários, estado civil, idade e nível de instrução, eram professoras, secretárias etc. em seus países, e por isso, abandonavam este trabalho para outro após o tempo exigido de trabalho como domésticas (Plaza, 2007). Olhando para o quadro geral da imigração caribenha no Canadá, o autor conclui que “Os imigrantes do Caribe esbarraram em inúmeros obstáculos de um racismo institucionalizado e sistemático, seja na busca de um

⁶⁷⁸ “Em resposta a fazendeiros negros perseguidos que tentavam deixar os Estados-Unidos na esperança de uma vida mais justa no Canadá, o governo do Senhor Wilfrid Laurier usou o pretexto de sua suposta inadaptação climática para aprovar um decreto em conselho proibindo qualquer imigração negra” (VAN DYK, 2019, s/p. Tradução nossa).

⁶⁷⁹ Pode-se dizer, com base em testemunhos referidos no estudo de Walker (1985) que no Canadá do século XIX se vivia no apartheid, pois, as escolas eram ou fechadas às pessoas negras, separadas, com turnos diferentes ou com fileiras separadas para eles. No trabalho, havia trabalhos a eles reservados. Juridicamente em teatros “qualquer homem de cor com um bilhete e que queira ocupar um assento, sabendo que este é proibido a pessoas de cor pela direção, não poderá protestar se lhe for negado a entrada no teatro” (Retirado de um julgamento da *Cour d’appel*/Tribunal de Apelação de Quebec no processo *Loew’s Montreal Theatres Ltd. c. Reynolds*, em 1919)” (WALKER, 1985, p. 5. Tradução nossa). Em suma, havia segregação racial no trabalho, na cultura, na educação, na moradia, na religião, no serviço público, no casamento, na política, embora apenas a segregação na esfera escolar tenha sido pautada em lei em 1850.

emprego, em sua vida cotidiana ou a de sua família” (PLAZA, 2007, p. 141. Tradução nossa).

Negros canadenses - atualmente classificados como uma das *minorias visíveis*⁶⁸⁰, a exemplo de outras (Nzindukiyimana, 2014; Walker, 1985) - não eram poupados de tal realidade discriminatória ao longo da primeira metade do século XX (Nzindukiyimana, 2014; Voltaire, 2007 ; Walker, 1985), nem mesmo em tempos de guerra (Nzindukiyimana, 2014; Walker, 1985). O exemplo a seguir mostra que nos anos 1940, eles se depararam com obstáculos no mercado de trabalho, que walker qualificaria de herança da escravidão, na medida em que atribui como *fonte de um grande número de preconceitos atinentes a negros* aquele processo despido de civilização, durante o qual esta engenharia social hierarquizante colocou os negros como incapazes, *subalternos e não especializados*. O tempo passou, mas estas crenças permaneceram (Walker, 1985). Na *Declaração de um grupo de negros publicada em 28 de outubro de 1943 em Globe and Mail*, referida por Walkerr (1985) lê-se:

Mesmo em tempos de guerra, a alguns de nós, inclusive aqueles que têm um diploma universitário, são negadas inúmeras possibilidades de emprego. Participamos do esforço de guerra; queremos ser mais úteis. Nosso povo foi desprezado, desperdiçando suas energias em tarefas servis (Ver WALKER, 1985, p. 5. Tradução nossa).

Esta discriminação, cujo auge é situado entre 1910-1911 por Van Dyk (2019), era praticada sem entrave legal até os anos 1950, e mesmo décadas depois, o que reduzia as oportunidades de emprego para os negros (Nzindukiyimana, 2014; Walker, 1985). Na história do Canadá, a discriminação fundada na “raça” atingiu *Ameríndios, Chineses, Japoneses, Asiáticos do Sul e Judeus* (WALKER, 1985, p. 8. Tradução nossa). Para este autor, é um equívoco pretender qualificar a discriminação contra negros de fato novo ou tentar explicá-la na sua relação com um aumento demográfico, uma economia debilitada ou com embate entre culturas.

⁶⁸⁰ “De acordo com a *Loi sur l'équité en matière d'emploi*/Lei de equidade em matéria de emprego, as minorias visíveis são definidas como ‘pessoas, com exceção de Autóctones, que não são de raça branca ou que não tem a pele branca’. A população de minorias visíveis é composta principalmente pelos seguintes grupos; Sul-Asiático, Chines, Negro, Filipino, Árabe, Latino-Americano, Asiático do Sudeste, Asiático ocidental, Coreano e Japonês.”(STATISTIQUE CANADA, 2022a. Disponível em: <https://www150.statcan.gc.ca/t1/tbl1/fr/tv.action?pid=9810030301>). *Nos produtos de análise e de comunicação do censo de 2021, o termo « minorité visible » foi substituído pelos termos « population racisée » ou « groupes racisés », o que reflete o uso crescente destes termos na esfera pública.* (STATISTIQUE CANADA. *Minorité visible et le statut d'immigration et la période d'immigration:....* 2022b.Sur https://www150.statcan.gc.ca/t1/tbl1/fr/tv.action?pid=9810030801&request_locale=fr).

6.2.1 - Imigração contemporânea no Canadá e em Quebec

A atitude do governo canadense mudou na década seguinte, pois em 1960 ele se pronunciou publicamente a respeito. “Na conferência do Commonwealth em 1960, o Primeiro Ministro John Diefenbaker declacara que o Canadá inteiro abominava e condenava definitivamente a discriminação racial” (WALKER, 1985, p. 7. Tradução nossa). Citando outro trabalho, Nzindukiyimana (2014) situa o início da melhoria da situação laboral dos negros no Canadá na década de 1960, melhoria essa atribuída basicamente à atuação do militantismo.

Este período é marcante na política migratória canadense por ser o momento em que a abertura a todos voltou a ocorrer, numa conjuntura econômica favorável (Plaza, 2007; Van Dyk, 2019). Foi durante a segunda metade do século XX, notadamente com a adoção, em 1962, de novos dispositivos imigratórios contrários à discriminação racial, que o Canadá passou a considerar, não mais a característica racial ou a nacionalidade, mas *as competências, educação, a idade, o conhecimento das línguas francesa ou inglesa* como critérios fundamentais que possibilitem a admissibilidade dos imigrantes no país (Van Dyk, 2019; Helly, 2005). Van Dyk (2019) ainda indica que após aconselhado a priorizar a qualificação dos migrantes no ano anterior, Canadá adota em 1967 novas normas, mais objetivas, pois baseadas em pontos. *O primeiro sistema de pontos baseado em critérios tais como as competências profissionais, a escolaridade e o conhecimento das línguas oficiais foi instaurado para selecionar imigrantes econômicos* (STATISTIQUE CANADA, 2019, p. 7. Tradução nossa). É o que Helly (2005) chamou de *política de seleção* adotada nos anos 1960. Adam-Vézina (2012) entende que o Canadá continua adotando uma política de imigração rigorosamente seletiva⁶⁸¹, e bem sucedida, em parte favorecida pela sua localização geográfica e sua aproximação com os Estados Unidos que o protege e, ao mesmo tempo, atrai mais imigrantes que ele, como sugerem Plaza (2007) e Helly (2005). Em suas palavras, esta diz:

O Canadá goza de uma situação geográfica privilegiada em matéria de imigração ilegal. Sua única fronteira porosa é aquela que compartilha com os Estados Unidos. O desafio é mínimo na medida em que a maioria dos migrantes preferem este ao Canadá” (HELLY, 2005, p. 6. Tradução nossa).

⁶⁸¹ Para o autor, se são os mais saudáveis que tendem a emigrar, o Canadá adota desde 2001 políticas migratórias com “critérios específicos e constrangedores para a entrada e residência de migrantes doentes” (ADAM-VÉZINA, 2012, p. 130. Tradução nossa).

Voltando às normas, a partir de 1967, independentemente de raça, etnia ou nacionalidade, as pessoas admitidas estão entre aquelas que atingiram pelo menos 50 pontos de 100. A esta medida se soma a adoção, em 1971, *do multiculturalismo*⁶⁸² *como política oficial* do Canadá, [sendo] *a diversidade cultural dos imigrantes no Canadá elevada ao patamar de elemento chave da identidade canadense*. A adoção da *Lei do multiculturalismo canadense* em 1988, a primeira no mundo, tinha como objetivo legalizar e ampliar a política do multiculturalismo (Cf. Van Dyk, 2019, s/p. Tradução nossa). Para Helly,

O multiculturalismo transformou a percepção e o status da imigração da Europa do Sul e do Leste, e depois da imigração não europeia. Não se limitou a uma política de gestão da integração social, política e cultural dos imigrantes. Foi também uma política voltada à aceitação por todos os Canadenses, as instituições públicas, a mídia e as grandes empresas, dos imigrantes e seus descendentes como Canadenses completos e legítimos (HELLY, 2005, p. 8. Tradução nossa).

Entretanto, o multiculturalismo não foi aparentemente suficiente para acabar com o racismo. Certos estudos (Statistique Canada, 2023⁶⁸³; Proulx-Chénard, 2022⁶⁸⁴; Nzindukiyimana, 2014; Piché, 2013; Helly, 2005), falas de alguns casankoolu no Canadá, e de uma autoridade política deste país mostram que o racismo ainda é um desafio. Segundo sugerido em Proulx-Chénard (2022. Tradução nossa), esforços vêm sendo feitos, pois, *no decorrer dos anos 2000, o governo quebequense promove a diversidade assim como a luta contra o racismo e a discriminação, aumentando o número total de admissões*. Entretanto, *Em 2020, quando quase 63% dos membros da população negra no Canadá afirmam ter sofrido discriminação nos 'utimos cinco anos anteriores ou durante a pandemia, foram 32% de brancos a passar pelo memo'* (STATISTIQUE CANADA, 2023. Tradução nossa). O primeiro ministro canadense Justin Trudeau disse: *Apesar da abolição da escravidão há quase dois séculos, a herança do racismo antinegro ainda está presente, enraizado em nossas instituições, políticas e práticas* (Cf. jornal de 02 de agosto de 2021 da TV5.org). Vê-se que apesar da adoção do multiculturalismo e do combate ao racismo, este vigora.

Segundo o censo 2021 (Ver Statistique Canada, 2022a), há 1.547.865 pessoas negras canadenses ou estrangeiras no país. Destas, 1.187.475 são cidadãos canadenses (651.280 de

⁶⁸² É, de acordo com Cavalcanti (2021, p. 9), um dos *grandes modelos de recepção dos imigrantes no Ocidente*, ao lado do *assimilacionista* e *segregacionista*, e é *baseado no respeito, proteção e investimento estatal no que se refere à diversidade cultural*.

⁶⁸³ Statistique Canada. Le Mois de l'histoire des Noirs 2022... en chiffres. Date de modification : 2023-01-06. Sur https://www.statcan.gc.ca/fr/dai/smr08/2022/smr08_259

⁶⁸⁴ Inicialmente publicado online em 2006.

nascença e 536.195 naturalizadas). Juntas, elas representam 3,6% dos cidadãos canadenses, 4,5% dos cidadãos brancos (23.966.43 por nascimento e 2.074.060 naturalizados) e 17% da *população das minorias visíveis* com cidadania canadense. Os negros naturalizados, menos numerosos que os chineses (787.435) e sul-asiáticos (1.020.195) na mesma condição, representam 13% do total da *população das minorias visíveis* estimado em 4.027.040 e aproximadamente 26% dos 2.074.060 naturalizados *não racializados*, isto é, brancos. Os 360.395 negros não naturalizados, em número menor que os chineses, representaram 14% do total da *população das minorias visíveis* na mesma situação.

Tabela 7 - Cidadania, segundo a minoria visível e a situação de imigrante e o período de imigração: Canadá, (...) (Ordem de representação de 2013) [em francês].

Géographie		Canada (carte)													
Statut d'immigrant et période d'immigration (12)		Total - Statut d'immigrant et période d'immigration ⁴													
Âge (15) ¹		Total - Âge													
Genre (3) ^{2, 3}		Total - Genre													
Statistiques (3)		Nombre													
Minorité visible (15) ⁵	Total - Minorités visibles ^{7, 8}	Total de la population des minorités visibles ⁹	Sud-Asiatique	Chinois	Noir	Philippin	Arabe	Latino-Américain	Asiatique du Sud-Est	Asiatique occidental	Coréen	Japonais	Minorité visible, n.i.a. ¹⁰	Minorités visibles multiples	Pas une minorité visible ¹¹
Citoyenneté (9) ⁶															
Total - Citoyenneté ¹²	36 328 475	9 639 200	2 571 400	1 715 775	1 547 865	957 355	694 020	580 240	390 340	360 490	218 135	98 895	172 885	331 800	26 689 275
Citoyens canadiens ¹³	33 143 225	7 102 740	1 774 090	1 305 415	1 187 475	680 125	509 165	399 185	320 940	267 715	144 255	72 185	149 080	293 105	26 040 490
Citoyens canadiens de naissance ¹⁴	27 042 120	3 075 695	753 895	517 985	651 280	241 515	201 705	128 510	139 515	70 850	47 590	61 895	70 800	190 140	23 966 430
Citoyens canadiens de naissance seulement	26 042 050	2 719 950	674 105	488 920	599 095	232 240	107 640	107 290	131 580	51 805	38 725	50 580	64 935	173 040	23 322 105
Citoyens canadiens, de naissance, et d'au moins un autre pays	1 000 070	355 740	79 790	29 065	52 185	9 275	94 070	21 225	7 940	19 045	8 870	11 320	5 860	17 100	644 325
Citoyens canadiens par naturalisation ¹⁵	6 101 105	4 027 040	1 020 195	787 435	536 195	438 615	307 455	270 670	181 425	196 865	96 660	10 285	78 285	102 970	2 074 060
Citoyens canadiens par naturalisation seulement	3 376 500	2 442 905	700 690	572 565	278 695	357 150	60 080	64 925	142 055	60 090	89 310	6 505	46 150	64 685	933 595
Citoyens canadiens, par naturalisation, et d'au moins un autre pays	2 724 605	1 584 140	319 505	214 870	257 495	81 465	247 380	205 750	39 375	136 775	7 355	3 780	32 130	38 285	1 140 465
Ne sont pas des citoyens canadiens ¹⁶	3 185 245	2 536 465	797 310	410 355	360 395	277 230	184 850	181 050	69 395	92 780	73 885	26 705	23 805	38 700	648 785

Comment citer le produit : Statistique Canada. Tableau 98-10-0303-01 Citoyenneté selon la minorité visible et le statut d'immigrant et la période d'immigration : Canada, provinces et territoires et circonscriptions électorales fédérales (Ordonnance de représentation de 2013)

DOI : <https://doi.org/10.25318/9810030301-fra>

L'auteur de cette thèse est responsable de la mise en évidence de quelques informations de ce tableau

Em termos de período, percebe-se, tanto em 2016 (Ver Statistique Canada, 2019, p. 6) quando em 2021 (Ver Tabela 8), o número de imigrantes negros, sem os residentes temporários, supera o da população negra canadense nata. Na tabela 8, nota-se que de toda a

série histórica, a década de 2011 a 2021 foi a em que se registrou o maior número de imigrantes negros (327.050), seguida pela de 2001 a 2010 e pela de 1991-2000.

Ainda no mesmo documento, observa-se também que a imigração de brancos no Canadá, apesar das oscilações entre seu efetivo e o de negros, quase sempre superou em centenas de milhares a destes, seja antes de 1980 ou a partir daquele ano. A única década em que a diferença entre estes dois grupos foi de 83.565 foi a de 2011-2021. Ademais, fica perceptível que no Canadá, a imigração dos chamados *Residentes não permanentes* não passa de 10% dos 9.286.355 estrangeiros (Imigrantes e residentes temporários) (Ver Tabela 8).

Tabela 8 - Minorias visíveis e a situação de imigração e o período de imigração: Canadá, províncias e territórios, regiões metropolitanas de censo... [em francês]

Géographie		Canada (carte)									
Âge (15C) ¹		Total - Âge									
Genre (3) ^{2, 3}		Total - Genre									
Statistiques (3)		Nombre									
Statut d'immigrant et période d'immigration (11)	Total - Statut d'immigrant et période d'immigration ⁵	Non-immigrants ⁶	Immigrants ⁷	Avant 1980	1980 à 1990	1991 à 2000	2001 à 2010	2011 à 2021 ⁸	2011 à 2015	2016 à 2021 ⁹	Résidents non permanents ¹⁰
Minorité visible (15) ⁴											
Total - Minorités visibles ^{11, 12}	36 328 480	27 042 125	8 361 505	1 540 610	924 320	1 511 480	1 930 520	2 454 570	1 126 330	1 328 245	924 850
Total de la population des minorités visibles ¹³	9 639 205	3 075 695	5 794 900	451 245	619 665	1 151 370	1 528 675	2 043 955	941 880	1 102 075	768 610
Sud-Asiatique	2 571 400	753 900	1 524 305	118 145	113 210	305 710	427 775	559 465	233 085	326 385	293 195
Chinois	1 715 770	517 985	1 088 620	90 765	154 485	299 695	285 975	257 690	126 255	131 435	109 170
Noir	1 547 870	651 275	787 600	92 810	72 870	118 875	175 990	327 050	140 435	186 615	108 985
Philippin	957 355	241 515	684 570	37 300	45 815	104 535	178 255	318 670	173 730	144 940	31 270
Arabe	694 015	201 710	452 640	16 420	30 145	69 215	124 855	212 005	83 780	128 225	39 670
Latino-Américain	580 235	128 515	371 965	24 540	52 405	69 990	109 180	115 850	58 600	57 245	79 755
Asiatique du Sud-Est	390 340	139 515	226 745	18 135	77 025	41 995	41 215	48 375	21 260	27 115	24 075
Asiatique occidentale	360 495	70 850	259 375	2 860	18 865	57 575	79 965	100 105	55 550	44 555	30 265
Coréen	218 140	47 590	141 655	10 890	11 475	29 705	47 535	42 060	20 400	21 660	28 890
Japonais	98 890	61 900	29 930	4 925	2 225	5 355	8 410	9 010	4 405	4 610	7 065
Minorité visible, n.i.a. ¹⁴	172 885	70 795	96 525	16 890	16 750	23 625	19 830	19 435	8 390	11 040	5 565
Minorités visibles multiples	331 805	190 140	130 970	17 560	24 395	25 090	29 685	34 240	16 000	18 240	10 700
Pas une minorité visible ¹⁵	26 689 275	23 966 435	2 566 600	1 089 370	304 660	360 110	401 850	410 615	184 450	226 170	156 240

Comment citer le produit : Statistique Canada. Tableau 98-10-0308-01 Minorité visible et le statut d'immigration et la période d'immigration : Canada, provinces et territoires, régions métropolitaines de recensement et agglomérations de recensement y compris les parties
DOI : <https://doi.org/10.25318/9810030801-fra> L'auteur de cette thèse est responsable de la mise en évidence de quelques informations de ce tableau

Os principais continentes de nascimento dos imigrantes do Canadá em 2016 são respectivamente a Ásia (51,8%), a Europa (27,6%) e a América (13,7%) e a África (6,1%).

Quadro 39 - Continente de nascimento dos imigrantes no Canadá, 2016

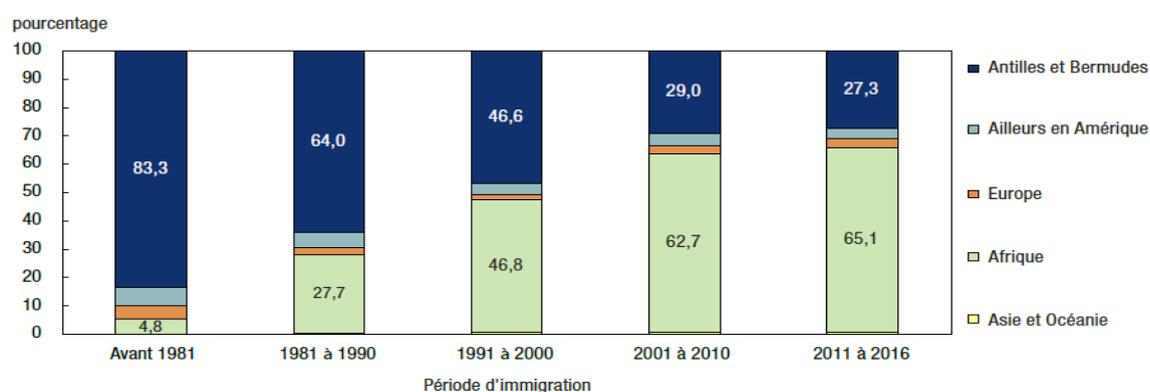
Continentes	Europa	Ásia	América	África	Oceania e outros
%	27,6	51,8	13,7	6,1	Menos de 1%

Fonte. Elaboração nossa a partir de dados do MIFI (2020).

Quando se trata dos imigrantes negros, os dados do Censo de 2016 apresentados por Statistique Canada (2019) mostram que, antes de 1981, quase 57% deles nasceram no Caribe, notadamente na Jamaica e no Haiti, e que nas últimas três décadas, a maioria deles nasceram em algum país da África (Ver Gráfico 21). Esta fonte ainda informa que entre 2011 e 2016, os três principais países africanos de nascimento de imigrantes admitidos no Canadá são: Nigéria, Camarões e República Democrática do Congo (RDC).

Gráfico 21 - Região de nascimento dos imigrantes negros, segundo o período de imigração, Canadá, 2016 [em francês]

Région de naissance des immigrants noirs selon la période d'immigration, Canada, 2016



Source : Statistique Canada, Recensement de la population de 2016.

Voir Statistique Canada, 2019, p. 8

Entretanto, consideradas em seu conjunto, estas estatísticas mostram que a Jamaica e o Haiti seguem sendo lugares hegemônicos de nascimento e que, no que se refere aos países africanos, além da Nigéria, outros como a Etiópia, Somália aparecem como origem dos imigrantes negros do Canadá em frente à RDC e de Camarões (Ver Tabela 9 e Mapa 21). Outro fato perceptível na tabela a seguir, é que para a maioria dos países, o percentual de mulheres é maior que o de homens. Foi o caso para quatro dos seis países africanos.

Tabela 9 - Principais países de nascimento dos imigrantes negros, Canadá, 2016 [em francês]

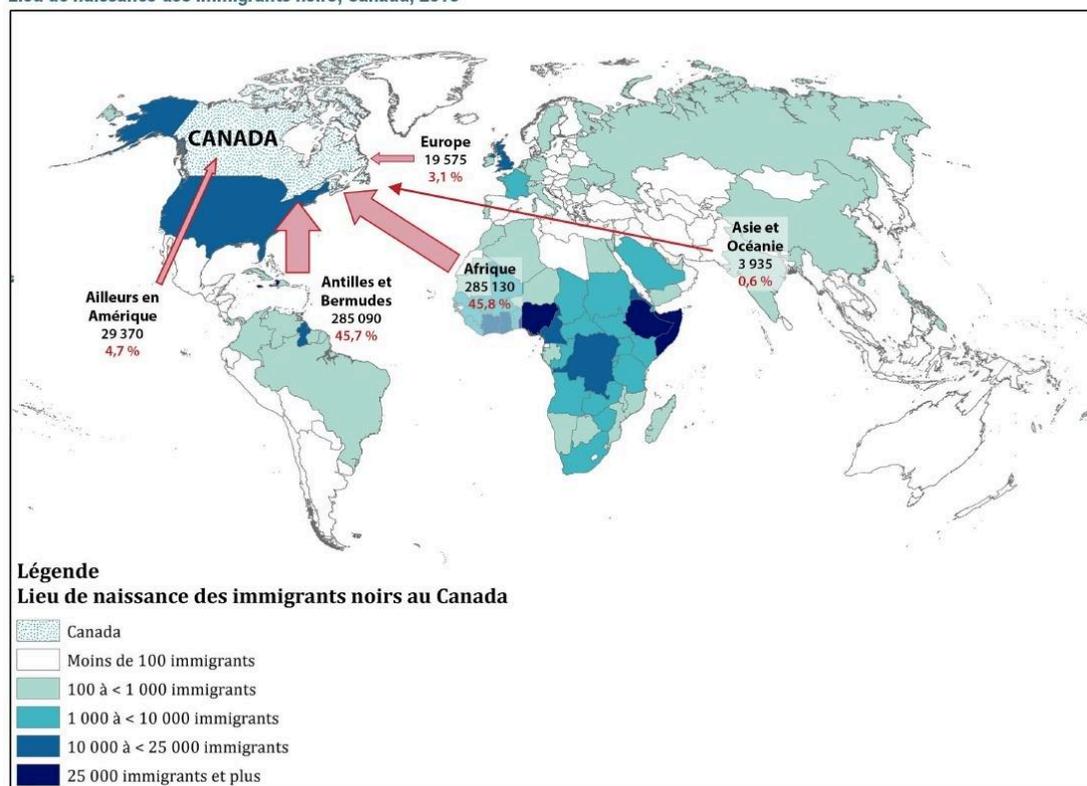
Principaux pays de naissance des immigrants noirs, Canada, 2016

	nombre	pourcentage	pourcentage de femmes
Total	623 195	100,0	53,3
Jamaïque	122 550	19,7	56,9
Haïti	92 040	14,8	56,2
Nigéria	41 415	6,6	48,4
Éthiopie	30 960	5,0	50,8
Somalie	25 300	4,1	55,5
République démocratique du Congo	24 385	3,9	52,6
Ghana	22 475	3,6	49,9
Trinité-et-Tobago	20 925	3,4	55,6
Cameroun	18 335	2,9	50,1
États-Unis	14 505	2,3	46,6
Autre	210 305	33,7	52,0

Source : Statistique Canada, Recensement de la population de 2016.

Voir Statistique Canada, 2019, p. 8

Mapa 21 - Lugar de nascimento dos imigrantes negros, Canadá, 2016 [em francês]

Lieu de naissance des immigrants noirs, Canada, 2016

Source : Statistique Canada, Recensement de la population de 2016.

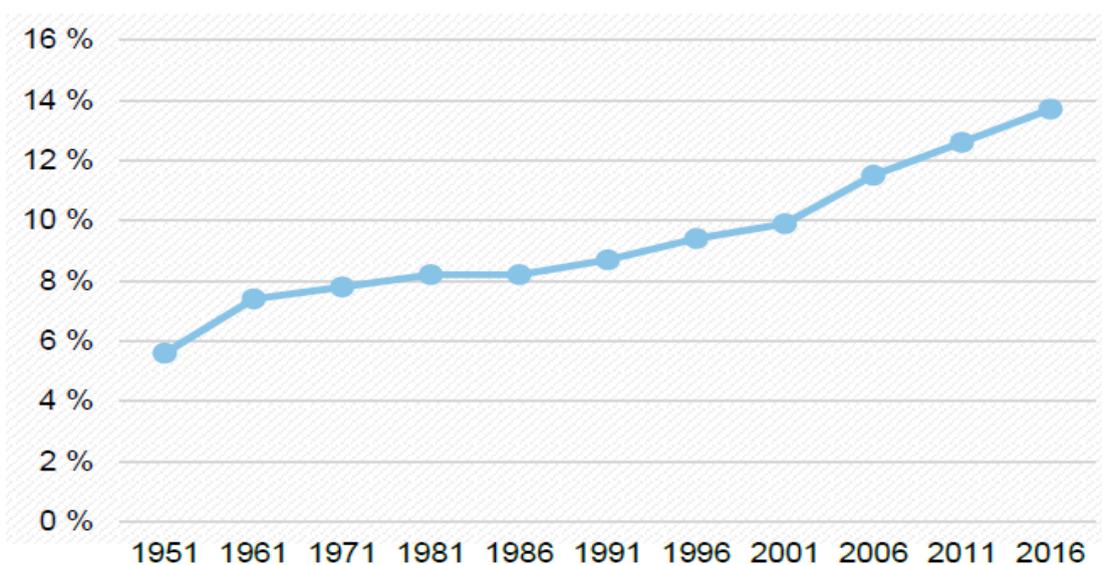
Voir Statistique Canada, 2019, p. 9

Quanto ao Quebec, é preciso primeiro notar que na ótica de Proulx-Chénard (2022) esta província tem suas particularidades em termos de política de imigração. Estas se baseiam em fundamentos históricos, linguísticos e culturais⁶⁸⁵. Vê-se nos dados do *Ministère de*

⁶⁸⁵ “Entre 1971 e 1991, o governo de Quebec renegociou quatro vezes seus poderes provinciais [1971; 1975; 1978; 1991] a fim de reivindicar mais autonomia em matéria de imigração. A imigração segue sendo uma importante questão na qual o compartilhamento de responsabilidades entre os dois níveis de governo é central. [...] Contudo, o acordo entre o Canadá e Quebec que é o mais importante no que se refere a imigração temporária e permanente é o Acordo Gagnon-Tremblay-McDougall de 1991 (ou o Acordo Canada-Québec).

l'Immigration, de la Francisation et de l'Inclusion (MIFI) do Governo de Quebec, que a taxa de imigrantes com relação à população total da província sempre foi crescente de 1951 a 2016. Quase triplicou neste intervalo, passando de menos de 5% para 13,7% (MIFI, 2020).

Gráfico 22 - Parte da população imigrante em Québec no conjunto da população, 1951 a 2016

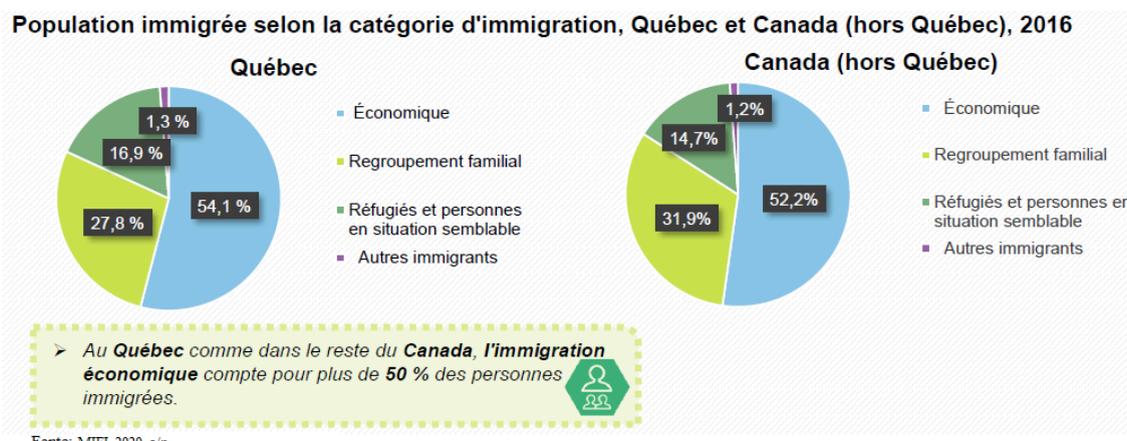


Fonte. MIFI, 2020

Considerando a população admitida desde 1980 em categorias de imigração, percebe-se que ela é composta por 54,1% de migrantes econômicos, 27,8 % de migrantes afetivos e de 16,9 % de migrantes políticos (MIFI, 2020). Como consta no gráfico abaixo, o perfil dos imigrantes em Quebec apresenta bastantes similaridades com o do Canadá. Em ambos contextos, a soma das chamadas imigrações econômicas e familiares ultrapassa 80% da imigração, sendo mais de 50% somente para as primeiras. Somente *entre 2015 e 2019*, o Quebec acolhe aproximadamente 250.000 pessoas imigrantes de modo permanente (Proulx-Chénard, 2022, s/p.), ou seja, uma média de 50.000 pessoas por ano. Com mais mulheres em todos os anos da série, a tendência observada em 2014-2018, com uma média de 51.193 de pessoas admitidas (Gouvernement du Québec, 2019), se manteve de certa forma no intervalo 2015-2019.

Este documento dá ao Quebec poderes importantes a fim de acolher as pessoas aptas a trabalhar. Após o acordo, Québec passa então a ter o controle total do processo de seleção dos imigrantes econômicos, e igualmente no tocante à integração e à francização. [...] Nos dias atuais, é da responsabilidade do *Ministère de l'Immigration, de la Francisation et de l'Intégration* (MIFI) do Quebec gerenciar os candidatos e as candidatas à imigração permanente via seus próprios critérios de seleção. Quanto ao governo federal, ele segue controlando os dossiês dos refugiados (...), da reunificação familiar e de qualquer outra questão ligada à cidadania.” (Proulx-Chénard, 2022, s/p.).

Gráfico 23 - População imigrante, segundo a categoria de imigração, Quebec e Canadá (fora Quebec), 2016 [em francês]



O Canadá recebeu dezenas de milhares de solicitações de refúgio entre 15 de dezembro de 2012 e 31 de dezembro de 2022. Nesta data, eram 70.223 solicitações em análise. O Senegal é um dos países com poucos refugiados no Canadá. Ao contrário do Brasil, que apenas registrou solicitantes de refúgio, o país nórdico teve, no intervalo de uma década, 55 pessoas reconhecidas como tais, além de 45 solicitações indeferidas e 202 pedidos de reconhecimento da condição de refugiado em trâmite. Os países com mais refugiados no mesmo período no Canadá foram Iran, Índia, Colômbia, México e Turquia.

Quadro 40 - Solicitação de refúgio no Canadá por país apresentado como país de perseguição - 2022

	Solicitações recebidas pela SPR	Deferidas	Indeferidas	Arquivado	Desistência ou outros	Total	Em análise
Total	60.158	28 272	12 537	1 351	3 284	45 444	70 223
Colômbia	4 997	2 092	571	33	184	2 880	5 770
Haiti	9.353	1.010	895	94	496	2.495	10.056
Índia	3 237	3 469	3 797	261	167	7 694	6 615
Iran	4 431	3 500	56	--	--	3 612	3 078
México	7 483	1 596	1 796	319	305	4 016	10 045
Nigéria	1 581	1 315	728	22	666	2 731	2 018
Senegal	109	55	45	--	--	125	202
Turquia	5 611	1 355	27	--	--	1 450	5 386

Fonte: Commission de l'immigration et de statut du réfugié du Canada. Adaptação e tradução nossas. Disponível em: <https://www.irb-cisr.gc.ca/fr/statistiques/asile/Pages/SPRStat2022.aspx>

Voltando aos imigrantes, em termos de continente e de país de nascimento destas pessoas em Quebec, observa-se que, embora a Europa ocupe o primeiro lugar com 28,5%, há certo equilíbrio entre quatro dos cinco continentes, que tiveram pelo menos mais de 20% cada no censo de 2016. A Oceania é o único cujo aporte não passou de 0,1%, ficando muito abaixo dos demais.

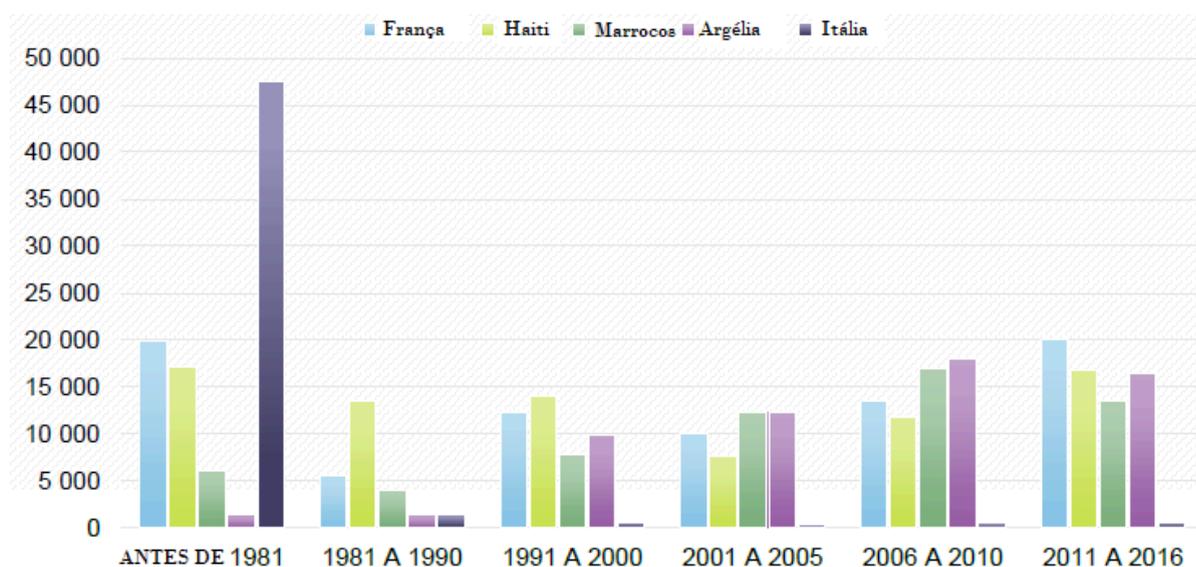
Quadro 41 - Continente de nascimento dos imigrantes em Quebec, 2016

Continentes	Europa	Ásia	América	África	Oceania
%	28,5%	26,6%	22,7%	22,1%	0,1%

Fonte. Elaboração nossa a partir de dados do MIFI (2020).

Quanto aos países de nascimento dos imigrantes do Quebec, os destacados desde antes de 1981 são a França, Haiti, Marrocos, Argélia e Itália. Trata-se majoritariamente de países em que se fala a língua francesa, embora não exclusivamente, em certos casos. Vale constatar a ausência de qualquer país da África sulsaariana nesta lista do gráfico a seguir. O que, no entanto, não impede perceber que 22,1% dos imigrantes da província do Quebec nasceram no continente africano (Quadro 41). Esta porcentagem supera, de forma significativa, os 6,1% dos imigrantes do Canadá oriundos da África (Ver Quadro 39).

Gráfico 24 - Principais países de nascimento da população imigrante, segundo o período de imigração, Quebec, 2016.



Fonte: MIFI, 2020, s/p. Tradução nossa.

Entre 2014 e 2018, a província de Quebec admitiu do continente americano um total de 39.639 pessoas a título de imigrantes permanentes. Destas, 28,2% nasceram no Haiti, 15,7% na Colômbia, 11,1% nos Estados Unidos, 9,2% no México e 6,7% no Brasil. Da África, dos 75.036 pessoas imigrantes admitidas, os oito principais foram: Argélia (18,8%), Marrocos (14,0%)⁶⁸⁶, Camarões (11,7%), Costa do Marfim (9,7%), Tunísia (8,3%), Egito (6,0%), RDC (5,4%) e Senegal (3,6%). Este país foi o segundo maior fornecedor de migrantes da África Ocidental ao Quebec, no referido intervalo (Ver Gouvernement du Québec, 2019, pp. 26-27). Tal como assinalado por Fall (2014), a província de Quebec segue sendo o principal destino de senegaleses no Canadá.

Quadro 42 - Senegaleses no Canadá e em Quebec, 2001-2010 e 2014-2018

A - Senegaleses com residência permanente, por ano no Canadá

ANO	NÚMERO
2001	117
2002	95
2003	182
2004	152
2005	205
2006	208
2007	365
2008	386
2009	454
2010	465

Fonte: Tableau n 1, Fall (2014, p. 13)

B - Pessoas admitidas nascidas no Senegal, Québec, 2014-2018

ANO	NÚMERO	% com relação à África
2014	648	-
2015	604	-
2016	543	-
2017	421	-
2018	479	-
2014-2018	2.695	3,6

Fonte: Extraído do Tableau 10a, Gouvernement du Québec (2019, p. 26)

É neste sentido que esta presença deve ser analisada considerando as relações políticas, comerciais e culturais que aproximam o Canadá do Senegal.

6.2.2 - Relações políticas, comerciais e cooperação cultural bilaterais: Senegal-Canadá

De acordo com o Governo Canadense, *o Canadá e o Senegal estabeleceram relações diplomáticas em 1962, depois da independência do Senegal em 1960*⁶⁸⁶. De forma recíproca, cada um dos Estados abriu uma embaixada no outro. A embaixada do Senegal está em Ottawa. Além dela, consulados honorários foram abertos em *Toronto, Montreal, Québec,*

⁶⁸⁶ De acordo com os dados do Ministério da Imigração quebequense, da África, Argélia e Marrocos foram os principais fornecedores de 2002 a 2018 e a África do Norte, a principal região das 5 do continente, fornecendo mais de 50% nos intervalos 2002-2006; 2006-2010; 2010-2014 e 47,6% em 2014-2018 (Ver respectivas Tabelas 8a e 9a GQ/MI., 2007; 2011; 2015; 2019).

*Winnipeg (Saint-Boniface) e Vancouver*⁶⁸⁷. A embaixada do Canadá no Senegal está instalada em Dakar, e ocupa um lugar importante na mobilidade populacional de cidadãos de países da África negra. É nela que se encontra o escritório de vistos que oferece serviços a uma população de mais de 216 milhões de habitantes repartida em 16 países, que são: Burkina Faso, Camarões, Cabo Verde, República Centro-africana, Chade, Congo (Brazzaville), República Democrática do Congo (Kinshasa), Costa do Marfim, Gabão, Gâmbia, Guiné Bissau, Guiné Conakry, Mali, Mauritânia, Níger e Senegal. Este escritório foi criado em 2011 e cuida de programas relativas à Imigração, Refúgio e Cidadania Canadá (Gouvernement du Canada, 2016)⁶⁸⁸.

Entre outras razões, a boa qualidade das relações diplomáticas entre ambos contribuiu para levar o Governo do Canadá a considerar “o Senegal como um parceiro confiável e central no seio das instituições internacionais e regionais [e a seguir] ampliando suas relações que já envolvem um vasto leque de atividades”⁶⁸⁹. Em 2020, o Senegal recebeu o Primeiro Ministro canadense Justin Trudeau em visita oficial de dois dias em Dakar. Na ocasião, foram discutidos assuntos relativos à economia, segurança e à sensível questão da homossexualidade no Senegal. Ainda de acordo com *TV5Monde*, o interesse maior de Trudeau era conseguir o apoio do Senegal e dos demais países africanos para obter uma cadeira no Conselho de Segurança das Nações Unidas⁶⁹⁰. O país recebeu outras visitas de autoridades políticas, ora acompanhadas de atores econômicos.

Michaëlle Jean, governadora geral do Canadá entre 2005 e 2010, efetuou a primeira visita de Estado do Canadá ao Senegal, em meados de abril de 2010, depois de duas anteriores: em 2006 em diversos países da África e em 2009 na Libéria. Durante esta visita, a governadora geral tratou do papel da mídia na emergência africana, de empreendedorismo,

⁶⁸⁷ Ver Gouvernement du Canada. *Relations Canada-Sénégal*. 15/09/2022. Disponível em <<https://www.international.gc.ca/country-pays/senegal/relations.aspx?lang=fra>> Acesso em 07/11/2022.

⁶⁸⁸ Ver Gouvernement du Canada. Vérification interne du programme d’immigration de l’ambassade canadienne à Dakar, au Sénégal. 04/11/2016. Disponível em <<https://www.canada.ca/fr/immigration-refugies-citoyennete/organisation/rapports-statistiques/verifications/programme-immigration-ambassade-canadienne-dakar-senegal.html>> Acesso em 07/12/2022.

⁶⁸⁹ Ver Gouvernement du Canada. *Relations Canada-Sénégal*. 15/09/2022. Disponível em <<https://www.international.gc.ca/country-pays/senegal/relations.aspx?lang=fra>> Acesso em 07/11/2022.

⁶⁹⁰ Ver. *TV5Monde*. *Canada - Sénégal: la question de l’homosexualité au coeur de la rencontre entre Justin Trudeau et Macky Sall*. 02/12/2020. Disponível em <<https://information.tv5monde.com/video/canada-senegal-la-question-de-l-homosexualite-au-coeur-de-la-rencontre-entre-justin-trudeau-et>> Acesso em 07/11/2021.

de arte, de *laços profundos de amizade e de colaboração* entre os dois países (Gouvernement du Canada, 2010a; 2010b).

Do ponto de vista das relações comerciais, ainda de acordo com o Governo do Canadá, estas *oferecem um potencial de crescimento interessante, notadamente nos setores mineiros, da agricultura, do petróleo, do gás, energias limpas e do numérico*. Esta fonte informa ainda que *os principais setores industriais do país estão ligados a produtos agrícolas e marítimos, à exploração do fosfato, ao refino de petróleo [...]*, e que *as empresas canadenses ocupam um lugar estratégico em diferentes setores, notadamente no de ouro*. Portanto, *em 2021, as trocas comerciais entre o Canadá e o Senegal eram de 184,1 M\$, dos quais 179,2 M\$ de exportações e 4,9 M\$ de importações provenientes do Senegal*⁶⁹¹. Uma década antes, durante sua visita em Dakar, depois de mencionar a ampliação das trocas comerciais entre os dois países, a então Governadora Geral do Canadá Michaëlle Jean afirmou que o país nórdico da América “se orgulha do sucesso de seus empreendimentos no Senegal [porém], busca assegurar que o desenvolvimento econômico não se realize em detrimento da responsabilidade social, das populações locais e do meio ambiente” (GCA, 2010b, s/p. Tradução nossa).

No tocante às relações técnico-culturais entre os dois países, importa notar que *o Canadá apoia a implementação do Plan Sénégal Émergent - a estratégia nacional de desenvolvimento econômico e social - com investimentos em vários setores chave, notadamente a educação, a formação profissional, o desenvolvimento agrícola sustentável, a saúde e a nutrição e a governança inclusiva* (GCA, 2022a, s/p)⁶⁹². Acrescenta-se, segundo este documento, que o Canadá faz *investimentos em ajuda pública ao desenvolvimento de quase US\$ 1,3 bilhão* desde 1962. *O Canadá desempenha um papel importante nos esforços de redução da pobreza no Senegal. Em 2020-2021, a ajuda pública ao desenvolvimento fornecida ao Senegal pelo Canadá, considerando todas as modalidades, ultrapassou 78 milhões de dólares*⁶⁹³. Entre Canadá e Senegal, novamente retomando as palavras de Michaëlle Jean, há uma “sólida colaboração militar” (GCA, 2010b).

⁶⁹¹ Ver Gouvernement du Canada. *Relations Canada-Sénégal*. 15/09/2022. Disponível em <<https://www.international.gc.ca/country-pays/senegal/relations.aspx?lang=fra>> Acesso em 07/11/2022.

⁶⁹² Ver Gouvernement du Canada. *Relations Canada-Sénégal*. 15/09/2022. Disponível em <<https://www.international.gc.ca/country-pays/senegal/relations.aspx?lang=fra>> Acesso em 07/11/2022.

⁶⁹³ Ver Gouvernement du Canada. *Relations Canada-Sénégal*. 15/09/2022. Disponível em <<https://www.international.gc.ca/country-pays/senegal/relations.aspx?lang=fra>> Acesso em 07/11/2022.

As Forças Armadas do Senegal beneficiam do Programa de instrução e cooperação militares da Defesa nacional do Canadá. No âmbito da *Initiative Elsie*⁶⁹⁴ para a participação significativa das mulheres em operações de paz, o Senegal ajuda a definir e promover a iniciativa a título de membro do grupo de contato. O Canadá está apoiando o Senegal na implementação da *Estratégia Setorial Gênero* das Forças Armadas a fim de aumentar a representação das mulheres em suas tropas. Além disso, as polícias civil e militar do Senegal foram uma das primeiras beneficiárias do Fundo da *Iniciativa Elsie* para eliminar as barreiras que as mulheres encontram dentro de suas estruturas e para participar em operações de paz (GCA, 2022a, s/p. Tradução nossa).

Para pensar a proximidade cultural entre o Canadá e o Senegal é inevitável aludir à língua francesa e, portanto, considerar tanto o passado colonial francês quanto a contemporaneidade. Este idioma é o oficial do Senegal e na província de Quebec. A francofonia é mencionada como uma organização multilateral veementemente defendida pelos dois países (GCA, 2010b)⁶⁹⁵. Há mobilidade de estudantes e de trabalhadores entre o Senegal e o país americano. A província de Quebec em que se fala francês é o primeiro destino de casankoolu no Canadá. Este fato se justifica por não colocar aos migrantes o desafio do idioma, isto é, por tirar uma dificuldade para estas pessoas em situação migratória.

É esperado, por outro lado, que estudantes e trabalhadores canadenses no Senegal sejam francófonos, isto é, falantes da língua francesa, quando o francês não é sua língua materna. “ONGs canadenses, cooperantes e jovens estagiários são particularmente ativos no país, compartilhando sua expertise, trocando conhecimentos e aprendendo com Senegaleses, criando dessa forma, a cada ano, fortes laços entre o Senegal e o Canadá” (GCA, 2022a, s/p. Tradução nossa).

Recentemente, em 2021, o Canadá batizou a Residência Oficial de seu corpo diplomático de *La Maison Pierpoint* em homenagem a Richard Pierpoint que, segundo a historiadora Rosemary Saldier, *nasceu no então Senegal Oriental* (que hoje corresponde às regiões de Tambacounda e Kédougou), antigamente chamado *Bundu*. *Foi capturado e levado adolescente até onde seria Nova York, lugar em que foi commis/doméstico*. Ele participou de *três guerras*, lutando ao lado dos britânicos *em troca de liberdade prometida, conectou o Canadá ao Senegal*. Ainda na mesma fonte, o Embaixador do Canadá no Senegal, Sebastien Beaulieu, defende que a homenagem à memória de Pierpoint, o primeiro -Senegalo-Canadense, que morreu no Canadá aos 94 anos, se estende à de todas as vítimas do

⁶⁹⁴ É uma iniciativa do Canadá lançada em 2017 na qual a participação do Senegal e de mais dois outros países africanos (Gana e Zâmbia) foram fundamentais. Ver. Gouvernement du Canada. *Initiative Elsie pour la participation des femmes aux opérations de paix*. 07/11/2022. Disponível em <https://www.international.gc.ca/world-monde/issues_development-enjeux_developpement/gender_equality-egalite_des_genres/elsie_initiative-initiative_elsie.aspx?lang=fra> Acesso em 07/12/2022.

⁶⁹⁵ Coincidência ou não, ela será a sucessora de Abdou Diouf na Secretaria Geral da referida organização.

tráfico, e era uma forma de *honrar também (...) a contribuição de pessoas de ascendência africana ao desenvolvimento e à história do Canadá*⁶⁹⁶. Entende-se que o sentido deste ato é mostrar que os laços entre o Senegal e o Canadá são antigos e que devem ser preservados e reforçados. Todas estas formas de aproximações diplomáticas, políticas e culturais, económicas e sociais e mesmo históricas contribuem para aproximar as duas sociedades e a consolidar os intercâmbios entre elas. O que não ocorre sem desafios, em particular, no atinente à migração.

6.3 - A IMIGRAÇÃO DE CASANKOOLU NO CANADÁ

Sete (7) dos oito (8) entrevistados oriundos da Casamansa e imigrantes no Canadá residem na província francófona de Quebec porque todos falam francês. Aliás, a entrevistada Bruna cita este idioma como uma das vantagens que tem no Canadá, quando diz: *Eu vim para um país francófono, mas como já tinha estudado o francês no Senegal, fiz meus estudos no Senegal, então foi fácil porque a integração em Quebec se dá mais pelo francês* (Bruna Gyde Fonho. Entrevistada em 14/03/2021). Trata-se de um idioma cujo presente está ligado ao passado colonial francês, mas que constitui um fator importante na explicação da presença dos originários de Ziguinchor nesta parte do Canadá. Aquele que reside numa província anglófona passou seus primeiros momentos de imigração na província de Quebec.

Ser francófono não foi suficiente para garantir a integração laboral desejada nos casos de dois entrevistados com último diploma obtido no Canadá em ramos que demandam bom conhecimento da língua inglesa⁶⁹⁷. De forma geral, nossos interlocutores apresentam competências e perfis desejados pelo país, foram admitidos como estudantes por universidades ou como trabalhadores qualificados pelo governo do Quebec e, na sua maioria, haviam se qualificado ou estavam se qualificando mais no país. Provaram dispor *de facto* ou *de jure* de recursos financeiros. Algumas destas pessoas foram admitidas coletivamente como familiares de um imigrante econômico com quem imigraram ao mesmo tempo.

⁶⁹⁶ Ver *Canada - Sénégal | Richard Pierpoint: l'histoire en commun*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/watch/?v=422086332193882>>. Acesso em 20/12/2022

⁶⁹⁷ A Francofonia tampouco é um espaço de livre circulação dos francófonos, apesar de todas suas demais qualidades.

6.3.1 - Imigração acadêmica: dos estudos à residência de casankoolu no Canadá

Vale assinalar de início que o mais antigo ressortissant da Casamansa encontrado no decorrer da pesquisa documental, que não conseguimos entrevistar, imigrou no Canadá para fins de estudos, em 1979, vindo da França.⁶⁹⁸ Ele é considerado *Primo immigré sénégalais*, ou seja, um *pioneiro*. *Ibrahima Diallo nasceu em 19 de julho de 1952 em Kolda, na Casamansa. É médico veterinário, professor de microbiologia da universidade de Saint Boniface e cônsul honorário do Senegal em Winnipeg. Participou de comitês e conselhos de administração.* Diallo está na relação de *figuras marcantes* no site da embaixada do Senegal em Ottawa, no Canadá⁶⁹⁹, pois foi homenageado na ocasião da celebração do *Mois de l'histoire des Noirs au Canada*⁷⁰⁰. De acordo com Fall (2014),

O Canadá acolhia intelectuais senegaleses, notadamente no âmbito de programas de exoneração de taxas de inscrição e de bolsas para estudantes. A classe burguesa senegalesa costumava enviar seus filhos para as universidades canadenses. Mas, desde 2005, se nota a chegada de jovens formados que vieram das universidades europeias, em particular, da França, da Suíça, da Bélgica, da Alemanha e do Reino Unido, no intuito de residir de forma permanente no território canadense. Esta partida pode ser explicada pelas dificuldades encontradas pelos estudantes senegaleses no final de seus estudos na Europa, e que estão ligadas à mudança de situação [migratória] e à obtenção de uma autorização de residência e de trabalho (FALL, 2014, p. 12. Tradução nossa).

Os entrevistados da Casamansa que imigraram no Canadá em busca de formação foram três (3), isto é, menos da metade do total⁷⁰¹. Tracemos primeiro o percurso migratório interno destas pessoas. No Senegal, com exceção daquele que nasceu em Dakar, todos haviam (re)migrado internamente para fazer faculdade em Dakar. Neste sentido, é pertinente considerar a ida para Quebec como uma sequência lógica de um processo iniciado, na região de Ziguinchor ou Dakar. Ao imigrar na referida província canadense, eles tinham entre 21 e 30 anos, em média, 26,5 anos de idade, e saíram respectivamente do Senegal (1), da França (r1) e do Brasil (1), dois na década de 2000 e uma nos anos 2010. Todos se instalaram na

⁶⁹⁸ Ver anexo 7.F – *Ibrahima Diallo, originária de Kolda, figura marcante no Canadá*

⁶⁹⁹ Fonte: Ambassade du Sénégal au Canada. Figures marcantes. <https://ambsecanada.org/figurantes-marquantes/>

⁷⁰⁰ Em 1978, a *Ontario Black History Society (OBHS)* foi criada. Seus fundadores, dos quais o Dr Daniel G. Hill e Wilson O. Brooks, apresentaram uma petição à cidade de Toronto para que fevereiro fosse oficialmente proclamado *Mês da história dos Negros*. Em 1979, a primeiríssima proclamação canadense foi publicada por Toronto. Ao longo do *Mois de l'histoire des Noirs*, la population du Canada celebra as múltiplas realizações e aportes de canadenses negros e de suas comunidades que, ao longo da história contribuíram significativamente para tornar o Canadá um país culturalmente diversificado, compassivo e próspero (Gouvernement du Canada. Au sujet du Mois de l'histoire des Noirs. 01-02-2023).

⁷⁰¹ Se considerarmos o motivo das migrações para os *destinos de trânsito*, neste caso, os estudantes são seis dos total de oito e representam 75%.

província de Quebec, já graduados ou para se graduar em áreas das ciências exatas, notadamente em engenharia elétrica ou das energias renováveis e em toxicologia⁷⁰². Em outros termos, apenas um se formou em Quebec, quando os demais fizeram o nível de mestrado na província, após uma especialização em *meio ambiente e ecotoxicologia* na França ou uma graduação *engenharia de energias renováveis* no Brasil. Estas iniciativas de migração acadêmica não ocorreram no âmbito de um acordo intergovernamental entre o Canadá e os países de origem (Senegal), de trânsito (França)⁷⁰³ ou de *destino de trânsito* (Brasil-França), mas sim a título individual ou familiar, com envolvimento de outrem. Na data das respectivas entrevistas, dois dos três entrevistados já haviam adquirido a cidadania canadense, sendo a terceira residente permanente.

Quadro 43 - Situação atual de casankoolu ex-estudantes no Canadá: 2021-2022 - Continua

Breve perfil		Total - Região de Ziguinchor
Década de imigração	2010-2019	1
	2000-2009	2
País de onde emigrou para o Canadá	Brasil	1
	França	1
	Senegal	1
Idade no ano de imigração	20-29	2
	30-39	1
	Média geral	26,5
Admissão para cursar o nível de	Mestrado	2
	Graduação	1
Área de formação no Canadá	Engenharia de energias renováveis	1
	Engenharia elétrica e informática	1
	Toxicologia	1

⁷⁰² O entrevistado que não é da Casamansa emigrou primeiro para a França (2016), de onde saiu para o Canadá (2019), quando tinha 28 anos neste ano. O motivo de sua emigração para a França como para o Canadá são os estudos e ele contou num primeiro momento com uma bolsa do programa de uma universidade parisiense. O ramo de formação é a Engenharia mecânica, mas a França não era o país dos sonhos para este fim. .

⁷⁰³ Mostramos que para o entrevistado Kayitali Kan, a França era desde o início um país de trânsito.

Breve perfil		Total - Região de Ziguinchor
Estado civil na data da entrevista	Solteiro	3
	Casado	-
Situação migratória quando entrevistado/a	Naturalizado	2
	Residente permanente	1
Situação laboral quando entrevistada/o	Empregado - setor privado	2
	Empregado - setor público	1
	Desempregado	-

Fonte: Elaboração nossa a partir de dados das entrevistas.

Se de forma geral os senegaleses deixam a França em decorrência de restrições internas que dificultam a permanência de imigrantes, dificuldades estas de natureza econômicas, administrativas e socioculturais (Kanté 2008; Fall, 2014), no caso dos dois imigrantes acadêmicos no Canadá que vieram do exterior (Brasil ou França), o que se percebe, é que tais partidas eram motivadas, não pelo grau de repulsão deste ou daquele país, mas sim pela determinante atração do Canadá, além do que, a França era um lugar de trânsito para um deles. Para ambos, a necessidade de adquirir uma qualificação mais aprofundada e mais aplicada *no país ideal*; a possível reconexão com o idioma francês e de aprimoramento do inglês, para uma; a realização de um velho sonho de morar no Canadá, para outro, orientaram esta imigração⁷⁰⁴.

O entrevistado Kayitali Kan afirmou que para ele a França - e por extensão a Europa - era *simplesmente uma etapa*, um lugar de trânsito, mas cuja relevância é por ele reconhecida na aquisição de uma qualificação maior e fundos pessoais mais consistentes. O que verbaliza dizendo que *a França pelo menos me permitiu ter os diplomas que eu procurava, e que me teriam permitido ingressar no Canadá*. Kayitali Kan acrescenta: *Haviam me dado uma bola para ir para a [outro país europeu], mas não peguei a opção [...] porque já estava farto da Europa, como já lhe falei, não era meu objetivo* (Entrevistado em 15/03/2021). Portanto, a função de ponte da França foi assim cumprido, logo não havia mais motivo de permanecer na Europa, mesmo com bolsa para estudar em outro canto da Europa.

⁷⁰⁴ As motivações de Delagare Faye, entrevistado originário da região de Thies, eram aprofundar seus conhecimentos com uma formação mais aplicada, estar num país em que realmente queria ir estudar.

Quanto a Bruna Gyde Fonho, ela deixa entender que teria a possibilidade de fazer o mestrado no Brasil, mas além de uma boa formação que poderia ter também no Canadá, o país atenderia melhor outros planos dela. Literalmente disse: *optei mais por vir para o Canadá para estar mais em contato também com a língua francesa e o inglês, porque [para] as aspirações que tenho para o futuro, estes dois idiomas são importantes* (Entrevistada em 14/03/2021).

As boas expectativas sobre as universidades canadenses, alimentada pela boa colocação de algumas, ajudou Yayi Anta a admitir melhor a proposta surpresa de uma emigração acadêmica. *Finalmente poderei ter uma boa formação que poderei trazer comigo voltando para o Senegal*, disse ter pensado (Entrevistado em 21/11/2021).

Em solo canadense, os estudantes tiveram a possibilidade de trabalhar em tempo parcial. Entretanto, as condições de vida variaram de um para outro. Kayitali Kan, que havia feito todo tipo de trabalhos⁷⁰⁵ sendo estudante na França, informa ter ficado sem trabalhar no seu primeiro ano no Canadá, pois dispunha de recursos pessoais e da ajuda do governo do Senegal.

No Canadá, no primeiro ano não trabalhei porque vim com meus fundos pessoais, mas também tinha a ajuda da bolsa que o coronel tinha me arrumado, logo, no primeiro ano não trabalhei, dediquei-me aos estudos. Depois, [já com residência permanente], do primeiro ano, tive meu primeiro contrato com [um Ministério] do Quebec (Kayitali Kan. Entrevistado em 15/03/2021).

Quanto a Yayi, após ter ressaltado a positividade e a sorte que teve de estar num país em que estudantes tinham autorização para trabalhar, ele revela os desafios que teve que enfrentar para se alimentar e pagar seu alojamento e seus estudos. Não contando tanto com dinheiro que pudesse receber de vez em quando de parentes, trabalhou muito duro para atingir seus objetivos.

Então eu tive que fazer um trabalho que era o mais difícil aqui, o mais pago por causa de suas dificuldades, mas que demanda enormemente de esforços físicos. Eu tinha, em três meses, que conseguir juntar bastante dinheiro para poder pagar oito meses de escola. Então era muito difícil. Chegava momentos em que você não tinha um *tostão* e que, às vezes, você ia em casas de amigos para poder comer [...] ou, às vezes, ocorria de você não poder pagar mais seu aluguel. Bem, você fica hospedado na casa de um amigo por algum tempo, enquanto junta algum dinheiro para poder voltar a alugar outro local (Yayi Anta. Entrevistado em 21/11/2021).

⁷⁰⁵ Na França, quando cheguei, fiz todos os pequenos trabalhos que você pode imaginar. Tudo tudo tudo. Trabalhei em restaurantes, usinas, usinas de lixo, em supermercados como vigilante de noite..

Cabe constatar que, de certa forma, o mercado laboral conta com a contribuição do trabalho dos estudantes estrangeiros. Statistique Canada (2022.04.28)⁷⁰⁶ mostra duas coisas: **1.** que a proporção dos estudantes estrangeiros que têm uma renda de emprego, no conjunto dos trabalhadores remunerados, passou de 0,1 % (21 800) em 2000 a 1,4 % (277 400) em 2018; **2.** que a retenção dos estudantes estrangeiros após os estudos os torna fonte crescente de mão-de-obra, de aumento demográfico e de crescimento econômico.

Dito isso, vale notar que no Canadá, a transição da condição de estudantes estrangeiro para a de residente permanente ocorria muitas vezes sob incentivo do governo provincial. Há pelo menos duas décadas que o Canadá faz campanha no mundo para atrair pessoas qualificadas. Em 2009, assisti uma destas campanhas no seio da Universidade Federal de Goiás (UFG). Antes disso, na primeira metade daquela década, dei um curso intensivo de francês numa escola de idioma em Brasília para uma turma cuja intenção era emigrar para Quebec. O efeito daquelas campanhas, ainda vigentes, é perceptível. Foi constatado que Quebec faz internamente a mesma campanha no intuito de converter os *residentes temporários* em *residentes permanentes*. Kayitali afirma ter encontrado no Canadá o que procurava: *estudos muito mais práticos* [o que significa que colocam os estudantes diante de problemas concretos a resolver], *nível de vida e mentalidade norte-americana*. No tocante à *Imigração também* o Canadá atendeu suas expectativas.

Assim que cheguei, à época eles estavam num momento em que queriam segurar o máximo possível de diplomados, considerando que eu tinha vontade de viver, de ficar no Canadá, então [...] em seis meses me propuseram a carteira de residente permanente. [Retornando ao assunto, ele acrescenta], [...] em seis meses a Imigração vinha para a universidade, tentava nos convencer de ficar no Canadá. Eles não queriam que a gente retornasse. Então, eles já vinham ils venaient fazer oficinais para nos convencer, dizer “Sim vocês são formados, pagam muito caro nas universidades, *porque querem retornar para África ou para França? Portanto, fiquem aqui*”. Então, *em seis meses em Montréal eu já tinha feito a solicitação e rapidinho saiu, não demorou nada* (Kayitali Kan. Entrevistado em 15/03/2021).

Uma vez concluídos os estudos, os ex-estudantes, solteiros, avaliam muito positivamente a formação universitária recebida no exterior, notadamente no Canadá, porque ela associa teoria e prática ao longo do processo. *Estou totalmente satisfeita pela minha formação e pelas competências que adquiri depois da formação, é também a mesma coisa* [no Canadá] (Bruna Gyde Fonho. Entrevistada em 14/03/2021). Ingressaram formalmente no mercado de trabalho canadense, o que mostra que, tal como Kayitali, os demais passaram da

⁷⁰⁶ Statistique Canada. *Les étudiants étrangers deviennent une source croissante de main-d'œuvre après leurs études*, Date de modification : 2022-04-28
<https://www.statcan.gc.ca/o1/fr/plus/845-les-etudiants-etrangers-deviennent-une-source-croissante-de-main-doeuvre-apres-leurs>

condição de residente temporária para a de residente permanente - lembrando que nas respectivas datas de entrevistas, dois dos três eram naturalizados canadenses e uma tinha residência permanente - o que lhes permite trabalhar desde então em tempo integral e contribuir para o desenvolvimento socioeconômico em ambos os lados do atlântico, começando pelo Canadá onde vivem e pagam impostos, como todos destacam.

Vale acrescentar que a conversão de estudantes diplomados em futuros residentes permanentes é um fenômeno bastante recorrente no Canadá e pode se dar mediante um programa que consideramos intermediário, isto é, de transição entre fim dos estudos e aquisição da residência permanente. É o que indica Statistique Canada (2022.04.28), citando o *programme de permis de travail postdiplôme (PTPD)*⁷⁰⁷, um programa de trabalho temporário que oferece perspectivas de emprego aos estudantes estrangeiros diplomados. O que sugere que a transição nem sempre se dá sem dificuldades.

6.3.2 - Imigração laboral de casankoolu no Canadá

Cinco (5) dos oito (8) entrevistados da Casamansa imigraram no Canadá na condição de residentes permanentes. Esta condição é concedida aos imigrantes admitidos nas categorias de imigrantes *econômicos*. São três (3) mulheres e dois (2) homens. Um homem e uma mulher saíram do Senegal, o outro e as demais mulheres saíram da França. Ao deixar seu então país de residência para morar na província canadenses de Quebec, estas pessoas tinham idade entre 28 e 40 anos, e uma média de 35 anos. Percebeu-se que nenhuma delas chegou ao Canadá na década de 2000⁷⁰⁸ ou antes. Esta migração ocorreu entre 2010 e 2019. O objetivo da maioria é trabalhar em melhores condições, ser melhor integrado profissionalmente. Nenhuma das cinco pessoas em questão se encontrava em situação de desemprego quando entrevistadas (Ver Quadro 44), contudo, duas delas disseram preferir a França.

Antes desta migração, com exceção de Yimbira Ba, que era concluinte da graduação e fazia *trabalhos de sobrevivência* na França, todos estavam trabalhando, seja neste país ou no

⁷⁰⁷ “Segundo os dados do *programme de permis de travail postdiplôme (PTPD)* — um programa de trabalho temporário que oferece perspectivas de emprego aos estudantes estrangeiros diplomados — os titulares de um PTPD que têm ganhos positivos de acordo com folha T4 passaram de 10.300 em 2008 para 135.100 em 2018. Quase três quartos dos titulares de PTPD se tornaram residentes permanentes nos cinco anos posteriores à obtenção de seu PTPD. (PTPD)” (STATISTIQUE CANADA, 2022.04.28. Tradução nossa)

⁷⁰⁸ Os dois que chegaram nesta década eram estudantes, dos quais um não tinha inicialmente a intenção de ficar no Canadá.

Sénégál. Portanto, o desemprego na origem ou no *destino de trânsito* não constitui uma causa que possa ajudar a entender esta migração até o Canadá. É preciso considerar, em um dos casos, a difícil transição de ex-estudante para residente permanente na Europa, como mostrado por Fall (2014), se aplicou. Na França, a entrevistada Ina Afanha afirma nunca ter parado de trabalhar, nem mesmo quando era estudante. Ao casar-se, apenas mudou de ramo de atividade.

Passsei de garçõnete para assistente. Foi aí que comecei. [como] assistente, sim, e desde então, estou na área. Mas [] na França, nunca tive problema de trabalho. Nem quando era estudante, nunca tive este problema. Não, sempre tive trabalho e nunca passei por certas coisas. (Ina Afanha. Entrevistada em 14/03/2021).

Ao deixar a França com sua família, a naturalizada francesa Dokuwo Fofana não pediu demissão do seu trabalho por precaução. Renovou seu pedido de afastamento, embora tenha dito preferir a França e constatado que sua inserção profissional ainda não havia correspondido a sua situação na França.

Cabe voltar às palavras de Alira quando se referiu ao clima não tão agradável do seu lugar de trabalho no Senegal. Ao justificar sua emigração para o Canadá, ele mostra simultaneamente que não carecia de trabalho no país de origem. *Eu não estava muito à vontade no meu trabalho porque, sabe que no Senegal você é colocado no segundo plano, [...] porque você não foi recrutado pelo diretor atual* (Alira Bouragone. Entrevistado em 31/01/2022).

Quanto à Yasmin, ele diz:

No Senegal, eu estava trabalhando. [...] Quando terminei minha formação, tive um contrato de um ano. Mas três meses depois, fui recrutada como permanente. Fiquei naquele trabalho até 2012. Em seguida entrei na função pública como agente da Receita Federal. É neste setor que trabalhava antes da minha partida. (Yasmin Gomis: Entrevistada em 21/11/2021).

Neste sentido, além da “certeza” de encontrar um trabalho no Canadá, a expectativa de exercê-lo em melhores condições, de ser melhor pago e de viver em um ambiente agradável de um país bonito e tranquilo, bem como o fato de chegar no país como residente permanente são aspectos referidos como justificativas dessas migrações.

Então quando vi que há possibilidade de dar entrada no processo, de fazer todos os procedimentos e no final das contas podem te dar o visto para emigrar, agarrei a oportunidade. Outro motivo, achei um país calmo onde as pessoas são muito disciplinadas, as leis respeitadas, onde posso viver tranquilo, é um país de paz (Alira Bouragone. Entrevistado em 31/01/2022).

As informações prévias sobre o Canadá não são obtidas somente em canais oficiais. Parte delas é fornecida por imigrantes já instalados neste país.

Muita gente te fala “Sim, o Canadá é um lindo país, há muito trabalho e tal”; E quando olhei para o Canadá, eles dizem que admitem pessoas sem concurso, por processo seletivo. Era o que estava escrito. Isto motivou muito minha mudança de país. Sim. (Ina Afanha. Entrevistada em 14/03/2021), isto é, da França. Já nos referimos aos incentivos dos ex-colegas de trabalho do entrevistado Alira, associando sua migração à vida melhor.

Quadro 44 - Situação de casankoolu migrantes econômicos no Canadá, 2020-2022

Breve perfil		Total - Região de Ziguinchor
Década de imigração	2010-2019	5
	2000-2009	-
País de onde emigrou para o Canadá	França	3
	Senegal	2
Idade no ano de imigração	20-29 anos	1
	30-39 anos	2
	40 anos ou mais	2
	Média geral	35 anos
Áreas de formação anterior	Biblioteconomia	1
	Administração/Marketing	1
	Informática	1
	Engenharia civil	1
	Saúde	1
Estado civil na data a entrevista	Solteiro	-
	Casado	4
	Divorciado	1
Situação migratória na data da entrevista	Naturalizado	2
	Residente permanente	3
Situação laboral na data da entrevista	Empregado - setor privado	5
	Desempregado	-

Fonte: Elaboração nossa a partir de dados das entrevistas.

Uma vez no Canadá, os chamados de *imigrantes econômicos* sentem a necessidade de obter um diploma canadense, diante do olhar que “as empresas” têm sobre formações adquiridas em outras localidades do mundo. A esta se soma a experiência canadense. Estas exigências dos empregadores obrigam muitos *imigrantes econômicos* a voltar a estudar para se qualificar ainda mais e melhor se inserir profissionalmente. *Chegando aqui, sim, por enquanto estou na escola, agora estou esperando para ver.* (Ina Afanha. Entrevistada em 14/03/2021).

Não tendo conseguido revalidar seus diplomas, a solução para Yasmin Gomis foi voltar a estudar. *Fiz uma pequena formação. É nisso que estou [trabalhando], disse* (Entrevista em 21/11/2021).

No que se refere aos estudos, eu tinha iniciado no colégio porque quando você chega e quer trabalhar, os empregadores querem saber se estudou aqui [no Canadá]. Então, eu não esperei, fui buscar um certificado de estudos colegiais. Foi em tempo integral durante um ano, e no final aquilo me permitiu trabalhar. Após duas experiências que deixei, voltei a estudar, mas desta vez na Universidade de Montréal, na Polytechnica. Nesta fui buscar um certificado em segurança cibernética. Durou três anos porque fiz o curso noturno. (Alira Bouragone. Entrevistado em 31/01/2022).

Se todos os *migrantes acadêmicos* acabaram se tornando *migrantes econômicos*, lembrando que parte deles trabalhava no decorrer de sua formação, a interseção entre *migração econômica* e *migração acadêmica* apareceu também entre pessoas originárias da Casamansa admitidas como residentes permanentes no Canadá. Na sua maioria, fizeram uma formação, seja em áreas das TICs, da saúde, engenharia civil ou outra. Na respectiva data da entrevista, uma estava estudando e trabalhando.

No atinente à situação migratória, percebe-se que dois dos *migrantes econômicos* (homens) já haviam se tornado cidadãos canadenses. As três mulheres *migrantes econômicas* são residentes permanentes. É preciso notar que as *migrantes econômicas* estão parcialmente satisfeitas com sua situação laboral no Canadá. Esta é comparada com a própria situação anterior no país de origem, para quem saiu diretamente do Senegal ou da França. Entretanto, todos os homens se declararam satisfeitos com sua situação laboral.

6.3.3 - Perfil, condições sócio-laboral e redes em situação de imigração no Canadá

São apresentadas aqui algumas características sociais dos casankoolu residentes havia pelo menos um ano no Canadá quando entrevistado.

6.3.3.1- Quem são, o que fazem e em que condições?

Como dito anteriormente, dos oitos (8) casankoolu entrevistados no Canadá, a metade é composta por homens e a outra por mulheres. Os casados são quatro (2 homens e 2 mulheres), os solteiros são três (1 mulher e 2 homens) e uma divorciada. Os homens imigraram com 30 anos e as mulheres com 34 anos em média. No conjunto, os casankoolu no Canadá imigraram no país com 32 anos de idade, em média. Em 2020, a média de idade geral foi de 39 anos, sendo de 42 para homens e 38 para mulheres. O período durante o qual chegaram no Canadá se estende de 2006 a 2019. Na década 2000-2009, chegaram dois (2) deles e eram estudantes, na década 2010-2019, chegaram os seis (6), entre os quais uma (1) estudante e cinco (5) trabalhadores. Aqueles que vieram diretamente do Senegal são três (3), os demais cinco (5) residiram em outro país antes de seguir para o Canadá, embora este não fosse inicialmente o destino para quatro (4) deles. Vale notar que seis (6) deles têm parentes no exterior: na África, na Europa e/ou na América.

Tenham imigrado no Canadá no intuito de estudar ou morar e trabalhar, para a maioria dos interlocutores, o Canadá aparece como destino somente quando os casankoolu já se encontravam em situação de migração intercontinental, tendo adquirido mais qualificação, residência permanente ou nacionalidade, ou então mais experiência profissional, que constituem elementos potencializadores de sua admissão pelo Canadá, seja para uma maior especialização ou para trabalhar. Para a maioria, é em decorrência da experiência migratória anterior na Bélgica, na França ou no Brasil que se tornou viável ou que nasceu o projeto de uma nova emigração. O destino Canadá teve como países de partida Senegal, a França e o Brasil, tendo os primeiros fornecido imigrantes acadêmicos e econômicos e o Brasil uma imigrantes acadêmica. Os que saíram do Senegal diretamente para o Canadá como residentes permanentes são pessoas qualificadas e com anos de experiência profissional no país de origem.

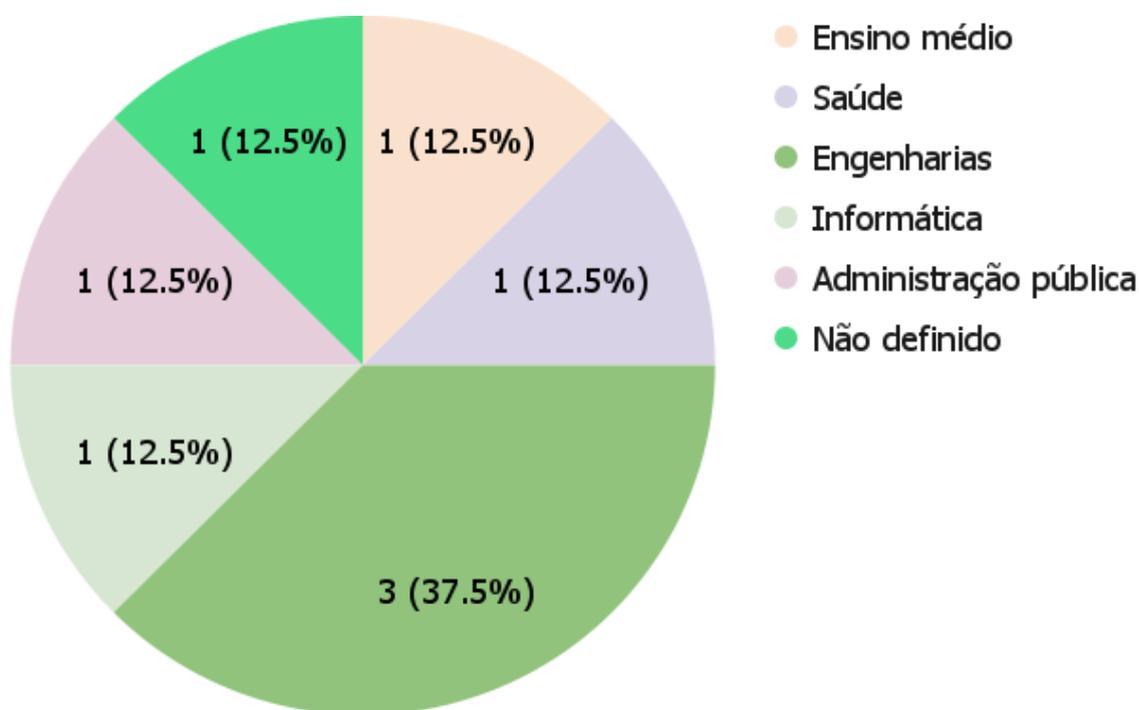
Na data das respectivas entrevistas, quatro (4) pessoas, todas mulheres, tinham residência permanente e quatro (4) outras, todos homens, tinham a cidadania canadense. Atribui-se parcialmente este perfil ao tempo de residência no Canadá. Os homens chegaram respectivamente em 2006, 2007, 2010 e 2011, sendo que as duas primeiras mulheres chegaram em 2015, as demais, respectivamente em 2018 e 2019. Para estas últimas, o tempo de residência mínimo no Canadá, de 1.095 dias (três anos)⁷⁰⁹, necessário para imigrantes com

⁷⁰⁹ No tempo de residência, são contados os dias em que a pessoa requerente era residente permanente; residente temporária (autorizada legalmente a estar no Canadá); pessoa protegida. Ver *Gouvernement du Canada*. <https://www.ircc.canada.ca/francais/centre-aide/reponse.asp?qnum=357&top=5>

o título de *residente permanente* solicitarem a nacionalidade⁷¹⁰, não era atingido quando entrevistadas.

Todos estavam trabalhando legalmente no país, um deles na função pública federal. O ramo de atividade com maior representantes são as engenharias (1 mulher e 2 homens). Os demais, identificados, com um representante cada são: Ensino Médio (1 mulher), saúde (1 mulher), Ministério do Emprego e Desenvolvimento Social (1 homem), informática (1 homem). Uma destas pessoas exerceu um trabalho que exige muita força física, quando ainda era estudante para se manter e prosseguir seus estudos.

Gráfico 25 - Ramos de atividade principal dos casankoolu no Canadá



Fonte: Elaboração nossa

Em termos de situação de moradia, apenas uma pessoa (um homem) é proprietária de sua residência, as demais sete são locatárias, como se vê no quadro abaixo, e moram como familiares (5) ou sozinhas (3).

⁷¹⁰ Ver Gouvernement du Canada. Demander la citoyenneté : Qui peut présenter une demande. <https://www.canada.ca/fr/immigration-refugies-citoyennete/services/citoyennete-canadienne/devenir-citoyen-canadien/admissibilite.html>

Quadro 45 - Perfil sócio-laboral dos casankoolu no Canadá

ASPECTOS CONSIDERADOS DOS ENTREVISTADOS		DEPARTAMENTO DE ORIGEM DA REGIÃO DE ZIGUINCHOR			
		Bignona	Oussouye	Ziguinchor	Total
Estado civil na data da entrevista, segundo o sexo	Casada	2	-	-	2
	Casado	-	2	-	2
	Solteira	-	-	1	1
	Solteiro	1	1	-	2
	Divorciada	-	1	-	1
	Total	3	4	1	8
Tem parentes no exterior ?	Sim	2	3	1	6
	Não	1	1	-	2
Década de imigração	1990-1999	-	-	-	-
	2000-2009	1	1	-	2
	2010-2019	2	3	1	6
	Total	3	4	1	8
Média de idade, segundo o sexo, no ano de imigração	Homens	30	29,5	-	30
	Mulheres	37,5	32	29	34
	Total	35	30	29	32
Média de idade, segundo o sexo - 2020	Homens	43	40	-	42
	Mulheres	40,5	37	31	38
	Média Total	41,5	40	31	39
Migrou diretamente do Senegal	Sim	-	3	-	3
	Não	3	1	1	5
	Total	3	4	1	8
Situação migratória na data da entrevista	Temporário	-	-	-	-
	Permanente	2	1	1	4
	Naturalizado	1	3	-	4
	Total	3	4	1	8
Nível de instrução na data da entrevista ⁷¹¹	Maior	Mestrado	Mestrado	Mestrado	-
	Menor	Graduação profissionalizante	Graduação	Mestrado	-
Principal ramo de atividade no país, segundo o sexo*	Docência no ensino superior	-	-	-	-
	Ensino médio	1 M*	-	-	1
	Saúde	1 M	-	-	1
	Engenharias	-	2 H	1 M	3
	Informática	-	1 H	-	1
	Administração pública	1 H*	-	-	1
	Não definido	-	1 M	-	1
Trabalho doméstico	-	-	-	-	
Trabalha legalmente no país de residência?	Sim	3	4	1	8
	Não	-	-	-	-
Situação de moradia	Proprietário	-	1	-	1
	Locatário	3	3	1	7
	Co-locatário	-	-	-	-
	Moradia cedida	-	-	-	-

Fonte: Elaboração do autor

* H= homem; M = Mulher

⁷¹¹ Os níveis identificados são; alfabetização, nono ano, segundo grau concluído, doutorando, doutor e pós-doutor.

No atinente às condições laborais, pode-se dizer que ao se tornarem todos *imigrantes econômicos*, aqueles que efetuaram alguma formação no Canadá, na sua área de estudo ou atividade anterior, estavam no setor primário do mercado de trabalho e se mostraram satisfeitos com suas condições laborais e de remuneração. O Canadá é, de acordo com um dos entrevistados, um país que paga bem seus trabalhadores. *Financeiramente, não tem nada a ver [com o Senegal], nem mesmo com relação à França, não tem nada a ver. Para o mesmo trabalho, você é melhor pago aqui que na França* (Kayitali Kan. Entrevistado em 15/03/2021).

Entretanto, insatisfações relativas ao olhar e tratamento que se tem sobre o fato de ser trabalhador de origem estrangeira, negro, de não ter uma formação ou uma experiência canadenses, são assinaladas, inclusive entre naturalizados. A insatisfação se nota, apesar do trabalho formal, notadamente entre três mulheres sem nenhum certificado obtido no Canadá, com uma formação almejada em curso ou com *uma pequena formação* concluída, que permite ocupar funções julgadas abaixo da formação anterior à imigração. As frustrações na integração laboral no país foram provocadas pela não validação de diplomas de nível superior do Senegal, o pouco domínio do inglês, a ausência de uma rede de proximidade, as barreiras colocadas por lei aos não naturalizados canadenses⁷¹². A solidão, a adaptação ao meio ambiente e social, a xenofobia e o racismo são outras fontes de dificuldades ou de frustrações. Nas palavras de Kan, os desafios para todo recomeço são: *A solidão*⁷¹³. *Ser um dos raros, muito raros negros. Não ver seus pares. O idioma, o clima. É preciso se fazer aceitar, o que não é fácil. Até para ter trabalho não é simples* (Kayitali Kan. Entrevistado em 15/03/2021).

A respeito do racismo e da xenofobia seletiva, alguns estudos mostram que o Canadá, apesar dos seus esforços, ainda é vista como um país em que negros são agredidos verbalmente, subestimados ou privados de direitos por serem pessoas negras. “Pessoas de origem não europeia sofriam entre 1971 e 1991 uma desvantagem no mercado de trabalho:

⁷¹² Boa parte destes elementos fazem parte do que chamamos de barreiras internas, que desencorajam a permanência dos imigrantes no país de residência, reduzem sua participação ao desenvolvimento socioeconômico dos países que eles conectam, tudo com base em considerações caducadas.

⁷¹³ Uma questão que aparece entre todos os solteiros, bem como na divorciada. Em tempos de pandemia de Covid-19, o isolamento foi visto como um dos maiores problemas, inclusive por aqueles em família. O isolamento pode ser agravado pela discriminação entre migrantes da mesma nacionalidade. “*Eu vinha da Casamança, meu wolof não era tão sólido, então quando falava com os senegaleses que vieram de Dakar, já você se sentia rejeitado porque é como se [fosse assim] ‘Ah você não é senegales. Claro que sim, sou senegales. Não é porque falo mal wolof que não sou senegales’.* Então, em dado momento, comecei a me isolar deles um pouco porque achei que era uma maneira discriminatória de categorizar as pessoas”.

sua renda era inferior em aproximadamente 8% com relação às pessoas de origem europeia, uma vez controlados a idade e o nível de escolaridade” (Pendakur, 2000 citado por HELLY, 2005, p. 7. Tradução nossa). O mesmo estudo acrescenta que

Em 2000, de acordo com o censo de 2001, homens imigrantes obtinham um nível de salário de 63,1 centavos quando nativos do mesmo nível de instrução recebem 1 dólar; esta relação era de 71,6 centavos em 1980 para os homens que chegaram no mesmo ano. Em 2000, os imigrantes no Canadá há dez anos recebiam em média 79,8 centavos, por dólar recebido pelos nativos com o mesmo nível de escolaridade. (HELLY, 2005, p. 8. Tradução nossa).

Sem aludir à raça, ao gênero ou à origem nacional, a entrevistada Bruna, à semelhança de outros interlocutores, elogia a transparência no processo de recrutamento de trabalhadores, mas coloca indiretamente uma pergunta no final. *Quando vai concorrer a uma vaga de emprego, já vai sabendo a faixa de remuneração, na qual vai inevitavelmente estar. Agora restaria saber se estará na sua parte inferior ou superior, mas estará nela* (Bruna Gyde Fonho. Entrevistada em 14/03/2021).

Falando do racismo e, indiretamente, também da xenofobia ‘implícita’, Alira diz:

Posso dizer que em todos os lugares por onde passei isso, porque, às vezes não te dizem isso na cara mas você enquanto adulto vai ler nas entrelinhas, isto é o cotidiano que vivemos infelizmente seja pelas empresas seja pelos colegas de trabalho. Então passei por isso, francamente passei por isso. Querem apenas lhe mostrar que você é estrangeiro no país deles, que não pode ser melhor que eles, ou falam palavras racistas somente para te rebaixar, porque ou têm inveja de teu status, de te encontrar num ramo como esse, em que acham que são somente quebequenses que têm esta competência. [...] E frequentemente são pessoas racistas. Quando você vai para uma intervenção, a forma de falar deles, você percebe que está os incomodando, porque se fosse quebequense, eles não reagiriam, não se fariam estas perguntas. Infelizmente, quando se está num país assim, vai passar por isso o tempo todo, e isso até deixar o país (Alira Bouragone. Entrevistado em 31/01/2022).

Preferência estrangeira sem custo? O entrevistado a seguir recebe mais responsabilidade e trabalho de uma empresa que entende que era tudo gratuito para ela.

Eu recebi uma proposta para coordenar uma equipe, aceitei. Mas quando quis saber qual vai ser a remuneração correspondente à responsabilidade, fiquei sabendo que era o salário que já recebia e que a minha anuência já havia sido comunicada à empresa. Nunca fariam uma proposta dessas a um canadense (Yayi Anta. Entrevistado em 21/11/2021).

Embora alguns dizem não se focar no racismo (1 homem e 1 mulher), ou nunca ter passado pessoalmente por isso (2 mulheres), ainda que tenham ouvido falar, experiências de racismo, de xenofobia e de indução à exploração são retratadas por cinco (5) dos oito (8) entrevistados no Canadá. Contudo, não se pode falar de *laissez faire laissez aller* entre estes. Se o confronto verbal não foi mencionado como forma de combater o racismo, outras mais

silenciosas são adotadas. O projeto de criação, com parceiros, de uma rádio local, cujo funcionamento está previsto para meados do segundo semestre de 2021, parece bastante evocadora da preocupação diante da situação constatada por relatórios citados por Statistique Canada. Trata-se de

Uma rádio atualmente consagrada [no projeto] a iniciativas contra o racismo, a discriminação, uma rádio que evidencia a história dos Negros, os problemas dos Negros, não necessariamente só de negros, mas das comunidades afrolatineas, as africanas, francofonas, lusofonas. [...]. Neste momento, a rádio é só um projeto. Está tudo acertado. O começo está previsto para primeiro de setembro (Kayitali Kan. Entrevistado em 15/03/2021).

É sem dúvida uma iniciativa que busca soluções a este problema social reconhecido como tal. Algumas das soluções para enfrentar os desafios colocados pelas barreiras internas são, como sugeridos por Alira Bouragone, Bruna Gyde Fonho, Dokuwo Fofana e Kayitali Kan, a aquisição de mais competência no Canadá, de cultura geral - que permitem que as pessoas se façam respeitar - da nacionalidade canadense⁷¹⁴. Com o passaporte canadense em mãos,

tudo se acelerou, se tornou mais fácil [...] Essa é a maior vantagem porque isso lhe oferece bastantes oportunidades, amplia seu campo, sabe? Porque aí não lhe diriam mais “Se você não é canadense você não pode estar em tal lugar”. Agora não há mais este impedimento (Kayitali Kan. Entrevistado em 15/03/2021).

Naturalizados ou com residência permanente, os casankoolu estabelecem relações entre eles, e com outros senegaleses. As redes sociais criadas se preocupam com a origem, mas também do lugar de residência, sem deixar de estabelecer relações com outras partes do mundo.

6.3.3.2 - Redes em situação de imigração no Canadá

À semelhança da origem, onde mobilizaram notadamente redes familiares, os casankoolu no Canadá estão envolvidos em redes sociais pequenas ou mais amplas, formadas por pessoas da mesma origem local, regional, nacional⁷¹⁵ e/ou confessional. As fontes consultadas e as falas dos entrevistados revelam que há duas associações regionais formadas por casankoolu e simpatizantes no Canadá. Trata-se das anteriormente

⁷¹⁴ Não se trata de fórmulas mágicas, mas sim de medidas que ampliam as possibilidades de ação, pode-se dizer, de integração e de proteção da pessoa migrante.

⁷¹⁵ Exemplos nacional: *Regroupement Général des Sénégalais du Canada*, e local: *Grupo dos oriundos da Comunidade Rural de Mlomp*.

mencionadas *Association Casa Espoir* e a *Association Catholique des Casamançais du Canada*. Segue uma breve apresentação de ambas.

6.3.3.2.1 - Associação CasaEspoir

Em sua página virtual, CasaEspoir se define como “uma Associação que reúne pessoas originárias, amigas e simpatizantes da Casamansa (*localizada na parte meridional do Senegal*), de qualquer lugar do mundo.” Esta associação tem duas ramificações que são: *CasaEspoir Canadá* e *CasaEspoir France*, sendo a primeira, a *associação mãe*, sediada na província de Quebec, e a segunda, com sede na *Ile-de-France*, atendendo a França e toda a Europa. São três seus objetivos: **1. Desenvolver e fortalecer as relações fraternas baseadas no respeito, a ajuda mútua e a solidariedade entre os membros;** **2. Facilitar seu crescimento em seu país de residência no mundo todo;** **3. Ajudar e participar no desenvolvimento da Casamansa em todas as áreas: educação, saúde, etc.**⁷¹⁶.

6.3.3.2.2 - Associação Católica dos Casankoolu do Canadá

Esta Associação confessional foi criada em setembro de 2013 no Canadá, com sede em Quebec. Trata-se de uma pessoa jurídica sem fim lucrativo⁷¹⁷. De acordo com o entrevistado Bouragone, o objetivo principal desta associação é *unir os casankoolu que tinham a mesma religião, para viver este fervor religioso, encontrar-se e permitir que as crianças preservem os valores católicos herdados dos pais no Senegal, e ajudar a avançar no Canadá*.

Com estes encontros, fica perceptível o desejo e a necessidade de reprodução de uma identidade casankoolu no exterior. Nisso, a religião católica desempenha um papel central no que se pode chamar de transnacionalismo cultural. Embora o alcance de sua visibilidade seja menor que o das associações muçulmanas da confraria *muride* no exterior, importa notar que esta associação religiosa aponta que, no caso da Casamansa, a relação migração-religião não se dá pelo viés do islã.

Tal como na associação CasaEspoir, a taxa de adesão à *Associação Católica dos Casankoolu do Canadá*, além de muito baixa, nem sempre é formal ou permanente. Para

⁷¹⁶ Ver casaespoirs.org/presentation/

⁷¹⁷ Ver *Association Catholique des Casamançais du Canada*. Disponível em <https://b2bhint.com/fr/company/ca-qc/association-catholique-des-casamancais-du-canada--1169479657>

cada uma de ambas, apenas dois (2) se declaram membros ou simpatizantes, o que não é tão significativo num total de oito (8) entrevistados. Aliás, são as mesmas duas pessoas que estão nas referidas associações regionais.

Quadro 46 - Adesão de casankoolu entrevistados em associações e grupos no Canadá

ASPECTOS CONSIDERADOS DOS ENTREVISTADOS		DEPARTAMENTO DE ORIGEM DA REGIÃO DE ZIGUINCHOR			
		Bignona	Oussouye	Ziguinchor	Total
É membro ou simpatizante de uma associação de casankoolu no Canadá	<i>Association CasaEspoir</i>	-	1	1	2
	<i>Ass. Catholique des Casamançais du Canada</i>	-	1	1	2
	Outra	-	1	-	1
	Não membro	3	3	-	6

Fonte: Elaboração nossa

O que se percebe, é que os recém-chegados tendem a aderir, seja como simpatizantes ou membros destas associações. Porém, o tempo, a migração interna no Canadá de alguns dos imigrantes intercontinentais, bem como problemas internos das associações, fazem parte das dificuldades que enfrentam estas organizações coletivas. Seguem algumas respostas à pergunta relativa à adesão a alguma associação de senegaleses no Canadá.

*Aqui em Montréal faço parte dos Católicos Casankoolu do Canadá. Também faço parte de outra associação dos Casankoolu do Canadá, aqui em Montréal, **embora eu tenha congelado minha atividade**. Ela está inclusive “de molho” porque houve muitos problemas nesta associação, e estou também em outro grupo, não é formalizado em associação, Grupo dos Oriundo da Comunidade Rural de Ma..., é mais local. (Alira Bouragone. Entrevistado em 31/01/2022).*

Aqui em Montréal há várias associações: a Associação dos casacê; a Associação dos casacê católicos. Eu diria mais que sou simpatizante. [...] Não tenho um cargo específico, mas toda vez que tem eventos, coisas, festas, encontros, eu vou. [...] Faço parte das duas, sou casacê e sou católica. (Bruna Gyde Fonho. Entrevistada em 14/03/2021).

Não. Quando vim, fazia parte de 3 associações⁷¹⁸. Porque no começo, eu estava em Montreal, depois fui para outra província, voltei para Montréal, então a migração interna. Mas quando fui embora, não fazia mais parte destas associações, então atualmente não faço parte de nenhuma associação (Yimbira Ba. Entrevistado em em 28/11/2021)

Apesar da fraca adesão às associações dos casaankoolu, muitos parecem reconhecer seu papel cultural e social fundamental na ‘manutenção’ de práticas culturais da Casamansa em contextos de imigração. A “preservação” dos valores da origem e da adesão a esta se dá

⁷¹⁸ *Regroupement Général des Sénégalais du Canada; Association Catholique des Casamançais du Canada;*

também pelo contato com a origem mediante meios das Tecnologias de Informação e Comunicação, os retornos periódicos e envios de remessas monetárias, materiais e imateriais.

6.3.4 – Práticas transnacionais e desenvolvimento da Casamansa desde o Canadá

As práticas transnacionais dos casankoolu relacionadas direta ou indiretamente ao desenvolvimento humano em sua origem são plurais e envolvem sentimentos, trocas de informações, envolvimento em questões familiares, partidárias, nacionais, em deslocamentos físicos, remessas materiais, imateriais e pecuniárias e realizações projetos.

Nunca tive tanto amor por meu país como quando cheguei aqui. (...) O que posso fazer para meu país? Se eu estivesse no Senegal, nunca me faria esta pergunta (Yayi Senghor. Entrevistado em 21/11/2021).

Sabe, o sonho de todos os imigrantes é o trabalho, a compra de sua casa no Canadá, a aquisição de sua segunda residência no país [de origem]. Sim, é este o sonho de quase todo mundo aqui. (Ina Afanha. Entrevistada em 14/03/2021).

6.3.4.1 – A comunicação à distância

Uma das primeiras práticas transnacionais de casankoolu no Canadá está na manutenção do contato com a origem, processo que se dá pela comunicação com a rede social composta essencialmente por familiares, amigos, ex-colegas que permaneceram em sua maioria no Senegal, mas também por outros residentes fora da CEDEAO ou da África. É o que afirmam todos os oito (8) entrevistados, recorrendo às TICs para se falar com quem está no Senegal, na França, no Brasil, no Canadá, em Marrocos, para citar apenas estes. Os aplicativos hegemonicamente usados mudam com o tempo, mas é notadamente o *Whatsapp* que é citado como ferramenta de comunicação interativa com parentes e inúmeras pessoas através do mundo. Diríamos que é pela comunicação entre migrantes e não migrantes que começa o transnacionalismo.

É claro que nesta preservação de laços com a origem, as remessas materiais, e sobretudo monetárias, desempenham um papel fundamental. As visitas periódicas à região de origem, bem como a participação política dos interlocutores é outra prática a considerar no transnacionalismo em questão.

6.3.4.2 – As remessas monetárias

A respeito de remessas monetárias para familiares *próximos*, é preciso dizer que a quase totalidade (7) fala de envios mensais, *enviar toda hora* ou opõe estas remessas às matérias feitas de vez em quando. O que significa que os envios pecuniários são práticas frequentes. A constatação geral é que na verdade todos enviam regularmente dinheiro a seus parentes no Senegal⁷¹⁹. No caso de sua família, em que são ‘vários filhos que estão no exterior’, Yayi Anta informa que se experimentou casos de envios trimestrais ou bimestrais, num sistema de rodízio de cada filho que aceitou este compromisso. Acrescenta que para determinados gastos, ele efetua um envio único para o ano todo (Entrevistado em 21/11/2021). Seguem algumas citações de respostas deste tipo de remessas.

E todos os meses, eu envio [dinheiro] (rire). É por isso que nós imigrantes não teremos nada. Cada mês, seja qual for a situação, a gente deve enviar para casa 120.000 CFA, e atualmente o dólar canadense está totalmente fraco com relação ao CFA (Ina Afanha. Entrevistada em 14/03/2021).

A real frequência das remessas é para parentes, irmãos, irmãs, contribuições da família extensa, amigos de infância que estão passando por dificuldades, que te ligam ou mandam mensagem para pedir apoio. É num ritmo às vezes infernal, um ritmo infernal. Cada mês, você programa atender alguém no Senegal, todo mês (Alira Bouragone. Entrevistado em 31/01/2022).

Às vezes, o que faço? Considerando que na Casamansa ainda se usa carvão e gás, pago o gás ou o carvão, a eletricidade e a água para o ano todo. Agora, para a alimentação e gastos correntes divido com alguns irmãos (Yayi Anta. Entrevistado em 21/11/2021).

Para se referir à frequência de suas remessas, o entrevistado Kayitali chega a dizer que é *obrigado a enviar o tempo todo, o tempo todo [...] para ajudar o máximo possível de pessoas* (Kayitali Kan. Entrevistado em 15/03/2021).

A função das remessas monetárias é múltipla. Elas servem para dar uma presença local a quem está longe, mostrando seu pertencimento à comunidade de origem. Elas ajudam a compensar a ausência física por uma presença financeira, como sugerido por Yasmin quando mostra a participação da diáspora em um projeto social em Oussouye, dizendo: [...] *nós [da diáspora] damos dinheiro, pois não estamos no local, e aqueles que estão na localidade [muitos são professores] dão aula de férias, cada um contribui como pode* (Yasmin Gomis. Entrevistada em 21/11/2021). Cabe dizer que uma das funções primordiais das remessas é a manutenção das famílias em termos de alimentação, gastos com energia e outros gastos correntes, mas abrangem gastos com saúde, educação básica, formação

⁷¹⁹ Há casos em que os parentes não estão na Casamansa, mas sim em Dakar.

profissionalizante, compras de lotes e construção de casas mais confortáveis, criação ou investimento em pequenos negócios ou em novos projetos de migração. Em suma, as remessas monetárias estão fortemente ligadas ao dever de solidariedade para o desenvolvimento humano. O entrevistado Kan entende que *é do nosso dever enviar alguma coisa, sobretudo dinheiro, infelizmente*, justamente por causa da situação social ruim.

6.3.4.3 – As remessas materiais

As remessas materiais são muito menos frequentes que as monetárias, porém variadas. São feitas individual e coletivamente. Entre os objetos citados, alguns exemplos são: livros infantis, brinquedos, roupas, produtos comestíveis não perecíveis, prensas de tijolos, betoneiras, regadores, pequenos moinhos de cereais, serras de madeira e refrigeradores, computadores, material médico, material de futebol para um centro de formação. Estes servem tanto para para reforçar laços com familiares e inclusão na modernidade por um lado, e na tradição e com a região de origem, por outro - tal como observa Lobo (2012), no caso de Cabo Verde - assim como para promover o desenvolvimento social, em particular.

Objetos, de vez em quando presentes para minhas sobrinhas, meus sobrinhos, quando há alguém que vai, mas nada especial, são mais livros para as crianças, brinquedos e, às vezes roupas (Bruna Gyde Fonho. Entrevistada em 14/03/2021).

Meu barril está aqui de pé, ainda não enviado [... Envio duas ou três vezes ao ano]. [...] Na verdade são barris grandes. Ok? Compro este barril e o encho que coisas, roupas, alimentos não perecíveis, para a família [em Bignona]. Envio por barco...(Ina Afanha. Entrevistada em 14/03/2021).

Eu envio materiais com a expectativa de utilizá-lo mais tarde, e para pessoas que me pediram alguns para trabalhar; envio também materiais pessoais. (Yimbira Ba. Entrevistado em 28/11/2021).

Estas remessas têm como objetivos: manter as relações afetivas, contribuir para a melhoria das condições de vida, de trabalho e, no futuro, de moradia dos casankoolu. São, em determinados casos, a preparação de um retorno, gestão de solidariedade ou cumprimento de promessas.

6.3.4.4 – Visitas à origem

As idas ao país de origem ocorrem numa frequência que varia de pessoa para pessoa. Um ficou oito anos sem sair do Canadá, outro efetuou duas visitas ao país em quatorze anos, um terceiro foi duas vezes em nove anos e um quarto disse que ultimamente vai a cada 18 meses a dois anos ao Senegal. Estas viagens dependem dos objetivos específicos (passar férias perto de familiares, solicitar bolsa de estudos ao governo, cerimônias fúnebres, tratamento de saúde, etc.)⁷²⁰, das situações financeiras de cada, dos gastos envolvidos. Parte dos interlocutores mostram que não visitam a origem sem motivo julgado de grande relevância ou sem urgência, em parte porque não se trata apenas de passagem aérea. É preciso levar dinheiro de bolso e/ou presentes consigo. *Enquanto eu não tiver algo urgente ou muito importante, me abstenho a ir para o Senegal frequentemente porque é custoso para mim, a passagem é cara e o que precisa como dinheiro de bolso para atender a demanda social te leva a pensar duas vezes antes de ir para lá.* (Alira Bouragone. Entrevistado em 31/01/2022).

Se muitos relatam ter voltado mais quando estavam no país *destino de trânsito* (Brasil ou França), desde o Canadá o ritmo foi reduzido para a maioria. A busca por estabilidade socioeconômica pessoal no Canadá é referida como uma das razões das raras visitas à origem. *Quando cheguei [...] fiquei cinco anos aqui antes de visitar o país, porque precisei resolver todos estes problemas de estudos, de trabalho, me estabilizar antes de ir* (Alira Bouragone. Entrevistado em 31/01/2022). Por si só, a estabilidade não basta para determinar a frequência das visitas dos casankoolu a sua origem, conforme indicado, anteriormente, pela fala deste entrevistado. O custo da passagem, as pessoas a levar, o dinheiro de bolso entram nesta contabilidade. Mas para quatro dos entrevistados (2 homens e 2 mulheres), o intervalo ideal de visitar o país de origem seria de dois anos.

⁷²⁰ Em todas estas situações, a visita se revelou um instrumento de reintegração do migrante à sua sociedade de origem.

Quadro 47 - Práticas transnacionais de casankoolu no Canadá

PRÁTICAS TRANSNACIONAIS		DEPARTAMENTO DE ORIGEM - REGIÃO DE ZIGUINCHOR			
		BGN	OUSS	ZIG.	Total
Mantém contato com familiares e amigos no Senegal	Sim, sempre	3	4	1	8
	Não	-	-	-	-
Envia dinheiro	Sim mensalmente ou quase	3	4	-	7
	Sim, de vez em quando	-	-	1	1
	Não	-	-	-	-
A quem costuma enviar dinheiro	Família	3	4	1	8
	Outros amigos	1	3	-	4
Envia objetos materiais	Sim, de vez em quando	2	1	1	4
	Sim, rara ou muito raramente	1	1	-	2
	Não	-	1	-	1
	Não respondeu	-	1	--	1
A última vez que foi ao país de origem	Até 5 anos	2	4	1	7
	Entre 6 e 10 anos	-	-	-	-
	Mais de 10 anos	1	-	-	1
	Nunca voltou	-	-	-	-

Fonte: Elaboração nossa.

6.3.4.5 – Participação política

No caso do Canadá, deve-se considerar a prática política entre as práticas transnacionais dos *ressortissants* do Senegal, e dos originários da Casamansa em particular. Com base no estudo de Jaulin e Smith (2015), foi constatado que o Canadá está na *terceira onda de eleitores senegaleses no exterior* (2002-2015), pois figura no mapa desde 2007⁷²¹. Neste sentido, é coerente dizer que os casankoolu no Canadá votaram, como todos os eleitores senegaleses no país nórdico, pela primeira vez na eleição presidencial do Senegal em 2007, e, respectivamente, em 2012 e 2019 pela segunda e terceira vez. Além de votar, a diáspora senegalesa busca influenciar o voto de parentes (Ver Chauvet et al. 2017) e do povo em geral, o que é facilitado, notadamente, pelos meios de comunicação, em particular, as redes sociais virtuais.

Vemos o transnacionalismo político no pertencimento *de jure* de alguns dos casankoolu, simultaneamente, ao Senegal e ao Canadá. Neste sentido, vale lembrar que

⁷²¹ Ver Jaulin e Smith, 2015, p. 15 ou Anexo 3.E.5 – *Evolução do corpo eleitoral senegalês no exterior (2000-2012)*.

quatro (4) dos oito (8) entrevistados são também cidadãos canadenses⁷²², por tanto, binacionais e eleitores para os dois países. No entanto, do ponto de vista do sentimento de pertencimento, apesar das vantagens materiais que oferece o Canadá, da aquisição ou do sonho *de quase todo mundo de comprar sua casa no Canadá, de ter sua residência secundária no país* [de origem], como diz Ina Afanha (Entrevistada em 14/03/2021), muitos se sentem mais senegaleses do que canadenses. O olhar social de desconfiança sobre pessoas negras no Canadá contribui para produzir este desequilíbrio no sentimento de pertencimento *de facto* aos dois lugares. A seguinte afirmação de um naturalizado que “*somos sempre estrangeiros num país* [no olhar do outro]”, apesar de ter oficialmente vínculos com o de origem e o de residência, revela que pode haver uma diferença entre os fatos e a percepção⁷²³. Este sentimento não diminuiu a intensidade das práticas transnacionais, muito pelo contrário, pode inclusive as reforçar.

Quadro 48 - Sentimento de pertencimento social ao Senegal e Canadá

PERTENCIMENTO TRANSNACIONAL		REGIÃO DE ZIGUINCHOR		
		Naturalizado	Residente permanente	Total
Você tem o sentimento de pertencer socialmente aos dois países: Senegal e Canadá ?	Sim	3	-	3
	Não	1	2	3
	Não responde	-	2	2

Fonte: Elaboração nossa

6.3.5 – Contribuição dos casankoolu para o desenvolvimento socioeconômico desde o Canadá

As contribuições dos casankoolu no Canadá para o desenvolvimento socioeconômico em Casamança envolvem remessas monetárias e envios de outros recursos pelos originários de Ziguinchor. Em poucas palavras, pode-se dizer que, basicamente, elas se dão em duas modalidades: individual e coletiva, nas formas pecuniárias, materiais e imateriais.

⁷²² Ver Quadro 44: Perfil sócio-laboral dos casankoolu entrevistados no Canadá (2020-2022)

⁷²³ Entende-se que este sentimento é devido em grande parte ao racismo, mas também ao isolamento ocasionado notadamente por limitadas interações pessoais, sobretudo durante o inverno e agravado, nos últimos anos, particularmente pelas restrições impostas por causa da pandemia ce Covid-19.

6.3.5.1 – Contribuições individuais

No caso da modalidade individual, há unanimidade entre os entrevistados em torno de sua contribuição ao desenvolvimento social - e econômico para alguns deles - de familiares residentes na região de Ziguinchor, mas também nas de Dakar ou Thies. O envio de remessas monetárias é a forma mais citada como forma de contribuir para o desenvolvimento social e econômico na origem. Este dinheiro é gasto prioritariamente na manutenção das famílias, compra de lotes, construção de casas, como já assinalado. Mas o que é considerado gasto social ajuda a economia local.

É importante ressaltar que parte do dinheiro enviado é destinado a pagar a formação profissionalizante para um familiar, a adquirir um veículo de transporte para um conhecido ou para custear um projeto migratório de um parente. O que é definido pelos entrevistados envolvidos como investimento em capacitação de recursos humanos ou em projetos que darão retorno para o beneficiado e para a família em geral a médio ou longo prazo. Estes investimentos não são sempre simples atos de solidariedade intrafamiliar. Em determinados casos, são empréstimos sem juros. Tais características aparecem nas seguintes citações.

Desde alguns anos, meu objetivo é ajudar todos os jovens da família. Vou tentar colocar todos em abrigo. Comecei com minhas duas irmãs. Paguei seus estudos nas maiores escolas do Senegal. Para elas tudo certo. Encontraram seus caminhos agora. [...] Uma delas foi diretora em algumas empresas no Senegal. Então é agora que ela resolveu sair e abrir o próprio negócio. Logo, ela e eu temos um negócio [...] [Já ajudei meu irmão a ir se formar na América do Sul] Neste momento estou tratando do caso das duas irmãs que restam para mandá-las seja para o Canadá ou para a Europa (Kayitali Kan. Entrevistado em 15/03/2021).

Yayi financiou projetos nos ramos de comércio, transporte e educação.

[...] a última vez, uma pessoa me falou de um projeto. Dei uma olhada e parecia algo interessante. Fiz e assinei um contrato com ele, financiei e ele reembolsou. E com o dinheiro recebido, atualmente estou avaliando outro projeto. [...] Agora vamos olhar na família da mamãe. “Há alguém que pode trabalhar? Sim. O que devemos fazer para ele ? Ok, Quanto custa ? Envio e depois ele reembolsa, sem juros nem nada e com bons prazos limites, que permitam que a pessoa retome (Yayi Anta. Entrevistado em 21/11/2021).

Quanto a Bruna, ela afirma que contribui *um pouco, porque tem família no Senegal e que de vez em quando ela dá seu apoio, seja ele financeiro ou sob forma de conselhos* (Bruna Gyde Fonho. Entrevistada em 14 /03/2021). Já Yimbira Ba, que contribui, além de enviar dinheiro, apoiando financeiramente crianças nos estudos, uma artista, pessoas que querem fazer comércio, agricultura ou horta, dando conselhos, orientações, alertando para

exames de câncer de mama, entende que sua contribuição poderia ser mais ordenada (Entrevistado em 28/11/2021)

Quadro 49 - Formas de contribuição para o desenvolvimento socioeconômico na origem e destino

CONTRIBUIÇÃO AO DESENVOLVIMENTO ⁷²⁴		DEPARTAMENTO DE ORIGEM - REGIÃO DE ZIGUINCHOR			
		BGN	OUSS	ZIG	Total
Participa do desenvolvimento socioeconômico do Senegal, em geral?	Sim, enviando dinheiro a familiares	3	4	1	8
	Sim, enviando objetos de vez em quando a familiares ou comunidade	2	2	1	5
	Sim, ajudando ou financiando projetos individuais e/ou coletivos sociais de casankoolu	2	4	1	7
	Sim, ajudando ou investindo em projetos econômicos	1	3	1	5
	Sim, ajudando a melhorar as condições de moradia e de vida	3	4	1	8
	Sim, investindo na educação e/ou formação profissional de terceiros	1	4	1	6
Participa do desenvolvimento socioeconômico do Canadá. De que forma?	Sim, pagando impostos e as contas mensais, trabalhando, fazendo trabalho voluntário, consumindo	3	4	1	8
	Não	-	-	-	-

Fonte: Elaboração do autor

Cabe dizer, em poucas palavras, que as contribuições dos casankoolu para o desenvolvimento socioeconômico do Canadá é uma unanimidade. Na medida em que todos trabalham, uma das primeiras formas de contribuição citada em sua resposta é geralmente o pagamento de imposto.

Sim, pagando impostos; Também faço trabalho voluntário, no meu trabalho, diz Yasmin Gomis (Entrevistada em 21/11/2021).

Só o fato de trabalhar, de não estar no social, de pagar imposto, então você contribui para o desenvolvimento desta localidade. O fato de ter sua casa, de pagar mensalidade escolares e municipais, [...] de, às vezes, fazer trabalho voluntário em determinados organismos você contribui para o desenvolvimento deste país, responde Alira Bouragone (Entrevistado em 30/01/2022).

Retomando o contexto da origem, além das referidas formas de apoio, há intenções e projetos em gestação que os entrevistados têm para a Casamansa - trata-se da construção de

⁷²⁴ Estas respostas não são cumulativas, ou seja, uma mesma pessoa pode mencionar sua contribuição de diversas formas.

habitações e sanitários acessíveis para todos; criação de um açougue moderno; reconstruir a casa familiar substituindo-a por uma casa moderna, e alugar parte dela; fazer negócio - ou para o país, e neste caso, trata-se de construção de casa, compra de carro para o transporte, abertura de clínica dietética, de empresa que possa empregar, sensibilizar a população sobre diabetes e colesterol.

6.3.5.2 – Contribuições coletivas

As contribuições coletivas de *ressortissants* da Casamansa no Canadá para o desenvolvimento socioeconômico, portanto, para o desenvolvimento humano, se dão no âmbito de associações, comunidade ou família. Cabe reiterar que seis (6) dos oito (8) entrevistados não se declararam membros das associações regionais de originários da Casamansa no Canadá. Entretanto, estas associações, que não pretendem se substituir ao poder público local ou regional de Ziguinchor, dão suas contribuições.

Ao referir-se à *Associação Católica dos Casankoolu do Canadá*, Bouragone dá exemplos de suas ações, dizendo:

Uma ação concreta que esta associação fez para sua população, ajudamos uma escola a se reerguer, contribuindo à reforma da mesma, também contribuimos em ajudar postos de saúde, enviando estagiários para ir trabalhar com estes postos de saúde, também na Casamansa. Ajudamos pessoas que tinham escolas e estavam em dificuldades, enviando lhes um valor para manter seus estabelecimentos (Alira Bouragone. Entrevistado em 31/01/2022).

Quanto à *Associação CasaEspoir*, cujo um dos objetivos é, na fala deste entrevistado: *contribuir para o desenvolvimento da Casamansa, buscando projetos ou apoiando iniciativas na Casamansa*, foram citados como exemplos de ações concretas o envio em duas ocasiões de *contêineres com material médico, equipamentos, camas na Casamansa. E o material foi nos departamentos de Ziguinchor, Bignona e Oussouye. A segunda remessa data do ano passado, acho que foi recebida em Bignona* (Alira Bouragone. Entrevistado em 31/01/2022).

No âmbito comunitário, aquele que ultrapassa o contexto das associações, envolvendo filhos da comunidade, seja onde estejam, este entrevistado ainda diz:

Envio também dinheiro no âmbito comunitário, por exemplo, no vilarejo onde nasci, às vezes implementamos projetos, e para tal, é preciso que algumas pessoas coloquem dinheiro. Então tivemos que apoiar projetos agrícolas. Para iniciá-los, fomos obrigados, sobretudo nós da diáspora, a colocar bastante dinheiro, tipo 100.000 CFA onde outros colocam 1.000 CFA para poder dar início ao projeto (Alira Bouragone. Entrevistado em 31/01/2022).

Algumas iniciativas coletivas envolvem apenas um pequeno grupo de amigos no exterior com representantes na origem, e são, pode-se dizer, mais econômicas que sociais na medida em que visam obter lucro, criar emprego e favorecer o consumo local.

Sim, temos um projeto em andamento há agora dois a três anos. É em colaboração com duas das minhas amigas que estão na França, com minha mãe que nos dá uma força e minha irmã mais velha. Na verdade, estamos trabalhando com a criação de galinhas. Por enquanto, é uma coisa pequena. Temos apenas um funcionário, mais minha mãe e minha irmã que nos ajudam de vez em quando. A ideia era incentivar, priorizar o consumo local (Bruna Gyde Fonho. Entrevistada em 14/03/2021).

Como perceptível, estas remessas coletivas são monetárias, materiais e imateriais, ajudam a economia local e contribuem para melhorar as condições de vida dos casankoolu. Elas ajudam a criar pequenos empreendimentos que podem empregar e inspirar pessoas da localidade. Vale notar que as remessas coletivas ocorrem com muito menos frequência que as individuais.

Além destas realizações, há intenções e projetos em gestação que os entrevistados têm para a Casamansa ou para o país. Estas incluem as áreas de transporte, ecoenergia, hospedagem, criação de pequenas empresas, suscetíveis de criar empregos, no ramo alimentar.

Com minha irmã, pensamos em fazer alguma coisa em Ziguinchor, como um açougue moderno e tal, ainda estamos só falando, mas nada concreto (Yasmin Gomis. Entrevistada em 21/11/2021).

Estou também numa organização de investimento, [...] É um grupo de Senegaleses que querem investir no Senegal, que estão todos no exterior, têm projetos, fazem contribuições, reuniões e vão investir no Senegal (Kaytali Kan. Entrevistado em 15/03/2021).

O desenvolvimento, considerando globalmente a ótica e práticas transnacionais dos casankoolu no Canadá é, antes de tudo, criar condições de moradia e de alimentação adequadas. Ele é, no entanto, amplo e abrange muitos outros aspectos. O desenvolvimento é associado à aquisição de competências, ao trabalho decente, renda boa e autonomia financeira, ambiente social adequado, à promoção da qualificação de parentes. O desenvolvimento é, ademais, relacionado ao apoio e à criação de pequenas empresas na origem, bem como ao investimento em projetos sociais comunitários e em novos projetos de emigração de familiares. Trata-se de um processo pensado de forma endógena, com o

envolvimento e muitas vezes a iniciativa dos de dentro que estão fora. A contribuição dos casankoolu ao desenvolvimento local tem seus obstáculos.

6.3.6 – As dificuldades de contribuir para o desenvolvimento em Ziguinchor

Tal como se coloca para casankoolu no Brasil, a contribuição dos *ressortissants* de Casamansa no Canadá para o desenvolvimento social e político pode esbarrar no contexto político instável da região histórica em questão. Entretanto, este assunto parece distante das falas dos entrevistados, que não a trouxeram, em momento algum, à tona. O que não surpreende na medida em que esta situação é, como dito no começo da introdução, tabu, perigoso, sobretudo para quem é de Casamansa.

Ao lado deste clima na Casamansa, há aquelas barreiras existentes entre quem está fora e quem está na localidade ou no país de origem e que deveria servir de parceiro. Esses obstáculos são basicamente dois: a desconfiança e o medo de investir à distância sem ter alguém de confiança e ser a próxima vítima. Ao conhecimento que têm do seu povo se somam as experiências negativas de outros migrantes que tentaram investir em projetos econômicos no país de origem. Tais situações dissuadem, retardam ou impõem uma cautela singular a qualquer *ressortissant* em sua iniciativa de desenvolver um projeto econômico custoso na pátria mãe, estando no exterior.

Há muitíssimos senegaleses no exterior que têm tanto medo dos senegaleses porque sabem que levam milhões e milhões, o povo vai extraviar este dinheiro e eles voltam para cá [...] Estas pessoas nunca voltarão pro Senegal, acabou. (Kaytali Kan. Entrevistado em 15/03/2021).

Aqui o *risco do retorno* não está tanto no olhar de desconfiança de quem está trabalhando e teme ter seu emprego retirado pela *retorno dos cérebros*, pois, como exemplifica a fala de Yasmin Gomis dizendo “*Não vou retornar só para ir trabalhar como fazia antes e esperar o salário cair*” (Entrevistada em 21/11/2021), muitos pensam, ao retornar, criar seus próprios negócios. Ele está mais na pouca probabilidade de encontrar um ambiente que possa ser avaliado como propício em comparação com o país de residência ocidental, na sua falta de vigilância e na ausência do dono do negócio e transferência da responsabilidade de gestão para pessoas pouco profissionais e sérias. Este é um conselho recebido de investidores frustrados pelo país de origem.

“*Se for para o Senegal, quiser investir no Senegal, tenha certeza que voltou de vez. Se viver lá, você vai se reerguer. No começo vai ser difícil. Mas se não viver lá e deixar outros administrar seu business, ah esquece isso*” (Kaytali Kan. Entrevistado em 15/03/2021). Atender esta condição é para muitos um grande desafio, seja porque trabalham e dificilmente poderiam ficar mais de um mês no país de origem sem comprometer seu emprego, sabendo que têm gastos e querem estabilidade, seja porque são casados e não se percebem tão jovens para recomeços em ambientes não tão bem avaliados.

A guisa de conclusão, vale reiterar que os *ressortissants* da Casamansa no Canadá já haviam tido, na sua quase totalidade, pelo menos uma experiência migratória interna e relacionada aos estudos. Das oitos (8) pessoas entrevistadas, seis (6), isto é, três (3) homens e três (3) mulheres já haviam realizado uma migração intercontinental anteriormente motivada principalmente pela formação universitária. Apenas uma delas retornou para o Senegal, quatro transformaram seu destino (Brasil ou França) num ponto de partida para a província do Quebec no Canadá. A França era desde o começo um país de trânsito para outra. Foram três pessoas que saíram diretamente do Senegal para o Canadá.

A imigração no Canadá foi uma migração de pessoas qualificadas. Foi motivada pelo trabalho, no caso de cinco (5) pessoas (2 homens e 3 mulheres), e pelo estudo, no caso de três (3) delas (2 homens e 1 mulher). Por trás da razão principal, há sempre umas não tão secundárias. No caso canadense, percebeu-se um entrelaçamento entre trabalho e estudo, principalmente nos tempos iniciais de residência no país. Aqueles que vieram se formar sem bolsa precisaram trabalhar - Um ex-estudante teve que fazer trabalhos pesados para se manter - e aqueles que *migrantes econômicos* voltaram, na sua maioria (2 homens e 2 mulheres), a estudar. Fall sublinha este fato ao observar que no Canadá, “A necessidade de recomeçar uma formação universitária, a falta de experiência canadense e a importância do inglês fazem parte das dificuldades encontradas. De forma geral, a inserção ocorre com o tempo.” (FALL, 2014, p. 14. Tradução nossa).

O tempo de formação e de pequenos trabalhos é um tempo em que não se fala de contribuição para o desenvolvimento na origem. A transição de estudante para residente se deu de forma relativamente simples, em particular na década de 2000, quando era ativamente incentivada pelo governo quebequense, que propunha os estudantes a pedir a residência permanente.

Entre residentes permanentes e naturalizados, nenhum associou sua atividade atual ou passada à precariedade. Entretanto, registrou-se a sensação de instabilidade de uma das entrevistadas nos seus primeiros momentos como residente. Todos dizem: *Aqui é assim: as pessoas querem saber se você sabe fazer. É a única coisa que lhes importa.* Ou seja, não há discriminação racial nem de gênero no acesso ao emprego. Porém, determinadas pessoas afirmam que se fazem respeitar mostrando que sabem fazer seu trabalho, outras relatam claramente atitudes racistas em ambientes de trabalho, particularmente quando vão intervir em outras empresas, e quando algumas dizem não dar atenção a este tipo de postura.

Uma vez estabilizadas - o que pode levar em média cinco anos (Fall, 2014), estas pessoas passam a se dedicar ao trabalho e começam a contribuir de forma mais efetiva ao desenvolvimento social e econômico em suas respectivas famílias, mas também em suas comunidades e na sua região de origem, Ziguinchor. A forma de contribuição mais referida são as remessas monetárias. Esta prática transnacional é adotada por todos, em geral, mensalmente. Mas convive com remessas materiais e imateriais. As contribuições ocorrem tanto a título individual como coletivo. Embora as ações sociais sejam hegemônicas, encontra-se tanto nestas quanto nas coletivas, iniciativas consideradas econômicas. No geral, estas contribuições, que não pretendem se substituir ao Estado nem às comunas, enfrentam desafios como a falta de confiança em autoridades políticas, o medo de ter seus recursos extraviados, a distância física, apesar das ferramentas das TICs, para realizar determinados projetos.

CAPÍTULO VII - COMPARAÇÃO DOS CASOS BRASIL-CANADÁ

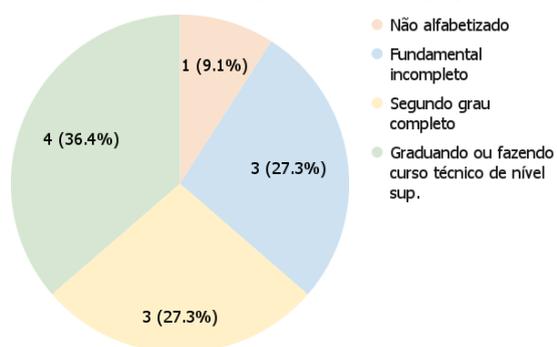
As migrações que iniciaram na Casamansa, tendo o Brasil e o Canadá como locais de residência e contextos a partir dos quais se análise as práticas transnacionais dos casankoolu, apresentam vários elementos comuns e diferenças, tanto nos perfis e trajetórias migratórias dos principais envolvidos como nas suas práticas transnacionais e formas de participação para o desenvolvimento humano, notadamente em sua dimensão social e, em particular na Casamansa.

7.1 - COMPARAÇÃO DE PERFIS SÓCIO-MIGRATÓRIOS DOS CASANKOOLU ANTES DE SUA INSTALAÇÃO NO BRASIL OU NO CANADÁ

Em termos de origem departamental, como já mostrado por outros, vê-se no *Quadro 50* que, entre os originários da Casamansa no Brasil, ninguém é do departamento de Ziguinchor. Bignona ficou com seis (6) e Oussouye com cinco (5) do total de onze (11) pessoas. Quanto aos casankoolu entrevistados no Canadá, o Departamento de Bignona é representado por três (3), o de Oussouye com quatro (4) e o de Ziguinchor com um (1) do total de oito (8). Estas pessoas migraram internamente, excetuando raros casos.

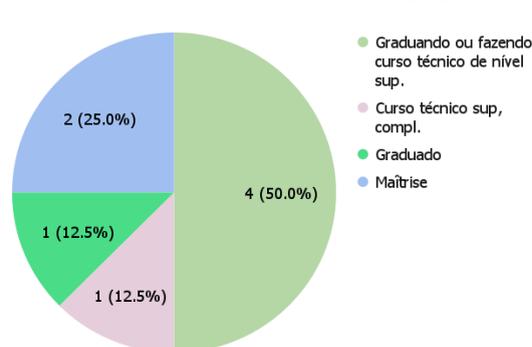
Com relação ao nível de escolaridade prévia à emigração, daqueles residentes no Brasil, seis (6) tinham um nível de escolaridade equivalente ou inferior ao Ensino Médio completo, destas pessoas, uma não frequentou a escola e duas não concluíram o ensino fundamental. As demais cinco (5) eram graduandos ou com nível equivalente. Já no caso do Canadá, as oito (8) pessoas estavam se graduando ou efetuando uma formação de nível superior, ou trabalhando após qualificação (Gráficos 26 e 27). A diferença dos níveis de instrução entre os dois casos é evidente. O que não surpreende, pois, para o Canadá, a alta qualificação, embora insuficiente, é um dos critérios fundamentais de admissão.

Gráfico 26 - Nível de instrução anterior à emigração. Brasil



Fonte: Elaboração nossa

Gráfico 27 - Nível de instrução anterior à emigração - Canadá



Fonte: Elaboração nossa

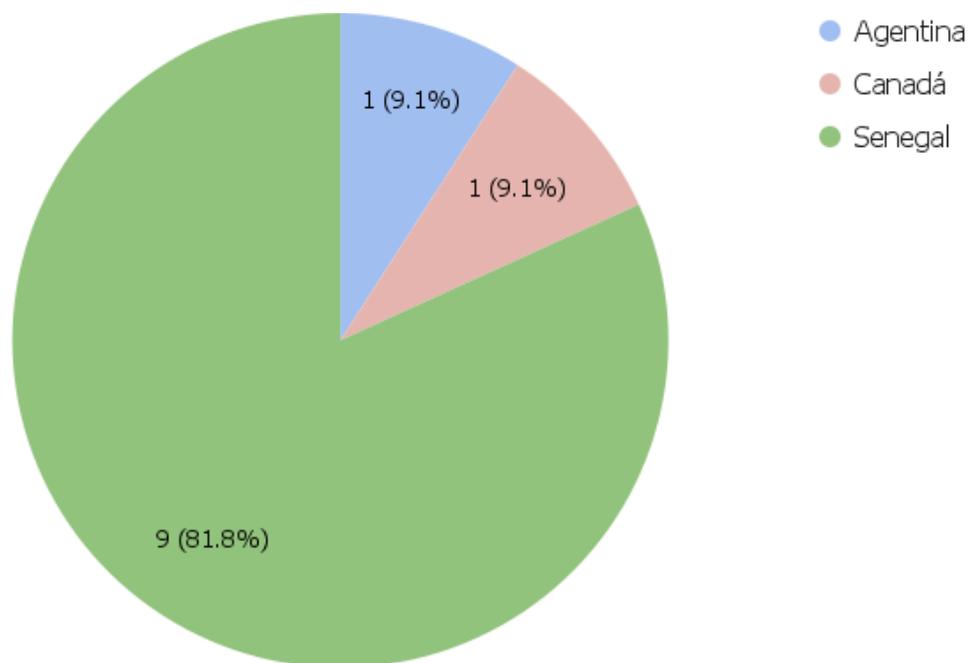
Ainda conforme o quadro a seguir, no que se refere ao trabalho, quase a metade, isto é, cinco (5) dos que vieram para o Brasil trabalhavam antes de deixar o país natal. Um, *desempregado*, havia parado de trabalhar, pensando em emigrar. No caso do Canadá, somente dois (2) dos entrevistados trabalhavam no Senegal, e isto, depois de suas respectivas formações de nível superior.

Ao deixar o Senegal, os casankoolu no Brasil, com 29 anos de idade, em média, eram mais velhos de três anos que aqueles entrevistados no Canadá, com 26 anos. Quando ingressam nestes países da América, essa média passa para 30 anos, no caso do Brasil, e para 32 anos, no tocante ao Canadá (Ver Quadro 50) por causa do tempo de residência nos países *destino de trânsito*, que foram: Argentina (1) e Canadá (1), para o Brasil, e França (4) e Brasil (1), para o Canadá (Ver Gráficos 24 e 25). Quando tal percurso ocorreu com cinco (5) dos oito (8) no Canadá, foi observado em apenas dois (2) dos onze (11) interlocutores, no caso dos residentes no Brasil. O que mostra, como aliás constatado por Fall (2014), que o Canadá é, essencialmente, um país cujo acesso se dá, no caso dos senegaleses em geral, muito mais, por etapas, feitas em países europeus, a França em primeiro lugar. A presença do Brasil nos *destinos de trânsito* é um elemento novo nesta *transição* que não se dá mais exclusivamente pela Europa, mas também pela América do Sul⁷²⁵.

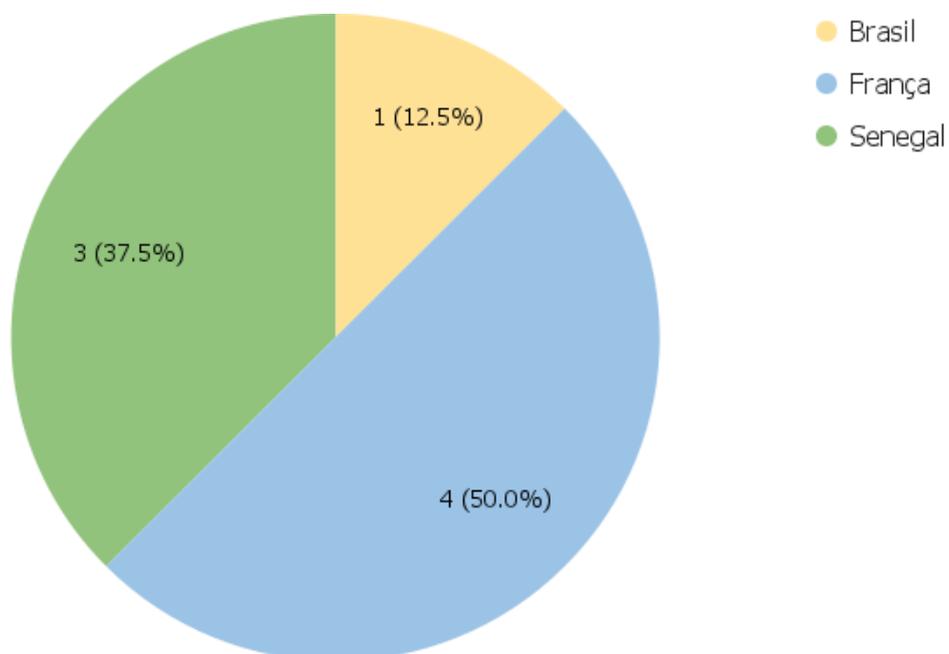
Os três (3) que saíram diretamente do Senegal sinalizam que este país está sendo um ponto de partida relevante para o Canadá. Para o Brasil, nove (9) dos onze (11) os originários da Casamansa migraram diretamente do Senegal para o gigante sulamericano. Entretanto, o tipo de visto solicitado pela maioria daqueles com menos instrução não corresponde ao objetivo da migração, o que indica a existência de dificuldades ou barreiras notadamente dos *migrantes econômicos* que não são tão escolarizados.

Para ambos os países americanos, foi na década de 2010 que o maior número de pessoas migraram: cinco (5) para o Brasil - das quais três (3) relacionam a Europa com a inacessibilidade e todos consideravam o Brasil como a melhor alternativa - e seis (6) para o Canadá, cuja saída da França, do Senegal ou do Brasil, pouco tem a ver com a crise ou fechamento da Europa à imigração. Acrescenta-se que para cada um deles, um país do Norte e outro do Sul serviram de lugar de partida para uma nova emigração inicialmente não prevista.

⁷²⁵ Conhecemos pessoalmente três ex-estudantes PEC-G que trocaram o Brasil pelos Estados Unidos na década de 2000.

Gráfico 28 - Países de residência anterior à imigração no Brasil

Fonte: Elaboração nossa

Gráfico 29 - Países de residência anterior à imigração no Canadá

Fonte: Elaboração nossa

Quadro 50 - Comparação de perfis sócio-migratórios dos casankoolu até os destinos americanos

Aspectos considerados dos entrevistados		REGIÃO DE ZIGUINCHOR, por Departamento								
		BGN	O USS	ZIG	Total		BGN	O USS	ZIG	Total
		BR				CA				
Números por sexo	Homens	5	4	-	9		1	3	-	4
	Mulheres	1	1	-	2		2	1	1	4
	Total	6	5	-	11		3	4	1	8
Migrou internamente	Sim	6	4	-	10		3	3	1	7
	Não	-	1	-	1		-	1	-	1
Ocupação principal antes da emigração	Estudante				5		3	2	1	6
	Trabalhador				5		-	2	-	2
	Parou de trabalhar	-	1	-	1		-	-	-	-
	Total				11		3	4	1	8
Nível de escolaridade anterior à emigração	Não alfabetizado	-	1	-	1		-	-	-	-
	Fundamental incompleto	2	1	-	3		-	-	-	-
	Segundo Grau completo	2	1	-	3		-	-	-	-
	Graduando/ou Curso técnico de nível superior.	2	2	-	4		1	2	1	4
	Técnico Superior comp	-	-	-	-		-	1	-	1
	Formado	-	-	-	-		1	-	-	1
Maitrise	-	-	-	-		1	1	-	2	
Média de idade, por sexo, no ano de emigração sem retorno para o Senegal	Homens	28,4			28,4		27,5			27,5
	Mulheres	33,5			33,5		25,2			25,5
	Média	29			29		26			26
Década de emigração intercontinental sem retorno	1990-1999	2	2	-	4		-	-	-	-
	2000-2009	2	1	-	3		3	1	-	4
	2010-2019	2	2	-	4		-	3	1	4
	Total	6	5	-	11		3	4	1	8
Média de idade, por sexo, no ano de emigração para Brasil e Canadá	Homens	30,6	26,7	-	28,8		30	29,5	-	30
	Mulheres	37	31	-	34		37,5	32	29	34
	Média	31,6	27,6	-	30*		35	30	29	32*
Década de imigração intercontinental sem retorno	1990-1999	2	2	-	4		-	-	-	-
	2000-2009	1	1	-	2		1	1	-	2
	2010-2019	3	2	-	5		2	3	1	6
	Total	6	5	-	11		3	4	1	8
País de residência anterior ao Brasil ou Canadá	Argentina	1	-	-	1		-	-	-	-
	Brasil	-	-	-	-		-	-	1	1
	Canadá	1	-	-	1		-	-	-	-
	França	-	-	-	-		3	1	-	4
	Senegal	4	5	-	9		-	3	-	3

Fonte: Autoria nossa

Os interlocutores no Brasil saíram do Senegal na mesma intensidade nas décadas de 1990-1999 e 2010-2019, com 4 pessoas para cada intervalo. Porém, no tocante aos decênios

de chegada no Brasil, quatro (4) ingressaram no país no período 1990-1999 e cinco (5) outros em 2010-2019. A mudança mais perceptível é relativa aos entrevistados no Canadá. Quatro (4) deles partiram do Senegal entre 2000 e 2009, a outra metade na década passada, porém só chegaram ao Canadá dois (2) do total, na primeira década e seis (6) na segunda.

7.2 - COMPARAÇÃO DOS PERFIS SÓCIO-MIGRATÓRIOS DOS CASANKOOLU APÓS SUA INSTALAÇÃO NO BRASIL OU NO CANADÁ

A maioria (7 de 11) dos casankoolu residentes no Brasil são casados. No caso canadense, 4 de 8 têm o mesmo estado civil. Em 2020, a média de idade dos homens era respectivamente de 45 e 42 anos, e a das mulheres, de 46,5 e 38 anos, sendo a média geral de 47 e 39 anos para o Brasil e para o Canadá. Os que moram de aluguel no Canadá representam a quase totalidade, ou seja, apenas uma (1) de sete (7) pessoas, proprietária de sua residência, constitui a exceção. No Brasil, a situação de moradia é mais diversificada. Se quatro (4) de onze (11) pessoas são donas de suas moradias, a segunda situação mais representativa é a daquelas que dividem a moradia com outras pessoas (co-locação) (Ver Quadro 51). É preciso dizer que a aquisição de moradia é, sem dúvida, um dos indícios de desenvolvimento para casankoolu em particular, e Senegaleses em geral. A concentração dessas pessoas na província de Quebec não se observa no caso do Brasil, como mostrado nos *Mapas 2 e 3*.

No tocante à situação migratória, de oito (8), quatro (4) têm a cidadania canadense. Esse número é de quatro (4) dos onze (11) no Brasil, sendo inferior ao de seis (6) residentes permanentes neste país (Quadro 51). Mas é preciso destacar que a solicitação de refúgio foi a estratégia provisória de evitar a situação de migração irregular no Brasil, sendo que no Canadá, tal situação não se colocou. O único caso de refugiados, mencionado antes, é o de pessoas reconhecidas como tais por um país da CEDEAO, que solicitaram sair daquele para o Canadá.

Em termos de estudos, o perfil dos residentes no Brasil abarca os extremos. Uma pessoa, que não tinha instrução, fez alfabetização, por outro lado, cinco (5) têm um nível igual ou maior que mestrado. Destes cinco (5), todos homens, um é doutorando, dois são doutores e um é pós-doutor. Vale lembrar que a maioria absoluta destes pesquisadores veio no âmbito do programa intergovernamental PEC-G⁷²⁶. No caso do Canadá, o menor nível é uma graduação profissional em andamento e o maior é o mestrado. Entende-se que a falta de doutores no caso do Canadá esteja em parte ligada ao alto custo dos estudos naquele país e ao ramo de formação que, em geral, não demanda este título a quem quer atuar fora das universidades. Os

⁷²⁶ Ver Capítulo V

perfis acadêmicos dos casankoolu em ambos os contextos americanos são reveladoras da importância que estes dão ao próprio desenvolvimento humano por meio da formação, para assim poder promover o de familiares e amigos na origem.

Estas formações de alto nível permitem ocupar funções do chamado setor primário do mercado de trabalho com as vantagens que proporciona, não só em tipos de trabalho, mas também em estabilidade laboral e em montante de remuneração⁷²⁷. Se para todos, no Canadá como no Brasil, dizem participar do desenvolvimento humano do país de residência pelos impostos que pagam, já que todos, sem exceção trabalham oficialmente, esta participação é, poderia-se, mais rica entre os docentes universitários, que ressaltam a formação e a pesquisa, como visto anteriormente. No caso do Canadá, o adicional, pode-se dizer, é o trabalho voluntário, trabalhos coletivos de enriquecer a cultura dos nacionais - mostrando a estes, outras culturas - e principalmente o serviço prestado no âmbito do trabalho.

Tratando-se de trabalho, cumpre ressaltar que no Brasil, onde se nota um desequilíbrio numérico evidente nos efetivos entre os sexos masculino e feminino, as duas mulheres atuam, respectivamente, no serviço doméstico e na indústria alimentícia, trabalhos que não demandaram alguma formação específica. Ambas residem em casas cedidas pelos empregadores. No Canadá, onde conseguimos ter um equilíbrio total entre homens e mulheres que colaboram, as mulheres, todas residentes em Québec, atuam no ensino médio como editoralista, na saúde como *aide-soignante* e nas empresas como engenheira em energias renováveis. Embora não tenhamos conseguido saber a profissão da quarta e última mulher entrevistada⁷²⁸, sabemos que ela fez, nas palavras da mesma, *uma pequena formação* no ramo em que trabalha. Todas moram em residências alugadas (Ver Quadro 51). Importa lembrar que no Brasil, a trabalhadora doméstica exerceu anteriormente o mesmo trabalho no Canadá para uma autoridade diplomática senegalesa e, até as últimas semanas, fazia o mesmo trabalho em Portugal.

⁷²⁷Há mais de 10 anos, 2012, o “• piso salarial do professor com título de doutorado, em regime de dedicação exclusiva, atualmente em R\$ 7.627,02 passará para R\$ 8.639,50. Em três anos, após cumprir o estágio probatório, passará para R\$ 10.007,24; • atualmente, o professor adjunto I em regime de dedicação exclusiva com doutorado, remuneração (VB+RT) em R\$ 7.627,02 passará para R\$ 10.007,40” (MEC. *Carreira do magistério superior*. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/>).

⁷²⁸ Houve perturbações no momento da entrevista e ela não respondeu às nossas perguntas complementares que lhe fizemos.

Quadro 51 - Perfis sócio-laborais dos casankoolu no Brasil e no Canadá.

Aspectos considerados dos entrevistados		DEPARTAMENTO DE ORIGEM DA REGIÃO DE ZIGUINCHOR								
		Bgn	Ous	Zig	Total		Bgn	Ous	Zig	Total
		No Brasil					No Canadá			
Situação de moradia	Proprietário	2	2	-	4		-	1	-	1
	Locatário	1	1	-	2		3	3	1	7
	Co-locatário	2	1	-	3		-	-	-	-
	Moradia cedida	1	1	-	2		-	-	-	-
Estado civil	Casada	-	-	-	-		2	-	-	2
	Casado	4	3	-	7		-	2	-	2
	Solteiras	1	1	-	2		-	-	1	1
	Solteiros	1	1	-	2		1	1	-	2
	Divorciada	-	-	-	-		-	1	-	1
	Total	6	5	-	11		3	4	1	8
Média de idade dos entrevistados, segundo o sexo - 2020	Homens	45	45	-	45		43	40	-	42
	Mulheres	56	37	-	46,5		40,5	37	31	38
	Média	46,8	43,4	-	47,2		41,5	40	31	39
Situação migratória na data da entrevista	Irregular	-	-	-	-		-	-	-	-
	Temporário	1	-	-	1		-	-	-	-
	Permanente	3	3	-	6		2	1	1	4
	Naturalizado	2	2	-	4		1	3	-	4
	Total	6	5	-	11		3	4	1	8
Nível de instrução* na data da entrevista ⁷²⁹	Maior	DR	Pós-DR	-	Pós-DR		ME	ME	ME	ME
	Menor	N.A	Alf	-	N.A		GR-Pro	GR	ME	GR-Pro
Principal ramo de atividade no país de residência na data da entrevista, segundo o sexo**.	Docência no ensino sup.	2H	2H	-	4		-	-	-	-
	Ensino médio	-	-	-	-		1M	-	-	1
	Saúde	-	-	-	-		1M	-	-	1
	Engenharias	-	-	-	-		-	2H	1M	3
	Informática	-	-	-	-		-	1H	-	1
	Administração pública	-	-	-	-		1H	-	-	1
	Indústria de carne ou peixe	1H	2 H M	-	3		-	-	-	-
	Indústria automobilística	1H	1	-	2		-	-	-	-
	Trabalho doméstico	1M	-	-	1		-	-	-	-
	Segurança	1H	-	-	1		-	-	-	-
	Indefinido	-	-	-	-		-	1M	-	-
Trabalha legalmente no país de residência?	Sim	6	5	-	11		3	4	1	8
	Não	-	-	-	-		-	-	-	-

Fonte: Elaboração do autor

* Alf. = Alfabetização; N.A = Nono Ano; GR-Pro = Graduação Profissionalizante; GR = Graduado; ME = Mestrado; DR = Doutorado; Pós-DR = Pós-Doutorado

** H = Homem; M = Mulher

⁷²⁹ Os níveis identificados são; alfabetização, nono ano, segundo grau concluído, doutorando, doutor e pós-doutor.

7.3 - COMPARAÇÃO DE PRÁTICAS TRANSNACIONAIS DESDE AS AMÉRICAS

Esta comparação inicial se faz sobre a comunicação, as remessas, as visitas ao país de origem, as ações políticas e culturais.

Sobre a manutenção da comunicação com parentes, não há diferença entre os casankoolu no Brasil e aqueles no Canadá. Ambos se comunicam frequentemente com parentes no país de origem - e em outras partes do mundo - usando, em geral, um telefone celular conectado à internet com aplicativos referidos anteriormente.

Se, em ambos os países, a maioria envia mensalmente dinheiro para o Senegal, a taxa dos que não o fazem todos os meses é maior no Brasil, com três (3) dos onze (11) entrevistados, quando é de uma (1) das oito (8) pessoas residentes no Canadá. Tanto no Brasil como no Canadá, a frequência dos envios pecuniários não diminuiu com o aumento do tempo em imigração. O elemento determinante para a redução destas remessas é a melhoria da renda familiar e das condições de vida dos parentes, que pode ocorrer com o ingresso no mercado de trabalho de alguns deles, ou o falecimento dos pais.

Quanto às remessas materiais, isto é, em natura, elas são raramente enviadas do Brasil por sete (7), aos quais se somam os demais quatro (4) que não as enviam. Ou seja, considerando exclusivamente este tipo de remessas⁷³⁰, não se pode falar de transnacionalismo desde o Brasil. Entretanto, no Canadá, o envio de materiais é feito duas a três vezes por ano por três (3) dos entrevistados.

Embora sete (7) dos oito (8) residentes no Canadá tenham visitado o Senegal nos últimos cinco anos, nem todos o fizeram saindo do país americano. No caso do Brasil, seis (6) fizeram o mesmo no último quinquênio. Em ambos os casos, a necessidade de viajar, o custo da passagem justificam a pouca frequência das visitas, embora o intervalo ideal seja de dois anos. No Canadá, a necessidade de estabilidade laboral prévia foi um argumento importante para dois (2) dos entrevistados, já no Brasil, a priorização da realização de projetos na origem e do envio de remessas foram motivos para ficar mais tempo sem visitar parentes.

No Brasil como no Canada as práticas transnacionais são também culturais, partindo da dimensão religiosa à alimentação passando pela formação de recursos humanos. A religião cujos valores são objeto de preservação e perpetuação somente no caso canadense é a religião católica. A alimentação é outra forma de manter o vínculo com a origem. Comer *à la casaçaise* é reiterar seu pertencimento a esta região. Contribuir financeiramente para as festas

⁷³⁰ O que não significa que estas pessoas não recebem, de vez em quando, objetos suscetíveis de reiterar ou reforçar o vínculo com a origem e de contribuir para a formação de recursos humanos (Ver anexos 8.C, D e E).

religiosas à distancia é outra forma de reiterar seu lugar na comunidade e família, o que se percebe entre casankoolu no Brasil e no Canadá.

Todas estas práticas revelam a preocupação de manter e renovar as relações com a origem, em particular com parentes, amigos e ex-cloguas e comunidade de origem. A manutenção dos laços indica tacita ou explicitamente a eventualidade de retorno, muitas vezes sem data prevista ou pensado para acontecer depois da aposentadoria.

Quadro 52 - Práticas transnacionais dos casankoolu desde as Américas, Brasil-Canadá

PRÁTICAS TRANSNACIONAIS		REGIÃO DE ORIGEM - ZIGUINCHOR	
		No Brasil	No Canadá
Mantém contato com familiares e amigos no Senegal	Sim, sempre	11	8
	Não	-	-
Envia dinheiro	Sim mensalmente ou quase	8	7
	Sim, de vez em quando	3	1
A quem costuma enviar dinheiro	Família e amigos	11	8
Envia objetos materiais	Sim, de vez em quando	-	4
	Sim, rara ou muito raramente	7	2
	Não	4	1
	Não respondeu	-	1
A última vez que foi ao país de origem	Até 5 anos	5	7
	Entre 6 e 10 anos	3	-
	Mais de 10 anos	1	1
	Nunca voltou	2	-

Fonte: Elaboração nossa.

Do ponto de vista político, é preciso dizer que quatro (4) dos interlocutores no Canadá e quatro (4) no Brasil têm a cidadania canadense e brasileira, respectivamente (Ver Quadro 51). Esta dupla cidadania (senegalesa-brasileira ou senegalesa-canadense) é uma expressão evidente de transnacionalismo político dos migrantes em questão.

A adesão efetiva, com ou sem responsabilidade assumida, a um partido e o voto no exterior são outras práticas políticas transnacionais. Se a participação da diáspora senegalesa é geralmente associada ao apoio à oposição, portanto à mudança de governo, com expectativa de que tal mudança trará um futuro melhor para o país tanto em termos sociais, econômicos e humanos, embora não tenhamos explorado esta dimensão no caso canadense, sabe-se, pela literatura, que os casankoolu, à semelhança de todos os senegaleses, se tornaram eleitores desde 2007. No Brasil, a participação nas eleições iniciou na eleição presidencial de 2019 e se repetiu na de 24 de março de 2024. Os casankoolu participam do debate político em contexto migratório, acompanham a atualidade política de forma remota, posicionam-se diante dela.

Além disso, votam e tomam parte da fiscalização das eleições em seus países de residência. Ademais, buscam incentivar e influenciar a participação dos parentes na votação. É parte de sua ação política, suas contribuições para o envio de bens materiais e de dinheiro em apoio a determinado partido de oposição no Senegal, o que parece ganhar mais visibilidade na política partidária do país nos últimos cinco anos.

Vale dizer que por meio das associações de casankoolu existentes no Canadá, cultiva-se o que se pode chamar de transnacionalismo cultural. Ela se expressa pelos encontros e compartilhamento de valores comuns como o de pertencer à Casamansa, à comunidade católica, e que se busca transmitir à nova geração nascida no país da América do Norte. Tais formas de organização não foram identificadas no Brasil. Contudo, sabe-se da participação de um interlocutor, que faz parte de uma organização católica sediada na cidade de Ziguinchor.

7.4 - COMPARAÇÃO DAS FORMAS DE PARTICIPAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NA ORIGEM

Cabe destacar que a ótica teórica que permite entender a participação de casankoolu residentes nas Américas para o desenvolvimento humano no país de origem é principalmente o transnacionalismo, na medida em que afirma a manutenção de laços entre migrantes e sua origem. As formas de participação dos originários da Casamansa para o desenvolvimento humano de casankoolu que se encontram na origem se dá basicamente em duas modalidades: individual e coletiva. Ambas aparecem no contexto canadense, onde três formas de associações: duas regionais e uma local, foram identificadas, sendo que no Brasil, a participação das pessoas em questão se dá de forma individual, visto que inexistente uma organização de cunho regional de casankoolu no Brasil.

O envio de remessas monetárias é ao mesmo tempo uma prática transnacional e uma forma de participação para o desenvolvimento humano de familiares, da comunidade e da região de origem. Trata-se de uma prática feita em geral a título individual e de forma regular. Os valores enviados tanto por quem reside no Brasil como por aqueles no Canadá servem principalmente para a promoção do bem-estar dos familiares, na medida em que são destinados ao consumo do lar, a oferecer condições aceitáveis de alimentação e moradia. Este uso de remessas é geralmente criticado por não entender que os filhos são considerados como um seguro para os pais, e para a família estendida.

Grande parte dos residentes no Brasil e no Canadá destina também determinados recursos à educação clássica ou à formação profissionalizante de parentes, notadamente, filhos/filhas, irmãos/irmãs, sobrinhas/sobrinhos. Parte das remessas individuais vai para a construção de uma casa moderna para a família⁷³¹. Este tipo de empreendimento foi feito por três pessoas: duas no Brasil e uma no Canadá. Conciliar estas duas formas onerosas de contribuição, ao mesmo tempo, nem sempre é factível ou considerado pelo migrante como vantajoso para a família. A prioridade foi, em um caso de cada contexto, dada à formação dos parentes, vista como mais benéfica para a unidade familiar. Se tais ações são realizadas numa lógica de *dever moral de solidariedade* para a transformação, apareceu no Canadá uma forma de contribuição “um pouco distinta” na capacitação de parentes, que consiste em financiar tais iniciativas à guisa de empréstimo a reembolsar, para assim poder avaliar outro projeto e financiá-lo, por sua vez.

Ainda a respeito das remessas pecuniárias individuais, parte delas foi destinada a financiar a emigração de um novo membro da família, seja para buscar trabalho ou para se formar fora da África. Pelo menos quatro (4) pessoas entrevistadas se beneficiaram deste mecanismo, duas com o objetivo de trabalhar no Brasil e no Canadá, e duas para estudar no Brasil. Seja qual for o motivo, este tipo de projeto, identificado nos países americanos de residência, é claramente considerado, seja como uma estratégia de diversificar a renda familiar imediatamente, a médio ou longo prazo, pelo migrante investidor, seja como uma forma de emancipação, de *passagem para a vida adulta* e de maior consideração na família e na comunidade, ou então como uma via para uma profissionalização de alto nível, pelo candidato à migração.

Em termos de participação financeira individual, Canadá se distancia um pouco do Brasil naquilo que é considerado investimento econômico. Estes investimentos são feitos por pelo menos quatro (4) dos entrevistados e ocorreram nos setores de transporte, comércio, arte e educação. No caso do Brasil, apenas duas (2) de onze (11) pessoas assinalaram ter apoiado ou financiado iniciativas econômicas de parentes na origem.

Há diferenças também entre Brasil e Canadá quanto às remessas materiais. No país nórdico, o envio de bens materiais em quantidade significativa uma vez a cada semestre, em média, é uma prática recorrente para duas entrevistadas. Estes envios são feitos em containers via barco e mediante pagamento. Dois outros enviam objetos em intervalos irregulares, um

⁷³¹ Construir a casa da família é uma forma de prever um lugar onde ficar em caso de retorno definitivo, mas também é um indicativo de uma emigração bem sucedida.

via rotas comerciais, a outra, quando vê um senegales indo visitar seu país⁷³². O objetivo comum destas remessas é melhorar de imediato ou a médio prazo as condições alimentares, de formação, de trabalho, de moradia, em suma, com essas remessas se almeja melhorar, prioritariamente, as condições de vida de familiares e, em larga medida, da comunidade na origem. No Brasil, o tipo de envio de remessas materiais entre casankoolu e seus parentes é esporádico e se efetua de duas formas: **1.** via alguém que está indo ou voltando, **2.** em ocasião de uma visita aos parentes, o visitante leva consigo lembranças⁷³³.

No que se refere às chamadas remessas imateriais, estas ocorreram em forma de conselho, de aulas ou de avaliação de projeto. Seu *envio* não depende necessariamente do deslocamento físico do migrante. À distância ou durante uma curta visita, as trocas de experiências ocorrem entre migrante e não migrante. Os conselhos dados pelos *ressortissants* da Casamansa no Canadá a parceiros no Senegal sobre negócios foram mencionados por três pessoas como formas de contribuições para o desenvolvimento. No tocante ao Brasil, mediante acordo, professores de uma UF lecionaram, por um mês, no mestrado da UASZ. O projeto Burok foi preliminarmente avaliado por universitários originários da Casamansa que residem em diversos Estados do Brasil, avaliação essa encaminhada para as autoridades da Comuna de Ziguinchor.

De modo geral, dois objetivos comuns destes envios individuais são: a promoção de bem-estar de familiares e pessoas próximas - principalmente dos pais-, melhorando seja as condições alimentares, laborais, escolares, de comunicação ou criando condições de formação profissionalizante, e a renovação dos laços com a origem. Os objetos enviados desde as Américas carregam frequentemente em si a ideia de modernidade, de qualidade e de avanço, bem como de participação na transformação da vida de quem não emigrou, notadamente de familiares jovens. Percebe-se que a unidade social que mais se beneficia das remessas monetárias, materiais e imateriais individuais vindo do Brasil e do Canadá é a família nuclear ou ampliada que inclui os pais, irmãos e irmãs, primos e primas, sobrinhos e sobrinhas, tios e tias.

Não foi identificado uma relação entre casamento - *misto* ou não - tempo de migração, naturalização e frequência das remessas. Em outros termos, para a maioria, a frequência das

⁷³² É por intermédio de outros migrantes que esta recebe também produtos enviados do Senegal por parentes. A circulação transnacional de objetos entre lugares de residência de emigrados senegaleses e a origem envolve vários atores. Ver Dieme e Cavalcanti (2021); Rémy e Ndione (2020).

⁷³³ Com estes objetos, o ganho está mais na manutenção de laços de parentesco do que no desenvolvimento.

remessas monetárias depende mais da condição socioeconômica do próprio migrante e da família na origem, de ter pais vivos e/ou dependentes na origem. As vantagens que as comunidades de origem obtêm da participação individual dos seus *ressortissants* no desenvolvimento local não são subestimáveis, embora tais ações sejam menos frequentes. O início de determinados projetos coletivos conta, em grande medida, com a participação da diáspora.

Quadro 53 - Comparação das contribuições para o desenvolvimento socioeconômico na origem e destino

CONTRIBUIÇÃO AO DESENVOLVIMENTO**		ORIGEM - REGIÃO DE ZIGUINCHOR	
		no Brasil*	no Canadá*
Participa do desenvolvimento socioeconômico do Senegal, em geral?	Sim, enviando dinheiro a familiares	10	8
	Sim, enviando objetos de vez em quando a familiares ou comunidade	-	5
	Sim, ajudando ou financiando projetos individuais e/ou coletivos sociais de casankoolu	5	7
	Sim, ajudando ou investindo em projetos econômicos	2	5
	Sim, ajudando a melhorar as condições de moradia e de vida	4	8
	Sim, investindo na educação e/ou formação profissional de parentes	4	6
	Sim, investindo na migração de um parente	1	2
	Sim, promovendo acordo de parceria entre a UASZ e uma UF.	1	-
Participa do desenvolvimento socioeconômico do país de residência. De que forma?	Sim, pagando impostos e as contas mensais, trabalhando, consumindo (Ca/Br), formando pessoas, pesquisando e publicando (Br), fazendo trabalho voluntário (Ca),	11	8
	Não	-	-

Fonte: Elaboração nossa

* A mesma pessoa pode ser contada em mais de um item se a estes associar sua participação.

** Estas respostas não são cumulativas, ou seja, uma mesma pessoa pode mencionar sua contribuição de diversas formas.

A segunda modalidade de remessas é coletiva. Nela os envios são pecuniários ou materiais e ocorrem em nome de uma coletividade, notadamente de uma associação. Embora menos frequentes, estas remessas desempenham periodicamente um papel importante para aquelas comunidades que delas se beneficiam na Casamansa. Oferecem sua contribuição na saúde e educação, como mostrado. Se não há associação de *ressortissants* da Casamansa no Brasil, neste país, pelo menos cinco (5) participam de iniciativas socioeconômicas de suas respectivas comunidades de origem (em particular, em projetos de instalação de água encanada, eletrificação ou educação), quando no Canadá são dois (2) a evocar disposição e/ou participação efetiva em iniciativas parecidas (em projetos agrícolas ou culturais).

As contribuições que buscam melhorar as condições de vida, bem como de renda, não são feitas sem avaliação nem críticas por parte dos migrantes. Além de buscar assegurar a reprodução social nas famílias e comunidades, estas contribuições almejam, em certos casos, ajudar a transformar significativamente estas mesmas condições. Ciente da relevância de suas contribuições, é preciso notar que, por si sós, suas ações dificilmente teriam um impacto positivo estrutural e duradouro, notadamente em um contexto ainda em busca de paz definitiva. Acrescenta-se que as realizações de *casankoolu* em questão no país de origem não se dão necessária e exclusivamente na Casamansa.

7.4.1 - Desafios para uma melhor contribuição ao desenvolvimento desde as Américas

No Brasil, como no Canadá, foi colocado a falta de condições de bases para iniciativas favoráveis ao desenvolvimento humano na Casamansa. O conflito armado em Casamansa aparece, no caso do Brasil, como um obstáculo fundamental a superar, sendo a paz uma condição primária para qualquer iniciativa de desenvolvimento.

O principal problema comum a ambos os casos americanos é o desconhecimento da diáspora e de suas competências pelas autoridades locais e nacionais. A este desconhecimento se soma a falta de confiança, ocasionada pela corrupção identificada ou percebida, e que constitui um freio às iniciativas individuais da diáspora. A alternativa a este fator negativo, que seriam as visitas frequentes necessárias para acompanhar de perto eventuais investimentos, se revela inviável, na medida em que as ocupações laborais atuais dos expatriados e o custo das viagens tornariam impossíveis tais acompanhamentos de projetos cuja administração demandam uma presença física do principal investidor.

Portanto, uma vez identificada e seu perfil conhecido, é fundamental que os poderes públicos da origem estabeleçam a confiança entre eles e a diáspora e perpetuem a comunicação com esta. Uma das formas de alcançar estes objetivos é envolver os *ressortissants* na discussão, elaboração e execução dos programas e projetos públicos de desenvolvimento local e nacional. Tudo isso pressupõe que a promoção do desenvolvimento humano seja uma autêntica preocupação dos poderes públicos locais e nacional.

A iniciativa de contribuir para melhorar as condições de vida e de formação pode vir dos expatriados. É o que ocorre notadamente em âmbito familiar. Tais iniciativas não são necessariamente filantrópicas, podendo se dar em forma de empréstimo. Os residentes nos

dois contextos americanos, que pretendem abrir um negócio na origem, pensam fazê-lo retornando provisória ou definitivamente, uns ainda economicamente ativos, outros, só depois da aposentadoria. Vale dizer que, embora a preocupação de empreender na origem exista nos dois países, ela é mais acentuada no Canadá. Neste país, duas pessoas com representantes de confiança (mãe e irmã) em Ziguinchor e em Dakar, respectivamente, já investiram em transporte e pecuária. Outras desejam investir no ramo da indústria alimentar, nas energias renováveis, no comércio, na saúde alimentar, no transporte ou na tecnologia aplicada à saúde. Em quase metade das iniciativas em curso ou em gestação, há envolvimento de outra pessoa residente no exterior ou já retornada. No caso do Brasil, os raros empreendimentos futuros são relativos à imobiliária e ao comércio. Entretanto, para muitos, investir em negócios à distância é investir para falir. Portanto, para não correr voluntariamente este risco, só se iniciaria de fato um projeto na véspera do retorno, provisório ou definitivo, já programado.

No que tange às iniciativas coletivas, de interesse da comunidade, percebe-se que a colaboração vem dos demais membros da própria comunidade. É o caso de quatro iniciativas comunitárias das quais participaram individualmente alguns entrevistados nos dois países. Entende-se que a falta de diálogo entre a comunidade (local e sua diáspora) e autoridades locais públicas é uma desvantagem para o desenvolvimento local. Um exemplo disso é o caso citado por Ankene Diaw (Entrevistada em 26/01/2022), cuja comunidade se mobilizou para a eletrificação da mesma, e que, na última hora, foi informada que o poder público colocaria a energia elétrica no vilarejo, e resolveu repensar um projeto coletivo em que poderia aplicar os recursos mobilizados.

Além da falta de comunicação entre os que cuidam da coisa pública e as comunidades administradas - a superar - as restrições às contribuições imateriais dos migrantes não parecem uma opção promissora, embora a literatura sugira que, com isso, busca-se evitar que haja uma concorrência entre a diáspora qualificada e a competência local, no caso do Senegal. Se a contribuição financeira da diáspora é sempre bem vinda na busca pela promoção do desenvolvimento humano de forma endógena, o mesmo nem sempre se pode dizer de suas qualificações, ignoradas, omitidas ou pouco mobilizadas. As conversas com os altamente qualificados no Brasil ilustram pertinentemente este tipo de distanciamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para analisar a relação a migração contemporânea de originários da Casamansa nas Américas e o desenvolvimento humano na origem, foram considerados os aspectos históricos, geográficos, culturais, econômicos e políticos, que permitiram, num primeiro momento, entender que na Casamansa a migração interna, intra regional oeste africana e intercontinental é parte integral da dinâmica social. Inicialmente habitada por povos que vieram do Leste do continente africano, a saber os Baïnunk seguidos dos Joola, que coabitaram depois como os Manjaco, Mancanha, Balanta, aos quais se somaram posteriormente Mandinkoolu e Pullo (Seck, 2005; Sané, 2017), a Casamansa é, há bastante tempo, uma terra de migrações, cujo cosmopolitismo é registrado e reconhecido pela literatura (Trincaz, 1984; Gueye, 2005; Seck, 2005; Manga, 2012; Sané, 2017). As migrações internas à parte da Casamansa e à sub-região Oeste africana, notadamente no seio da histórica Senegâmbia, ocorriam antes que europeus conhecessem este território.

Embora não as percebamos como totalmente exitosas, Trincaz (1984) vê no advento da imigração francesa de invasão, exploração dos povos da Casamansa e promoção do desenvolvimento da França, processos que aceleraram e intensificaram a migração interna, regional e continental em África, além da intercontinental dos casankoolu. As idas de casankoolu para fora do continente africano fazem parte das consequências da ocupação francesa. A França é, neste sentido, o primeiro e principal destino dos filhos da Casamansa na Europa. Um dos nossos entrevistados residente na mesma, emigrou para este país, após uma passagem por Marrocos, em meados dos anos 1960. A primeira associação que ajudou a fundar procurou contribuir para o desenvolvimento social regional de Ziguinchor. A construção do muro do hospital de Bignona é referida como um exemplo.

Como destino *tradicional* no seio da Europa, a França passou do incentivo migratório para o fechamento progressivo de seu território a africanos em geral a partir de meados dos anos 1970. Casankoolu, e senegaleses em geral, são afetados por estas medidas a partir de 1986 (Ndione, 2018). Estas restrições não significaram cessação de entradas de estudantes originários da Casamansa na França, país de onde saiu a maior parte dos casankoolu que residem no Canadá (Ver Gráfico 29) e colaboraram nesta pesquisa. Porém, sua adoção orientou a emigração senegalesa para a Europa do Sul, notadamente a Itália e a Espanha, que se tornaram países de imigração nas últimas décadas do século passado, passando a contar entre os destinos europeus de casankoolu. Com o *fechamento* a nível continental contra a imigração regular da suposta “miséria do mundo” útil para a Europa, precedido por crises e

expulsões de imigrantes africanos em países africanos, o fenômeno da migração informal para a Europa Ocidental se ampliou e ganhou visibilidade, por um lado, novos destinos passaram a integrar os lugares de possível imigração para os filhos da Casamansa, por outro.

No tocante às causas da migração, seja ela interna à região de Ziguinchor, à Casamansa, ao Senegal ou intercontinental, importa reiterar que ela é socialmente vista como um desenvolvimento humano, um investimento a curto, médio ou longo prazo para o bem-estar pessoal do migrante, familiar e, em certa medida, comunitário. Este investimento é geralmente feito pela família extensa para proporcionar formação escolar ou possibilidade de emprego nas cidades do Senegal e posteriormente no exterior. É o caso da maioria dos nossos entrevistados, que, antes de efetuar uma migração intercontinental, experienciaram a migração interna em Ziguinchor, na Casamansa ou no Senegal. O que, portanto, indica a estreita relação entre migração interna e migração internacional. Parte expressiva de casankoolu, que se deslocou no seio do Senegal em busca de formação, saiu do país pelo mesmo motivo. Excetuando um caso, observa-se que o mesmo ocorreu entre aqueles que já estavam trabalhando antes da migração intercontinental para as Américas. Vale notar que três (3) interlocutores no Brasil mencionaram espontaneamente o conflito na Casamansa, tendo duas delas associado sua migração interna ou internacional a ele. No Canadá, a imigração de uma moça com a qual conversamos em pesquisa anterior, e de sua família, todos refugiados, está diretamente ligada ao referido conflito.

A pesquisa revela que a emigração de casankoolu para as Américas é ao mesmo tempo uma migração Sul-Sul e Sul-Norte, com conexões, desde o exterior, entre o Norte e o Sul, o Sul e o Norte, o Norte e ele próprio. No seu começo, ela está mais ligada à vontade de emigrar para o Ocidente - com o prestígio que carrega - conjugada à expectativa de melhorar de vida e à crítica à inadequação do sistema educacional e das condições laborais do que à carência de trabalho ou de instituições de ensino na origem. O desejo de emigrar, primeiro combustível de qualquer projeto migratório voluntário, é um sentimento comum entre a juventude casankoolu, que independe da condição laboral e do grau de qualificação. Entretanto, os caminhos regulares de migração são mais acessíveis para quem tem recursos financeiros consequente ou uma rede social capaz de mobilizar tais recursos.

Ao deixar o Senegal para o Ocidente, aqueles entrevistados no Brasil tinham em média 29 anos de idade. A média de idade dos entrevistados no Canadá, quando saíram do Senegal, era de 26 anos. Neste caso, a maioria (5/8) fez uma migração por etapa, passando pelo Brasil, e sobretudo pela França. Estes lugares de “trânsito” eram inicialmente destino para a maioria

absoluta. Já no caso brasileiro, apenas dois vieram de outro país (Canadá ou Argentina), quando nove fizeram uma viagem do Senegal para o Brasil. A média de idade na chegada é de 30 anos para o país sul-americano, e de 32 anos para o país do extremo norte da América.

Emigrar, para fora dos destinos *clássicos* ocidentais dos casankoolu, foi também entendido por alguns como uma forma de protesto e de ruptura com um sistema universitário visto como problemático para o desejado desenvolvimento nacional. No Brasil ou no Canadá, nossos interlocutores entendem que a universidade pública não pensa o desenvolvimento nacional nem local, basicamente pelos seguintes motivos: ela não ensina a empreender, não pensa a respeito da realidade local, pouco pesquisa, não envolve a comunidade não universitária na sua dinâmica. O que sugere que ela não está a serviço dos interesses do povo ou poderia ser muito mais útil a este. A constatação da carência de tais virtudes no ensino oficial é para o entrevistado Yayi Anta um dos motivos de deixar a universidade pública senegalesa para se formar em outro país.

Para quem já estava no mercado de trabalho, a emigração intercontinental para trabalhar ocorreu com a expectativa de ganhar mais e de exercer suas atividades laborais em melhores condições. O único caso de *desemprego* voluntário, foi usado como argumento para viabilizar o próprio projeto migratório.

A emigração para as Américas foi viabilizada por canais pré-existentes entre o Senegal e os dois países da América em questão. Trata-se particularmente das relações diplomáticas e culturais, que criaram a possibilidade de migração, notadamente para estudos, entre os países envolvidos. A estas se soma a atuação das redes sociais mobilizadas por cada casankoolu. Estas redes envolvem familiares, no sentido amplo do termo, amigos e, inclusive, membros da comunidade, tais como (ex)colegas de trabalho que já haviam emigrado. De forma geral, os elementos constituintes destas redes sociais estão tanto no país de origem quanto no de destino ou em outro.

Os que emigram, ainda mais num contexto caracterizado por restrições inclusive no espaço dito de livre circulação da CEDEAO, não são os mais pobres nem financeiramente nem em capital social ou humano. Do ponto de vista financeiro, os migrantes casankoolu mostraram dispor de recursos pessoais ou mobilizados pela família extensa. Cabe notar, em última instância, que se trata de uma migração censitária, pois, na maioria dos casos, provar dispor de recursos financeiros é determinante para realizar de forma regular a migração intercontinental. E, neste caso, pode-se dizer também que são ricos em capital social. O

capital humano, real ou potencial, também foi fundamental para a saída de parte expressiva do conjunto dos nossos interlocutores nas Américas.

Uma vez nas Américas, parte dos *ressortissants* da Casamansa no Canadá, e sobretudo no Brasil, passou primeiro por uma formação universitária antes de ingressar no mercado laboral. Outros começaram a trabalhar pouco tempo após sua chegada. Vale ressaltar as exigências de diploma e experiência canadenses, que podem estender, como notado por Fall (2014), a inserção efetiva do migrante econômico até 5 anos. É trabalhando que as práticas transnacionais suscetíveis de contribuir ao desenvolvimento humano de terceiros na Casamansa começam a tomar forma. Elas se materializam principalmente pelo envio de remessas financeiras mensais destinadas à alimentação, moradia, educação mais adequada e formação profissionalizante para os familiares, e, quando necessário, à saúde. Conclui-se nas falas dos entrevistados que o desenvolvimento humano consiste em ter condições aceitáveis de vida no presente ou a médio e longo prazo. Alimentar-se bem, morar decentemente onde há paz, energia elétrica, água encanada, capacitar-se e poder cuidar da saúde são vistas como partes fundamentais do bem-estar pelos casankoolu. Lembremos que se compartilha a afirmação de Guilмотo e Sandron (2003) de que “A satisfação das necessidades humanas essenciais não é um pré-requisito do desenvolvimento, ela é o desenvolvimento.” (GUILMOTO e SANDRON, 2003, p. 127. Tradução nossa) humano. Neste desenvolvimento se inclui a capacitação de recursos humanos na origem ou no exterior.

A construção de casas por migrantes no país de origem é frequentemente vista pelas autoridades do Senegal como um investimento improdutivo. Os gastos com consumo corrente ou na ocasião de cerimônias, notadamente religiosas, são também considerados por alguns autores como causadores de dependência e prejudiciais para os produtos locais. Entretanto, a casa própria pode aumentar a capacidade de poupar e aumentar a renda da família quando parte do imóvel é alugado. O que, aliás, pretendem fazer os entrevistados Assampul Camara (em 11/07/2021), com sua casa em construção na capital do país, e Bouragone (em 31/01/2022) quando construir. Quanto ao consumo de produtos importados, este ocorre quando não existem localmente ou quando seu preço é mais competitivo. O consumo das famílias com migrantes no exterior participa da dinâmica do mercado local, e em determinados casos, mais do que o das demais famílias, na medida em que, para os mesmos serviços prestados, aquelas tendem a pagar mais caro que estas, como bem assinalou, em 28/11/2021, o entrevistado Wanjak Balde. Os gastos com educação são claramente vistos

como investimentos, que, a médio ou longo prazo, trarão bons retornos financeiros para a família ou mesmo para a comunidade e, provavelmente, para o país.

Vale notar que alguns dos nossos interlocutores da Casamansa nas Américas (2 no Canadá e 2 no Brasil) destinaram, em algum momento, parte das remessas ao financiamento de projetos migratórios de parentes cujo motivo principal são os estudos (3), a busca por um trabalho melhor remunerado em outro país (2). Registrou-se também que em determinados casos, as remessas pecuniárias foram destinadas a financiar projetos econômicos de familiares no ramo do transporte e do comércio, com aquisição de veículos motorizados. O único retornado da França após re-emigrar do Brasil, contribui ao desenvolvimento da Casamansa formando estudantes universitários, efetuando pesquisas e publicando trabalhos sobre a região.

Quanto às contribuições coletivas de *casankoolu*, é preciso dizer que no caso do Brasil, elas não ocorrem no âmbito de uma associação regional dos seus *ressortissants* no país sulamericano. O que não significa que estas pessoas não estejam envolvidas em projetos sociais comunitários na região de Ziguinchor, ou em algum países africano. Cinco (5) dos nossos entrevistados (1 mulher e 4 homens) participam, respectivamente, de projetos coletivos que envolvem *casankoolu* da mesma comunidade de origem residentes no exterior ou em outra região do Senegal e os membros da comunidade local. Os projetos são do ramo da educação e da energia elétrica no departamento de Oussouye e de fornecimento de água potável por perfuração no Departamento de Bignona.

No caso do Canadá, há duas associações regionais de *casankoolu*: uma religiosa e outra laica. Ambas, embora com menos frequência, participam do desenvolvimento socioeconômico da Casamansa, apoiando estruturas sanitárias e escolares. Seu apoio se dá por meio de remessas monetárias, materiais e imateriais. Foi mencionada outra associação local que atua de forma similar em projetos comunitários na origem.

Em seus esforços de contribuição para o desenvolvimento humano na Casamansa, os *casankoolu* enfrentam desafios. Um destes é a falta de confiança decorrente, às vezes, de frustrações anteriores pessoais ou de terceiros com a corrupção, a falta de compromisso e seriedade na localidade de origem. A impossibilidade de ir frequentemente para o país de origem constitui outro obstáculo para quem quer investir. O desconhecimento da diáspora ou a omissão de suas competências pelas autoridades locais e nacionais acabam sendo uma desvantagem para a origem.

Se as remessas financeiras são bem vindas, o olhar sobre as qualificações de quem está fora por quem está na origem pode ser de desconfiança. Pelo menos duas pessoas altamente qualificadas e residentes no Brasil assinalam tal situação. Embora parte dos migrantes tenham altas competências para isso, não foi identificado, em nenhum dos contextos das Américas, o envolvimento sistemático dos casankoolu nos sete objetivos do *Plan régional de développement intégré* (PRDI) ou mesmo nos do Plano de desenvolvimento comunal de Ziguinchor (PDC-Z), sendo que, dos sete objetivos de desenvolvimento da regional, há competências que seriam úteis, por exemplo, na *Restauração de uma paz definitiva; Restauração e gestão racional do meio ambiente; Diversificação e ampliação da produção agrícola; e saúde e valorização cultural*. No caso do Plano de desenvolvimento comunal, os ressortissants da Casamansa poderiam contribuir imaterialmente nas *TICs*, na *saúde pública* e na *agricultura*.

Vale lembrar que as associações de originários da Casamansa no Canadá têm feito ações plausíveis de interesse público, na saúde e educação, mas estas são pouco frequentes e insuficientes para satisfazer a demanda local. Contudo, suas ações mostram que estas comunidades sabem das necessidades sociais cujo atendimento é relevante para contribuir, mediante práticas transnacionais, ao desenvolvimento humano em Ziguinchor. Elas indicam também as limitações do poder público em atender a população nestes setores. Se o contato da autoridade comunal de Ziguinchor, iniciado em 2022 com os residentes no Brasil prosseguir e se estender para toda as Américas, as práticas transnacionais das pessoas em questão seriam de alcance e utilidade ainda maiores.

A lógica da relação dos migrantes em questão nas Américas com seus familiares, comunidades e com a Casamansa é reveladora de um sentido de contribuição para o desenvolvimento humano endógeno. Desde o exterior, agem dentro de uma perspectiva de participação a um desenvolvimento para nós e por nós mesmos. Para falar de desenvolvimento, as unidades sociais envolvidas, como a família e a comunidade, contam, antes de tudo, com seus componentes, estejam estes no local, em outra parte da Camanasa, do Senegal ou em outro país do mundo. Eis, a nosso ver, a base e o norte do desenvolvimento das referidas unidades sociais, que poderiam servir de modelo para a Casamansa, bem como para o país, pois, após décadas de APD em bilhões de F CFA, um país como Senegal está onde se encontra, na lista dos piores indicadores (Ver Anexo 9). Para viabilizar as remessas imateriais, materiais e monetárias, será preciso criar um quadro de confiança mútua, de concertação permanente, envolvendo tanto as associações quanto cada uma das pessoas com

as competências requeridas para atender as demandas sociais e desenvolver as potencialidades econômicas locais e nacionais.

No atinente à contribuição para o desenvolvimento humano no Brasil e no Canadá, todos afirmam que ela é mais evidente e muito maior no país de residência do que na origem. Ela se dá social e economicamente pela formação de recursos humanos - que ora ocorre com a colaboração de docentes de universidades senegalesas (Ver Anexos 7.B e 7.C) -, pesquisas e publicações, trabalho manual, consumo e pagamento de impostos no país sulamericano, quando no Canadá esta contribuição se dá pelo trabalho remunerado e o trabalho voluntário, bem como pelo consumo e pagamento de impostos.

BIBLIOGRAFIA

ACEDO, Andres. Histoire de l'USAID au Sénégal. 1995. *USAID*. Disponível em https://pdf.usaid.gov/pdf_docs/PNACE378.pdf

ACOSTA, Alberto. O Buen Vivir: uma oportunidade de imaginar outro mundo. In: SOUSA, C. M., org. Um convite à utopia [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2016. Um convite à utopia collection, vol. 1, pp. 203-233. ISBN: 978-85-7879-488-0. Available from: doi: 10.7476/9788578794880.0006. Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/kcdz2/epub/sousa-9788578794880.epub>.

ADAM-VEZINA, Émilie, « Femmes africaines séropositives en quête d'asile. Opportunités et contraintes de la politique migratoire canadienne », *Revue européenne des migrations internationales* [En ligne], vol. 28 - n°2 | 2012, mis en ligne le 10 octobre 2012, consulté le 14 avril 2022. URL : <http://journals.openedition.org/remi/5931> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/remi.5931>

AGENCE NATIONALE DE LA STATISTIQUE ET DE LA DÉMOGRAPHIE (ANSD). Situation Economique et sociale du Sénégal 2017-2018. Dakar, 2020.

AGIER, Michel. Distúrbios identitários em tempos de globalização. *MANA* 7(2):7-33, 2001.

AGUNIAS, Dovelyn Rannveig; NEWLAND, Kathleen. Comment associer les diasporas au développement. Manuel à l'usage des décideurs et des praticiens dans les pays d'origine de d'accueil. OIM, 2012.

ALMEIDA, Gisele Maria Ribeiro de. Au revoir, Brésil: um estudo sobre a imigração brasileira na França após 1980. Tese (doutorado em sociologia). IFCH/UNICAMP, 2013.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro. Ed. Jandaira, 2020.

AMMASSARI, Savina. Gestion des migrations et politiques de développement: optimiser les bénéfices de la migration internationale en Afrique de l'Ouest. *Bureau International du Travail*, Geneve, 2004.

AMNESTY INTERNATIONAL. Sénégal: Mettre fin à l'impunité: Une occasion unique à ne pas manquer. *Index AI : AFR 49/001/02*. Londres, avril 2002.

AMNESTY INTERNATIONAL. Sénégal: la terreur en Casamance. *AI Index: AFR 49/01/98/F*. 1998.

- ANSD/SRPS-T. Situation Economique Régionale de Tambacounda. Ed. 2004. 2005.
- ANSD. Situation économique et sociale du Sénégal en 2011. Dakar, 2013.
- ANSD. Situation économique et sociale du Sénégal: 2017-2018. Dakar, 2020.
- ANSD/BECPD. Population du Sénégal, année 2020. Dakar, 2020.
- ANSD)/SRSD-K. Situation économique et sociale régionale 2016. Kolda, 2019.
- ANSD)/SRSD-S. Situation économique et sociale régionale 2016. Sédhiou, 2019.
- ANSD/SRSD-S. Situation économique et sociale régionale 2010. Sédhiou, 2015.
- ANSD.RGPHAE. Rapport Régional Définitif RGPHAE 2013. Région de Ziguinchor. Ziguinchor, 2017a.
- ANSD.RGPHAE. Rapport Régional Définitif RGPHAE 2013. Région de Dakar. Dakar, 2017b.
- ANSD.RGPHAE. Rapport Régional Définitif RGPHAE 2013. Région de Kolda. Dakar, 2017c.
- ANSD.RGPHAE. Rapport Régional Définitif RGPHAE 2013. Région de Sédhiou. Sédhiou, 2017d.
- ANSD/SRSD-Z. Situation économique et sociale régionale 2019. Ziguinchor, 2021
- ANSD/SRSD-Z. Situation économique et sociale régionale 2016. Ziguinchor, 2019.
- _____. Situation économique et sociale régionale 2015. Ziguinchor, 2018.
- _____. Situation économique et sociale régionale 2011. Ziguinchor, 2012.
- _____. Situation économique et sociale de la région de Ziguinchor : année 2010. Ziguinchor, 2011.
- _____. Situation économique et sociale régionale. Ziguinchor, 2005.
- ARENDETT, Hannah. Nós, os refugiados. Tradutor: Ricardo Santos. Coleção: Textos clássicos de Filosofia. Universidade da Beira Interior. Covilhã, [1943], 2013.
- ASIAD, M'BODJE Mamadou. Accord de réadmission, codéveloppement : le « retour volontaire » des migrant.es ? 2019. Disponível em : <https://www.ritimo.org/Accords-de-readmission-codeveloppement-le-retour-volontaire-des-migrant-es#nh2> Acesso em 19/07/2022.

ARAUJO, Dina; BOTEAGA, Tuíla; TONHATI, Tânia ; COELHO, Tayse. Autorizações de trabalho – Dados da Coordenação Geral de Imigração (CGIG) do Ministério do Trabalho. In: CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, A. T. R.; ARAUJO, D. (org.). A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro. Relatório Anual 2016. OBMigra; MTE/CNIg e CGIG. Brasília, DF: OBMigra, 2016, p. 18-32.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. Estar Aqui, Estar Lá ... uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos. Campinas: *Núcleo de Estudos de População/UNICAMP*, jun.2002. 170p.

AWENENGO-DALBERTO, Séverine. Le conflit casamançais. Matrices, émergence et évolutions. *Revista de Política Internacionala*, 2008. <https://shs.hal.science/halshs-00705436/document>

AWENENGO DALBERTO, Séverine. Usages de l'histoire et mémoires de la colonie dans le récit indépendantiste casamançais : des écritures casamançaises de soi (1982-2000) . In: *Outre-mers*, tome 97, n°368-369, 2e semestre 2010. Cinquante ans d'indépendances africaines. pp. 137-157; https://www.persee.fr/doc/outre_1631-0438_2010_num_97_368_4494

AWUMBILA, Mariama ; BENNEH, Yaw ; TEYE , Joseph Kofi e ATIIM, George. Traverser des frontières artificielles: une évaluation des migrations professionnelles dans la 'region CEDEAO. Rapport de recherche, PUB05. OIM/ACPOBS, 2014.

AZEVEDO, Débora Bithiah de. Direitos dos migrantes. Câmara dos Deputados. 2021.

BA, Mame-Penda; YACINE, Rachid Id. Sortir de l'impasse du ni « ni paix ni guerre » en Casamance. *Voix/voies de citoyen.ne.s sénégalai.se.s, gambien.ne.s et bissau-guinéen.ne.s*. UGB LASPAD, Saint-Louis, août 2020.

BADIANE-LABRUNE, Céline. LA SOCIÉTÉ DES MISSIONS ÉVANGÉLIQUES DE PARIS EN CASAMANCE (SÉNÉGAL) 1863-1867. Sédhiou, un laboratoire du protestantisme dans une colonie française ? *Histoire & Missions chrétiennes* n°, mars 2008, p. 125-152. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-histoire-monde-et-culturesreligieuses1-2008-1-page-125.htm>

BAENINGER, Rosana. Introdução. In: BAENINGER, Rosana *et al* (Org.). *Migrações Sul-Sul*. 2. ed. Campinas, Nepo/Unicamp, 2018, 13-14.

_____. O Brasil na Rota das migrações latino-americanas. In: Imigração Boliviana no Brasil. In: BAENINGER, Rosana (Org.). Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa. 2012, p. 9-18.

BAINES, Stephen. Tendências Recentes na Política Indigenista no Brasil, na Austrália, e no Canadá. 1997. <https://periodicos.unb.br/index.php/interethnica/article/download/10776/9469/19313>

BAINES, Stephen. A política indigenista em três estados nacionais de colonização europeia: Brasil, Austrália e Canadá. 1999. Acesso em 20/01/2024. Disponível em : <http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/REVISTAS/boletimdomuseuparaenseemiliogoeldi/MFN-12616.PDF>

BALANDIER, Georges. Sociologie actuelle de l’Afrique noire. 4^e édition. QUADRIGE/PUF, Paris, 1982.

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira. M. Bagatin. “Snowball (Bola de Neve): Uma técnica metodológica para pesquisa em Educação Ambiental Comunitária”. In: X EDUCERE e I SIRSSE. 2011, p. 329-341.

BARRETO, Luiz Paulo Teles Ferreira. A Lei Brasileira de Refúgio – Sua história. In: Luiz Paulo Teles Ferreira Barreto (Org.). Refúgio no Brasil: a proteção brasileira aos refugiados e seu impacto nas Américas. 1.ed. Brasília: ACNUR, Ministério da Justiça, 2010, p. 12-21.

BASSO, Pietro. Imigração, racismo e antirracismo na Europa de hoje. In: TAVARES, M. A.; CLÁUDIA, G. *Intermitências da crise e questão social: uma interpretação marxista*. UFPB: João Pessoa, 2013.

BAVA, Sophie. De la «baraka aux affaires»: ethos économique-religieux et transnationalité chez les migrants sénégalais mourides. *Revue européenne des migrations internationales* [En ligne], v. 19, n. 2, 2003.

BAZONZI, José Mvuezolo. Quelle contribution des diasporas au développement de l’Afrique centrale. In : *Migrations internationales : un enjeu Nord-Sud ? Alternatives Sud*, vol. 22, 2015, p. 161-176.

BIANCO, Bela Feldman. Desarrollos de la perspectiva transnacional: migración, ciudad y economía política. *ALTERIDADES*, 2015 25 (50): Págs. 13-26.

BODIAN, Diata Mariame. Enjeux de pouvoirs et rapports au pays d’origine dans les associations d’immigrés diola en France. *Sociologie*. Université Grenoble Alpes, 2018. Français. NNT : 2018GREAH032. tel-02285891

BOIDIN, Bruno. L'émergence est-elle compatible avec le développement durable ? Le cas du Plan Sénégal Emergent. *Éthique et économique/Ethics and Economics*, 16 (2), 2019. <http://ethique-economique.net/>

BONNEFOND, PH; LOQUAY, A. Aspects socio-économiques de la Riziculture en Basse et Moyenne Casamance. RF/MRE-CD, 1985.

BORREL, Thomas. La grande illusion de l'aide publique au développement. In: BORREL et al. *L'empire qui ne veut pas mourir: une histoire de la Françafrique*. Éditions du Seuil, 2021a, p. 757-768.

BORREL, Thomas. La diplomatie du tiroir-caisse : le grand jeu de l'influence de l'aide au développement. In: BORREL et al. *L'empire qui ne veut pas mourir: une histoire de la Françafrique*. Éditions du Seuil, 2021b, p. 851-861.

BORREL, Thomas. Aide publique au développement offshore. In: BORREL et al. *L'empire qui ne veut pas mourir: une histoire de la Françafrique*. Éditions du Seuil, 2021c, p. 862-865.

BORREL, Thomas. L'obsession croissante des migrations. In: BORREL et al. *L'empire qui ne veut pas mourir: une histoire de la Françafrique*. Éditions du Seuil, 2021d, p. 929-937.

BORREL, Thomas; BOUKARI-YABARA, Amzat; COLLOMBAT, Benoît; DELTOMBE, Thomas. Introdução. *Françafrique, la mort lui va si bien*. In: BORREL et al. *L'empire qui ne veut pas mourir: une histoire de la Françafrique*. Éditions du Seuil, 2021a, p. 9-21.

BORREL, Thomas; THOMAS, Yanis. L'Afrique francophone dans la nasse militaire française. In: BORREL et al. *L'empire qui ne veut pas mourir: une histoire de la Françafrique*. Éditions du Seuil, 2021, p. 367-378.

BOTEGA, Tuíla; ARAUJO, Dina; TONHATI, Tânia. Autorizações concedidas pelo Conselho Nacional de Imigração: os casos omissos e especiais e os desafios à política migratória brasileira. In: CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, A. T. R.; ARAUJO, D. (org.). *A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro. Relatório Anual 2016*. OBMigra; MTE/CNIg e CGIG. Brasília, DF: OBMigra, 2016, p. 34-44.

BOUKARI-YABARA, Amzat. Morts pour la France, tués par la France : le massacre de Thiaroye (1944). In: BORREL et al. *L'empire qui ne veut pas mourir: une histoire de la Françafrique*. Éditions du Seuil, 2021a, p. 63-65.

BOUKARI-YABARA, Amzat. Repressions coloniales et résistances africaines. In: BORREL et al. *L'empire qui ne veut pas mourir: une histoire de la Françafrique*. Éditions du Seuil, 2021b, p. 137-152.

BOURDIEU, Pierre. Sobre a televisão, seguido de: A influência do jornalismo, e, Os Jogos Olímpicos. Tradução: Maria Lúcia Machado. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

BOURDIEU, Pierre. Le capital social. In: *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. Vol. 31, janvier 1980. Le capital social. pp. 2-3 ; https://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1980_num_31_1_2069

BOUSSICHAS, Matthieu. Politiques migratoires et développement: optimiser les effets de l'emigration. *Economies et finances*. Université d'Auvergne-Clermont-Ferrand I, 2009.

BRACHET, Julien; CHOPLIN, Armelle; PLIEZ, Olivier. Le Sahara entre espace de circulation et frontière migratoire de l'Europe. *Hérodote*, n. 142, La Découverte, 3e trimestre, 2011, pp. 163-182. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-herodote-2011-3-page-163.htm>>. Acesso em: 16 jun. 2021.

BRASIL. Estatuto do estrangeiro : regulamentação e legislação correlata. – 2ª. ed. – Brasília : *Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas*, 2013. 104 p.

BREDELOUP, Sylvie. Tableau synoptique : expulsions des ressortissants ouest-africains au sein du continent africain (1954-1995). In: Bredeloup Sylvie (ed.). *Dynamiques migratoires et recompositions sociales en Afrique de l'Ouest Mondes en Développement*, 23 (91).1995, p. 117-121.

BRESSAN, Laís Meneguello. Trabalho, associativismo e religião: notas sobre migração senegalesa para o Brasil. In: *Migrações internacionais contemporâneas e refúgio no Brasil*. Cetec capacitações, 2018, pp. 39-44.

BRIGNOL, Liliane Dutra, COSTA, Nathália Drey. Diáspora senegalesa e mediação tecnológica: entre tempos e lugares na observação do Magal de Touba. *Contracampo*, Niterói, v. 37, n. 01, pp. 09-29, abr/2018-jul/2018.

BRUMES, Karla Rosário. Estudos sobre migrações: desafios, diversidades e evoluções. *Leopoldianum*. Ano 39. nº 107/108/109. 2013, p. 13-30.

BRUNEL, Sylvie. *L'Afrique est-elle si bien partie?* Sciences Humaines Editions, 2014.

BRUZZONE, Virginia Tiziana; FALL, Papa Demba; TALL, Sérigne Mansour; GUEYE, Cheikh. Le milieu sénégalais et l'action transnationale des migrants. *CentroStudi di Politica Internazionale*. Roma, 2006.

BRZOZOWSKI, Jan. Migração internacional e desenvolvimento econômico. *Estudos Avançados* 26 (75), 2012, p. 137-

BUGUL, Ken. Riwan ou le Chemin de sable. *Présence africaine*. Paris, 1999.

CAMUS, Albert. *L'étranger*. Éditions Gallimard, 1942.

CARON, Louise. De qui mesure-t-on l'intégration ? Remigration des immigrés et insertion professionnelle en France. *Population*. 2018/3 Vol. 73 | pages 503 à 542. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-population-2018-3-page-503.htm>

CASSARINO, Jean-Pierre. Teorizando sobre a migração de retorno: uma abordagem conceitual revisitada sobre migrantes de retorno. In: REMHU- Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, Brasília, Ano XXI, n. 41, p. 21-54, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1980-85852013000200003&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 02 de março de 2020.

CASTLES, Stephen y WISE, Raúl Delgado. Introducción Migración y desarrollo: perspectivas desde el sur. In: CASTLES Stephen y WISE Raúl Delgado (Coor.). UAZ/SG/OIM, 2007, p. 5-19.

CATARINO, Christine; MOROKVASIC, Mirjana. « Femmes, genre, migration et mobilités », *Revue européenne des migrations internationales* [En ligne], vol. 21 - n°1 | 2005, mis en ligne le 22 septembre 2008, consulté le 14 avril 2022. URL : <http://journals.openedition.org/remi/2534>

CAVALCANTI, Leonardo. A década de 2010 (2011-2020): dinamismo e mudanças significativas no panorama migratório e de refúgio no Brasil. In: CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; SILVA, B. G. Relatório Anual 2021 – 2011-2020: Uma década de desafios para a imigração e o refúgio no Brasil. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2021, p. 8-23.

CAVALCANTI, Leonardo; BRASIL, Emmanuel; DUTRA, Delia. A movimentação dos imigrantes no mercado de trabalho formal: admissões e demissões. In: CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, A. T. R.; ARAUJO, D. (org.). A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho

brasileiro. Relatório Anual 2016. OBMigra; MTE/CNIg e CGIG. Brasília, DF: OBMigra, 2016, p. 74-124.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Wagner Faria de Oliveira. Um panorama da imigração e do refúgio no Brasil. Reflexões à guisa de introdução. In: Cavalcanti, L; Oliveira, T.; Macedo, M., Imigração e Refúgio no Brasil. Relatório Anual 2020. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2020a, p. 8-16.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Wagner Faria de Oliveira. Os efeitos da pandemia de COVID-19 sobre a imigração e o refúgio no Brasil uma primeira aproximação a partir dos registros administrativos. In: Cavalcanti, L; Oliveira, T.; Macedo, M., Imigração e Refúgio no Brasil. Relatório Anual 2020. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2020b, p. 17-39.

CAVALCANTI, Leonardo; PARELLA, Sònia. El retorno desde una perspectiva transnacional. Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, Brasília, v. 21, n. 41, p. 9-20, jul./dez. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S1980-85852013000200002>. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/remhu/v21n41/02.pdf>>. Acesso em: 29 dez. 2014.

CCMM: Recommandations de la Chambre de commerce du Montréal métropolitain dans le cadre des consultations relatives à la nouvelle politique québécoise en matière d'immigration, de diversité et d'inclusion. https://www.cmm.ca/externe/pdf/ccmm_mem_politique_immigration_janvier_2015.pdf

CEDEAO. Traité Révisé. Commission de la CEDEA. Abuja – Nigeria, 2010.

CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo. Traduzido por Noémia de Sousa. Lisboa. Sá da Costa Editora. 1978. Título original: Discours sur le colonialisme. Editions Présence Africaine, 1955..

CHAIX, Paul. Le Sénégal et la Gambie. In: Le Globe. Revue genevoise de géographie, tome 5, 1866, pp. 65-74; Le Sénégal et la Gambie (persee.fr)

CHARRIÈRE, Florianne, FRÉSIA, Marion. L'Afrique de l'Ouest comme espace migratoire et espace de protection. Le Haut Commissariat des Nations Unies aux Réfugiés. Dakar, 2008.

CHAUVET Lisa, GUBERT Flore, JAULIN Thibaut, MESPLE-SOMPS Sandrine, SMITH Etienne. Qui sont les électeurs à distance? L'exemple du Mali, du Sénégal et de la Tunisie. 2017. Sur https://horizon.documentation.ird.fr/exl-doc/pleins_textes/divers18-01/010071750.pdf

COGO, Denise, BADET, Maria Souza. Guia das Migrações Transnacionais e Diversidade Cultural para Comunicadores: Migrantes no Brasil. Bellaterra: Instituto Humaitas Unisinos; Instituto de la Comunicación de la UAB, 2013.

COMMUNE DE ZIGUINCHOR. Plan de développement communal de Ziguinchor. 2018. <http://www.pouyelayese.com/ardzig/media/attachments/2019/11/04/pdc-zigunchor.pdf>

CONSEIL EUROPEEN. Conclusions de la Réunion du Conseil européen du 25 et 26 juin 2015. EUCO 22/15. Bruxelles, 2015. Disponible em: https://www.consilium.europa.eu/media/21703/euco-conclusions_26062015_fr.pdf

CONSEIL REGIONAL DE ZIGUINCHOR. Plan régional de développement intégré (2005-2009). 2005. http://hubrural.org/IMG/pdf/senegal_prdi_ziguinchor.pdf

COSQUER, Claire. Les coopérants, acteurs clés de la “présence Française” en Afrique. In: BORREL et al. L'empire qui ne veut pas mourir: une histoire de la Françafrique. Éditions du Seuil, 2021, p. 427-437.

COUR DES COMPTES EUROPÉENNE. Rapport spécial n° 17/2021. Coopération de l'UE avec les pays tiers en matière de réadmission : des actions pertinentes, mais peu de résultats. Union Européenne. 2021.

DAHOU, Tarik. L'“itinérance” des Sereer Niominka. De l'international au local ? In: DIOP, Momar-Coumba (Dir.). Le Sénégal des migrations: mobilités, identités et sociétés. Editions Karthala, ONU-Habitat et CREPOS, 2008, p. 321-342.

DAOUD, Kame. Meursault contre-enquête. Editions barzakh, 2013.

DASSETTO, Felice. Migrations : un regard analytique pour sortir des émotions et des idéologies. *La Thérésienne. Revue de l'Académie royale de Belgique* (2019-1)

DÁVILA, Jerry. Hotel Trópico: Brazil and the challenge of african decolonization, 1950-1980. Duke University Press, 2010.

DCE. Manual de Estudantes-Convênio de Graduação. MRE, 2013.

DE HAAS, Hein. Remittance, Migration and Social Development. A Conceptual Review of the literature. United Nations Research Institute for Social Development (UNRISD) Programme Paper Number 34 October 2007.

DE JONGE, Klaas; KLEI, Jos Van der; MEILINK, Henk; STORM, Roeland. Les Migrations en Basse Casamance (Sénégal), Projet de recherche multidisciplinaire sur les facteurs socio-économiques favorisant la migration en Basse Casamance et sur ses conséquences sur les lieux d'origine. Leiden : Afrika Studiecentrum, 1978.

DEBNÁR, Miloš. Compétences et “blancheur de la peau” des immigrants européens au Japon. Traduit de l'anglais (Japon) par Christine Pelloquin, Luca Marin. *Centre d'Information et d'Etudes sur les Migrations Internationales* | « *Migrations Société* » 2015/1 N° 157 | pages 71 à 96.

DESMARCHELIER, Arnaud (coor.). Programme de Relance des Activités Economiques et Sociales en Casamance. République du Sénégal. Ministère de l'Economie et des Finances. Direction de la Coopération Economique et Financière, 2001. Disponible em: <<https://sn.ambafrance.org/IMG/PRAESC.pdf>>.

DEZ, Bastien. Dans la “Guerre des Toubabs”: Les Tirailleurs “sénégalais” en 1917. 2007. Disponible em: <<http://regards.grandeguerre.free.fr/pages/histoire/dossier-tirailleurs-senegalais-1917.pdf>>.

DIABONE, Cléodor. Les ressources foncières et forestières et le développement en Casamance : regard de l'anthropologie du développement sur l'agglomération de Houlof. Mémoire (Maîtrise en Anthropologie), Faculté des Sciences Sociales de l'Université Laval, Quebec, 2010.

DIALLO, Fatimata. L'état-spontex : négocier l'autorité dans les marges conflictuelles : le cas de la Basse-Casamance (Sénégal). 2016.

DIALLO, Mamadou Alpha. África Ocidental: oportunidades e desafios da integração regional frente às relações interafricanas. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2015.

DIALLO, Mamadou Alpha. A construção do Estado no Senegal e a integração na África Ocidental: os problemas da Gâmbia, de Casamance e da integração regional. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2011.

DIATTA, Sylvestre Sina. Potentialites et impacts du développement touristique en Basse Casamance : cas de la commune de Diembering. Mémoire de Master en Géographie. Université Assane Seck de Ziguinchor. 2018.

DIAW, Pape Mactar. « Problématique de la communication touristique et du traitement médiatique en zone de conflit : cas des communes de ziguinchor et djembéring (basse-casamance) » , African Scientific Journal « Volume 03, Numéro 15 ». 2022, pp: 215-236.

DIAW, Pape Mactar. La communication du tourisme dans une zone de conflit : le cas des Communes de Ziguinchor et de Djembéring (Basse-Casamance). Dissertation (Master en Tourisme). UASZ, Sciences Economiques et Sociales, 2020.

DICK, Paulo ; TONHATI, Tania. Autorizações concedidas pelo Conselho Nacional de Imigração (CNIg): Casos omissos e especiais. In: CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; ARAUJO, D., TONHATI, T., A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro. Relatório Anual 2017. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília, DF: OBMigra, 2017, p. 34-43.

DIEME, Kassoum. O Haiti e suas migrações. In: Dinâmicas migratórias haitianas no Brasil: desafios e contribuições. *Temáticas* IFCH/UNICAMP, Campinas, 25, nº 49/50, 2017, p. 17-48.

DIEME, Kassoum. Imigração haitiana e política de acolhimento institucional na cidade de São Paulo: 2010-2015. 2016, 249f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 2016.

DIEME, Kassoum; CAVALCANTI, Leonardo. Circulação transnacional de objetos e reprodução social envolvendo migrantes senegaleses. *Contemporânea*, v. 11, n. 1 p. 067-094 Jan.-Abr. 2021.

_____. *et al.* Autorizações concedidas a imigrantes pela Coordenação Geral de Imigração Laboral – CGIL. In: CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu.; MACEDO, Marília (org.). Imigração e Refúgio no Brasil. Relatório Anual 2019. Série Migrações, OBMigra, 2019a, p. 20-42.

_____. Autorizações concedidas pelo Conselho Nacional de Imigração – CNIg”. In: CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu.; MACEDO, Marília (org.). Imigração e Refúgio no Brasil. Relatório Anual 2019. Série Migrações, OBMigra, 2019b, p. 43-49.

DIÉMÉ, Mamady. Le conflit armé en Casamance: sociologie des acteurs du terrain. Thèse de doctorat en Sociologie. Sciences de l'Homme et de la Société. Université Assane Seck Ziguinchor. 2022.

DIENG, Amady Aly. Nationalisme et panafricanisme. In Séries des livres du CODESRIA > [15/05/2005] . - p. 57-68

DIME, Mamadou. Rapport de l'étude-bilan sur les projets et programmes migratoires au Sénégal de 2005 à 2019. *Fondation Heinrich Böll Sénégal*. Dakar, mai 2020.

DIOMBERA, Mamadou. Les impacts socioéconomiques de la COVID-19 sur le tourisme littoral : le cas de la station de Saly Portudal (Sénégal). Dans *Etudes caribéennes*. 49 | AOÛT 2021. 2021.

DIOME, Fatou. *Le ventre de l'Atlantique*. Édition Anne Carrière, Paris, 2003.

DIONE Mamadou, DIOP Oumar, DIEYE Papa Nouhine, BA Dièyenaba, NDAO Babacar. Caractérisation et typologie des exploitations agricoles familiales du Sénégal. Tome 3, Vol. 8. N° 3. Bassin Arachidier. ISRA, 2008.

DIOP, Cheikh Anta. *NATIONS NÈGRES ET CULTURE*. De l'antiquité nègre égyptienne aux problèmes culturels de l'Afrique Noire d'aujourd'hui. Paris/Dakar, Présence Africaine, 1979.

DIOP, Cheikh Anta. Pour une méthodologie de l'étude des migrations des peuples en Afrique subsaharienne. In: UNESCO, 1984. Acesso em: 05/03/2019. Disponível em: http://www.cheikhantadiop.net/cheikh_anta_diop_methodologie_etude_migrations.pdf

DIOP, Momar-Coumba. Présentation: Mobilité, État et société. In: DIOP, Momar-Coumba (Dir.). *Le Sénégal des migrations: mobilités, identités et sociétés*. Editions Karthala, ONU-Habitat et CREPOS, 2008, p. 12-36.

DRAMÉ, Patrick et NIANG, Bocar. « Si vous faites l'âne, je recours au bâton ! », Mamadou Dia et le projet de décolonisation du Sénégal : lignes de force, limites et perceptions (1952-2012). Dans *Outre-Mers*. Ed. S.F.H.O.M. 2019/1 (N° 402-403), pages 127 à 150.

DRECHSLER, Denis et GAGNON, Jason. Les migrations, une source de développement à exploiter. *Annuaire suisse de politique de développement* [En ligne], 27-2 | 2008, mis en ligne le 19 mars 2010, consulté le 07 septembre 2020. URL : <http://journals.openedition.org/aspd/172> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/aspd.172>

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar*, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Editora UFPR.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Cadernos de Pesquisa*, n. 115, p. 139-154, março/ 2002

DUBARRY, Nelly. Les voix silencieuses du développement: des alternatives prometteuses pour assurer une réappropriation des chemins du développement. Mémoire de maîtrise en sciences politiques. Université du Québec à Montréal. 2014.

DUROUX, Rose. Imigração. França/Europa. In: MONTANDON, Alain (dir.). *O livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. Editora Senac São Paulo, 2011, p. 1051-1078.

EFIONAYI-MADER, Denise ; PERROULAZ, Gérard ; YOUNOSSIAN Cathérine Schumperli. “Migration et développement: les enjeux d’une relation controversée”, *Annuaire suisse de politique de développement* [En ligne], 27-2 | 2008, mis en ligne le 18 mars 2010, consulté le 10 décembre 2020. URL : <http://journals.openedition.org/aspd/176> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/aspd.176>

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. Os Estabelecidos e os outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2000.

ESCUADERO, Camila. Os conceitos de transnacionalismo, etnicidade, comunidade diaspórica e interculturalismo nos estudos migratórios: uma proposta de aplicações e abordagens. Dossiê “Migrações, Interculturalidades e Direitos Humanos” V.6 • N.11 • p. 110 – 141 • Jan-Jun/2018.

ESPIRO, María Luz. Prácticas comerciales entre migrantes africanos wolofs en Argentina: aportes para el análisis. *Estudios de Asia y África*, v. 56, n. 1 (174), 2021, pp. 95-124.

ESPIRO, María Luz. Senegaleses entre la Argentina y el sur de Brasil: etnografía de la movilidad regional y la alternancia laboral entre venta ambulante e industria. In: MAFFÍA, Marta; ZUBRZYCKI Bernarda (Coord.). *Africanos y afrodescendientes en la Argentina: prácticas, representaciones, narrativas y memorias*. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Biblos, 2017, pp. 41-60.

ESPIRO, María Luz; ZUBRZYCKI, Bernarda. tensiones y disputas entre migrantes africanos recientes y organismos de control estatal el caso de los senegaleses en la ciudad de la plata. *Question*, v. 1, n. 39, 2013, pp. 109-121.

ESTUPIÑÁN SERRANO, Mary Luz. "África" no Rio de Janeiro. Uma cartografia na imigração contemporânea Memórias. *Revista Digital de Historia y Arqueología desde el Caribe*, núm. 17, julio-diciembre, 2012, pp. 272-302.

FADUL, Francisco José. « Casamança: Província ou Colónia? », *Cadernos de Estudos Africanos* [Online], 2 | 2002, posto online no dia 30 maio 2014, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/cea/1269> ; DOI : 10.4000/cea.1269

FALL, Magatte. « La diaspora sénégalaise au Canada », *Hommes & migrations* [En ligne], 1307 | 2014, mis en ligne le 01 juillet 2017, consulté le 01 mai 2019. URL: <http://journals.openedition.org/hommesmigrations/2871>; DOI : 10.4000/hommesmigrations.2871.

_____. «Migration des étudiants sénégalais» [impact sur le développement de leur pays d'origine], *Hommes & migrations* [En ligne], 1286-1287 | 2010, mis en ligne le 29 mai 2013, consulté le 19 avril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/hommesmigrations/1755> ; DOI : 10.4000/hommesmigrations.1755

FALL, Papa Demba. Diaspora et développement durable au Sénégal : un état des lieux de la politique gouvernementale de 2000 à nos jours. ADPC. 2010b.

FALL, Papa Demba. État-nation et migration en Afrique de l'Ouest : le défi de la mondialisation. UNESCO, 2004.

FALL, Papa Demba; GAMBERONI, Emanuela. Les migrations en Afrique de l'Ouest: dimension sociohistorique, espace géographique et défis contemporains. In: TEDESCO, João Carlos (Org.). Imigração senegalesa: múltiplas dimensões. V. 2. Porto Alegre: EST Edições. – (Nemec - Núcleo de Estudos sobre Memória e Cultura). 2019, p. 23-44.

FANON, Frantz. Les damnés de la terre. *La Découverte & Syros, Paris, 2002.*

FATI, Sandji. Início da luta de libertação nacional 1963: uma visão guineense. Defesa Nacional. *Revista Portuguesa de História Militar*. Ano 1, N.º 1 - 2021. 2021. <https://www.defesa.gov.pt/>

FAUSTO, Carlos. Os índios antes do Brasil. 4ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010.

FAYE, Mbaye Mbengue. Rapport 1461. Cadre Politique de Réinstallation (CPR). PPDC/ARD-Z. 2013.

FAYE Ousseynou; THIOUB Ibrahima. Les marginaux et l'État à Dakar. Dans *Le Mouvement Social* (no 204), 2003/3, pages 93 à 108. Disponible em: <https://www.cairn.info/revue-le-mouvement-social-2003-3-page-93.htm>

FELJÓ, Carmem Aparecida; VALENTE, Elvio; CARVALHO, Paulo G. Mibielli de. Além do PIB: uma visão crítica sobre os avanços metodológicos na mensuração do desenvolvimento sócio econômico e o debate no Brasil contemporâneo. *Estatística e Sociedade*, Porto Alegre, p.42-56, n.2, nov, 2012.

FELIX, Jorge. Saskia Sassen: “Não é imigração, é expulsão”. *Ponto e Vírgula* - PUC SP - No. 18 - Segundo Semestre de 2015 - p. 171-179.

FERREIRA, Patrícia Magalhães. Migrações e desenvolvimento. Editor FEC | Fundação Fé e Cooperação e IMVF - Instituto Marquês de Valle Flor. 2017.

FILHO, Pio Penna. África do Sul e Brasil: diplomacia e comércio (1918-2000). In: *Revista Brasileira de Política Internacional*. Junho 2001, p. 69-93.

FIRMIN, Antonin. De l'égalité des races humaines. Paris, Librairie Cotillon. 1885.

FOOT, Richard. Séparatisme au Canada. *L'ENCYCLOPÉDIE CANADIENNE*. Voir <https://www.thecanadianencyclopedia.ca/fr/article/separatisme>

FOUCHER, Vincent. Le Sénégal de Wade face à la Guiné-Bissau: pays frère, tuteur ou Hégémon? SAIIA, Occasional Paper n° 139, April 2013.

FOUCHER, Vincent. « Tradition africaine et résolution de conflit : un exemple sénégalais. De Boeck Supérieur | « Politix » 2007/4 n° 80 | pages 59 à 80.

FOUCHER, Vincent. « Les relations hommes-femmes et la formation de l'identité casamançaise », Cahiers d'études africaines [En ligne], 178 | 2005, mis en ligne le 30 juin 2008, consulté le 01 mai 2019. URL: <http://journals.openedition.org/etudesafricaines/5443> ; DOI : 10.4000/etudesafricaines.5443

FOUCHER, Vincent. Pas d'alternance en Casamance ? Le nouveau pouvoir sénégalais face à la revendication séparatiste casamançaise. Dans *Politique africaine*. Éditions Karthala. 2003/3 (N° 91), pages 101 à 119.

FOUCHER, Vincent. Les “évolués”, la migration, l'école: pour une nouvelle interprétation de la naissance du nationalisme casamançais. Dans DIOP, Momar-Coumba. Le Sénégal contemporain. Ed, KARTHALA, 2002. p. 375-424.

GABRIELLI, Lorenzo. Flux et contre-flux entre l'Espagne et le Sénégal. L'externalisation du contrôle des dynamiques migratoire vers l'Afrique de l'Ouest. *REVUE Asylon(s)*, n. 3, mars 2008. Disponível em: <<http://www.reseau-terra.eu/article716.html>> Acesso em 16/06/2021.

GADJIGO, Samba. Ousmane Sembène une conscience africaine. Paris : Présence Africaine Editions, 2013.

GALEANO, Eduardo H. As veias abertas da América Latina. Tradução de Sergio Faraco. - Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.

GARNEAU, François-Xavier. Histoire du Canada II. Les origines de Montréal, Seigneurs et censitaires, l'œuvre de Mgr de Laval. La Bibliothèque électronique du Québec, v. 205: version 1.0. 2002.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, Mar./Abr. 1995a.

_____. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, Mai./Jun. 1995b.

GOMES, Antonieta Rosa. « O Conflito de Casamansa e as Relações de Poder na Senegâmbia: Senegal, Guiné-Bissau e Gâmbia », *Cadernos de Estudos Africanos* [Online], 38 | 2019, p. 217-237. URL: <http://journals.openedition.org/cea/4592>

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos / Organização Flávia Rios, Márcia Lima - 1 ed. - Rio de Janeiro: 2020.

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. El colonialismo interno. Buenos Aires. CLACSO, 2006.

GQ/MIDI/DRS. 2014-2018, TABLEAUX de l'immigration permanente au Québec. Gouvernement du Québec, août 2019. Disponible sur: <http://www.mifi.gouv.qc.ca/fr/recherches-statistiques/stats-immigration-recente.html>

GQ/MIDI/DRAP. Tableaux sur l'immigration permanente au Québec. 2010-2014. Gouvernement du Québec, mai 2015. Disponible sur: <http://www.mifi.gouv.qc.ca/fr/recherches-statistiques/stats-immigration-recente.html>

GQ/MICC/DRAP. Tableaux sur l'immigration permanente au Québec. 2006-2010. Gouvernement du Québec, mars 2011. Disponible sur: <http://www.mifi.gouv.qc.ca/fr/recherches-statistiques/stats-immigration-recente.html>

GQ/MICC/DRS. Tableaux sur l'immigration au Québec (2002-2006). Gouvernement du Québec, mars 2007. Disponible sur: <http://www.mifi.gouv.qc.ca/fr/recherches-statistiques/stats-immigration-recente.html>

GUENGANT, Jean-Pierre. Migrations internationales et développement : les nouveaux paradigmes. In: *Revue européenne des migrations internationales*, vol. 12, n°2, 1996. 10ème anniversaire. pp. 107-121. Disponible au: https://www.persee.fr/doc/remi_0765-0752_1996_num_12_2_1069

GUEYE, Doudou D. Dilemme de migrants « naufragés du désert ». *Revue Africaine des Migrations Internationales*. N°1/Juin 2020.

GUEYE, Doudou D. Transferts immatériels et migrations Sud-Sud: quel impact sur le développement local en Casamance, Gambie et Guinée-Bissau? OIM/Observatoire ACP sur les migrations, 2014.

GUEYE, D. et Deshingkar, P.. Le trafic de migrants en Casamance au Sénégal. *Migrating out of Poverty*. University of Sussex, School of Global Studies, 2019. Disponible au: <http://migratingoutofpoverty.dfid.gov.uk/>

GUÈYE, Mbaye. Sites liés à la traite négrière et à l'esclavage en Sénégal. Pour un tourisme de mémoire. UNESCO, 2005. <https://unesdoc.unesco.org/>

GUILMOTO, Christophe Z.; SANDRON, Frédéric. Migration et développement. La documentation française, 2003.

GUNDER FRANK, Andre: El desarrollo del subdesarrollo. *Pensamiento Crítico*, Habana, n° 7, agosto de [1966] 1967, p. 159-172.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro, 11. Ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL Stuart. "Pensando a Diáspora". In: HALL, Stuart – *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, Brasília: Representação da UNESCO, 2003, p. 25-50.

HARRIS, John H.; TODARO, Michael P. Migração, desemprego e desenvolvimento: uma análise com dois setores. In: MOURA, Hélio A. de (Coor.). *Migração interna; textos selecionados*. Traduzido por Hélio A. de Moura, Ed: Banco do Nordeste do Brasil, Fortaleza, 1980, p. 173-209.

HEITZ, Kathrin. Décolonisation et construction nationale au Sénégal. Dans *Relations internationales*. Ed. PUF. 2008/1 (n° 133), pages 41 à 52

HELLY, Denise. Les politiques canadiennes d'immigration sont-elles exportables en France et en Europe ? Ifri, 2005.

HOUSE, Jim. Double présence. Migrations, liens ville-campagne et luttes pour l'indépendance à Alger, Casablanca, Hanoi et Saïgon. Traduit de l'anglais par Agathe Larcher. Dans *Monde(s)* 2017/2 (N° 12), pages 95 à 119. Éditions Presses universitaires de Rennes.

IBGE. Censo Demográfico 2010: Características gerais dos indígenas, Resultados do universo. Rio de Janeiro, 2010.

JAULIN, Thibaut; SMITH, Étienne. Généralisation et pratiques du vote à distance. Introduction thématique. *De Boeck Supérieur* | « *Afrique contemporaine* », 2015/4 n° 256 | pages 11 à 34.

JUNGER DA SILVA, Gustavo; CAVALCANTI, Leonardo; LEMOS SILVA, Sarah; TONHATI, Tania; LIMA COSTA, Luiz Fernando. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Departamento das Migrações. Brasília, DF: OBMigra, 2023.

JONES SÁNCHEZ, Alvar. Les comités de paix pour la résolution de conflits en Casamance: de l'illusion populaire au déni politique. Fondation Croix-Rouge française, *Les Papiers de la Fondation n° 13*. Mars 2018, 35p.

JORNAL DA UNICAMP. Uma pantomima que denuncia guerras. Campinas, 7 a 13 de setembro de 2015, p. 9.

KALY, Alain Pascal. "Os estudantes africanos no Brasil e o preconceito racial". In: CASTRO, Mary Garcia. (Org.). *Migrações internacionais: contribuição para políticas*. 1^a ed. Brasília: Comissão Nacional de População e Desenvolvimento: IPEA, 2001, p. 463-478.

KANDÉ. Mamadou Alioune. Le conflit casamançais, origines historiques et prolongements actuels. Thèse de Sciences politiques. Université Toulouse Capitole. 2016.

KANTÉ, Seydou. Les sénégalais émigrent aussi vers les États-Unis. De fortes différences toutefois avec la France. *Associations Population & Avenir*, v. 4 n. 689, 2008, pp. 17-19.

KASSÉ, Moustapha. SENEGAL: crise économique et ajustement structurel. *Editions Nouvelles du Sud*. 1990.

KEBE, Abdou Aziz Daba; NDIAYE, Sidy Alpha; BA, Boubacar. Texte de la Constitution du 24 janvier 1959. In: KEBE, Abdou Aziz Daba; NDIAYE, Sidy Alpha; BA, Boubacar. Textes fondamentaux de la république du Sénégal. *L'harmattan-Senegal*, 2021a, p. 28-37.

KEBE, Abdou Aziz Daba; NDIAYE, Sidy Alpha; BA, Boubacar. Texte de la Constitution du 26 aout 1960. In: KEBE, Abdou Aziz Daba; NDIAYE, Sidy Alpha; BA, Boubacar. Textes fondamentaux de la république du Sénégal. *L'harmattan-Senegal*, 2021b, p. 43-57.

KEBE, Abdou Aziz Daba; NDIAYE, Sidy Alpha; BA, Boubacar. Constitution consolidée du 07 mars 1963. In: KEBE, Abdou Aziz Daba; NDIAYE, Sidy Alpha; BA, Boubacar. Textes fondamentaux de la république du Sénégal. *L'harmattan-Senegal*, 2021c, p.63-85.

KEBE, Abdou Aziz Daba; NDIAYE, Sidy Alpha; BA, Boubacar. Texte consolidé de la Constitution du 22 janvier 2001. In: KEBE, Abdou Aziz Daba; NDIAYE, Sidy Alpha; BA, Boubacar. Textes fondamentaux de la république du Sénégal. *L'harmattan-Senegal*, 2021d, p. 88-117.

KEBE, Abdou Aziz Daba; NDIAYE, Sidy Alpha; BA, Boubacar. Déclaration universelle des Droits de l'Homme. In: KEBE, Abdou Aziz Daba; NDIAYE, Sidy Alpha; BA, Boubacar. Textes fondamentaux de la république du Sénégal. *L'harmattan-Senegal*, 2021e, p. 126-130.

KEBE, Abdou Aziz Daba; NDIAYE, Sidy Alpha; BA, Boubacar. Charte Africaine des Droits de l'Homme et des Peuples. In: KEBE, Abdou Aziz Daba; NDIAYE, Sidy Alpha; BA, Boubacar. Textes fondamentaux de la république du Sénégal. *L'harmattan-Senegal*, 2021f, p. 144-157.

KI-ZERBO, Joseph. Para quando a África? : entrevista com René Holenstein; tradução Carlos Aborim de Brito. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

KOUROUMA, Ahmadou. Allah n'est pas obligé. Editions du Seuil, 2000.

LA CIMADE. La mise en œuvre du fonds fiduciaire d'urgence au Mali, Niger et Sénégal. Outil de développement ou de contrôle des migrations? Paris, 2020.

LABRUNE-BADIANE, Céline. Peut-on parler d'un « désir d'école » en Casamance ? (1860-1930) », *Histoire de l'éducation* [En ligne], 128 | 2010, mis en ligne le 01 janvier 2014, consulté le 20 mai 2021. URL : <http://journals.openedition.org/histoire-education/2258> .

LABRUNE-BADIANE, Céline. Éducation et identité des “Portugais” em Casamance XIXè-début XXè Histoire d'une “assimilation” manquée? CODESRIA, *Áfrika Zamani*, No. 17, 2009, pp. 131-147.

LACROIX, Thomas; SALL, Leyla; SALZBRUNN, Monika. Marocains et Sénégalais de France: permanences et évolution des relations transnationales», *Revue européenne des migrations internationales* [En ligne], v. 24, n. 2, 2008, [pp. 23-43] mis en ligne le 01 novembre 2011, consulté le 19 avril 2019. Disponible em: <<http://journals.openedition.org/remi/4472>>. Acesso em: 16 jun. 2021.

LAVERGNE, Réal Philippe. L'aide au développement du Canada au Sénégal : une étude indépendante. *L'Institut Nord-Sud/The North-South Institute*, 1987.

LE PETIT ROBERT. Dictionnaire alphabétique et analogique DE LA LANGUE FRANÇAISE. Montréal, 1984.

LEE, Everett S. Uma teoria sobre a migração. In: MOURA, Hélio A. de (Coor.). Migração interna; textos selecionados. Traduzido por Hélio A. de Moura, Ed: Banco do Nordeste do Brasil, Fortaleza, 1980, p. 89-114.

LESSAULT, David et FLAHAUX, Marie-Laurence. « Regards statistiques sur l'histoire de l'émigration internationale au Sénégal », *Revue européenne des migrations internationales* [En ligne], vol. 29 - n°4 | 2013, mis en ligne le 01 décembre 2016, consulté le 17 mars 2021. URL : <http://journals.openedition.org/remi/6640> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/remi.6640>

LOBO, Andréa de Souza. Mantendo Relações à Distância. O papel do fluxo de objetos e informações na configuração de relações familiares transnacionais em Cabo Verde. In: TRAJANO FILHO, Wilson. (Ed.). Lugares, pessoas e grupos: as lógicas do pertencimento em perspectiva internacional. 2. ed. Brasília, ABA Publicações, 2012, pp. 29-46.

MACANHO, Lorenzo. Assimilacionismo. In. SANSONE, Livio e ALVES FURTADO, Cláudio (Org.). Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa. EDUFBA. 2014, p. 31-44.

MACIEL, Lidiane Maria. O sentido de melhorar de vida: Arranjos Familiares na Migração Rural-Urbana para o interior de São Paulo. Paco Editorial: 2013.

MADRIDEJOS, Mateo. Colonialismo e neocolonialismo. Personalidade entrevistada; Léopold Sédar Senghor. Tradução: Felipe Rosas e Irineu Garcia. Rio de Janeiro: Salvat, 1979.

MAGGI, Jenny; SARR, Dame; AMADEI, Novita. Louga, Sénégal: Représentation autour de la migration auprès d'une communauté d'origine. *Réseau Universitaire International de Genève*. 2008. Disponible em:

<https://www.unige.ch/sciences-societe/socio/files/4114/0533/5941/complet.pdf> Acesso em 08/04/2020.

MANGA, Mohamed Lamine. Introduction. In : MANGA, Mohamed Lamine. *La Casamance dans l'histoire contemporaine du Sénégal*. Paris, Ed. L'Harmattan, 2012, p. 25-33.

MARAN, René. Batouala. *Albin Michel*, 2021.

MARTINE, George. Globalização inacabada: migrações internacionais e pobreza no século 21. *SÃO PAULO EM PERSPECTIVA*, v. 19, n. 3, p. 3-22, jul./set. 2005

MARUT, Jean-Claude. « Pax Americana en Casamance ? Le soft power de Washington dans le pré carré de Paris », *Cadernos de Estudos Africanos* [En ligne], 42 | 2022, mis en ligne le 25 mai 2022, consulté le 10 juin 2022. URL : <http://journals.openedition.org/cea/6628>

MARUT, Jean-Claude. Les particularismes au risque de l'islam dans le conflit casamançais. Dans: *L'Afrique politique 2002. Islam d'Afrique: entre le local et le global*. Editions KARTHALA, Paris, 2002, p. 147-160.

MARUT, Jean-Claude. GUINÉE-BISSAU et CASAMANCE: Stabilisation et Instabilité. Rapport WRITENET No. 15/2000 - Centre de Documentation et de Recherche / UNHCR, 2001.

MBODJ, El Hadji. Constitution du 24 janvier 1959. In: KEBE, Abdou Aziz Daba; NDIAYE, Sidy Alpha; BA, Boubacar. *Textes fondamentaux de la république du Sénégal. L'harmattan-Senegal*, 2021, p. 23-27.

MBODJI, Mamadou. Imaginaires et migrations: le cas du Sénégal. In: DIOP, Momar-Coumba (Dir.). *Le Sénégal des migrations: mobilités, identités et sociétés*. Editions Karthala, ONU-Habitat et CREPOS, 2008, p. 305-319.

M'BOKOLO, Elikia. *Ethnie et Pouvoir*. Communication faite par Elikia M'Bokolo. 1^a Conferência Nacional Sobre Cultura. Ministério da Cultura e Juventude. Maputo, 12 a 16 de Julho, 1993.

MCAULIFFE, Marie and TRIANDAFYLLIDOU, Anna. (eds.). *World Migration Report 2022*. International Organization for Migration (IOM), Geneva, 2021.

MELO GOMES, Tiago de. Problemas no paraíso: a democracia racial brasileira frente à imigração afro-americana (1921). In: *Revista Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 25, no 2, 2003, pp. 307-331.

- MÉNARD-MARLEAU, Andrée. Ecuador como nodo articulador de la migración senegalesa en América del Sur. *Migración y Desarrollo*, v. 15, n° 29, segundo semestre, 2017, pp. 32-50.
- MINISTÈRE DE L'ÉQUIPEMENT ET DES TRANSPORTS (M.E.T). Naufrage du transbordeur "Le Joola" de la Marine Nationale survenu dans la nuit du 26 au 27 septembre 2002. Rapport préliminaire de l'enquête maritime. Dakar, 2002.
- MIFI. Population immigrée au Québec et au Canada. Recensement 2016. Gouvernement du Québec, novembre 2020.
- MOCTEZUMA LONGORIA, Miguel. Transnacionalidad y transnacionalismo. *Papeles de POBLACIÓN* No. 57. CIEAP/UAEM. 2008.
- MONJIB Maâti. Mamadou Dia et les relations franco-sénégalaises (1957-1962). In: *Horizons Maghrébins - Le droit à la mémoire*, N°53, 2005. L'Afrique à voix multiples. pp. 40-53. https://www.persee.fr/doc/horma_0984-2616_2005_num_53_1_2299
- MONSMA, Karl; TRUZZI, Oswaldo. Amnésia social e representações de imigrantes: consequências do esquecimento histórico e colonial na Europa e na América. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 20, n. 49, set-dez 2018, p. 70-108.
- MONTAÑO, Ana Melisa Pardo. Migración internacional y desarrollo. Aportes desde el transnacionalismo. *rev.estud.soc.* No. 54 • octubre-diciembre, 2015, pp. 39-51.
- MORAIS, Sara Santos. Múltiplos regressos a um mundo *cosmopolita*: moçambicanos formados em universidades brasileiras e a construção de um sistema de prestígio em Maputo. Dissertação de Mestrado. UnB. 2012.
- MOREAU, Marie-Louise. Ombre et lumière d'une expansion linguistique. Les attitudes des Diola et des Peul d'Oussouye à l'égard du wolof. In: *Langage et société*, n°68, 1994. Le plurilinguisme au Sénégal. pp. 63-88. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lsoc_0181-4095_1994_num_68_1_2657 Acesso em 18/11/2021.
- MORLINO, Leonardo. Introducción a la Investigación comparada. Madri: Alianza Editorial, 2010. (Capítulo 2. Por qué comparar). Disponível em: https://kupdf.com/download/introduccion-a-la-investigacion-comparada-leonardomorlino-completo_5a1b5590e2b6f5d553a1080a_pdf
- MOROKVASIC, Mirjana. Femmes et genre dans l'étude des migrations : un regard rétrospectif. In: *Femmes, genre, migrations et mondialisation. Les Cahiers du CEDREF*. 16 | 2008, p. 33-56. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cedref/575>

- MOROKVASIC, Mirjana. Les oiseaux de passage sont aussi des femmes... Chapitre IX. In: PICHÉ, Victor (dir.). Les théories de la migration. Ined éditions, Paris, 2013, p. 249-268.
- MOYO, Dambisa. L'aide fatale. Les ravages d'une aide inutile et de nouvelles solutions pour l'Afrique. *Traduit de l'anglais par André Zavriew*. JCLattès. 2009.
- MUSILA, Cyril. La Casamance sénégalaise : un conflit en sommeil... Acesso em 28/04/2022. Disponível em: http://www.irenees.net/bdf_fiche-analyse-1041_fr.html
- NAÇÕES UNIDAS. Relatório da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento. Cairo, 1994. <https://brazil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/relatorio-cairo.pdf>
- NASCIMENTO, Beatriz. Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos. Organização Alex Ratts. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- NDIAYE Adama & SALL Seydou Nourou. Impact du covid-19 sur le tourisme sénégalais: la communication au cœur du plan de relance ? DJIBOUL n°001, Vol.4. Juillet 2021 pp. 333 – 352.
- NDIAYE, Mandiogou; ROBIN, Nelly. Le migrant criminalisé, le temps d'une traversée: l'exemple de l'émigration récente par voie maritime depuis les côtes sénégalaises. In: Trémolières M. (dir.). Les enjeux régionaux des migrations ouest-africaines: perspectives africaines et européennes. Paris (FRA), Paris: OCDE, CSAO, 2009, p. 1-17. https://horizon.documentation.ird.fr/exl-doc/pleins_textes/divers20-12/010050403.pdf
- N'DIAYE, Tidiane. *O genocídio ocultado. Investigação histórica sobre o tráfico negreiro arabo-muçulmano*. 2. ed. Tradução: Tiago Marques. Lisboa, Gradiva, 2019.
- NDIONE, Babacar. Migration au Sénégal: Profil national 2018. ANSD-OIM, 2018.
- NEIRA, Yerko Castro. Teoría Transnacional revisitando la comunidad de los antropólogos. *Política y Cultura, primavera 2005, núm. 23, pp. 181-194*.
- NGOM, Abdoulaye. Les stratégies de lutte contre la migration clandestine à Kolda, région sud du Sénégal. *Revue Sénégalaise de Sociologie* N° 12 / Octobre 2020, p. 97-119.
- NGOM, Abdoulaye. Le répertoire d'actions de candidats à la migration pour financer leur voyage migratoire: le cas de la Casamance. Stichproben. Vienna Journal of African Studies, 2019a. hal-02488604

NGOM, Abdoulaye. Les mobilisations familiales et/ou individuelles pour la réalisation de projets d'émigration clandestine de la Casamance vers l'Europe. Sociétés Plurielles, Presses de l'INALCO, 2019b. hal-02506768

NGOM, Abdoulaye. Le traitement médiatique des migrations clandestines et forcées dans la presse internationale : vraies et fausses idées reçues. *Communication en Question*, n° 12, Nov. / Déc. Centre d'Enseignement et de Recherches en Communication - Université Félix Houphouët-Boigny, 2019c, pp.133-150. hal-02480343

NGOM, Abdoulaye. « « Les damnés de la mer » », *Journal des anthropologues* [En ligne], 154-155 | 2018, mis en ligne le 15 novembre 2020, consulté le 18 mars 2019. URL : <http://journals.openedition.org/jda/7383> ; DOI : 10.4000/jda.7383

NGOM, Abdoulaye. Les tentatives d'émigration par la mer de jeunes sénégalais de Casamance. *Revue des sciences sociales N. 57* | 2017a. Disponible au: <https://journals.openedition.org/revss/353?lang=en>

NGOM, Abdoulaye. "Tekki" ou le mirage de la réussite chez les jeunes de Casamance. *Revue Africaine des Migrations Internationales*. Vol. 1 N° 1. 2017b. Disponible en: <https://revues.imist.ma/index.php/RAMI/article/view/9422/5327>

NGUIRANE, Cheikh. La diaspora noire au Canada : sociohistoire d'une minorité racialisée et dynamiques contestataires. Archipélies, 2022. hal-03713619

NGUYEN-VAN CHI – BONNARDEL, Régine. LA PÊCHE EN BASSE CASAMANCE (Sénégal). In: *Revue de géographie de Lyon*, vol. 46, n°3, 1971. pp. 285-316

NOULA, Armand Gilbert. Analyse de la croissance économique au Sénégal. CERAF, [1994] 2000. Disponible en: <<https://msuweb.montclair.edu/~lebelp/CERAFRM055Noula1994.pdf>>

NZINDUKIYIMANA, Ornella. Vers une histoire sociale des Noirs en natation au Canada (1900-1970). (Dissertação) Mestrado em Educação Física. Universidade de Ottawa, Canadá, 2014.

OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de. A dinâmica demográfica de imigrantes e refugiados no Brasil na década de 2010. In: CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; SILVA, B. G. Relatório Anual 2021 – 2011-2020: Uma década de desafios para a imigração e o refúgio no Brasil. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2021, p. 53-75.

OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de. A transição na legislação migratória: um estudo empírico para o período 1980-2019. In: Cavalcanti, L; Oliveira, T.; Macedo, M., Imigração e Refúgio no Brasil. Relatório Anual 2020. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2020, p.41-79.

OIM. La migration et les migrants dans le monde. Dans : *Etat de la Migration dans le Monde 2022* (M. McAuliffe et A. Triandafyllidou, dirs. publ.). OIM, Genève. 2021.

OIM. N° 22 Glossário sobre Migração, Genebra, 2009.

OUA. Charte Africaine des Droits de l'Homme et des Peuples. Nairobi, 1981.

PÉLISSIER, Paul. Les Diola : étude sur l'habitat des riziculteurs de Basse-Casamance. In: Cahiers d'outre-mer. N° 44 - 11e année, Octobre-décembre 1958. pp. 334-388; doi : https://www.persee.fr/doc/caoum_0373-5834_1958_num_11_44_2094

PEREGALLI, Enrique. A América que os europeus encontraram. São Paulo: 13ª ed. rev. ATUAL EDITORA, 1994.

PEREIRA, Paulo Moreira. Percepções sobre migração transnacional e fomento do desenvolvimento. *Revista Estudos Políticos*. 2010.

PERRUCHOUD, Richard. Prefácio. In : OIM. N° 22 Glossário sobre Migração, Genebra, 2009, p. 3-4.

PICARD, Maurin. Les mercenaires français à l'assaut du continent africain. In: BORREL et al. L'empire qui ne veut pas mourir: une histoire de la Françafrique. Éditions du Seuil, 2021, p. 407-416.

PICHÉ, Victor. Les théories migratoires contemporaines au prisme des textes fondateurs. *Population-F*, 68 (1), 2013, p. 153-178. Disponível em: <http://www.ined.fr/fichier/s_rubrique/314/population_fr_2013_1_migrations_textes_fondamentaux_thories_migratoires.r.seaux.migratoires.2.fr.pdf>. Acesso em: 20/11/2022.

PIERARD, Gabriel. "Frontex dans le contexte de la situation à la frontière gréco-turque", CERISCOPE Frontières, 2011, [en ligne], consulté le 03/03/2020, URL : <http://ceriscope.sciences-po.fr/content/part2/frontex-dans-le-contexte-de-lasituation-a-la-frontiere-greco-turque-?page=show>

PLAS-BOËL, Hugo. Les applications du régime de l'indigénat dans les colonies françaises d'Afrique de 1881 à 1946. Mémoire de recherche. Université de Limoges, 2022.

PLAZA, Dwaine. Migration caribéenne et intégration au Canada: à la poursuite du rêve d'ascension sociale (1900 - 1998). In: Dynamique migratoire de la Caraïbe. Terres d'Amérique/6. Editions KARTHALA et GEODE Caraïbe, 2007, p. 141-157. Disponible en <<https://books.google.com.br/>>.

PNUD. Rapport sur le développement humain 2020. Élargir l'horizon des populations et de la planète : le développement humain et l'Anthropocène. *Note d'information à l'intention des pays concernant le Rapport sur le développement humain 2020*. Sénégal. Disponible en <<https://hdr.undp.org/sites/default/files/Country-Profiles/fr/SEN.pdf>>. Accès en 20/11/2022.

PORTES, Alejandro. Migración y desarrollo: una revisión conceptual de la evidencia. In: CASTLES Stephen y WISE Raúl Delgado (Coor.). UAZ/SG/OIM, 2007, p. 21-49.

PORTES, Alejandro. Convergencias teóricas y evidencias empíricas en el estudio del transnacionalismo de los inmigrantes. *Migración y Desarrollo*, núm. 4, primer semestre, 2005, pp. 2-19.

PORTES, Alejandro. La mondialisation par le bas . In: Actes de la recherche en sciences sociales. Vol. 129, septembre 1999. Délits d'immigration. pp. 15-25; https://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1999_num_129_1_3300

QUASHIE, Hélène. Devenir un.e résident.e privilégié.e au Sénégal. Migrations d'Occident, ascensions sociales et subversions locales. *Revue africaine de sociologie = African Sociological Review*, 2022, Migrations et droit international : réflexions post/dé-coloniales depuis l'Afrique, CODESRIA, 26 (2), pp.106-150. 10.57054/asr.v26i2.3994. hal-03935946

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. 2005, p. 117-142. https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf

QUIMINAL Catherine, TIMERA Mahamet. 1974-2002, les mutations de l'immigration ouest-africaine. In: *Hommes et Migrations*, n°1239, Septembre-octobre 2002. Africains, citoyens d'ici et de là-bas. pp. 19-32; doi : <https://doi.org/10.3406/homig.2002.3887> https://www.persee.fr/doc/homig_1142-852x_2002_num_1239_1_3887

QUINEL, Charles; MONTGON, Adhémar de. Contes et Récits du Canada. [Fernand Nathan, Paris, 1940] Quebec, 2006. Disponível em <<http://classiques.uqac.ca/>>

RAVENSTEIN, Ernst Georg. As Leis da Migração. In: MOURA, Hélio A. de (Coor.). Migração interna; textos selecionados. Traduzido por Hélio A. de Moura, Ed: Banco do Nordeste do Brasil, Fortaleza, 1980, p. 19-88.

REA, Andrea. Sociologie de l'immigration. Edition La Découverte, Paris, 2021.

REIFFEN, Franziska. ¿Casamancés, africano, negro? Negociación de identificaciones dentro de um grupo de mujeres migrantes em Buenos Aires. In: TEDESCO, João Carlos; KLEIDERMACHER, Gisele (Org.) A imigração senegalesa no Brasil e na Argentina: múltiplos olhares. - Porto Alegre: EST Edições, 2017, p. 151-176.

REIS, Rossana Rocha. Políticas de imigração na França e nos Estados Unidos (1980-1998). São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2007.

RÉMY, Eric; NDIONE, Louis César. L'impact de la globalisation sur les systèmes de don : le cas de la migration sénégalaise. *Recherche et Applications en Marketing*, v. 35, n. 1, 2020, pp. 28-44.

RÉPUBLIQUE DU SÉNÉGAL. Plan Sénégal Emergent. 2014. https://archive.un-page.org/files/public/plan_senegal_emergent.pdf

RÉPUBLIQUE DU SÉNÉGAL. Plan Sénégal Émergent: Plan d'Actions Prioritaires 2019-2023, décembre 2018.

RIBEIRO, Gustavo L. A Condição da Transnacionalidade. In: Cultura e política no mundo contemporâneo: paisagens e passagens. Capítulo 5. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000, p. 93-129.

RIVERO, Patricia J. La investigación multilocalizada en los estudios migratorios transnacionales. Aportes teóricos y prácticos. *Trabajo y Sociedad*, Núm. 28, 2017, p. 327-342.

RIVES, Liza; BEAUJEU, Mélodie; KABBANJI, Lama. Chapitre 6. Les ONG dans le champ Migration et développement au Sénégal. Fabrique des politiques migratoires et pratiques associatives en Afrique de l'Ouest: le cas du Mali et du Sénégal, 2013, pp. 46-54. hal-02326342

ROBIN, Nelly. L'élection présidentielle de 2019 au Sénégal. Les pratiques électorales entre permanences, opportunités et ruptures. Dans *Afrique contemporaine* 2018/3 (N° 267-268),

pages 187 à 204. Disponible à
<https://www.cairn.info/revue-afrique-contemporaine-2018-3-page-187.htm>

ROBIN, Nelly. « Le déracinement des populations en Casamance », *Revue européenne des migrations internationales* [En ligne], vol. 22 - n°1 | 2006, mis en ligne le 01 avril 2009, consulté le 14 avril 2022. URL : <http://journals.openedition.org/remi/2723> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/remi.2723>

ROCHE, Christian. Chronique casamançaise. Le cercle de Ziguinchor au Sénégal pendant la guerre de 1939-1945. In: *Revue française d'histoire d'outre-mer*, tome 85, n°319, 2e trimestre 1998. pp. 87-115. https://www.persee.fr/doc/outre_0300-9513_1998_num_85_319_3630

RODRÍGUEZ-CASTELÁN, Carlos e VAZQUEZ, Emmanuel. Labor Informality and Market Segmentation in Senegal. World Bank Group, Policy Research Working Paper 10129. 2022.

RONCATO, Mariana. S. Dekassegui, cyber-refugiado e workingpoor: o trabalho imigrante e o lugar do outro na sociedade de classes. Dissertação de Mestrado em Sociologia - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2013.

SADATCHY, Priscilla. Mouvement des forces démocratiques de Casamance – Fiche documentaire, Note d’Analyse du GRIP. Bruxelles: 23 novembre 2011. Disponible em: https://archive.grip.org/fr/siteweb/images/NOTES_ANALYSE/2011/NA_2011-11-23_FR_P-SADATCHY.pdf

SADIO, Idrissa; SONKO, Lamine; SCHMIDT-SOLTAU, Kai. État des lieux de la situation socio-économique de la Casamance. ProCas. 2004.

SAHLINS, Marshall. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (Parte II). *MANA* 3(2):103-150, 1997.

SAKHO, Pape; DIAGNE, Abdoulaye; SAMBOU, Pierre Corneille. Le bassin arachidier, du réceptacle de flux internes au foyer d’émigration interne et internationale. In : TEDESCO, João Carlos ; KLEIDERMACHER, Gisele (Org.) *A imigração senegalesa no Brasil e na Argentina: múltiplos olhares*. - Porto Alegre: EST Edições, 2017, p. 21-40.

Sanches, Wilson. *Sociologia do trabalho*. Londrina : Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2018. 232 p.

SANE, Tidiane. Vulnérabilité et adaptabilité des systèmes agraires à la variabilité climatique et aux changements sociaux en Basse-Casamance (Sud-Ouest du Sénégal). *Géographie*. Université Sorbonne Paris Cité; Université Cheikh Anta Diop (Dakar), 2017.

SANTOS, Boaventura. Hacia una concepción multicultural de los derechos humanos. Traducido por Libardo José Ariza. ILSA, Bogotá D. C. *EL OTRO DERECHO*, número 28. Julio de 2002.

SARAIVA, José Flávio Sombra. África parceira do Brasil atlântico: relações internacionais do Brasil e da África no século XXI. Fino Traço. Belo Horizonte, 2012.

SARTORI, Giovani. “La comparación en las ciencias sociales” in SARTORI, G.; MORLINO, L. (coord.). La comparación en las ciencias sociales. Madrid: Alianza, 1991, p. 29-49. <https://drive.google.com/file/d/0B1-o4rRtwzsZSVBmMWFZTGtRMEE/view?usp=sharing>

SARR, Felwine. Afrotopia. Tradução Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2021.

SARR, Papa Amadou. Transferts de fonds des migrants et développement en Afrique : une étude de cas sur le Sénégal. *Migrations et développement*. TFD 95 - Juin 2009.

SASAKI, Elisa M. e ASSIS, Gláucia de Oliveira. Teorias das migrações internacionais. XII Encontro Nacional da ABEP 2000, Caxambu, outubro de 2000.

SASSEN, Saskia. « Será este o caminho? Como lidar com a imigração na era da globalização », *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], 64 | 2002, colocado online no dia 01 outubro 2012, criado a 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/rccs/1230> ; DOI : 10.4000/rccs.1230

SAUCEDO, Silvia E. Giorguli e GUTIERREZ, Edith Y. « Migration et développement », *Hommes & migrations* [En ligne], 1296 | 2012, mis en ligne le 31 décembre 2014, consulté le 01 mai 2019. URL : <http://journal.openedition.org/hommesmigrations/1703> ; DOI : 10.4000/hommesmigrations.1703.

SAYAD, Abdelmalek. O retorno – elemento constitutivo da condição do imigrante. Volume especial de *Travessia – Revista do Migrante*, ano XIII, número especial, jan. 2000.

_____. A imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo, 1998.

SCARPIN, Jorge Eduardo, SLOMSKI, Valmor. Estudo dos fatores condicionantes do índice de desenvolvimento humano nos municípios do estado do Paraná: instrumento de controladoria para a tomada de decisões na gestão governamental. *RAP*, 41(5) Set./Out. Rio de Janeiro, 2007, p. 909-33.

SCHLICKMANN, Mariana. África difícil: a primeira missão diplomática brasileira ao sul do continente africano através do diário de Raymundo de Souza Dantas. *Revista África e Africanidades* – Ano XII – n. 32, 2019.

SCHNEIDER, S.; SCHIMITT, C. J. O uso do método comparativo nas Ciências Sociais. *Cadernos de Sociologia*, v. 9, p. 49–87, 1998.

SCHOLL, Camille Johann. Léopold Sédar Senghor no Brasil por uma “comunidade luso-afro-brasileira” (1964-1977): uma investigação acerca de seu discurso político e as relações com os movimentos de descolonização em África. *XIV Encontro Estadual de História. ANPUH RS*, 2018.

SCHWARZ-BART, André. *La mulatresse Solitude*. Roman. Édition du Seuil, 1972.

SECK, Assane. Prefácio e Introdução. In: *Sénégal, émergence d’une démocratie moderne (1945-2005): un itinéraire politique*. Karthala, 2005, p. 8-24.

SECK, Assane. La moyenne Casamance. Étude de géographie physique. In: *Revue de géographie alpine*, tome 43, n°4, 1955. pp. 707-755; <https://www.persee.fr/doc/rga_0035-1121_1955_num_43_4_1198>

SECK, Ibrahima. Les Français et la traite des esclaves en Sénégambie. Dans *Dix-huitième siècle* 2012/1 (n° 44), pages 49 à 60.

SEGUY, F. Catástrofe de janeiro de 2010, a “internacional comunitária” e a recolonização do Haiti. Tese (Doutorado em sociologia). Universidade Estadual de Campinas. Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 2014.

SÈNE, Abdourahmane Mbade, « Mobilités, activités socio-économiques et trafics à la frontière sénégalo-gambienne dans le contexte du conflit casamançais », *Les analyses de Population & Avenir*, juin 2019, p. 1-26, ISSN 2552-2078

SENE Aliou et FAYE Valy. Origines et évolution de la crise casamançaise (1949-2006). *Revue NZASSA*. [2019], p. 220-232. www.nzassa-revue.net

SENGHOR, Augustin Diamacoune. *Histoire de la Casamance (1645-1960): Foi – Patriotisme – Hommage*. Ed. L’Harmattan, Paris, 2018.

SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. *REVISTA USP*, São Paulo, n.53, p. 117-149, março/maio 2002.

SHISHITO, Katiani Tatie. Migrações que seguem: 110 anos de história entre Brasil e Japão. In: MAGALHÃES, Luís Felipe Aires; WALDMAN, Tatiana Chang (Org.). *Migrações internacionais contemporâneas e refúgio no Brasil*. [2018?], p. 59-62.

SILVA, Allan Rodrigo de Campos. Imigrantes afro-islâmicos na indústria avícola *halal* brasileira. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SILVA, Érico Gonçalves. Migrações internacionais, remessas e desenvolvimento: o caso paradigmático de Cabo Verde, 2018.

SILVA, Karine de Souza. “A mão que afaga é a mesma que apedreja”: direito, imigração e a perpetuação do racismo estrutural no Brasil. *Revista Mbote*, Salvador, Bahia, v. 1, n.1, p.020-041. jan./jun., 2020.

SILVEIRA, Allan Cordeiro da. Transnacionalismo de prestígio na mobilidade acadêmica - projeções institucionais e relações (pós)coloniais desiguais. Dissertação de mestrado. UFF. 2020.

SIMÕES, André; NETO, João Hallak. A inserção do imigrante no mercado formal de trabalho brasileiro entre 2011 e 2020. In: CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; SILVA, B. G. Relatório Anual 2021 – 2011-2020: Uma década de desafios para a imigração e o refúgio no Brasil. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2021, p. 118-154.

SINGER, Paul. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. In: MOURA, Hélio A. de (Coor.). Migração interna; textos selecionados. Ed: Banco do Nordeste do Brasil, Fortaleza, 1980, p. 211-244.

SJAASTAD, Larry A. Os custos e os retornos da migração. In: MOURA, Hélio A. de (Coor.). Migração interna; textos selecionados. Ed: Banco do Nordeste do Brasil, Fortaleza, 1980, p. 115-143.

SMITH, Étienne. Carte électorale externe et cartographie des migrations sénégalaises. Ed. De Boeck Supérieur. Dans *Afrique contemporaine*, 2015a/4 n° 256 | pages 114 à 116.

SMITH, Étienne. Sénégal, la diaspora fait-elle l'élection? Le vote à distance de 1992 à 2012. Ed. De Boeck Supérieur. Dans *Afrique contemporaine*, 2015b/4 n° 256 | pages 114 à 116.

SONKO, Bruno. Aucune paix en Casamance : le MFDC et l'État sénégalais doivent-ils repenser leur stratégie ? *Rosa Luxemburg Stiftung*, Dakar-Sénégal, 02 / 2020. Disponível em: < https://rosalux.sn/wp-content/uploads/2021/05/02_2020-Casamance.pdf>

SOUSA, Cristiane Bonfanti de. Gerenciamento de crise: como a Secretaria de Comunicação da UnB tratou o incêndio em apartamentos de estudantes africanos. Monografia (UniCEUB), 2007.

SY, Oumar ; SANE, Tidiane. Changements climatiques et crise de la riziculture en Basse-Casamance (Sénégal). XXI^{ème} colloque de l'Association Internationale de Climatologie : Climats et risques climatiques en Méditerranée. Université Paul-Valéry - Montpellier III 9-13 septembre 2008, p. 587-592.

SYLLA, Ndongo Samba; PIGEAUD, Fanny. La laisse monétaire : contestation et consolidation du système CFA. In: BORREL et al. L'empire qui ne veut pas mourir: une histoire de la FrancAfrique. Éditions du Seuil, 2021, p. 383-392.

TALL, Sérigne Mansour; TANDIAN, Aly. Cadre Générale de la Migration Internationale Sénégalaise. Série : « CARIM AS », n° 2011/54. Robert Schuman Centre for Advanced Studies, San Domenico di Fiesole (FI) : Institut Universitaire Européen, 2011a.

TALL, Sérigne Mansour; TANDIAN, Aly. Regards sur la migration irrégulière des Sénégalais: vouloir faire fortune avec des pirogues de fortune. : «*CARIM AS*», n. 50, 2010a, pp. 01-17.

TALL, Sérigne Mansour; TANDIAN, Aly. Entre regroupement familial et migrations autonomes des femmes sénégalaises. Quelle analyse de genre des migrations sénégalaises? Série: «*CARIM AS*», n. 69, 2010b, pp. 01-14.

TAMBA, Moustapha. Mutations politiques au Sénégal : Bilan de cinquante ans d'indépendance (1960-2010). UCAD, 2011, 21p.

TANDIAN, Aly. Participation politique des émigrés sénégalais au pays d'origine : historicité d'un transnationalisme politique. *OUTRE-TERRE*, 53, revue trimestriel Avril-juin, Ed. L'Esprit du Temps, 2018, p. 83-96.

TEDESCO, João Carlos. "Em nome de...": religião, trabalho e mercado. Senegaleses em frigoríficos do centro-norte do Rio Grande do Sul. **In:** TEDESCO, João Carlos; KLEIDERMACHER, Gisele (Org.). *A imigração senegalesa no Brasil e na Argentina: múltiplos olhares*. Porto Alegre, EST Edições, 2017, pp. 311-338.

TEDESCO, João Carlos. Interculturalidade e inserção sociolaboral: estratégias e contraposições de senegaleses no centro-norte do Rio Grande do Sul. **In:** TEDESCO, João

Carlos (Org.). Imigração senegalesa: múltiplas dimensões. V. 2. Porto Alegre: EST Edições, 2019, pp. 313-356.

THEODORO, Mário. A formação do mercado de trabalho e a questão racial no Brasil. In: THEODORO, Mário (Org.). As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição. 1. ed. Brasília, Ipea, 2008, pp. 15-43.

THIOR Mamadou; SOW Djiby; DIOUF Edouard B; MBALLO Issa; CISSOKHO Dramane; SANE Tidiane; DIEDHIOU Paul. Quand les attaques sporadiques armées recomposent les activités de pêche en Casamance maritime. *Cadernos de Estudos Africanos* • julho-dezembro de 2021 • 42, 253-263.

TILLMANN, Andrea Von Rakowitsch Siqueira. Brasil e Senegal: A Experiência Brasileira no Primeiro Projeto de Cooperação Sul-Sul em Doença Falciforme. (Dissertação de mestrado) FCHS/Universidade de Porto, Porto, 2021.

TODOROV, Tzvetan. “I. Descobrir”. A conquista da América: A questão do outro. 2ª edição. Tradução Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1999 [1982].

TOLENTINO, Nancy Curado. Migrações, remessas e desenvolvimento: o caso africano. Universidade Técnica de Lisboa, SOCIUS Workink Paper, Nº 09/2009.

_____. Remessas e (potencial) desenvolvimento. MDCI – População e Desenvolvimento, maio de 2008.

TOMÀS, Jordi. “ « Notre Assemblée Nationale, ce sont les fétiches » : L’importance des conceptions de la société traditionnelle diola dans le règlement du conflit casamançais”, *Cadernos de Estudos Africanos* [Online], 42 | 2022, Online since 25 May 2022, connection on 02 January 2023. URL: <http://journals.openedition.org/cea/6635>.

TOMÀS, Jordi. Religión tradicional y colonización: una aproximación a la visión francesa sobre la sociedad tradicional de los joola de la Baja Casamance. *Anuário Antropológico*, UnB, 2015, v. 40, n. 2: 231-249.

TONHATI, Tania; MACEDO, M.; QUINTINO, Felipe. Autorizações de trabalho concedidas a não nacionais pela Coordenação Geral de Imigração (CGIg) 2011-2017. In: CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T; MACEDO, M. Migrações e Mercado de Trabalho no Brasil. Relatório Anual 2018. Série Migrações. OBMigra; MTE/CNIg e CGIg. Brasília, DF: OBMigra, 2018a, p. 19-44.

_____. Autorizações concedidas pelo Conselho Nacional de Imigração (CNIg): Casos omissos e especiais. In: CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T; MACEDO, M. Migrações e Mercado de Trabalho no Brasil. Relatório Anual 2018. Série Migrações. OBMigra; MTE/CNIg e CGIg. Brasília, DF: OBMigra, 2018b, p. 45-54.

TRAORE, Aminata Dramane; M'DELA-MOUNIER, Nathalie. L'Afrique mutilée. Tama Éditions, Bamako, 2012.

TRINCAZ, Pierre Xavier. Colonialisme et Régionalisme: Ziguinchor en Casamance. Editions de l'ORSTOM. Institut Français de Recherche Scientifique pour le Développement en Coopération. Collection Travaux et Documents n° 172. Paris 1984.

TRUDEL, Marcel. Le traité de 1783 laisse le Canada à l'Angleterre. Revue d'histoire de l'Amérique française, 3(2), 1949, p. 179–199. <https://doi.org/10.7202/801549ar>

UNITED NATIONS, Department of Economic and Social Affairs, Population Division (2011). International Migration Report 2009: A Global Assessment. United Nations, ST/ESA/SER.A/316. 2011.

UNITED NATIONS, Department of Economic and Social Affairs, Population Division. International Migration Report 2006: A Global Assessment. 2009.

VAZ, Paulo Gomes. O trabalho manual africano nos labirintos da globalização: o caso dos africanos em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: [s. n.], 2011.

ALBA VEGA, Carlos, RIBEIRO, Gustavo Lins, MATHEWS, Gordon (coords). La globalización desde abajo. La otra economía mundial. Trad. de Mario A. Zamudio Vega. - México: FCE, El Colegio de México, 2015.

VIEIRA, Marcos Sardá. Deslocamentos femininos e prostituição. Estudos Feministas, Florianópolis, 23(2): [629-632], maio-agosto/2015. <https://www.scielo.br/>

VILLARREAL VILLAMAR, María del Carmen (2015). Políticas migratórias, Transnacionalismo e Desenvolvimento: o caso equatoriano. Cadernos OBMIGRA, 1 (3), 39-63.

VILLEN, Patrícia. Racismo e xenofobia contra médicos cubanos. In: MAGALHÃES, Luís Felipe Aires; WALDMAN, Tatiana Chang (Org.). Migrações internacionais contemporâneas e refúgio no Brasil. [2018?], p. 45-49.

VILLEN, Patrícia. “Fronteiras porosas” e a explosão da mobilidade indocumentada. In: *Argumentum*, v. 8, n. 3, set./dez. 2016 p. 29-39.

VOLTAIRE, Frantz. Une brève histoire des communautés noires au Canada. *Les classiques des sciences sociales, CHICOUTOUMI, QUÉBEC*. 2007.

WALDMAN, Tatiana Chang. Uma introdução às migrações internacionais no Brasil contemporâneo. Módulo 2. DPU/OIM. 1ª Ed., 2018a.

WALDMAN, Tatiana Chang. Uma introdução às migrações internacionais no Brasil contemporâneo. Módulo 1. DPU/OIM. 1ª Ed., 2018b.

WALKER, James W. St.G. La discrimination raciale contre les Noirs au Canada. Traduction par Yvon de Repentigny. Ottawa, *La Société Historique du Canada. Brochure historique No. 41*. 1985.

WILLEMS, Roos. Les “fous de la mer”. Les migrants clandestins du Sénégal aux Îles Canaries en 2006. In: DIOP, Momar-Coumba (Dir.). *Le Sénégal des migrations: mobilités, identités et sociétés*. Editions Karthala, ONU-Habitat et CREPOS, 2008, p. 277-303.

WISE, Raúl Delgado y COVARRUBIAS, Humberto Márquez. El sistema migratorio México-Estados Unidos: dilemas de la integración regional, el desarrollo y la migración. In: CASTLES Stephen y WISE Raúl Delgado (Coor.). UAZ/SG/OIM, 2007, p. 125-153.

WORLD BANK-KNOMAD. Migration and Development Brief 37. November 2022. Disponível em: https://www.knomad.org/sites/default/files/publication-doc/migration_and_development_brief_37_nov_2022.pdf

ZAMORA, Rodolfo García. El Programa Tres por Uno de remesas colectivas en México. Lecciones y desafíos. Nota crítica. *MIGRACIONES INTERNACIONALES, VOL. 4, NÚM. 1, ENERO-JUNIO DE 2007*. 2007, p. 165-172.

FONTES VISITADAS NA INTERNET

AGENCE SÉNÉGALAISE DE PROMOTION DES EXPORTATIONS - ASEPEX. Disponível em: <https://www.asepex.sn/senegal-export/>

AGÊNCIA BRASÍLIA. Embaixadas: um capítulo importante na construção de Brasília. Governo federal do final da década de 1950 decidiu que o corpo diplomático deveria ser transferido do Rio de Janeiro para a nova capital, no meio do Planalto Central. 26/12/19 às 15:59, Atualizado em 27/2/20 às 12:35. Disponível em : <<https://agenciabrasilia.df.gov.br/2019/12/26/embaixadas-um-capitulo-importante-na-construcao-de-brasilia/>> Acesso em : 18/11/2022.

ALLAFRICA. Sénégal: Fin de la saison touristique en Casamance - Une “belle moisson” et des doléances. 30 avril 2023. Sur <https://fr.allafrica.com/stories/202205010072.html>

AMBASSADE DES ETATS-UNIS AU SÉNÉGAL. Pied d’ œuvre pour aider les rapatriés à se réinstaller dans le sud de la Casamance. 11/08/2020. Disponível em: <<https://sn.usembassy.gov/fr/le-gouvernement-des-etats-unis-a-pied-doeuvre-pour-aider-des-rapatries-a-se-reinstaller-dans-le-sud-de-la-casamance/>>.

AMNESTY INTERNATIONAL: *Sénégal. La vague d’arrestations arbitraires d’opposants et d’activistes porte gravement atteinte aux droits humains. Mars 5, 2021.* Disponível em: <https://www.amnesty.org/fr/latest/news/2021/03/senegal-la-vague-arrestations-arbitraires-opposants-aux-droits-humains/>

BALIZET, Gilles. “Repats” au Sénégal, retour vers le futur. Acesso em: 20 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://jcea.hypotheses.org/author/desportes>

BANQUE MONDIALE. *Sénégal – Vue d’ensemble.* Acesso em 10/03/2023. Disponível em: <https://www.banquemondiale.org/fr/country/senegal/overview>

BANCO MUNDIAL: *Países pobres muy endeudados.* Disponível em: <https://datos.bancomundial.org/pais/paises-pobres-muy-endeudados-ppme>

BEHIELS Michael D., HUDON R. Loi 101 (Charte de la langue française). Publication en ligne, le 31 juillet 2013. Modification, le 1 juin 2023. Sur <https://www.thecanadianencyclopedia.ca/fr/article/loi-101>

CASAESPOIR: Disponível em <<http://casaespoirs.org/>>.

CAUX, Hélène. *Avec la fin de la crise politique en Gambie, les Gambiens réfugiés au Sénégal rentrent chez eux.* ACNUR: 24/01/2017. Disponible em: <https://www.unhcr.org/fr/news/stories/2017/1/5887820da/fin-crise-politique-gambie-gambiens-refugies-senegal-rentrent.html> Acesso em 17/07/2022.

CESTI/UCAD. Présentation. 2020. Disponible em: <https://cesti.ucad.sn/content/pr%C3%A9sentation>>. Acesso em 15/01/2023.

DAMON, Lisa Susanne. Kurobera: une tentative de conceptualiser la migration régionale à travers les Grands lacs africains. 2020. Acesso em: 20 de janeiro de 2022. Disponible em: <https://jcea.hypotheses.org/author/desportes>

DIRKS, Gerald E. Politique d'immigration au Canada. *Encyclopédie Canadienne*. 2006 [2020]. Acesso em: 02/04/2023. Disponible em: <https://www.thecanadianencyclopedia.ca/fr/article/politique-dimmigration-1>

DOBE, Deklek. L'intengibilité des frontieres coloniales au regard des résolutions de l'OUA/UA. 2020. Acesso em: 20 de janeiro de 2022. Disponible em: <https://jcea.hypotheses.org/author/desportes>

DUBREIL, Brian. Le 11 septembre et le Canada. *L'Encyclopédie Canadienne*. 30 avril 2015. Disponible em: <https://www.thecanadianencyclopedia.ca/fr/article/le-11-septembre-et-le-canada>

ENCYCLOPÉDIE CANADIENNE. 30 cohortes d'immigration au Canada. 2015. Acesso em 15/01/2023. Disponible em: <https://www.thecanadianencyclopedia.ca/fr/article/30-vagues-dimmigration-au-canada#>

EUROPEAN COMMISSION. Tout sauf les Armes (TSA ou EBA). Disponible em: <https://trade.ec.europa.eu/access-to-markets/fr/content/tout-sauf-les-armes-tsa>

EUROPEAN COMMISSION: EU EMERGENCY TRUST FUND FOR AFRICA. *Mobiliser l'expertise et la solidarité: les talents de la diaspora sénégalaise au service de la mise en œuvre des politiques publiques du Sénégal.* Disponible em: https://ec.europa.eu/trustfundforafrica/all-news-and-stories/mobiliser-lexpertise-et-la-solidarite-les-talents-de-la-diaspora-senegalaise-au_en

FONDATION ROBERT SCHUMAN. Déclaration du 9 mai. Disponible em: <https://www.robert-schuman.eu/fr/declaration-du-9-mai-1950> Acesso em 12/07/2022.

GALHERA, Kaiuscia e SANTOS, Willians de Jesus. Marcha contra a violência, por cidadania plena e direitos humanos. Repórter Brasil, São Paulo, publicado em 4/12/2014. Disponível em:

<<[http://reporterbrasil.org.br/2014/12/marcha-contr-a-violencia-por-cidadania-plena-e-direit os-humanos/](http://reporterbrasil.org.br/2014/12/marcha-contr-a-violencia-por-cidadania-plena-e-direit-os-humanos/)>> Acesso em 04/10/2022.

GOUVERNEMENT DU CANADA. Demander la citoyenneté : Qui peut présenter une demande. Date de modification : 2023-11-16. Sur [https://www.canada.ca/fr/immigration-refugies-citoyennete/services/citoyennete-canadienne/d evenir-citoyen-canadien/admissibilite.html](https://www.canada.ca/fr/immigration-refugies-citoyennete/services/citoyennete-canadienne/d-evenir-citoyen-canadien/admissibilite.html)

GOUVERNEMENT DU CANADA. Provinces et territoires. Date de modification : 2023-10-25. Sur <https://www.justice.gc.ca/fra/pr-rp/sjc-csj/redact-legis/juril/no104.html>

GOUVERNEMENT DU CANADA. Au sujet du Mois de l’histoire des Noirs. Date de modification : 2023-02-01. Sur <https://www.canada.ca/fr/patrimoine-canadien/campagnes/mois-histoire-des-noirs/a-propos.html>

GOUVERNEMENT DU CANADA. *Relations Canada-Sénégal*. 2022a. Disponível em <<https://www.international.gc.ca/country-pays/senegal/relations.aspx?lang=fra>> Acesso em 07/11/2022.

GOUVERNEMENT DU CANADA. Document d’information - Le Canada annonce le financement de projets en Afrique de l’Ouest. AMC. 21/03/2022b. Disponível em: <<https://www.canada.ca/>> Acesso em 15/11/2022.

GOUVERNEMENT DU CANADA. Avis – Renseignements supplémentaires sur le Plan des niveaux d’immigration 2022-2024. Date: 14-02-2022c. Visité le 10/09/2023. <https://www.canada.ca/fr/immigration-refugies-citoyennete/nouvelles/avis/renseignements-supplementaires-niveaux-immigration-2022-2024.html>

GOUVERNEMENT DU CANADA. Origine du nom “Canada”. Date de modification: 2020-06-08. Visité le 30/11/2023. Sur. <https://www.canada.ca/fr/patrimoine-canadien/services/origines-nom-canada.html>

GOUVERNEMENT DU CANADA. Vérification interne du programme d’immigration de l’ambassade canadienne à Dakar, au Sénégal. 04/11/2016. Disponível em <[https://www.canada.ca/fr/immigration-refugies-citoyennete/organisation/rapports-statistiques /verifications/programme-immigration-ambassade-canadienne-dakar-senegal.html](https://www.canada.ca/fr/immigration-refugies-citoyennete/organisation/rapports-statistiques/verifications/programme-immigration-ambassade-canadienne-dakar-senegal.html)> Acesso em 07/12/2022.

GOUVERNEMENT DU CANADA. La gouverneure générale effectuera des visites d'État au Sénégal, en République démocratique du Congo, au Rwanda et une visite officielle au Cap-Vert. 2010a. Disponible em: <<https://www.canada.ca/>> Acesso em 15/11/2021.

GOUVERNEMENT DU CANADA. Dîner d'État - Sénégal. 2010b. Disponible em: <<https://www.canada.ca/>> Acesso em 15/11/2021.

GOUVERNEMENT DU CANADA/RCAANC. Peuples et communautés autochtones. Date de modification: 2022.08.30 Disponible em: <https://www.rcaanc-cirnac.gc.ca/fra/1100100013785/1529102490303>

GOUVERNEMENT DU QUÉBEC. 2014-2018 Tableaux de l'immigration permanente au Québec. Ministère de l'immigration, de la Diversité et de l'Inclusion. Direction de la recherche et de la statistique. août 2019. Sur <http://www.mifi.gouv.qc.ca/fr/recherches-statistiques/stats-immigration-recente.html>

HAPPY END. *Le jardin d'Afrique, un cimetière pour les migrants morts en mer*. 21/06/2021. Disponible em: <<https://www.happyend.life/jardin-dafrique-tunisie-cimetiere/>> Acesso em 15/11/2022.

HENRY, Natasha. Esclavage des Noirs au Canada. *L'Encyclopédie Canadienne*. 2016[2022]. Acesso em 28/12/2022. Disponible em: <https://www.thecanadianencyclopedia.ca/fr/article/black-enslavement#>

INSTITUTO TERRA, TRABALHO E CIDADANIA. Racismo e migração no Brasil. 21/12/2020. Disponible em <<https://ittc.org.br/racismo-e-migracao-no-brasil/>>. Acesso em 04/10/2022.

JEUNE AFRIQUE. En Argentine, les vendeurs de rue sénégalais luttent contre les persecutions policières. 27/07/2018 | Par Elodie Descamps - à Buenos Aires. Acesso em 12/12/2022. Disponible em: <<https://www.jeuneafrique.com/605934/societe/en-argentine-les-vendeurs-de-rue-senegalais-luttent-contre-les-persecutions-policieres/>>

JEUNE AFRIQUE : *Sénégal : Sonacos assure son approvisionnement en graines d'arachide*. 05/12/2016. Acesso em 12/12/2022. Disponible em: <https://www.jeuneafrique.com/379812/economie/senegal-sonacos-assure-approvisionnement-graines-darachide/>

JEUNE AFRIQUE. *Sénégal: la France ne considère plus la Casamance comme « une zone à risques »*. 06/10/2016. Accès en: 20/01/2022. Disponible en : <https://www.jeuneafrique.com/363221/economie/senegal-france-ne-considere-plus-casamance-zone-a-risques/>.

JEUNE AFRIQUE : *Sénégal : Arachide, l'état d'urgence*. 20/07/2016. Disponible en: <https://www.jeuneafrique.com/mag/340235/economie/senegal-arachide-letat-d-urgence/>

JEUNE AFRIQUE. Ce jour-là: Léopold Sédar Senghor mettait un terme au “mai 68 sénégalais”. 13/06/2016. Accès en: 11/12/2022. Disponible en: <https://www.jeuneafrique.com/332241/politique/jour-leopold-sedar-senghor-met-terme-mai-68-senegalais/>

JEUNE AFRIQUE. *Sénégal: la force française de Dakar revoit ses effectifs à la baisse*. 01/08/2011. Accès en: 11/12/2022. Disponible sur: <https://www.jeuneafrique.com/180036/politique/s-n-gal-la-force-fran-aise-de-dakar-revoit-ses-effectifs-la-baisse/>

JEUNE AFRIQUE. Chronologie des indépendances africaines : tout au long de l'année, Jeune Afrique célèbre le demi-siècle de la souveraineté des 17 pays africains ayant accédé à l'indépendance en 1960. 04/08/2010. Disponible sur : <https://www.jeuneafrique.com/184772/politique/chronologie-des-independances-africaines/>

L'HUMANITÉ. Pandora Papers. Le monde déformé de l'évasion fiscale. 14 octobre 2021. Disponible sur: <https://www.humanite.fr/>

L'HUMANITÉ. *Comment la Méditerranée est devenue la frontière migratoire la plus meurtrière au monde*. 6 août 2021. Disponible sur : <https://www.humanite.fr/>

LA CIMADE. La politique migratoire de l'Union européenne en 5 chiffres clés. s/d.[2021]. Disponible sur : <https://www.lacimade.org/>

LA MONCLOA. Plan África 2006-2008. 19/05/2006. Disponible en : <https://www.lamoncloa.gob.es/Paginas/archivo/190506-Africa.aspx>.

LA PRESSE Canadienne. La Fédération des chambres de commerce demande de “dépolitiser” l'enjeu de l'immigration. 13 mai 2022. <https://www.lapresse.ca/affaires/2022-05-13/la-federation-des-chambres-de-commerce-demande-de-depolitiser-l-enjeu-de-l-immigration.php>

LES ECHOS. Les sommets France/Afrique depuis 1973. 31 mai 2010. Disponible sur : <https://www.lesechos.fr/2010/05/les-sommets-franceafrique-depuis-1973-440640>

LIBÉRATION. Blog “Africa4” “L’école des otages” de Saint-Louis du Sénégal (1855-1909). Acesso em: 12/02/2023. Disponible Sur : https://www.liberation.fr/debats/2018/02/03/l-ecole-des-otages-de-saint-louis-du-senegal-1855-1909_1816762/

MAESE. Accords, conventions et protocoles de la CEDEAO ratifiés par le Sénégal. s/d. Disponible em <<https://diplomatie.gouv.sn/#>>. Acesso em 25/05/2019.

MARIE-LAURE Basilien-Gainche, "La remise en cause des accords de Schengen", CERISCOPE Frontières, 2011, [en ligne], consulté le 29/04/2023, URL : <http://ceriscope.sciences-po.fr/content/part2/la-remise-en-cause-des-accords-de-schengen>

MARINO, Giulia. L’EU et le monde en développement, un attachement réciproque : du cordon ombilical de la colonisation au lien de partenariat politique. EU-Logos Athéna A.S.B.L. 2019. Acesso em 16/07/2022. Disponible em: <https://www.eu-logos.org/2019/06/11/lue-et-le-monde-en-developpement-un-attachement-reciproque-du-cordon-ombilical-de-la-colonisation-aux-liens-du-partenariat-politique/>

MBAYE, Abdoul Aziz. La guerre en Casamance. Global Brief, 19 de outubro de 2011. Disponible em: <<https://globalbrief.ca/2011/10/la-guerre-en-casamance/>> Acesso em 04/09/2022.

MINISTÈRE DE L’EUROPE ET DES AFFAIRES ÉTRANGÈRES. *Conseils aux Voyageurs*. Disponible em : <<https://www.diplomatie.gouv.fr/fr/conseils-aux-voyageurs/>> Acesso em 27/11/2022.

MOLNAR, Petra. Programmes des travailleurs étrangers temporaires au Canada. L'Encyclopédie canadienne. Date: 3 janvier 2018. Sur <https://www.thecanadianencyclopedia.ca/fr/article/canadas-temporary-foreign-worker-programs>

MRE. *República do Senegal*. 03/11/2022a. Disponible em: <<https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/relacoes-bilaterais/todos-os-paises/república-do-senegal>> Acesso em 17/11/2022.

MRE. *Relations bilatérales Brésil-Sénégal*. 11/11/2022b. Disponible em <<https://www.gov.br/mre/pt-br/embaixada-dacar/francais/relations-bilaterales-bresil-senegal>> . Acesso em 20/12/2022.

OCDE. Rapport 2022 sur la mise en œuvre de la Recommandation du CAD sur le déliement de l'aide publique au développement. Disponible em: <https://www.oecd.org/fr/cad/financementpourledeveloppementdurable/normes-financement-de-veloppement/aide-deliee.htm>

OCDE. *Historique de l'objectif de 0.7 %*. Texte original: Journal du CAD 2002, Vol 3, No 4, pages III-11 – III-13. Révisé – juin 2010.. Disponible em: <https://www.oecd.org/fr/cad/financementpourledeveloppementdurable/normes-financement-de-veloppement/45539389.pdf>

OCDE. Le déliement de l'aide : le droit de choisir. Acesso em 09/06/2023. Disponible em: <https://www.oecd.org/fr/developpement/ledeliementdelaideledroitdechoisir.htm#definition>

OCDE. *L'aide publique au développement (APD)*. Acesso em 09/06/2023. Disponible em :<https://www.oecd.org/fr/cad/financementpourledeveloppementdurable/normes-financement-de-veloppement/aide-publique-au-developpement.htm>

OIM/PORTAIL SUR LES DONNÉES MIGRATOIRES. Données migratoires en Afrique de l'Ouest. 26/05/2021. Acesso em 09/08/2022. Disponible em : <https://www.migrationdataportal.org/fr/regional-data-overview/western-africa>.

OIM: *Términos Fundamentales sobre Migración*. 2023 Disponible em: <https://www.iom.int/es/terminos-fundamentales-sobre-migracion>

PAISD: Programme d'Appui aux Initiatives de Solidarité pour le Développement. Acesso em 12/03/2023. Disponible em: <https://paisd.sn/>

PERSPECTIVE MONDE: Entrée en vigueur de la Confédération de Sénagambie. Acesso em 15/02/2023. Disponible em: <https://perspective.usherbrooke.ca/bilan/servlet/BMEve/613>.

PORTAL da BIDS, 2022. Encontro entre autoridades do Brasil e do Senegal fortalece relações entre os países. Acesso em 18/08/2022. Disponible em: <https://portalbids.com.br/>.

PORTAL GELEDÉS. Benedicto Fonseca Filho: enfim um embaixador negro brasileiro! 06/01/2011. Acesso em 25/10/2022. Disponible em: <https://www.geledes.org.br/benedicto-fonseca-filho-enfim-um-embaixador-negro-brasileiro/>.

ROUSSY, Caroline. Casamance: “une situation de ni paix ni guerre” depuis quarante ans. IRIS Institut de Relations Internationales et Stratégiques. 22 février 2021. Acesso em 25/10/2022. Disponible em:

<<https://www.iris-france.org/154787-casamance-une-situation-de-ni-guerre-ni-paix-depuis-quarante-ans/>>.

SPRAGUE, D.N. La Révolution américaine et l'invasion du Canada. *L'ENCYCLOPÉDIE CANADIENNE*, [2006] 2015. Acesso em 09/08/2022. Disponível: <<https://www.thecanadianencyclopedia.ca/fr/article/revolution-americaine-invasion-au-canada>>.

PORTAL DIPLOMÁTICO: Vistos, Ministério dos Negócios Estrangeiros. [Portugal] Quem precisa de visto. Disponível em: <https://vistos.mne.gov.pt/>

PNUD Brasil. Desenvolvimento Humano e IDH. Disponível em: <<https://www.undp.org/pt/brazil>>. Acesso em 10/11/2022.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. DECRETO Nº 9.199, DE 20 DE NOVEMBRO DE 2017. Acesso em 18/08/2022. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/d9199.htm>.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. LEI Nº 13.445, DE 24 DE MAIO DE 2017. Acesso em 15/04/2020. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm>.

PROULX-CHÉNARD, Samuel. Politique d'immigration québécoise. *L'Encyclopédie Canadienne*. 2006 [2022]. Acesso em 10/12/2022. Disponível em: <https://thecanadianencyclopedia.ca/fr/article/politique-du-quebec-immigration#>

SAULIEU Geoffroy de, GRÉMONT Charles, RODET Marie, *Autrefois, migrer, transformer, échanger*. 2022. Acesso em 20/08/2023. Disponível em: <https://lemag.ird.fr/fr/migrations-africaines-au-dela-des-frontieres>

STATISTIQUE CANADA. Le Mois de l'histoire des Noirs 2022... en chiffres. Date de modification : 2023-01-06. Sur https://www.statcan.gc.ca/fr/dai/smr08/2022/smr08_259

STATISTIQUE CANADA. Citoyenneté selon la minorité visible et le statut d'immigrant et la période d'immigration : Canada, provinces et territoires et circonscriptions électorales fédérales (Ordonnance de représentation de 2013). Tableau : 98-10-0308-01 *Univers* : Personnes dans les ménages privés dans les logements privés occupés, Recensement de 2021 — Données-échantillon (25 %). Date de diffusion : 2022-10-26a. Sur: <https://www150.statcan.gc.ca/t1/tbl1/fr/tv.action?pid=9810030301>

STATISTIQUE CANADA. Minorité visible et le statut d'immigration et la période d'immigration : Canada, provinces et territoires, régions métropolitaines de recensement et agglomérations de recensement y compris les parties. Tableau : 98-10-0308-01 *Univers* : Personnes dans les ménages privés dans les logements privés occupés, **Recensement de 2021** — Données-échantillon (25 %). Date de diffusion : 2022-10-26b. Disponible em: https://www150.statcan.gc.ca/t1/tbl1/fr/tv.action?pid=9810030801&request_locale=fr

STATISTIQUE CANADA. *Les étudiants étrangers deviennent une source croissante de main-d'œuvre après leurs études*, Date de modification : 2022-04-28

<https://www.statcan.gc.ca/o1/fr/plus/845-les-etudiants-etrangers-deviennent-une-source-croissante-de-main-doeuvre-apres-leurs>

STATISTIQUE CANADA. Diversité de la population noire au Canada : un aperçu. 2019. <https://www150.statcan.gc.ca/n1/fr/pub/89-657-x/89-657-x2019002-fra.pdf?st=npScjPij>

THE WORLD BANK. Dados. Senegal, Visão geral. Acesso em 20/02/2023. Disponible em: <https://data.worldbank.org/country/SN>

TV5 MONDE. L'Union européenne signe un partenariat migratoire, coûte que coûte, avec la Tunisie. 17 juillet 2023. Voir: <https://information.tv5monde.com/>

UNHCR. Sénégal: près de 45.000 personnes ont fui l'incertitude politique en Gambie. 20/1/2017. Acesso em 17/07/2022. Disponible em: <https://www.unhcr.org/fr/news/briefing/2017/1/5881ea47a/senegal-pres-45-000-personnes-fui-lincertitude-politique-gambie.html>.

USAID. L'USAID marque 60 ans de partenariat pour le développement avec le Sénégal à travers une série d'activités prévues tout au long de l'année 2021. Acesso em 20/10/2022. Disponible em: <https://www.usaid.gov/fr/senegal/press-release/usaid-celebrates-60-years-development-partnership-senegal-throughout-2021>.

UNION EUROPÉENNE. Le programme de La Haye : dix priorités pour les cinq prochaines années. [2005] ; 2009. Disponible em : <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/FR/TXT/?uri=LEGISSUM%3A116002>

UNION EUROPÉENNE. “Acordo de parceria entre os estados de África, das Caraíbas e do Pacífico e a Comunidade Europeia e os seus Estados-Membros assinado em Cotonou, em 23

de junho de 2000”. Documento 22000A1215(01), 2020. In: EUR-Lex - 22000A1215(01) - PT - EUR-Lex (europa.eu)

VAN DYK, Lindsay. Les lois canadiennes sur l’immigration. *Musée canadien de l’imigration du Quai 21*. 2019. Acesso em 10/11/2022. Disponível em : <<https://quai21.ca/recherche/histoire-d-immigration/les-lois-canadiennes-sur-l-immigration>>

VERDET, Coline. *Quelles avancées du projet de réforme de la politique migratoire européenne ?* EU-Logos Athéna A.S.B.L. 2022. Acesso em 16/07/2022. Disponível em: <<https://www.eu-logos.org/2022/07/15/quelles-avancees-du-projet-de-reforme-de-la-politique-migratoire-europeenne/>>

DOCUMENTOS AUDIOVISUAIS

Alain Foka Officiel. Black à Montréal - Partie 1: Qui sont-il? Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uaII3pWruWY>

Alain Foka Officiel. Black à Montréal - Partie 2: La ville étudiante. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q0Isexgevpc>

Alain Foka Officiel. Black à Montréal - Partie 3: Montréal à la sauce africaine. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=noKmuqWNRVw>

AL JAZEERA. Talk to Al Jazeera – Macky Sall: ‘It’s easy to condemn África’. 2013. Tradução nossa. Disponível em: <http://bit.ly/AJSubscribe>

ALAIN PASCAL KALY – Clube da História #2. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=6cXM6vtyR_o&t=1721s.

BBC NEWS AFRIQUE. Les tensions en Casamance ont un impact direct sur la Gambie. 13 juillet 2022. Disponível em: Casamance : la Gambie prise en étau dans le conflit entre les séparatistes et l'armée sénégalaise - YouTube

CASID/ACEDI ADMINISTRATION. Décolonisation et développement: une conversation avec Felwine Sarr. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/@casidacediadministration7338/streams>

CLUBE DA HISTÓRIA. Alain Pascal Kaly – Clube da História #2. Entrevista com o sociólogo Alain Pascal Kaly. Acesso em junho de 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6cXM6vtyR_o

COLLÈGE DE FRANCE. Migrations et Sociétés - François Héran (2018). 05/04/2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ka53qgPUoYE>

DOCUMENTAIRE : Rideau Rouge sur le naufrage du JOOLA – Partie 1. Disponível em : (DOCUMENTAIRE) Rideau Rouge sur le naufrage du JOOLA - Partie 1 - YouTube

DOCUMENTAIRE : Rideau Rouge sur le naufrage du JOOLA – Partie 2. Disponível em : (DOCUMENTAIRE) Rideau Rouge sur le naufrage du JOOLA - Partie 2 - YouTube

DOCUMENTAIRE : Françafrrique 1^{ère} partie: La raison d’Etat. Disponível em : Françafrrique La raison d'Etat - YouTube

ÉLYSÉE. Nouveau Sommet Afrique-France. Montpellier, 2021. Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=jc8RRhwmwK80&t=10521s>

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. Entrevista FPA – Paulo Illes. 09/09/2015. Disponível em <<https://fpabramo.org.br/tv-fpa/entrevista-fpa-paulo-illes/>> Acesso em 11/09/2015 e em 04/01/2022.

GUEYE, Omar. 1968, la révolte de l'université sénégalaise. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=l5SrJ1LKeOQ&list=RDCMUCTItQw_aTIIlt1i8ysgYMH3w&index=1

KUJAMAT TV. *Casamance*. Disponível em: <https://www.youtube.com/@kujamattv6617/videos>

LE GRAND RENDEZ-VOUS. Mohamed Lamine Manga historien. Disponível em: <https://www.youtube.com/@legrandrendez-vous6384/videos>

LE JOURNAL LE PAYS. Casamance: le professeur Victor Simuhemba Diatta, premier Secrétaire général et membre fondateur du Mouvement des Forces Démocratiques de la Casamance MFDC assassiné en 1948 en Casamance. 15 avril 2023. <https://www.journaldupays.com/>

LE MONDE. Au Sénégal, l'armée lance une opération militaire contre la rébellion casamançaise. 21 mars 2022. Sur <https://www.lemonde.fr/>

LE MONDE. La Casamance, combien de division? Publié le 09 mai 2012. Sur: https://www.lemonde.fr/afrique/article/2012/05/09/la-casamance-combien-de-divisions_1698518_3212.html

LE MONDE. M. Mamadou Dia, chef du gouvernement de Dakar dénit le plan quadriennal sénégalais. Publié le 17 mai 1961. Sur: https://www.lemonde.fr/archives/article/1961/05/17/m-mamadou-dia-chef-du-gouvernement-de-dakar-definit-le-plan-quadiennal-senegalais_2277354_1819218.html

LES MIGRANTS - "Hymne aux migrants" (clip vidéo). 2017. Sur: <https://www.youtube.com/watch?v=2vYjB4ao_Gw>

NEW WORLD TV. Senegal : Opérations de l'armée contre les rebelles en Casamance. Disponível em: SENEGAL : Opérations de l'armée contre les rebelles en Casamance - YouTube

PERREAU, Aurélia (Real.) & MABANCKOU, Alain. NOIRS en France. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fLE-pfX3a1g>

PET HISTÓRIA UFRRJ. DOS ARQUIVOS PARA A SALA DE AULA. O arroz e a organização social na sociedade joola da Basse Casamance (parte 2). Palestra de Dr. Jean

Baptiste Valter MANGA em 05/08/2022. Tradução de Alain Pascal Kaly. Tradução de Alain Pascal Kaly. Disponível em: Dos Arquivos Para a Sala de Aula - YouTube

PET HISTÓRIA UFRRJ. DOS ARQUIVOS PARA A SALA DE AULA. Os direitos costumeiros na África Ocidental à prova da “justiça moderna”: da colonização à atualidade. Palestra de Awa Yombe YADE em 29/07/2022. Tradução de Alain Pascal Kaly. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XSTzrSezark>

PROCESSUS DE RABAT en bref (2020). Dialogue Euro-Africain sur la Migration et le Développement. Disponível em : <https://www.rabat-process.org/fr/>

SAROLEA, Sylvie. Migrations: oser la circulation | Sylvie Sarolea | TEDxUCLouvain. TEDx Talks. Disponível em: <<https://www.ted.com/tedx>> Acesso em 02/08/2022.

SEMBENE, Ousmane. *Niaye*. Filmi DOOMIREEV. 1964. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=78LwWA36IWo>

SEMBENE, Ousmane. *La Noire de...* 1966. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rvy-9trb-rE&t=1047s>

SEMBENE, Ousmane. *Le Mandat*. Filmi DOOMIREEV. 1968. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oSmgi1nbFRg>

SEMBENE, Ousmane. *Guelwaar*. 1992. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x6hAeaXvIEA>

SEMBENE, Ousmane. *Camp de Thiaroye*. 1988. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ujajolp_7Ho

SEMBENE, Ousmane. *Mooladé*. Filmi DOOMIREEV. 2004. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DlzswbtXyE>

SENE NEWS. Législatives 2022: les résultats globaux de la Diaspora publiés. https://www.seneneews.com/actualites/legislatives-2022-les-resultats-globaux-de-la-diaspora-publies_412098.html

SYNAPSE TV: waaxtan avec Pr. Mamadou Diouf: quel leadership pour le développement de l'Afrique ? Acesso em 19/03/2023. Disponible à: <https://www.youtube.com/watch?v=kpEafLmuHjA>

TANDIAN, A. Migration sous régionale en Afrique - Dr Aly Tandian (1ère partie)⁷³⁴. 20/12/2019. Disponível em : <<https://www.youtube.com/watch?v=KZKstc2wL5w>>

TANDIAN, A. Migration sous régionale en Afrique - Dr Aly Tandian (2è partie). 20/12/2019. Disponível em : <<https://www.youtube.com/watch?v=vp81MhnbReM>>

TANDIAN, A. Migration sous régionale en Afrique - Dr Aly Tandian (3ème partie). 20/12/2019. Disponível em : <<https://www.youtube.com/watch?v=585T3G-mDJ0>>

TANDIAN, A. Migration sous régionale en Afrique - *Dr Aly Tandian (Q&R)*. 20/12/2019. Disponível em : <<https://www.youtube.com/watch?v=465wm5hXsxM>>

TIKEN JAH FAKOLY - Ouvrez les frontières ft. Soprano. 2014. Disponível em : <<https://www.youtube.com/watch?v=ui4eKnA2RIM>>

WARREN Jean-Philippe, LANGLOIS Simon. Le Québec comme société distincte. *L'ENCYCLOPÉDIE CANADIENNE*. Publié en ligne le 21 décembre 2020. Sur <<https://www.thecanadianencyclopedia.ca/fr/article/le-quebec-comme-societe-distincte>>

WENDEN, Catherine Wihtol de (1). La mondialisation des migrations. Fonte : TEDx Talks. Acesso em 19/03/2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dT8B8Epdwqk>

WENDEN, Catherine Wihtol de (2). «fermer les frontières est inefficace et coûteux». Acesso em 21/01/2022. *MEDIAPART*. Disponível em : <<https://www.youtube.com/watch?v=F7Hk4jjsr5k>>

WENDEN, Catherine Wihtol de (3). Les catégories de migrants. Djénéba EUDARIC. Acesso em 21/01/2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/@djenebaeudaric5339/videos>

WENDEN, Catherine Wihtol de (4). Migration et développement. Djénéba EUDARIC. Acesso em 21/01/2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/@djenebaeudaric5339/videos>

WENDEN, Catherine Wihtol de (5) - Les migrations au XXIe siècle - Les Experts du Dessous des cartes | ARTE. Acesso em 21/01/2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/@LeDessousdesCartesARTE/search?query=wenden>>

⁷³⁴ « Dec 20, 2019. No âmbito do seu encontro semanal, “Les invités du mercredi », Ejicom recebeu em 22 de maio de 2019, em parceria com a Fundação Heinrich Boll Senegal, o Doutor Aly Tandian, sociólogo, professor-pesquisador da Universidade Gaston Breger de Saint-Louis. Ele nos fala nos fala aqui das perspectivas a levar em conta para analisar com mais precisão as migrações sub-regionais e internas em África »

WENDEN, Catherine Wihtol de (6) - "Géopolitique des migrations". Comprendre le Monde S3#16 - avec Pascal Boniface. 2019. Acesso em 21/01/2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/@pascalboniface241/videos>>

YOUSSOU N'DOUR - Immigrés (Live in Athens 1987). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t975zX-pVIE>

ANEXOS

ANEXO 1 – MIGRAÇÃO, POLÍTICA, REMESSAS E FINANCIAMENTOS

1-A: ADESÃO DO BRASIL, CANADÁ E SENEGAL A INSTRUMENTOS JURÍDICOS DA ONU SOBRE MIGRAÇÕES

		Brazil	
<i>Indicator</i>		<i>1995</i>	<i>2005</i>
Population			
Total (<i>thousands</i>).....		161 376	186 405
Males (<i>thousands</i>).....		79 948	91 870
Females (<i>thousands</i>).....		81 428	94 535
Rate of growth per 1,000 population ^a		14.9	13.9
Rate of natural increase per 1,000 population ^a		15.0	14.1
International Migrant stock^b			
Total (<i>thousands</i>).....		730.5	641.5
Males (<i>thousands</i>).....		389.9	344.0
Females (<i>thousands</i>).....		340.6	297.4
Percentage of population.....		0.5	0.3
Refugees^c			
Total (<i>thousands</i>).....		2.1	3.4
Percentage of international migrant stock.....		0.3	0.5
Net migration^a			
Total (<i>thousands</i>).....		- 26.0	- 26.0
Rate per 1,000 population.....		- 0.2	- 0.1
Number per 100 births.....		- 0.7	- 0.7
Remittances^d			
Total (<i>millions of US dollars</i>).....		3 315.0	3 575.0
Percentage of gross domestic product.....		0.5	0.6
Per capita (<i>US dollars</i>).....		20.5	19.2
Government views and policies on international migration^e			
Immigration levels	View.....	Satisfactory	Satisfactory
	Policy.....	Maintain	Maintain
Emigration levels	View.....	Too high	Satisfactory
	Policy.....	No intervention	No intervention
States parties to United Nations legal instruments			
			<i>Year ratified</i>
1951	Convention relating to the Status of Refugees.....		1960
1967	Protocol relating to the Status of Refugees.....		1972
1949	ILO Convention concerning Migration for Employment (revised) (No.97).....		1965
1975	ILO Convention concerning Migration in Abusive Conditions and the Promotion of Equality of Opportunities and Treatment of Migrant Workers (No.143).....		Not ratified
1990	International Convention on the Protection of the Rights of All Migrant Workers and Members of their Families.....		Not ratified
2000	Protocol to Prevent, Suppress and Punish Trafficking in Persons, Especially Women and Children ^f		2004
2000	Protocol against the Smuggling of Migrants by Land, Sea and Air ^f		2004
Projected population in 2050 (UN medium variant)			
Total population (<i>thousands</i>).....		253 105	
Total population assuming zero migration after 2005 (<i>thousands</i>).....		254 678	

^a Estimates represent annual averages for 1995-2000 and 2000-2005.

^b Estimated number of persons born outside the country or area.

^c Estimates prepared by the United Nations Population Division based on data supplied by the United Nations High Commissioner for Refugees.

^d Based on data compiled by the World Bank. Data reported under 2005 refer to 2004.

^e Data reported under 1995 refer to 1996.

^f Supplementing the United Nations Convention against Transnational Organized Crime.

United Nations Department of Economic and Social Affairs/Population Division
International Migration Report 2006: A Global Assessment

Canada

<i>Indicator</i>	<i>1995</i>	<i>2005</i>
Population		
Total (<i>thousands</i>).....	29 302	32 268
Males (<i>thousands</i>).....	14 503	15 994
Females (<i>thousands</i>).....	14 799	16 275
Rate of growth per 1,000 population ^a	9.3	10.0
Rate of natural increase per 1,000 population ^a	4.4	3.4
International Migrant stock^b		
Total (<i>thousands</i>).....	5 003.5	6 105.7
Males (<i>thousands</i>).....	2 429.0	2 932.4
Females (<i>thousands</i>).....	2 574.5	3 173.3
Percentage of population.....	17.1	18.9
Refugees^c		
Total (<i>thousands</i>).....	157.7	145.7
Percentage of international migrant stock.....	3.2	2.4
Net migration^a		
Total (<i>thousands</i>).....	146.5	209.9
Rate per 1,000 population.....	4.9	6.7
Number per 100 births.....	42.1	63.2
Remittances^d		
Total (<i>millions of US dollars</i>).....
Percentage of gross domestic product.....
Per capita (<i>US dollars</i>).....
Government views and policies on international migration^e		
Immigration levels View.....	Satisfactory	Too low
Policy.....	Lower	Raise
Emigration levels View.....	Satisfactory	Satisfactory
Policy.....	No intervention	No intervention
States parties to United Nations legal instruments		
		<i>Year ratified</i>
1951 Convention relating to the Status of Refugees.....		1969
1967 Protocol relating to the Status of Refugees.....		1969
1949 ILO Convention concerning Migration for Employment (revised) (No.97).....		Not ratified
1975 ILO Convention concerning Migration in Abusive Conditions and the Promotion of Equality of Opportunities and Treatment of Migrant Workers (No.143).....		Not ratified
1990 International Convention on the Protection of the Rights of All Migrant Workers and Members of their Families.....		Not ratified
2000 Protocol to Prevent, Suppress and Punish Trafficking in Persons, Especially Women and Children ^f		2002
2000 Protocol against the Smuggling of Migrants by Land, Sea and Air ^f		2002
Projected population in 2050 (UN medium variant)		
Total population (<i>thousands</i>).....		42 844
Total population assuming zero migration after 2005 (<i>thousands</i>).....		30 772

^a Estimates represent annual averages for 1995-2000 and 2000-2005.

^b Estimated number of persons born outside the country or area.

^c Estimates prepared by the United Nations Population Division based on data supplied by the United Nations High Commissioner for Refugees.

^d Based on data compiled by the World Bank. Data reported under 2005 refer to 2004.

^e Data reported under 1995 refer to 1996.

^f Supplementing the United Nations Convention against Transnational Organized Crime.

Senegal

Indicator	1995	2005	
Population			
Total (<i>thousands</i>).....	9 120	11 658	
Males (<i>thousands</i>).....	4 482	5 734	
Females (<i>thousands</i>).....	4 637	5 924	
Rate of growth per 1,000 population ^a	25.2	23.9	
Rate of natural increase per 1,000 population ^a	27.2	25.7	
International Migrant stock^b			
Total (<i>thousands</i>).....	319.7	325.9	
Males (<i>thousands</i>).....	191.1	194.8	
Females (<i>thousands</i>).....	128.6	131.1	
Percentage of population.....	3.5	2.8	
Refugees^c			
Total (<i>thousands</i>).....	69.9	20.8	
Percentage of international migrant stock.....	21.9	6.4	
Net migration^a			
Total (<i>thousands</i>).....	- 20.0	- 20.0	
Rate per 1,000 population.....	- 2.1	- 1.8	
Number per 100 births.....	- 5.2	- 4.9	
Remittances^d			
Total (<i>millions of US dollars</i>).....	146.0	511.0	
Percentage of gross domestic product.....	3.3	6.7	
Per capita (<i>US dollars</i>).....	16.0	43.8	
Government views and policies on international migration^e			
Immigration levels	View.....	Satisfactory	Satisfactory
	Policy.....	No intervention	No intervention
Emigration levels	View.....	Satisfactory	Satisfactory
	Policy.....	No intervention	No intervention
States parties to United Nations legal instruments			
		Year ratified	
1951	Convention relating to the Status of Refugees.....	1963	
1967	Protocol relating to the Status of Refugees.....	1967	
1949	ILO Convention concerning Migration for Employment (revised) (No.97).....	Not ratified	
1975	ILO Convention concerning Migration in Abusive Conditions and the Promotion of Equality of Opportunities and Treatment of Migrant Workers (No.143).....	Not ratified	
1990	International Convention on the Protection of the Rights of All Migrant Workers and Members of their Families.....	1999	
2000	Protocol to Prevent, Suppress and Punish Trafficking in Persons, Especially Women and Children ^f	2003	
2000	Protocol against the Smuggling of Migrants by Land, Sea and Air ^g	2003	
Projected population in 2050 (UN medium variant)			
Total population (<i>thousands</i>).....		23 108	
Total population assuming zero migration after 2005 (<i>thousands</i>).....		23 930	

^a Estimates represent annual averages for 1995-2000 and 2000-2005.

^b Estimated number of persons born outside the country or area.

^c Estimates prepared by the United Nations Population Division based on data supplied by the United Nations High Commissioner for Refugees.

^d Based on data compiled by the World Bank. Data reported under 2005 refer to 2004.

^e Data reported under 1995 refer to 1996.

^f Supplementing the United Nations Convention against Transnational Organized Crime.

1-B.1: INSTRUMENTS JURIDIQUES ADOPTÉS PAR LE SÉNÉGAL

Instruments Juridiques	Date d'adoption ou de signature	Éléments fondamentaux
ACCORDS BILATÉRAUX		
Accords conclus avec le Gabon	1979	Mise à disposition d'expertise dans le domaine de l'éducation
Accord de sécurité sociale entre la France et le Sénégal	29 Mars 1974	Protocoles sur l'assurance médicale et la pension vieillesse
Accords conclus avec l'Espagne	Signé le 15 Février 2007	Coopération pour la formation, la sélection et le recrutement de travailleurs sénégalais par les employeurs espagnols
Accord de gestion concertée sur les flux migratoires entre la France et le Sénégal	Signé en Septembre 2006	Différents aspects afférents à la migration notamment la réadmission des migrants irréguliers
Accord de co-développement entre le Sénégal et la France	Conclu en 2000	Réinsertion des sénégalais établis en France voulant rentrer au pays
Convention de financement entre l'Italie et le Sénégal	Signée le 05 Août 2009	Promouvoir le développement du secteur privé et la valorisation du potentiel économique de la diaspora sénégalaise vivant en Italie
Accord conclu avec le gouvernement haïtien	2010	Accueil d'un certain nombre de ressortissants haïtiens au Sénégal dans le but de faciliter la poursuite de leurs études universitaires
LÉGISLATION NATIONALE		
L'article 25 de la Constitution	2001	Droit de travailler et de prétendre à un emploi accordé à toutes les personnes résidant au Sénégal
L'article 8 de la Constitution	2001	Libertés individuelles fondamentales de tous les citoyens, notamment la liberté de déplacement
L'article 14 de la Constitution	2001	« Le droit de se déplacer et de s'établir librement aussi bien sur toute l'étendue du territoire national qu'à l'étranger » pour les citoyens
Loi N°71-71 et son Décret d'application N°71-860	Janvier 1971	Conditions d'entrée, de séjour et d'établissement des étrangers au Sénégal
Loi N°2005-02	2005	Criminalisation des migrations clandestines au départ ou à destination du Sénégal ou transitant par ce pays
Nouveau Code du travail	1997	Prohibition de toutes formes de discrimination et non distinction entre le travailleur sénégalais et le travailleur déplacé (migrant)

Fonte: ANSD (2013, p. 45-46). Recorte nosso

1-B.2: HISTÓRICO DAS INSTITUIÇÕES MINISTERIAIS ENCARGADAS DA DIÁSPORA - SENEGAL

Historique des institutions ministérielles chargées de la diaspora

	Nom du titulaire	Dénomination	Date ou décret de nomination
1	Fambaye Fall Diop	Ministre délégué chargé des émigrés	Décret n° 84-1151 du 9 octobre 1984
2	Fatou Ndongo Dieng	Ministre délégué auprès du président de la république chargé des émigrés	Décret n° 88-561 du 5 Avril 1988
3	Mme Mata Sy Diallo	Ministre délégué auprès du président de la république chargé des émigrés Ministre délégué auprès du 1 ^{er} ministre, chargé des émigrés	Décret n°90-332 du 27 mars 1990
4	Moustapha Niasse	Ministre d'Etat, Ministre des Affaires Etrangères et des Sénégalais de l'Extérieur	02 juin 1993
5	Jacques Baudin	Ministre d'Etat Ministre des Affaires Etrangères et des Sénégalais de l'Extérieur	04 juillet 1998
6	Cheikh Tidiane Gadio	Ministre d'Etat Ministre des Affaires Affaires étrangères et Sénégalais de l'extérieur	03 avril 2000
7	Abdou Malal DIOP	Ministre des Sénégalais de l'Extérieur	25 août 2003
8	Oumar Khassimou DIA		Décret n° 2007-300 du 27 février 2007
9	Aminata LO	Ministre des Sénégalais de l'Extérieur	Décret n° 2007-828 du 19 juin 2007
10	Sada NDIAYE		Décret n° 2009-1381 du 03 décembre 2009

Source: FALL, Papa Demba. Diaspora et développement durable au Sénégal : un état des lieux de la politique gouvernementale de 2000 à nos jours. ADPC. 2010, p. 80.

1-C: RELAÇÕES BRASIL-SENEGAL

www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/relacoes-bilaterais/todos-os-paises/republica-do-senegal

gov.br | Órgãos do Governo | Acesso à Informação | Legislação | Acessibilidade | PT | Olá, KASSOUM

Ministério das Relações Exteriores | O que você procura?

Assuntos > Relações Bilaterais > Todos os países > República do Senegal

República do Senegal

Publicado em 09/07/2014 22h05 | Atualizado em 03/11/2022 17h04 | Compartilhe



A importância das relações bilaterais para o relacionamento do Brasil com o continente africano é demonstrada pela presença de representação brasileira em solo senegalês já no século XIX (Consulado em Dacar). Pouco após a independência do Senegal (1960), foi criada a Embaixada do Brasil em Dacar – a primeira Embaixada brasileira na África subsaariana. A Embaixada do Senegal no Brasil foi inaugurada em 1963. As relações têm se fortalecido na última década. Houve reuniões presidenciais no Rio de Janeiro, por ocasião da Conferência Rio-20 (2012), e na III Cúpula da América do Sul–África (Malabo, 2013), e uma série de visitas de Ministros das Relações Exteriores de parte a parte (em 2012, 2013 e 2015).

Em março de 2018, o Primeiro-Ministro senegalês veio ao Brasil, acompanhado do Ministro dos Negócios Estrangeiros, para representar seu país no 8º Fórum Mundial da Água, em Brasília. Nessa ocasião, reuniu-se com o Presidente brasileiro. O Senegal sediará o próximo Fórum Mundial da Água, em 2021.

A cooperação técnica tem sido um dos eixos centrais no relacionamento bilateral. Brasil e Senegal têm parcerias em projetos que abrangem áreas como horticultura, pecuária leiteira, produção de arroz, cultivo da mandioca, agricultura familiar, biocombustíveis e combate à anemia falciforme.

O rescalonamento da dívida com o Brasil, concluído em 2013, habilita empresas brasileiras interessadas em atuar ou exportar para o Senegal a pleitear financiamentos à exportação. Abrem-se, com isso, novas perspectivas para a intensificação de intercâmbios bilaterais.

Cronologia das relações bilaterais

- 2019 – Viagem do Ministro das Relações Exteriores Ernesto Araujo ao Senegal (9 de dezembro)
- 2018 – Durante o 8º Fórum Mundial da Água, o Primeiro Ministro Mahammed Dionne e o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Sidiki Kaba, visitam o Brasil e reúnem-se com o Presidente Michel Temer
- 2015 – Viagem do Ministro das Relações Exteriores Mauro Vieira a Dacar. Na ocasião, abriu os trabalhos do I Fórum Empresarial Brasil-Senegal
- 2013 – Realização da VIII Comissão Mista Brasil-Senegal
- 2013 – Visita do Ministro dos Negócios Estrangeiros e dos Senegaleses no Exterior Mankeur Ndiaye ao Brasil
- 2013 – A Presidente Dilma Rousseff encontra-se com o Presidente Macky Sall à margem da III Cúpula América do Sul–África (ASA)
- 2012 – Visita do Ministro das Relações Exteriores, Antonio de Aguiar Patriota, ao Senegal (Dacar, 30 de agosto)
- 2012 – O Presidente Macky Sall visita o Brasil para participar da Rio+20 e reúne-se com a Presidente Dilma Rousseff
- 2010 – Realização da VII Comissão Mista Brasil-Senegal; visita do Ministro dos Negócios Estrangeiros do Senegal, Madické Niang, ao Brasil; visita do Ministro das Forças Armadas do Senegal, Abdoulaye Baldé
- 2009 – Visita do Presidente Wade ao Brasil; visita ao Brasil do Ministro da Cultura senegalês; visita do Ministro da Cultura Juca Ferreira a Dacar; O Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Miguel Jorge, liderou missão empresarial para o Senegal
- 2008 – Encontro bilateral dos Presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Abdoulaye Wade, à margem da 63ª Assembleia Geral das Nações Unidas
- 2007 – Visita ao Brasil do Presidente Abdoulaye Wade
- 2006 – O Presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o Presidente Abdoulaye Wade reúnem-se em Salvador por ocasião da II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora, a Ministra Matilde Ribeiro, da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (ISEPP/IR), visita Dacar
- 2005 – O Chanceler Cheikh Gadio visita o Brasil; o Ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, visita Dacar; o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva visita Dacar
- 2004 – O Brasil participa da I Conferência de intelectuais da África e da Diáspora (CIAD), em Dacar
- 2003 – Visita ao Brasil do Ministro do Urbanismo e da Administração Territorial
- 2001 – Reabertura da Embaixada do Senegal em Brasília
- 1995 – Senegal fecha Embaixada em Brasília
- 1972 – Visita ao Senegal do Ministro das Relações Exteriores, Mario Gibson Barboza
- 1970 – Senegal transfere Embaixada para Brasília
- 1963 – Senegal instala Embaixada no Rio de Janeiro
- 1961 – Brasil abre Embaixada em Dacar, um ano após a independência do Senegal
- 1911 – O Consulado Honorário em Dacar é transformado em Consulado de Carneira

Século XIX – Brasil estabelece Consulado Honorário em Dacar

« Anterior | Próximo »

Compartilhe: f t e

Fonte: MRE, 03/11/2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/relacoes-bilaterais/todos-os-paises/republica-do-senegal>>
Acesso em 17/11/2022.

1-D: RELAÇÕES CANADÁ-SENEGAL

- Le Canada et le Sénégal ont établi des relations diplomatiques en 1962, à la suite de l'indépendance du Sénégal en 1960.
- Le Canada et le Sénégal travaillent en étroite collaboration afin de promouvoir la paix et la sécurité régionales.
- Les relations entre les deux pays contribuent également à la croissance économique et commerciale dans des secteurs clés : éducation, mines, pétroles et gaz, énergies propres, sécurité et numérique.
- L'Ambassade du Canada à Dakar assure la représentation du pays au Sénégal.
- L'Ambassade du Sénégal à Ottawa assure la représentation du pays au Canada. Des Consuls honoraires sont aussi en poste à Toronto, Montréal, Québec, Winnipeg (Saint-Boniface), et Vancouver.

❖ Étudiants du Sénégal au Canada

- En date du 30 mars 2021, il y avait 4.803 étudiants sénégalais au Canada.

❖ Relations commerciales

- En 2021, les échanges commerciaux entre le Canada et le Sénégal s'établissaient à 184,1 M\$, dont 179,2 M\$ d'exportations et 4,9 \$ d'importations en provenance du Sénégal. Les relations commerciales entre le Canada et le Sénégal offrent un potentiel intéressant de croissance, notamment dans les secteurs miniers, de l'agriculture, du pétrole, du gaz, des énergies propres et du numérique. Les principaux secteurs industriels du pays sont les produits agricoles et maritimes, l'exploitation du phosphate, le raffinage du pétrole et les matériaux de construction. Les compagnies canadiennes occupent une place stratégique dans différents secteurs, notamment le secteur aurifère. Il y a des entreprises minières canadiennes actives au Sénégal.

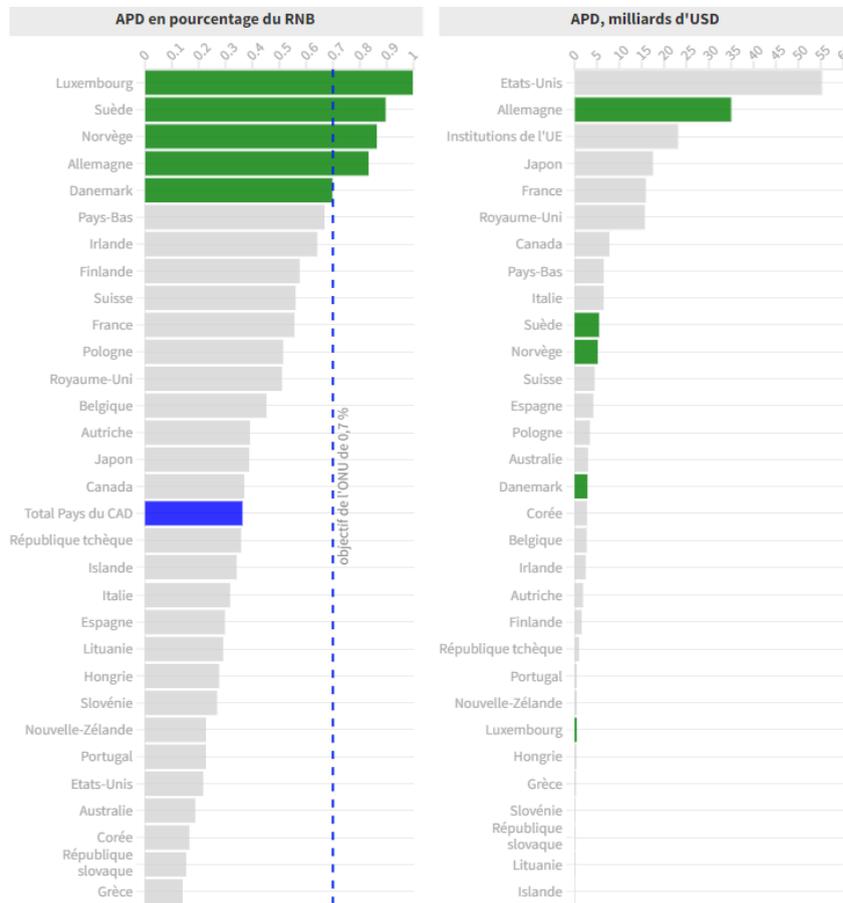
Source: Gouvernement du Canada.

Voir: <https://www.international.gc.ca/country-pays/senegal/relations.aspx?lang=fra>

1-E.1: AJUDA PÚBLICA AO DESENVOLVIMENTO (APD) EM 2022, EM PORCENTAGEM DA RNB E EM MILHARES DE USD PELOS MEMBROS DO COMITÊ DE AJUDA AO DESENVOLVIMENTO (DADOS PRELIMINARES)

L'aide internationale en hausse, tirée par les coûts des réfugiés dans les pays donneurs et le soutien à l'Ukraine

Aide publique au développement (APD) en 2022, par les membres du Comité d'aide au développement (données préliminaires)



Source des données : Flux totaux par donneur [CAD1]
 Notes : Les barres vertes représentent les fournisseurs qui ont atteint ou dépassé l'objectif des Nations unies de 0,7 % d'APD/RNB en 2022. (Graphique de gauche) : APD en équivalent-don par les membres du Comité d'aide au développement (CAD) de l'OCDE en pourcentage du revenu national brut (RNB). (Graphique de droite) : APD en équivalent-don par les membres du Comité d'aide au développement (CAD) de l'OCDE.



Made with Flourish

L'aide au développement délivrée par les donateurs publics a atteint un niveau sans précédent de 204 milliards USD en 2022 contre 186 milliards USD enregistrés en 2021, les pays développés ayant consacré davantage de dépenses à l'aide à l'Ukraine ainsi qu'au traitement et à l'accueil des réfugiés.

Cette hausse tient en premier lieu à une vive augmentation des dépenses consacrées au traitement et à l'accueil des réfugiés au sein des pays donateurs, qui se montent à 29.3 milliards USD, soit 14.4 % de l'APD, contre 12.8 milliards USD en 2021. Si l'on exclut ces coûts, en 2022, l'APD a tout de même augmenté de 4.6 % en termes réels par rapport à 2021.

Un autre facteur qui explique la hausse enregistrée en 2022 est l'essor de l'aide fournie à l'Ukraine à la suite de son invasion par la Russie et de la guerre d'agression que cette dernière y mène actuellement. L'APD destinée à l'Ukraine en 2022 s'est chiffrée à 16.1 milliards USD – contre à peine 918 millions USD en 2021 –, dont 1.8 milliard USD d'aide humanitaire.

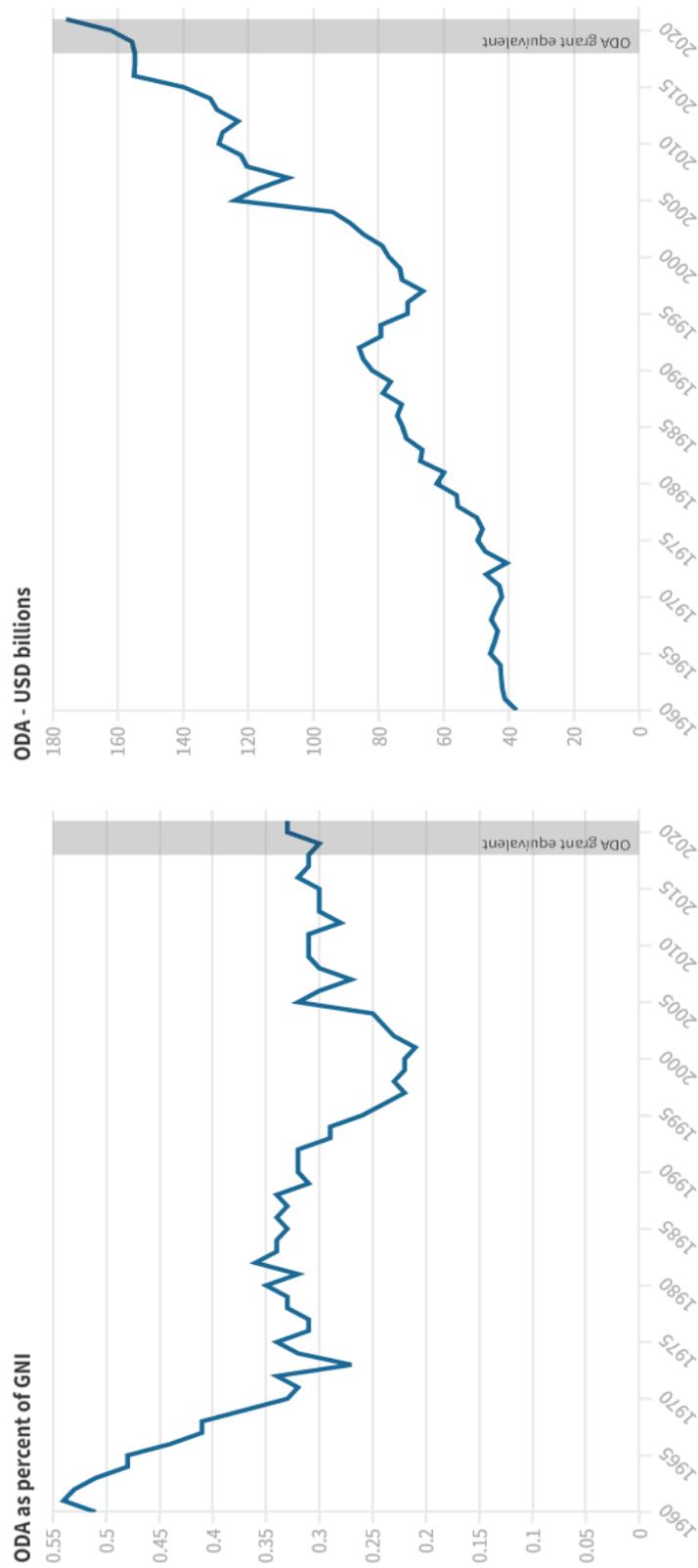
Le total de l'APD de 2022 est équivalent à 0.36 % du revenu national brut (RNB) cumulé des donateurs du CAD. En 2022, cinq membres du CAD – Allemagne, Danemark, Luxembourg, Norvège et Suède – atteignaient ou dépassaient l'objectif de 0.7 %.

L'APD a augmenté dans 26 pays du CAD en 2022, hausse qui, dans de nombreux cas, est due à un accroissement des dépenses destinées à couvrir le coût des réfugiés dans les pays donateurs, et a diminué dans quatre pays. Les plus fortes hausses ont été enregistrées par la Pologne (+255.6 %), la République tchèque (+167.1 %), l'Irlande (+125.1 %), la Lituanie (+121.6 %), la Slovaquie (+48.7 %) et l'Autriche (+36.2 %).

- > Communiqué de presse
- > Statistiques détaillées de l'APD en 2022

> Explorer les dernières tendances APD (en anglais)

1-E.2: OFFICIAL DEVELOPMENT ASSISTANCE (ODA) AT ITS HIGHEST LEVEL EVER

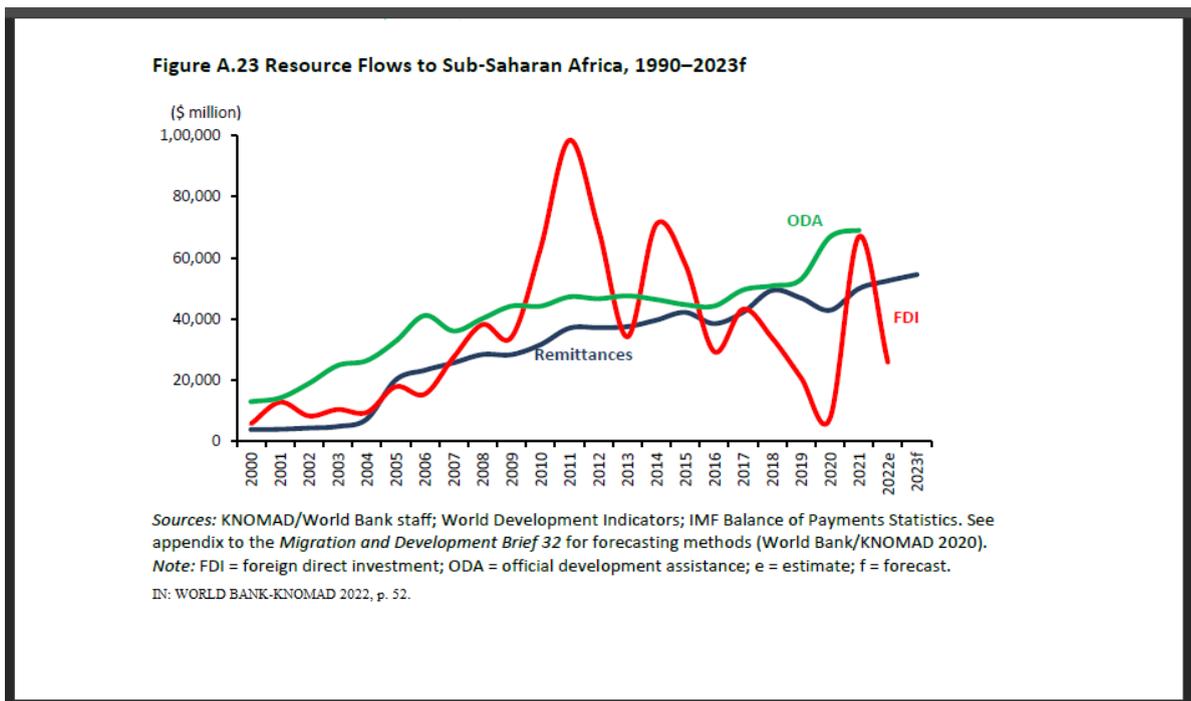


Data Source: [OECD.DAC.Table1 - Total official and private flows](#)
 (Left-hand chart): ODA on flows and grant equivalent measures by members of OECD Development Assistance Committee (DAC) as percent of gross national income (GNI). (Right-hand chart): ODA on flows and grant equivalent measures by members of OECD Development Assistance Committee (DAC).
In: <https://public.flourish.studio/story/1759356/>

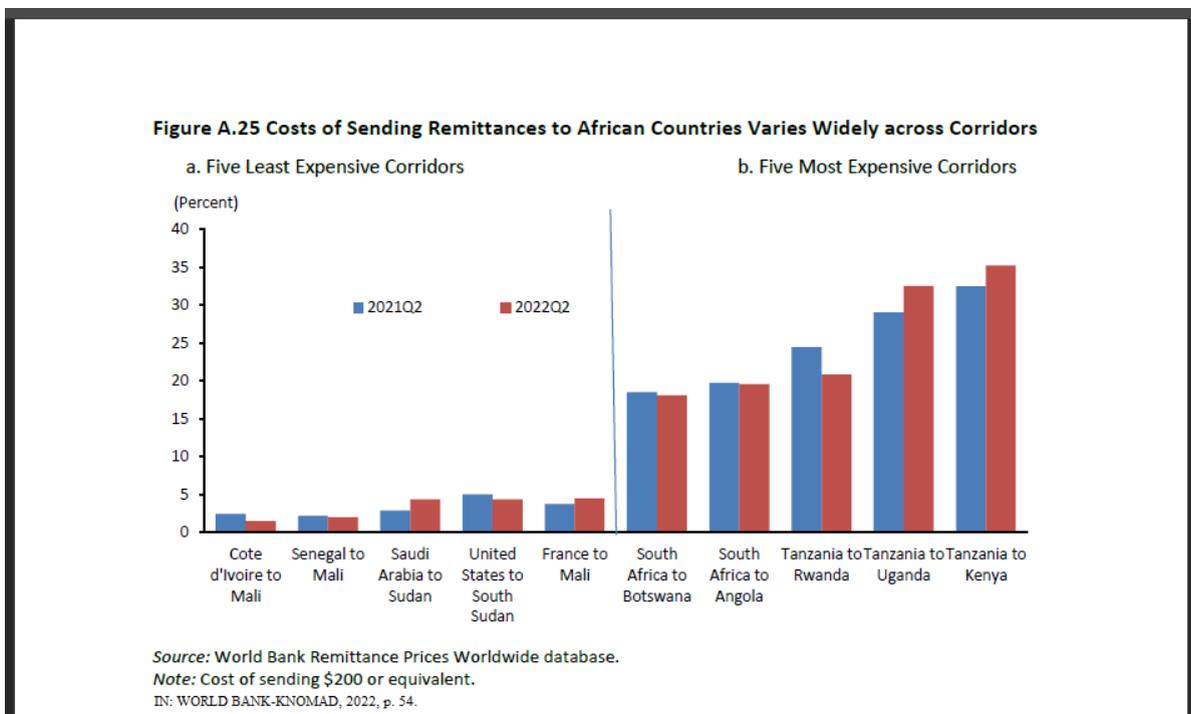
TEMPLATE CREDITS

Line, bar and pie charts; Sankey diagram; Hierarchy by Flourish team

1-E.3: FLUXOS DE RECURSOS PARA A ÁFRICA SULSAARIANA 1990-2023



1-E.4: CUSTOS DO ENVIO DE REMESSAS PARA PAÍSES AFRICANOS



1-F: CRITÉRIOS DE FINANCIAMENTO A PROJETOS DE SENEGALESES NO EXTERIOR

**MINISTÈRE DES AFFAIRES ÉTRANGÈRES ET DES
SENEGALAIS DE L'ÉTRÉRIEUR**

**FONDS D'APPUI A L'INVESTISSEMENT DES
SENEGALAIS DE L'ÉTRÉRIEUR (FAISE)**

Fiche de renseignement sur les critères d'éligibilité

La présente fiche a pour objet de renseigner les sénégalais expatriés désireux d'investir au Sénégal sur les critères requis pour le financement de leurs projets.

1. Critères relatifs au projet

- localisation du projet au Sénégal (les régions sont favorisées) ;
- secteur d'activités : agriculture et agrobusiness, technologie de l'information et de la communication, tourisme - industrie culturelle et artisanat d'art, textile et confection, produits de la mer et aquaculture (transport, immobilier et commerce non éligibles) ;
- nombre d'emploi créé (surtout chez les jeunes et les femmes) ;
- viabilité économique du projet ;
- impact socio-économique du projet sur le plan local (l'apport du projet aux populations) ;
- Financement plafonné 15 000 000 FCFA
- Taux d'intérêt = 6%
- Durée de remboursement = 5 ans
- Différé = 6 mois

2. Critères relatifs au promoteur

- être Sénégalais de l'Étranger (carte consulaire ou tout autre document prouvant le séjour à l'étranger) ;
- compétences et expériences dans le domaine d'investissement (CV du ou des promoteurs) ;
- engagement du promoteur (apport personnel 10%) ;
- Calcul du Taux de Rentabilité Interne du projet.
- Calcul la Valeur Actuel Net (VAN)
- Délai de Récupération du Capital
- Elaborer un dossier comprenant * Etude de faisabilité du projet en quatre (04) exemplaires,
- une demande de financement adressée au Ministre des Affaires Étrangères et des Sénégalais de l'Étranger.

Fonte: FAISE. Disponível em: <http://faise.sn/> Consultado em 16/07/2021

O documento original contém 3 páginas. Foi usada apenas a parte referente ao projeto e ao solicitante.

1-G: FINANCIAMENTO DA MULHERES DA DIÁSPORA. CRITÉRIOS DE ELEGIBILIDADE

MINISTERE DES AFFAIRES ETRANGERES ET DES SENEGALAIS DE L'EXTERIEUR

FONDS D'APPUI A L'INVESTISSEMENT DES SENEGALAIS DE L'EXTERIEUR

FINANCEMENT DES FEMMES DE LA DIASPORA

Dans le souci de renforcer l'entreprenariat des femmes de la Diaspora dans leurs pays d'accueil, le Président de la République a mis en place un Fonds spécial, dédié à la valorisation de leurs activités sur place.

Ce Fond ne répond pas aux critères de sélection et de financement du FAISE.

Pour bénéficier du financement des femmes de la diaspora

Il faut soumettre un projet d'investissement réaliste et viable économiquement au niveau de la Représentation Diplomatique ou Consulaire, en rapport avec l'Administration du FAISE, procède à la sélection finale des projets à financer.

Les modalités de remboursement du crédit sont définies dans un contrat d'engagement ou convention de prêt qui devra être approuvé(e) et signé(e) par chaque bénéficiaire avant la mise à disposition des fonds.

CRITERES D'ELIGIBILITE

- Carte d'Identité Nationale et Carte Consulaire
- Contrat d'engagement de remboursement
- Descriptif impact direct du financement sur les activités courantes du business
- Descriptif impact socioéconomique du projet pour le Sénégal (Transferts, importations de produits du Sénégal)
- Capacité de remboursement
- Secteur d'activités innovantes
- Implantation géographique du business

CANEVAS DES PROJETS

- Nom du responsable, Adresse et Identité
- Liste des membres du groupe (si c'est un projet en groupe) avec adresse et identités
- Patrimoine actuel.

INFORMATIONS RELATIVES AU BUSINESS

- Présentation du business (historique, les atouts et points forts du business)
- Secteur d'activité, date de création, réalisation, atouts, problèmes rencontrés, capacité de remboursement, impact que le financement aura sur le projet.
- Montant sollicité
- Formulaire de requête de financement

MODALITE DE MISE EN ŒUVRE DU PRET

- La mise à disposition des fonds se fait dès signature de la convention de prêt par les parties en présence,
- Le différé de paiement est de 2 à 3 mois
- La durée de remboursement du prêt est de 12 à 18 mois.
- Le taux d'intérêt est de 0 %,

Fonte: FAISE. Disponível em: <http://faise.sn/> Consultado em 16/07/2021
O documento original contém 2 páginas. Foi excluída a ficha de avaliação.

1-H: REPRESENTAÇÃO DOS MIGRANTES NAS INSTITUIÇÕES PARLAMENTARES E CONSULTATIVAS**Représentation des migrants dans les institutions parlementaires et consultatives****Sénat (4)**

[Composition : 100 membres, dont 35 élus au suffrage indirect dans les départements et 65 autres choisis par le président de la République]

M. Mass THIAM (Pise/Italie)
Mme Awa GUEYE THIAM (Gambie)
Mme Aissatou THIAM (Côte d'Ivoire)
Mme Hawa KANE (France)

Assemblée nationale (1)

[Composition : 150 députés élus au suffrage universel direct pour une durée de cinq ans]

M. Abdoulaye Ciré SALL (France)

Conseil économique et social (2)

[Composition : un Président et 80 membres nommés par décret présidentiel]

Mme Thialal SABARA (Etats Unis d'Amérique)
Mme Fatou BADJI (France)

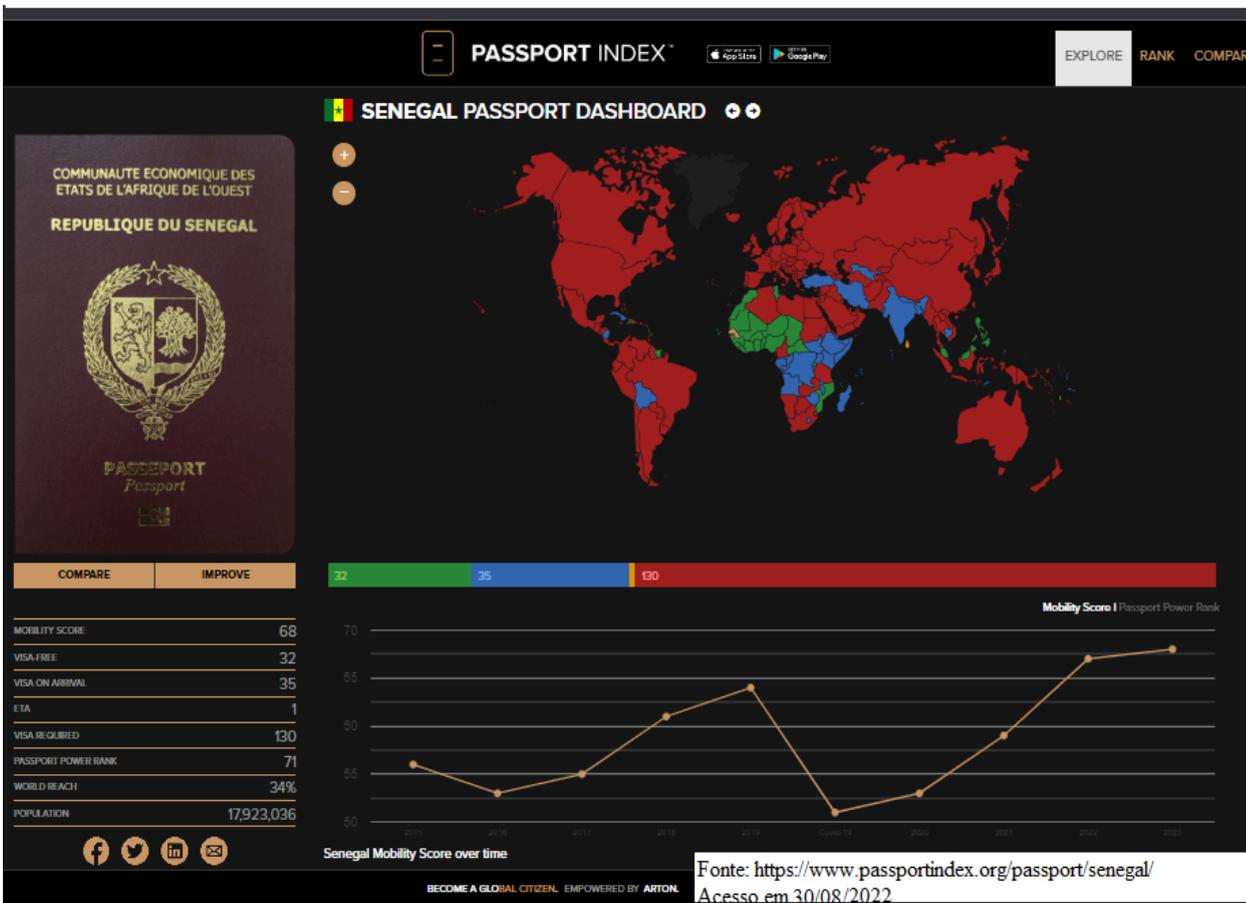
Conseil supérieur des Sénégalais de l'extérieur

[Composition : 75 délégués nommés par décret présidentiel]

Source : FALL, Papa Demba. Diaspora et développement durable au Sénégal : un état des lieux de la politique gouvernementale de 2000 à nos jours. ADPC. 2010, p. 83

ANEXO 2 - GRAU DE MOBILIDADE NO MUNDO

2.A - Grau de mobilidade dos Senegaleses no mundo



2.B – Comparação do grau de mobilidade segundo o país: alguns destinos importantes da emigração senegalesa

Comparer des passeports

Sélectionnez les passeports et comparez-les côte-à-côte.

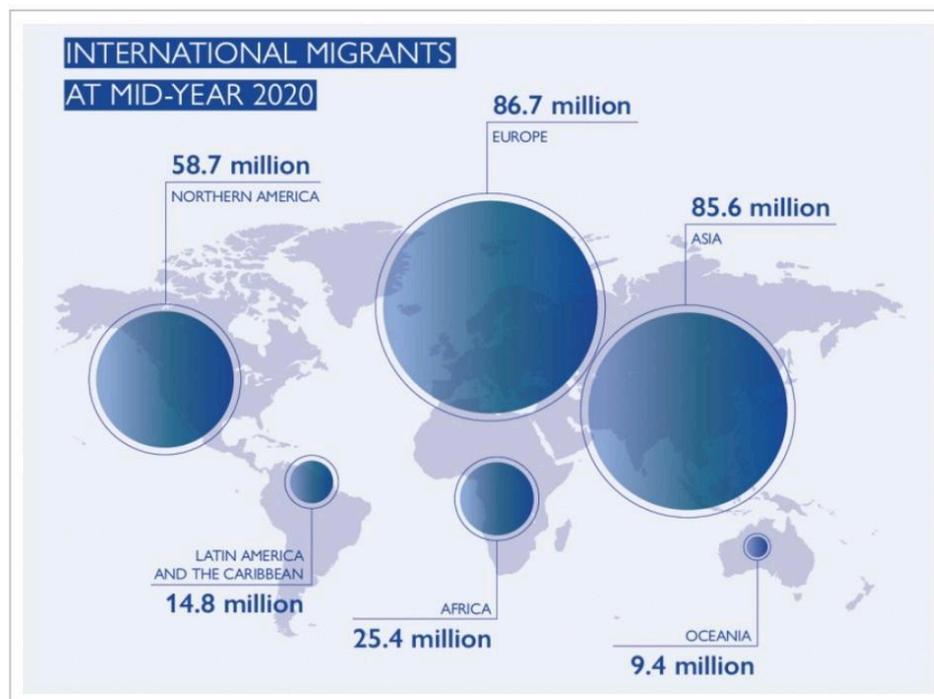
	Sénégal (66)	Brazil (160)	Canada (167)	France (170)	Italie (170)
Sri Lanka	eTA/30 days	eTA/30 days	eTA/30 days	eTA/30 days	eTA/30 days
Saint-Vincent-et-les-Grenadines	visa-free/30 days	visa-free/30 days	visa-free/30 days	visa-free/90 days	visa-free/90 days
Soudan	visa required	visa required	visa required	visa required	visa required
Suriname	eVisa	visa-free/180 days	eTourist card/90 days	eTourist card/90 days	eTourist card/90 days
Suède	visa required	visa-free/90 days	visa-free/90 days	visa-free	visa-free
Suisse	visa required	visa-free/90 days	visa-free/90 days	visa-free	visa-free
Syrie	visa required	visa required	visa required	visa required	visa required
Taiwan	COVID-19 ban	COVID-19 ban	COVID-19 ban	COVID-19 ban	COVID-19 ban
Tadjikistan	eVisa	visa on arrival / eVisa/45 days	visa-free/30 days	visa-free/30 days	visa-free/30 days
Tanzanie	eVisa	visa on arrival / eVisa	visa on arrival / eVisa	visa on arrival / eVisa	visa on arrival / eVisa

Fonte: <https://www.passportindex.org/fr/comparerbyPassport.php?p1=sn&p2=br&p3=ca&p4=fr&p5=it> Grifo nosso. Acesso em 30/08/2022.

ANEXO 3 – DADOS SOBRE MIGRAÇÃO INTERNACIONAL (1990-2020)

3.A-1 – REPARTIÇÃO, POR CONTINENTE, DOS 280,6 MILHÕES DE MIGRANTES INTERNACIONAIS (MEIO DO ANO) 2020

Migrants | Nations Unies



Migrants internationaux au milieu de l'année 2020

281 millions de migrants internationaux dans le monde :
15% ont moins de 20 ans, 73% sont en âge de travailler, 12% ont 65 ans et plus.

58,7 millions en Amérique du Nord - **86,7 millions** en Europe
85,6 millions en Asie - **14,8 millions** en Amérique latine et dans les Caraïbes
25,4 millions en Afrique - **9,4 millions** en Océanie

Les statistiques sur les migrants internationaux sont des estimations du nombre total de migrants internationaux présents dans un pays donné à un moment donné.

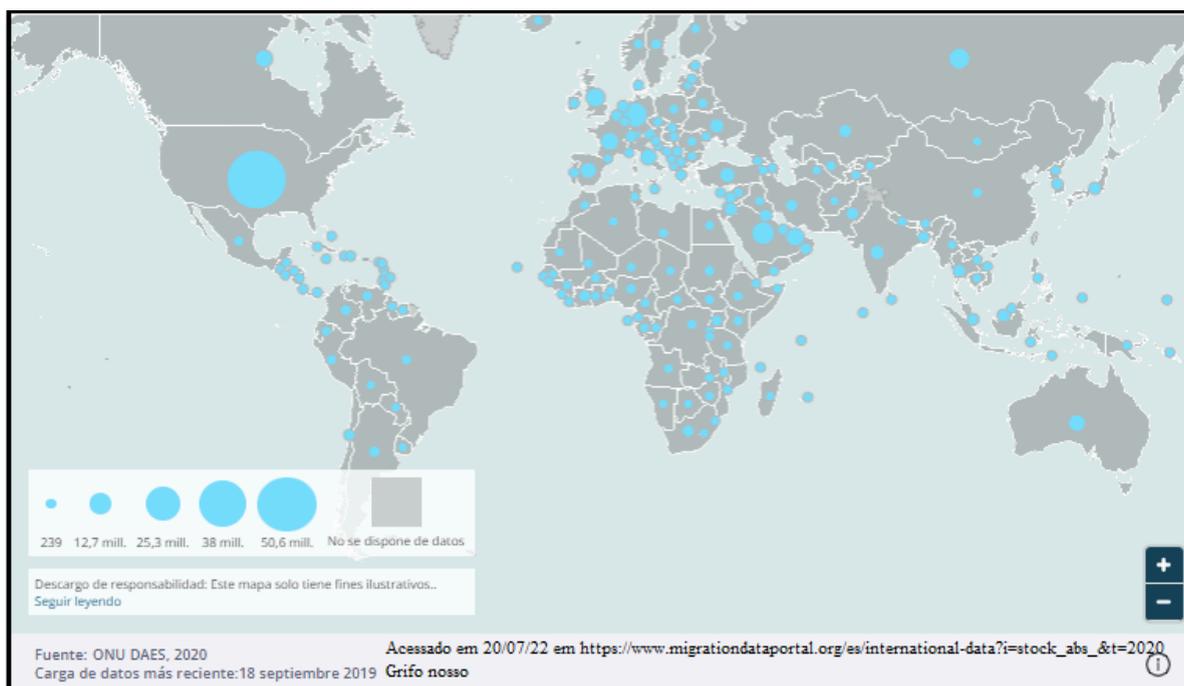
[Source - OIM »](#)

Définition d'un « migrant »

Selon l'Organisation internationale pour les migrations, ce terme désigne toute personne qui quitte son lieu de résidence habituelle pour s'établir à titre temporaire ou permanent et pour diverses raisons, soit dans une autre région à l'intérieur d'un même pays, soit dans un autre pays, franchissant ainsi une frontière internationale, indépendamment :

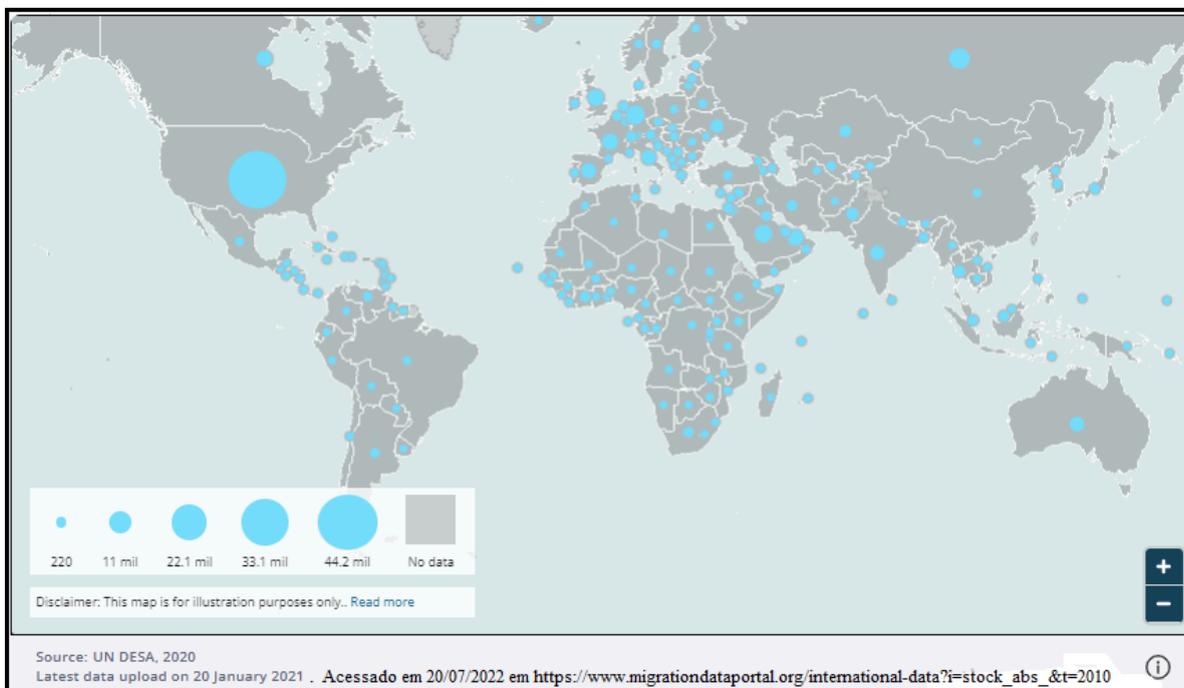
- du statut juridique de cette personne
- des causes du déplacement
- du caractère volontaire ou involontaire du mouvement
- de la durée du séjour

3.A-2 – REPARTIÇÃO DO TOTAL DE 280,6 MILHÕES DE MIGRANTES INTERNACIONAIS (MEIO DO ANO) 2020*.



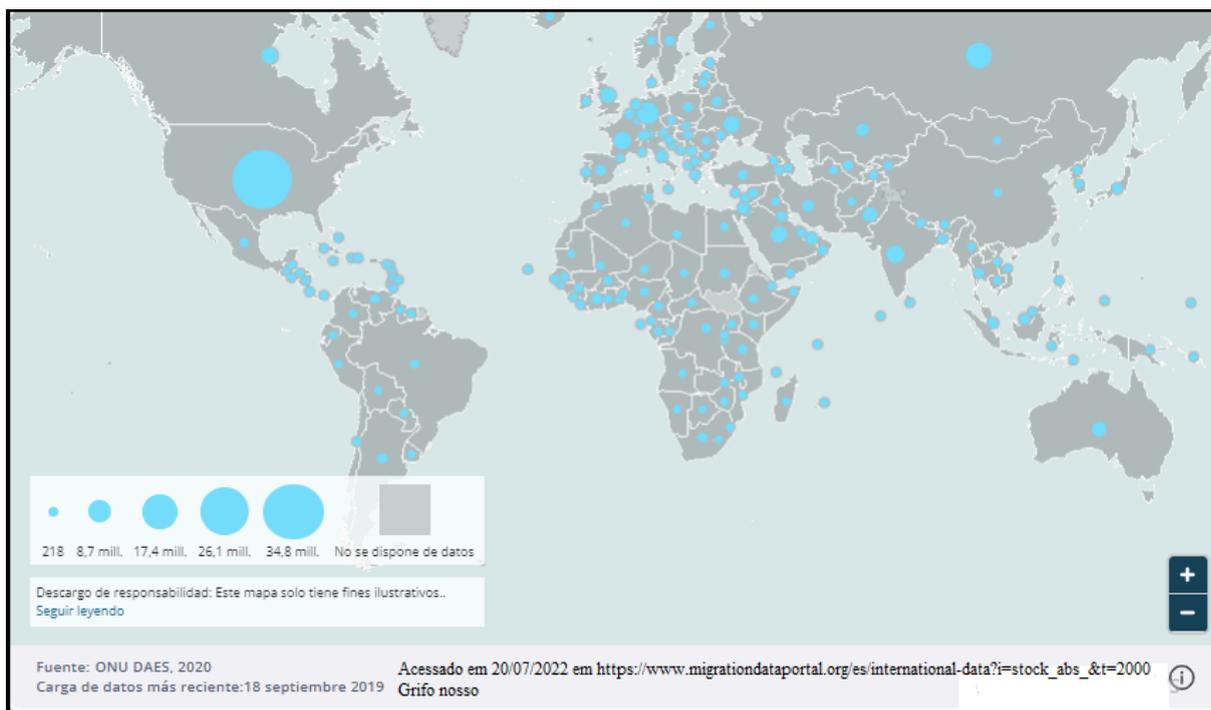
* O número de imigrantes internacionais no mundo (280,6 milhões) e em determinados países, com a respectiva percentagem com relação a população nacional: (**Américas**) 1,1 milhão (0,5%) no Brasil; 8 milhões (21,3%) no Canadá; 50,6 milhões (15,3%) nos Estados Unidos; 2,3 milhões (5%) na Argentina; (**Europa**) 8,5 milhões na França (menos que 15,8 e 9,4 milhões (18,8%) e (13,8%), respectivamente na Alemanha e Reino Unido); 6,8 milhões (14,6%) na Espanha; 1 milhão (9,8%) em Portugal; 6,4 milhões (10,6%) na Itália e (**África**) 274,9 mil (1,6%) no Senegal. (Nota do autor a partir de dados da fonte).

3.B – REPARTIÇÃO DO TOTAL DE 221 MILHÕES DE MIGRANTES INTERNACIONAIS (MEIO DO ANO) 2010



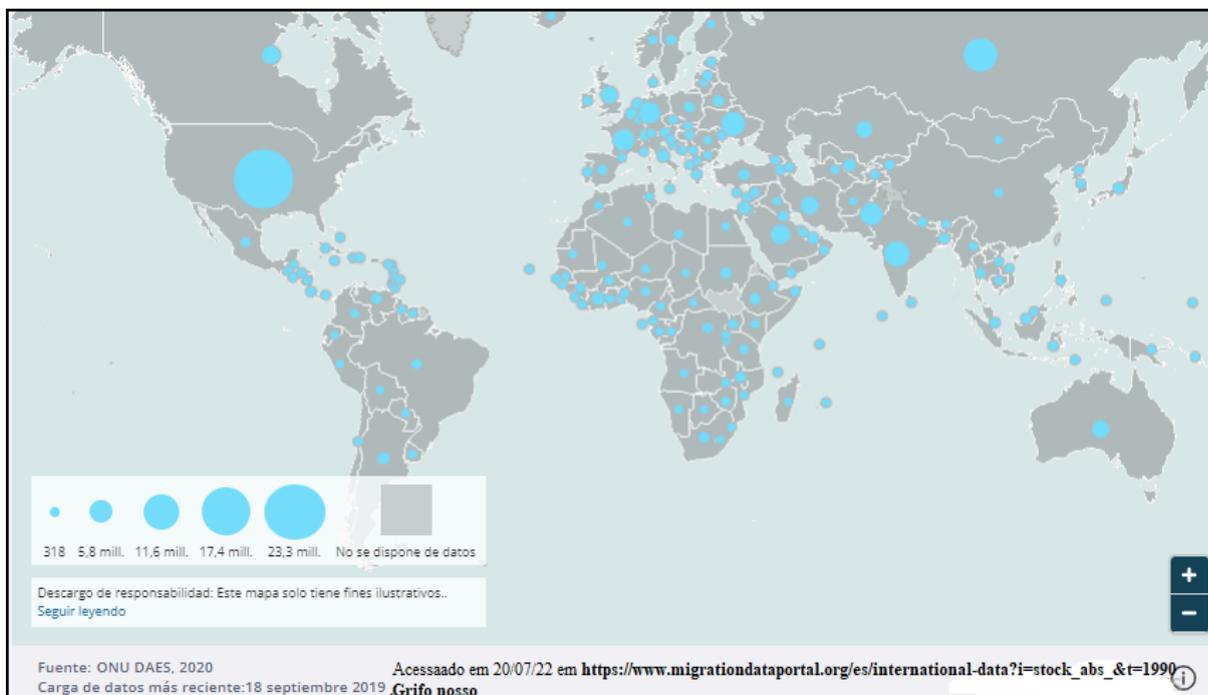
* O número de imigrantes internacionais no mundo (221 milhões) e em determinados países, com a respectiva percentagem com relação a população nacional: (**Américas**) 592,6 mil (0,3%) no Brasil; 6,8 milhões (19,8%) no Canadá; 44,2 milhões (14,3%) nos Estados Unidos; 1,8 milhão (4,4%) na Argentina; (**Europa**) 7,3 milhões na França (menos que 9,8 milhões (12,1%) na Alemanha); 6,3 milhões (13,4%) na Espanha; 762,8 mil (7,2%) em Portugal; 5,8 milhões (9,8%) na Itália e (**África**) 256,1 mil (2%) no Senegal. (Nota do autor a partir de dados da fonte).

3.C – REPARTIÇÃO DO TOTAL DE 173,2 MILHÕES DE MIGRANTES INTERNACIONAIS (MEIO DO ANO) 2000*



* O número de imigrantes internacionais no mundo (173,2 milhões) e em determinados países, com a respectiva percentagem com relação a população nacional: (**Américas**) 684,6 mil (0,4%) no Brasil; 5,5 milhões (18%) no Canadá; 34,8 milhões (12,4%) nos Estados Unidos; 1,5 milhão (4,2%) na Argentina; (**Europa**) 6,3 milhões (10,6%) na França (menos que 9 milhões (11%) na Alemanha); 1,7 milhão (4,1%) na Espanha; 651,5 mil (6,3%) em Portugal; 2,1 milhões (3,7%) na Itália e (**África**) 231,9 mil (2,4%) no Senegal. (Nota do autor a partir de dados da fonte).

3.D – REPARTIÇÃO DO TOTAL DE 153 MILHÕES DE MIGRANTES INTERNACIONAIS (MEIO DO ANO) 1990*

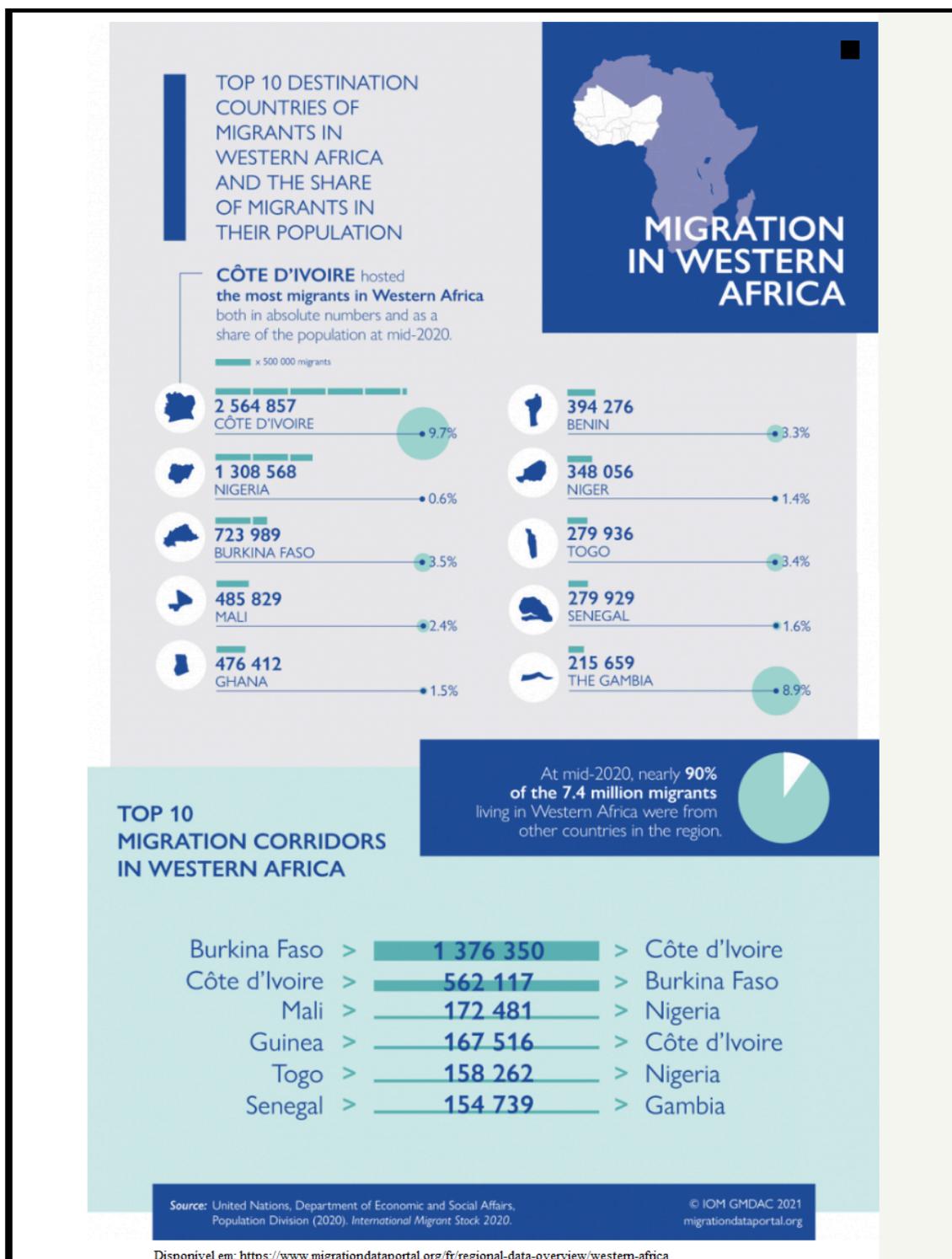


* O número de imigrantes internacionais no mundo (153 milhões) e em determinados países, com a respectiva percentagem com relação a população nacional: (nas **Américas**) 798,5 mil (0,5%) no Brasil; 4,3 milhões (15,7%) no Canadá; 23,3 milhões (9,2%) nos Estados Unidos; 1,6 milhão (5,1%) na Argentina; (**Europa**) 5,9 milhões (10,4%) na França (tanto quanto na Alemanha em que

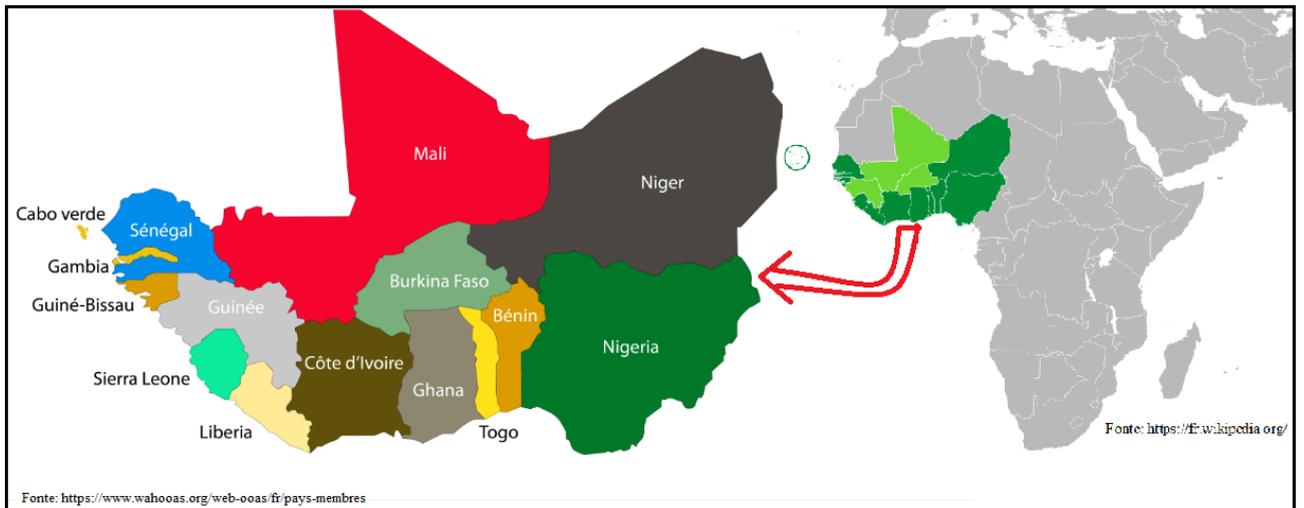
representaram 7,5%, menos que na Ucrânia: 6,9 milhões, isto é, 13,4%); 821,6 mil (2,1%) na Espanha; 435,8 mil (4,4%) em Portugal; 1,4 milhão (2,5%) na Itália e (África) 270,4 mil (3,6%) no Senegal. Nota nossa a partir de dados da fonte.

3.E – DADOS MIGRATÓRIOS RELATIVOS À ÁFRICA

3.E.1 – OS 10 PRINCIPAIS PAÍSES DE MIGRANTES DA ÁFRICA OCIDENTAL EM 2021



3.E.2 – PAÍSES MEMBROS DA CEDEAO





**ECOWAS
CEDEAO**

La CEDEAO des Peuples : Paix et Prospérité pour tous

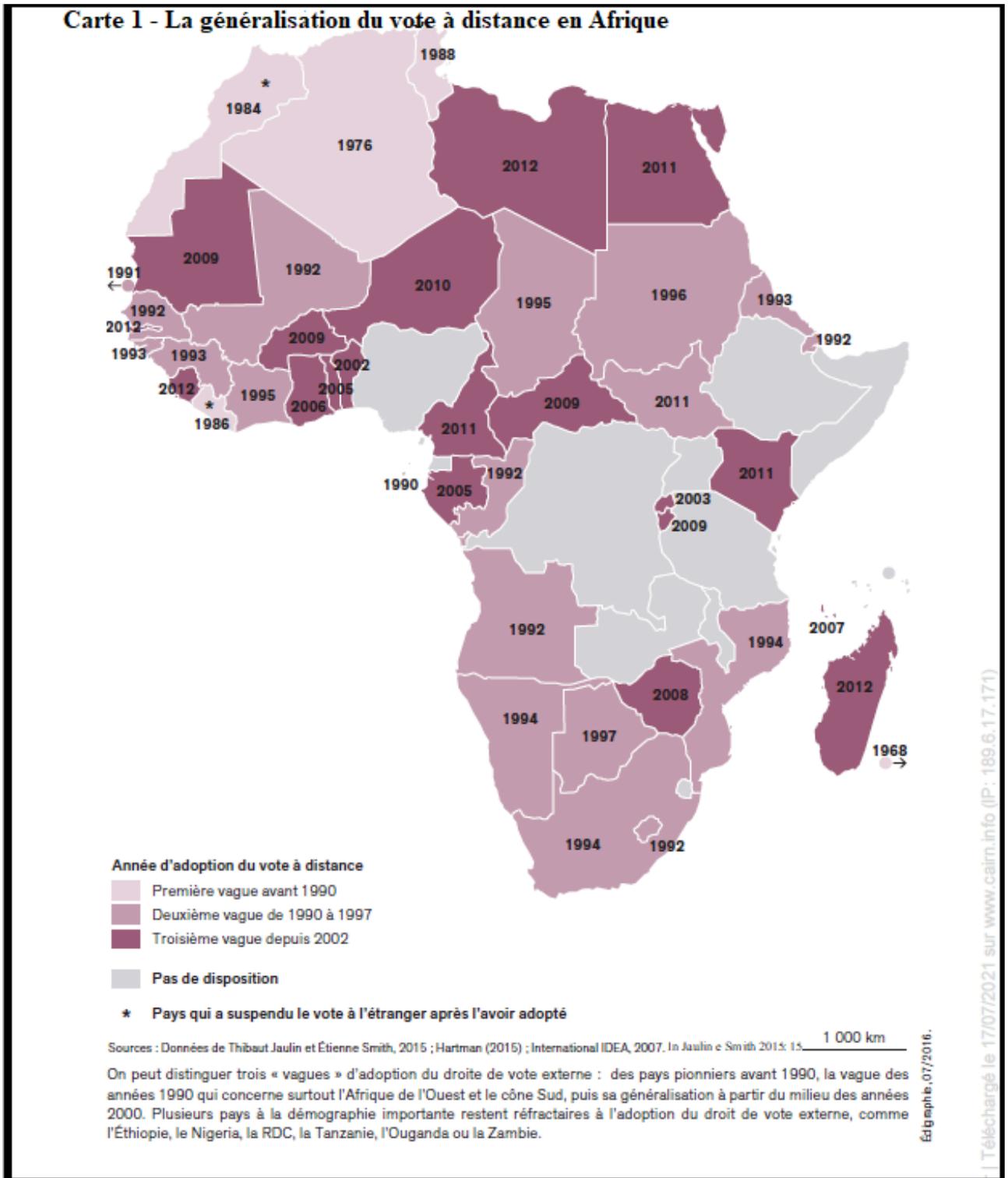
A PROPOS DE LA CEDEAO
ETATS MEMBRES
INSTITUTIONS
VISION 2050
PUBLICATIONS
ACTUALITÉS ET EVÉNEMENTS
RECRUTEMENT
PASSATION DE MARCHÉS

ÉTATS MEMBRES

 Bénin	 Burkina Faso	 Cabo Verde	 Côte d'Ivoire	 The Gambia
 Ghana	 Guinée	 Guinée Bissau	 Libéria	 Mali
 Niger	 Nigéria	 Sénégal	 Sierra Léone	 Togo

Source: <https://ecowas.int/>
 *Trois membres: le Mali, la Guinée et le Burkina Faso sont suspendus en raison de coups d'État. Les deux premiers en 2021 et le Burkina en 2022.

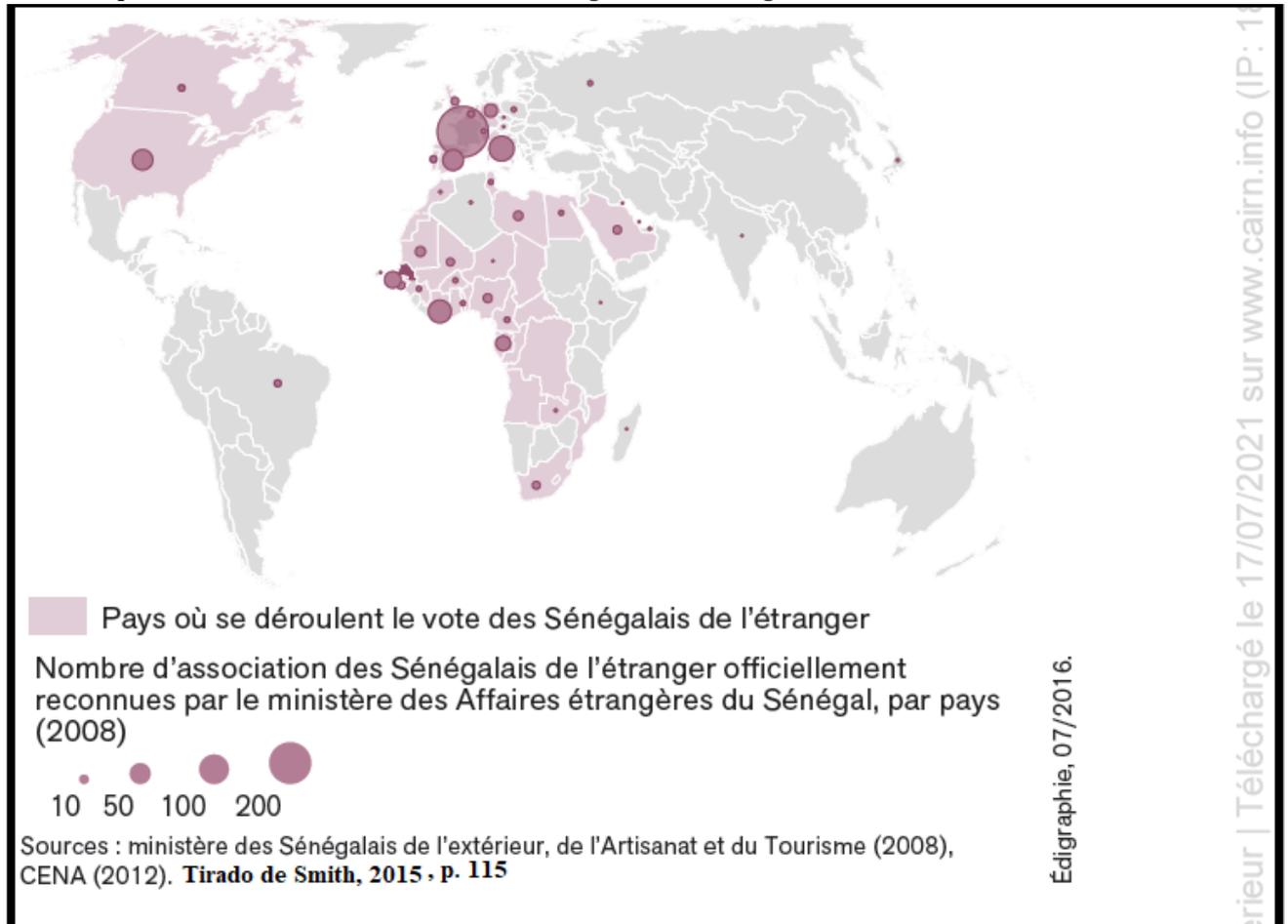
3.E.3 – PAÍSES AFRICANOS E O VOTO NO EXTERIOR



Retirado de JAULIN; SMITH, 20215, p. 15.

3.E.4 – Implementação eleitoral e associativa dos Senegaleses no exterior - 2012

Implantation électorale et associative des Sénégalais de l'étranger

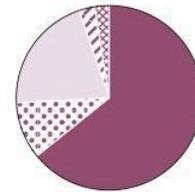
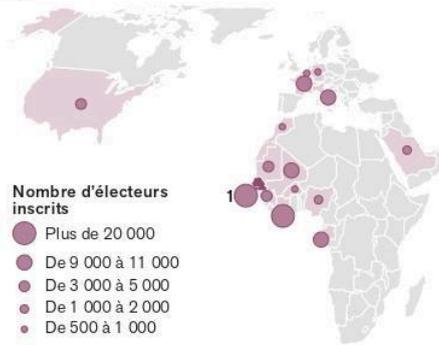


Retirado de Smith, 2015, p. 115.

3.E.5 – Evolução do corpo eleitoral senegalês no exterior (2000-2012)

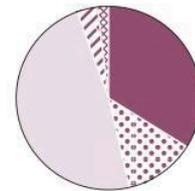
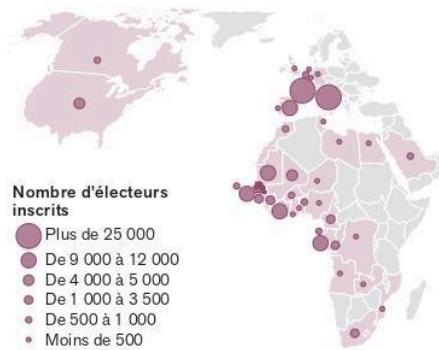
Évolution du corps électoral à l'étranger (2000-2012)

2000



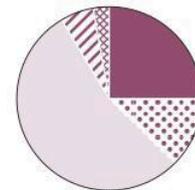
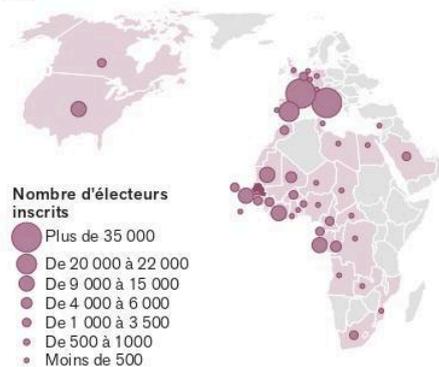
Arique de l'Ouest
 Afrique centrale et australe
 Europe
 Amérique du Nord
 Afrique du Nord et Moyen-Orient

2007



Arique de l'Ouest
 Afrique centrale et australe
 Europe
 Amérique du Nord
 Afrique du Nord et Moyen-Orient

2012



Arique de l'Ouest
 Afrique centrale et australe
 Europe
 Amérique du Nord
 Afrique du Nord et Moyen-Orient

Sources : Étienne Smith ; CENA Sénégal.

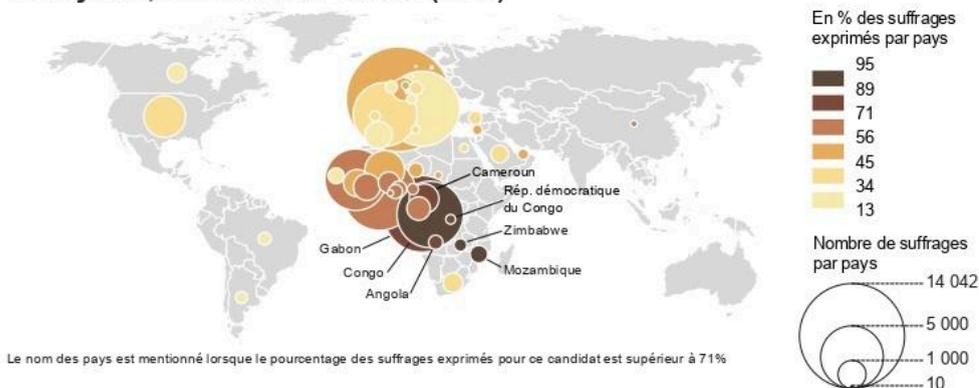
Entre 2000 et 2012, le nombre d'électeurs sénégalais inscrits à l'étranger a doublé, mais la répartition mondiale a fortement évolué. L'Europe de l'Ouest a progressivement supplanté l'Afrique, pour devenir majoritaire au sein de l'électorat externe, alors que l'Amérique du Nord et le Moyen-Orient ont connu une forte croissance du nombre d'électeurs. L'Asie et l'Amérique latine demeurent les grands absents de la carte électorale externe.

Edigraphie, 07/2016.

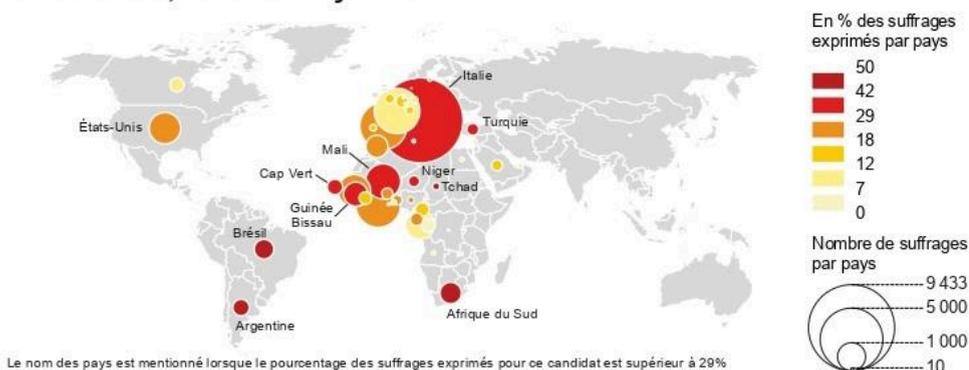
3.E.6 – Voto dos senegaleses no exterior na eleição presidencial de 2019

Planche 5
Vote des Sénégalais à l'étranger
Élection présidentielle au Sénégal, 24 février 2019

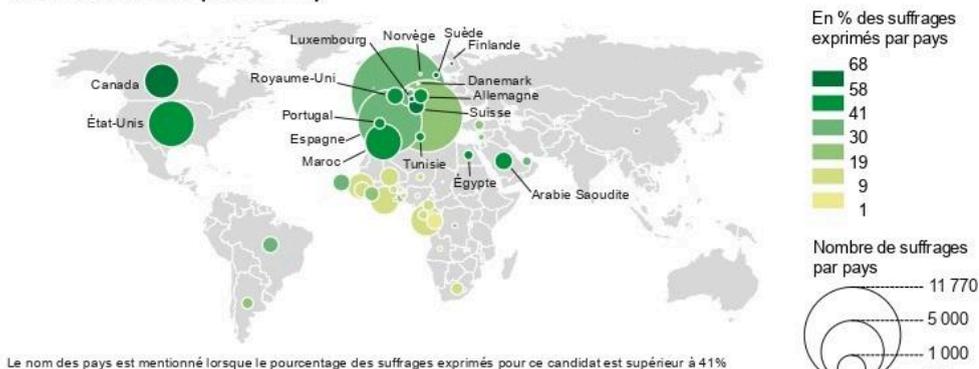
Macky Sall, Benno Bokk Yakaar (BBY)



Idrissa Seck, Coalition Idy 2019



Ousmane Sonko, Patriotes du Sénégal pour le travail, l'éthique et la fraternité (PASTEF)



Sources des données : Conseil constitutionnel du Sénégal, 2019
 Conception et réalisation : Nelly Robin, IRD, CEPED-MIGRINTER, septembre 2019, fait avec Philcarto
 Mise en page : Nelly Martin, CNRS, Migrinter UMR7301, septembre 2019

3.E.7 – Entrevista semiestruturada com senegaleses nas Américas

Script de l'entretien

(À l'étranger)

Date de l'entretien : ____ / ____ / 2021/22

Je suis étudiant doctorant à l'Université de Brasília (Brésil). Cet entretien est à effectuer dans le cadre de ma recherche doctorale. Merci de votre accord et disponibilité à répondre volontairement à mes questions relatives à la migration sénégalaise et à son rapport avec le développement humain de notre pays. Nous préserverons dans l'anonymat votre identité et vos réponses qui seront citées dans la thèse qui résultera de ce travail préalable. Est-ce que vous me permettez d'enregistrer notre conversation ?

Oui ___ Non ___

I – Données primaires

Nom :	
Âge :	
Sexe :	
Domicile actuelle : Ville	
Niveau d'études :	
Activités principales :	
Origine (région, ville, village) :	
État civil :	
Année d'arrivée au (Brésil/Canadá):	
Situation de résidence actuelle (loyer, propriétaire)	
Avec qui habitez ?	
Statut migratoire : Court/Long séjour/nationalisé.e/irrégulier.ière	
D'autres parents à l'étranger ?	

II – Avant le départ

- a) Que faisiez-vous comme activité avant d'émigrer ?
- b) Avez-vous émigré dans le pays avant d'aller à l'étranger ? Pourquoi ?
- c) Qu'est-ce qui vous a poussé à émigrer ?
- d) Sur qui, quoi avez-vous compté pour pouvoir émigrer ?
- e) Pourquoi le Brésil / Canada?
- f) Quelle est votre trajectoire migratoire (Depuis le départ de votre ville/village au pays d'origine ?
- g) Quelles étaient vos attentes sur le pays de destination (en termes de travail ou études)?

III – À destination

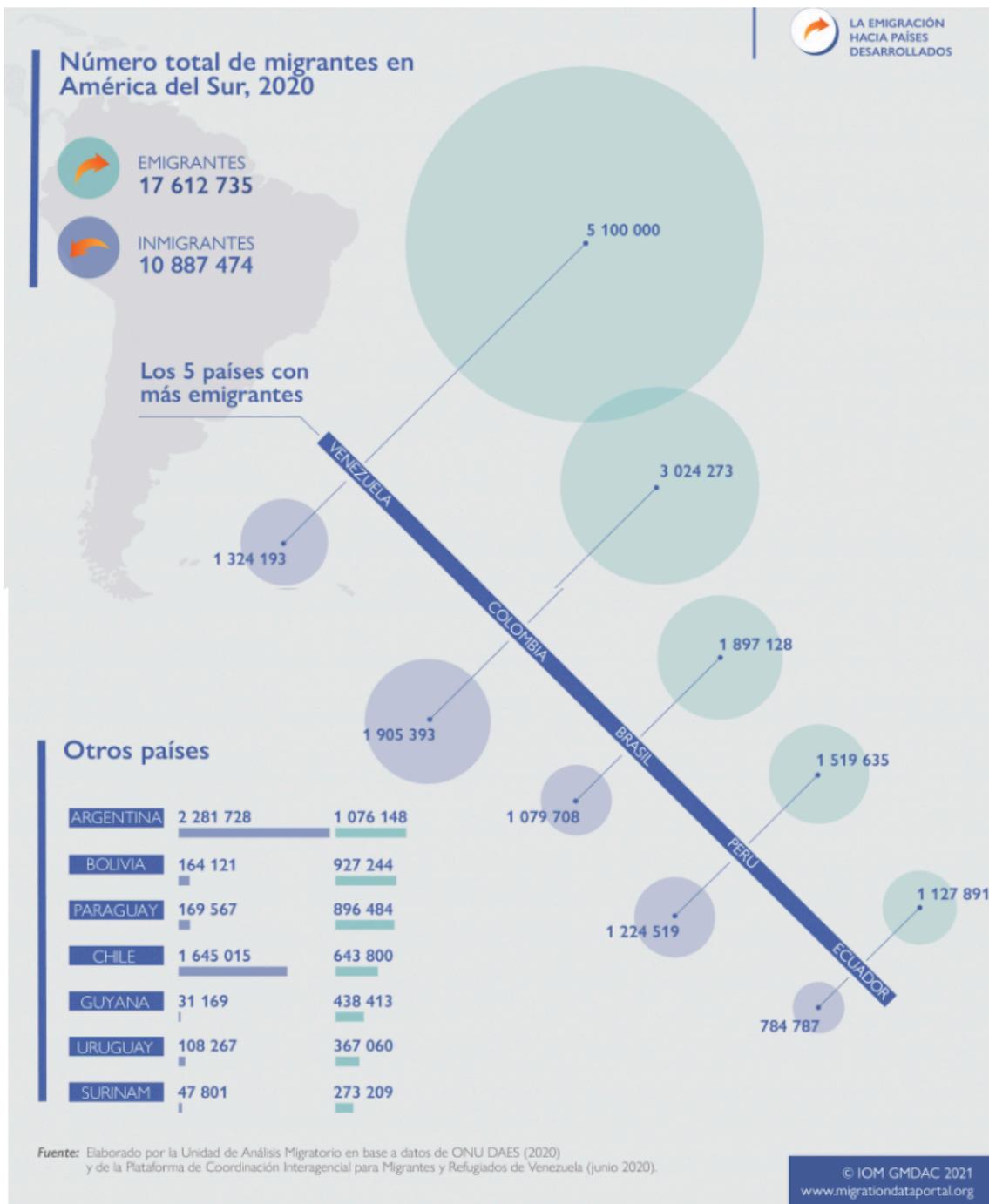
- a) Parlez-nous de vos expériences professionnelles (Travail/études).
- b) Quels sont les avantages et les défis dans ce parcours ? (Reconnaissance, bonne rémunération, précarité ?).
- c) On est en période de pandémie : Quel est son effet sur les migrants, en particulier sur vous ?
- d) Envoyez-vous de l'argent au Sénégal ? Si oui, à qui et à quelle fréquence?
- e) Envoyez-vous des choses à votre pays d'origine ? 1 : À qui ? 2 : À quelle fréquence ?
- f) Allez-vous à votre pays d'origine ? 1. Si oui, à quelle fréquence ?
- g) Faites-vous parti d'une association de Sénégalais ? 1: Si oui, quels sont ses activités objectifs ?
- h) Est-ce que vous contribuez au développement de votre pays d'accueil ? Comment ?
- i) Les avantages et défis des hommes et des femmes sénégalais.e.s en migration sont-ils les mêmes dans le pays ?

IV – Regard sur le pays d'origine

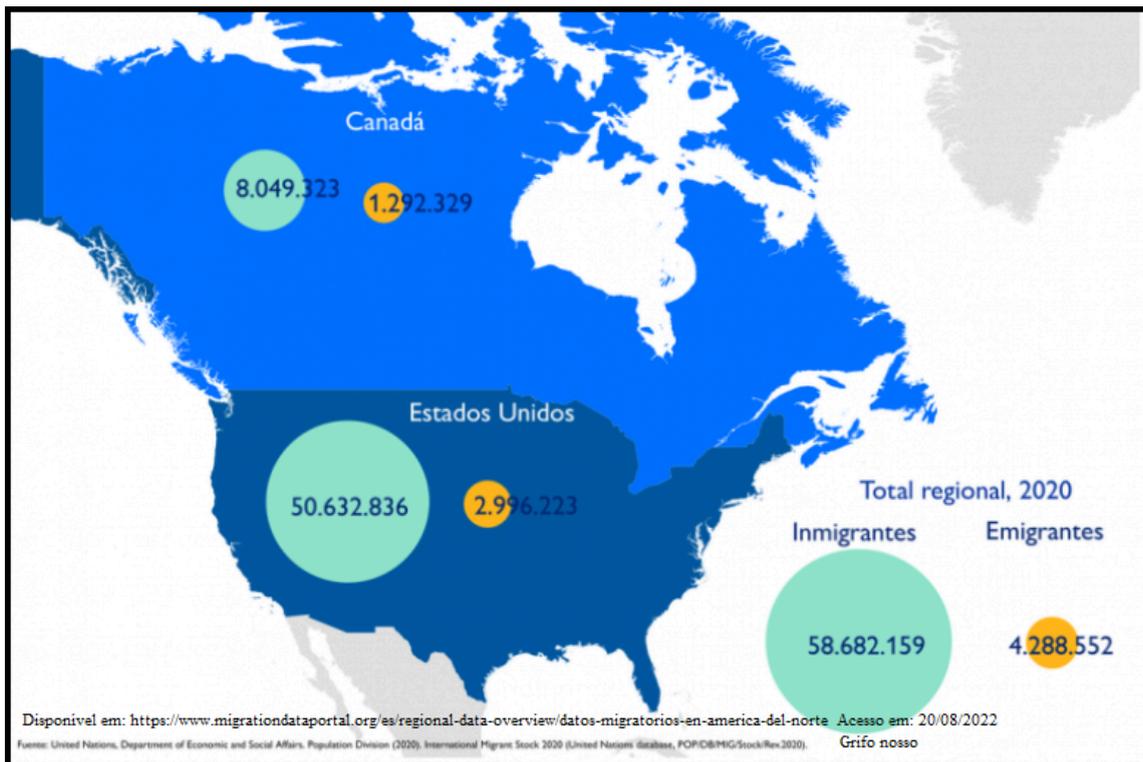
- a) Que pensez-vous de votre pays en termes de travail, d'éducation et de santé?
- b) Est-ce possible que vous y retourniez définitivement un jour ?

- c) Avez-vous des projets à réaliser dans votre pays ? Quelques exemples ?
- d) Votre présence au Brésil/Canada est-elle socialement et économiquement importante pour le Sénégal, vos parents, votre communauté ?
- e) Connaissez-vous des projets individuels de Sénégalais du Brésil/Canada pour leur pays d'origine ?
- f) Connaissez-vous des projets collectifs de Sénégalais du Brésil/Canada pour leur pays d'origine ?
- g) Le retour des émigrés au pays d'origine est-il recommandable ? Pourquoi ?
- h) À quoi peuvent s'attendre ceux qui retournent pays d'origine ?
- i) Est-ce possible que vous réémigriez ? Pour quelle destination ?

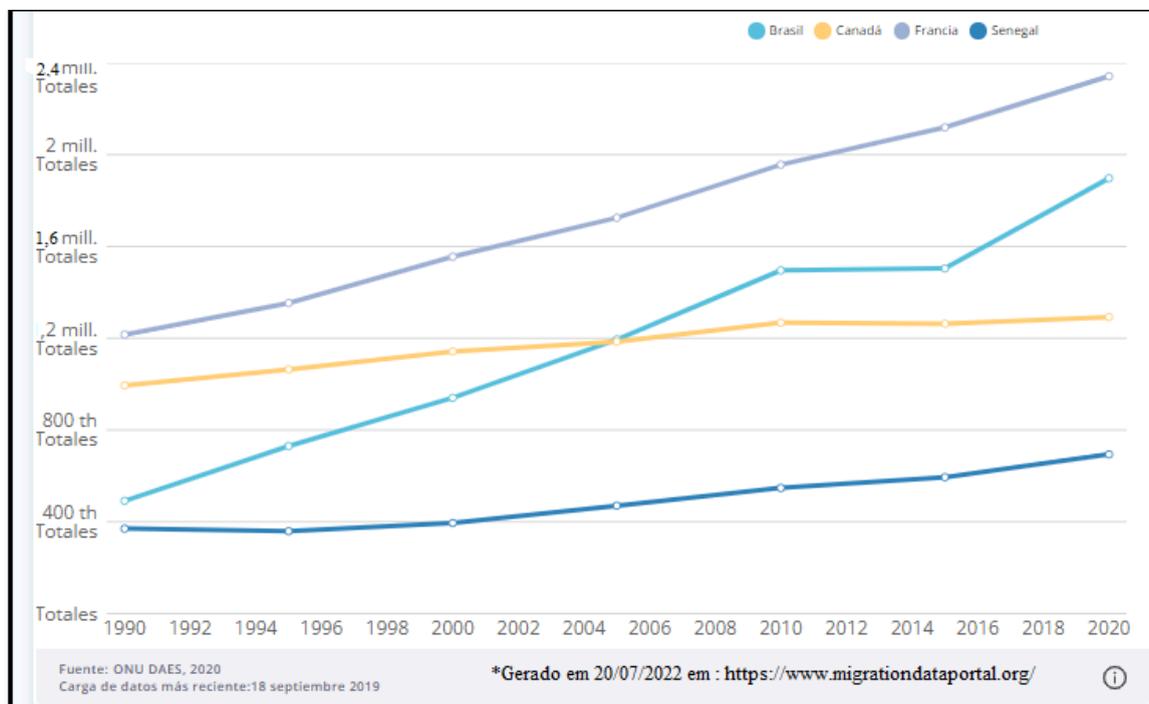
3.F – DADOS MIGRATORIOS EM AMÉRICA DO SUL EM 2020



3.G – DADOS MIGRATÓRIOS EM AMÉRICA DO NORTE EM 2020

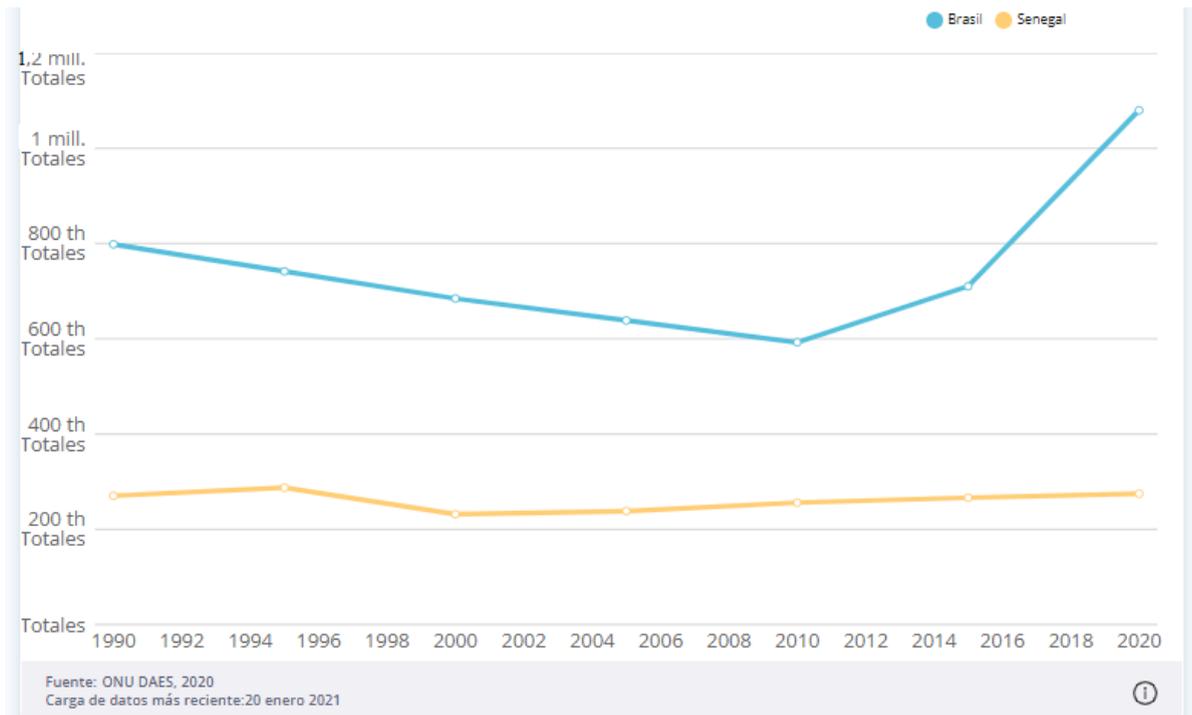


3.H - EMIGRANTES INTERNACIONAIS POR PAÍS: BRASIL, CANADÁ, FRANÇA E SENEGAL: 1990-2020*

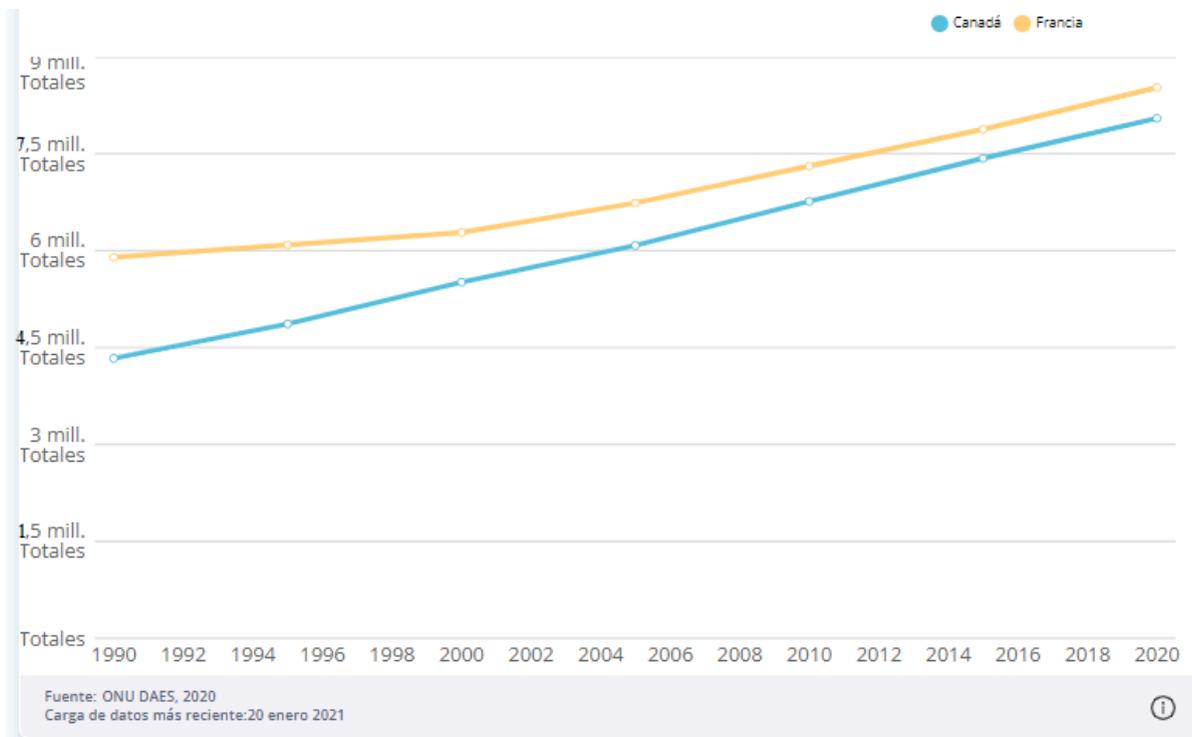


Grifo nosso.

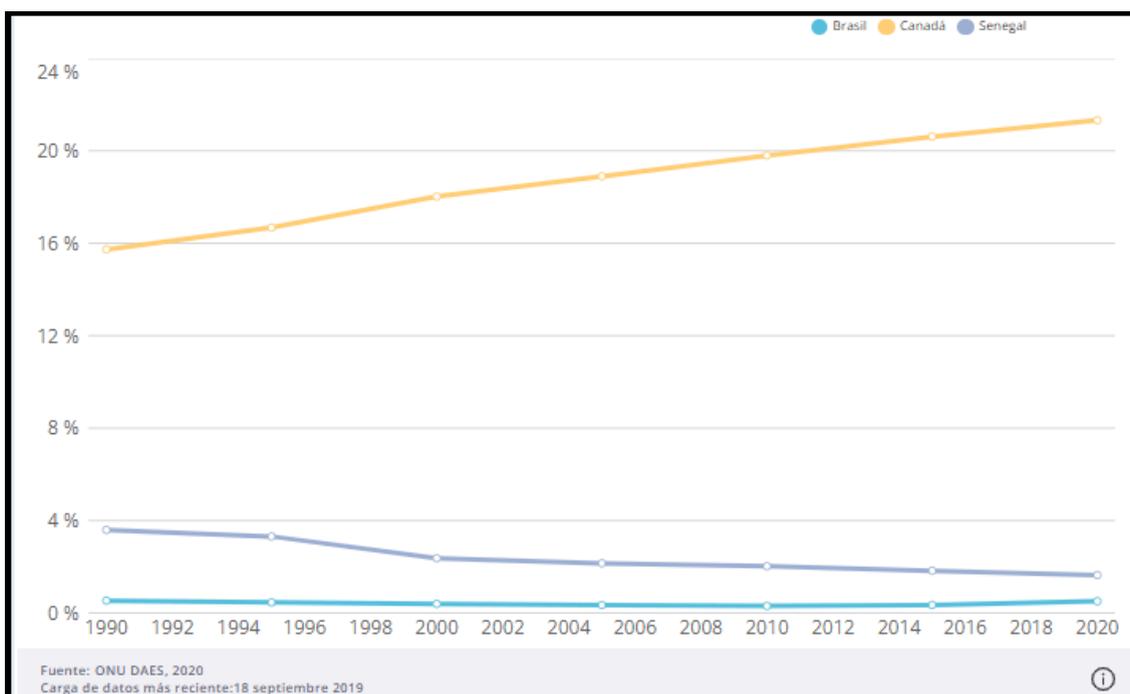
3.I – POBLACIÓN DE MIGRANTES INTERNACIONALES EN BRASIL Y SENEGAL 1990-2020



3.J – POBLACIÓN DE MIGRANTES INTERNACIONALES EN CANADÁ Y FRANCIA 1990-2020

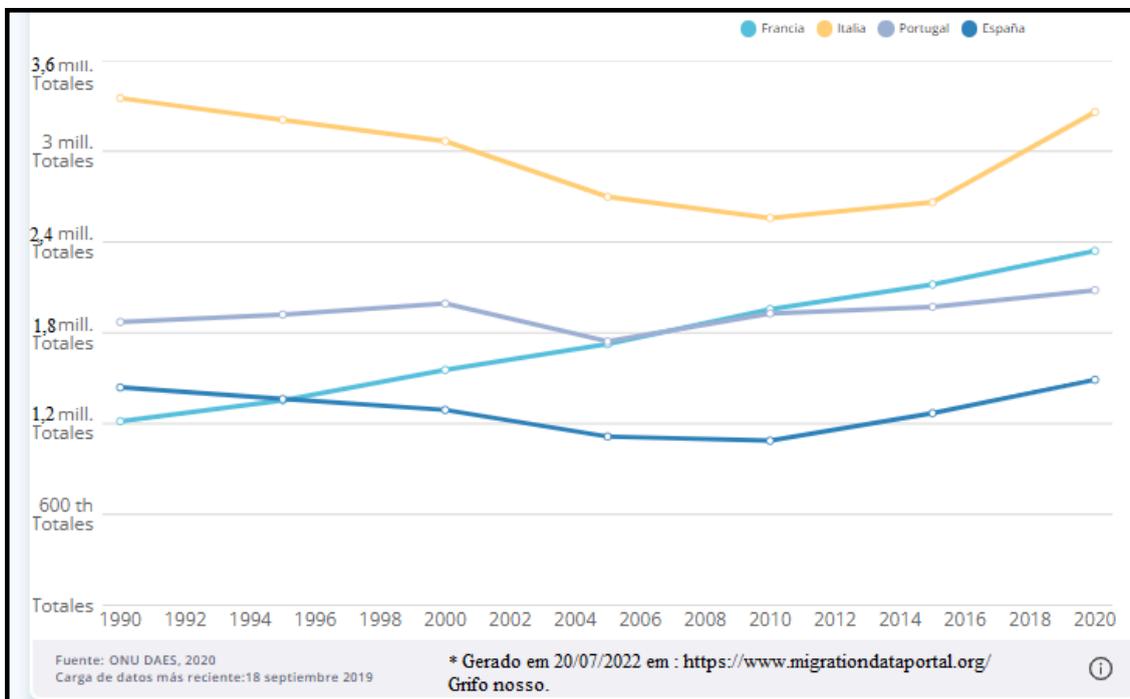


3.K - PORCENTAGEM DE MIGRANTES INTERNACIONAIS COM RELAÇÃO À POPULAÇÃO TOTAL RESPECTIVA DO BRASIL, CANADÁ E SENEGAL ENTRE 1990 E 2020.



Gerado em 18/08/2022 em *Portal de Datos sobre Migración*. <https://www.migrationdataportal.org/>

3.L - EMIGRANTES INTERNACIONAIS TOTAIS POR PAÍS: FRANÇA, ITÁLIA, PORTUGAL E ESPANHA: 1990-2020*



ANEXO 4 : COMBATE À IMIGRAÇÃO IRREGULAR

4.A - CLAUSES DE RÉADMISSION TYPES DU CONSEIL DE L'UNION EUROPÉENNE

Décision du Conseil relative à l'insertion de clauses de réadmission types dans les accords de la Communauté et dans les accords entre la Communauté européenne, ses Etats membres et des pays tiers

Le Conseil de l'Union européenne a décidé que les clauses types définies ci-dessous devraient être insérées, à l'avenir, dans tous les accords de la Communauté et dans tous les accords entre la Communauté européenne, ses Etats membres et des pays tiers.

"Article A

La Communauté européenne et l'Etat X décident de coopérer afin de prévenir et de contrôler l'immigration illégale. A cette fin

- l'Etat X accepte de réadmettre ses ressortissants présents illégalement sur le territoire d'un Etat membre de l'Union européenne, à la demande de ce dernier et sans autres formalités ;
- et chaque Etat membre de l'Union européenne accepte de réadmettre ses ressortissants, définis comme tels aux fins poursuivies par la Communauté, présents illégalement sur le territoire de l'Etat X, à la demande de ce dernier et sans autres formalités.

Les Etats membres de l'Union européenne et l'Etat X fourniront également à leurs ressortissants les documents d'identité nécessaires à cette fin.

Article B

Les parties conviennent de conclure, à la demande de l'une d'entre elles, un accord entre l'Etat X et la Communauté européenne régissant les obligations spécifiques incombant à l'Etat X et aux Etats membres de la Communauté européenne en matière de réadmission, y compris une obligation de réadmission des ressortissants d'autres pays et des apatrides.

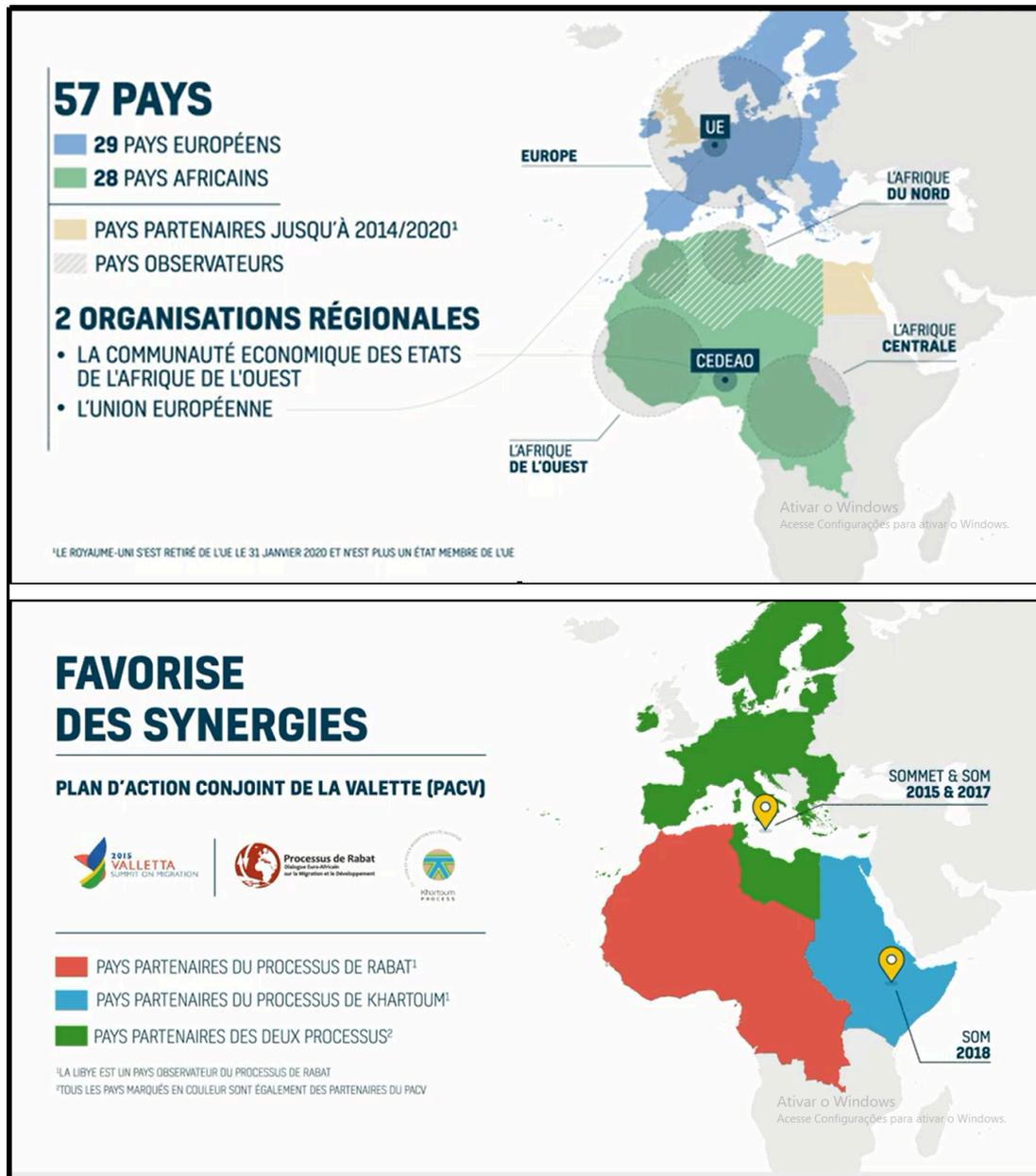
Article C

Sous réserve de la conclusion de l'accord avec la Communauté mentionné à l'article B, l'Etat X accepte de conclure avec tel ou tel Etat membre de la Communauté européenne, à la demande d'un Etat membre, des accords bilatéraux régissant les obligations spécifiques incombant à l'Etat X et aux Etats membres de la Communauté européenne en matière de réadmission, y compris une obligation de réadmission des ressortissants d'autres pays et des apatrides.

Article D

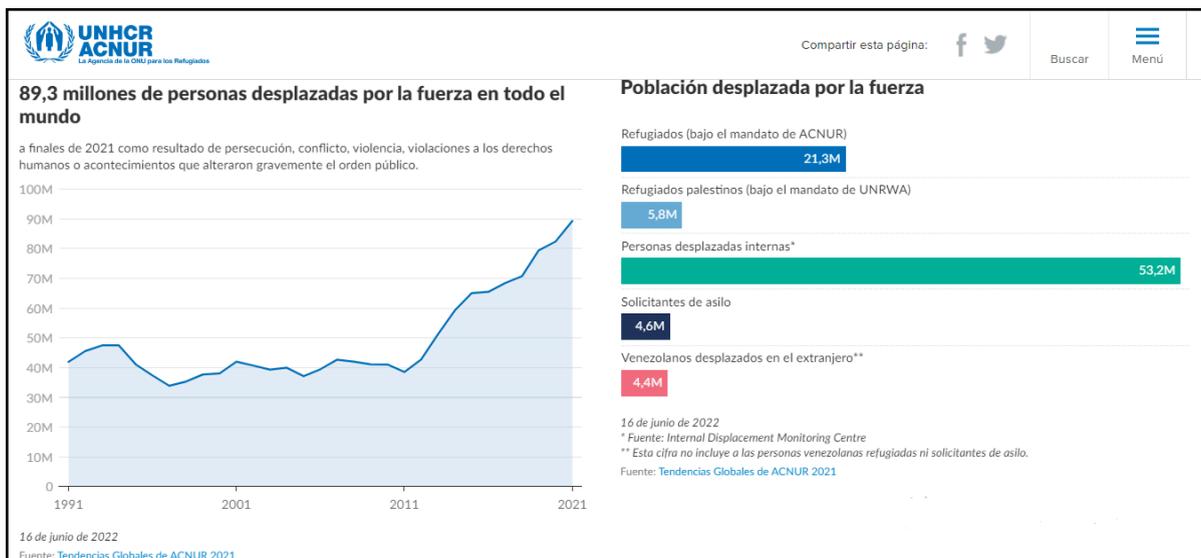
Le Conseil de coopération examine les autres efforts conjoints susceptibles d'être déployés en vue de prévenir et de contrôler l'immigration illégale."

4.B – L'AFRIQUE DANS LES STRATÉGIES DE COMBAT CONTRE L'IMMIGRATION INFORMELLE: LES PROCESSUS DE RABAT ET DE KHARTOUM



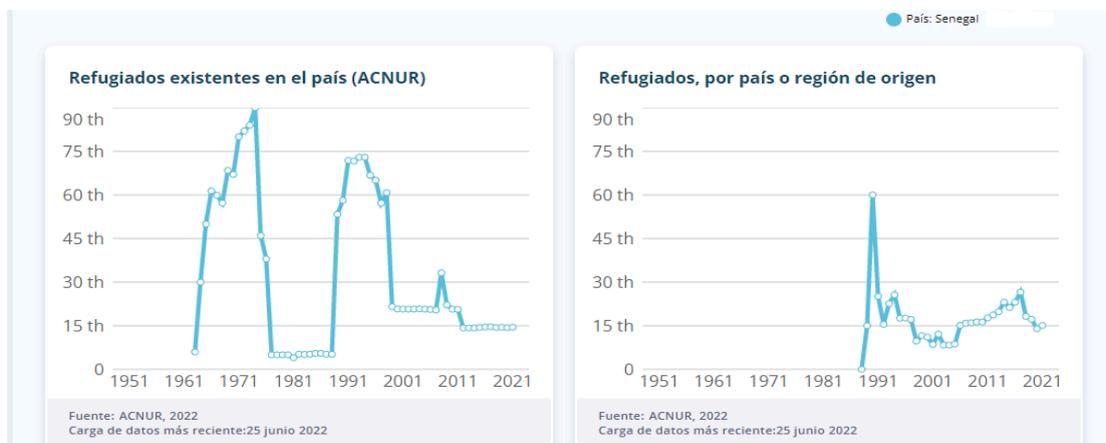
ANEXO 5: REFÚGIO

5.A - REFUGIADOS Y DESPLAZADOS EN EL MUNDO



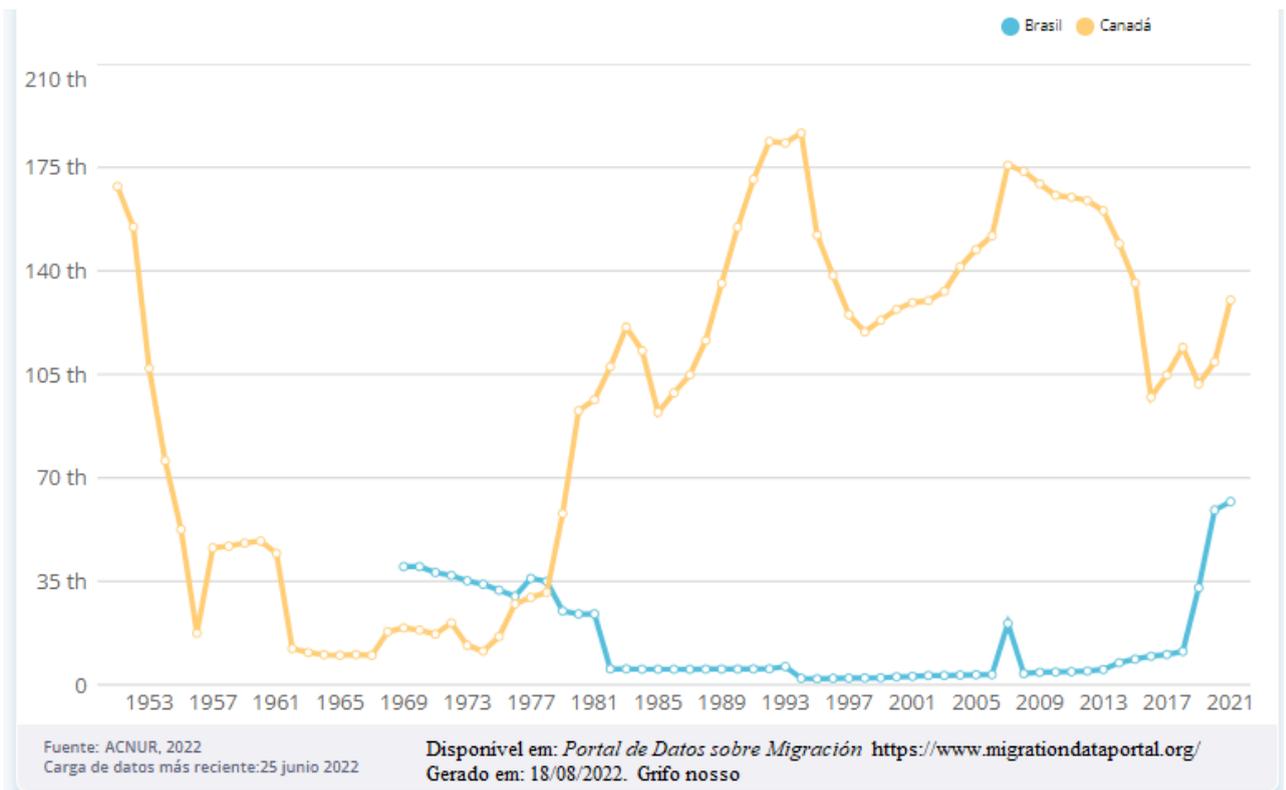
Disponível em: <https://www.acnur.org/datos-basicos.html> Acesso em 18/07/2022. Junção nossa.

5.B - REFUGIADOS NO E DO SENEGAL

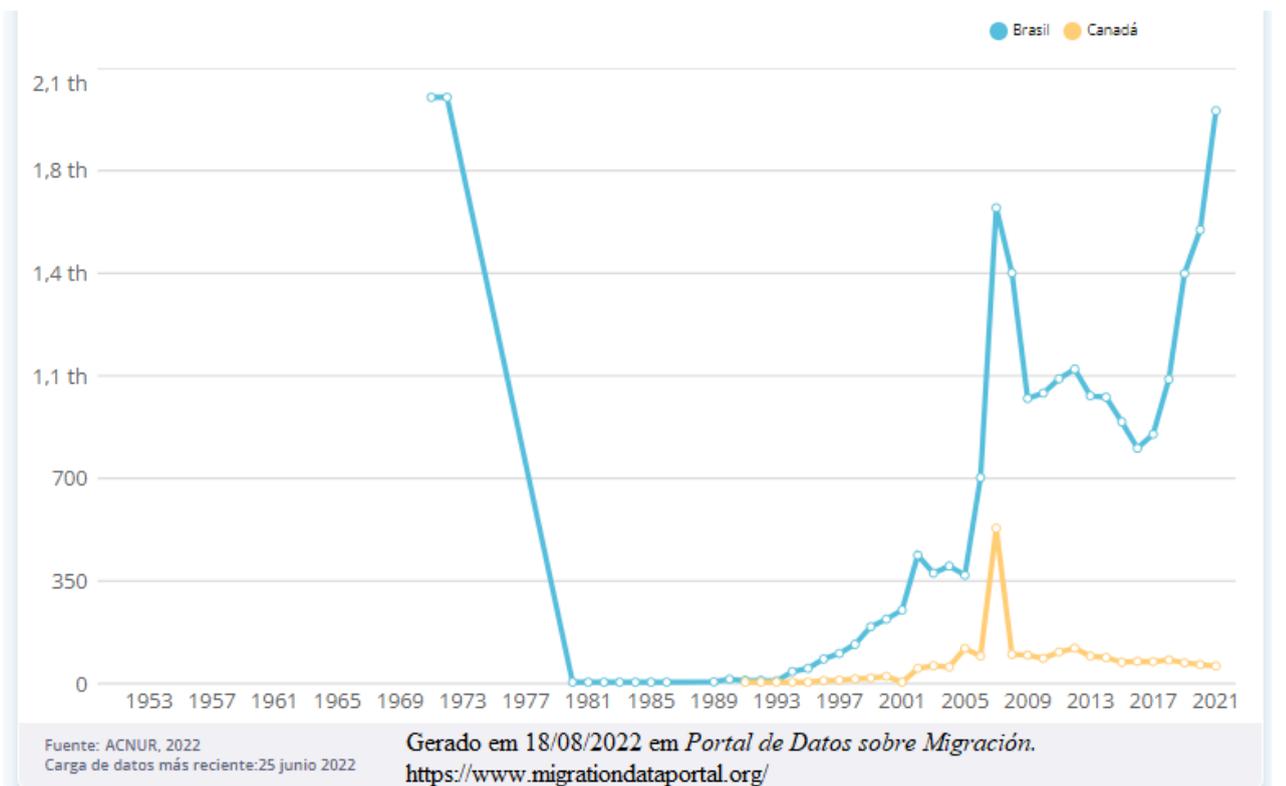


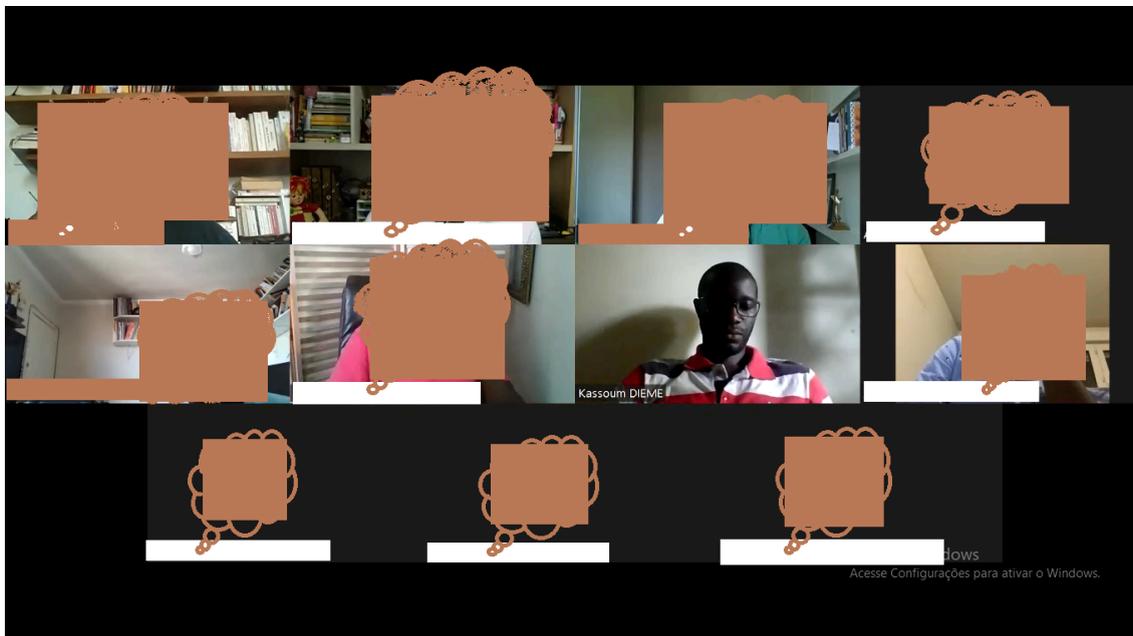
Gerado em 18/08/2022 em *Portal de Datos sobre Migración*. <https://www.migrationdataportal.org/>

5.C - Refugiados existentes no Brasil e Canadá



5.D - REFUGIADOS POR PAÍS DE ORIGEM: BRASIL E CANADÁ 1951-2021



ANEXO 6: REGISTROS DE CAMPOS PRESENCIAL E VIRTUAL**6.A – Reunião Burok de universitários da Casamança no Brasil no âmbito atividades de aproximação de um partido político**

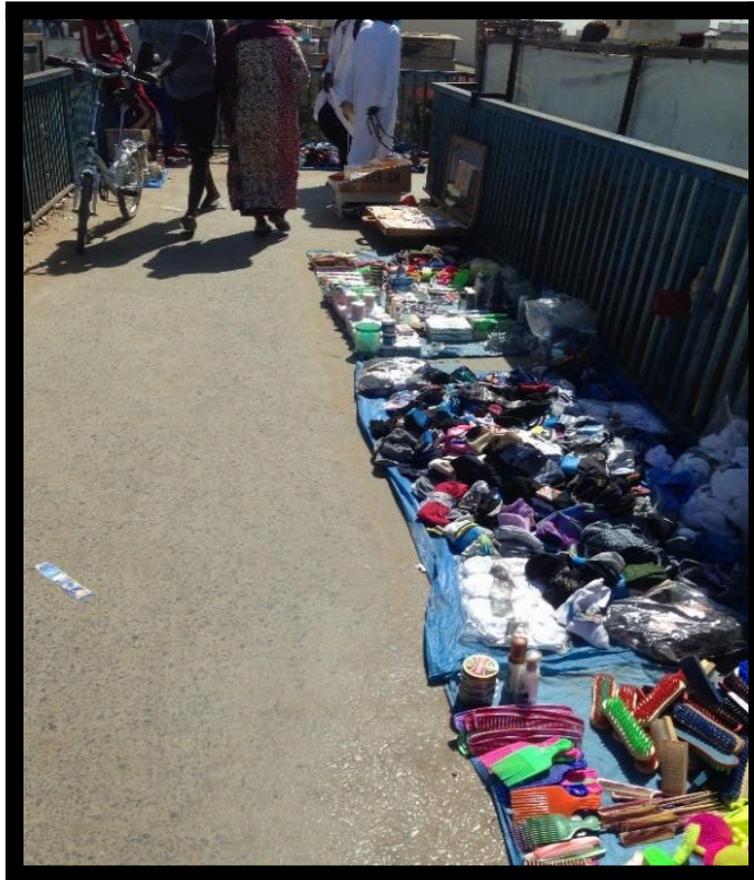
Fonte: Captura e edição nossa a partir da gravação de reunião. Edição em 06/01/2023.
Local: Brasil.

6.B – No Ministério de Assuntos Estrangeiros e dos Senegaleses do Exterior para realização de entrevista

Fonte: Autoria nossa. Registrado em 06/04/2021
Local: Centro de Dakar, região de Dakar.

6.D – Vendedores de rua numa passarela e arredores em Dakar e arredores

1



Fonte: Aatoria nossa. Registrado em 26/01/2021
Local: Patte d'Oie, cidade de Dakar.

2



Fonte: autoria nossa. Registrado em 11/02/2021
Local: Patte d'Oie, cidade de Dakar.

6.E - Locais alvos de ou para a realização da pesquisa

6.E.A. Orientação da bibliotecária do CODESRIA na segunda 'visita'



Fonte: autoria nossa. Registrado em 09/04/2021

Local: Dakar Fann, cidade de Dakar. Até então fechado ao público.

6.E.B. Entrada da Universidade Cheikh Anta Diop



Fonte: Autoria nossa. Registrado em 20/02/2021

Local: Dakar Fann, cidade de Dakar.

6.E.C. Entrada da Universidade Assane Seck de Ziguinchor



Fonte: Autoria nossa. Registrado em 19/03/2021
Local: Ziguinchor, cidade de Ziguinchor.

6.E.E. Site da Associação CasaEspoir.

[casaespoirs.org/presentation/](#)

Apps Bookmarks Portal Login Park My Plane 2 - F... Seneweb.com : Le S... Afrik.com : l'actualit... FCS - Faculdade de... UnB - Universidade... Outros favoritos Lista de leitura

ACCUEIL QUI SOMMES-NOUS? ACTIVITÉS LA CASAMANCE PARTENAIRES LA BOUTIQUE VIDÉOS MÉDIAS

PRÉSENTATION

CasaEspoir
Est une association regroupant des personnes originaires, amies et sympathisantes de la Casamance, (*située dans la partie méridionale du Sénégal*), partout dans le monde.

CasaEspoir Canada
Installée dans la province de Québec au Canada, est l'association mère.

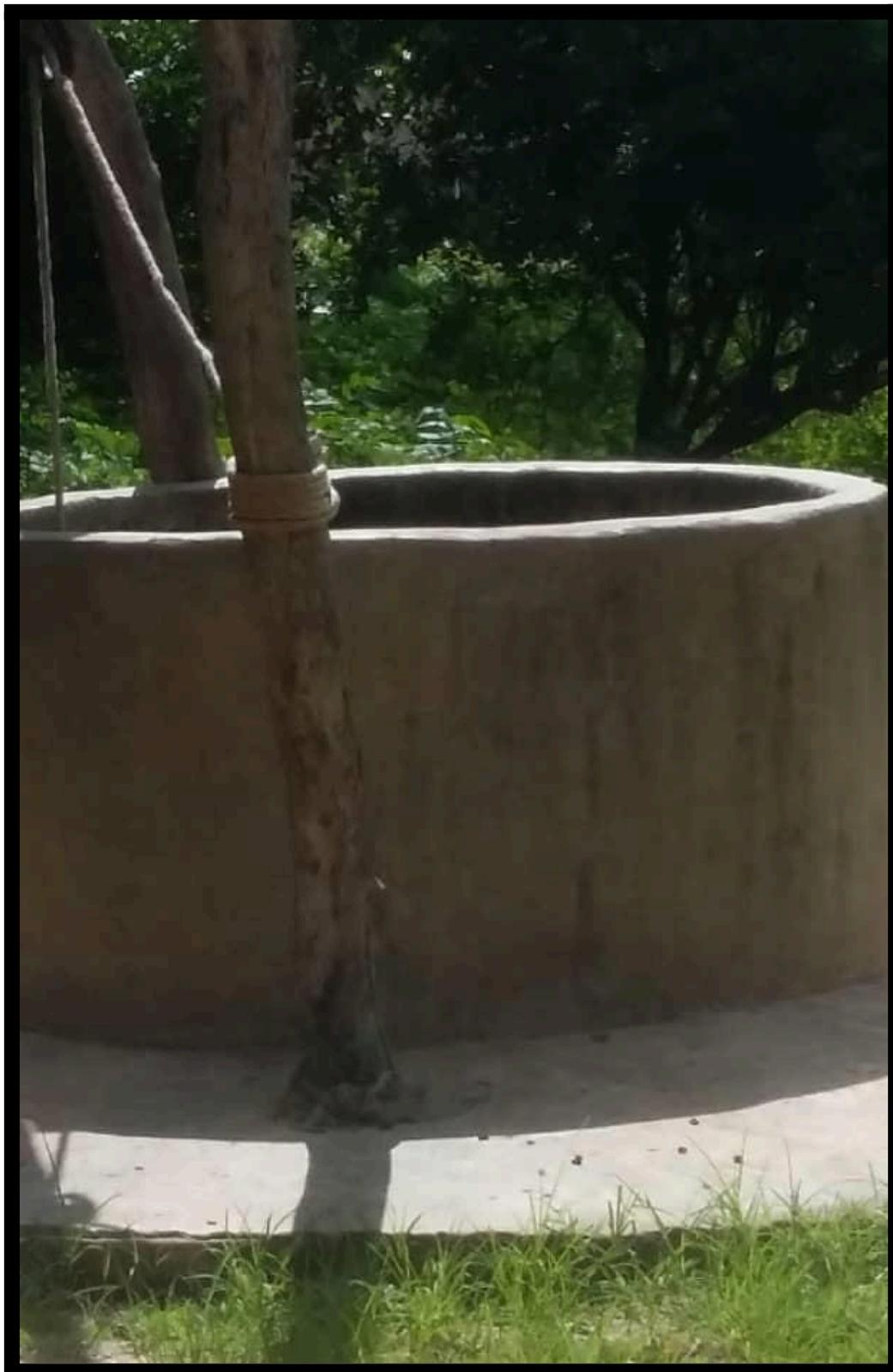
CasaEspoir France est installée en Ile-de-France pour la France et toute l'Europe

Les objectifs de CasaEspoir sont les suivants :

- Développer et renforcer les relations fraternelles fondées sur le respect, l'entraide et la solidarité entre les membres.
- Faciliter leur épanouissement dans leur lieu de vie partout à travers le monde.
- Aider et participer au développement de la Casamance dans tous les domaines : éducation, santé, etc.

ANEXO 7: Ilustrações de ações de migrantes ou com sua participação associadas ao desenvolvimento humano.

7.A - Poço mais protegido com a contribuição de migrante no Brasil



Fonte: Autoria de parente de migrante. Registrado em 20/07/2022. Grifo nosso
Local: Diégoune, Departamento de Bignona, Região de Ziguinchor.

7.B - Palestra online do Professor Manga (UASZ) sobre arroz e organização social dos Joola da Casamança.



O arroz e a organização social na sociedade Joola da Basse Casamance

05/08 - 10h

Aula Inaugural: Jean Baptiste Valter Manga
Professor Universite Assane Seck. Ziguinchor-Senegal

Online: Youtube PET-História

UFRRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

PPHR
Programa de Pós-graduação em História
UFRRJ

Fonte: Recebido em 01-08-2022 de Alain Pascal Kaly, prof^o da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

7.C - Palestra online da professora YADE (UCAD) sobre direitos costumeiros na África Ocidental à prova da justiça moderna



Os direitos costumeiros na África Ocidental à prova da "justiça moderna": Da colonização à atualidade

Transmissão online
Youtube Pet/História-UFRRJ

29.jul
10h

AWA YOMBE YADE
Dra. profa. Universite Cheikh Anta Diop, Ucad, Senegal

NUPAC

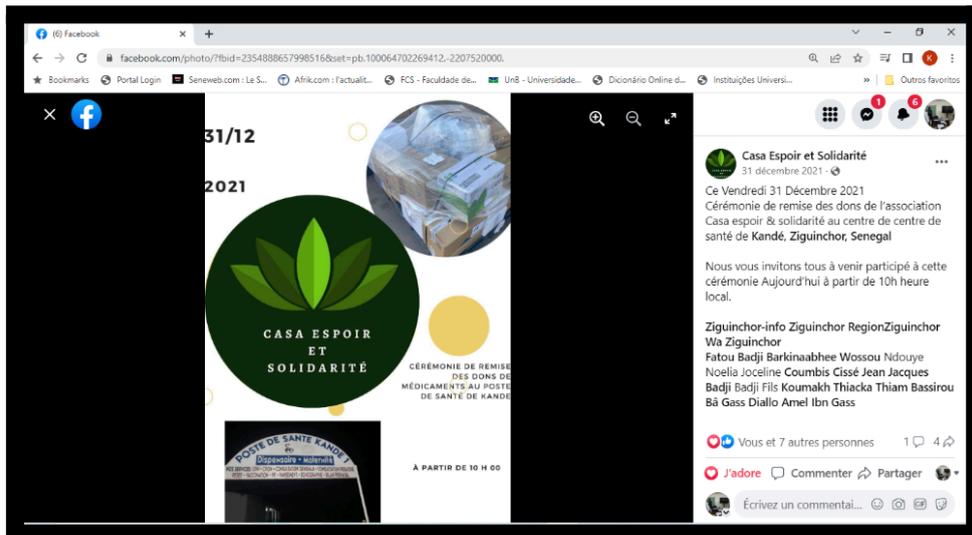
UFRRJ

Fonte: Recebido em 12-07-2022 de Alain Pascal Kaly, prof^o da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

7.D - Banheiros construídos com recursos de um migrante no Brasil

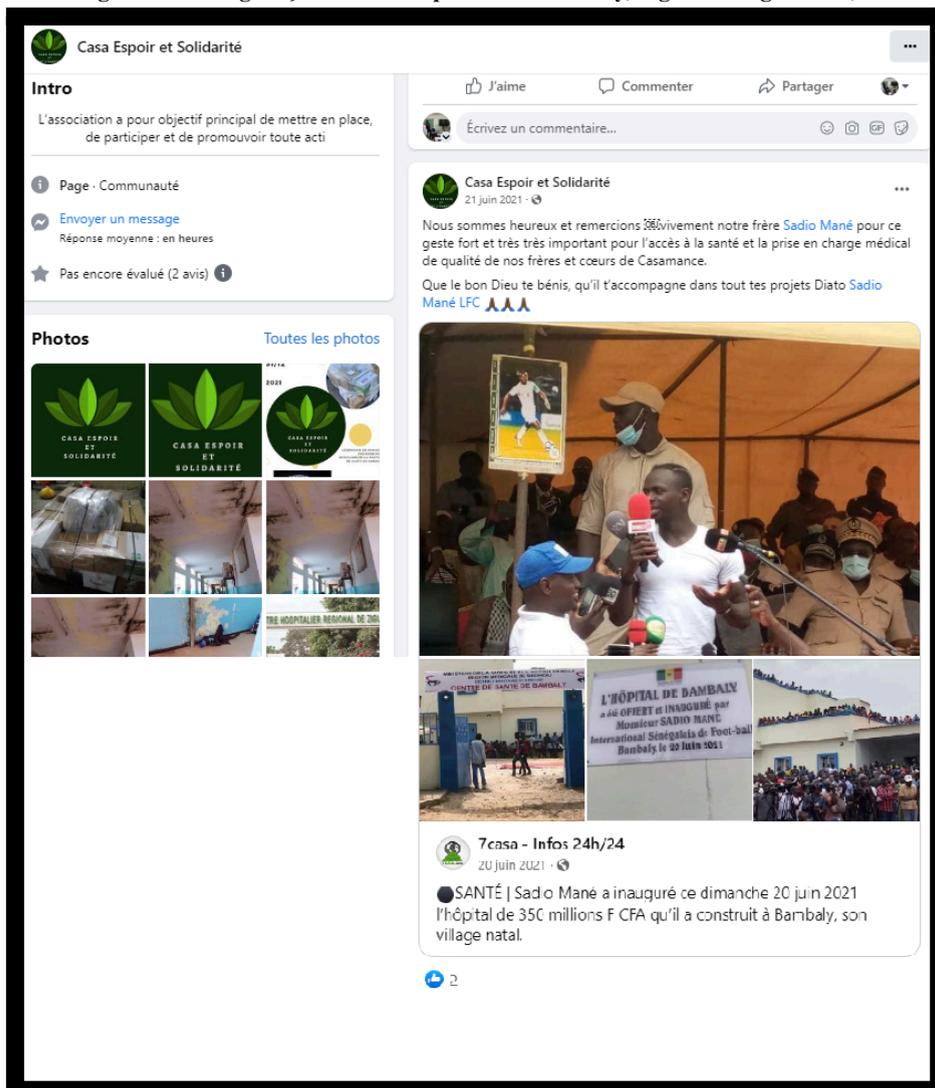
Fonte: Autoria de parente de migrante. Imagem cedida. Registrado em 20/07/2022.
Local: Diégoune. Departamento de Bignona, Região de Ziguinchor

7.E1 – Convite para entrega de doação de medicamentos da associação CasaEspoir ao posto de saúde de Kandé em Ziguinchor – cidade, 2021.



Fonte: Página de facebook da associação CasaEspoir. Print e grifo nossos.

7.E2 – Registro da inauguração de um hospital em Bamabaly, região de Ziguinchor, 2021



Fonte: Página de facebook da associação CasaEspoir. Print e grifo nossos

7.E3 – Inauguração em 03/01/2024 do estádio de Bambaly em Sédhiou por Sadio Mané



L'affluence était digne des grands événements de football hier, mercredi 3 janvier, à l'occasion de l'inauguration du stade de Bambaly construit et équipé de gazon synthétique aux normes FIFA, par l'international sénégalais Sadio Mané originaire de ce terroir du Boudié. Il promet de construire...

Source: Sud Quotidien.sn du 4 janvier 2024. Voir <https://www.sudquotidien.sn/sedhiou-inauguration-du-stade-de-bambaly-aux-normes-fifa-sadio-mane-promet-louverture-dun-centre-academique-de-football-dans-son-village/>

7.F – Ibrahima Diallo, originária de Kolda, *figura marcante* no Canadá





Ambassade du Sénégal au Canada
Mois de l'Histoire des
Noirs au Canada

BIOGRAPHIE

LA FRANCOPHONIE

Il a siégé dans de nombreux comités et conseils d'administration, dont le Comité directeur du Sommet des communautés francophones et le Conseil consultatif du Musée canadien des droits de la personne. Il a également fondé et présidé un organisme aidant à l'intégration des nouveaux arrivants au Manitoba (l'Amicale de la francophonie multiculturelle au Manitoba)



Ibrahima Diallo est né à Kolda en Casamance au Sénégal le 19 Juillet 1952. Professeur de microbiologie à l'Université de Saint-Boniface et consul honoraire du Sénégal à Winnipeg, il est membre fondateur de la section régionale Acfas-Manitoba depuis 1988. Il fut également doyen de la Faculté des arts et des sciences de l'Université de Saint-Boniface de 2000 à 2010. Il a siégé dans de nombreux comités et conseils d'administration, dont le Comité directeur pour l'organisation du Sommet des communautés francophones et le Conseil consultatif du Musée canadien des droits de la personne.



PRIMO IMMIGRÉ SÉNÉGALAIS

Docteur Vétérinaire et Directeur du Centre de Recherches Zootechnique de Dahra Djoloff au Sénégal alors âgé à peine de 25 ans, ce primo immigré arrive au Canada en 1979 après un séjour en France.



AMOUREUX DE LA NATURE

Il a été conseiller scientifique pour les Productions Rivard, dans le cadre d'une série documentaire éducative de 26 épisodes, Unique au monde, traitant de la faune de l'Ouest et du Grand Nord, produite pour la Télévision francophone en Ontario (TFO). De plus, il a animé l'émission de vulgarisation scientifique Les Chroniques de la science, sur les ondes de Radio-Canada Manitoba, et a représenté en 2018 l'Ouest canadien au Combat national des livres de l'émission radio-canadienne Plus on est de fous, plus on lit! Il a également formé de nombreux étudiants en communication scientifique.



Ambassade du Sénégal au Canada . 57 Marlborough Avenue, ON K1N 8E8, Ottawa Canada . Tél. : +1(613)-238-6392 . Télécopie : +1(613)238-2695 . email : info@ambsecanada.org

Fonte: <http://ambsecanada.org/figurantes-marquantes/>

ANEXO 8: Circulação de objetos materiais e imateriais de migrantes

8.A – *Kujes*: feito com folhas de hibisco e quiabo e consumido como complemento de molho principal em Casamança*



Fonte: Aatoria Ousmane Sane.
Registrado em 22/07/2022. Grifo nosso
Local: Minas Gerais – Brasil
* Na falta de folhas, o migrante usou apenas quiabo e colocou suco de limão para matar a vontade.

8.B – *Ereebuk*: feito com folhas de moringa, amendoim cru moído e azeite ou molho de dendê*



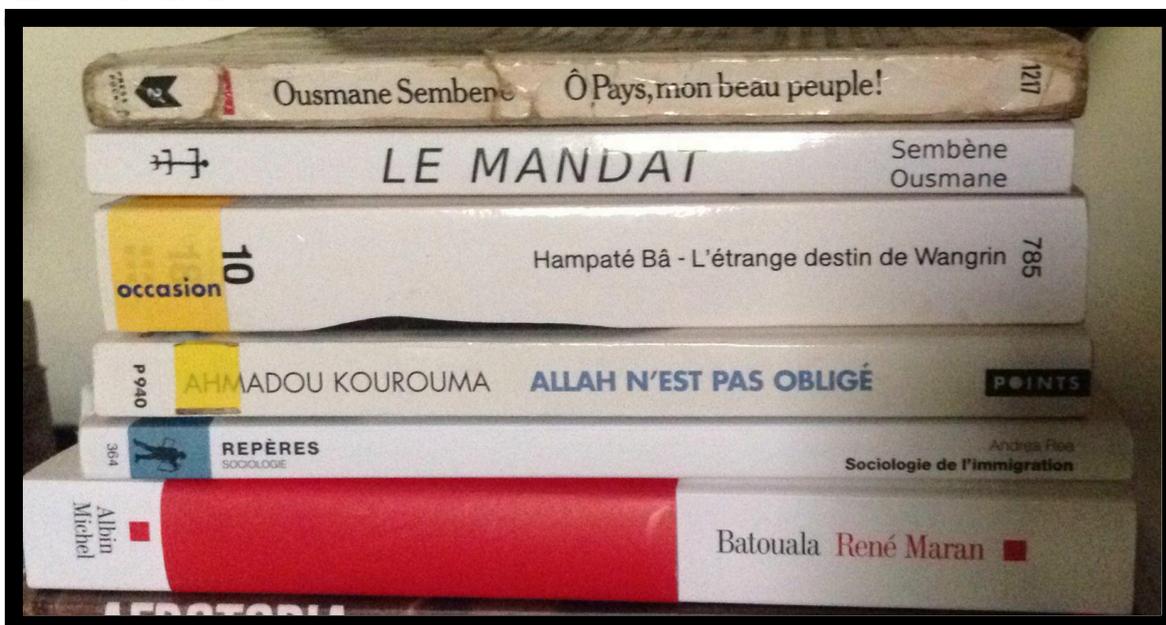
Fonte: Aatoria de Ousmane Sane .
Registrado em 01/07/2022. Grifo nosso
Local: Minas Gerais - Brasil
* Normalmente se usa folhas de mandioca para fazer este prato.

8.C – *Kubak, miitam* (azeite de dendê) e *kujessak kayamak* (hibisco vermelho) trazidos pelo autor da Casamansa e encaminhados de Brasília para Ousmane Sané Minas Gerais – Brasil



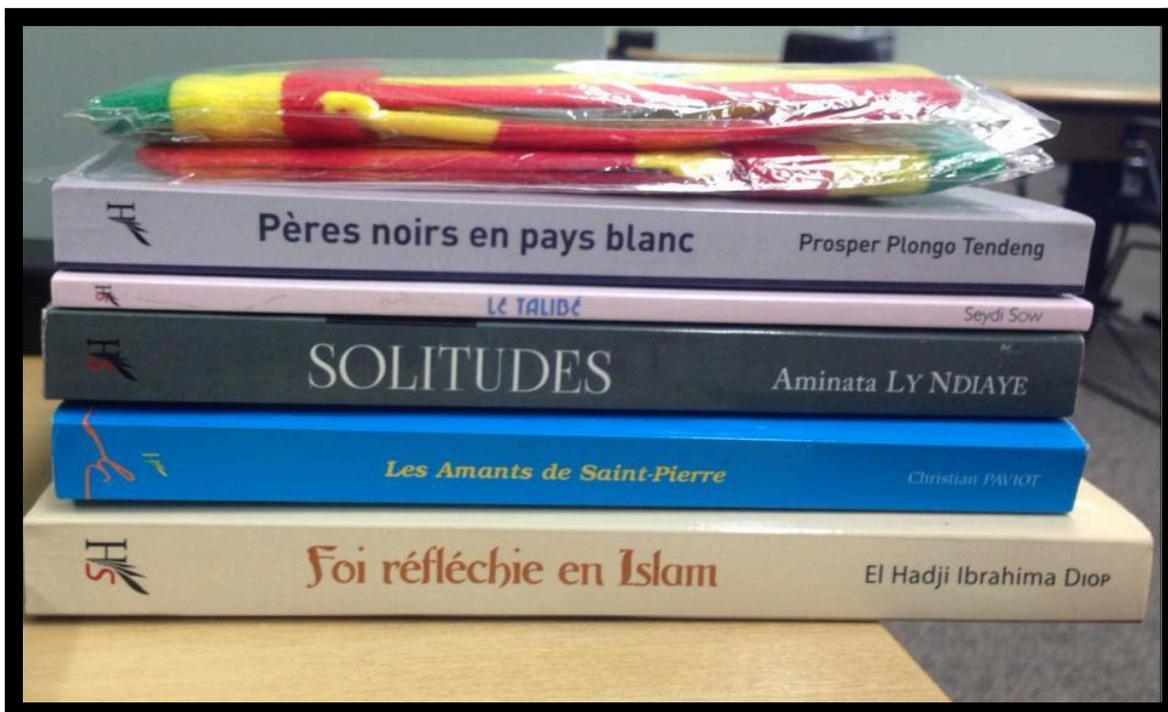
Fonte: Autoria nossa. Registrado em 05/05/2021.
Local: Brasília-DF .

8.D – Livros trazidos da França pelo professor Ousmane Sane, oriundo da região de Ziguinchor, residente em Minas Gerais – Brasil



Fonte: Autoria nossa. Registrado em 09/02/2022
Local: Brasília-DF.

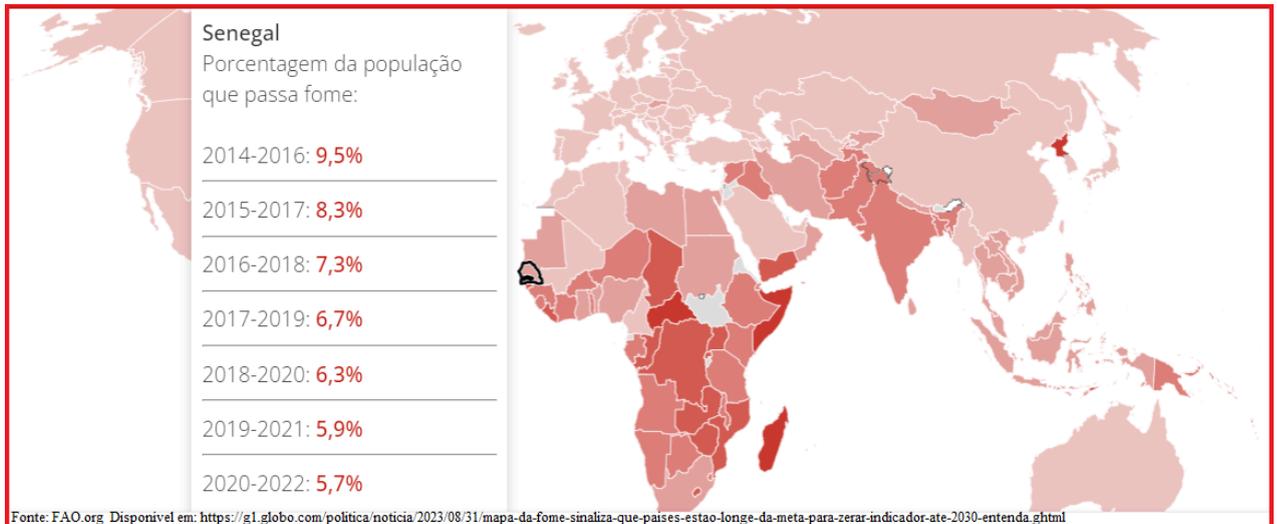
8.E – Livros e acessórios com cores simbolizando o Senegal, trazidos deste por um funcionário da embaixada brasileira em Dacar, recebidos e encaminhados por mim, de Brasília, ao professor Alain Pascal Kaly, oriundo da região de Ziguinchor, residente no Rio de Janeiro.



Fonte: Autoria nossa. Registrado em 04/05/2022
Local: Brasília-DF.

ANEXO 9: O SENEGAL HOJE

9.A - Senegal no mapa da fome no mundo.



9.B - Países pobres muito endividados - PPME



GRUPO BANCO MUNDIAL

BIRF AIF IFC MIGA CIADI

Aspectos legales | Acceso a la Información | Empleos | Contacto

© 2023 Grupo Banco Mundial. Reservados todos los derechos.

datos.bancomundial.org/region/paises-pobres-muy-endeudados-ppme

REPORTE FRAUDE O CORRUPCIÓN

Ayuda/C

9.C - Países de renda média baixa

Países de ingreso mediano bajo

ANGOLA	ARGELIA	BANGLADESH	BENIN	BHUTAN	BOLIVIA	CABO VERDE	CAMBOYA	CAMERUN	COMORAS	CONGO, REPÚBLICA DEL	COTE D'IVOIRE
DJIBOUTI	EGIPTO, REPÚBLICA ÁRABE DE	ESWATINI	FILIPINAS	GHANA	GUINEA	HAITI	HONDURAS	INDIA	IRÁN, REPÚBLICA ISLAMICA DEL	ISLAS SALOMÓN	
JORDANIA	KENYA	KIRGUISTAN	KIRIBATI	LESOTHO	LIBANO	MARRUECOS	MAURITANIA	MICRONESIA (ESTADOS FEDERADOS DE)	MONGOLIA	MYANMAR	
NEPAL	NICARAGUA	NIGERIA	PAKISTAN	PAPUA NUEVA GUINEA	REPÚBLICA DEMOCRÁTICA POPULAR LAO	SAMOA	SANTO TOME Y PRINCIPE	SENEGAL			
SRI LANKA	TANZANIA	TAYIKISTAN	TIMOR-LESTE	TUNEZ	UCRANIA	UZBEKISTAN	VANUATU	VIET NAM	ZAMBIA	ZIMBABWE	



GRUPO BANCO MUNDIAL

BIRF AIF IFC MIGA CIADI

Aspectos legales | Acceso a la Información | Empleos | Contacto
 © 2023 Grupo Banco Mundial. Reservados todos los derechos.

datos.bancomundial.org/nivel-de-ingresos/paises-de-ingreso-mediano-bajo

REPORTE FRAUDE O CORRUPCIÓN

Ayuda/Con

9.D - Países menos avançados: classificação da ONU

Pays les moins avancés: classement de l'ONU

AFGHANISTAN	ANGOLA	BANGLADESH	BHOUTAN	BURKINA FASO	BURUNDI	BÉNIN	CAMBODGE	COMORES			
CONGO, RÉPUBLIQUE DÉMOCRATIQUE DU	DJIBOUTI	GAMBIE	GUINÉE	GUINÉE-BISSAU	HAITI	KIRIBATI	LESOTHO	LIBÉRIA	MADAGASCAR		
MALAWI	MALI	MAURITANIE	MOZAMBIQUE	MYANMAR	NIGER	NÉPAL	OUGANDA	RWANDA	RÉPUBLIQUE CENTRAFRICAINE		
RÉPUBLIQUE DÉMOCRATIQUE POPULAIRE LAO	SAO TOMÉ-ET-PRINCIPE	SIERRA LEONE	SOMALIE	SOUDAN	SOUDAN DU SUD	SÉNÉGAL	TANZANIE				
TCHAD	TIMOR-LESTE	TOGO	TUVALU	YÉMEN, RÉP. DU	ZAMBIE	ÉRYTHÉE	ÉTHIOPIE	ÎLES SALOMON			



GROUPE DE LA BANQUE MONDIALE

BIRD IDA IFC MIGA CIRDI

Droits | Accès à l'information | Emplois | Contacts
 © 2023 Groupe Banque mondiale. Tous droits réservés.

SIGNALER UN CAS DE FRAUDE OU DE CORRUPTION

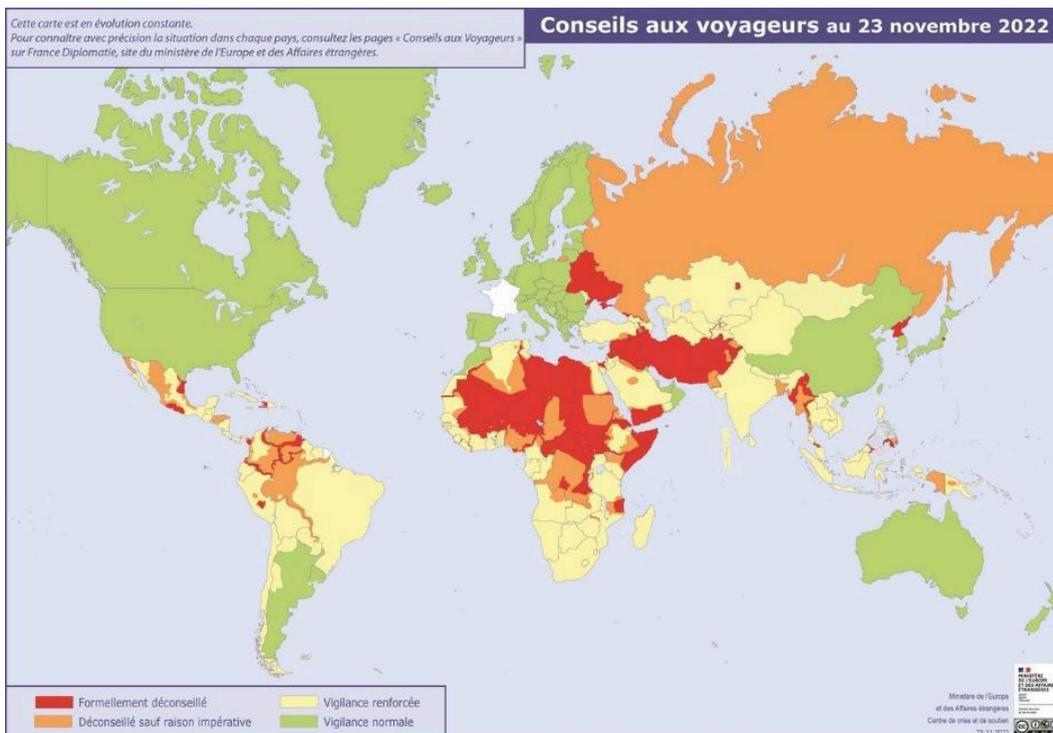
Aide/Feedback

9.E - Zone de vigilance renforcée (en jaune) - 2019 / Área de vigilância reforçada (em amarelo) - 2019



Source : Source : *Ministère de l'Europe et des Affaires Étrangères / France Diplomatie* Disponible sur : <https://www.diplomatie.gouv.fr/fr/conseils-aux-voyageurs/conseils-par-pays-destination/senegal/#securite>

9.F - *Conseils aux Voyageurs/Conselhos aos Viajantes da França - 2022*



Source : *Ministère de l'Europe et des Affaires Étrangères: Conseils aux Voyageurs.* Disponible sur : <https://www.diplomatie.gouv.fr/fr/conseils-aux-voyageurs/> Acesso 27/11/2022.

9.G - Grande marcha pacífica de protesto contra exações de banda armadas na Casamansa: Oussouye - 07/07/2023



9.H : Casalé: uma música de Touré Kunda



TOURÉ KUNDA: *Casalé*. <https://www.youtube.com/watch?v=3FYJ74rHrV8>